TUCÍDIDES

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO

COLEÇÃO

CLÁSSICOS IPRI

Comitê Editorial:
Celso Lafer
Marcelo de Paiva Abreu
Gelson Fonseca Júnior
Carlos Henrique Cardim

A reflexão sobre a temática das relações internacionais está presente desde os pensadores da antigüidade grega, como é o caso de Tucídides. Igualmente, obras como a *Utopia*, de Thomas More, e os escritos de Maquiavel, Hobbes e Montesquieu requerem, para sua melhor compreensão, uma leitura sob a ótica mais ampla das relações entre estados e povos. No mundo moderno, como é sabido, a disciplina Relações Internacionais surgiu após a Primeira Guerra Mundial e, desde então, experimentou notável desenvolvimento, transformando-se em matéria indispensável para o entendimento do cenário atual. Assim sendo, as relações internacionais constituem área essencial do conhecimento que é, ao mesmo tempo, antiga, moderna e contemporânea.

No Brasil, apesar do crescente interesse nos meios acadêmico, político, empresarial, sindical e jornalístico pelos assuntos de relações exteriores e política internacional, constata-se enorme carência bibliográfica nessa matéria. Nesse sentido, o IPRI, a Editora Universidade de Brasília e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo estabeleceram parceria para viabilizar a edição sistemática, sob a forma de coleção, de obras básicas para o estudo das relações internacionais. Algumas das obras incluídas na coleção nunca foram traduzidas para o português, como *O Direito da Paz e da Guerra* de Hugo Grotius, enquanto outros títulos, apesar de não serem inéditos em língua portuguesa, encontram-se esgotados, sendo de difícil acesso. Desse modo, a coleção *Clássicos IPRI* tem por objetivo facilitar ao público interessado o acesso a obras consideradas fundamentais para o estudo das relações internacionais em seus aspectos histórico, conceitual e teórico.

Cada um dos livros da coleção contará com apresentação feita por um especialista que situará a obra em seu tempo, discutindo também sua importância dentro do panorama geral da reflexão sobre as relações entre povos e nações. Os *Clássicos IPRI* destinam-se especialmente ao meio universitário brasileiro que tem registrado, nos últimos anos, um expressivo aumento no número de cursos de graduação e pós-graduação na área de relações internacionais.

Coleção *Clássicos IPRI*

Tucídides
"História da Guerra do Peloponeso"
Prefácio: Hélio Jaguaribe

E. H. Carr
"Vinte Anos de Crise 1919-1939. Uma Introdução ao Estudo das Relações Internacionais"
Prefácio: Eiiti Sato

J. M. Keynes
"As Consequências Econômicas da Paz"
Prefácio: Marcelo de Paiva Abreu

Raymond Aron
"Paz e Guerra entre as Nações"
Prefácio: Antonio Paim

Maquiavel
"Escritos Selecionados"
Prefácio e organização: José Augusto Guilhon Albuquerque

Hugo Grotius
"O Direito da Guerra e da Paz"
Prefácio: Celso Lafer

Alexis de Tocqueville
"Escritos Selecionados"
Organização e prefácio: Ricardo Velez Rodrigues

Hans Morgenthau
"A Política entre as Nações"
Prefácio: Ronaldo M. Sardenberg

Immanuel Kant
"Escrtos Políticos"
Prefácio: Carlos Henrique Cardim

Samuel Pufendorf
"Do Direito Natural e das Gentes"
Prefácio: Tércio Sampaio Ferraz Júnior

Carl von Clausewitz
"Da Guerra"
Prefácio: Domício Proença

G. W. F. Hegel
"Textos Selecionados"
Organização e prefácio: Franklin Trein

Jean-Jacques Rousseau
"Textos Selecionados"
Organização e prefácio: Gelson Fonseca Jr.

Norman Angell
"A Grande Ilusão"
Prefácio: José Paradiso

Thomas More
"Utopia"
Prefácio: João Almino

"Conselhos Diplomáticos"
Vários autores
Organização e prefácio: Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Emerich de Vattel
"O Direito das Gentes"
Tradução e prefácio: Vicente Marotta Rangel

Thomas Hobbes
"Textos Selecionados"
Organização e prefácio: Renato Janine Ribeiro

Abbé de Saint Pierre
"Projeto para uma Paz Perpétua para a Europa"
Saint Simon
"Reorganização da Sociedade Européia"
Organização e prefácio: Ricardo Seitenfuss

Hedley Bull
"A Sociedade Anárquica"
Prefácio: Williams Gonçalves

Francisco de Vitoria
" De Indis et De Jure Belli"
Prefácio: Fernando Augusto Albuquerque Mourão

Ministério das Relações Exteriores
Ministro de Estado: Professor Celso Lafer
Secretário Geral: Embaixador Osmar Chohfi

Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG
Presidente: Embaixadora Thereza Maria Machado Quintella

Centro de História e Documentação Diplomática - CHDD
Diretor: Embaixador Álvaro da Costa Franco

Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais IPRI
Diretor: Conselheiro Carlos Henrique Cardim

Universidade de Brasília
Reitor: Professor Lauro Morhy
Diretor da Editora Universidade de Brasília: Alexandre Lima

Conselho Editorial

Elisabeth Cancelli (*Presidente*), Alexandre Lima, Estevão Chaves de Rezende Martins, Henryk Siewierski, José Maria G. de Almeida Júnior, Moema Malheiros Pontes, Reinhardt Adolfo Fuck, Sérgio Paulo Rouanet e Sylvia Ficher.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor Presidente: Sérgio Kobayashi
Diretor Vice-Presidente: Luiz Carlos Frigério
Diretor Industrial: Carlos Nicolaewsky
Diretor Financeiro e Administrativo: Richard Vainberg
Coordenador Editorial: Carlos Taufik Haddad



TUCÍDIDES

HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO

Tradução do Grego:
Mário da Gama Kury

Prefácio:
Helio Jaguaribe

Editora Universidade de Brasília
Edições Imprensa Oficial de São Paulo
Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

Copyright © 1987 Universidade de Brasília

Copyright © 1982 Introdução e notas de Mário da Gama Kury

Direitos © desta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS Q. 02 bloco C nº. 78, 2º. andar
70300-500 Brasília, DF

A presente edição foi feita em forma cooperativa pela Editora Universidade de Brasília com o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI/FUNAG) e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Todos os direitos reservados conforme a lei. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização por escrito da Editora Universidade de Brasília.

Equipe técnica:
Eiiti Sato (Planejamento editorial)
Eugênia Dé Carli de Almeida (Edição gráfica)
Isabela Medeiros Soares (Mapas e revisões)
Rainaldo Amancio e Silva (Programação visual)

Tucídides (c. 460 – c. 400 a.C.)
T532h História da Guerra do Peloponeso/Tucídides; Prefácio de Helio Jaguaribe; Trad. do grego de Mário da Gama Kury. - 4ª. edição - Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001
xlvii, 584 p., 23 cm – (Clássicos IPRI, 2)

ISBN: 85-230-0204-9

1 – Grécia; 2 – História Antiga; 3 – Guerra do Peloponeso; 4 – Pensamento Político Clássico; 5 – Relações Internacionais - História; I. Título. II. Série.

CDU – 94(38)

SUMÁRIO

LISTA DOS MAPAS XXI

PREFÁCIO XXIII

APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR XLI

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULOS 1 a 19: O autor passa em revista os tempos primitivos da Hélade, para provar que a guerra do Peloponeso ultrapassou todas as outras em importância 1

CAPÍTULOS 20 a 23: Objetivo do autor na redação de sua obra; métodos e meios adotados por ele para atingir o objetivo 13

CAPÍTULOS 24 a 31: Acontecimentos causadores da guerra do Peloponeso; incidente de Epídamnos; guerra entre Córcira e Corinto; primeiro combate naval 16

CAPÍTULOS 32 a 43: Os corcireus conseguem a aliança com Atenas; discursos dos corcireus e dos coríntios 21

CAPÍTULOS 44 a 55: Segundo combate naval entre os corcireus e os coríntios; fim da guerra de Córcira 28

CAPÍTULOS 56 a 66: Defecção de Potidéia; combate travado junto às muralhas da cidade e cerco iniciado pelos atenienses 33

CAPÍTULOS 67 a 87: Os lacedemônios declaram rompido o tratado existente com Atenas; discursos dos coríntios, dos atenienses, de Arquídamos e de Stenelaídas 37

CAPÍTULOS 88 a 98: Digressão sobre o período decorrido entre as guerras com os persas e a do Peloponeso; crescimento do poderio ateniense; origem e condições de seu império 50

CAPÍTULOS 99 a 125: Os lacedemônios convocam uma assembléia geral de seus aliados e acertam com eles a declaração de guerra aos atenienses; discurso dos coríntios 58

CAPÍTULOS 126 e 127: Queixas e recriminações recíprocas dos lacedemônios e dos atenienses; conjuração de Cílon; sacrilégio a expiar 73

CAPÍTULOS 128 a 134: Traição e morte de Pausânias 75

CAPÍTULOS 135 a 138: Exílio e fim de Temístocles 80
CAPÍTULO 139: Ultimatum dos lacedemônios 83
CAPÍTULOS 140 a 146: Os atenienses decidem ir à guerra; primeiro discurso de Péricles 83

LIVRO SEGUNDO

CAPÍTULOS 1 a 6: Início da guerra; trama dos tebanos contra Platéia .. 89
CAPÍTULOS 7 a 9: Preparativos e aliados dos dois lados 92
CAPÍTULO 10: Os peloponésios se reúnem no istmo 94
CAPÍTULO 11: Alocução de Arquídamos 94
CAPÍTULO 12: Envio inútil de um emissário espartano a Atenas 95
CAPÍTULO 13: Péricles expõe aos atenienses seus planos de guerra 95
CAPÍTULOS 14 a17: Retirada dos camponeses da Ática para a cidade; digressão sobre as antigas condições da Ática 97
CAPÍTULOS 18 a 25: Primeira invasão da Ática pelos peloponésios; envio de uma frota ateniense para rondar o Peloponeso 100
CAPÍTULO 26: Expedição naval dos atenienses contra a Lócrida 104
CAPÍTULO 27: Expulsão dos eginetas 104
CAPÍTULO 28: Eclipse do sol 105
CAPÍTULO 29: Aliança dos atenienses com Sitalces, rei dos odrísios 105
CAPÍTULOS 30 a 32: Os atenienses tomam Sólion, Ástacos e Cefalênia, invadem a Megárida e fortificam a ilha de Atalante 106
CAPÍTULO 33: Expedição dos coríntios contra Ástacos 107
CAPÍTULO 34: Funerais dos atenienses mortos em combate no primeiro ano de guerra 107
CAPÍTULOS 35 a 46: Oração fúnebre pronunciada por Péricles 108
CAPÍTULOS 47 a 57: Segundo ano da guerra; segunda invasão da Ática pelos peloponésios; peste em Atenas 114
CAPÍTULO 58: Envio de reforços ao exército ateniense que sitiava Potidéia 120
CAPÍTULO 59: Irritação dos atenienses contra Péricles 121
CAPÍTULOS 60 a 64: Discurso de Péricles 121
CAPÍTULO 65: Morte de Péricles e apreciação de sua administração ... 125
CAPÍTULO 66: Expedição naval dos peloponésios contra Zácintos 125
CAPÍTULO 67: Detenção dos representantes dos lacedemônios enviados ao rei da Pérsia 127
CAPÍTULO 68: Expedição dos ambraciotas contra Argos Anfiloquiana... 128

Capítulo 69: Operações marítimas dos atenienses contra o Peloponeso, a Cária e a Lícia 128
Capítulo 70: Tomada de Potidéia 129
Capítulos 71 a 78: Terceiro ano da guerra; cerco de Platéia pelos peloponésios 129
Capítulo 79: Derrota dos atenienses em Spártolos 134
Capítulos 80 a 82: Derrota dos peloponésios em Stratos 135
Capítulos 83 a 92: Batalhas navais no golfo de Corinto; exortações de Brasidas e Fórmion 137
Capítulos 93 e 94: Tentativa dos peloponésios contra o Pireu 146
Capítulos 95 a 101: Expedição de Sitalces à Macedônia; digressão sobre o reino dos odrísios 147
Capítulos 102 e 103: Expedição de Fórmion à Acarnânia 152

LIVRO TERCEIRO

Capítulo 1: Quarto ano da guerra; terceira invasão da Ática pelos peloponésios 155
Capítulos 2 a 6: Lesbos, à exceção de Métimna, revolta-se contra Atenas 155
Capítulo 7: Expedição marítima dos atenienses contra o Peloponeso, Eníadas e Lêucade 157
Capítulos 8 a 15: Os peloponésios recebem os lésbios em sua aliança; discurso dos representantes de Lesbos 158
Capítulo 16: Envio de uma frota ateniense contra o Peloponeso 162
Capítulo 17: Forças marítimas reunidas pelos atenienses 162
Capítulo 18: Os atenienses começam o cerco de Mitilene 163
Capítulo 19: Os atenienses impõem a primeira contribuição de guerra e enviam Lísicles para recolher o tributo entre os aliados.. 163
Capítulos 20 a 24: Fuga de parte dos plateus cercados 164
Capítulo 25: Envio do lacedemônio Sáletos a Mitilene 167
Capítulo 26: Quinto ano da guerra; quarta invasão da Ática pelos peloponésios 167
Capítulos 27 e 28: Rendição de Mitilene 168
Capítulos 29 a 32: Uma frota peloponésia aparece na Iônia 168
Capítulos 33 e 34: O ateniense Paques a persegue 170
Capítulo 35: Paques envia para Atenas mil metímnos aprisionados 171
Capítulo 36: Os atenienses condenam à morte todos os mitilênios;

nova assembléia a propósito da decisão 171
CAPÍTULOS 37 a 40: Discurso de Clêon 172
CAPÍTULOS 41 a 48: Discurso de Diôdotos 176
CAPÍTULOS 49 e 50: Os atenienses se limitam a punir os culpados e confiscar as terras de Lesbos 180
CAPÍTULO 51: Nícias se apodera de Minoa 181
CAPÍTULO 52: Rendição de Platéia 181
CAPÍTULOS 53 a 59: Discurso dos plateus 182
CAPÍTULOS 60 a 67: Réplica dos tebanos 186
CAPÍTULO 68: Os plateus são executados e sua cidade é arrasada 191
CAPÍTULOS 69 a 81: Rebelião em Córcira 192
CAPÍTULOS 82 a 85: Digressão sobre as perturbações políticas na Hélade.. 197
CAPÍTULO 86: Envio de uma frota ateniense à Sicília 201
CAPÍTULO 87: Recrudesce a peste em Atenas no inverno 201
CAPÍTULO 88: Expedição dos atenienses à Sicília e dos régios contra as ilhas de Éolos 202
CAPÍTULO 89: Sexto ano da guerra; terremotos e inundações em várias partes da Hélade 202
CAPÍTULO 90: Os atenienses se apoderam de Messene 204
CAPÍTULO 91: Expedição marítima contra Melos 204
CAPÍTULOS 92 e 93: Fundação de Heracléia Traquínia 205
CAPÍTULOS 94 a 98: Expedição mal sucedida de Demóstenes à Etólia.. 206
CAPÍTULO 99: Expedição dos atenienses contra a Lócrida 208
CAPÍTULOS 100 a 102: Tentativa fracassada dos lacedemônios e dos etólios contra Náupactos 208
CAPÍTULO 103: Combates na Sicília 210
CAPÍTULO 104: Purificação de Delos 210
CAPÍTULOS 105 a 114: Guerra dos acarnânios e dos ambraciotas 211
CAPÍTULO 115: A situação na Sicília 217
CAPÍTULO 116: Erupção do Etna 217

LIVRO QUARTO

CAPÍTULO 1: Sétimo ano da guerra; captura de Messene pelos siracusanos.. 219
CAPÍTULOS 2 a 6: Quinta invasão da Ática pelos peloponésios; Demóstenes fortifica Pilos 219
CAPÍTULO 7: Êion, na Calcídice, é capturada e perdida pelos atenienses.. 222
CAPÍTULOS 8 e 9: Ataque dos lacedemônios a Pilos 222

Capítulo 10: Exortação de Demóstenes a seus soldados 224
Capítulos 11 a 14: Combate junto às muralhas de Pilos; bloqueio de tropas lacedemônias na ilha de Sfactéria 225
Capítulos 15 e 16: Armistício 227
Capítulos 17 a 20: Discurso dos lacedemônios em Atenas 228
Capítulos 21 a 23: Reinício das hostilidades 230
Capítulos 24 e 25: Eventos militares na Sicília 231
Capítulos 26 a 41: Clêon assume o comando dos atenienses em Pilos e aprisiona os lacedemônios de Sfactéria 233
Capítulos 42 a 45: Expedição naval dos atenienses a Corinto 243
Capítulos 46 a 48: Novas desordens em Córcira; massacre do partido aristocrático 245
Capítulo 49: Captura de Anactórion pelos atenienses e acarnânios .. 247
Capítulo 50: Detenção de um embaixador do rei da Pérsia pelos atenienses 247
Capítulo 51: Demolição das muralhas de Quios 247
Capítulo 52: Oitavo ano da guerra; os banidos de Mitilene capturam Ântandros 247
Capítulos 53 a 55: Os atenienses conquistam Citera 248
Capítulo 56: Captura de Tiréia pelos atenienses 249
Capítulos 57 a 65: Os helenos da Sicília fazem a paz entre si; discurso de Hermócrates 250
Capítulos 66 a 74: Os atenienses capturam Niséia e as longas muralhas de Mégara 255
Capítulo 75: Os atenienses retomam Ântandros; revés de Lâmacos no Pontos..... 261
Capítulo 76: Trama dos atenienses contra a Beócia 261
Capítulos 77 a 82: Brasidas conduz um exército peloponésio até a Trácia por terra 262
Capítulo 83: Expedição de Brasidas contra Arrábeos, rei dos lincéstios.. 265
Capítulos 84 a 88: Brasidas captura Ácantos; seu discurso aos acântios.. 266
Capítulos 89 a 91: Os atenienses fortificam Délion 269
Capítulo 92: Exortação de Pagondas aos beócios 270
Capítulos 93 e 94: Preparativos para o ataque 271
Capítulo 95: Exortação de Hipócrates aos atenienses 272
Capítulos 96 a 101: Batalha de Délion; derrota dos atenienses; captura de Délion pelos beócios 272
Capítulos 102 a 108: Brasidas captura Anfípolis 276

CAPÍTULO 109: Avanço de Brasidas pela costa da Trácia 281
CAPÍTULOS 110 a 116: Brasidas captura Torone e Lécitos 282
CAPÍTULOS 117 a 119: Nono ano da guerra; trégua entre Atenas e a Lacedemônia 284
CAPÍTULOS 120 a 123: Defecção de Cione e Mende, apoiada por Brasidas apesar da trégua 287
CAPÍTULOS 124 a 128: Segunda expedição de Brasidas e Perdicas contra Arrábeos 289
CAPÍTULOS 129 a 131: Os atenienses retomam Mende e sitiam Cione .. 293
CAPÍTULO 132: Perdicas se reconcilia com os atenienses 295
CAPÍTULO 133: Os tebanos destroem as muralhas de Téspis; incêndio no templo de Hera em Argos 295
CAPÍTULO 134: Combates entre os mantineus e os tegeus 296
CAPÍTULO 135: Tentativa de Brasidas contra Potidéia 296

LIVRO QUINTO

CAPÍTULO 1: Décimo ano da guerra; os atenienses expulsam os délios da ilha de Delos 297
CAPÍTULOS 2 e 3: Clêon retoma Torone 297
CAPÍTULOS 4 e 5: Embaixada dos atenienses à Sicília 299
CAPÍTULOS 6 a 8: Clêon marcha contra Anfípolis 300
CAPÍTULO 9: Exortação de Brasidas às suas tropas 302
CAPÍTULOS 10 e 11: Batalha de Anfípolis; morte de Clêon e Brasidas .. 303
CAPÍTULOS 12 e 13: Ranfias parte da Lacedemônia com reforços destinados ao exército na Trácia; notícias tranqüilizadoras o levam a regressar 305
CAPÍTULOS 14 a 17: Gestões preliminares para a paz 305
CAPÍTULOS 18 a 20: Tratado de paz entre os atenienses e lacedemônios 308
CAPÍTULO 21: Clearidas se recusa a entregar Anfípolis 310
CAPÍTULOS 22 a 24: Aliança entre Atenas e a Lacedemônia 311
CAPÍTULOS 25 e 26: Décimo primeiro ano da guerra; observações cronológicas sobre a duração da guerra do Peloponeso 312
CAPÍTULOS 27 e 28: Os argivos chefiam uma aliança oposta aos lacedemônios 314
CAPÍTULO 29: Mantinéia adere à aliança de Argos 314
CAPÍTULO 30: Os lacedemônios tentam inutilmente engajar Corinto e a Beócia no tratado de paz concluído por eles com Atenas .. 315

Capítulo 31: Os eleus e os coríntios aderem à liga de Argos 316
Capítulo 32: Os atenienses retomam Cione; os tegeatas e os beócios se recusam a aderir à aliança de Argos 316
Capítulo 33: Expedição da Lacedemônia contra os parrásios 317
Capítulo 34: Recompensas conferidas aos soldados de Brasidas; degradação dos prisioneiros de Sfactéria 318
Capítulo 35: Captura de Tissos pelos dios 318
Capítulos 36 a 38: Intrigas dos éforos para romper a paz 319
Capítulo 39: Os lacedemônios concluem uma aliança em separado com os beócios 321
Capítulos 40 e 41: Décimo segundo ano da guerra; entendimentos entre Argos e a Lacedemônia 321
Capítulos 42 a 47: Os beócios arrasam Pânacton antes de entregá-la aos atenienses; estes, irritados com os lacedemônios por isto, concluem uma aliança com Argos, Mantinéia e Élis 322
Capítulo 48: Corinto se reconcilia com os lacedemônios 327
Capítulos 49 e 50: Desentendimento entre os eleus e os lacedemônios a propósito de Leprêon 328
Capítulo 51: Derrota dos heracleotas 329
Capítulo 52: Décimo terceiro ano da guerra; expedição de Alcibíades contra o Peloponeso 330
Capítulos 53 a 55: Guerra entre Argos e Epídauros 330
Capítulo 56: Os lacedemônios socorrem os epidáurios; por este motivo os atenienses declaram o tratado rompido 331
Capítulos 57 a 60: Décimo quarto ano da guerra; expedição dos lacedemônios contra Argos; trégua de quatro meses 332
Capítulos 61 e 62: Reinício das hostilidades; os argivos capturam Orcômenos e ameaçam Tegéia 334
Capítulos 63 e 64: Os lacedemônios socorrem os tegeatas 335
Capítulos 65 a 74: Batalha de Mantinéia; vitória dos lacedemônios ... 336
Capítulo 75: Hostilidades entre Argos e Epídauros 341
Capítulos 76 a 79: Paz e aliança entre os lacedemônios e os argivos ... 342
Capítulos 80 e 81: Dissolução da aliança de Argos 344
Capítulo 82: Décimo quinto ano da guerra; revolução democrática em Argos; aliança entre Argos e Atenas 345
Capítulo 83: Expedição dos lacedemônios contra Argos e dos argivos contra a Fliásia 346
Capítulo 84: Décimo sexto ano da guerra; expedição dos atenienses

contra a ilha de Melos 346
CAPÍTULOS 85 a113: Diálogo entre os atenienses e os mélios 347
CAPÍTULO 114: Cerco de Melos 353
CAPÍTULO 115: Diversas atividades dos argivos, dos atenienses, dos lacedemônios e dos coríntios 354
CAPÍTULO 116: Captura de Melos pelos atenienses; tratamento cruel infligido a Melos 354

LIVRO SEXTO

CAPÍTULOS 1 a 6: Os atenienses planejam a conquista da Sicília; extensão, população e colonização da ilha 355
CAPÍTULO 7: Expedições dos lacedemônios à Argólida e dos atenienses à Macedônia 359
CAPÍTULO 8: Décimo sétimo ano da guerra; os atenienses propõem o envio de uma frota à Sicília para socorrer os egesteus e restituir aos leontinos a sua cidade 359
CAPÍTULOS 9 a 14: Nícias se opõe à expedição 360
CAPÍTULOS 15 a 18: Alcibíades, ao contrário, a recomenda 363
CAPÍTULO 19: Os atenienses votam favoravelmente à expedição à Sicília.. 367
CAPÍTULOS 20 a 23: Nícias tenta dissuadi-los alegando o vulto dos prepativos 367
CAPÍTULOS 24 e 25: Seu discurso produz o efeito contrário 369
CAPÍTULO 26: Começam os preparativos 370
CAPÍTULOS 27 a 29: Mutilação das Hermas 370
CAPÍTULOS 30 a 32: Partida da frota ateniense 372
CAPÍTULOS 33 e 34: Em Siracusa Hermôcrates anuncia a aproximação dos atenienses e propõe medidas de defesa 374
CAPÍTULOS 35 a 40: Atenágoras tenta refutá-lo, exprimindo os sentimentos da facção popular 377
CAPÍTULO 41: Um dos comandantes põe termo ao debate 379
CAPÍTULOS 42 a 44: A viagem da frota ateniense 380
CAPÍTULO 45: Preparativos dos siracusanos 381
CAPÍTULOS 46 a 49: Os comandantes atenienses se reúnem em conselho de guerra 381
CAPÍTULOS 50 a 52: Naxos e Catana se declaram a favor dos atenienses.. 384
CAPÍTULO 53: Alcibíades é chamado de volta a Atenas 386
CAPÍTULOS 54 a 59: Digressão sobre os pisistrátidas e Harmódios e

Aristógiton 386
Capítulos 60 e 61: Alcibíades foge e é condenado à revelia 390
Capítulo 62: Captura de Hícara 392
Capítulos 63 a 71: Os atenienses desembarcam perto de Siracusa, derrotam os siracusanos e regressam a Catana 392
Capítulos 72 e 73: Os siracusanos pedem ajuda a Corinto e à Lacedemônia 397
Capítulo 74: Os atenienses passam o inverno em Naxos 398
Capítulo 75: Os siracusanos se fortificam 399
Capítulos 76 a 87: Embaixadas dos dois lados em Camarina; discursos de Hermôcrates e Êufemos 399
Capítulo 88: Corinto e a Lacedemônia decidem apoiar Siracusa 406
Capítulos 89 a 92: Discurso de Alcibíades 408
Capítulo 93: Gílipos é indicado pelos lacedemônios para ir comandar os siracusanos 411
Capítulos 94 e 95: Atividades parciais dos atenienses e dos lacedemônios. 411
Capítulos 96 e 97: Os atenienses se instalam em Epípolas e começam a sitiar Siracusa 412
Capítulos 98 a 103: Os atenienses iniciam o amuralhamento de Siracusa; os siracusanos tentam sem sucesso opor-se a tal iniciativa ... 413
Capítulo 104: Gílipos chega à Itália com reforços 417
Capítulo 105: Os lacedemônios invadem a Argólida; os atenienses devastam a costa da Lacônia; rompimento ostensivo da paz... 418

LIVRO SÉTIMO

Capítulos 1 a 3: Gílipos chega a Siracusa, passando por Himera 419
Capítulo 4: Os siracusanos constroem uma muralha cruzando Epípolas; os atenienses fortificam Plemírion 421
Capítulos 5 e 6: Dois combates terrestres; no primeiro os siracusanos são vencidos, no segundo são vencedores 421
Capítulo 7: Chegada da frota coríntia a Siracusa 423
Capítulo 8: Nícias pede reforços a Atenas em carta 423
Capítulo 9: Expedição dos atenienses contra Anfípolis 423
Capítulos 10 a 15: Chega a Atenas a carta de Nícias; seu conteúdo... 424
Capítulos 16 a 18: Eurímedon e Demóstenes são enviados à Sicília com reforços 426
Capítulo 19: Décimo nono ano da guerra; os lacedemônios invadem

a Ática e forticam Decêleia 428
CAPÍTULO 20: Envio de uma frota ateniense ao litoral do Peloponeso.. 429
CAPÍTULO 21: Gílipos convence os siracusanos a tentarem uma batalha naval 429
CAPÍTULOS 22 a 24: Ataque a Plemírion por terra e por mar; Gílipos captura os fortes; a frota siracusana é repelida 430
CAPÍTULO 25: Os siracusanos enviam doze naus à Itália 432
CAPÍTULO 26: Os atenienses fortificam um promontório na Lacônia em frente a Citera 433
CAPÍTULOS 27 a 30: Mercenários trácios saqueiam Micálessos 433
CAPÍTULO 31: Demóstenes recebe mais tropas em Córcira 436
CAPÍTULO 32: Os sícelos interceptam reforços destinados aos siracusanos. 437
CAPÍTULO 33: Toda a Sicília, exceto Acragás e os aliados de Atenas, formam uma coalizão com Siracusa 437
CAPÍTULO 34: Combate naval no golfo de Corinto 438
CAPÍTULO 35: Demóstenes e Eurímedon na Itália 439
CAPÍTULOS 36 a 41: Duas batalhas navais no grande porto de Siracusa; na segunda os atenienses levam a pior 440
CAPÍTULO 42: Demóstenes e Eurímedon chegam ao acampamento dos atenienses 443
CAPÍTULOS 43 a 45: Ataque noturno a Epípolas; derrota dos atenienses 444
CAPÍTULO 46: Os siracusanos pedem novos reforços ao resto da Sicília.. 447
CAPÍTULOS 47 a 49: Os comandantes atenienses se reúnem em conselho de guerra 447
CAPÍTULOS 50 e 51: Os atenienses, na iminência de retirar-se, adiam a partida por causa de um eclipse da Lua 449
CAPÍTULOS 52 a 54: Grande batalha em terra e no mar; derrotas dos atenienses 451
CAPÍTULOS 55 e 56: Seu desalento; esperanças do inimigo 452
CAPÍTULOS 57 e 58: Enumeração dos aliados dos dois lados 453
CAPÍTULO 59: Fechamento do porto de Siracusa 455
CAPÍTULO 60: Os atenienses abandonam suas posições em terra e se preparam para um combate naval 456
CAPÍTULOS 61 a 64: Exortação de Nícias aos atenienses 457
CAPÍTULO 65: Preparativos dos siracusanos 459
CAPÍTULOS 66 a 68: Exortação de Gílipos 459
CAPÍTULO 69: Nova exortação de Nícias 461
CAPÍTULOS 70 e 71: Último combate naval; derrota dos atenienses 461

Capítulos 72 a 74: Os atenienses decidem retirar-se por terra; ardil de Hermôcrates para retê-los 464
Capítulos 75 e 76: Evacuação do acampamento pelos atenienses 466
Capítulo 77: Exortação de Nícias 467
Capítulos 78 a 80: Retirada dos atenienses 468
Capítulos 81 e 82: Capitulação de Demóstenes 470
Capítulos 83 a 85: Massacre da divisão de Nícias na travessia do rio Assínaros; Nícias se entrega a Gílipos 472
Capítulos 85 a 87: Morte de Nícias e de Demóstenes; destino deplorável dos prisioneiros 473

LIVRO OITAVO

Capítulo 1: Consternação em Atenas com a notícia do desastre na Sicília 477
Capítulo 2: Excitação geral dos helenos para participarem mais ativamente da guerra 477
Capítulo 3: Expedição de Ágis contra os eteus 479
Capítulo 4: Preparativos dos atenienses para a sua defesa 479
Capítulo 5: A Eubéia, Lesbos, Quios e Eritras manifestam intenções de rebelar-se contra Atenas 480
Capítulo 6: Os lacedemônios decidem apoiar primeiro Quios 481
Capítulos 7 a 11: Vigésimo ano da guerra; os lacedemônios enviam uma frota a Quios; os atenienses bloqueiam essa frota no porto de Píreon, em Corinto 482
Capítulo 12: Alcibíades é mandado pelos lacedemônios à Iônia 484
Capítulo 13: Regresso da frota peloponésia da Sicília a Corinto 484
Capítulos 14 a 17: Defecção de Quios, de Eritras, de Clazomene e de Míletos 485
Capítulo 18: Primeiro tratado de aliança dos lacedemônios com o rei da Pérsia 487
Capítulos 19 e 20: Operações dos atenienses contra Quios 487
Capítulo 21: Insurreição democrática em Samos 488
Capítulos 22 e 23: Tentativa infrutífera dos peloponésios contra Lesbos; os atenienses dominam Clazomene 488
Capítulos 24 a 27: Guerra em torno de Míletos 490
Capítulo 28: Os peloponésios ajudam Tissafernes a tomar Íasos e a prender Amorges 492

CAPÍTULO 29: Tissafernes dirige-se a Míletos e entra em negociações a respeito dos subsídios a fornecer aos lacedemônios 493
CAPÍTULO 30: Parte da frota ateniense se desloca de Samos para Quios 494
CAPÍTULO 31: Os peloponésios atacam sem sucesso Ptelêon e Clazomene 494
CAPÍTULO 32: Lesbos negocia sua defecção 494
CAPÍTULOS 33 e 34: A frota ateniense que fora de Samos para atacar Quios é dispersada por uma tempestade 495
CAPÍTULO 35: Os peloponésios fracassam no ataque a Quios 496
CAPÍTULOS 36 e 37: Segundo tratado de aliança entre os lacedemônios e o rei da Pérsia 496
CAPÍTULO 38: Os atenienses chegam a Quios 497
CAPÍTULO 39: Os peloponésios enviam uma frota a Farnábazos 498
CAPÍTULOS 40 a 42: Astíocos desbarata uma flotilha ateniense perto de Cnidos 498
CAPÍTULO 43: Os conselheiros lacedemônios desaprovam o tratado concluído com Tissafernes 500
CAPÍTULO 44: Defecção de Rodes 501
CAPÍTULOS 45 e 46: Alcibíades, suspeito aos peloponésios, passa a apoiar Tissafernes e o persuade a ficar eqüidistante entre os dois lados 501
CAPÍTULO 47: Primeiras gestões de Alcibíades para conseguir retornar a Atenas 503
CAPÍTULOS 48 a 54: Conjuração em Samos a favor do retorno de Alcibíades e da abolição da democracia em Atenas 503
CAPÍTULO 55: Os atenienses atacam Rodes e bloqueiam Quios 508
CAPÍTULO 56: Gestão infrutífera de Písandros junto a Tissafernes e Alcibíades 508
CAPÍTULOS 57 a 59: Tissafernes conclui o terceiro tratado com os peloponésios 509
CAPÍTULO 60: Os beócios capturam Ôropos 510
CAPÍTULO 61: Vigésimo primeiro ano da guerra; os quianos travam uma batalha naval sem resultados decisivos com os atenienses... 511
CAPÍTULO 62: Defecção de Ábidos e de Lâmpsacos; os atenienses retomam Lâmpsacos 511
CAPÍTULOS 63 a 71: Písandros e os conjurados estabelecem a oligarquia primeiro em Samos e depois em Atenas; governo dos Quatrocentos 511

Capítulos 72 a 77: A frota ateniense em Samos se declara a favor da democracia 517
Capítulos 78 e 79: Descontentamento dos peloponésios com Astíocos. 521
Capítulo 80: Defecção de Bizâncio 522
Capítulos 81 e 82: Alcibíades, chamado pelas tropas atenienses, volta a Samos, onde é eleito comandante 522
Capítulos 83 a 85: Oposição do exército peloponésio em Míletos contra Astíocos; substituição de Astíocos por Míndaros 524
Capítulo 86: Emissários dos Quatrocentos chegam a Samos e tentam, sem sucesso, induzir as tropas a aceitarem o governo oligárquico 524
Capítulos 87 e 88: Tissafernes e Alcibíades vão a Áspendos buscar a frota fenícia 527
Capítulos 89 a 93: Oposição em Atenas ao estabelecimento da oligarquia 528
Capítulos 94 a 96: Uma flotilha peloponésia leva a Eubéia a rebelar-se 533
Capítulos 97e 98: Os atenienses depõem os Quatrocentos e constituem um governo composto de cinco mil cidadãos 535
Capítulos 99 a 103: Os peloponésios se dirigem ao Helespontos a convite de Farnábazos 536
Capítulos 104 a 106: Batalha naval de Cinossema, vencida pelos atenienses 539
Capítulo 107: Os atenienses recuperam Cízicos 540
Capítulos 108 e 109: Regresso de Alcibíades e de Tissafernes; Tissafernes vai para o Helespontos 541

Índice 543

LISTA DOS MAPAS

O MUNDO GREGO 2
GRÉCIA OCIDENTAL 18
MAR EGEU 51
PIREU E AS MURALHAS 55
O PELOPONESO 71
ÁTICA E ARREDORES 98
O GOLFO DE CORINTO 141
SICÍLIA E SUL DA ITÁLIA 203
PILOS E SFACTÉRIA 221
CALCÍDICE 277
MACEDÔNIA E TRÁCIA 298
SIRACUSA E SEU PORTO 385
ÁSIA MENOR OCIDENTAL 478

PREFÁCIO

Tucídides e a História da Guerra do Peloponeso

Helio Jaguaribe

Introdução

Este prefácio à *História da Guerra do Peloponeso*[1], de Tucídides, na terceira edição, pela Editora Universitária de Brasília, agora associada ao IPRI e à Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, da excelente tradução do original grego de Mario da Gama Cury, visa a proporcionar uma sucinta indicação sobre a obra e a vida do historiador, situando-os no seu contexto histórico. Tem-se em vista, mais particularmente, discutir, brevemente, os antecedentes remotos e próximos daquele grande e longo conflito que, opondo letalmente as duas principais cidades-estado da Hélade e seus respectivos aliados, gerou as condições que conduziriam ao declínio da Grécia clássica, à hegemonia macedônica e, a longo prazo, à final dominação da Grécia por Roma. Arrasada pela guerra, Atenas jamais recuperou, depois de 404 a.C., sua precedente capacidade de liderança, não obstante um momento de relativo ressurgimento, no século IV, com a denominada Segunda Liga Ateniense.

Vencedora da guerra, com a relevante ajuda do "ouro persa", Esparta se revelou incapaz de liderar a Grécia. Não se resignando, de conformidade com suas tradições e instituições, a refluir para sua natural área de predomínio no Peloponeso, deixando as cidades gregas se auto-regularem, Esparta, que contara com amplo apoio para sua proclamada intenção de liberar a Hélade do imperialismo ateniense, pretendeu, sem condições culturais para tal necessárias, se substituir a Atenas na direção da Grécia. Em vez de uma liderança esclarecida, exerceu uma hegemonia despótica, controlada por seus *harmostes*, que provocou geral repulsa e a bem sucedida reação de Tebas, com Epaminondas, a que se seguiu a Segunda Liga Ateniense e, subseqüentemente, a emergência da hegemonia macedônica sob Felipe II.

---

[1] No presente texto utilizar-se-á a letra "H" para designar a obra de Tucídides, números em romano e em arábico para indicar, respectivamente, o Livro e o capítulo em referência.

TUCÍDIDES

É extremamente escassa a informação que se dispõe sobre Tucídides, toda procedente de indicações por ele mesmo dadas em sua História. Induz-se que nasceu entre 460 e 455 a.C. Sabe-se que era natural do deme de Halimunte, em Atenas, filho de Olorus. Este, por linha materna, era descendente de uma família nobre da Trácia, aparentada à de Címon e do estadista Tucídides, filho de Melesias. O historiador pertencia à aristocracia de Atenas, tendo recebido correspondente educação e valiosa herança de seu pai, dono de uma mina de ouro na Trácia. Embora sua família fosse hostil a Péricles, Tucídides dele se tornou um ardoroso partidário.

Discípulo de Anaxágoras, Tucídides foi amigo de Gorgias e Protágoras, de Antífon, de Sófocles e de Eurípides. Por sua educação e por suas ilustradas amizades adquiriu uma ampla cultura e desenvolveu o excelente comando de sua língua que revelaria na *História.*

Tucídides contraiu a peste que assolou Atenas de 430 a 429, vitimando Péricles em 429, mas dela se recuperou. Em 424 foi eleito um dos dez estrategos, sendo-lhe confiada a defesa de Anfípolis, na Calcídice. Foi surpreendido, entretanto, por um súbito ataque de Brasidas, que conquistou a cidade. Destituído da função, foi exilado e passou vinte anos no exílio, principalmente em sua propriedade na Trácia. Regressou a Atenas com a anistia de 404, vindo a falecer pouco depois, vítima de assaltantes de estrada, na própria Trácia.

Escreveu no exílio sua *História da Guerra do Peloponeso*, por entender que "ela seria grande e mais importante que todas as anteriores "(H.I.1). Opostamente a Alcibíades que, condenado *in absentia* pelos atenienses, se bandeou para Esparta, revelando segredos da expedição à Sicília, que precedentemente comandara, o que muito contribuiria para seu malogro, Tucídides sempre se conservou (como Címon, no ostracismo) fiel a Atenas. Seu patriotismo, todavia, não impediu o historiador de ser extremamente objetivo e imparcial na narrativa da Guerra do Peloponeso. Reconheceu, inclusive, o valor do general espartano que o derrotou (H.II.25).

A OBRA

A guerra do Peloponeso durou vinte e sete anos (431-404 AC.). Tucídides, que lhe iniciara o relato desde seus primórdios, foi impedido pela morte de completar sua narrativa, interrompida no 21.º ano do conflito, em 410.

Xenofonte, em suas Helênicas, continuaria a narração a partir de quando Tucídides a interrompeu.

A obra consta de oito partes ou livros, cada qual contendo numerosos pequenos capítulos, 917 no total. Esses oito livros cobrem cinco temas ou períodos. O livro I, com 146 capítulos, contém uma Introdução, na qual o autor define seus objetivos, resume as etapas formativas da Grécia, apresenta os antecedentes do conflito e narra as ocorrências que antecederam à declaração de guerra pelos atenienses, transcrevendo, a seu modo, o discurso de Péricles incitando à luta. O Livro II, com 103 capítulos, aborda o primeiro conflito, que durou dez nos. Os Livros III (116 capítulos), IV, com 135 e os capítulos 1 a 24 do Livro V, tratam da precária trégua que se sucedeu à Paz de 30 Anos de 446-5. Os capítulos 25 a 116 do Livro V e os Livros VI, com 105 capítulos e VII, com 87 capítulos, descrevem e analisam a guerra siciliana. O Livro VIII discute os eventos que se seguiram ao desastre de Sicília até a batalha naval de Cinossema, vencida pelos atenienses. Aí, por causa de sua morte, se interrompeu a História de Tucídides.

Tucídides foi o primeiro historiador moderno e o primeiro analista crítico de relações internacionais. Como Ranke, pretendia relatar, objetivamente, os fatos como haviam ocorrido. Como os sucessores culturalistas deste, aspirava a interpretar as motivações e a explicar as circunstâncias que condicionaram os eventos que narrava. Sua preocupação com a motivação dos protagonistas o levou a expor os discursos que teriam pronunciado para justificar seus atos ou incentivar a prática dos que almejavam realizar. Quando, como usualmente ocorria, não dispusesse de registro das palavras que haviam sido pronunciadas, Tucídides leva seus personagens a dizer aquilo que, dadas as circunstâncias, seriam supostos ter dito (H.I.22). A famosa oração fúnebre de Péricles (H.II.35-46) em que declara Atenas a escola da Grécia, é um dos mais típicos exemplos de genial reconstrução de discursos por Tucídides.

Antecedentes Remotos

Tucídides acompanhou, diretamente ou de perto, grande parte dos sucessos que narra, sempre particularmente cuidadoso no levantamento dos dados. Sua competência em assuntos da guerra, por outro lado, permitiram-lhe acurada descrição das operações militares.

A compreensão dos eventos que conduziram à guerra do Peloponeso, como bem o compreendeu Tucídides, requer se leve em conta seus antece-

dentes remotos (H.I.88-98), ademais dos próximos e dos mais imediatos. Aqueles decorrem, mais particularmente, do modo pelo qual foi conduzida a final expulsão dos persas, depois da vitória de Leotiquidas em Micale, em 479 AC., mas se prendem, originariamente, ao acordo ajustado pelos gregos em 481, no istmo do Corinto, face à invasão persa.

Xerxes, sucedendo seu pai Dario em 486, exige dos gregos o ato simbólico de submissão, oferecendo-lhe "terra e água". Como a maioria dos Estados se tenha recusado a fazê-lo, Xerxes decide enviar uma poderosa expedição punitiva à Grécia, visando particularmente Atenas. Em 484 inicia seus preparativos, mobilizando, segundo Heródoto[2], 1.700.000 homens. Historiadores modernos reduzem esse contingente a menos de dez por cento desse número[3] mas aceitam como provável o número de 1.207[4] naves reunidas pelos persas, sendo construídas em 480 duas pontes sobre barcos atravessando o Helésponto e aberto um canal na península do Acte, na Calcídice.

Alarmados ante esses preparativos, os gregos convocam um congresso pan-helênico que se reuniu em 481 no istmo de Corinto, a que compareceram quase todas as cidades-estado. Os gregos que decidiram resistir, uma trintena de cidades-estado, compreendendo, notadamente, a Liga do Peloponeso, fundada no século VI e Atenas e seus aliados iônios, formaram uma aliança e juraram mútua defesa e comum ação contra os persas, com pronta suspensão de querelas recíprocas, como a corrente guerra entre Atenas e Egina. Delegou-se a Esparta o comando das operações. Decidiu-se, em seguida, escolher o sítio mais adequado para posicionar a primeira linha de resistência da Grécia. Os gregos setentrionais, mais imediatamente expostos à agressão persa, requereram que essa linha se situasse ao norte da Tessália. Constatou-se, entretanto, que essa posição era indefensável. Decidiu-se, assim, defender a Grécia mais ao sul, numa linha que, para a defesa terrestre, se situasse entre os desfiladeiros das Termópilas e o promontório do Artemision, junto ao qual a marinha se posicionaria no canal do Oreos. Essa decisão, todavia, alienou o apoio dos tessálios.

O acordo do istmo de Corinto foi, basicamente, uma aliança entre Esparta e demais membros da Liga do Peloponeso e Atenas e seus aliados iônios. Representou, implicitamente, uma adesão de Atenas à Liga do Peloponeso. Essa aliança seria decisiva para permitir a vitoriosa resistência grega ao assalto persa. Seria igualmente decisiva para regular os assuntos

[2] *História*, Livro 7 § 60
[3] Cf. Edouard Will, *Le Monde Grec (el L'Occident - Le V^ème Siécle, Tomo I)*, Paris, PUF, (1972), 1994, pg. 105
[4] Heródoto, *História*, Livro 7 § 8

internacionais e domésticos da Grécia no período subsequente à derrota persa de Platéia (479).

Antecedentes Próximos

O período que se segue à vitória de Pausânias, em Platéia, é marcado pela transferência da liderança grega a Atenas, sob a conduta de Címon, filho de Milciades, o vencedor de Maratona. A transferência da liderança de Esparta a Atenas se prende, por um lado, à conduta despótica de Pausânias, depois de este haver reconquistado Bizâncio em 479 e, subseqüentemente, à comprovação de suas intrigas com os persas. Por outro lado, ao fato concomitante de Esparta não querer se envolver nas distantes operações navais que se tornavam necessárias para a final expulsão dos persas do Egeu.

A conduta despótica de Pausânias, como comandante das forças gregas, depois da reconquista de Bizâncio, alienou o apoio dos iônios e foi vista, pelos próprios espartanos, como inadmissível, valendo-lhe uma primeira condenação e a implícita aceitação, por Esparta, da transferência da liderança a Atenas para as subsequentes operações contra os persas. O fato de se comprovar, posteriormente, que Pausânias, movido pela ambição de se tornar efetivamente um déspota, havia entrado em confabulações com o próprio Xerxes e seu sátrapa Artabazus, levaram os éforos a uma segunda condenação. Fugindo da sentença, Pausânias se refugiou numa dependência do santuário Atena do Templo de Bronze[5] o que levou os éforos a determinar seu emuralhamento, assim o deixando morrer de inanição.

No que se refere à guerra contra os persas, depois de vitória de Leotiquidas de 479, em Micale, a tarefa que restava para sua final expulsão requeria o emprego de uma importante frota, que teria de operar longe da Grécia continental, particularmente, do Peloponeso. Potência terrestre, que necessitava conservar importantes contingentes no Peloponeso, para manter a subjugação dos hilotas, Esparta não se dispôs a empreender as operações navais em questão e acedeu em que Atenas, sua aliada, o fizesse.

Atenas, para esse efeito, organizou, sob a coordenação de Aristides, o Justo, a Confederação de Delos (478-477), mobilizando uma grande frota, que foi confiada ao comando de Címon. Este conduziu brilhantemente os confederados. Iniciando com uma expedição à Trácia e a conquista das fortalezas costeiras dos persas, concluiu sua campanha com a grande vitória naval do rio Eurímedon, em 466, na costa sul da Ásia Menor.

[5] H. I. 134.

A confederação de Delos, tal como urdida por Aristides, se baseava numa aliança das cidades-estado da Iônia com Atenas, para o fim de ultimar a expulsão dos persas e proteger a Grécia de possíveis futuras agressões. Cada membro contribuiu com um número de naves ou com correspondente soma em dinheiro (*phoros*), calculada a contribuição em função do tributo precedentemente cobrado pela Pérsia[6]. Com o correr do tempo, entretanto, a Liga de Delos se foi convertendo num império ateniense, de que os aliados eram compelidos a participar e para a qual eram forçados a pagar a contribuição que fora fixada por Aristides, convertendo-se esta, praticamente, num tributo.

A liderança de Címon em Atenas se caracterizou por seus esforços no sentido de preservar a aliança com Esparta, apresentando a Liga como uma continuação, sob a direção de Atenas, do acordo antipersa do istmo de Corinto de 481, o que assim foi entendido por Esparta, que não se opôs à gradual conversão da Liga em um império ateniense. É de notar-se que a liderança de Esparta sobre as cidades do Peloponeso, embora respeitando a autodeterminação destas, tinha, também, um implícito caráter coercitivo.

Foi dentro desse espírito de preservação da aliança com Esparta que Címon logrou, embora com dificuldade, o acordo da Assembléia para atender ao apelo de ajuda de Esparta, na Terceira Guerra Messênia (464-461), a ela enviando um contingente de quatro mil hoplitas.

Címon, ademais de admirar as qualidades espartanas e desejar que fossem, de certo modo, incorporadas pelos atenienses, entendia, com grande lucidez, que a aliança entre Atenas e Esparta era fundamental para ambas e para a unidade grega[7] . Esparta, potência terrestre e agrícola, sem interesses externos ao Peloponeso e Atenas, potência marítima, comercial e cultural, com grandes interesses internacionais, não tinham motivos para se antagonizarem e se fortaleciam reciprocamente – com sua aliança. Foi essa política de Címon, enquanto perdurou sua liderança sobre Atenas, que levou Esparta a não se sentir ameaçada pelo império ateniense, não obstante certo ciúme dos espartanos com o prestígio internacional daquela.

A situação política de Atenas, entretanto, se foi modificando em conseqüência mesmo de seu fortalecimento naval. Enquanto o poder da Atenas de Milciades repousava nos hoplitas que derrotaram os persas em Maratona, o poder da Atenas de seu filho Címon se baseava na frota, é dizer, nos

[6] A contribuição básica era de 460 talentos anuais de prata. O talento ático pesava 25,8kg. As pequenas cidades tinham o direito de se reunirem para, coletivamente, pagar essa contribuição.
[7] Essa tese, cerca de cem anos mais tarde, seria, de forma teoricamente correta mas praticamente inviável, novamente sustentada por Isocrates, em seu *Panegírico* de 380.

thetes que compunham a tripulação de 174 remadores de cada trirreme e que operavam os estaleiros navais. Foi assim que se formou uma facção popular, sob a liderança de Efialdes, secundado pelo então jovem Péricles, que veio a prevalecer sobre os segmentos mais conservadores que apoiavam Címon.

O momento de inflexão na liderança deste se deu durante sua expedição de apoio a Esparta, em 462. Durante sua ausência Efialdes logrou a aprovação de importantes reformas, limitando substancialmente o poder do Areópago, reduzido ao julgamento de homicídios e transferindo, principalmente para a Assembléia, seu controle sobre a magistratura, o que fortalecia, concomitantemente, o poder político de Efialdes, às expensas de Címon. O fato de não ter sido bem sucedida a expedição deste, a qual, embora solicitada pelos espartanos, terminou não sendo por estes bem recebida, o privou definitivamente de apoio popular, levando-o em 461 a ser ostracizado. Efialdes foi nesse mesmo ano assassinado[8], sendo sua liderança gradualmente substituída pela de Péricles. Címon, cuja fidelidade a Atenas não foi afetada por seu ostracismo, voltaria, dez anos mais tarde, a ser novamente convocado, sendo-lhe conferida a tarefa de ajustar um armistício com Esparta, o que brilhantemente logrou, com a Trégua de Cinco Anos, de 451.

Concomitantemente com o ostracismo de Címon procedeu-se à ruptura da aliança com Esparta, substituída pela aliança com Argos, hostil a Esparta e com os tessalianos. Seguiu-se-lhe a aliança com Mégara, então em disputa territorial com Corinto, a mais importante aliada de Esparta. Era a completa reversão da política de Címon, orientação esta que caracterizaria a longa (461-430) liderança de Péricles.

O período que se segue, de 460 a 446-5, será marcado por iniciativas atenienses que alteraram, significativamente, o equilíbrio de forças entre a Liga de Delos (império ateniense) e a Liga do Peloponeso, sob a liderança de Esparta, conduzindo a hostilidades entre aliado dos dois bandos que culminaram com a direta confrontação de Esparta com Atenas.

Entre as ocorrências mais relevantes mencione-se a construção por Atenas de longos muros (H.I., 103) ligando Mégara a seu porto de Nisea[9], em que se instala uma guarnição ateniense. Concomitantemente, Egina, prejudicada em seu comércio com o oriente pela Liga de Delos, adere à Liga do Peloponeso, reunindo uma grande frota no golfo Sarônico. Atenas toma

[8] O assassino, Aristodicus de Tânagra, era agente de uma das sociedades secretas a serviço dos interesses da oligarquia ateniense.

[9] Somente em 457 os atenienses construíram sua própria grande muralha, conectando Atenas com o porto do Pireu.

a iniciativa e ataca a frota de Egina, derrotando-a e pondo, em seguida, cerco à cidade.

Nessa mesma oportunidade Inaros, chefe líbio que se aproveitara da instabilidade que se sucedeu à morte de Xerxes, em 465, para mobilizar uma grande revolta no Egito, proclamando-se o novo faraó, solicitou o auxílio dos atenienses. Uma frota ateniense de 200 naves, que se dirigia para Chipre, foi então deslocada para o Egito, subindo o Nilo até Mênfis e conquistando a cidade, salvo a cidadela mantida pelos persas. Um contingente ateniense permaneceria, estranhamente, por seis anos no Egito para, afinal, ser completamente derrotado em 456 por um numeroso exército persa comandado por Megábisos.

Em 457 Egina foi forçada a se render e compelida a ingressar na Liga de Delos, entregando sua frota a Atenas. Nessa ocasião Esparta entra diretamente no conflito, enviando um exército através do Golfo de Corinto que restaura a Liga Beócia, sob a hegemonia de Tebas. Os atenienses são derrotados em Tânagra, mas os espartanos regressam a suas bases, o que permitiu aos atenienses derrotar os beócios em Oenophyta, reincorporando a Beócia, com exceção de Tebas, à Liga de Delos.

Nos episódios que se seguem confirma-se a superioridade espartana em combates terrestres e a ateniense em combates marítimos. Nessas condições de empate Címon, convocado de volta, entabula entendimentos com Esparta que conduziriam em 451 à Trégua de Cinco Anos. Por outro lado, embora fracasse a expedição ateniense de conquista de Chipre, ocasionando a morte de Címon, que a comandava, a frota ateniense, em seu curso de retorno, logra uma grande vitória naval sobre os persas nas proximidades da cidade cipriota de Salamis. Geram-se, assim, condições que permitiriam a Callias negociar com a Pérsia a paz que veio a ser conhecida como paz de Callias, de 450.

Novos eventos, após o término da Trégua de Cinco Anos, levaram a uma revolta de Beócia em 447, que conduziu ao restabelecimento da Liga Beócia e a uma revolta de Eubéia em 446, cuja subjugação por Péricles teve de ser interrompida ante a rebelião de Mégara, retornando à Liga do Peloponeso e a conjunta invasão da Ática pelos espartanos, comandados pelo rei Plistoânax. Este, todavia se deteve em Eleusis e, ao que consta, corrompido por Péricles, regressou a Esparta. Péricles pôde então subjugar a revolta de Eubéia, estabelecendo uma cleruquia ateniense no território de Histieaea. Seguiram-se negociações com Esparta que conduziram, no inverno de 446-445, à Paz de Trinta Anos.

A primeira confrontação entre Atenas e Esparta, no período que vai da aliança com Argos e a construção dos longos muros de Mégara, em 462, à Paz dos Trinta Anos, de 446-5, foi inconclusiva. Mas fixou posições de hostilidade entre os dois grandes blocos em que se dividiu a Grécia, gerando as condições que conduziriam à Guerra do Peloponeso, de 431 à final rendição de Atenas em 404.

A Paz de trinta anos

A situação da Grécia, subseqüentemente à Paz de Trintas Anos, algo como a da Europa antes da guerra de 1914, se caracterizava por um equilíbrio de forças em que nenhum dos dois blocos antagônicos podia, sem graves riscos, permitir o unilateral fortalecimento do outro. Também à semelhança da Europa de fins da primeira e princípios da segunda década do século XX, a Grécia de após a Paz de Trinta Anos consistia num sistema de alianças em que a potência hegemônica de cada bloco não podia consentir que um de seus aliados viesse a ser dominado por força do outro bloco ou simplesmente agredido pela outra potência hegemônica.

Entre as diversas circunstâncias, depois da Paz de Trinta Anos, que tornavam extremamente delicado o equilíbrio entre os dois blocos, três merecem particular menção. Uma se refere à ampla margem de conflito de interesses existentes entre Corinto, principal aliada de Esparta e Atenas. A outra decorre do fato de a Paz de Trinta Anos ter permitido alianças entre ou com cidades-estado neutras, como aconteceria em 433, no caso da aliança entre Córcira e Atenas. Embora permitidas pela letra do tratado de paz, tais alianças poderiam, como no caso precedentemente referido, alterar o equilíbrio de forças de forma inaceitável para o outro bloco.

Uma terceira circunstância que contribuía significativamente para a precariedade da Paz de Trinta Anos era a política interna de Atenas. O ostracismo de Címon e a vitória da facção popular, que após o assassinato de Efialdes viria a ser dirigida por Péricles, implicavam uma endógena propensão ao expansionismo do império ateniense, não tanto por razões de política externa ou como efeito de uma pura vontade de poder, mas pelo imperativo político de satisfazer as necessidades dos thetes, que constituíam o grosso do eleitorado de Péricles. Os thetes necessitavam que se desse continuidade à política de "cleruchias", enquistadas em territórios de terceiros e se mantivesse a expansão naval que lhes proporcionava emprego.

O caso de Corinto, que viria a ser o núcleo deflagrador da Guerra

Aquidimiana de 431 a 421, decorria do fato de aquela cidade-estado, membro-chave da Liga do Peloponeso, ser também, como cidade comercial e marítima, uma rival de Atenas, com interesses colidentes tanto no ocidente grego, como no caso de Córcira, como em Potidéia, na Calcídice, no extremo nordeste da Grécia.

ANTECEDENTES IMEDIATOS

Córcira, no extremo nordeste da Grécia, embora colônia de Corinto, tinha com esta relações conflitantes, relacionadas com sua conjunta colonização de Epidáurios. Em 455, revoltando-se contra Corinto, Córcira derrotou uma frota desta última na batalha de Leucimne. Corinto se preparou, no curso dos dois anos seguintes, para uma decisiva expedição punitiva a Córcira a qual, aterrorizada, pediu o apoio de Atenas e a aliança desta. Como cidade-estado neutra, tal aliança não contrariaria o disposto no tratado da Paz de Trinta Anos, mas constituiria uma grave ameaça a Corinto, aliada de Esparta.

Atenas, interessada em dispor de uma base no mar Iônio, no extremo ocidental da Grécia, optou, depois de amplas discussões sobre a questão, por uma solução astuta. Em lugar de uma aliança plena, *symmachia*, que teria implicações ofensivas a Corinto, adotou uma aliança meramente defensiva, *epimachia*, como tal compatível com a Paz de Trinta Anos.

Os corintos, não obstante, atacaram Córcira em Sybata, em 432, mas vendo chegar as naves atenienses em defesa dos corcireus, recuaram.

Entrementes, Atenas se deu conta de que sua aliada, Potidéia, colônia conjunta de Córcira e Corinto, se preparava para rebelar-se, apoiando Corinto. Exigiu, assim, preventivamente, que Potidéia destruísse suas muralhas marítimas e expelisse os magistrados que Corinto usualmente lhe mandava, negando-se a receber outros. Potidéia, contando com o apoio dos peloponésios, se negou a aceitar tal exigência. Atenas então ataca Potidéia e derrota sua frota em 432.

Data dessa ocasião a discutida decisão de Péricles de levar a Assembléia ateniense a decretar a proibição de Mégara usar qualquer porto de cidades vinculadas à Liga de Delos, o que significaria a ruína econômica de Mégara. Esta última decisão tornou inevitável o desencadeamento da guerra.

Por que a terá adotado Péricles? Alguns entendem que, consciente da inevitabilidade da guerra, Péricles procurou, sem formalmente violar o tratado de paz, conduzir a Liga do Peloponeso a arcar com a responsabilidade

de iniciar as hostilidades. Outros entendem que Péricles quis, preventivamente, dar uma demonstração da força naval ateniense, de sorte a incentivar os que em Esparta, como o rei Arquídamos, não queriam a deflagração da guerra[10]. Tucídides não esclarece a motivação de Péricles mas reconhece (H.I., 139 e 144) que o bloqueio de Mégara foi a ocorrência mais intolerável para o bloco espartano. Tanto que, nas negociações que imediatamente precederam ao início das hostilidades, os enviados espartanos, em suas derradeiras propostas, condicionaram a não declaração de guerra à revogação do bloqueio de Mégara.

A despeito das recomendações cautelatórias do rei Arquídamos, os espartanos se decidem pela guerra e para tal recebem o apoio dos demais membros da Liga do Peloponeso. A deliberação de Corinto de entrar em guerra com Atenas, ainda que Esparta não o fizesse, foi o que motivou Esparta a optar pelo conflito, porque, no caso contrário, passaria para Corinto a liderança do Peloponeso.

Para enfrentar Atenas e seus aliados a Liga do Peloponeso dispunha de um contingente de 40.000 hoplitas, que constituíam a melhor infantaria da época. A aliada Beócia tinha uma excelente cavalaria.- Corinto, além de sua pequena, frota, alegava poder mobilizar uma grande armada com os recursos de Delfos e Olímpia (H.1.121).

Ante esse poderoso inimigo Péricles traçou uma estratégia consistente em evitar batalhas campais. Atenas não dispunha de mais do que 13.000 hoplitas e de 1.200 cavaleiros, ademais de forças auxiliares para guarnecer as muralhas, cuja inferioridade numérica era agravada por seu menor treino. Em compensação, porém, Atenas poderia, protegida por suas muralhas, defender-se de qualquer ataque terrestre, enquanto sua marinha, forte de 300 trirremes, superiormente tripuladas, garantiria os suprimentos da cidade e fustigaria as costas do inimigo, além de estar capacitada a derrotar qualquer frota que a Liga do Peloponeso pudesse armar (H.II.13).

Duas outras importantes considerações eram levadas em conta por Péricles. Uma, de caráter econômico, consistia no fato de que Esparta era uma potência agrícola, sem recursos financeiros, enquanto Atenas ingressava na guerra com reservas de mais de 6.000 talentos. Sem recursos financeiros[11], Esparta, ao contrário de Atenas, não poderia sustentar uma guerra

[10] Sobre a motivação de Péricles na decretação do bloqueio de Mégara vejam-se F.E. Adock, pg. 187 e segts. in J.B.Bury, S.A. Cock e F.E.Adock, edits., *Athens*, vol. V de *The Cambridge Ancient History*, Cambridge, Un. Press, 1966 e Edouard Will, *Le Monde Grec et L'Orient*, pg. 298 e segts., Tomo I. *Peuples et Civilisations* Paris, PUF, (1972), 1994.

[11] Péricles não supunha que Esparta viesse a contar com financiamento persa.

que não tivesse pronto êxito. Por outro lado, a outra consideração em que se baseava Péricles era o fato de que as forças espartanas não podiam se afastar demasiado e por mais longo tempo de suas bases, porque dependiam de sua própria agricultura e necessitavam manter-se em contínua vigilância local, para evitar revoltas dos hilotas. Diversamente, os atenienses, refugiando-se atrás de seus muros, receberiam pelo mar os fornecimentos de que necessitassem e poderiam sustentar a guerra por longo prazo.

A guerra Aquidimiana, prolongando-se de 431 a 421, com a Paz de Nícias, se conformou, nos seus aspectos militares, com as previsões de Péricles. Não dispondo de capacidade para romper as muralhas de Atenas, os lacedemônios não puderam tirar o proveito que desejavam de sua superioridade terrestre. Assolaram as terras da Ática mas não puderam impedir a continuidade de seu abastecimento por via marítima. Enquanto isso, a frota ateniense fustigou as costas da Lacedemônia, destruindo seus estaleiros e sua modesta marinha. Como havia suposto Péricles, as expectativas de Corinto de poder armar uma grande frota, com recursos de Delfos e de Olímpia, não se realizaram.

Um ano depois de iniciado o conflito procedeu-se em Atenas à cerimônia fúnebre dos primeiros mortos da guerra. Convidado para usar da palavra Péricles proferiu aquele extraordinário discurso que Tucídides reconstituiu (H.II., 35 a 46), onde proclama a excelência das instituições e dos costumes atenienses e sua superioridade sobre os demais helenos e concluindo, declara: "Em suma, digo que nossa cidade, em seu conjunto, é a escola de toda a Hélade".

Hoje, transcorridos cerca de dois mil e quinhentos anos desde aquela oração fúnebre, seria de justiça, complementando Péricles, reconhecer que Atenas foi a Escola, não apenas da Grécia, mas de todo o Ocidente.

Algo de imprevisto mas terrível, entretanto, ocorreu em Atenas: a peste de 430 a 429. A estratégia de proteger a população e seus pertences móveis[12] atrás das grandes muralhas, embora se tenha revelado militarmente eficaz, a concentrou toda num pequeno espaço urbano, sem condições higiênicas minimamente satisfatórias, o que provocou uma grande epidemia. A peste dizimou um quarto da população ateniense, dela sendo vítima o próprio Péricles, em 429.

A despeito de seus terríveis estragos, a peste não alterou, decisivamente, o curso da guerra. Dez anos de conflito comprovaram, como no conflito precedente, que nenhum dos blocos poderia vencer o outro, embora

[12] Gado e ovelhas foram transportados para locais seguros na Eubéia e ilhas adjacentes.

ambos sofressem graves danos humanos e materiais. Em 422 ocorreu, na batalha de Anfípolis, a morte de Clêon, que substituíra Péricles na liderança política de Atenas, mas não em qualquer outro aspecto, e com ele desapareceu o mais beligerante dos líderes da Ática. Também morreu em combate Brasidas, o grande general espartano, que era também o mais intransigente beligerante no campo lacedemônio. O prolongado impasse e os desgastes da guerra, mortos seus principais partidários, abriram espaço para políticos moderados, em ambos os blocos. Nícias, que assumiu a liderança de Atenas, negocia com êxito a paz de cinqüenta anos, que veio a ser designada por seu nome, celebrada em 421.

A Paz de Nícias
(H.V, 18-19)

A paz negociada por Nícias em 421, que levou seu nome, foi proposta por cinqüenta anos e consistia, basicamente, no reconhecimento do Império Ateniense na área iônia, conservando Niséia até que os beócios devolvessem Platéia. As cidades da Calcídice seriam autônomas, mas tributárias de Atenas. Anfípolis devolvida a Atenas. Os membros da Liga de Delos ficaram proibidos do uso de armas, enquanto pagassem tributo, contra Argilos, Stágiros, Ácantos, Stolos, Olintos e Spártolos. Os lacedemônios e seus aliados restituiriam Pânacton aos atenienses. Os atenienses restituiriam Corifásion, Citera, Mêtana, Ptêleon e Atalantes. Os prisioneiros de ambos os lados seriam devolvidos.

A resistência de assinar, o tratado, entre membros da Liga de Peloponeso por parte de Corinto, Mégara, Élis e Beócia e as disposições hostis de Argos levaram os espartanos, numa política de defesa preventiva, a firmar com Atenas um tratado de aliança também por cinqüenta anos (H.V, 22 a 24).

A paz de Nícias, entretanto, se ressentiu desde o início da não participação das cidades precedentemente mencionadas, e logo em seguida, de algumas violações. O sucessor de Brasidas, Clearidas, se recusou a devolver Anfípolis, que seu predecessor havia conquistado do próprio historiador. Os Beócios, no ano seguinte, obrigados a devolver Platéia aos atenienses, antes de fazê-lo destruíram a cidade.

Ante tal fato e nesse mesmo ano de 420 Corinto decidiu retirar-se da Liga Argiva. Atenas formou então, por cem anos, a Quádrupla Aliança, com Argos (tradicionalmente hostil à Esparta), Mantinéia e Élis, estas últimas então em guerra com Esparta.

As condições que caracterizavam a Grécia por ocasião da Paz de Nícias e anos subsequentes eram indicativas da precariedade da paz. Entre as muitas condições e fatores que tornavam difícil sua preservação – firmada, ademais por um prazo demasiado longo para vigorar numa Grécia tão instável – três merecem particular atenção: as condições particulares de Argos, Corinto e Mégara, a modificação do estado de espírito da Assembléia ateniense, ante a nova mentalidade da juventude e a funesta capacidade de sedução de um genial mas irresponsável e inescrupuloso aventureiro, Alcibíades.

Argos e Mégara, situadas nas áreas de predomínio, respectivamente, de Esparta e de Atenas, tinham interesses conflitantes com suas respectivas cidades hegemônicas e tendiam, por isso, a se aliar ao bloco oposto, criando situações inaceitáveis para o bloco de sua própria área territorial. Por outro lado Corinto mantinha com Atenas, com a qual apresentava semelhanças comerciais, uma rivalidade superior a sua lealdade com Esparta. Isso levava Corinto a colocar Esparta, continuamente, ante a alternativa de hostilizar Atenas, ou perder para aquela a liderança do Peloponeso.

Particularmente decisiva, entretanto, com relação às ocorrências que se seguiram à Paz de Nícias, foi a extraordinária influência que Alcibíades pôde exercer na Grécia, no período que vai até sua irreversível desmoralização em 406, depois de sua derrota por Lizandro, perto de Nôtion.

Homem dotado de extraordinária beleza física, excepcional inteligência, adestrada pelo convívio com os sofistas e possuidor de grande talento político e militar, mas destituído de quaisquer escrúpulos e levado, por sua ambição e audácia, a decisões temerárias, Alcibíades exerceu a mais negativa influência sobre os atenienses, arrebatando, particularmente, a nova geração que aspirava a grandes aventuras e não se conformava com a medíocre tranqüilidade da Paz de Nícias. A Paz de Nícias, com efeito, situava Atenas na confortável, mas não excitante posição, de administrar com tranqüilidade seu império marítimo e comercial. Tal situação, entretanto, não era isenta de dificuldades. A Paz com a Pérsia e com Esparta, privando a Liga de Delos de inimigos comuns, tornava menos aceitável a hegemonia ateniense sobre as cidades iônias. Isto exigia ou bem uma política de entendimento com os aliados e co-participação dos mesmos nos benefícios do comércio promovido por Atenas, como sabiamente preconizava Nícias, ou uma política de mobilização para novas e supostamente rendosas aventuras, como sedutora, mas pouco responsavelmente, propunha Alcibíades.

A aliança de Atenas com Argos, inaceitável para Esparta, conduziu esta a uma primeira violação da paz. Invadindo a Agis, sob a alegação de socor-

rer os epidáurios de prévia agressão de Argos, forçou os membros da Quádrupla Aliança a se desmoralizarem ou a honrá-la. Élis tendo se recusado a participar, os três outros aliados formaram um contingente que se opôs aos espartanos, mas por eles foram derrotados em Mantinéia, em 418.

Atenas, como demonstração de força, retaliou tomando de assalto em 416 a ilha de Melos, de colonização dórica, que se recusava aderir ao império e, com a maior selvageria, massacrou os homens em idade militar e escravizou os demais habitantes, nela instalando uma "clerúchia".

Estava definitivamente violada a Paz de Nícias. Foi nessas circunstâncias que Alcibíades, contrariando as sábias e consistentes considerações de Nícias, persuadiu os atenienses a atender a um apelo de Segesta, na Sicília, atacada por Selinus. Nícias, em seu pronunciamento contra a expedição (H.V, 9-14) mostra, com impecável coerência e pertinência, que Atenas, se vitoriosa, nada teria a ganhar e, se derrotada, teria se exposto em vão a tudo perder. Mas Alcibíades, (H.V., 16-18), mobilizando o entusiasmo da juventude, logrou persuadir a Assembléia de que a expedição à Sicília se defrontaria com massas heterogêneas, em que "ninguém tem o sentimento de estar em sua verdadeira pátria" e traria grandes vantagens para Atenas, com mínimos riscos.

A expedição à Sicília mobilizou 134 trirremes, conduzindo 4.000 hoplitas, sob o comando conjunto de Nícias, Alcibíades e Lâmacos, zarpando no ano de 413. Tendo começado mal, veio a ter o mais catastrófico desfecho.

O mal começo se deveu ao fato de que, pouco antes da data fixada para a partida da frota, constatou-se que os Hermes de Atenas haviam sido mutilados, fato esse que se atribuiu a Alcibíades, assim como a prática de profanação dos mistérios de Eleusis. Alcibíades, protestando inocência, solicitou que se procedesse prontamente ao julgamento do caso. Seus adversários, porém, habilidosamente, lograram procrastinar a data do julgamento, de sorte a que ou bem Alcibíades, para defender-se, renunciasse a participar do comando da expedição ou bem, como ocorreu, seguisse com a frota abandonando sua defesa preventiva. Marcada a data do julgamento, já na ausência de Alcibíades, emissários especiais foram enviados à frota, aguardando sua passagem por Cataria e, quando esta lá chegou, intimaram Alcibíades a regressar, para submeter-se a julgamento. Este se realizaria quando os sustentadores de Alcibíades se encontravam, em sua maioria, engajados na frota. Isto o levou à convicção de que sua condenação já estava previamente decidida e assim decidiu fugir para Esparta. Lá revelou os planos da frota, o que muito contribuiu para o futuro malogro da expedição.

Não obstante esse episódio, os atenienses quase lograram a circunvalação de Siracusa, mas, com a chegada a esta do general Gílipos, enviado por Esparta, com um pequeno contingente, este imprimiu melhor orientação à defesa da cidade, invertendo contra os atenienses o curso das operações.

A despeito de reforços que chegaram sob o comando de Demóstenes, os atenienses foram completamente derrotados, Lâmacos perecendo em combate e Nícias sendo aprisionado e depois executado.

Os eventos subsequentes à catástrofe da expedição à Sicília se alternaram, a despeito da mesma, entre sucessos atenienses e espartanos. Estes, alimentados pelo "ouro persa", dispuseram de uma capacidade de sustentação da guerra contrária às antigas previsões de Péricles. Os atenienses, embora severamente desfalcados pelo desastre da Sicília, foram induzidos a perdoar Alcibíades e lhe conferir, o comando da guerra. Alcibíades logra, em 410, uma excepcional vitória aniquilando, na batalha de Cízicos, a frota espartana. Esparta se propõe a fazer as pazes mas Atenas, sob a liderança de Cleophon, insensatamente recusa a oferta. O sátrapa persa Farnábazos financia a construção de nova frota espartana. Alcibíades, derrotado cerca de Nôtion, em 406, perde definitivamente sua credibilidade e foge para o Helespontos. Tiveram ainda os atenienses, entretanto, outra espetacular vitória, em 406, na batalha de Aginusae, sob o competente comando de Conon. Nova oferta de paz por Esparta, mais uma vez e ainda mais insensatamente, é repelida por Atenas. A subsequente catastrófica perda da frota ateniense, em 405, em Aegospotami, por incúria dos comandantes, quando completamente esgotados os recursos da cidade, liquida definitivamente com seu poder. Theramenes negociará, em 404, a rendição de Atenas. O relato de Tucídides, entretanto, se interrompe, por causa de sua morte, antes desses últimos eventos, logo após os episódios do ano de 410.

A Guerra do Peloponeso gerou as condições que conduziriam ao declínio da Grécia, apesar de um relativo e curto ressurgimento de Atenas, com sua segunda liga contra Esparta, de 377.

Em Atenas, os insucessos da Guerra Deceleana desmoralizaram o partido popular e restabeleceram o poder dos oligarcas. Estes, ante o esgotamento do tesouro público, dispunham de recursos próprios para sustentar a continuação da guerra, mas exigiam, para tal, que lhes fosse transferido o poder. Acrescente-se que Alcibíades logrou persuadir os atenienses que havia conquistado a adesão do sátrapa Tissafernes, que vinha financiando os espartanos e, supostamente, passaria a financiar os atenienses. Nessas circunstâncias e com tais maquinações, decidiu-se em 411 limitar a cidadania a

5.000 cidadãos ricos e se instituiu, para os selecionar, um comitê de 400 (H., VIII, 63-71), comitê esse, todavia, que assumiu diretamente o poder. Ante a revolta da frota baseada em Samos, foi curta a duração do governo dos 400, mas a facção oligárquica, continuando predominante, lograria mais tarde, com a rendição de Atenas, retomar o poder com a ditadura dos Trinta, em 404. Estes últimos eventos, todavia, não foram mais descritos por Tucídides, cuja morte o forçou a interromper sua narrativa no ano 410.

Para a Grécia, em geral, a derrota de Atenas deixou Esparta como única potência hegemônica. Por suas instituições, tradições e compromissos – livrar a Hélade do imperialismo ateniense – Esparta, vitoriosa, deveria retornar a suas bases no Peloponeso e deixar as cidades-estado gregas se dirigirem a si mesmas. Esparta, todavia, preferiu instituir sua ditadura sobre a Grécia, colocando nas cidades subjugadas um representante de seu domínio, *harmost*, apoiado por uma guarnição. Com isto, a liderança grega passou das mãos dos atenienses, que a sabiam exercer de forma esclarecida, para espartanos que se impunham despoticamente.

A incapacidade de Esparta de exercer uma liderança esclarecida na Grécia, bem como a própria estrutura sócio-política de Esparta, domesticamente baseada na dominação de uma reduzida classe de "iguais" (*homonoi*), limitaram a hegemonia espartana a cerca de 25 anos. Com Pelopidas e Epaminondas surge uma poderosa democracia tebana, que se opõe vitoriosamente a Esparta, a que se segue a Segunda Liga Ateniense (377 a 370). Com Felipe II, regente de Macedônia em 359 e rei desde 356, se abriria um novo período na história da Grécia, em que o estado-cidade seria substituído por estruturas imperiais: o império macedônio, até morte de Alexandre em 323 e, subseqüentemente, os reinos helenísticos e a posterior dominação romana, com a final destruição da Macedônia em 148.

A cultura grega, entretanto, tão bem retratada por Tucídides e de que Péricles, não obstante seus equivocar em relação à Guerra do Peloponeso, foi ao mesmo tempo o grande propulsor e um de seus altos representantes, fecundou decisivamente Roma. O Império Romano – a mais extraordinária construção política da história – não teria sido possível se o gênio militar e administrativo de Roma não tivesse intimamente incorporado a cultura grega. Uma incorporação que perpetuou essa cultura e dela fez, para toda a posteridade, o fundamento da visão racional do mundo.

Rio de Janeiro/Julho/2001

APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR

Mário da Gama Kury

1. *O AUTOR*

TUCÍDIDES nasceu provavelmente entre 460 e 455 a.C., no distrito *(démos)*[1] de Halimunte, em Atenas. Foi atingido pela grave epidemia que assolou a cidade entre 430 e 427 a.C. (ver o livro II, capítulo 48), mas se recuperou e em 424 a.C., era comandante das tropas atenienses na Trácia (livros IV, capítulo 104 e V, capítulo 26); no exercício de seu cargo não conseguiu evitar que o comandante lacedemônio Brasidas ocupasse Anfípolis, localidade trácia de grande importância no tráfego marítimo de cereais daquela região para Atenas, e por isto foi exilado, ainda em 424 a.C.; somente após vinte anos de degredo retornou a Atenas, e morreu poucos anos depois (por volta de 400 a.C.), sem ter podido terminar a sua única obra, a *História da Guerra do Peloponeso.*

Tucídides pertencia à aristocracia ateniense e foi educado de maneira condizente com sua condição social privilegiada. Foi profundamente influenciado pelas figuras mais brilhantes de sua época em Atenas, então em seu apogeu: Péricles, a quem não poupa elogios; o filósofo Anaxágoras, os sofistas (principalmente Górgias, que viera da Sicília como embaixador pedir a ajuda dos atenienses para a sua cidade natal – Leontinos – e se radicara em Atenas); Antífon, político e orador a quem Tucídides se refere com admiração no livro VIII, capítulo 68. Sófocles e Eurípides, dois grandes poetas trágicos, também foram seus contemporâneos (o primeiro também participou da vida pública ateniense e o segundo freqüentou os mesmos círculos intelectuais aos quais Tucídides estava ligado). Há referências em autores posteriores (entre outros Marcelino, que viveu na época do imperador Justiniano e escreveu uma *Vida de Tucídides),* a um encontro de Heródoto, historiador da guerra entre os persas e os gregos já famoso na época, com o nosso autor, um pouco mais novo que ele e então adolescente; ouvindo Heródoto ler um trecho de suas Histórias durante as exibições literárias que

[1] Para facilitar a composição tipográfica, as palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos.

se realizavam simultaneamente com os jogos Olímpicos, Tucídides ter-se-ia emocionado até as lágrimas, revelando a sua vocação de historiador. O episódio pode ser imaginário, mas embora sem mencioná-la especificamente Tucídides parece haver conhecido a obra de seu famoso predecessor (veja-se, por exemplo, o livro I, início do capítulo 21 e parte final do capítulo 22).

De certo modo Tucídides inovou substancialmente o método histórico, influenciado pelo racionalismo de Anaxágoras e pelo espírito crítico e iconoclasta dos sofistas (principalmente Protágoras, Pródicos e Antífon) sofista homônimo do orador e político muito elogiado por Tucídides[2]. Ao longo da obra de Tucídides pode-se observar a cada passo a sua objetividade e o cuidado na aferição da realidade, afastando-se assim do gosto dominante entre os historiadores de então pelo fabuloso e exótico[3]. A preocupação de Tucídides era mostrar a essência dos fatos e os sentimentos de seus personagens, penetrando no seu íntimo e expondo as verdadeiras razões de sua conduta com uma franqueza às vezes chocante, mesmo aos sentimentos dos leitores de hoje[4].

Da mesma forma que não teve predecessores em seu método histórico, Tucídides também não teve seguidores com suas qualidades, seja na Grécia, seja no mundo antigo em geral[5]. Mesmo nos tempos modernos, talvez apenas Maquiavel possa comparar-se a Tucídides na profundidade do conhecimento e na exposição realista do comportamento dos homens em geral e dos políticos em particular. Não há certeza quanto a uma eventual influência da obra de Tucídides em Maquiavel; a tradução latina[6] de Lorenzo Valla foi publicada antes da primeira edição de *O Príncipe* e do *Discurso sobre a Primeira Década de Tito Lívio,* mas embora muito se tenha escrito sobre essa possível e provável influência, nada há de concreto quanto à mesma. Seja como for, é patente a afinidade entre os dois autores, e como há também pontos de contato entre as situações em que ambos viveram (as lutas incessantes entre as cidades-estados da Grécia de Tucídides, à semelhança do que acontecia en-

---

[2] Alguns estudiosos sustentam a tese de que se trataria da mesma pessoa.

[3] Veja-se, por exemplo, o livro I, capítulos 21 e 22.

[4] Vejam-se, por exemplo, os livros V, capítulos 85 e seguintes – o Diálogo Mélio, e I, capítulo 20 juntamente com VI, capítulo 54 - a motivação real da ação dos tiranicidas Harmôdios e Aristógiton, reverenciados como heróis.

[5] Xenofonte, que viveu entre 428/ 427 a.C. e 354 a.C., relatou nos livros I e II de suas *Helênicas* a continuação da guerra do Peloponeso a partir de 411 a.C., onde é interrompida a história de Tucídides, até 403 a.C.; Xenofonte leva a sua história dos acontecimentos na Hélade até 362 a.C., com uma lacuna correspondente aos anos 403-401 a.C., complementada por parte de sua *Anábase* quanto às atividades dos helenos na Ásia.

[6] É certo que Maquiavel não conhecia o grego.

tre as da Itália de Maquiavel, o apelo a reis alienígenas para intervirem nas intermináveis e ferozes disputas entre as facções políticas locais, etc.), confirma-se a afirmação de Tucídides na parte final do capítulo 22 do livro I: "... quem quer que deseje ter uma idéia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia *voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em conseqüência de seu conteúdo* humano, julgará a minha História útil ..." [7].

2. *A obra*

A guerra do Peloponeso, cuja história Tucídides escreveu, durou vinte e sete anos (431 a 404 a.C.), e envolveu praticamente todo o mundo helênico e outras regiões mais remotas com as quais a Hélade mantinha relações. A morte impediu o autor de terminar a obra, interrompida no relato do vigésimo primeiro ano da conflagração (411/410 a.C.).

A História se compõe em grandes linhas de cinco partes. A primeira (livro I) é uma alentada introdução, subdividida em um prefácio (capítulos 1 a 23) ilustrativo da importância da guerra do Peloponeso em comparação com as anteriores – a chamada "arqueologia" – e numa exposição do método histórico do autor, além de especulações sobre as causas da guerra com a menção das manobras políticas de ambos os lados, e de algumas digressões destinadas a reforçar a presunção de que o conflito era o resultado inevitável do aumento do poder de Atenas, visto com receios pelos peloponésios em geral e pelos lacedemônios em particular; a segunda (livros II, III, IV e os capítulos 1 a 24 do livro V) corresponde ao segmento da conflagração chamado de "Guerra dos Dez Anos"; a terceira (livro V, do capítulo 25 até o fim) cobre o período da paz precária entre os atenienses e lacedemônios e respectivos aliados; a quarta (livros VI e VII) descreve a guerra na Sicília; finalmente a quinta (livro VIII) cobre parte da chamada "guerra da Decêleia" e o deslocamento das operações para a Ásia Menor.

A intenção de Tucídides, ao escrever a sua *História,* era deixar para a posteridade um "patrimônio sempre útil", não no sentido de jactância pela qualidade da obra, mas como o próprio autor diz na parte inicial do capítulo 22 do livro I, porque, sendo a natureza humana imutável, se determinadas circunstâncias se reproduzirem em épocas diferentes, os fatos se repeti-

[7] Um erudito tradutor e comentador italiano da obra de Tucídides, Amedeo Peyron, estabelece um certo paralelo entre o nosso autor e Maquiavel (páginas 39 e 40 do primeiro volume de sua tradução, Turim, 1861).

rão de maneira idêntica ou semelhante. Daí o empenho do autor em relatá-los tão detalhada e precisamente quanto possível. Inicialmente, portanto, Tucídides planejou sua obra com fins didáticos, como um manual de estratégia e políti-ca. O gênio do autor, todavia, transformou a obra didática em obra de arte.

Tratando-se da história de uma guerra, é natural que o autor tenha dado atenção especial às operações militares; de fato, cerca de metade da obra se compõe de descrições de batalhas navais e terrestres e seus preparativos. Embora as descrições em si mesmas tenham grandes méritos, esta circunstância conduziria inevitavelmente à monotonia se Tucídides, levado por sua inteligência superior e por um sentimento estético invulgar, não houvesse intercalado entre elas numerosos discursos e exortações (quarenta ao todo), além de resumos também numerosos em forma de narrativa, e do extraordinário Diálogo Mélio (livro V, capítulos 85 a 113). O próprio autor[8] se refere ao seu empenho em dar a esta parte de sua obra a maior autenticidade possível, tentando reproduzir com a máxima fidelidade o que teria sido dito pelos políticos e chefes militares em suas manifestações. A importância dos discursos, do Diálogo Mélio e das exortações militares é tanta que por si mesmos eles constituem um dos principais atrativos da *História*. Suas qualidades, principalmente sua força persuasiva, fizeram com que um dos principais estudiosos da eloqüência ática – Friedrich Blass – incluísse Tucídides entre os oradores que estuda em sua obra clássica *Die Attische Beredsamkeit* (páginas 203 a 244 do primeiro volume, segunda edição, Leipzig, 1887), submetendo as várias orações a uma análise modelar.

Talvez com a mesma intenção de quebrar a eventual monotonia da parte narrativa, Tucídides introduziu em sua obra o texto de vários tratados concluídos entre as partes envolvidas ao longo da guerra; outra intenção do autor pode ter sido demonstrar a inutilidade, ou pouca utilidade, dos mesmos, pois apesar deles a guerra se estendeu por vinte e sete anos. Um indício ponderável do uso dessas transcrições (da mesma forma. que dos discursos, do diálogo e das exortações) como recurso contra a monotonia das narrações de batalhas e de seus preparativos, é o fato de as mesmas, de um modo geral, só ocorrerem nos livros onde não há discursos.

[8] Ver o início do capítulo 22 do livro I.

[9] O historiador e crítico literário Dionísio de Halicamassos, que ensinou em Roma a partir de 30 a.C., dedicou duas monografias à obra de Tucídides *(Sobre Tucídides e Carta a Ameus)*, criticando-o às vezes como historiador, mas de um modo geral elogiando-o entusiasticamente como estilista. Na obra *Sobre Tucídides* Dionísio alude aos freqüentes parênteses de nosso autor, que retardam as conclusões por longo tempo. O mesmo crítico resume com muita propriedade

Apesar de certas peculiaridades que às vezes tornam necessária redobrada atenção na leitura de sua obra, como por exemplo o acúmulo de orações subordinadas em longos parágrafos[9], o estilo de Tucídides é perfeitamente adequado às manifestações de seu espírito objetivo e analítico, e ao mesmo tempo às suas preocupações estéticas; a harmonia é completa entre a forma e o fundo; sua arte, como seu pensamento, é austera e vigorosa[10]. O agradável que não instrui não o atrai, ao contrário do que ocorria com seus predecessores e continuou a ser praticado por seus sucessores[11]. Sua imaginação, embora altamente desenvolvida, é rigorosamente governada pela razão, pela busca do útil e do verdadeiro. Apesar disto, Tucídides possui e, quando as situações justificam, revela repetida e magistralmente o dom do patético em seu mais alto grau (por exemplo, no relato da peste em Atenas, no livro I, e na tragicidade da narração da campanha dos atenienses na Sicília, que Macaulay considera uma obra-prima superior a tudo que a prosa produziu de mais perfeito em qualquer língua[12]. O cuidado estilístico de Tucídides, todavia, não o impede de ir até a incorreção gramatical quando se trata de ser expressivo e preciso.

Há certas facetas do estilo de nosso autor que procuramos conservar na tradução: uma é a repetição a intervalos curtos da mesma palavra, quando ele quer dar ênfase a uma idéia ou procura evitar ambigüidades; outra é o uso reiterado de afirmações sob a forma negativa (por exemplo, em vez de dizer que algo é grande, usa a expressão "nada tinha de pequeno", ou "não era pequeno"), e assim por diante; finalmente, o uso, e às vezes até o abuso, de antíteses, de assonâncias e de outros recursos estilísticos muito ao gosto dos sofistas de sua época, sobretudo de Górgias.

3. *A TRADUÇÃO*

Serviu de base à nossa tradução o texto da edição de C. Hude, *editiominor*

---

as qualidades mais marcantes do estilo de Tucídides: concisão monolítica, pungência austera, veemência, capacidade de inquietar e comover, e sobretudo um profundo comando do patético (§ 24, página 362 do primeiro volume da edição de Usener-Radermacher, Leipzig, 1899).

[10] O mesmo Dionísio enumera os quatro "instrumentos" usados mais freqüentemente por nosso autor para dar a seu estilo a excelência sempre louvada: 1) vocabulário invulgar; 2) grande variedade de figuras; 3) austeridade da harmonia das frases; 4) velocidade do pensamento (§ 24 da mesma obra, página 363 da edição citada).

[11] Alfred Croiset, na introdução à sua edição comentada do texto dos dois primeiros livros da *História,* lembra que os gramáticos antigos diziam de Tucídides que "o leão raramente consentia em sorrir" (página 92 da primeira edição, Paris, 1886).

[12] *Life of Lord Macaulay,* volume 1, página 499. O mesmo Macaulay diz de Tucídides: "He is the greatest historian that ever lived" (citado por C. F. Smith na introdução à sua edição da História, página XVI).

em dois volumes, Leipzig, 1905. Recorremos também com freqüência às edições de H. S. Jones (dois volumes, Oxford, 1942), além da preciosa edição comentada dos livros I e II por Alfred Croiset (Paris, 1886). Consultamos também, nas passagens mais obscuras do texto, as traduções de E. A. Bétant (quinta edição, Paris, 1886), de Jacquel ne de Romilly Raymond Weil e Louis Bodin (Paris, 1963-1972, seis volumes), de Amedeo Peyron (Turim, 1861), de C. F. Smith (Londres, 1928, quatro volumes) e de Richard Crawley (Londres, 1886). Para os topônimos e detalhes geográficos em geral, deverá ser consultado o índice, que procuramos tornar o mais completo possível, inclusive com a inclusão dos antropônimos.

Somente uma profunda admiração pela obra de Tucídides nos levaria a tentar traduzi-la. As dificuldades decorrentes do empenho em conciliar a máxima fidelidade ao original com um mínimo de clareza, foram realmente consideráveis. Poderíamos dizer como o filósofo inglês Thomas Hobbes, um dos mais insignes tradutores e grande admirador de Tucídides, que o esforço foi bem maior que o resultado, pois nos pareceu mais importante ser fiel que agradável, seguindo os próprios princípios do autor. A *História* de Tucídides não é uma obra fácil[13]; deve ser não somente lida mas também meditada para uma fruição completa, em sintonia com o espírito e a intenção do autor. A recompensa do leitor será a realização do desejo de Tucídides, de que sua obra constitua um patrimônio sempre útil nas mãos e na mente de quem souber usá-la.

M. G. K.
Rio de Janeiro, julho de 1981.

[13] K.O. Müller, autor de uma das mais conhecidas histórias da literatura grega (citado por Alfred Croiset na página 122 da obra já mencionada), diz do original que às vezes as longas frases de Tucídides são obscuras, e para bem apreender o seu conteúdo em todos os detalhes, para discernir a conexão de todas as idéias, deve-se lê-las duas vezes. Se esta observação judiciosa se aplica ao original, com dupla razão é pertinente quanto à tradução.

LIVRO PRIMEIRO

1. O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos; além disto, observava os demais helenos aderindo a um lado ou ao outro, uns imediatamente, os restantes pensando em fazê-lo. Com efeito, tratava-se do maior movimento jamais realizado pelos helenos, estendendo-se também a alguns povos bárbaros – a bem dizer à maior parte da humanidade. Na verdade, quanto aos eventos anteriores e principalmente aos mais antigos, seria impossível obter informações claras devido ao lapso de tempo; todavia, da evidência que considero confiável recuando as minhas investigações o máximo possível, penso que eles não foram realmente grandes, seja quanto às guerras mesmas, seja quanto a outros aspectos.

2. É óbvio que a região agora chamada Hélade não era povoada estavelmente desde a mais alta antigüidade; migrações haviam sido freqüentes nos primeiros tempos, cada povo deixando facilmente suas terras sempre que forçado por ataques de qualquer tribo mais numerosa. Não havia, com efeito, movimento comercial e os povos não se aproximavam uns dos outros sem medo, seja por terra, seja por mar; cada povo arava sua própria terra apenas o bastante para obter dela os meios de sobrevivência, não tendo recursos excedentes e não plantando para o futuro, pois a perspectiva de saque por algum invasor, especialmente por não haver ainda muralhas, gerava incerteza. Assim, acreditando que poderiam obter em qualquer parte o sustento para as suas necessidades diárias, os povos achavam fácil mudar de paragem e por isto não eram fortes, quer quanto ao tamanho de suas cidades, quer quanto a recursos em geral. E sempre as melhores terras eram mais sujeitas a tais mudanças de habitantes – as regiões atualmente chamadas Tessália e Beócia, a maior parte do Peloponeso exceto a Arcádia, e as áreas mais férteis do resto da Hélade. Os recursos mais consideráveis que se acumularam em algumas regiões em decorrência da fertilidade de suas terras ocasionaram divergências internas que as arruinaram, e ao mesmo tempo as tornaram mais expostas à cobiça de tribos alienígenas. A Ática, sem dúvida, esteve livre de disputas locais, graças à aridez de seu solo, e portanto foi habitada sempre pela mesma gente desde épocas remotas. Um exemplo



O MUNDO GREGO

suficientemente abonador de minhas palavras é o fato de outras partes da Hélade não terem prosperado de modo comparável à Ática, exatamente por causa de tais migrações; também os homens mais influentes de outras regiões da Hélade, quando expulsos de suas cidades em decorrência de guerra ou sedição, refugiavam-se em Atenas, comunidade firmemente estabelecida, e, adotando a cidadania ateniense, desde os tempos mais recuados fizeram a cidade cada vez maior em termos de habitantes; tanto foi assim que a Ática se tornou insuficiente para abrigá-los e, portanto, muitos tiveram eventualmente de ser mandados de lá para colônias até na Iônia.

3. A fraqueza característica dos tempos antigos em minha opinião se evidencia também pela circunstância de que, antes da guerra de Tróia, a Hélade presumivelmente não se engajou em qualquer iniciativa conjunta. De fato, parece-me que como um todo ela ainda não tinha sequer este nome, mas antes da época em que viveu Hélen, filho de Deucalíon, tal denominação nem existia, e as diversas tribos, principalmente a pelásgica, davam seus próprios nomes às várias regiões; quando, porém, Hélen e seus filhos se tornaram poderosos na Ftiótida e foram chamados a ajudar outras cidades, aqueles povos daí em diante passaram mais freqüentemente a ser chamados helenos, por causa de suas ligações, embora muito tempo tenha passado antes de a designação prevalecer para todos eles. A melhor evidência disto é Homero. Com efeito, apesar de ter vivido muito tempo depois da guerra de Tróia, ele em parte alguma de suas obras usa tal denominação para todos, ou mesmo para qualquer deles, exceto para os comandados de Aquiles da Ftiótida, que foram de fato os primeiros helenos; em seus poemas ele chama os demais de dânaos, argivos e aqueus. E tampouco usou o termo "bárbaros", em minha opinião porque os helenos, de sua parte, ainda não se haviam agrupado distintamente a ponto de adquirir uma designação única em nítido contraste com aquela. Seja como for, os povos que então receberam o nome de helenos, primeiro cidade por cidade, quando havia comunidade de língua, e depois como um conjunto, nada empreenderam incorporadamente antes da guerra de Tróia, por causa de sua fraqueza e falta de contatos. Mesmo para aquela expedição, eles se reuniram somente quando já estavam praticando com desenvoltura a navegação marítima.

4. Minos foi o mais antigo de todos os personagens tradicionalmente conhecidos a ter uma frota e a conquistar grande parte do hoje chamado Mar Helênico, tornando-se o senhor das ilhas Cícladas e primeiro coloniza-

dor da maior parte delas, expulsando os cários[1] e estabelecendo nelas os seus próprios filhos como governantes. Ele também tentou, numa seqüência natural, livrar os mares tanto quanto possível da pirataria, para receber com maior segurança os tributos que lhe eram devidos.

5. Com efeito, os helenos de antigamente, bem como os bárbaros estabelecidos no litoral do continente ou nas ilhas, ao intensificarem com suas naus as relações marítimas passaram a praticar a pirataria, comandados por homens aos quais não faltava o poder, mas desejosos de obter ganhos pessoais e sustentar seus sequazes mais fracos. Atacando cidades desprovidas de muralhas e constituídas, de fato, de um agrupamento de povoados, eles as pilhavam, obtendo assim a maior parte de seus recursos, pois aquela atividade ainda não era considerada desabonadora, e até proporcionava um renome de certo modo lisonjeiro. Prova disto é a atitude, mesmo nos dias atuais, de alguns povos do continente, que ainda consideram honroso ser bem-sucedidos em tais aventuras, bem como as palavras dos poetas mais antigos, que invariavelmente indagavam de todos que desembarcavam de suas naus se eram piratas[2], de onde se infere que nem aqueles aos quais era feita a pergunta repudiavam a atividade, nem aqueles que pediam a informação assumiam atitude de censura. Também no continente aqueles homens se saqueavam mutuamente e até hoje em muitas partes da Hélade isto ainda ocorre, como por exemplo na região dos lócrios ozólios, dos etólios e dos acarnânios e nas terras continentais vizinhas. Aliás, o costume daqueles povos continentais de portar armas é uma sobrevivência de seus antigos hábitos de pilhagem.

6. Na realidade, todos os helenos costumavam portar armas, porque os lugares onde viviam não eram protegidos e os contatos entre eles eram arriscados; por isto em sua vida cotidiana eles normalmente andavam armados, tal como ainda fazem os bárbaros. O fato de algumas regiões da Hélade ainda manterem esse hábito prova que, em certa época, modos de vida semelhantes prevaleciam por toda parte. Os atenienses, todavia, estavam entre os primeiros a desfazer-se de suas armas e, adotando um modo de vida mais ameno, mudaram para uma existência mais refinada. De fato, não faz muito tempo que os homens mais idosos nas classes privilegiadas,

[1] Habitantes da Cária, ao sul da Iônia na Ásia Menor (para os topônimos, gentílicos e nomes próprios em geral, veja-se o índice).
[2] Homero, *Odisséia,* canto III, verso 73 e canto IX, verso 252.

na fase de transição para a vida mais agradável, deixaram de usar túnicas de linho rústico e abandonaram o uso de prender os cabelos em um nó seguro por um broche de ouro com o formato de um gafanhoto; este mesmo modo de trajar-se prevaleceu durante muito tempo entre os iônios mais idosos, devido ao seu parentesco com os atenienses. Roupas mais simples, como as usadas atualmente, foram adotadas primeiro pelos lacedemônios, e em geral os homens mais ricos entre eles evoluíram para um estilo de vida que os aproximou do povo mais que em outras regiões. Os lacedemônios foram também os primeiros a despir-se e, após tirar a roupa em público, untar-se com óleo quando iam participar de exercícios físicos, pois em épocas mais remotas, mesmo durante os jogos Olímpicos, os atletas usavam panos enrolados em forma de cintos em volta dos quadris nas competições, e não faz muitos anos que esta prática cessou. Ainda hoje entre alguns bárbaros (especialmente na Ásia, onde há prêmios para a luta e o pugilismo), os competidores usam esses panos nos quadris. É possível demonstrar que os helenos antigos tinham muitos outros costumes semelhantes aos dos bárbaros atuais.

7. As cidades fundadas mais recentemente, quando a navegação afinal tornou-se mais segura, e que estavam conseqüentemente começando a ter recursos excedentes, foram construídas no litoral e nos istmos[3] ocupados e isolados por muralhas, com vistas ao comércio e à proteção dos habitantes contra seus vizinhos.

As cidades mais antigas, todavia, tanto nas ilhas quanto no continente, haviam sido construídas a maior distância do mar por causa da pirataria que predominou por longo tempo, pois os piratas não somente pilhavam-se uns aos outros, mas também os habitantes do litoral, mesmo os que não viajavam por mar e até hoje permanecem no interior.

8. Os habitantes das ilhas eram ainda mais inclinados à pirataria. Entre eles se incluíam os cários e os fenícios, pois os primeiros habitavam a maior parte das ilhas, como se pode deduzir do fato de, quando Delos foi purificada pelos atenienses nesta guerra [4] e os túmulos de todos os que haviam morrido na ilha foram removidos, ter-se verificado que mais da metade era de cários,

[3] As cidades fortificadas, como Epídauros (livro I, capítulo 26) e Potidéia (IV, 120), eram geralmente construídas em penínsulas; os istmos que as ligavam ao continente eram cortados por muralhas, para protegê-las contra ataques de forças terrestres.

[4] No sexto ano da guerra (420 a.C.); veja-se o livro III, capítulo 104.

o que foi reconhecido pelo tipo de armadura achada juntamente com os restos mortais, e pela maneira peculiar de sepultamento, ainda em uso entre eles.

Quando, porém, a frota de Minos foi constituída, a navegação entre os vários povos tornou-se mais segura, pois os malfeitores das ilhas foram expulsos por ele, que então colonizou a maioria delas, e os habitantes do litoral passaram a adquirir bens mais do que antes e a sentir-se mais presos aos seus lares; alguns até, percebendo que se estavam tomando mais ricos, puseram-se a levantar muralhas em torno de suas cidades. Sua vida mais estável se devia ao desejo de ganhar mais. Influenciados por isto, os habitantes mais fracos se mostraram inclinados a submeter-se à dependência dos mais fortes, e os mais poderosos, com seus recursos aumentados, foram capazes de levar as cidades menores à sujeição, e mais tarde, quando essas condições ficaram completamente consolidadas, empreenderam a expedição contra Tróia.

9. E foi – penso eu – porque Agamêmnon[5] conquistou poder superior ao dos outros, que pôde reunir sua frota, e não tanto porque os pretendentes a Helena, levados por ele, estivessem presos por juramento a Tindáreos[6]. Além disso, dizem também os peloponésios que preservaram os relatos tradicionais mais claros, ouvidos dos homens de épocas anteriores, que foi graças à grande riqueza trazida da Ásia para o meio de um povo pobre que Pélops[7] adquiriu primeiro o poder e, conseqüentemente, apesar de ser estrangeiro, deu o seu nome à região[8] e fez também com que seus descendentes colhessem benefícios ainda maiores. Com efeito, quando Euristeus iniciou a expedição da qual resultou sua morte na Ática nas mãos dos heráclidas[9], Atreus, irmão de sua mãe, que havia sido banido por seu pai por haver assassinado Crísipos, recebeu provisoriamente de Euristeus a cidade de Micenas e a soberania, na qualidade de consangüíneo; e como Euristeus não regressou, Atreus, de conformidade com o desejo dos micênios, temerosos dos heráclidas e considerando-o um homem poderoso, que conquistara as simpatias da maioria, recebeu em definitivo a soberania sobre os micênios e

[5] Rei de Argos ao tempo da guerra de Tróia e comandante dos gregos na mesma guerra.
[6] Tindáreos era pai de Helena. Segundo as tradições pós-homéricas, todos os que a cortejavam se comprometeram a defender o pretendente por ela escolhido contra quaisquer desafetos.
[7] Avô de Agamêmnon.
[8] O Peloponeso.
[9] Os descendentes de Héracles; Atreus era filho de Pélops e pai de Agamêmnon; Crísipos era irmão de Atreus por parte de pai.

todos os que estavam sujeitos ao poder de Euristeus. Desta forma a casa de Pélops tornou-se mais importante que a de Perseus[10]. Segundo me parece, foi o fato de Agamêmnon ter herdado tudo isso, e haver-se tornado ao mesmo tempo mais forte em poder naval que os outros, que lhe permitiu reunir forças armadas tão numerosas, não tanto pelo favor da maioria, mas por temor, e realizar a expedição. É claro que ele contribuiu com o maior número de naus, e possuía outras para oferecer aos arcádios[11], como afirma Homero, se o seu testemunho basta a qualquer um. Ele diz, na narração da entrega do cetro[12], que Agamêmnon "reinava sobre muitas ilhas e Argos toda". Ora: se ele não tivesse uma frota de certa importância, não teria podido, já que vivia no continente, ser o senhor de quaisquer ilhas, exceto as costeiras, e estas não seriam "muitas". É por essa expedição que temos de conjecturar qual era a situação anterior a ela.

10. Por ser Micenas um lugar pequeno, ou porque qualquer cidade daquele tempo isoladamente parece agora insignificante, não seria correto de minha parte considerar estas circunstâncias uma evidência precisa e recusar-me a crer que a expedição contra Tróia tenha sido tão grande quanto os poetas afirmaram e a tradição ainda repete. Com efeito, se a cidade dos lacedemônios se tornasse deserta e nada restasse dela senão seus templos e as fundações dos outros edifícios, penso que a posteridade, após um longo período de tempo, custaria a crer que seu poder fosse tão grande quanto a sua fama. E eles, todavia, ocupam dois quintos do Peloponeso e exercem a hegemonia sobre todo ele, bem como sobre muitos de seus aliados em outras regiões; isso não obstante, como Esparta não é compactamente edificada à semelhança de uma cidade, e não foi dotada de custosos templos e outras construções (ela é habitada à maneira dos povoados no antigo estilo helênico), seu poder pareceria menor que o real. Em contraste, se Atenas tivesse o mesmo destino, penso que seu poder, a julgar pela aparência das ruínas da cidade, pareceria duas vezes maior do que efetivamente é. O razoável, portanto, não é ser incrédulo ou levar em conta a aparência das cidades ao invés de seu poder, mas crer que a expedição a Tróia haja sido maior que qualquer das anteriores, apesar de menor que as do presente, se aqui novamente se pode dar crédito à poesia de Homero. Com efeito, sendo natural supor que

[10] Perseus renunciou ao trono de Argos e fundou Micenas, que se tornou a sede do reino de Argos antes da assunção dos atridas (descendentes de Atreus) ao poder.
[11] Homero, *Ilíada*, II, 576 e 612.
[12] Veja-se Homero, *Ilíada*, II, 101-109.

ele, como poeta, tenha adornado e amplificado a expedição, é evidente que ela foi comparativamente pequena. Na frota de mil e duzentas naus ele apresentou as da Beócia como sendo tripuladas por cento e vinte homens cada, e as de Filoctetes por cinqüenta[13] indicando, creio eu, a maior e a menor das naus; de qualquer modo, nenhuma outra menção é feita ao tamanho de quaisquer outras na enumeração das mesmas. Mas que todos a bordo eram cumulativamente remadores e combatentes ele mencionou no caso das naus de Filoctetes, pois apresentou todos os remadores como archeiros. E não é verossímil que muitos outros homens tenham embarcado com a expedição, salvo os reis e altos dignitários, especialmente se considerarmos que ela tinha de cruzar o alto-mar com todo o equipamento de guerra e, além disto, era constituída de naus sem tombadilho, construídas à maneira antiga, mais parecidas com as dos piratas. Seja como for, levando-se em conta a média entre as naus maiores e as menores, é claro que os homens embarcados não eram muito numerosos, tendo-se em vista que a expedição fora enviada conjuntamente por toda a Hélade.

11. A causa disto não foi a falta de homens, mas de dinheiro; a carência de recursos os compeliu a levar uma força comparativamente pequena, limitada ao que esperavam poder sustentar no campo de batalha; com efeito, quando chegaram e foram vitoriosos nos primeiros combates (como evidentemente aconteceu, pois se assim não fosse não teriam podido construir muralhas defensivas em volta de seu campo), ainda assim não parecem ter usado todas as suas forças, já que tiveram de recorrer a atividades agrícolas no Quersonesos e à pilhagem, premidos pela falta de suprimentos. Em conseqüência, devido ao fato de eles estarem dispersos os troianos puderam fazer-lhes frente durante aqueles dez anos, pois suas forças se equilibravam com as que, assim reduzidas periodicamente, permaneciam no local da guerra. Se os helenos houvessem trazido um suprimento abundante de víveres e, todos juntos, sem ter de cuidar do abastecimento e da agricultura, houvessem guerreado continuamente, teriam facilmente levado a melhor nas batalhas e tomado a cidade antes, já que mesmo com suas forças divididas, com apenas a parte que periodicamente se revezava no local, eles sustentaram as posições; se se houvessem instalado devidamente e mantivessem constante o cerco a Tróia, tê-la-iam capturado em menos tempo e com menor dificuldade. Por falta de dinheiro, todavia, não somente as ações antes da guerra

[13] Homero, *Ilíada*, II, 510 e 719.

de Tróia foram insignificantes mas também a própria expedição, embora muito mais notável que qualquer outra anterior, foi, como os fatos demonstram, inferior à sua fama e à repercussão que até hoje, graças à influência dos poetas, tem continuidade.

12. Na realidade, mesmo após a guerra de Tróia a Hélade ainda enfrentava problemas de migrações e fixação, que a impediam de progredir em calma. Não foi só o retorno dos helenos de Tróia, tão demorado, a causa de muitas mudanças. Também começaram a surgir dissidências generalizadas nas cidades e, conseqüentemente, habitantes de muitas delas foram exilados e fundaram novas cidades. Os atuais beócios, por exemplo, foram expulsos de Arne pelos tessálios sessenta anos após a captura de Ílion[14] e se fixaram na região agora chamada Beócia, mas anteriormente Cadmeis; somente um pequeno número deles habitava aquela terra antes, e de lá saíram os poucos participantes na expedição contra Ílion. Os dórios[15], também, ocuparam o Peloponeso oitenta anos após a guerra, juntamente com os heráclidas. Dessa forma, quando penosamente e após um longo lapso de tempo a Hélade se tornou estavelmente tranqüila e a sua população já não estava sujeita à expulsão de suas terras, começaram a ser fundadas colônias. Os atenienses colonizaram a Iônia e a maior parte das ilhas; os peloponésios, a maior parte da Itália e da Sicília, além de algumas regiões do resto da Hélade; todas estas colônias foram fundadas após a guerra de Tróia.

13. À proporção que a Hélade se ia tornando mais forte e adquiria riquezas ainda maiores que as de antes, simultaneamente com o aumento da coleta de tributos começaram a estabelecer-se tiranias em muitas cidades, onde anteriormente havia monarquias hereditárias baseadas em prerrogativas predeterminadas. Os helenos começaram também a constituir frotas, para dedicar-se mais a atividades marítimas (diz-se que os coríntios foram os primeiros a adotar o que é aproximadamente a prática atual a respeito de naus e navegação, e Corinto foi o primeiro lugar em toda a Hélade onde foram construídas trirremes). Parece que Amínocles, um construtor naval coríntio, fez quatro naus para os sâmios trezentos anos antes do fim da presente guerra, época em que foi para Samos[16]. A mais antiga batalha naval

[14] Ílion era a cidadela de Tróia.
[15] Um dos ramos da raça helênica, originário do norte da Grécia atual, que invadiu o sul entre 1100 e 1000 a.C., deslocando principalmente os micênios.
[16] Em 704 a.C.

de que temos notícia foi travada entre os coríntios e os corcireus, e isto aconteceu duzentos e sessenta anos antes da mesma data. Como os coríntios tinham a sua cidade no istmo, desde os tempos mais remotos eles mantinham ali um entreposto para a troca de mercadorias, porque os helenos de dentro e de fora do Peloponeso, que antigamente se comunicavam mais por terra que por mar, tinham de atravessar o território coríntio; por isto eles eram poderosos e ricos, como demonstram os poetas antigos, que chamavam a região de "opulenta"[17]. Quando a navegação se tornou mais intensa entre os helenos, os coríntios, usando a sua frota, moveram guerra à pirataria e, oferecendo um mercado marítimo tão importante quanto o terrestre, tornaram a sua cidade extremamente poderosa graças aos lucros que obtinham. Também os iônios constituíram mais tarde uma poderosa frota, no tempo de Ciros[18] primeiro rei dos persas, e Cambises, seu filho; guerreando contra Ciros eles mantiveram o controle do mar em torno de seu litoral durante algum tempo. Polícrates, também, o tirano de Samos no tempo de Cambises[19], foi forte em poder naval e dominou certo número de ilhas, entre as quais Rêneia, que capturou e consagrou a Apolo Délio[20]. Finalmente os foceus, quando colonizaram Massália[21], venceram os cartagineses em uma batalha naval.

14. Estas eram as frotas mais poderosas; elas mesmas, apesar de constituídas muitas gerações após a guerra de Tróia, eram dotadas de apenas umas poucas trirremes, sendo compostas basicamente de naus de cinqüenta remos e embarcações longas, como as frotas mais antigas. De fato, foi somente pouco antes da guerra com a Pérsia e da morte de Darios[22], rei dos persas após Cambises, que as trirremes passaram a ser usadas em grande número, notadamente pelos tiranos em várias partes da Sicília. Estas foram as últimas frotas dignas de menção constituídas na Hélade antes da expedição de Xerxes. Quanto aos atenienses, eginetas e demais potências marítimas, as frotas por eles organizadas eram pouco numerosas, consistindo principalmente em naus de cinqüenta remos; só em época bem recente Temístocles convenceu os atenienses, quando estavam em guerra com os eginetas e na

[17] Vejam-se Homero, *Ilíada*, II, 570, e Píndaro, *Olímpicas*, XIII, 4.
[18] 559-529 a.C.
[19] 532-522 a.C.
[20] Délio (da ilha de Delos) era um dos epítetos de Apolo. Veja-se o livro III, capítulo 104.
[21] A Marselha atual, fundada em 600 a.C.
[22] Em 485 a.C.

expectativa da vinda dos bárbaros[23], a constituir sua frota, com a qual deveriam engajar-se em combate (mesmo essas naus ainda não eram dotadas de tombadilhos em toda a sua extensão).

15. Assim eram as frotas dos helenos, tanto as antigas quanto as recentes, e aqueles que se empenharam em constituí-las adquiriram um poder considerável, seja pelas rendas obtidas graças a elas, seja pelo domínio sobre outros povos. Os que assim agiram – especialmente os povos cujos territórios eram insuficientes – realizaram expedições contra as ilhas e as subjugaram. Por terra, todavia, não houve guerras por meio das quais aumentos consideráveis de poder fossem obtidos; ao contrário, todas as que ocorreram foram guerras de fronteiras entre vizinhos; expedições ao estrangeiro, longe de seus próprios territórios para dominação de outros, não foram empreendidas pelos helenos. Com efeito, eles não se haviam ainda agrupado, como tributários, em tomo de cidades principais, e tampouco faziam expedições conjuntas em pé de igualdade; era mais uns contra os outros e separadamente que os povos vizinhos guerreavam. Foi principalmente na guerra havida há muito tempo entre os calcídios e eretrianos[23a] a que todos os demais helenos se agruparam, dividindo-se, como aliados, entre os dois lados.

16. Os diversos povos, todavia, em lugares diferentes, defrontavam-se com obstáculos à continuidade de seu crescimento; por exemplo, depois de os iônios haverem atingido grande prosperidade, Ciros e o império persa, após submeterem Cresos[24] e todo o território entre o rio Hális[25] e o mar, empreenderam a guerra contra eles e reduziram ao cativeiro as cidades no continente, e mais tarde Darios, com o reforço da frota fenícia, escravizou também as ilhas[26].

17. Além disto, os tiranos usurpadores do poder em cidades helênicas, preocupados apenas com seus próprios interesses tanto em relação à imunidade de suas pessoas quanto à prosperidade de suas famílias, na medida do possível fizeram da segurança pessoal o seu principal objetivo na adminis-

[23] Tucídides refere-se à expedição de Xerxes; veja-se o livro I, capítulo 41, para a guerra com Egina.
[23a] No século VII (ou VIII) a.C. Veja-se Heródoto, *Histórias,* livro V, capítulo 99.
[24] Em 546 a.C.
[25] Hoje o Kizil-ermak, na atual Turquia.
[26] Em 493 a. C.

tração das cidades, de tal forma que nenhum empreendimento digno de menção foi realizado por eles, exceto, talvez, por algum isoladamente em conflito com seus vizinhos. Assim, por toda a parte a Hélade foi impedida durante muito tempo de realizar em comum qualquer iniciativa notável, e suas várias cidades careciam de ousadia atuando separadamente.

18. Finalmente os tiranos, não somente de Atenas, mas também do resto da Hélade (dominados por eles desde épocas mais antigas que Atenas), foram depostos pelos lacedemônios – a maioria deles e os últimos ainda no poder, exceto os da Sicília. Embora a Lacedemônia, após a fixação em seu território dos dórios que a habitam agora, tivesse vivido em estado de sedição pelo período mais longo de todos os lugares que conhecemos, mesmo assim conseguira boas leis antes de qualquer outra região e sempre esteve livre de tiranos. Efetivamente, o período durante o qual os lacedemônios desfrutaram da mesma constituição cobre cerca de quatrocentos anos, ou um pouco mais, a contar retroativamente do fim da guerra[27]. Por esta razão tornaram-se poderosos e passaram também a resolver as pendências entre outras regiões. Não muitos anos após a deposição dos tiranos na Hélade pelos lacedemônios travou-se a batalha de Maratona[28] entre os atenienses e os persas, e dez anos após o Bárbaro[29] voltou à Hélade com suas hostes enormes para tentar escravizá-la. Em face do grande perigo iminente os lacedemônios, por serem os mais poderosos, assumiram o comando dos helenos reunidos para a guerra; os atenienses, quando os persas chegaram, decidiram abandonar a sua cidade e, levando os seus pertences, embarcaram em suas naus, tornando-se assim marinheiros. O Bárbaro foi repelido pelo esforço comum, mas não muito tempo depois os outros helenos, tanto os que se haviam revoltado contra o Rei quanto os que se juntaram à primeira coligação contra ele, dispersaram-se e se aliaram, uns com os atenienses, outros com os lacedemônios, pois estes povos se mostraram os mais poderosos, um, forte em terra, e o outro nos mares. A aliança defensiva durou pouco tempo; os lacedemônios e os atenienses se desentenderam pouco depois e, com seus respectivos aliados, passaram a hostilizar-se mutuamente, e quaisquer outros helenos que se desavinham daí em diante se bandeavam para um dos dois lados. Sendo assim, desde a invasão persa até a presente guerra, ora negociando a paz, ora lutando entre eles ou contra

[27] Sendo assim, a legislação de Licurgo, à qual se refere Tucídides, dataria de 804 a.C.
[28] Em 490 a.C.
[29] Denominação genérica para os persas, personificados por seu rei.

seus aliados revoltados, os dois povos se preparavam continuamente e da melhor maneira para a guerra e se tornaram mais experientes, exercitando-se em meio a perigos reais.

19. Os lacedemônios mantiveram sua hegemonia sem transformar os aliados em tributários, mas cuidando de que estes tivessem uma forma oligárquica de governo, de conformidade com o interesse exclusivo de Esparta; os atenienses, por seu turno, fizeram com que as cidades aliadas paulatinamente lhes entregassem as suas naus, à exceção de Quios e Lesbos, e impuseram a todos um tributo em dinheiro. Desta forma os recursos próprios dos atenienses disponíveis para a guerra tornaram-se maiores que os dos lacedemônios e seus aliados ao tempo em que a aliança anterior estava intacta e forte.

20. Segundo as minhas pesquisas, foram assim os tempos passados, embora seja difícil dar crédito a todos os testemunhos nesta matéria. Os homens, na verdade, aceitam uns dos outros relatos de segunda mão dos eventos passados, negligenciando pô-los à prova, ainda que tais eventos se relacionem com sua própria terra. Muitos atenienses, por exemplo, pensam que Hípárcos era tirano quando foi morto por Harmôdios e Aristógiton[30]. Eles não sabem que era Hípias quem governava, sendo o filho mais velho de Pisístratos, e que Hípárcos e Téssalos eram apenas seus irmãos; aconteceu que Harmôdios e Aristógiton, suspeitando, no mesmo dia e no exato momento de executarem o plano, de que uma denúncia havia sido levada a Hípias por um dos cúmplices deles, recuaram diante do mesmo supondo-o prevenido; desejando, porém, fazer algo antes de serem detidos e correr todos os riscos, lançaram-se contra Hípárcos, que então encabeçava a procissão Panatenaica perto do santuário chamado Leucórion, e o mataram. Há muitos outros fatos, também, pertencentes ao presente e cuja lembrança não foi embotada pelo tempo, a respeito dos quais os outros helenos mantêm igualmente opiniões errôneas (por exemplo, que entre os lacedemônios os reis têm direito a dois votos, e que há uma companhia chamada Pitana em seu exército, coisas que jamais existiram). A tal ponto chega a aversão de certos homens pela pesquisa meticulosa da verdade, e tão grande é a predisposição para valer- se apenas do que está ao alcance da mão![31]

[30] Sobre este episódio, vejam-se o próprio Tucídides, capítulos 54 e 56-58 do livro VI, Heródoto, livro V, capítulo 55 e livro VI, 123, e Aristóteles, *Constituição* de Atenas, 17 e seguintes.
[31] Alguns estudiosos vêem neste trecho uma alusão ao livro VI, capítulo 57, e livro III, 55 das *Histórias* de Heródoto.

21. À luz da evidência apresentada até agora, todavia, ninguém erraria se mantivesse o ponto de vista de que os fatos na antigüidade foram muito próximos de como os descrevi, não dando muito crédito, de um lado, às versões que os poetas cantaram, adornando e amplificando os seus temas, e de outro considerando que os logógrafos[32] compuseram as suas obras mais com a intenção de agradar aos ouvidos que de dizer a verdade[33] uma vez que suas estórias não podem ser verificadas, e eles em sua maioria enveredaram, com o passar do tempo, para a região da fábula, perdendo, assim, a credibilidade. Deve-se olhar os fatos como estabelecidos com precisão suficiente, à base de informações mais nítidas, embora considerando que ocorreram em épocas mais remotas. Assim, apesar de os homens estarem sempre inclinados, enquanto engajados numa determinada guerra, a julgá-la a maior, e depois que ela termina voltarem a admirar mais os acontecimentos anteriores, ficará provado, para quem julga por fatos reais, que a presente guerra terá sido mais importante que qualquer outra ocorrida no passado.

22. Quanto aos discursos pronunciados por diversas personalidades quando estavam prestes a desencadear a guerra ou quando já estavam engajados nela, foi difícil recordar com precisão rigorosa os que eu mesmo ouvi ou os que me foram transmitidos por várias fontes. Tais discursos, portanto, são reproduzidos com as palavras que, no meu entendimento, os diferentes oradores deveriam ter usado, considerando os respectivos assuntos e os sentimentos mais pertinentes à ocasião em que foram pronunciados, embora ao mesmo tempo eu tenha aderido tão estritamente quanto possível ao sentido geral do que havia sido dito. Quanto aos fatos da guerra, considerei meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória. Pode acontecer que a ausência do fabuloso em minha narrativa pareça menos agradável ao ouvido, mas quem quer que deseje ter uma

[32] Os historiadores mais antigos eram chamados logógrafos; a partir de Tucídides a palavra adquiriu uma conotação pejorativa.
[33] Nova alusão a Heródoto, segundo alguns estudiosos.

idéia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em conseqüência de seu conteúdo humano, julgará a minha história útil e isto me bastará. Na verdade, ela foi feita para ser um patrimônio sempre útil, e não uma composição a ser ouvida apenas no momento da competição por algum prêmio.

23. O acontecimento mais importante dos tempos passados foi a guerra com os persas, e todavia ela foi prontamente decidida em dois combates navais[34] e duas batalhas terrestres[35]. Mas a guerra do Peloponeso estendeu-se por longo tempo, e no seu curso a Hélade sofreu desastres como jamais houvera num lapso de tempo comparável. Nunca tantas cidades foram capturadas e devastadas, algumas pelos bárbaros[36] outras pelos próprios helenos combatendo uns contra os outros, enquanto algumas, após a captura, sofreram uma mudança total de habitantes[37]. Nunca tanta gente foi exilada ou massacrada, quer no curso da própria guerra, quer em conseqüência de dissensões civis. Assim, as estórias dos tempos anteriores, transmitidas por tradição oral, mas muito raramente confirmadas pelos fatos, deixaram de ser incríveis; as referentes a terremotos, por exemplo, pois eles ocorreram em extensas regiões do mundo e foram também de grande violência; eclipses do sol, que ocorreram a intervalos mais freqüentes do que os mencionados para todo o tempo passado; grandes secas, também, em algumas regiões, com a seqüela da fome; finalmente – o desastre que causou mais infortúnios à Hélade e destruiu uma considerável parcela de sua população – a peste epidêmica. Todos esses desastres, na verdade, ocorreram simultaneamente com a guerra, e ela começou quando os atenienses e peloponésios romperam a trégua de trinta anos[38], concluída entre eles após a captura da Eubéia. As razões pelas quais eles a romperam e os fundamentos de sua disputa eu exporei primeiro, para que ninguém jamais tenha de indagar como os helenos chegaram a envolver-se em uma guerra tão grande. A explicação mais verídica, apesar de menos freqüentemente alegada, é, em minha opinião, que os atenienses estavam tornando-se muito poderosos, e isto inquietava os lacedemônios, compelindo-os a recorrerem à guerra. As razões publica-

[34] Artemísion e Salamina.
[35] Termópilas e Platéia.
[36] Como Colofon (livro III, 34) e Mitilene (VII, 29).
[37] Sôlion (livro II, capítulo 30), Potidéia (II, 70), Anactório (IV, 49), Cione (V, 32) e Melos (V, 116).
[38] Em 445 a.C.; veja-se o capítulo 44 deste livro.

mente alegadas pelos dois lados, todavia, e que os teriam levado a romper a trégua e entrar em guerra, foram as seguintes.

24. Há uma cidade chamada Epídamnos à direita de quem navega para o golfo Iônio, e seus vizinhos imediatos são os componentes de uma tribo bárbara, os taulântios, de raça ilíria. A cidade foi colonizada pelos corcireus e seu fundador foi Fálios, filho de Eratóclides, de origem coríntia e descendente de Héracles, vindo da metrópole de acordo com o costume antigo; alguns coríntios e outros dórios, todavia, juntaram-se aos corcireus no estabelecimento da colônia. Com o passar do tempo a cidade dos epidâmnios tornou-se grande e populosa, mas dizem que sobrevieram lutas civis por muitos anos, e em conseqüência de uma guerra com os bárbaros vizinhos ela ficou arruinada e sem grande parte de suas forças. Finalmente, pouco antes da presente guerra o povo baniu os aristocratas e estes, fazendo causa comum com os bárbaros e atacando a cidade saquearam por terra e por mar os habitantes que haviam ficado lá. Estes, fortemente pressionados, enviaram emissários a Córcira, por ser a metrópole, pedindo aos corcireus para não permanecerem indiferentes enquanto eles eram arruinados, e para reconciliá-los com os banidos e porem termo à guerra com os bárbaros; os emissários apresentaram o pedido sentados como suplicantes no templo de Hera[39]. Os corcireus, todavia, não acolheram as súplicas e os mandaram de volta frustrados.

25. Os epidâmnios, percebendo que não receberiam qualquer ajuda de Córcira, ficaram perplexos quanto à solução para as suas dificuldades; mandaram então mensageiros a Delfos[40] para perguntarem ao deus se deveriam entregar a cidade aos coríntios, na qualidade de fundadores, e tentar obter alguma ajuda deles. A resposta foi que deveriam entregá-la aos coríntios e recebê-los como chefes. Diante disso os epidâmnios foram a Corinto e entregaram a cidade para ser uma colônia coríntia, de acordo com o oráculo, explicando que seu fundador viera de Corinto e repetindo a resposta do oráculo; pediram aos coríntios para não ficarem apenas observando, mas para virem salvá-los. Os coríntios concordaram em levar-lhes ajuda, em parte porque a colônia lhes pertencia tanto quanto aos corcireus, e em parte também por ódio aos corcireus, pelo fato de estes, apesar de serem colonos

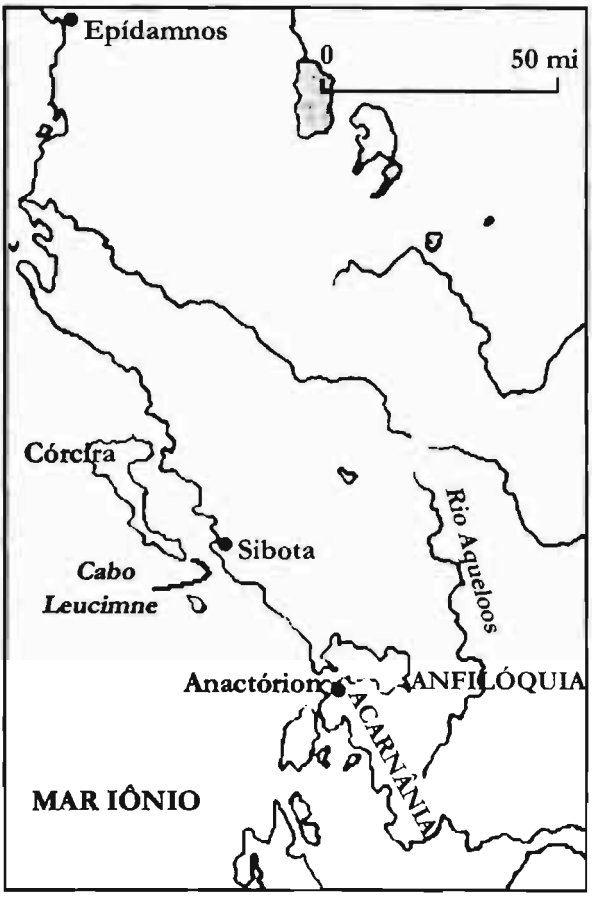
[39] A condição de suplicante dava geralmente mais força aos pedidos, por motivos religiosos, e imunidades aos pedintes.
[40] Delfos era o mais importante oráculo da Grécia antiga, cujo padroeiro era Apolo.

coríntios, terem negligenciado a metrópole, já que nem nos festivais conjuntos de congraçamento[41] eles concediam os privilégios costumeiros aos coríntios, nem começavam com um representante de Corinto os ritos iniciais nos sacrifícios, como as outras colônias faziam; ao contrário, tratavam-nos com desprezo, porque naquela época Córcira estava em igualdade de condições com os mais prósperos dos helenos em termos de riqueza, e ainda mais forte quanto à preparação para a guerra, enquanto em poder marítimo algumas vezes se vangloriava de ser grandemente superior, por causa da ocupação anterior da ilha pelos feácios[42] cuja glória decorria de suas naus. Esta fora a razão pela qual havia continuado a desenvolver ininterruptamente a sua frota, e era de fato poderosa, pois dispunha de cento e vinte trirremes quando a guerra começou.

26. Desta forma os coríntios, tendo todos aqueles motivos de queixas, mandaram de bom grado a Epídamnos a ajuda pedida, convidando quem quer que desejasse a ir também na qualidade de colono, e despachando como guarnição alguns ambraciotas e leucádios e um destacamento próprio. Estes seguiram para Apolônia, colônia dos coríntios, indo por terra com receio dos corcireus, que poderiam impedir-lhes a passagem se tentassem cruzar o mar. Quando, porém, os corcireus perceberam que os colonos e a guarnição haviam chegado a Epídamnos, e que sua colônia tinha sido entregue aos coríntios, ficaram indignados. Navegaram imediatamente com vinte e cinco naus, e depois com uma segunda frota, e intimaram insolentemente os epidâmnios a dispensar a guarnição enviada pelos coríntios e os colonos, e também a receber de volta os exilados, pois os epidâmnios banidos tinham ido para Córcira e, apontando as sepulturas dos antepassados comuns invocando os laços de parentesco, haviam pedido aos corcireus para reinstalá-los em suas terras. Como os epidâmnios não lhes dessem ouvidos, os corcireus partiram contra eles com quarenta naus, acompanhados pelos exilados que pretendiam reinstalar e levando com eles, também, os ilírios. Parando diante da cidade, proclamaram que os estrangeiros e quaisquer epidâmnios que desejassem poderiam retirar-se em segurança; os que assim não agissem seriam tratados como inimigos. Os epidâmnios, porém, não se deixaram persuadir e os corcireus sitiaram a cidade, situada num istmo.

[41] Esses festivais eram os quatro grandes jogos (aqui especialmente os jogos ístmicos, celebrados em Corinto). Os privilégios seriam lugares de honra, oferecimento de animais para os sacrifícios pelas colônias à metrópole, envio de delegados, etc.

[42] Famosos navegadores em épocas mais remotas, mencionados como tais desde os poemas homéricos.



GRÉCIA OCIDENTAL

27. Os coríntios, todavia, ao receberem mensageiros de Epídamnos com a notícia do cerco, prepararam uma expedição e proclamaram Epídamnos colônia sua; disseram que qualquer habitante de Corinto que desejasse poderia ir para lá, na base de direitos iguais para todos, e que se alguém não estivesse disposto a viajar imediatamente, mas quisesse participar da colônia, poderia fazer um depósito de cinqüenta dracmas coríntios[43] e ficar em casa. Foi grande o número dos que viajaram, bem como dos que fizeram o depósito. Pediram também aos megáricos que os comboiassem com suas naus, no caso de os corcireus tentarem evitar a viagem; os megáricos prepararam-se para segui-los com oito naus e os paleanos da Cefalênia com quatro. Os epidáurios, aos quais foi feito um pedido semelhante, forneceram cinco naus, os hermiônios uma, os trezênios duas, os leucádios dez e os ambraciotas oito. Aos tebanos e fliásios pediram dinheiro, e aos eleus naus sem tripulação, além de dinheiro. Os próprios coríntios aprontaram trinta naus e três mil hoplitas[44].

28. Quando os corcireus souberam desses preparativos partiram para Corinto, levando representantes lacedemônios e siciônios, e exortaram os coríntios a retirar a guarnição e os colonos de Epídamnos, cidade à qual não teriam qualquer direito. Se, todavia, tivessem alguma pretensão neste sentido, disseram os corcireus, estariam dispostos a submeter o assunto à arbitragem de qualquer cidade do Peloponeso escolhida por mútuo acordo, e a parte à qual a colônia fosse adjudicada tomar-se-ia senhora dela; estariam dispostos, também, a submeter o caso à decisão do oráculo de Delfos. Não queriam a guerra, mas se a resposta fosse "não", também seriam compelidos, se os coríntios forçassem tal desfecho, a fazer amigos que não desejavam (outros além dos atuais), a fim de salvaguardar seus interesses[45]. Os coríntios responderam que, se os corcireus retirassem suas naus e os bárbaros de Epídamnos, examinariam o assunto, mas que nesse ínterim não lhes ficaria bem discutir uma arbitragem, enquanto os epidâmnios estavam sitiados. A isto os corcireus replicaram que concordariam, se os coríntios, por seu turno, retirassem suas forças de Epídamnos; estariam prontos, todavia, a aceitar a arbitragem sob a condição de que ambas as partes ficassem onde estavam e de que observassem uma trégua até haver uma decisão.

[43] Em moeda constante o dracma coríntio valeria cerca de 17 centavos de dólar.
[44] Hoplitas eram soldados de infantaria pesadamente armados.
[45] A alusão a novos amigos seria aos atenienses; os atuais seriam os lacedemônios e outros peloponésios.

29. Os coríntios, porém, não acolheram qualquer dessas propostas, e logo que suas naus foram tripuladas e seus aliados ficaram prontos, mandaram primeiro um arauto para declarar a guerra aos corcireus; em seguida, zarpando com setenta e cinco naus e dois mil hoplitas, navegaram rumo a Epídamnos para atacar os corcireus. Suas naus estavam sob o comando de Aristeu filho de Pélicos, Calicrates filho de Calias, e Timânor filho de Timantes; sua infantaria era comandada por Arquétimos filho de Eurítimos e Isárquidas filho de Ísarcos. Quando, porém, a expedição chegou a Áction, no território de Anactórion, onde fica o santuário de Apolo na embocadura do Golfo de Ambrácia, os corcireus despacharam um arauto em uma nau pequena para intimá-la a deter o avanço, e ao mesmo tempo apressaram-se a tripular as suas naus, havendo previamente reforçado as mais velhas com vigas transversais, de modo a torná-las aptas a navegar, e aceleraram os reparos das outras. Quando o seu arauto voltou sem mensagens de paz dos coríntios, e já estando as suas naus plenamente tripuladas (eram oitenta, pois quarenta estavam sitiando Epídamnos), saíram em direção ao inimigo, alinharam as naus e travaram batalha; obtiveram completa vitória e destruíram quinze naus dos coríntios. No mesmo dia aconteceu também que suas tropas engajadas no assédio de Epídamnos forçaram a cidade a capitular, sob a condição de que outros Imigrantes[46] seriam vendidos como escravos, mas os coríntios ficariam acorrentados até que outra solução fosse acordada.

30. Após a batalha naval os corcireus ergueram um troféu à sua vitória em Leucimne, um promontório no território de Córcira, e executaram os prisioneiros que haviam feito, à exceção dos coríntios, que foram acorrentados. Em seguida à derrota, quando os coríntios e seus aliados tinham partido de volta às respectivas cidades com suas naus, os corcireus se tornaram senhores de todo o mar naquelas paragens e, navegando para Lêucade (colônia dos corintios), arrasaram a região e incendiaram Cilene, base naval dos eleus, porque estes haviam fornecido naus e dinheiro aos coríntios. Dessa forma, durante muito tempo após a batalha naval eles tiveram o domínio sobre o mar; incursionando contra os aliados dos coríntios, continuaram a hostilizá-los até que os coríntios, tendo em vista a proximidade do fim do verão[47] e vendo o sofrimento de seus aliados, puseram-se ao mar com naus

[46] Os ambraciotas e leucádios

[47] Em decorrência do mau tempo no inverno e da precariedade das naus, só excepcionalmente havia atividades bélicas navais nessa estação. Na descrição da guerra Tucídides usa como referência cronológica o fim do inverno e, portanto, o reinício das atividades bélicas.

e tropas e se estabeleceram em Áction e perto do promontório de Quimérion, na Tesprótida, para proteger Lêucade e as outras cidades suas amigas. Os corcireus se instalaram no litoral oposto, em Leucimne, com naus e infantaria. Nenhum dos lados, porém, fez incursões navais contra o outro, ficando apenas frente a frente durante o resto do verão; somente no início do inverno voltaram todos às suas cidades.

31. Durante todo o ano após a batalha naval e o ano seguinte os coríntios, irritados com a guerra com os corcireus, estiveram construindo naus e preparando uma expedição naval com todo o vigor possível, recrutando remadores tanto no Peloponeso quanto no resto da Hélade com a promessa de bons soldos. Tomando conhecimento de tais preparativos, os corcireus ficaram alarmados e, como não tinham qualquer tratado com outros helenos nem haviam feito alianças seja com os lacedemônios, seja com os atenienses, decidiram dirigir-se aos atenienses, tornar-se seus aliados e tentar obter alguma ajuda deles. Os coríntios, todavia, ao saberem disto, partiram para Atenas com o objetivo de evitar que a frota ateniense, juntando-se à de Córcira, viesse impedi-los de pôr fim à guerra nas suas condições. Reuniu-se então a assembléia em Atenas e se fizeram ouvir discursos contraditórios; os corcireus disseram o seguinte.

32. "É justo, atenienses, que alguém, sem qualquer crédito prévio por conta de algum importante serviço prestado ou de uma aliança existente, chegando aos seus vizinhos para pedir ajuda, como fazemos agora, deva mostrar primeiro, se possível, que seu pedido traz vantagens, ou ao menos não traz prejuízo, e depois, que se pode confiar em sua gratidão; no caso, todavia, de não conseguir demonstrar claramente qualquer dessas duas premissas, não poderá ficar ressentido se não for bem-sucedido. Pois os corcireus mandaram-nos solicitar a vossa aliança, plenamente confiantes em sua capacidade de vos oferecer garantias exatamente nesses pontos. Acontece que a política por nós adotada até agora, ao mesmo tempo que é difícil de justificar diante de vós, é causa, neste momento, de todas as nossas desventuras; com efeito, se, até o presente, por livre escolha nossa, não aceitamos aliar-nos a quaisquer povos, agora vimos nós mesmos propor uma aliança a outro povo, no momento em que, em face desta guerra com os coríntios, estamos isolados por causa dessa mesma política. Assim, o que antes imaginávamos ser sábia discrição de nossa parte – não entrar em qualquer aliança externa, que nos exporia a perigos por causa de terceiros – hoje nos parece

insensatez e fraqueza. É verdade que na batalha naval recém-travada, nós mesmos, sozinhos, repelimos os coríntios; agora, porém, que eles decidiram atacar-nos com forças muito maiores, recrutadas no Peloponeso e no resto da Hélade, e percebemos nossa incapacidade de prevalecer sobre eles apenas com nossas próprias forças, e como, por isso, corremos sério risco de ser dominados por eles, somos compelidos a perdir-vos ajuda, a vós e a quaisquer outros. É perdoável que hoje, motivados não por baixeza, mas pelo reconhecimento de um erro de julgamento, ousemos agir contrariamente à nossa inércia anterior.

33. "Quanto a vós, se nos ouvirdes, por uma feliz conjuntura podereis tirar de nossa situação vantagens várias; primeiro, estareis ajudando os injustiçados e não os que se preparam para fazer mal; depois, ao entrar em aliança com um povo cujos interesses mais vitais estão em jogo, estareis adquirindo direito a gratidão com uma atitude que ficará em nossas memórias para sempre; finalmente, temos uma frota maior que qualquer outra exceto a vossa. Pensai nisto agora: que sorte mais rara para vós e mais prejudicial a vossos inimigos que esta de a força que julgaríeis valer mais dinheiro e gratidão se adquirida, ser-vos oferecida espontaneamente, sem riscos e despesas, trazendo-vos além disto um renome de bondade junto à maioria dos povos, e gratidão daqueles que irão receber a vossa ajuda, e mais poder para vós? A poucos em todos os tempos se apresentaram tantas vantagens juntas, e poucos são os que, ao pedir uma aliança, chegam oferecendo àqueles aos quais apelam segurança e honra não menores que as que esperam receber.

"Quanto à guerra que nos daria ocasião de vos ser úteis, se qualquer de vós imaginar que ela não ocorrerá, estará fazendo um raciocínio errado, e sendo incapaz de perceber que os lacedemônios, receando-vos, estão ansiosos por combater-vos e que os coríntios, muito influentes junto a eles e vossos inimigos, estão fazendo uma primeira incursão contra nós agora com vistas a um ataque subseqüente contra vós, para evitar que sejamos levados por nosso ódio comum a tomar uma posição conjunta contra eles e para que, antes de nos unirmos, eles não sejam impedidos de fazer uma de duas coisas: prejudicar-nos ou fortalecer-se. Nosso dever, ao contrário, é tirar-lhes a iniciativa (nós, oferecendo, e vós, aceitando a aliança) e nos anteciparmos a eles ao invés de os contra-atacar.

34. "Se eles disserem, todavia, que de vossa parte não é justo receber seus colonos, deverão ficar sabendo que toda colônia honra sua metrópole enquanto é bem tratada, mas se afasta dela quando maltratada; de fato, colonos não são enviados para ser escravos dos que ficaram, mas para ser iguais a eles. É evidente que eles agiram injustamente, pois quando desafiados a submeter a arbitragem o caso de Epídamnos, preferiram apoiar as suas reivindicações na guerra, e não na justiça. Sirva o tratamento que agora nos dão, a nós, da mesma raça que eles, de advertência em relação a vós, para que não vos enganem com sua malícia, ou, se pleitearem diretamente a vossa ajuda, para que estejais em condições de recusá-la, pois quem tiver menos ocasiões para arrepender-se de haver feito favores a seus adversários estará mais seguro.

35. "Tampouco estareis rompendo o vosso tratado com os lacedemônios por receber-nos, pois não somos aliados de qualquer das partes. Vosso tratado, com efeito, estipula que qualquer das cidades helênicas não pertencentes a aliança alguma, será livre para juntar-se ao lado que lhe agradar. E seria terrível se lhes fosse permitido recrutar a sua frota não somente entre seus próprios aliados mas, também, no resto da Hélade, e particularmente entre vossos súditos, e pudessem impedir que fizéssemos uma aliança naturalmente aberta a nós, ou recebêssemos ajuda de qualquer outra parte, considerando um crime nosso persuadir-vos a atender ao nosso pedido. Muito mais graves serão as nossas queixas se não nos ouvirdes; estareis repelindo-nos, a nós, os ameaçados, que não somos vossos inimigos, e quanto a eles, que o são, eles, os atacantes, ao invés de lhes criar obstáculos sereis tão tolerantes a ponto de os deixar afastar de vosso império um novo fator de poderio! Isto não seria justo; justo seria impedi-los de arregimentar mercenários em lugares sob vossa soberania ou, então, ajudar-nos também, na medida em que conseguirmos persuadir-vos. O melhor para vós, todavia, seria receber-nos e ajudar-nos. São muitas, como mencionamos de início, as vantagens que poderíamos trazer-vos, e a mais importante é o fato evidente de nossos inimigos serem os mesmos (isto é a mais segura garantia de fidelidade) e não serem fracos mas, ao contrário, capazes de prejudicar os que se afastam deles. Mais ainda: quando a aliança oferecida representa acréscimo de forças marítimas, e não terrestres, afastar este aliado não é indiferente; em vez disto, deveríeis por todos os meios impedir, se possível, que qualquer outro povo possuísse naus ou, isto não sendo viável, deveríeis ter como amigo o mais forte neste ponto.

36. "Se alguém pensa que estes argumentos parecem interessantes mas teme que, cedendo a estas considerações, estará rompendo a trégua, deverá entender que tal temor, se respaldado em força, tornará seus inimigos mais receosos, ao passo que, rejeitando a nossa aliança, sua confiança[48] não estará escudada na força e, portanto, será menos respeitado por um inimigo forte; deverá ainda entender que está deliberando sobre interesses não somente de Córcira, mas também de Atenas, e que não estará cuidando dos interesses desta da melhor maneira possível se, em face da guerra iminente e quase presente, hesitar, por cautelosa ponderação imediatista, em juntar-se a um povo que somente se torna amigo ou inimigo em circunstâncias extremas. Efetivamente, Córcira está situada num ponto favorável para a viagem costeira à Itália ou à Sicília[49], de tal forma que se poderia impedir uma frota vinda de lá de ir juntar-se aos peloponésios, ou comboiar até lá uma frota saindo daqui, e em outras circunstâncias também proporcionaria grandes vantagens. Resumindo tanto o conjunto quanto os detalhes, eis uma reflexão capaz de vos convencer a não nos abandonar: os helenos possuem somente três frotas dignas de menção: a vossa, a nossa e a dos coríntios; se os coríntios se apossarem da nossa primeiro, graças ao vosso consentimento para que duas delas se unam, tereis de combater no mar contra os corcireus e peloponésios ao mesmo tempo, mas se nos aceitardes, sereis capazes de lutar contra eles com vossa frota acrescida da nossa."

Assim falaram os corcireus; os coríntios disseram o seguinte depois deles.

37. "Já que os corcireus aqui presentes não se contentaram com tratar da questão de juntar-se à vossa aliança, mas sustentaram, também, que somos nós os injustos e eles foram atacados sem razão, teremos necessariamente de tratar primeiro destes dois assuntos, e só depois entraremos no restante, para que vos seja possível decidir mais avisadamente quanto ao nosso pedido e repelir com boas razões o pedido deles.

"Dizem eles que até hoje evitaram engajar-se em qualquer aliança, por serem sabiamente discretos; o fato, porém, é que adotaram essa política por malícia e não por virtude, apenas por não desejarem ter qualquer aliado como testemunha de suas más ações e para não se envergonharem com a presença de alguém. Além disto, a posição independente de sua cidade os

[48] Subentendendo-se "na trégua".

[49] Os nautas antigos, por motivos óbvios, preferiam viajar acompanhando o litoral, evitando o alto-mar.

torna juízes unilaterais de suas injustiças, ao invés de serem juízes escolhidos por mútuo acordo, em conseqüência de freqüentarem raramente os portos de seus vizinhos, enquanto recebem constantemente em seus portos outros navegantes, compelidos a parar lá. A isto se reduz a sua conveniente política de evitar alianças, adotada não com o objetivo de não ter de juntar-se a outros na prática de injustiças, mas para poderem fazer mal sozinhos; querem impor-se pela violência quando se sentem mais fortes, saquear dissimuladamente os bens alheios e negar despudoradamente as suas usurpações. Se fossem homens honestos como dizem, deveriam ter demonstrado mais claramente seus motivos nobres, por estarem mais ao abrigo dos ataques externos, oferecendo e aceitando o que é justo.

38. "Eles, porém, não têm a preocupação de agir assim, nem com os outros, nem conosco. Apesar de serem nossos colonos, afastaram-se totalmente de nós e agora nos combatem, sob o pretexto de não terem sido enviados como colonos para ser maltratados. De nossa parte, pretendemos tê-los estabelecido como colonos não para sermos alvo de seus insultos, mas para ser seus chefes e deles receber as homenagens devidas. Nossas outras colônias nos veneram, e não há metrópole mais querida que nós por seus colonos. Portanto, se somos bem vistos pela maioria, é claro que não iríamos, até por uma questão de justiça, desagradar unicamente a estes, e que não lhes moveríamos uma guerra excepcional se não tivéssemos sofrido uma ofensa fora do comum. Ainda que estivéssemos errados, seria nobilitante para eles ceder diante de nossa irritação, da mesma forma que nos seria vergonhoso cometer violências se eles fossem moderados. Mas não; cheios de insolência e arrogantes por causa de suas riquezas, ultrajaram-nos repetidamente e afinal se apoderaram de nossa cidade de Epídamnos, que se abstiveram de reivindicar quando ela estava em situação calamitosa, mas tomaram violentamente quando fomos socorrê-la.

39. "Pretendem ter sido os primeiros a oferecer-se para submeter o caso a arbitragem; a isso respondemos que não é sério invocar a justiça ocupando antes posições estratégicas, mas que é necessário pôr as ações em consonância com as palavras antes dos debates. Não foi antes de começar o cerco de Epídamnos, mas somente quando acreditaram que ficaríamos indiferentes diante disso, que fizeram a proposta maliciosa de arbitragem. Depois, em seguida a esta primeira falta, eles vêm aqui propor-vos que vos torneis não seus aliados, mas seus cúmplices, recebendo-os agora que se separaram

de nós. Deveriam ter vindo a vós quando nada tinham a temer, e não após haver-nos ofendido e quando se encontram em perigo. Vós, que antes não vos beneficiastes de seu poder, agora ireis conceder-lhes proteção; e vós, que fostes alheios aos seus crimes, ireis incorrer juntamente com eles em nosso ressentimento! Há muito tempo deveriam estar usando as suas forças em comum com as vossas, para correrem também em comum os riscos dos acontecimentos.

40. "Está demonstrado, então, que nossas queixas são fundadas e que eles são culpados de violência e usurpação. Agora sabereis que não vos será possível acolhê-los sem cometer injustiça. O tratado estipula, de fato, que toda cidade não incluída nele pode juntar-se livremente a uma ou outra das partes pactuantes. Essa cláusula, todavia, não foi introduzida para favorecer povos que entrariam na aliança em prejuízo de outros; ela se aplica apenas àqueles que, dispondo livremente de si mesmos, julgam ter necessidade de proteção, e não trazem aos que cometessem a imprudência de os acolher, a guerra em vez da paz. Eis o que vos aconteceria se não nos ouvísseis. Na verdade, tornar-vos-íeis não somente seus defensores, mas também nossos inimigos declarados. Se marchardes com eles, não poderemos puni-los sem vos atingir ao mesmo tempo. Vosso dever é antes de tudo manter a neutralidade, ou, melhor ainda, juntar-vos a nós, pois estais ligados aos coríntios por um tratado, enquanto com os corcireus jamais concluístes sequer um pacto provisório.

"Além disto, não deveis encorajar as defecções. Nós mesmos, por ocasião da revolta dos sâmios, não estávamos entre os que os apoiaram com seus sufrágios[50]. Os peloponésios estavam divididos quanto à conveniência de socorrer Samos; sustentamos reiteradamente que competia a cada um castigar seus próprios aliados. Se acolheis, se protegeis culpados, vereis outros tantos aliados vossos juntar-se a nós, e a lei por vós instituída se voltará mais contra vós mesmos do que contra nós.

41. "São estas as ponderações que nos cumpre enfatizar diante de vós, suficientes segundo as leis dos helenos. Além disto, podemos apelar para a vossa gratidão, com fundamento num serviço que vos prestamos antes, para

[50] Veja-se o capítulo 115 deste livro. A revolta ocorreu em 440 a.C., sete anos antes da presente deliberação.

o qual pedimos hoje reciprocidade. Não somos vossos inimigos; não deveis temer, portanto, que façamos dessa gratidão uma arma contra vós; não somos tampouco vossos amigos a ponto de poder abusar dela. Quando há algum tempo, antes das guerras com os persas, não tínheis naus longas para lutar contra os eginetas, conseguisses vinte delas com os coríntios[51]. Tal serviço, juntamente com aquele que vos prestamos ao impedir os peloponésios de ajudar Samos, vos permitiu vencer os eginetas e vencer os sâmios. E isso se passou numa dessas circunstâncias em que os homens, inteiramente absorvidos na perseguição de seus inimigos, esquecem tudo para pensar apenas na vitória; eles então olham como amigo quem quer que lhes preste serviços, ainda que antes fosse inimigo, e como adversário quem quer que os contrarie, mesmo que se trate de um amigo, pois sacrificam até seus interesses pessoais para satisfazerem a ânsia de vitória no momento.

42. "Refleti sobre esses fatos, e que os mais jovens entre vós, após havê-los confirmado com os mais idosos, se disponham também a dar-nos uma justa retribuição. E não se imagine que, se nossa causa é legítima, vosso interesse, em caso de guerra, seria diverso do nosso (o interesse consiste em errar o mínimo possível). Por outro lado, esta perspectiva de guerra, com a qual os corcireus vos amedrontam a fim de vos induzir a uma injustiça, é ainda incerta; seria pouco sensato incorrer por este motivo em uma inimizade certa e imediata da parte dos coríntios. Seria melhor dissipar as desconfianças criadas anteriormente pelo caso de Mégara[52]. Um serviço prestado no último instante, se for oportuno, por menor que seja bastará para apagar uma ofensa grave.

"Não vos deixeis seduzir pelo oferecimento que eles vos fazem de uma frota poderosa. Garante-se melhor a posição respeitando os pares que se expondo a perigos presentes certos por causa de futuras vantagens apenas aparentes.

43. "Mas já que os acontecimentos atuais nos põem na situação de repetir palavras antes ditas por nós na Lacedemônia, ou seja, que cada um tem o direito de castigar seus aliados, esperamos hoje de vós uma decisão idêntica. Beneficiados por nosso voto, não deveis prejudicar-nos com o vosso. Pagai-nos na mesma moeda. Ponderai que neste momento quem nos é útil

[51] Este fato é mencionado por Heródoto (VI, 89). A guerra entre Atenas e Egina ocorreu em 491a.C.
[52] Veja-se o capítulo 103 deste livro.

se torna nosso amigo e quem nos prejudica nosso inimigo. Quanto aos corcireus aqui presentes, não os recebais em vossa aliança contra a nossa vontade. Assim agindo, estareis não somente tomando a atitude mais razoável mas, também, atendendo aos vossos melhores interesses."

44. Assim falaram os coríntios. Os atenienses ouviram as duas partes e realizaram duas assembléias para debater o assunto; na primeira se inclinaram a favor dos coríntios, mas na segunda mudaram de opinião. Não quiseram concluir com os corcireus uma aliança ofensiva e defensiva porque, se Córcira viesse a pedir a sua cooperação contra os coríntios, o tratado com os peloponésios estaria rompido; fizeram, porém, uma aliança defensiva com eles, na qual se comprometiam a socorrer-se mutuamente, em caso de ataque dirigido contra Córcira, contra Atenas ou contra seus aliados. Sentiam que de qualquer maneira haveria guerra com o Peloponeso, mas não queriam abandonar aos coríntios uma cidade detentora de uma frota poderosa; preferiam deixar aqueles povos se desgastarem tanto quanto possível numa guerra, a fim de levar vantagem sobre Corinto e outras potências marítimas quando chegasse o momento de combatê-las. Além disto, Córcira parecia favoravelmente situada na rota para a Itália e a Sicília.

45. Foram estes os motivos que levaram os atenienses a admitir Córcira em sua aliança. Logo após a partida dos coríntios foram enviadas para socorrer os corcireus dez naus comandadas por Lacedemônios filho de Címon, por Diôtimos filho de Strômbicos e por Protéias filho de Êpicles. Os comandantes receberam ordens para não combater contra os coríntios, a menos que estes viessem atacar Córcira e ameaçassem um desembarque naquela ilha ou em qualquer lugar sob sua dependência; neste caso deveriam enfrentá-los com toda a sua força. Queriam, com estas instruções, evitar a ruptura do tratado.

46. As dez naus chegaram a Córcira. Os coríntios, logo após a conclusão de seus preparativos, puseram-se ao mar contra Córcira com cento e cinqüenta naus, sendo dez da Eleátis, doze de Mégara, dez de Lêucade, vinte e sete da Ambrácia, uma de Anactórion e noventa de Corinto. Cada um desses grupos tinha seu próprio comandante (os coríntios tinham, entre outros, Xenôclides filho de Êuticles). Partindo de Lêucade, atingiram o continente na parte fronteira a Córcira e foram ancorar em Quimérion, na Tesprótida. Trata-se de um porto acima do qual está situada, a alguma dis-

tância do mar, uma cidade chamada Éfira, pertencente à Eleátida, também na Tesprótida. Não longe desse lugar o lago Aquerúsio deságua no mar. O rio Aqueronte, após atravessar a Tesprótida, vai perder-se naquele lago e lhe dá o nome. Outro rio, o Tíamis, banha também essa região e separa a Tesprótida da Cestrina. No espaço compreendido entre os dois rios se projeta o promontório Quimérion. Foi naquele ponto do continente que os coríntios desembarcaram e estabeleceram um acampamento.

47. Diante da noticia da aproximação deles os corcireus equiparam cento e dez naus comandadas por Micíades, Esímedes e Euríbatos e saíram para acampar em uma das ilhas chamadas Síbotas. As dez naus de Atenas estavam presentes. As forças de terra, reforçadas por mil hoplitas zacíntios[53], tomaram posição no promontório de Leucime. De seu lado, os coríntios tinham no continente grande número de bárbaros chamados a ajudá-los, pois os habitantes daquelas regiões sempre foram seus amigos.

48. Terminados os preparativos, os coríntios se abasteceram de víveres para três dias e partiram de Quimérion durante a noite para ir combater. Estavam navegando ao romper da aurora quando descobriram ao largo a frota dos corcireus avançando contra eles; desde que se aperceberam disso, ambas as frotas se puseram em ordem de combate. Na ala direita dos corcireus estavam as naus de Atenas; o resto da linha era formada pelos próprios corcireus, separados em três divisões, cada uma das quais chefiada por um dos três comandantes. Os coríntios tinham em sua ala direita as naus de Mégara e da Ambrácia, no centro o resto de seus aliados, uns após os outros; os próprios coríntios ocupavam a ala esquerda com suas melhores naus. Nessa formação eles ficaram defronte dos atenienses e da ala direita dos corcireus.

49. Quando os estandartes de cada lado foram alçados, as frotas se encontraram e começou a ação. As naus de ambas as partes estavam com os tombadilhos repletos de hoplitas, de archeiros e lanceiros, agrupados segundo a tática antiga e de maneira incorreta. Combatia-se encarniçadamente, mas sem habilidade; dir-se-ia que a ação se passava em terra. Iniciada a batalha, o número e a aglomeração das naus não lhes permitiam desvencilhar-se umas das outras. Toda a esperança de vitória se concentrava nos

[53] Habitantes da ilha de Zácintos.

hoplitas que guarneciam os tombadilhos, onde combatiam firmemente enquanto as naus permaneciam imóveis. Não se faziam esforços para romper a linha inimiga, e se punha no combate mais coragem e energia que competência; em resumo, por toda a parte a batalha naval era apenas tumulto e confusão. Naquela desordem as naus áticas viam os corcireus pressionados e acorriam para intimidar o inimigo; seus comandantes, todavia, evitavam tomar a ofensiva, não ousando infringir as ordens recebidas. A ala direita dos coríntios foi muito maltratada; os corcireus, com vinte e três naus, puseram-na em fuga, dispersaram-na e a empurraram até a costa; depois, avançando até o acampamento, desembarcaram, queimaram as tendas desertas e pilharam os valores guardados. A esta altura os coríntios estavam derrotados e os corcireus vencedores; na ala esquerda, porém, ocupada pelos próprios coríntios, a situação era completamente diferente, e estes levavam uma vantagem considerável, pois os corcireus, já inferiores em número, estavam ainda mais enfraquecidos com o afastamento de suas vinte naus destacadas para perseguir o inimigo. Os atenienses, vendo seus aliados abalados, passaram a socorrê-los com menos hesitação. Até então haviam mantido reserva, mas quando a derrota se configurou e os coríntios se encarniçavam sobre os seus inimigos, cada um passou a tomar parte na ação e se tornou impossível distinguir os combatentes, pois os coríntios e os atenienses se viram compelidos a lutar corpo a corpo.

50. Derrotando os seus oponentes, os coríntios já não se preocupavam com rebocar os cascos das naus inimigas desarvoradas; somente se ocupavam dos homens, mais para massacrá-los que para os aprisionar. Ignorando a derrota de sua ala direita, iam matando indistintamente, atingindo até os próprios amigos; como as duas frotas eram numerosas e cobriam uma vasta extensão do mar, não era fácil, na confusão, distinguir os vencedores e os vencidos. Com efeito, pelo número de naus este foi o combate mais importante entre frotas helênicas.

Os coríntios, após haver perseguido os corcireus até a costa, passaram a recolher os destroços das naus e seus próprios mortos; juntaram a maior parte destes e a levaram para Sibota, porto deserto da Tesprótida, onde estavam acampados os bárbaros que os ajudavam. Isto feito, eles se reagruparam e se fizeram ao mar novamente para continuar a combater os corcireus. Estes, temendo um desembarque em seu território, reuniram as suas naus restantes em condições de servir, juntaram a elas as que ainda não haviam combatido e, acompanhados pelas naus atenienses, dirigiram-se ao

encontro da frota inimiga. Já era tarde e se havia cantado o peã[54] como sinal de ataque, quando subitamente os coríntios começaram a recuar, ao perceberem a aproximação de vinte naus atenienses. Tratava-se de um reforço mandado por Atenas após a partida de sua primeira frota, temendo exatamente o que aconteceu, ou seja, que os corcireus fossem vencidos e que suas dez naus fossem insuficientes para defendê-los.

51. Os coríntios foram os primeiros a avistar aquelas naus; suspeitaram que fossem de Atenas e não se limitassem às que estavam vendo. Os corcireus, cuja posição não era boa para observá-las, ficaram atônitos diante daquele movimento de retirada; enfim alguns as viram e gritaram que havia naus aproximando-se. Então eles também se reagruparam, pois estava anoitecendo e os coríntios, com sua retirada, tinham encerrado o combate. Assim eles se separaram e a batalha terminou à noite. Enquanto os corcireus acampavam em Leucimne, as vinte naus atenienses, comandadas por Gláucon filho de Lêagros e por Andocides filho de Leágoras, chegaram pouco depois de haver sido vistas abrindo caminho em meio aos cadáveres e destroços. Como já era noite fechada, os corcireus tiveram medo que fosse o inimigo, mas em seguida as reconheceram e elas ancoraram.

52. Na manhã seguinte as trinta naus áticas e todas as dos corcireus ainda flutuantes partiram para o porto de Sibota, onde estava ancorada a frota coríntia, para ver se ela se dispunha a combater. Os coríntios levantaram âncora e se alinharam ao longo da costa, mas permaneceram imóveis, não desejando começar outra batalha naval se pudessem evitá-la. Temiam o reforço das naus intactas vindas de Atenas, além das dificuldades que enfrentavam para acomodar a bordo os prisioneiros e para reparar suas naus naquele lugar deserto. Pensavam em efetuar a retirada e receavam que os atenienses, considerando o tratado rompido por causa das hostilidades diretas, não os deixassem navegar de volta.

53. Resolveram então embarcar num bote alguns arautos sem caduceu[55] e mandá-los aos atenienses, com o objetivo de sondar as suas intenções, encarregando-os de uma mensagem nos seguintes termos: "Cometestes uma

[54] O *Paián*, hino de guerra em honra de Apolo.

[55] O Caduceu, varinha usada por Hermes, deus padroeiro dos arautos, era o distintivo dos arautos de armas ou parlamentares. Se os coríntios tivessem mandado um destes últimos, sua pessoa teria sido respeitada, e o objetivo dos coríntios não teria sido atingido. Sua volta não teria sido uma prova da não-hostilidade dos atenienses.

injustiça, atenienses, dando inicio à guerra e rompendo o tratado. Estamos apenas querendo punir nossos inimigos e viestes opor-nos obstáculos, levantando armas contra nós. Se vossa intenção é impedir-nos de navegar contra Córcira ou outro lugar, à nossa discrição, violando assim o tratado, então prendei-nos primeiro e tratai-nos como inimigos".

Assim falaram eles. Os corcireus, que puderam ouvir-lhes a voz, gritaram que deveriam ser presos e mortos, mas os atenienses responderam:

"Não estamos iniciando a guerra, peloponésios, nem rompemos o tratado; viemos, na verdade, socorrer os corcireus, nossos aliados. Se quiserdes ir a qualquer outra parte, não vos impediremos. Se, todavia, ameaçardes Córcira ou qualquer de suas possessões, não o permitiremos, na medida de nossas forças".

54. Quando os atenienses deram esta resposta, os coríntios começaram a preparar-se para a viagem de volta e ergueram um troféu em Sibota, no continente; os corcireus recolheram os destroços e os cadáveres, levados até eles pelas correntes e pelo vento que havia começado a soprar à noite e os arrastava em todas as direções e, como se fossem os vencedores, ergueram um troféu rival em Sibota (na ilha). Ambos os lados reivindicaram a vitória com os seguintes argumentos: os coríntios, porque levaram a melhor na batalha naval até o cair da noite e, por isto, tinham podido recolher maior quantidade de destroços e cadáveres, além de haverem aprisionado não menos de mil homens e posto fora de combate cerca de setenta naus; os corcireus, porque destruíram cerca de trinta naus e, após a chegada dos atenienses, recolheram os destroços e os cadáveres levados em sua direção, ao passo que os coríntios haviam recuado na véspera e partido de volta à vista das naus áticas e, presentes os atenienses, não levantaram âncora de Sibota para combater; por tudo isto ergueram seu troféu. Assim cada lado reivindicou a vitória.

55. Os coríntios, partindo de volta, recorreram ao estratagema de navegar em direção a Anactório, situada na embocadura do golfo Ambrácio (lugar ocupado pelos corcireus e por eles mesmos em comum), e após deixarem lá alguns colonos seguiram viagem. De seus prisioneiros corcireus venderam oitocentos que eram escravos, mas mantiveram em custódia e trataram com muita consideração duzentos e cinqüenta, com o objetivo de, ao voltarem a Córcira, poder ganhá-los para o seu lado[56]; aconteceu que,

[56] Veja-se o livro III, capítulo 70.

em sua maioria, eles se incluíam entre os homens mais influentes da cidade. Desta maneira, então, Córcira levou vantagem na guerra com os coríntios, e as naus atenienses se retiraram de lá. Este foi o primeiro motivo em que se fundamentaram os coríntios para a guerra contra os atenienses, que haviam combatido contra eles ao lado dos corcireus durante a trégua.

56. Imediatamente depois disto ocorreram os eventos relacionados a seguir, causadores de divergências entre os atenienses e os peloponésios, e que os levaram à guerra. Enquanto os coríntios imaginavam um meio de vingar-se dos atenienses, estes, desconfiados por causa de sua inimizade, instaram os potideus (que habitavam o istmo de Palene e eram colonos dos coríntios mas aliados tributários dos atenienses), a demolir suas muralhas do lado de Palene e dar reféns e, ainda mais, mandar embora e não receber no futuro os magistrados que os coríntios costumavam enviar todos os anos. Na verdade, os atenienses estavam receosos de que os potideus, persuadidos por Perdicas[57] e pelos coríntios, se revoltassem, atraindo para a defecção todas as cidades aliadas do litoral da Trácia.

57. Estas foram as precauções tomadas pelos atenienses a respeito de Potidéia imediatamente após a batalha naval de Córcira, pois os coríntios estavam agora abertamente desavindos com eles, e Perdicas, filho de Alexandre, rei dos macedônios, antes aliado e amigo, agora se tornara hostil. E se tornara hostil porque os atenienses haviam concluído uma aliança com seu irmão Filipe e com Derdas, que estavam fazendo causa comum contra ele. Alarmado com isso ele passou a despachar emissários à Lacedemônia, tentando provocar uma guerra entre Atenas e os peloponésios. Tentou também a conciliação com os coríntios, com vistas à revolta de Potidéia e, mais ainda, fez gestões junto aos calcídios da Trácia e aos botieus para induzi-los a juntar-se à revolta, pensando que, se tivesse como aliadas aquelas nações, que faziam fronteira com a sua, seria mais fácil, conjuntamente com elas, levar a guerra avante. Os atenienses, porém, vieram a saber dessas intenções e, desejando prevenir a revolta das cidades visadas, deram ordens aos comandantes de sua frota (aconteceu que estavam mandando contra a nação de Perdicas trinta naus e mil hoplitas, sob a chefia de Arquéstratos filho de Licômedes e quatro outros) para trazerem reféns de Potidéia e demolirem

[57] Filho de Alexandre, que havia sido amigo dos gregos na guerra persa. Perdicas, que originariamente dominava apenas a baixa Macedônia, tomou de seu irmão Filipe a alta Macedônia, e na época era rei de toda a Macedônia.

suas muralhas, bem como manterem vigilância sobre as cidades vizinhas e impedi-las de se revoltarem.

58. Os potideus, por outro lado, mandaram emissários a Atenas para tentar persuadi-la a não tomar quaisquer medidas drásticas contra eles; na mesma oportunidade deveriam ir também à Lacedemônia em companhia dos coríntios, com o objetivo de assegurar ajuda rápida em caso de necessidade. Com os atenienses, após prolongadas negociações, não obtiveram resultados satisfatórios; ao contrário, as naus destinadas a atacar a Macedônia prosseguiram também navegando contra eles, diante do que as autoridades lacedemônias lhes prometeram invadir a Ática se os atenienses atacassem Potidéia; os potideus aproveitaram a oportunidade e se revoltaram, entrando em aliança formal com os calcídios e botieus. Ao mesmo tempo Perdicas persuadiu os calcídios a abandonar e destruir suas cidades litorâneas e se estabelecerem no interior, em Olintos, construindo lá uma única cidade forte, e lhes deu, quando abandonaram suas cidades, uma parte de seu próprio território da Migdônia, em volta do lago Bolbe, para cultivarem durante todo o tempo em que estivessem em guerra com os atenienses. Diante disto eles passaram a destruir as suas cidades, a mudar-se para o interior e a preparar-se para a guerra.

59. Quando as trinta naus de Atenas chegaram à costa da Trácia, encontraram Potidéia e outros lugares já em revolta. Os comandantes das naus., considerando impossível, com sua força presente, fazer a guerra ao mesmo tempo contra Perdicas e os lugares que este sublevou, voltaram a sua atenção para a Macedônia – seu objetivo inicial – e, conseguindo um ponto de apoio lá, iniciaram as operações de guerra em combinação com Filipe e os irmãos de Derdas, que já haviam invadido a Macedônia vindos do interior à frente de suas tropas.

60. À vista daquilo os coríntios, notando que Potidéia se tinha revoltado e que as naus áticas estavam navegando nas imediações da Macedônia, ficaram alarmados quanto à região e, pensando que o perigo chegara até eles, despacharam voluntários seus e outros peloponésios atraídos pelo dinheiro – ao todo mil e seiscentos hoplitas e quatrocentos homens de infantaria ligeira. Comandava-os Aristeu filho de Adímantos, e foi principalmente por amizade a este que muitos dos soldados de Corinto foram como voluntários, pois ele sempre mantivera relações amistosas com os potideus.

Estas tropas chegaram à costa da Trácia no quadragésimo dia após a revolta de Potidéia.

61. A notícia da revolta das cidades também chegou rapidamente aos atenienses e eles, sabendo que tropas comandadas por Aristeu estavam a caminho para apoiar os rebeldes, enviaram contra os lugares revoltados dois mil de seus próprios hoplitas e quarenta naus, sob a chefia de Calias filho de Calíades e quatro outros comandantes. Chegando primeiro à Macedônia, verificaram que os mil hoplitas enviados anteriormente haviam acabado de conquistar Terme e estavam sitiando Pidna, e, então, também tomaram parte no sítio de Pidna. Mais tarde, todavia, concluíram um acordo e uma aliança com Perdicas, forçados pela situação de Potidéia e pela chegada de Aristeu, que os levou a se apressarem; logo depois deixaram a Macedônia. Na viagem de volta passaram por Béroia e de lá seguiram para Strepsa, e após uma investida infrutífera contra aquele lugar, prosseguiram por terra para Potidéia com três mil hoplitas próprios além de muitos de seus aliados, e mais seiscentos cavalerianos macedônios, estes sob o comando de Filipe e Pausânias; ao mesmo tempo suas naus, em número de setenta, seguiram navegando ao longo da costa. Marchando calmamente, chegaram no terceiro dia a Gígonon, onde acamparam.

62. Os potideus e os peloponésios comandados por Aristeu, acampados no istmo, na direção de Olintos, estavam esperando os atenienses e tinham estabelecido um mercado fora da cidade. Os aliados haviam escolhido Aristeu para comandante de toda a infantaria, e para a cavalaria Perdicas, que havia abandonado pouco antes a causa ateniense novamente[58] e estava agora apoiando os potideus, após haver nomeado Iôlaos para substituí-lo no governo. O plano de Aristeu era o seguinte: manteria suas próprias tropas no istmo e vigiaria a aproximação dos atenienses, enquanto os calcídios e os outros aliados de fora do istmo[59] e os duzentos cavalerianos de Perdicas permaneceriam em Olintos; quando os atenienses se movimentassem contra as forças de Aristeu, estas tropas apareceriam e os atacariam pela retaguarda, pondo o inimigo, desta forma, entre suas duas divisões. Mas Calias, comandante dos atenienses, e seus colegas, prevendo esta manobra, mandaram a cavalaria macedônia e uns poucos aliados em direção a Olintos, para impedir a vinda de ajuda daquela área, enquanto eles mesmos deixaram o

[58] Veja-se o capítulo 57 deste livro.
[59] Os botieus, que, como os calcídios, viviam fora do istmo.

acampamento e avançaram contra Potidéia. Quando chegaram ao istmo e viram o inimigo preparando-se para a batalha, tomaram posição diante dele, e logo os dois lados travaram combate. A ala comandada pelo próprio Aristeu, que incluía as tropas de elite coríntias, além de outras, derrotou as forças opostas a ela e as perseguiu por uma longa distância, mas as tropas restantes dos potideus e os peloponésios foram derrotados pelos atenienses e fugiram para o interior das muralhas de Potidéia.

63. Quando Aristeu voltou da perseguição e viu que o resto de suas tropas estava derrotado, ficou indeciso quanto a tentar abrir, lutando, o seu caminho em direção a Olintos ou a Potidéia; finalmente decidiu reagrupar suas tropas num corpo tão compacto quanto possível e forçar caminho para Potidéia a toda velocidade; conseguiu chegar lá indo ao longo do quebra-mar costeiro, embora com dificuldade e sob uma saraivada de dardos, e apesar de haver perdido alguns de seus homens salvou a maioria deles. Quando a batalha começou e os estandartes foram alçados, as tropas auxiliares dos potideus em Olintos – distante apenas sessenta estádios[60] e visível de Potidéia – avançaram ligeiramente para levar ajuda; a cavalaria macedônia, então, alinhou-se contra elas para impedi-las de prosseguir. Como, porém, os atenienses consolidaram rapidamente a vitória e os estandartes foram baixados, as tropas auxiliares se retiraram novamente para o interior das muralhas de Olintos e os macedônios se juntaram aos atenienses. A cavalaria não chegou a tomar parte na ação, quer de um lado, quer do outro. Após a batalha os atenienses ergueram um troféu e, mediante trégua, entregaram aos potideus os cadáveres de seus soldados. Morreram, da parte dos potideus e seus aliados, pouco menos de trezentos soldados, e só dos atenienses cerca de cento e cinqüenta, inclusive Calias, seu comandante.

64. Os atenienses isolaram imediatamente a muralha da cidade pelo lado do istmo, por meio de uma muralha transversal, e puseram guardas lá, mas a muralha existente na direção de Palene não foi afetada, pois pensaram que suas tropas seriam insuficientes para manter uma guarnição no istmo e ao mesmo tempo avançar para Palene a fim de construir outra muralha lá; temiam que, se dividissem suas forças, os potideus e seus aliados os atacassem. Mais tarde, quando souberam em Atenas que Palene não fora bloqueada, mandaram mil e seiscentos de seus próprios hoplitas sob o comando de Fórmion filho de Asópios; este, ao chegar a Palene, estabeleceu sua base

[60] O *Stadion* correspondia a aproximadamente 180 metros.

em Afitis e levou suas tropas até Potidéia, marchando lentamente e devastando ao mesmo tempo a região. Como ninguém apareceu para combatê-lo, Fórmion construiu uma muralha para bloquear a de Palene. Deste modo, Potidéia finalmente estava sitiada, após vigorosas tentativas por ambos os lados e também por mar, onde a frota a isolava.

65. Quanto a Aristeu, agora que Potidéia estava sitiada e ele não tinha esperanças de salvá-la a não ser que chegasse ajuda do Peloponeso ou algo acontecesse além da sua expectativa, ele sugeriu a toda a guarnição, exceto quinhentos homens, que aguardasse ventos propícios e se pusesse ao mar, para prolongar a duração dos víveres; ele mesmo se dispunha a ser um dos que ficariam. Não conseguiu, porém, persuadir seus homens e desejando, como segunda alternativa, fazer seus preparativos e compor da melhor maneira possível a situação lá fora, embarcou e partiu despercebido da guarda ateniense. Foi juntar-se, então, aos calcídios, e ajudá-los de um modo geral a continuar a guerra, especialmente aniquilando tropas consideráveis dos sermíllios, contra as quais armou uma emboscada perto de sua cidade. Nesse ínterim, manteve negociações com os peloponésios para tentar obter alguma ajuda. Fórmion, todavia, após completar o bloqueio de Potidéia, pôs-se em marcha com suas tropas de mil e seiscentos homens e arrasou Calcídice e Botice, além de capturar alguns povoados.

66. Assim haviam surgido estas circunstâncias adicionais de queixas recíprocas entre os atenienses e os peloponésios. Os coríntios estavam ressentidos porque os atenienses sitiavam Potidéia, colônia deles constituída de habitantes vindos da própria Corinto e do Peloponeso; os atenienses, porque os peloponésios haviam provocado a revolta de uma cidade aliada e tributária deles e, mais ainda, haviam combatido abertamente contra eles ao lado dos potideus. A guerra propriamente dita, todavia, não tinha começado, ainda estando em vigor a trégua, pois os coríntios, nestes acontecimentos, haviam agido por sua própria conta.

67. Quando, porém, Potidéia foi sitiada, eles não ficaram impassíveis, pois além de estarem lá muitos de seus homens, temiam pela própria cidade. Convocaram imediatamente os aliados para se reunirem na Lacedemônia e, chegando lá, acusaram energicamente os atenienses, sob a alegação de haverem rompido o tratado e estarem prejudicando o Peloponeso. Os eginetas também mandaram delegados – não abertamente, por temerem os atenienses,

mas secretamente – e, agindo de acordo com os coríntios, desempenharam um papel importante no sentido de fomentar a guerra, alegando que não eram autônomos como estipulava o tratado. Então os lacedemônios convidaram igualmente todos os outros aliados que alegavam haver sofrido qualquer injustiça por ação dos atenienses e, convocando sua assembléia da forma costumeira, exortaram todos a falar. Vários se apresentaram e expuseram suas diferentes razões de queixas, principalmente os megáricos, que evidenciaram não poucos ressentimentos, principalmente o de haverem sido excluídos de todos os portos situados em regiões dominadas pelos atenienses e do mercado de Atenas, contrariamente ao tratado. Finalmente os coríntios, depois de deixar os demais exasperarem os lacedemônios, assim falaram:

68. "A vossa boa-fé, lacedemônios, em política e em vossas relações com outros povos, torna-vos mais desconfiados se em nossas palavras há acusações a terceiros. Esta qualidade vos dá moderação mas, para a política externa, traz uma considerável dificuldade de discernimento. Por exemplo: apesar de vos termos advertido reiteradamente da injustiça que os atenienses pretendiam praticar contra nós, não destes crédito à informação tantas vezes repetida, mas preferistes dirigir as vossas suspeitas contra quem vos falava, julgando-os motivados apenas por seus interesses particulares. Esta foi a razão pela qual não agistes antes de nos envolvermos em dificuldades, mas somente quando já estamos no meio delas convocastes estes aliados, entre os quais é especialmente adequado que falemos, nós que temos as queixas mais graves a fazer, como vítimas dos ultrajes dos atenienses de um lado, e de vossa indiferença do outro. Se eles estivessem ultrajando a Hélade dissimuladamente, poderíeis necessitar de informações adicionais a pretexto de vosso desconhecimento; nas presentes circunstâncias, todavia, por que será preciso falar longamente, se podeis ver que eles reduziram ao cativeiro alguns de nós e estão tramando contra outros, principalmente contra vossos próprios aliados, e que vêm preparando-se há muito tempo para a eventualidade de uma guerra? Se assim não fosse eles não nos teriam tomado Córcira e continuado a ocupá-la contra nossa vontade, e não estariam sitiando Potidéia, sendo uma delas um porto altamente estratégico para operações na costa trácia e tendo a outra contribuído com uma poderosa frota para os peloponésios.

69. "A culpa de tudo isto é vossa, pois lhes permitistes em primeiro lugar fortalecer a sua cidade após a guerra persa e depois construir as suas

longas muralhas, enquanto até este momento frustrastes a ânsia de liberdade não somente dos povos sujeitos a eles, mas agora de vossos próprios aliados. Na verdade, o povo que reduz outros ao cativeiro não os escraviza mais que aquele que tem força para impedi-lo, porém se omite, olhando displicentemente os acontecimentos, embora se atribua como uma extraordinária distinção o título de libertador da Hélade. Agora, finalmente, conseguimos com dificuldade esta reunião, embora sem um propósito bem definido. Não devemos continuar discutindo se estamos sofrendo injustiças, mas como vingá-las; os homens de ação marcham resolutamente contra os indecisos, de imediato e sem vacilações. Conhecemos o método pelo qual os atenienses se movem contra seus vizinhos – avançar um pouco aqui, um pouco ali. Enquanto pensam que, devido à vossa falta de discernimento, eles não são notados, comportam-se menos ousadamente; uma vez, porém, que lhes permitimos perceber que estamos a par de suas intenções e somos complacentes, passam a agir com mais vigor. De fato, lacedemônios, somente vós entre os helenos praticais uma política passiva, defendendo-vos contra agressões não com o uso de vossa força, mas com vossa intenção de usá-la; e somente vós achais melhor destruir a força de vossos inimigos não quando ela começa a manifestar-se, mas quando ela duplica[61]. E ainda cultivais a fama de não correr riscos; em vosso caso, todavia, parece que a reputação sobrepuja a realidade. Os persas, por exemplo, como sabeis, vieram dos confins da terra até o Peloponeso antes que vossas forças saíssem para enfrentá-los de maneira condizente com vosso poder; agora olhais com indiferença os atenienses, que não estão longe como estavam os persas, mas bem próximos, e ao invés de os atacar, preferis esperar para repelir os seus ataques, correndo o risco de combater com adversários que se terão tornado muito mais poderosos. E bem sabeis que o Bárbaro fracassou mais por suas próprias faltas, e que em nossa luta contra os atenienses ficamos até agora devendo o nosso sucesso antes aos seus erros que a qualquer ajuda vossa; de fato, foram as esperanças depositadas em vós que arruinaram mais de uma cidade, despreparada apenas por confiar em vós. E nenhum de vós deve pensar que estas palavras são ditas mais por causa de sentimentos hostis que em tom de queixa, pois queixa, é contra amigos que erram, mas acusação é contra inimigos que nos injuriam.

70. "Além disso, cremos ter o direito, se alguém mais tem, de ver os erros de nossos vizinhos, especialmente se considerarmos a importância para

[61] Referência ao aumento, pouco antes, da frota ateniense pela junção com a frota dos corcireus.

nós dos interesses em jogo, embora nos pareça haver de vossa parte insensibilidade em relação a eles. Jamais sequer meditastes a respeito do tipo de homens que são os atenienses, com os quais tereis de combater, e quão diferentes são de vós. Efetivamente, eles são ávidos de inovações e rápidos para fazer planos e executar as suas decisões, enquanto vos dedicais meramente a guardar o que já tendes, sem imaginar nada de novo e, quando afinal optais pela ação, sois incapazes de levar à finalização sequer o indispensável. Mais ainda: eles são ousados muito além de suas forças, aventurosos muito além de sua capacidade de reflexão, confiantes em face dos perigos; quanto a vós, fazeis menos do que vos garante a vossa força, desconfiais até daquilo que em vossa própria opinião é seguro, e quando os perigos se apresentam desesperais de livrar-vos deles. Além disso, eles são rápidos em suas decisões, enquanto contemporizais; gostam de aventurar-se em viagens, enquanto preferis ficar em casa (ausentando-se dos lares eles esperam ganhar mais, enquanto receais que, se tiverdes de sair em busca de algo, estareis pondo em perigo até o que já possuis). Se vitoriosos sobre os inimigos, levam a sua vantagem até os limites extremos; se vencidos, recuam o mínimo possível. E mais: usam seus corpos a serviço da pátria como se fossem de outra pessoa, mas suas mentes como se só eles as tivessem, a ponto de tudo ousar por elas. Quando concebem um plano mas falham na hora de realizá-lo, consideram-se espoliados de um bem que já lhes pertencia; quando vão em busca de uma coisa e a obtêm, julgam haver conseguido pouco em comparação com o que o futuro lhes reserva; mas se acontece tentarem sem sucesso, voltam-se para novas esperanças, e assim compensam o fracasso. Com efeito, somente para eles esperar e conseguir são a mesma coisa quando concebem um plano, porque num instante empreendem qualquer ação pela qual se decidem. Por isso eles se extenuam em dificuldades e perigos durante toda a sua vida, e menos que todos os homens eles se satisfazem com o que têm, pois pensam que seu descanso é cumprir o dever e consideram a paz ociosa uma calamidade muito maior que a atividade incessante. Portanto, se alguém, resumindo tudo isso, disser que eles não nasceram para ter paz nem para deixar que os outros a tenham, estará falando certo.

71. "Isso não obstante, embora tendo um povo assim diante de vós, lacedemônios, continuais protelando e esqueceis que uma política pacifista é adequada somente a homens que, apesar de usarem seu poder militar apenas para fins justos, por seu espírito demonstram claramente que não persis-

tirão nela se foram tratados com injustiça; mas vós praticais a eqüidade baseados no princípio de nem molestar os outros, nem se expor a ser molestado, mesmo em defesa própria. Somente vos seria possível adotar este princípio com sucesso em relação a cidades semelhantes à vossa, ao passo que agora, como acabamos de mostrar, vosso procedimento é arcaico em comparação com o deles. Em política, como nas artes, o novo deve prevalecer sempre. É verdade que, quando uma cidade está em paz, é melhor deixar intactos os princípios estabelecidos, mas quando se é compelido a tomar muitas iniciativas é necessário introduzir muitas modificações nos métodos. Por esta razão os princípios dos atenienses, sempre muito empreendedores, sofreram mais mudanças do que os vossos.

"Aqui, então, as vossas contemporizações devem acabar, socorrei agora os potideus e vossos outros aliados, como prometestes, invadindo rapidamente a Ática, de modo a não trair vossos amigos e irmãos de raça diante de seus piores inimigos e a não nos levar, em desespero de causa, a procurar alguma outra aliança. Se tomássemos tal atitude não estaríamos cometendo falta alguma, nem à vista dos deuses pelos quais juramos, nem dos homens de discernimento, pois os tratados são rompidos não por aqueles que, abandonados à própria sorte, procuram juntar-se a outros, mas por quem deixou de socorrer aliados que jurou ajudar. Se, porém, pretendeis ser aliados zelosos, ficaremos convosco, pois em tal caso seríamos culpados de perjúrio se mudássemos de amigos, e não encontraríamos outros mais compatíveis conosco. Deliberai sabiamente, portanto, e esforçai-vos para que as cidades peloponésias não sejam mais fracas sob vossa hegemonia do que quando as recebestes de vossos pais."

72. Assim falaram os coríntios. Por acaso estavam também na Lacedemônia delegados atenienses, vindos para tratar de outros assuntos; após ouvirem os vários discursos eles acharam oportuno aparecer diante dos lacedemônios, não para apresentar qualquer defesa contra as acusações das várias cidades, mas para deixar claro, a respeito de toda a questão em debate, que os lacedemônios não deviam decidi-la apressadamente, e sim examiná-la detidamente. Ao mesmo tempo desejavam mostrar a grandeza do poder de sua própria cidade, recordando aos mais idosos o que eles já sabiam e dizendo aos mais jovens coisas ignoradas por eles, pois acreditavam que, sob a influência de seus argumentos, os lacedemônios se decidiriam pela paz, e não pela guerra. Aproximaram-se, então, dos lacedemônios, e manifestaram o desejo de dirigir-se à assembléia, se nada houvesse em

contrário. Os lacedemônios os convidaram a apresentar-se e os atenienses subiram à tribuna para dizer o seguinte.

73. "Nossa delegação não veio aqui engajar-se em discussões com vossos aliados, mas tratar de assuntos para os quais nos enviou nossa cidade. Percebendo, porém, o não pequeno clamor contra nós, apresentamo-nos, não para refutar as acusações das cidades (nem os nossos discursos nem os deles seriam ouvidos por vós na qualidade de juízes), mas com o intuito de evitar que, cedendo ao poder de pressão de vossos aliados, sejais levados desavisadamente a tomar uma decisão errada a propósito de assuntos da mais alta importância. Desejamos também mostrar, com vistas a todo o clamor levantado contra nós, que estamos de pleno direito na posse do que adquirimos e que nossa cidade merece atenção. Seria necessário falar de fatos muito remotos, cujos únicos testemunhos são estórias contadas, pois não foram vistos pelos que as ouviram? Quanto à guerra pérsica e todos os outros acontecimentos de vosso conhecimento, teremos de falar deles, embora possa ser cansativo mencioná-los, pois são sempre lembrados e comemorados. Realmente, quando estávamos realizando tais feitos corremos os riscos inerentes para o benefício comum e, como vos coube uma parte dos resultados reais daquele benefício, não deveremos ser privados inteiramente dos méritos, se houver algo de útil nisto. Nosso objetivo ao mencionar aqueles fatos será não tanto censurar, mas tornar evidentes as características da cidade com a qual tereis de combater se não fordes bem aconselhados.

"Afirmamos, portanto, que só nós sofremos o primeiro impacto do ataque do Bárbaro em Maratona e o suportamos, e que quando eles voltaram a atacar, não sendo capazes de nos defender em terra embarcamos todos em nossas naus e nos empenhamos na batalha naval de Salamina. Isto impediu o Bárbaro de navegar contra cada uma de vossas cidades e de arrasar o Peloponeso, pois não teríeis condições de ajudar-vos uns aos outros contra uma frota composta de tantas naus. O maior testemunho quanto à veracidade de nossa afirmação foi dado pelo próprio inimigo, pois quando sua frota foi derrotada, ciente de que suas forças já não poderiam rivalizar com as dos helenos, ele se retirou apressadamente com a maior parte de seus efetivos.

74. "Foi este o resultado daquela batalha, e ela constituiu uma prova evidente de que a salvação dos helenos dependeu de suas naus. Para aquele resultado contribuímos com os três fatores mais decisivos, ou seja, o maior

número de naus, o comandante mais clarividente e a bravura mais obstinada. No total de quatrocentas naus nossa participação foi de pouco menos de dois terços; o comandante foi Temístocles, mais responsável que qualquer outro pelo fato de termos travado a batalha no estreito, seguramente a causa de nossa salvação, e por isto vós mesmos o honrastes mais que a qualquer outro estrangeiro que jamais vos visitou[62]; finalmente, a bravura que demonstramos ultrapassou toda a audácia imaginável, pois quando não contávamos com qualquer ajuda por terra (todos os povos restantes até a nossa própria fronteira já haviam sido escravizados), resolvemos abandonar nossa cidade e sacrificar todos os nossos bens, mas não para, naquela situação extrema, desertar a causa comum dos aliados que ficavam, ou para, uma vez disperses, tornarmo-nos inúteis para eles, mas para embarcar em nossas naus e lutar, sem nos agastarmos porque não havíeis podido ajudar-nos antes. Insistimos, portanto, em afirmar que de nossa parte prestamos um serviço pelo menos tão grande quanto o recebido de vós, pois enquanto as populações das cidades das quais trouxestes ajuda ainda estavam intactas e tínheis esperanças de possuí-las no futuro, e vosso motivo era temor por vossa própria sorte mais que pela nossa – de qualquer modo não vos aproximastes de nós enquanto estávamos seguros, nós, partindo de uma cidade que não existia mais[63] e arriscando nossa vida de então por uma cujo futuro pendia de uma tênue esperança, demos nossa contribuição para salvar-vos e também salvar-nos. Se, todavia, tivéssemos agido como outros e, por medo de perder nosso território, houvéssemos passado para o lado dos persas no início da guerra, ou se nos tivesse faltado coragem depois para embarcar em nossas naus, convencidos de que já estávamos perdidos, ter-vos-ia sido inútil, a partir daquele momento, combater no mar com vossa frota inadequada, e os planos dos persas ter-se-iam materializado tranqüilamente, como eles desejavam.

75. "Considerando então, lacedemônios, a bravura e a acuidade de julgamento por nós demonstradas naquele tempo, merecemos ser olhados com esta excessiva desconfiança pelos helenos apenas por causa do império que temos? Na realidade não o conquistamos pela força, mas somente após vos haverdes recusado a continuar a opor-vos às forças bárbaras remanescentes, e os aliados terem vindo a nós e espontaneamente nos instarem a assumir a hegemonia. Compelidos pelas circunstâncias, fomos levados pri-

[62] Vejam-se Heródoto, VII, 124, e Plutarco, *Vida de Temístocles,* XVII, 3.
[63] Veja-se Heródoto, VIII, 57 e 61.

meiro a ampliar o nosso império, até o seu estado atual, influenciados inicialmente pelo temor, depois também pela honra e finalmente pelo interesse; mas após havermos incorrido no ódio da maioria de nossos aliados e muitos deles se terem revoltado, obrigando-nos a subjugá-los, e quando deixastes de ser os mesmos amigos nossos de antes e vos tomastes desconfiados e divergentes, não mais nos pareceu seguro arriscar-nos a afrouxar a nossa autoridade (as defecções sem dúvida seriam para o vosso lado). Ninguém deve ser censurado por cuidar de seus interesses diante dos mais graves perigos.

76. "Em todo o caso, lacedemônios, no exercício da hegemonia sobre as cidades do Peloponeso vós determinais a sua política com vistas à vossa própria vantagem, e se na guerra persa tivésseis mantido até o fim a hegemonia e vos houvésseis tornado impopulares no seu exercício, como aconteceu conosco, certamente seríeis não menos odiosos aos aliados do que somos, e teríeis sido compelidos a exercer o império energicamente ou a correr o risco de perder a hegemonia. Nada há de extraordinário, portanto, ou de incompatível com a natureza humana no que fizemos, apenas por havermos aceito um império quando ele nos foi oferecido, e então, cedendo aos motivos mais fortes – honra, temor e interesse – não abrimos mão dele. Tampouco somos os primeiros a assumir este papel; sempre foi uma norma firmemente estabelecida que os mais fracos fossem governados pelos mais fortes. Ao mesmo tempo, julgamos ter sido dignos de governar, e assim fomos olhados também por vós até que começastes a calcular quais eram os vossos próprios interesses e recorrestes, como fazeis agora, ao apelo aos princípios da justiça, que jamais impediram alguém de tornar-se maior pela força quando se apresenta a ocasião. E merecem elogios aqueles que, cedendo ao impulso da natureza humana para governar os outros, foram mais justos do que poderiam ter sido considerando-se a sua força. Seja como for, se outros conquistassem o nosso poder, logo se veria, por comparação, o quanto somos moderados. Esta moderação, todavia, por uma aberração tem sido para nós mais um motivo de censura que de elogios.

77. "De fato, nós que levamos desvantagem nas questões oriundas de nossos acordos comerciais, cujo foro nós mesmos sugerimos que fossem os nossos tribunais, temos fama de gostar de disputas judiciais. E nenhum de nossos aliados se pergunta por que aqueles que exercem a hegemonia em outras partes, e são menos moderados do que nós em relação a seus súdi-

tos, não são censurados por isto. A razão é a seguinte: quem pode usar a força não tem necessidade de apelar para o direito. Mas se nossos aliados, acostumados a associar-se conosco numa base de igualdade, levam desvantagem em qualquer caso, mesmo trivial, contrariamente à sua expectativa, seja em conseqüência de uma decisão legal, seja no exercício de nosso poder de governo, em vez de ser-nos gratos por não haverem sido privados do direito mais importante[64] ficam profundamente ofendidos por causa dessa pretensa desigualdade, mais do que se tivéssemos desde o princípio posto de lado as leis e houvéssemos cuidado abertamente de nossa própria vantagem. Nesse caso eles não protestariam nem discordariam de que o mais fraco deve ceder ao mais forte. Os homens parecem revoltar-se mais com a injustiça que com a violência, pois sentem que a primeira, vinda de um igual, é vista como uma usurpação, mas a segunda, vinda de um mais forte, é considerada obra da necessidade. De qualquer modo eles sofreram injustiças piores que essas nas mãos dos persas, mas pensam que nossa hegemonia é dura de suportar; isto é normal, pois o domínio presente sempre parece mais pesado aos súditos que o passado. Se vos fosse dado sobrepujar-nos e obter a supremacia, com certeza perderíeis logo a auréola de boa vontade ganha por causa do temor que inspiramos – se realmente pretendeis mostrar de novo a têmpera evidenciada ao tempo em que, por um curto período, tivestes a hegemonia sobre os persas[65]. Com efeito, as instituições vigentes em vossa cidade são incompatíveis com as de outros povos e, além disto, nenhum de vós quando vai a outros lugares se pauta por elas ou por aquelas às quais os demais helenos estão acostumados[66].

78. "Deliberai então ponderadamente, pois estão em jogo matérias nada triviais, e não vos sujeiteis, influenciados pelas opiniões e acusações de outros, a sofrer desnecessariamente com problemas que recairiam sobre vós mesmos. Percebei, antes de ser envolvidos nela, quão grandes são os riscos de erros de estimativa na guerra. Efetivamente, quando se prolonga demais ela tende a depender simplesmente do acaso, e sobre o acaso nenhum dos lados tem poder, pois os resultados entram na esfera do desconhecido e do precário. Muitos se lançam apressadamente à guerra e querem ser os primeiros a agir, embora isto deva ser o último recurso, mas quando

[64] Ou seja, a igualdade perante a lei.
[65] Por exemplo a conduta de Pausânias, descrita no capítulo 130 deste livro.
[66] Os lacedemônios fora de seu país não podiam continuar a praticar o gênero de vida rigoroso usual na Lacedemônia, nem seguir os costumes mais amenos dos lugares onde estavam.

se vêem em situação difícil, finalmente resolvem falar. Como, todavia, ainda não estamos envolvidos nesse erro, e vemos que vós ainda não estais, exortamo-vos, enquanto conselhos sensatos são ainda matéria de livre escolha para ambas as partes, a não violar o tratado e não violar os vossos juramentos, e a optar pela solução de nossas divergências mediante arbitragem, de conformidade com o pactuado. Se recusardes, invocaremos como testemunhas os deuses pelos quais juramos, e nos esforçaremos por tomar represálias contra os que começarem a guerra, seguindo o caminho aberto por vós."

79. Assim falaram os atenienses. Quando os lacedemônios acabaram de ouvir as acusações dos aliados aos atenienses e a resposta destes, mandaram que todos se retirassem e começaram a deliberar, só eles, sobre a situação. A opinião da maioria tendia para a conclusão de que os atenienses já eram culpados de transgressão e que a guerra deveria ser empreendida imediatamente, mas Arquídamos, rei dos lacedemônios, homem com reputação de sagaz e prudente, subiu à tribuna e disse o seguinte:

80. "Eu mesmo, lacedemônios, tive experiência de guerra em muitas ocasiões, e vejo entre vós homens de minha idade; nenhum deles, portanto, está ansioso pela guerra por falta de experiência, como seria o caso com a maioria dos homens, nem por considerá-la uma coisa boa e sem riscos. E se verá que esta guerra sobre a qual deliberais agora não será provavelmente matéria de pouca importância, se se refletir sobriamente a respeito dela. Em confronto com as cidades peloponésias e vizinhas[67], nossa força é do mesmo tipo da dela[68] e podemos chegar a elas rapidamente em qualquer ponto; em confronto, todavia, com homens cujas cidades são muito distantes e são, mais que todos, experimentados em atividades marítimas e melhor equipados sob todos os aspectos, possuidores de riquezas privadas e públicas, naus, cavalos, armas e uma população maior que a de qualquer outra região da Hélade, favorecidos por muitos aliados tributários – por que deveríamos empreender uma guerra contra tais homens? Em que devemos confiar para atacá-los sem estarmos preparados? Em nossas naus? Mas sob esse aspecto somos inferiores, e exercitar-nos e preparar-nos para enfrentá-los demandará tempo. Em nossas riquezas, então? Mas somos ainda mais defi-

[67] "Peloponésias", para Tucídides, seriam as cidades participantes da aliança espartana; "cidades vizinhas" seriam as cidades do Peloponeso não incluídas na aliança (Argos, por exemplo).
[68] Mais forças terrestres que navais. A similaridade também se aplica às riquezas e equipamentos limitados, inexistência de aliados tributários, etc.

cientes a esse respeito, pois não temos dinheiro no tesouro da cidade, nem será fácil obtê-lo de nossos recursos privados mediante impostos[69].

81. "Talvez alguns de nós estejamos afoitos por causa de nossa superioridade em armas e infantaria, que nos capacita a invadir o seu território e devastá-lo. Mas eles têm muitos outros territórios em seu império e poderão importar por mar tudo que lhes for necessário. Se, por outro lado, tentarmos induzir seus aliados a revoltar-se, teremos, em adição, de protegê-los com uma frota, pois eles habitam principalmente ilhas. Como será, então, a nossa guerra? A não ser que possamos conquistar o domínio dos mares ou cortar o fluxo das rendas com as quais sustentam sua frota, teremos principalmente derrotas, e se isto acontecer, já não poderemos sequer concluir uma paz honrosa, especialmente se a iniciativa do conflito nos for atribuída. Não devemos, por certo, ser animados por qualquer esperança de ver a guerra terminar rapidamente se apenas devastarmos seu território. Temo, ao contrário, que tenhamos de legá-la aos nossos filhos, tão improvável é que os atenienses, valorosos como são, se deixem escravizar por amor de suas terras ou, como noviços, se apavorem com a guerra.

82. "Mas seguramente não vos aconselho a suportar, insensíveis, que eles maltratem nossos aliados e a deixá-los prosseguir tranqüilos em suas maquinações, mas somente a adotar a seguinte atitude: não empunheis ainda as armas; enviai delegados até eles para apresentar queixas, sem deixar suficientemente claro se iremos à guerra ou se nos curvaremos diante deles; nesse ínterim, continuemos com nossos preparativos, em primeiro lugar tratando de fazer mais aliados, tanto bárbaros quanto helenos, com o intuito de obter num lado ou noutro recursos adicionais em naus ou dinheiro (quem, como nós, é ameaçado pelos atenienses, não poderá ser censurado se tentar salvar-se obtendo ajuda não somente de helenos, mas até de bárbaros); ao mesmo tempo, aumentemos nossos recursos aqui. Se eles derem ouvidos aos nossos enviados, será ótimo; se não derem, então, após o decurso de dois ou três anos estaremos finalmente melhor preparados para lutar contra eles, se assim decidirmos. Ou talvez quando notarem nossos preparativos, e que nossas palavras são coerentes com estes, fiquem mais inclinados a ceder, pois suas terras ainda não terão sido devastadas e suas deliberações versarão sobre bens ainda na posse deles, ainda não arruinados. Não deveis esperar

[69] A pobreza dos peloponésios é mencionada por Péricles no capítulo 141 deste livro.

que em nossas mãos seu território seja mais que um penhor, tanto mais valioso quanto melhor conservado. Deveis poupá-lo por isso, por tanto tempo quanto possível, em vez de torná-los desesperados e desta forma ter um inimigo mais intratável na hora de negociar. Se sem preparação adequada, premidos pelas queixas de nossos aliados, lhes devastarmos o território, tende cuidado, a fim de não tomarmos uma atitude cujos resultados serão desgraças e dificuldades para o Peloponeso! Com efeito, para queixas, quer de cidades, quer de indivíduos, pode haver saídas, mas quando, atendendo a interesses isolados, uma guerra cujo resultado ninguém pode prever é iniciada por toda uma coligação, não é fácil sair dela honrosamente.

83. "Ninguém deve considerar covardia o fato de muitas cidades hesitarem em atacar uma só. Eles também têm aliados não menos numerosos que os nossos, e que lhes pagam tributos; a guerra não é tanto uma questão de armas quanto de dinheiro, pois é o dinheiro que torna as armas disponíveis, principalmente quando habitantes do interior se opõem a uma potência marítima. Comecemos, então, por obter dinheiro, em vez de nos deixarmos levar prematuramente pela eloqüência de nossos aliados e, da mesma forma que nos caberá a maior parcela de responsabilidade pelas conseqüências em ambos os casos, temos o direito de prevê-las com certa calma.

84. "Não vos envergonheis, portanto, da lentidão e hesitação de que tanto nos acusam. Na realidade, apressando-vos no início podereis custar mais a terminar, pois tereis ido à guerra sem o devido preparo; afinal de contas, em decorrência de nossa política sempre habitamos uma cidade livre e realmente famosa. Essas nossas características, com efeito, podem revelar antes de tudo uma ponderada sabedoria, pois graças a elas somente nós não nos tornamos insolentes na prosperidade nem sucumbimos na adversidade, como acontece a tantos; e quando tentam envolver-nos com louvores em aventuras contra nossas próprias convicções, não nos deixamos levar pela adulação, ou se alguém vai tão longe a ponto de tentar provocar-nos a agir recorrendo a invectivas, o despeito não nos faz modificar nossos pontos de vista. Na realidade, nosso temperamento ordeiro nos deu belicosidade e discernimento; aquela, porque o sentimento de honra está intimamente ligado à sabedoria, e o valor ao temor da desonra, e este por causa de nossa formação (ela não nos dá refinamento em excesso, a ponto de desprezar as leis, e o rigor no qual ela se envolve nos torna bastante razoáveis para cumpri-las); graças a essa formação não incorremos, por excesso de clarividên-

cia, em exageros nas coisas inúteis, nem brilhamos em palavras na crítica às disposições do inimigo, para depois agir de maneira bem diferente; ao contrário, julgamos o espírito dos outros equivalente ao nosso e consideramos que os golpes da sorte, quando se nos apresentam, escapam aos cálculos da razão. Está em nossa índole fazer sempre os preparativos com realismo, na presunção de que iremos enfrentar oponentes dotados de discernimento; nunca devemos fundar nossas esperanças na suposição de que eles irão cometer erros, mas na convicção de que estamos tomando precauções seguras. Não devemos imaginar que um homem difere muito do outro, mas que o melhor é o criado sob a mais severa disciplina[70].

85. "São estas as práticas que nossos pais nos legaram e temos mantido desde o início para nosso proveito; não as abandonaremos, nem nos precipitaremos, em uma breve fração de um dia, numa decisão que envolve muitas vidas, muito dinheiro, muitas cidades e nosso renome; deliberaremos tranqüilamente. Temos direito a este comportamento mais que os outros, por causa de nossa força. Mandai delegados aos atenienses para retomar o exame do problema de Potidéia, e também da questão das injustiças que nossos aliados alegam ter sofrido. A principal razão para isto é que eles estão prontos a submeter-se a arbitragem[71], e não é direito marchar contra quem aceita arbitragem como se se tratasse de um malfeitor. Mas ao mesmo tempo preparai-vos para a guerra. Desta maneira estareis tomando a melhor decisão quanto a vós mesmos, e a mais assustadora para vossos inimigos."

Assim falou Arquídamos, e finalmente Stenelaídas, um dos éforos na época, subiu à tribuna e dirigiu aos lacedemônios as seguintes palavras:

86. "Não entendo os longos discursos dos atenienses, pois embora elogiando-se muito eles em parte alguma negam estar maltratando nossos aliados e o Peloponeso. Se, todavia, eles se conduziram bem contra os persas em tempos passados, mas agora agem mal em relação a nós, merecem uma dupla punição, porque de bons que foram se tornaram maus. Quanto a nós, somos hoje o que sempre fomos; não suportaremos, portanto, se formos sensatos, que nossos aliados sejam maltratados, nem hesitaremos em tomar a sua defesa já que eles não hesitaram em maltratá-los. Outros, com efeito, podem ter dinheiro em abundância e naus e cavalos, mas temos aliados

[70] Grande parte do discurso de Arquídamos é uma resposta às críticas dos coríntios, nos capítulos 68 a 71 acima, ao caráter dos lacedemônios.
[71] Veja-se o capítulo 78 deste livro.

valentes, que não devem ser entregues aos atenienses; não devemos procurar reparação através de processos e palavras se não é com palavras que os aliados estão sendo maltratados; devemos vingá-los prontamente e com toda a nossa força. E ninguém venha dizer-nos que convém deliberar se nos injuriam; ao contrário, convém mais àqueles que pretendem maltratar-nos deliberar demoradamente. Votai portanto pela guerra, lacedemônios, como convém à dignidade de Esparta, e não permitais que Atenas se torne maior; não traiamos nossos aliados, mas com o favor dos deuses marchemos contra os culpados."

87. Quando Stenelaídas acabou de proferir estas palavras, ele mesmo, por ser um dos éforos, submeteu sua proposta à assembléia dos lacedemônios. Estes, em suas deliberações, decidem usualmente por aclamação em vez de votos, mas Stenelaídas disse que não podia distinguir qual das aclamações era a mais forte e, querendo levar a assembléia a motivar-se mais para a guerra por uma demonstração inequívoca de seus sentimentos, falou: "Todos dentre vós, lacedemônios, que pensais que o tratado foi rompido e que os atenienses estão sendo injustos, levantai-vos e ide para aquele lugar (e apontou em certa direção), e todos os que pensais o contrário, ide para o outro lado". Então eles se levantaram e se separaram, verificando-se que a maioria maciçamente considerava o tratado rompido. Chamaram em seguida os aliados e lhes disseram que, em sua opinião, os atenienses os estavam maltratando, mas que desejavam convocar a totalidade dos aliados[72] e submeter o assunto ao voto geral, afim de que a guerra, se decidida, fosse feita por deliberação conjunta. Os aliados presentes voltaram para as suas cidades após esse resultado, e também os atenienses logo depois, tendo concluído os negócios para os quais haviam vindo.

A decisão da assembléia no sentido de que o acordo fora rompido ocorreu no décimo quarto ano[73] a contar do inicio da trégua de trinta anos pactuada após a guerra da Eubéia[74].

88. O voto dos lacedemônios considerando o acordo rompido e determinando, portanto, que deveriam ir à guerra, foi motivado não tanto pela influência dos discursos de seus aliados quanto por temor dos atenienses,

[72] Somente uma parte destes havia sido chamada para aquela assembléia (vejam-se os capítulos 67 e 69 acima).
[73] Em 445 a.C.
[74] Veja-se o capítulo 94 deste livro.


0 100 km 100 mi
Anfípolis
Êion
Tasos
Quersonesos
Potidéia
Tróia
Lesbos
Focéia
Eubéia
Quios
IÔNIA
Maratona
Cáristos
Atenas
Salamina
Egina
Delos
CÁRIA
Melos

O MAR EGEU

para evitar que eles se tornassem excessivamente poderosos, pois viam que a maior parte da Hélade já estava em suas mãos.

89. As circunstâncias que levaram os atenienses àquela situação de grandeza serão descritas a seguir. Quando os persas se retiraram da Europa, derrotados pelas naus e pela infantaria dos helenos (os persas que, com suas naus, tentaram refugiar-se em Micale, pereceram lá), Leotiquides, rei dos lacedemônios e comandante dos helenos em Micale, partiu de volta com os aliados do Peloponeso. Os atenienses, juntamente com os aliados da Iônia e do Heléspontos[75] já revoltados contra o Rei, continuaram em operação e sitiaram Sestos, ainda dominada pelos persas, e, passando o inverno lá, ocuparam-na quando os bárbaros a abandonaram; depois disso os contingentes de várias cidades navegaram de volta do Helésponto. Mas quando os bárbaros se retiraram da Ática, os atenienses começaram imediatamente a trazer de volta as suas mulheres e crianças, e os bens remanescentes que haviam levado para outros lugares mais seguros, e iniciaram a reconstrução da cidade e das muralhas; com efeito, somente poucos trechos da muralha circundante foram deixados intactos, e a maior parte das casas estava em ruínas, restando apenas umas poucas onde os chefes persas mais importantes se haviam instalado.

90. Os lacedemônios, tomando conhecimento de tais fatos, vieram a Atenas numa delegação, em parte porque prefeririam que nem Atenas nem qualquer outra cidade tivesse muralhas, mas principalmente por insistência de seus aliados, apreensivos não somente com o tamanho da frota ateniense, nunca antes tão grande, mas também com a audácia por eles demonstrada na guerra com os persas. Pediram-lhes, então, para não reconstruírem suas muralhas e para se juntarem a eles na destruição das muralhas ainda intactas de quaisquer cidades fora do Peloponeso, não dando a perceber os motivos reais de suas apreensões em relação aos atenienses, mas alegando que o Bárbaro, se os atacasse novamente, não teria qualquer baluarte onde instalar a sua base de operações como havia feito ultimamente com Tebas; o Peloponeso, acrescentaram eles, era bastante grande para todos, seja como refúgio, seja como base de operações. A essas propostas dos lacedemônios os atenienses, aconselhados por Temístocles, responderam que enviariam embaixadores a Esparta para discutir o assunto, e dessa forma se livraram deles prontamen-

[75] Os combatentes oriundos das ilhas e da costa da Ásia Menor haviam sido incorporados à aliança helênica da batalha em Micale e do avanço dos vencedores até Ábidos.

te. Temístocles propôs, então, que deveriam enviá-lo o mais depressa possível à Lacedemônia; deveriam também despachar outros embaixadores além dele, mas em vez de mandá-los imediatamente, conviria esperar até que a muralha estivesse reconstruída até a altura mínima necessária à defesa. Toda a população – homens, mulheres e crianças – deveria participar da reconstrução das muralhas, sem poupar qualquer edifício, privado ou público, cuja demolição pudesse apressar a conclusão da obra. Após dar essas instruções, e insinuando que ele mesmo cuidaria do resto em Esparta, partiu para lá. Chegando à Lacedemônia, ele não se apresentou imediatamente aos magistrados locais, mas foi adiando o encontro e apresentando desculpas; quando alguma autoridade lhe perguntava por que não se apresentava logo diante do povo, ele alegava estar esperando os seus colegas, que haviam ficado em Atenas por causa de assuntos urgentes; aguardava-os muito breve, todavia, e se admirava por não haverem ainda chegado.

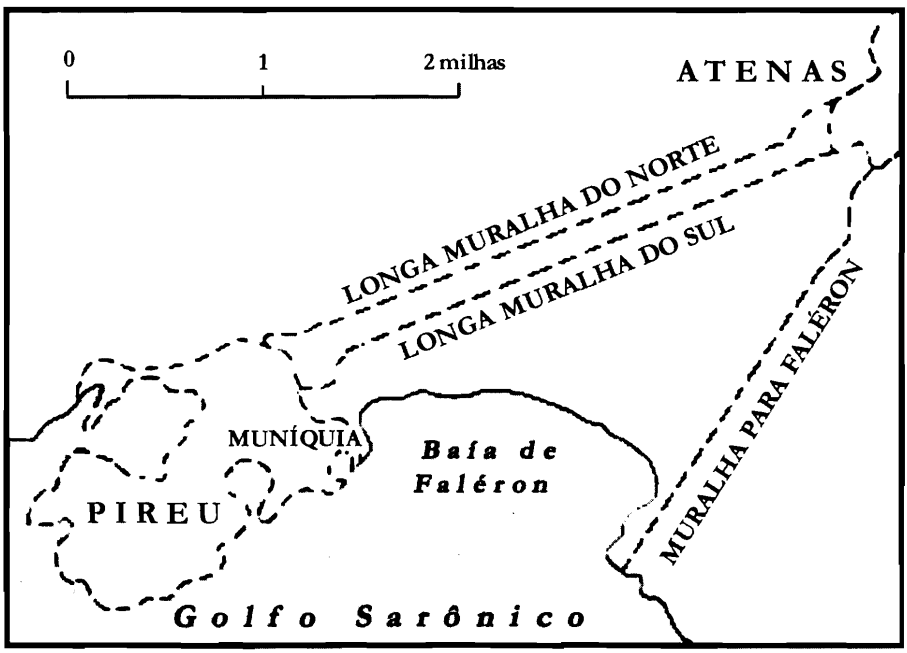
91. Os lacedemônios pareciam dispostos a contentar– se com tais respostas por causa de sua amizade para com Temístocles, mas quando todas as pessoas vindas de Atenas passaram a afirmar categoricamente que as muralhas estavam subindo e já haviam quase atingido a altura adequada, não podiam deixar de acreditar. Mas Temístocles, percebendo isto, exortou-os a não se deixarem enganar por simples informações; deveriam antes mandar algum emissário fidedigno escolhido por eles, para ver tudo e trazer de volta um relato exato. Assim agiram eles, e Temístocles mandou instruções secretas aos atenienses no sentido de deterem os enviados tão discretamente quanto possível e não os deixar reaparecerem até que ele e os outros embaixadores houvessem regressado (naquela ocasião seus colegas Habrônicos filho de Lísicles, e Aristides filho de Lisímacos já se haviam juntado a ele em Esparta, com a notícia de que a muralha já estava bastante alta); tais precauções se deviam ao seu receio de que os lacedemônios, quando ouvissem a verdade, se recusassem a deixá-lo voltar. Conseqüentemente os atenienses retiveram os enviados de acordo com as instruções recebidas e Temístocles, aparecendo diante dos lacedemônios, finalmente lhes disse com franqueza que a cidade já estava amuralhada e, portanto, em condições de proteger seus habitantes; se os lacedemônios ou seus aliados quisessem negociar qualquer assunto com eles, deveriam ir vê-los cientes de estarem tratando com homens plenamente conhecedores de seus próprios interesses e dos interesses gerais. Deveriam lembrar-se de que, quando julgaram mais acertado abandonar a sua cidade e embarcaram em suas naus, os atenienses haviam sido

capazes – disseram os embaixadores – de tomar aquela audaciosa decisão e correr os riscos sem ajuda de Esparta; além disto, acrescentaram, em todos os assuntos sobre os quais os atenienses se aconselharam com os lacedemônios, estes se haviam mostrado inferiores a quaisquer outros em suas ponderações. Da mesma forma, na situação presente lhes pareceu melhor que sua cidade tivesse uma muralha, e esta circunstância seria grandemente vantajosa para os habitantes de Atenas em particular, e para os seus aliados em geral; acrescentaram que seria impossível, sem meios de combate equivalentes, participar de deliberações conjuntas em condições comparáveis e justas; portanto, concluíram, os membros da aliança deveriam todos dispensar as muralhas, ou considerar justificado o procedimento dos atenienses.

92. Os lacedemônios, ouvindo estas palavras, não mostraram abertamente qualquer ressentimento contra os atenienses, pois eles tinham enviado sua embaixada a Atenas não para dar ordens, mas para oferecer uma sugestão de interesse geral; além disto, naquela ocasião nutriam os sentimentos mais amistosos em relação aos atenienses por causa de sua bravura diante dos persas; sentiam, todavia, um desgosto íntimo por haverem falhado em seus propósitos. E assim se retiraram os representantes dos dois lados sem fazer qualquer queixa formal.

93. Desta forma os atenienses fortificaram a sua cidade em tão pouco tempo, e ainda hoje a estrutura mostra que a obra foi feita apressadamente. Com efeito, as camadas inferiores contêm todos os tipos de pedras, em alguns casos nem sequer ajustadas para encaixar-se, mas apenas como ficaram quando inúmeros trabalhadores as puseram no lugar; muitas colunas de túmulos e pedras preparadas para outros usos foram misturadas nela. De fato, a muralha em volta da cidade foi prolongada em todas as direções e, por isto, os atenienses lançaram mão de tudo em sua pressa. Temístocles persuadiu-os também a terminarem as muralhas do Pireu[76] iniciadas durante o ano em que ele foi arconte dos atenienses, pois pensava que o Pireu, com seus três ancoradouros naturais, era um excelente local para ser desenvolvido, e que a transformação de Atenas numa cidade de marinheiros seria uma grande vantagem para os atenienses, com vistas ao incremento de seu poderio – realmente, foi ele o primeiro a se atrever a declarar que eles deveriam voltar-se para o mar e a ajudá-los em seguida a lançar os fundamentos de

[76] O porto de Atenas, situado a pequena distância da cidade, mais elevada do que ele.



PIREU E AS LONGAS MURALHAS

seu império. Seguindo o seu conselho, construíram em volta do Pireu uma muralha da espessura que ainda pode ser vista, capaz de comportar o tráfego de duas carroças transportando pedras lado a lado. Nela não se usou cascalho nem argamassa, mas grandes pedras quadradas e rejuntadas, presas umas às outras pelo lado de fora com grampos de ferro e chumbo. Mas a muralha só foi construída até cerca de metade da altura originalmente projetada, pois o que ele desejava era poder impedir assaltos do inimigo simplesmente pela altura e espessura da muralha, e pensava que uns poucos homens – os menos capazes bastariam para guardá-la, enquanto os restantes poderiam tripular as naus. Temístocles, na verdade, dedicou-se principalmente à força naval, pois segundo me parece ele havia observado que a aproximação das forças do Rei[77] fora mais fácil por mar que por terra; ele pensou também que o Pireu seria mais útil que a cidade alta, e freqüentemente aconselhava os atenienses a, se um dia se vissem fortemente pressionados por terra, descerem para o Pireu e resistirem ao inimigo com sua frota. Assim os atenienses conseguiram construir as suas muralhas e passaram a dedicar-se às outras fortificações, imediatamente após a retirada dos persas.

94. Nesse ínterim Pausânias filho de Cleômbrotos foi mandado da Lacedemônia chefiando os helenos com vinte naus do Peloponeso, juntamente com trinta naus atenienses e numerosos outros aliados. Fizeram uma expedição contra Chipre, dominando a maior parte dela, e depois, sempre sob o comando de Pausânias, sitiaram Bizâncio, então dominada pelos persas, e a capturaram.

95. As violências de Pausânias, todavia, já descontentavam os helenos, especialmente os iônios e todos os povos recentemente emancipados do Rei. Então, mediante gestões repetidas junto aos atenienses, pediram-lhes para se tornarem seus chefes, em nome de seus laços étnicos ou, em caso de recusa, por não tolerarem as violências de Pausânias. Os atenienses acolheram favoravelmente essas propostas e ficaram alertas, decididos a não mais tolerar a conduta de Pausânias e a resolver todas as outras questões como melhor lhes parecesse. Simultaneamente os lacedemônios chamaram Pausânias de volta, com o objetivo de interrogá-lo a propósito de relatos que estavam recebendo, pois muitas acusações de abusos dele estavam sendo feitas por helenos que iam a Esparta, e seu comportamento mais parecia um ensaio de

[77] O rei dos persas, quando a tentativa de conquista da Hélade por suas forças era um fato recente, era mencionado pelos historiadores e oradores simplesmente como Rei.

despotismo que a conduta de um comandante. Em conseqüência disto ele foi levado a um tribunal, no momento exato em que todos os aliados, descontentes com ele, passaram para o lado dos atenienses, à exceção dos soldados peloponésios. Apesar de, ao retornar ao Peloponeso, Pausânias ter tido de prestar contas por todas as violências por ele cometidas contra indivíduos, quanto às principais acusações ele foi absolvido de qualquer abuso (ele fora acusado principalmente de simpatia para com os persas, e esse tópico parecia bastante claro). Pausânias não voltou a ser comandante, tendo esse posto sido atribuído a Dórcis, junto com alguns outros, com forças pouco importantes; os aliados, porém, não os investiram no comando, e eles, agora cientes da situação, retornaram em seguida; os lacedemônios não mandaram novos comandantes depois disto, temendo que qualquer um que fosse enviado pudesse ser corrompido, como acontecera com Pausânias; também quiseram livrar-se da guerra com os persas e consideraram os atenienses competentes para assumir o comando, pois naquela ocasião eles pareciam amigos.

96. Depois de os atenienses haverem assumido dessa maneira o comando dos aliados, que os escolheram espontaneamente por causa do ódio a Pausânias, estipularam as contribuições de cada um deles, tanto dos que deveriam concorrer com dinheiro para a guerra contra o bárbaro, quanto dos que deveriam fornecer naus; o objetivo seria arrasar os territórios do Rei em represália pelas violências de que haviam sido vítimas. Naquela ocasião[78] os atenienses instituíram pela primeira vez o cargo de tesoureiro dos helenos, com a atribuição de recolher os tributos (assim se chamava a contribuição em dinheiro). O valor dos tributos estabelecidos inicialmente era de quatrocentos e sessenta talentos[79] e se estipulou que o tesouro dos aliados ficaria em Delos, devendo as reuniões realizar-se no templo[80].

97. Exercendo primeiro hegemonia sobre aliados autônomos e participantes nas deliberações das assembléias comuns, os atenienses, no intervalo entre esta guerra e a persa, empreenderam, tanto na guerra quanto na administração dos negócios públicos, as ações relatadas a seguir, dirigidas contra o bárbaro, contra seus próprios aliados quando tentavam revoltar-se, e contra os peloponésios, que sempre entravam em conflito com eles no

[78] Em 476 a.C.
[79] O talento equivalia a cerca de mil dólares.
[80] Em Delos havia um templo famoso de Apolo; veja-se a nota 20.

curso das ações. Resolvi fazer uma digressão para escrever sobre estes assuntos porque este período foi omitido por todos os meus predecessores, que limitaram suas narrativas aos acontecimentos helênicos antes da guerra persa ou à própria guerra persa; Helânicos, o único deles a referir-se a este período, tratou dele sucintamente em sua *História Ática,* e sem exatidão na cronologia[81]. Ao mesmo tempo a narrativa de tais eventos serve para ilustrar a maneira pela qual foi estabelecido o império de Atenas.

98. Inicialmente, sob o comando de Címon filho de Milcíades, eles sitiaram e capturaram Êion, no Strímon, até então ocupada pelos persas, e escravizaram seus habitantes[82]; depois capturaram e escravizaram Squiros, ilha do mar Egeu habitada pelos dolópios, e a colonizaram. Houve também uma guerra entre eles e os carístios (os outros eubeus não participaram dela), que após algum tempo negociaram a sua rendição. Logo depois eles moveram guerra contra os náxios[83], que se haviam revoltado, e os venceram após sitiá-los; esta foi a primeira cidade aliada a ser escravizada contra as regras estabelecidas, mas depois outras também o foram, ao sabor das circunstâncias.

99. Embora houvesse outras causas para revoltas, as principais foram a falta de pagamento dos tributos ou do suprimento de naus e, em alguns casos, a recusa ao serviço militar, pois os atenienses cobravam rigorosamente os tributos e se tornavam odiosos ao aplicar medidas coercitivas aos que não estavam acostumados ou relutavam em aceitar as durezas dos deveres. Também sob outros aspectos os atenienses já não agradavam como antes no comando; não participavam de expedições em igualdade de condições e subjugavam facilmente os dissidentes. Mas os responsáveis por essa situação eram os próprios aliados; com efeito, a relutância em prestar o serviço militar havia levado a maioria, avessa a permanecer muito tempo longe do lar, a atribuir-se um valor em dinheiro, correspondente ao valor das naus a suprir, exonerando-se, assim, do serviço; conseqüentemente a frota ateniense cresceu graças aos fundos então obtidos, enquanto os contribuintes, quando se revoltavam, entravam em guerra sem preparação e experiência.

---

[81] Das obras de Helânicos, contemporâneo de Heródoto, restam apenas fragmentos, dispersos em citações de escritores gregos posteriores, coligidos por C. e T. Müller, *Fragmenta Historicorum Graecorum,* vol. I, pp. 45-69.
[82] Em 476 a.C.
[83] Em 466 a.C.

100. Depois disso travaram-se nas proximidades do rio Eurimédon batalhas em terra e no mar entre os atenienses e seus aliados, de um lado, e os persas do outro[84]; os atenienses saíram vitoriosos nos dois elementos no mesmo dia, sob o comando de Címon filho de Milcíades, e capturaram e destruíram um total de duzentas trirremes dos fenícios. Algum tempo depois os tásios se revoltaram contra os atenienses[85] por causa de uma disputa em torno de entrepostos comerciais e minas[86] no lado oposto da costa da Trácia, cujos lucros eram dos tásios; os atenienses saíram com sua frota contra Tasos e desembarcaram na ilha após ganhar uma batalha naval. Ao mesmo tempo mandaram para as proximidades do rio Strímon dez mil colonos, constituídos de atenienses e seus aliados, com o objetivo de estabelecer-se no local, então chamado Nove Caminhos mas agora Anfípolis; embora esses colonos tivessem tomado posse de Nove Caminhos, que era habitada pelos édonos, quando avançaram para o interior da Trácia foram dizimados em Drabescos (na Edônia) pelas forças reunidas dos trácios, para os quais o estabelecimento da colônia naquele lugar era uma ameaça.

101. Os tásios, que haviam sido derrotados na batalha e estavam sitiados, apelaram para os lacedemônios e os instaram a invadir a Ática para ajudá-los. Os lacedemônios, sem o conhecimento dos atenienses, prometeram fazê-lo e pretendiam cumprir a promessa, mas foram obstados por um terremoto[87] que ocorreu naquela época[88], por ocasião do qual os hilotas e periecos de Túria e Etéia se revoltaram e foram para Itome[89]. Muitos hilotas eram descendentes dos antigos messênios que haviam sido escravizados em épocas remotas[90], e por isto eram chamados messênios em sua totalidade. Os lacedemônios se viram então envolvidos em uma guerra contra os rebeldes de Itome e conseqüentemente os tásios, sitiados havia três anos, chegaram a um acordo com os atenienses, demolindo suas muralhas e entregando-lhes as naus; aceitaram ainda contribuir com a soma em dinheiro que

---

[84] Para a vitória de Címon, cuja data não é certa (466 a.C.?), vejam-se Diódoro Sículo, XI, 60 e Plutarco, *Címon*, XII.
[85] Em 465 a.C.
[86] Os tásios tinham uma mina de ouro na costa da Trácia; veja-se Heródoto, VI, 46.
[87] Chamado "o grande terremoto" no capítulo 128 deste livro.
[88] Em 464 a.C.
[89] Os periecos eram os antigos habitantes da Lacedemônia, originários principalmente da Acaia, reduzidos à condição de súditos, ou seja, não eram cidadãos, embora não fossem escravos da cidade como os hilotas.
[90] Referência aos tempos míticos e à primeira guerra messênia.

lhes fosse imposta e pagar tributos no futuro e, finalmente, abandonar o continente e a mina.

102. Os lacedemônios, todavia, sentindo que sua guerra com os rebeldes em Itome iria ser longa, apelaram para os aliados em geral e especialmente para os atenienses, que vieram com forças consideráveis sob o comando de Címon. A razão principal do apelo aos atenienses foi a sua reputação de serem peritos em operações de sítio, já que o excessivo prolongamento do cerco demonstrou a deficiência dos lacedemônios a esse respeito; se assim não fosse, teriam tomado o local de assalto. Em conseqüência dessa expedição a falta de harmonia nas relações entre os lacedemônios e os atenienses começou a manifestar-se. De fato, quando os lacedemônios falharam em seus esforços para tomar o local de assalto, temendo a audácia e o gosto dos atenienses pela novidade (além disto eles os olhavam como um povo de outra raça), pensaram que, se os atenienses continuassem lá, poderiam ser persuadidos pelos rebeldes de Itome a mudar de lado; por isto os lacedemônios os mandaram de volta, somente a eles entre os aliados, sem lhes dar qualquer indicação de suas suspeitas, mas dizendo simplesmente que já não necessitavam deles. Os atenienses, todavia, compreenderam que sua dispensa não correspondia àquela explicação cortês; ficaram indignados e consideraram que não mereciam tal tratamento da parte dos lacedemônios, e em seguida ao regresso denunciaram a aliança até então existente entre eles e os lacedemônios contra os persas, tornando-se aliados dos argivos, inimigos dos lacedemônios. Simultaneamente uma aliança nos mesmos termos e confirmada por juramentos idênticos foi concluída entre os atenienses e argivos de um lado, e os tessálios do outro.

103. No décimo ano[91] os rebeldes de Itome se convenceram de que não poderiam suportar o cerco por mais tempo e se renderam aos lacedemônios, sob a condição de que deixariam o Peloponeso mediante uma trégua e nunca mais poriam os pés lá; se qualquer deles fosse capturado naquela região, ficaria sendo escravo de seu captor. Além disto, anteriormente os lacedemônios haviam recebido um oráculo pítico concitando-os a deixar ir-se embora o suplicante de Zeus de Itome. Assim os messênios deixaram o Peloponeso com suas crianças e mulheres; os atenienses os acolheram, em conseqüência da inimizade que já sentiam pelos lacedemônios, e os estabeleceram em Náupactos, que tinham tomado havia pouco tempo

[91] Em 455 a.C.

de seus habitantes, os lócrios ozólios. Os megáricos, revoltados com os lacedemônios porque os coríntios os estavam pressionando fortemente em uma disputa sobre fronteiras, também se aliaram aos atenienses; os atenienses ocuparam Mégara e Pegás[92] e construíram para os megáricos as longas muralhas que iam da cidade até Niséia, instalando-se nela com uma guarnição. Por causa desta ação começou o ódio veemente dos coríntios pelos atenienses.

104. Na mesma época Ínaros filho de Psaméticos, um líbio e rei dos líbios adjacentes ao Egito, saindo de Maréia (cidade ao norte de Faros) levou a maior parte do Egito a revoltar-se contra o rei Artaxerxes[93] e depois de proclamar-se rei chamou os atenienses. Estes partiram de Chipre[94], onde por coincidência se encontravam em uma expedição com duzentas naus suas e dos aliados, e foram para o Egito; quando navegavam pelo rio Nilo acima, vindos do mar, vendo-se senhores do rio e de dois terços de Mênfis, continuaram avançando para atacar a terceira parte, chamada Fortaleza Branca. Na fortaleza estavam alguns persas e medas que se haviam refugiado lá, juntamente com os egípcios que não haviam aderido à revolta[95].

105. Os atenienses desceram também com uma frota até Halieis, onde travaram contra alguns coríntios e epidáurios um combate vencido pelos coríntios. Depois os atenienses se engajaram em uma batalha naval em Cecrifaléia com a frota peloponésia, sendo vencedores desta vez. Em seguida a esse evento começou a guerra entre os atenienses e os eginetas, e travou-se um importante combate naval entre eles ao largo de Egina, com a presença de aliados de ambos os lados; os atenienses foram vencedores e, tendo capturado setenta naus eginetas, desembarcaram em Egina e sitiaram a cidade; o comandante dos atenienses era Leócrates filho de Stroibos. À vista disto os peloponésios, querendo ajudar os eginetas, despacharam para Egina trezentos hoplitas que anteriormente estavam dando apoio aos coríntios e epidáurios. Por outro lado, os coríntios ocuparam as elevações de Gerânia e de lá desceram sobre o território de Mégara conjuntamente com seus

---

[92] Pegás era o porto de Mégara no golfo Coríntio; Niséia era um porto mais próximo, no golfo Sarônico.
[93] Em 460 a.C.
[94] Veja-se o capítulo 94 deste livro.
[95] Faros era uma ilhota situada no litoral do Egito, famosa por seu farol; Fortaleza Branca era um distrito de Mênfis, assim chamada, segundo um escoliasta de Tucídides, por ser construída com pedras talhadas, em contraste com o resto das muralhas de Mênfis, feita com tijolos avermelhados.

aliados, pensando que os atenienses seriam incapazes de ajudar os megáricos, já que suas tropas estavam ausentes em Egina e no Egito e, se tentassem socorrer Mégara, teriam de retirar-se de Egina. Os atenienses, porém, sem recorrer às tropas que estavam sitiando Egina, marcharam para Mégara com as forças remanescentes na cidade, constituídas de combatentes mais idosos e mais jovens sob o comando de Mironides. Após um combate indeciso com os coríntios os dois lados se separaram, cada um convencido de que não levara a pior na ação. Os atenienses, que realmente haviam sido de certo modo melhores, ergueram um troféu quando os coríntios se retiraram; os coríntios, porém, tendo sido censurados pelos homens mais idosos em sua cidade, prepararam-se e doze dias depois voltaram e começaram a erguer um troféu rival para si mesmos, como se tivessem vencido; diante disto os atenienses saíram de Mégara para enfrentá-los, mataram os coríntios que estavam trabalhando no troféu e, travando combate com os restantes, derrotaram-nos.

106. Os vencidos então se retiraram e um grupo não pequeno deles, fortemente pressionado pelos atenienses, perdeu-se no caminho e procurou refúgio numa propriedade privada fechada por uma vala profunda e, portanto, sem saída. Quando os atenienses se aperceberam disso os encurralaram, barrando a entrada com hoplitas e, distribuindo tropas ligeiras em toda a volta, mataram a pedradas todos os que haviam entrado. Esse acontecimento foi uma grande calamidade para os coríntios, mas o grosso de suas tropas retornou à sua cidade.

107. Mais ou menos na mesma época[96] os atenienses começaram a construir suas longas muralhas até o mar, uma em direção a Faléron[97] e outra até o Pireu. Também naquela época os foceus fizeram uma expedição contra a terra dos dórios (berço dos lacedemônios), ou seja, as cidade de Bôion, Citínion e Erinêon, uma das quais capturaram; os lacedemônios, sob o comando de Nicômedes filho de Cleômbrotos, em nome do rei Plistoânax filho de Pausânias, que ainda era menor, saíram para ajudar os dórios com uma força de mil e quinhentos hoplitas próprios e dez mil de seus aliados e, depois de obrigarem os foceus a lhes restituir a cidade mediante condições impostas, começaram a marcha de volta à sua terra. Se desejassem seguir a rota marítima passando pelo golfo de Crisa, seguramente os atenienses viri-

[96] Em 457 a.C.
[97] Um dos portos que serviam a Atenas.

am com sua frota contornando o Peloponeso e lhes bloqueariam o caminho; e marchar através da Gerânia lhes parecia muito arriscado, pois os atenienses estavam em Mégara e Pegás. Além disto, a Gerânia não era fácil de atravessar e estava guardada durante todo o tempo pelos atenienses, que naquela ocasião, como os lacedemônios perceberam, pretendiam efetivamente bloquear a passagem. Os lacedemônios decidiram então esperar na Beócia e ponderar sobre a maneira mais segura de chegar ao Peloponeso. Para esta atitude contribuíram, em parte, alguns atenienses que os estavam convidando secretamente a seguir para o seu território, na esperança de pôr fim à democracia e à construção das longas muralhas. Mas os atenienses marcharam contra os lacedemônios com todas as suas forças que, com mil argivos e contingentes de vários aliados, totalizavam quatorze mil homens. Eles empreenderam a expedição contra os lacedemônios por acreditarem que estes se encontravam numa situação difícil para conseguir passagem, e em parte também por suspeitarem de uma conspiração para derrubar a democracia. As forças atenienses estavam reforçadas por alguns contingentes de cavalaria tessália, vindos de conformidade com os termos da aliança; no curso da ação, todavia, esses contingentes iriam desertar para o lado dos lacedemônios.

108. A batalha se travou[98] em Tânagra, na Beócia, e dela saíram vitoriosos os lacedemônios e seus aliados, mas a mortandade foi grande de ambos os lados. Os lacedemônios entraram então em território megárico, cortaram as árvores e foram embora através da Gerânia e do istmo. Sessenta e dois dias depois desta batalha os atenienses, tendo empreendido uma expedição à Beócia sob o comando de Mironides, derrotaram os beócios em Enofita, dominaram a Beócia e a Fócida, demoliram as muralhas de Tânagra e levaram cem dos cidadãos mais ricos entre os lócrios opúntios como reféns. Nesse ínterim completaram a construção de suas longas muralhas. Algum tempo depois os eginetas também se renderam aos atenienses, demolindo as suas muralhas, entregando-lhes suas naus e concordando em pagar tributos no futuro[99]. Os atenienses, sob o comando de Tolmides filho de Tolmeus, navegaram em volta do Peloponeso, incendiaram as docas dos lacedemônios[100], tomaram Cálcis (uma cidade dos coríntios) e, realizando uma incursão ao território dos siciônios, derrotaram-nos em combate.

[98] Em 456 a.C.
[99] Em 455 a.C.
[100] Em Gitêon, no golfo Lacedemônio.

109. Nesse ínterim os atenienses e seus aliados permaneceram no Egito e a guerra lá assumiu aspectos cambiantes. Inicialmente os atenienses conseguiram o domínio do Egito e o Rei[101] mandou à Lacedemônia o persa Megábazos com dinheiro, com o objetivo de induzir os lacedemônios a invadirem a Ática, levando assim os atenienses a se retirarem do Egito. Vendo, porém, que o assunto não evoluía e o dinheiro estava sendo gasto em vão, Megábazos partiu de volta à Ásia com o dinheiro restante, e o persa Megábisos filho de Zópiros[102] foi mandado para o Egito com um grande exército. Ele marchou por terra até lá e derrotou os egípcios e seus aliados em combate, expulsou os helenos de Mênfis e, finalmente, confinou-os na ilha de Prosópitis, onde os sitiou durante um ano e seis meses; ao fim desse período, desviou as águas para outro curso, drenou o canal e deixou as naus a seco, convertendo a maior parte da ilha em continente; em seguida atravessou a pé e tomou a ilha.

110. Desta forma fracassaram os esforços dos helenos após uma guerra de seis anos[103] e poucos de muitos que eram, tomando o rumo de Cirene através da Líbia, escaparam com vida; a maior parte deles pereceu. Os egípcios voltaram então ao domínio do rei, à exceção de Amirteus, rei dos pântanos[104] pois os persas não puderam capturá-lo, tanto por causa da extensão da área pantanosa quanto por serem os habitantes dos pântanos os melhores combatentes entre os egípcios. Ínaros, rei dos líbios, todavia, inspirador de todo o movimento no Egito, traído pelos seus, foi capturado e crucificado. As cinqüenta trirremes despachadas de Atenas e do resto da confederação para o Egito, a fim de ajudar a frota que lá estava, chegaram à boca mendésia do Nilo inteiramente ignorantes desses acontecimentos; as forças de terra e uma frota fenícia se lançaram contra elas por mar, destruindo-as em sua maior parte, salvo um pequeno número que conseguiu escapar. Assim terminou a grande expedição dos atenienses e seus aliados contra o Egito.

111. Depois Orestes filho de Equecratidas, rei dos tessálios, exilado da Tessália, persuadiu os atenienses a restaurá-lo no poder e eles, juntamente com alguns soldados foceus e beócios seus aliados, empreenderam uma

[101] Dos persas; veja-se a nota 77.
[102] Herói na captura da Babilônia; veja-se Heródoto, III, 140.
[103] Em 454 a.C.
[104] Veja-se Heródoto II, 140 e III, 15.

expedição contra Fársalos, na Tessália. Apesar de se haverem tornado senhores da região, tanto quanto era possível sem se afastarem do acampamento – a cavalaria tessália os mantinha localizados lá – eles fracassaram na conquista da cidade e, de fato, nenhum dos outros objetivos da expedição foi alcançado; afinal as tropas regressaram às suas cidades levando Orestes com elas, sem qualquer resultado.

Não muito tempo depois, mil atenienses, embarcando em suas naus em Pegás, que então era possessão de Atenas[105] navegaram ao longo da costa para Sicione, sob o comando de Péricles filho de Xântipos, e desembarcando lá derrotaram em combate os siciônios que vieram enfrentá-los. Em seguida, levando apenas os aqueus e cruzando o golfo, empreenderam uma expedição contra Eníadas (na Acarnânia) e a cercaram, mas não podendo capturá-la voltaram para suas cidades.

112. Três anos após foi concluída uma trégua entre os peloponésios e os atenienses, com vigência por cinco anos. Os atenienses se abstiveram de qualquer ação militar contra os demais helenos, mas fizeram uma expedição contra Chipre com duzentas naus próprias e de seus aliados, sob o comando de Címon. Sessenta dessas naus navegaram para o Egito por instância de Amirteus, rei dos pântanos, enquanto outras cercaram Cítion, mas Címon morreu e a fome obrigou as tropas a voltarem de lá. Em sua viagem de retorno, quando as naus estavam em frente a Salamina (em Chipre), travaram batalhas contra os fenícios, cipriotas e cilícios no mar e em terra, obtendo vitórias nos dois elementos; continuaram a viagem de regresso, e com elas voltaram as naus que haviam estado no Egito. Depois disto os lacedemônios empreenderam a chamada "guerra sagrada" e, conseguindo apossar-se do templo de Delfos, entregaram-no aos délfios; mais tarde, quando eles se retiraram, os atenienses fizeram uma expedição, apossaram-se do templo e o entregaram mais uma vez aos foceus.

113. Algum tempo depois os atenienses, sob o comando de Tolmides filho de Tolmeus, com mil hoplitas seus e os respectivos contingentes aliados, fizeram uma expedição contra Orcômenos e Queronéia e alguns outros lugares da Beócia, que estavam nas mãos dos exilados beócios e eram portanto hostis. Depois de capturarem Queronéia e vender seus habitantes como escravos, deixaram lá uma guarnição e partiram. Enquanto marcha-

[105] Em 454 a.C.

vam, foram atacados em Coronéia pelos exilados beócios de Orcômenos, juntamente com alguns exilados lócrios, eubeus e outros que tinham os mesmos pontos de vista políticos; foram derrotados, e alguns atenienses pereceram e outros foram capturados vivos. Em conseqüência da derrota os atenienses evacuaram toda a Beócia, concluindo um tratado segundo o qual receberiam de volta os seus prisioneiros. Desta forma os exilados beócios tiveram os direitos restaurados e, em conjunto com os outros, tornaram-se novamente independentes.

114. Não muito tempo depois[106] a Eubéia se rebelou contra Atenas; Péricles havia passado por lá com tropas atenienses quando lhe chegaram notícias de que Mégara também se rebelara, de que era iminente a invasão da Ática e de que todos os homens da guarnição ateniense em Mégara haviam sido exterminados pelos megáricos, à exceção dos que se tinham refugiado em Niséia. Os megáricos se haviam rebelado com a ajuda dos coríntios, siciônios e epidáurios. Diante daquela situação, Péricles trouxe apressadamente de volta as suas tropas da Eubéia. Logo depois os peloponésios, sob o comando de Plistoânax filho de Pausânias, rei dos lacedemônios, invadiram a Ática até Êleusis e Tria, devastando a região, mas se retiraram sem ir além. Então os atenienses navegaram novamente para a Eubéia, ainda sob o comando de Péricles, e a subjugaram inteiramente; dispondo do resto mediante acordo, expulsaram os hestieus de suas casas e ocuparam o seu território.

115. Retirando suas tropas da Eubéia pouco depois, os atenienses concluíram uma trégua com os lacedemônios e seus aliados, com vigência por trinta anos, devolvendo-lhes Niséia, Pegás, Trezena e a Acaia, regiões pertencentes aos lacedemônios então ocupadas por eles.

Seis anos depois[107] começou uma guerra entre os sâmios e os milésios a respeito da posse de Priene; os milésios, vencidos na guerra, foram a Atenas reclamar contra os sâmios. Apoiaram suas queixas alguns cidadãos de Samos, desejosos de rebelar-se contra o seu governo. Os atenienses zarparam então para Samos com quarenta naus e lá estabeleceram uma democracia, tomando como reféns dos sâmios cinqüenta meninos e igual número de homens, que deixaram em Lemnos; em seguida retiraram-se de Samos, após a instalação de uma guarnição. Alguns sâmios, porém, não se conformaram

[106] Em 445 a.C.
[107] Em 440 a.C.

com a situação e fugiram para o continente; depois, em conluio com os homens mais influentes entre os que tinham ficado na ilha e com Pissutnes filho de Histaspes, então sátrapa em Sárdis, reuniram tropas mercenárias no total de setecentos homens e navegaram durante a noite para Samos. Primeiro começaram a instigar os habitantes contra os democratas e se apoderaram da maioria destes; depois foram buscar secretamente os reféns deixados em Lemnos e se rebelaram contra Atenas, entregando os atenienses da guarnição a Pissutnes; iniciaram imediatamente os preparativos para uma expedição contra Míletos, e os bizantinos se juntaram a eles na rebelião contra Atenas.

116. Quando os atenienses tiveram conhecimento desses fatos, zarparam novamente para Samos com sessenta naus; dezesseis delas, todavia, não puderam ser usadas naquela contingência, pois algumas tiveram de ser enviadas à Cária para vigiar as naus fenícias, e outras a Quios e Lesbos a fim de buscar ajuda. Com quarenta e quatro naus, sob o comando de Péricles e nove outros[108], empenharam-se em uma batalha naval perto da ilha de Trágia contra setenta naus dos sâmios, das quais vinte eram de transporte (essa frota estava voltando de Míletos), e saíram vitoriosos. Mais tarde, após receber de Atenas um reforço de quarenta naus e vinte e cinco de Quios e dos lésbios, desembarcaram e, sendo a sua infantaria superior à dos sâmios, sitiaram a cidade com uma linha tripla de fortificações, bloqueando-a também por mar. Péricles, todavia, retirou sessenta naus do bloqueio e partiu apressadamente para Caunos (na Cária), por haver sido informado de que uma frota fenícia estava a caminho contra as suas forças (Steságoras e outros haviam saído de Samos com cinco naus para trazer as fenícias).

117. Nesse ínterim os sâmios fizeram uma incursão de surpresa contra a base naval dos atenienses, que não era protegida, destruindo as naus da guarda avançada e derrotando em combate as que saíram contra eles. Por cerca de quatorze dias foram senhores do mar em frente à sua costa, trazendo e levando tudo que quiseram, mas quando Péricles voltou eles foram novamente bloqueados pelo lado do mar. Pouco depois chegou de Atenas um reforço de quarenta naus sob o comando de Tucídides[109], Hágnon e Fórmion, vinte sob o comando de Tlepôlemos e Ânticles, e trinta de Quios

[108] Entre os outros nove estava Sófocles, o poeta trágico, um dos dez comandantes do ano.
[109] Alguns historiadores pensam que este Tucídides era o próprio historiador, mas não há certeza quanto a isto.

e Lesbos. Os sâmios logo se engajaram em um curto combate naval com esta frota, mas foram incapazes de enfrentá-la; no nono mês de cerco[110] se renderam e aceitaram um acordo mediante o qual teriam de destruir as suas muralhas, de dar reféns e de entregar as suas naus; concordaram também com o pagamento aos atenienses de uma quantia equivalente às despesas destes com o bloqueio. Os bizantinos também fizeram um acordo e voltaram à sujeição anterior.

118. Não transcorreram muitos anos entre os acontecimentos narrados logo acima e os relatados antes[111] (os incidentes de Córcira[112], de Potidéia e os demais que motivaram esta guerra). Todas essas ações dos helenos, uns contra os outros ou contra o Bárbaro, ocorreram no intervalo de aproximadamente cinqüenta anos entre a retirada de Xerxes e o início desta guerra[113]. Foi neste período que os atenienses firmaram o seu império e atingiram um alto grau de poder. Os lacedemônios, embora cientes da força crescente dos atenienses, não se esforçaram por contê-los (pelo menos não o fizeram adequadamente), permanecendo indiferentes durante a maior parte do tempo, já que nunca reagiram prontamente, mas sempre sob compulsão, e muitas vezes foram impedidos de fazê-lo por causa de suas próprias guerras. Mas finalmente o poder dos atenienses tomou um impulso manifesto, e estes já o estavam usando contra os próprios aliados dos lacedemônios, que a essa altura dos acontecimentos não puderam mais permanecer passivos e se decidiram a enfrentar Atenas com todo o empenho e sobrepujá-la, se pudessem, declarando-lhe guerra. Os lacedemônios então resolveram[114] que deveriam considerar o tratado rompido e que os atenienses eram os culpados, e mandaram enviados a Delfos para perguntar ao deus se lhes convinha fazer a guerra. Segundo dizem, o deus respondeu-lhes que se guerreassem com todo o seu poder a vitória seria deles, e lhes disse que ele mesmo os ajudaria, quer o invocassem, quer não.

119. Os lacedemônios, todavia, desejavam convocar seus aliados e perguntar-lhes se iriam também à guerra. Quando chegaram à Lacedemônia e

---

[110] Em 439 a.C.
[111] Cerca de quatro anos, pois a batalha naval entre os corcireus e os coríntios parece haver-se travado em 436 a.C.
[112] Córcira, capítulos 24 a 55; Potidéia, 56 e 66; outras, 67 a 88 deste livro.
[113] De 479 a 432 a.C.
[114] Retomando a narrativa interrompida no fim do capítulo 88.

se reuniu a assembléia, os representantes dos aliados disseram o que pretendiam; a maior parte deles (especialmente os coríntios) queixou-se dos atenienses e pediu que a guerra fosse declarada. Antes da assembléia os coríntios já haviam instado em particular os aliados, cidade por cidade, a votar pela guerra, temendo que Potidéia fosse destruída antes de chegar a ajuda; eles estavam presentes na ocasião e se apresentaram por último para dizer o seguinte:

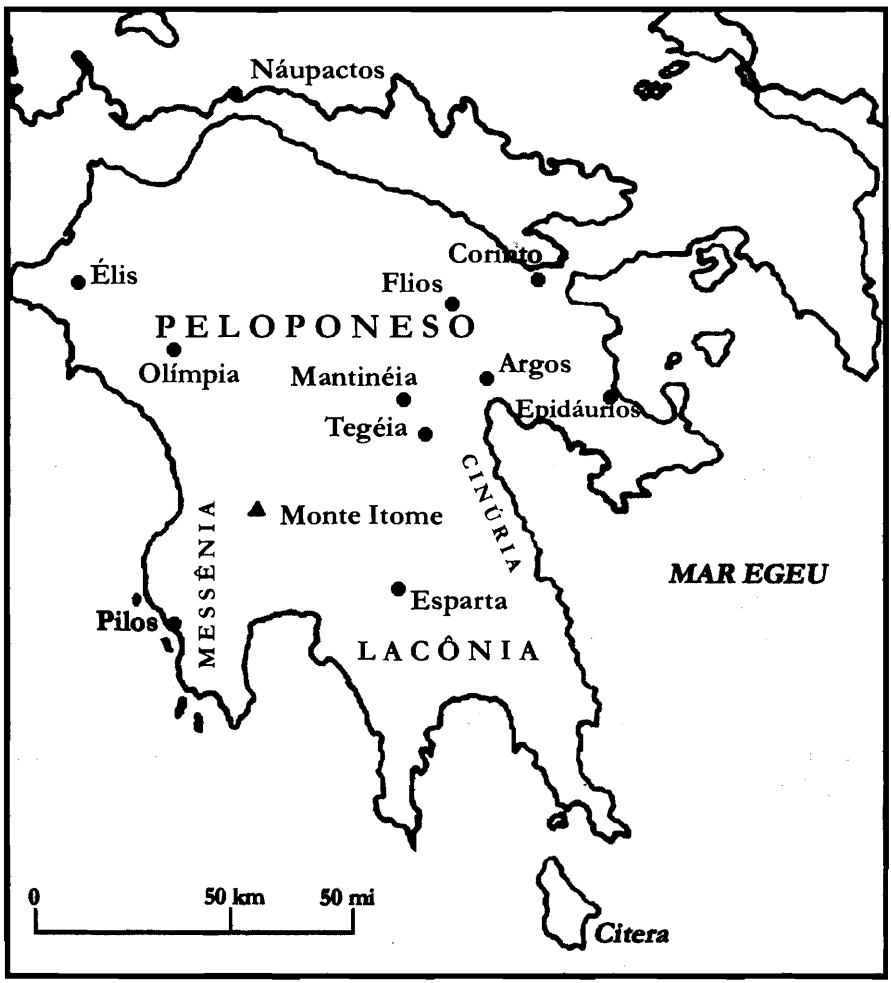
120. "Já não podemos queixar-nos, aliados, de que os lacedemônios não votaram pela guerra e de que nós mesmos não fomos convocados para reunir-nos com o mesmo objetivo. Realmente, é dever dos detentores da hegemonia, ao mesmo tempo que deliberam eqüitativamente sobre seus próprios interesses, dar atenção especial aos interesses gerais, da mesma forma que em outras matérias eles são distinguidos mais que todos. Aqueles entre nós que mantiveram contato com os atenienses anteriormente, não precisam ser alertados para pôr-se em guarda contra eles. Aqueles, todavia, que vivem mais no interior e longe das rotas de comércio devem ser advertidos de que, se não ajudarem os habitantes do litoral, terão maiores dificuldades para trazer os produtos de suas terras até o mar e levar, em contrapartida, o que o mar oferece ao interior, não deverão ser juizes displicentes do que se disser aqui, como se isso não lhes interessasse, mas deverão esperar que, se abandonarem o litoral à sua própria sorte, o perigo poderá algum dia chegar até eles, pois estarão deliberando sobre seus próprios interesses, não menos que sobre os nossos. Não deverão, portanto, hesitar um momento sequer em optar pela guerra em vez da paz. Embora convenha aos homens de discernimento permanecer tranqüilos se ninguém os molesta, convém aos bravos, quando ofendidos, mudar da paz para a guerra, prontos, porém, para abandonar a guerra e retornar à paz quando chegar o momento propício, não se deixando empolgar pelo sucesso na guerra, nem enamorar pela quietude da paz a ponto de tolerar ultrajes. Com efeito, aquele que fugir à guerra por causa de suas comodidades, muito provavelmente, se permanecer indiferente, bem depressa perderá os deleites da vida pacata que o levaram à omissão; da mesma forma, aquele que se empolga pelo sucesso na guerra não percebe quão enganadora é a confiança que o exalta. Na verdade, muitas ações mal planejadas foram bem sucedidas porque o adversário se mostrou ainda menos inspirado, e muitas outras aparentemente bem planejadas foram mal sucedidas e só trouxeram vergonha, pois ninguém executa um plano com a mesma confiança com que o concebe; ao contrá-

rio, quando formamos uma opinião sentimo-nos seguros, mas na prática sobrevém o temor e falhamos.

121. "Agora nos levantamos para a guerra por havermos sido ultrajados e por termos muitos motivos de queixas; logo que nos vingarmos dos atenienses terminá-la-emos no momento oportuno. Por muitas razões é provável que vençamos; primeiro, por sermos superiores em número e experiência militar; segundo, por obedecermos todos a uma só voz de comando; e no mar, onde está a força deles, seremos capazes de equipar uma frota, não só com os meios de que dispomos isoladamente, mas também com os recursos acumulados em Delfos e Olímpia[115]. Sem dúvida, contraindo um empréstimo poderemos usar o atrativo de soldos maiores para tirar-lhes os marinheiros estrangeiros, pois as forças dos atenienses são constituídas mais de mercenários que de seus próprios cidadãos, enquanto as nossas se baseiam mais nas pessoas que no dinheiro e, portanto, estão menos sujeitas a defecções. Sendo assim, se obtivermos uma simples vitória no mar, muito provavelmente eles serão afinal derrotados. Se ainda resistirem, de nossa parte teremos mais tempo para praticar a marinhagem, e estando tão preparados quanto eles, em coragem seremos certamente superiores. A vantagem que a natureza nos deu eles não podem conseguir pelo aprendizado, ao passo que poderemos adquirir os conhecimentos deles com a prática. Quanto ao dinheiro necessário para realizar tudo isto, obtê-lo-emos através de contribuições, pois seria estranhável que os aliados deles jamais deixassem de lhes pagar tributos para assegurar a própria escravidão, e que nós, para conseguirmos ao mesmo tempo a vingança contra nossos inimigos e nossa própria segurança, não nos dispuséssemos a gastar dinheiro; então, para não sermos privados dele seríamos destruídos com ele!

122. "Mas temos ainda outros meios de fazer a guerra: induzir os aliados deles à rebelião (o melhor meio de privá-los das rendas nas quais repousa a sua força), construir fortificações em seu território e tantos outros meios difíceis de prever agora. A guerra, com efeito, menos que qualquer outra coisa se enquadra em regras fixas, mas tem de adaptar seus planos às circunstâncias na medida dos recursos disponíveis; quem a enfrentar com sangue frio, muito provavelmente estará mais seguro; ao contrário, quem for impetuoso fracassará por sua própria culpa.

[115] Veja-se o capítulo 13 do livro II, onde Péricles expõe idéia idêntica.



O PELOPONESO

"Consideremos também que, se nos tivéssemos envolvido isoladamente em uma disputa sobre fronteiras com um inimigo igual a nós, isto seria aceitável; no caso presente, porém, os atenienses têm meios de fazer frente a todos nós, e obviamente serão ainda mais poderosos para enfrentar-nos cidade por cidade. Portanto, a não ser que nos juntemos todos, povos e cidades, e os enfrentemos com uma só vontade, eles nos vencerão facilmente por estarmos divididos. Quanto a uma eventual derrota – embora isto seja terrível de ouvir, entendemos que ela traz a escravidão inevitável. Que se possa sequer mencionar essa hipótese, ou que tantas cidades possam ser maltratadas por uma só, é uma desgraça para o Peloponeso. Neste caso, diriam de nós que merecemos o nosso destino, ou que por covardia nos conformamos com ele, e que seríamos filhos degenerados de nossos pais, libertadores da Hélade, enquanto nós, longe de assegurar essa liberdade, estaríamos permitindo a uma cidade firmar-se como um tirano em nossos domínios, apesar de nos julgarmos dignos da reputação de depor monarcas em cidades isoladas. Não vemos meios de evitar que tal conduta seja atribuída a três defeitos dos mais graves: estupidez, covardia ou indiferença; não posso supor, na verdade, que, fugindo a esses erros, estejais deslizando para um erro ainda mais pernicioso, ou seja a presunção excessiva, que já causou a perdição de tanta gente, a ponto de ter mudado de nome e chamar-se demência[116].

123. "Mas será preciso voltar ao passado, salvo na medida em que ele interessa ao dia de hoje? Apenas com vistas ao futuro dediquemos todos os nossos esforços à tarefa presente – ganhar virtude através de provações é nossa herança – e não mudemos de costumes somente porque agora fizestes um certo progresso em termos de riqueza e poder (não é justo que atributos ganhos graças à pobreza sejam perdidos por causa da prosperidade). Deveis ir à guerra confiantes por muitas razões: o deus falou através de seu oráculo e ele mesmo prometeu ajudar-vos; todo o resto da Hélade juntar-se-á a vós na luta, em parte por temor e em parte por interesse; finalmente, não fostes os primeiros a romper o tratado, tanto assim que o deus, ao mandar-vos para a guerra, já o considerou violado; ireis, portanto, defender o tratado contra uma ofensa já cometida. Os tratados não são rompidos por quem luta em defesa própria, mas por quem ataca os outros sem ser provocado.

[116] Neste trecho há um jogo de palavras *(Kataphrônesis* = presunção excessiva, e *aphrosýne* = demência) que não pudemos reproduzir adequadamente na tradução.

124. "Assim, considerando que sob todos os aspectos tendes uma oportunidade favorável para ir à guerra e que nossos conselhos são unânimes – se é verdade que a afinidade de interesses é o maior fator de segurança nas relações entre cidades e indivíduos – apressai-vos em socorrer os potideus, que são dórios sitiados por iônios (ao contrário de antigamente) e a restaurar a liberdade dos demais; não nos é lícito continuar esperando enquanto alguns já foram ultrajados, e outros, se for divulgado que nos reunimos e não nos atrevemos a defender-nos, logo sofrerão o mesmo tratamento. Ao contrário, aliados, reconhecer que estamos enfrentando o inevitável e, ao mesmo tempo, que esta solução é a melhor; votai pela guerra, não por temor de um perigo imediato, mas aspirando à paz mais duradoura que advirá, pois a paz é mais firme quando se segue à guerra; recusar-se a fazer a guerra por apego à tranqüilidade não é sequer menos perigoso. Na convicção, portanto, de que a cidade que se impôs como um tirano à Hélade é uma ameaça para todos igualmente, já dominando alguns e tramando subjugar outros, ataquemo-la e vençamo-la, e depois vivamos em segurança, restituindo a liberdade aos helenos ora escravizados."

125. Assim falaram os coríntios. Os lacedemônios, depois de ouvirem todas as opiniões, submeteram o assunto sucessivamente ao voto de todos os aliados presentes, tanto das cidades grandes quanto das pequenas, e a maioria votou pela guerra. Mas apesar de a decisão haver sido tomada, ser-lhes-ia impossível empunhar armas imediatamente, pois estavam despreparados; decidiram, então, que as várias cidades tomariam as providências cabíveis sem demora. Apesar disto, pouco menos de um ano foi consumido nos preparativos antes deles invadirem a Ática e passarem abertamente à guerra.

126. Durante esse período continuaram enviando delegações portadoras de queixas a Atenas, a fim de terem o melhor pretexto possível para a guerra, no caso de os atenienses se recusarem a levá-las em consideração. Primeiro os delegados lacedemônios pediram os atenienses para afastarem a "maldição da deusa". A maldição era a seguinte: vivera em Atenas havia muito tempo um ateniense chamado Cílon, vencedor nas Olimpíadas, de origem nobre e poderoso; casara-se com uma filha de Teágenes, um megárico, naquele tempo tirano de Mégara. Cílon certa vez consultara o oráculo de Delfos e o deus em resposta lhe dissera para se apoderar da Acrópole de Atenas "durante a maior festa de Zeus". Ele então conseguira uma pequena

tropa de Teágenes e, tendo persuadido seus amigos a ajudá-lo, ocupara a Acrópole no início das Olimpíadas do Peloponeso, com o objetivo de tornar-se tirano, pois pensara que as Olimpíadas eram não somente a maior festa de Zeus, mas também estavam de certa maneira ligadas a ele, já que havia obtido antes uma vitória olímpica[117]; Cílon não cuidara de esclarecer se a referência oracular fora à maior festa na Ática ou em outro lugar, pois o oráculo não havia sido claro quanto a isto. Com efeito, os atenienses também realizavam uma festa em honra de Zeus Meilíquio – a Diásia, como era chamada, uma grande festa celebrada fora da cidade, durante a qual o povo oferecia sacrifícios, sendo que muitos faziam oferendas de produtos peculiares à região em vez de vítimas. Mas Cílon, convencido da veracidade de sua interpretação, fizera a tentativa. Quando os atenienses tomaram conhecimento dela, acorreram em massa vindos do campo contra Cílon e seu grupo e, sentando-se diante da Acrópole, sitiaram-na. Com o passar do tempo os atenienses ficaram cansados do sítio e muitos deles foram embora, passando a guarda aos nove arcontes, aos quais deram também plenos poderes para resolver o caso como melhor lhes parecesse; naquele tempo[118], com efeito, os arcontes tinham em suas mãos a maior parte da administração pública. A situação de Cílon e dos demais sitiados, todavia, tornara-se extremamente difícil por causa da falta de víveres e água, e ele e seu irmão conseguiram escapar, os outros, porém, desesperados e alguns até morrendo de fome, sentaram-se como suplicantes no altar da Acrópole[119]. Quando os atenienses encarregados da guarda os viram morrendo no templo, forçaram-nos a levantar-se mediante promessa de não lhes fazer mal, mas começaram a matá-los após os terem levado para longe; alguns foram mortos no trajeto, diante do próprio altar das Deusas Veneráveis[120]. Por aquele ato, tanto os encarregados da guarda quanto os seus descendentes foram declarados malditos e pecadores contra a deusa[121]. Em conseqüência

[117] A propósito desta primeira tentativa de estabelecimento de uma tirania em Atenas, vejam-se também Heródoto, V, 71 e Plutarco, *Sólon*, XII. Não houve um levante do povo contra os aristocratas, mas a simples tentativa de um homem ambicioso, aspirante à monarquia, apoiado somente por uns poucos amigos e um grupo de soldados megáricos. À massa popular pareceu tratar-se de intenções de submeter a cidade a Mégara, e por isto ela acorreu para esmagar o movimento e não, como Cílon esperava, para ajudá-lo.

[118] Isto é, antes da legislação de Sólon; a partir de então o poder dos arcontes foi-se reduzindo e ficou finalmente restrito a funções judiciais.

[119] Dedicado a Atena Polia, padroeira da cidade.

[120] O santuário das Eumênides, a meio caminho entre a acrópole e o Areópago.

[121] Principalmente os alcmeônidas, cujo patriarca era Mégacles, arconte na época da tentativa de Cílon.

os malditos foram expulsos não somente pelos atenienses, mas também, em época posterior, pelo lacedemônio Cleômenes com a ajuda de uma facção dos atenienses, durante uma guerra civil; naquela ocasião os malditos vivos foram expulsos e os ossos dos mortos foram exumados e jogados fora da cidade. Mais tarde, porém, eles foram reabilitados e seus descendentes ainda residem na cidade.

127. Foi esta a maldição que os lacedemônios agora estavam pedindo aos atenienses para afastar, à primeira vista, como alegavam, para defender a honra dos deuses, mas de fato por saberem que Péricles filho de Xântipos estava implicado na maldição pelo lado materno[122], e pensando que, se ele fosse banido, ser-lhes-ia mais fácil obter dos atenienses as concessões desejadas; na realidade eles não tinham certeza de conseguir o banimento, mas esperavam, no mínimo, desacreditá-lo junto aos seus concidadãos, pois estes sentiriam que o envolvimento de Péricles seria de certo modo uma das causas da guerra. Efetivamente, sendo o homem mais poderoso de seu tempo e chefe político da cidade, ele se opunha aos lacedemônios em tudo e não permitiria aos atenienses fazer concessões, pois os exortava sempre a entrar em guerra.

128. Os atenienses responderam pedindo aos lacedemônios para afastarem a maldição de Tênaros. Com efeito, os lacedemônios em certa ocasião haviam obrigado um suplicante hilota a deixar seu refúgio no templo de Posêidon em Tênaros e então o haviam arrastado para fora e executado; os lacedemônios acreditam que o grande terremoto[123] ocorrido em Esparta foi causado por aquele sacrilégio. Os atenienses lhes pediram também para afastarem a maldição de Atena do Templo de Bronze[124]. A razão da maldição foi a seguinte: depois de o lacedemônio Pausânias ser chamado de volta de seu comando no Helespontos pelos espartanos na primeira vez[125] e declarado inocente no processo a que respondeu, não foi encarregado oficialmente de qualquer outra missão no exterior; em caráter privado, todavia, e por sua própria conta, ele embarcou em Hermione numa trirreme, sem

[122] Péricles descendia de Mégacles na sexta geração, pois sua mãe Agariste era sobrinha do alcmeônida Clístenes.
[123] Veja-se o capítulo 101 deste livro.
[124] Este epíteto de Atena decorria da existência de um templo ou altar a ela consagrado na cidade de Esparta. Segundo Pausânias (livro III, capítulo 17), tanto o templo quanto a estátua da deusa eram de bronze.
[125] Em 477 a.C.; veja-se o capítulo 95 deste livro.

autorização dos lacedemônios, e navegou para o Helespontos a fim de participar, segundo dizia, da guerra com os persas, mas na realidade para tramar uma intriga junto ao Rei – empresa que ele já havia começado antes, pois seu objetivo era tornar-se o senhor da Hélade. Pausânias havia começado a obter a gratidão do Rei mediante o seguinte serviço, que foi a origem de todo o caso. Quando estivera antes naquela região, após o retorno da frota helênica de Chipre[126] ele tinha conquistado Bizâncio, então dominada pelos persas, e certos aliados e parentes do Rei haviam sido capturados no local quando a cidade caiu. Pausânias devolveu os prisioneiros ao Rei, sem o conhecimento dos aliados em geral, aos quais deu a entender que eles haviam fugido. Ele conduziu essa intriga com o eretriano Gôngilos, encarregado de tomar conta de Bizâncio e dos cativos, e também mandou ao Rei, por intermédio do mesmo Gôngilos, uma carta na qual estava escrito o seguinte, como veio a ser descoberto mais tarde: "Pausânias, o comandante espartano, desejando prestar-te um favor, devolve-te estes homens capturados com sua espada. Proponho, se isto também te parece bom, casar-me com tua irmã e pôr Esparta e o resto da Hélade sob o teu domínio; julgo-me capaz de realizar tudo isto com a ajuda de teus conselhos. Se estas idéias te agradam, manda um homem de confiança até o mar e por intermédio dele nos entenderemos no futuro". Esta foi a revelação da carta.

129. Xerxes ficou satisfeito com a carta e mandou Artábazos, irmão de Farnaces, até o mar, com ordens para assumir o comando na satrapia de Dascílion, substituindo Megabates, que até então fora o governador; encarregou-o também de levar uma carta em resposta à de Pausânias, instruindo-o no sentido de entregá-la ao destinatário em Bizâncio o mais depressa possível e mostrar-lhe o sinete e, se Pausânias lhe desse qualquer instrução acerca dos assuntos do Rei, executá-la com todo o cuidado e fidelidade. Ao chegar, Artábazos cumpriu as ordens de conformidade com as instruções recebidas e entregou a carta. A resposta do Rei foi a seguinte: "Assim fala o rei Xerxes a Pausânias: com referência aos homens que salvaste para mim e mandaste de Bizâncio para além do mar, tal serviço será inscrito a teu favor em nossa casa como um título para sempre; também estou satisfeito com tuas palavras. Que nem o dia nem a noite te impeçam de realizar o que me prometes, e nada seja obstáculo à tua ação, quer se trate do gasto de ouro e prata, quer de quantidade de tropas, se houver necessidade de sua presença

[126] Veja-se o capítulo 94 deste livro.

em qualquer parte; trata confiantemente do meu assunto e do teu com Artábazos, um bom homem que te mando, como for mais honroso e melhor para nós dois".

130. Quando recebeu a carta, embora já gozasse anteriormente de grande consideração da parte dos helenos por havê-los comandado em Platéia, Pausânias se tornou ainda mais arrogante do que antes e não pôde mais limitar-se a viver da maneira usual a seu povo; passou a vestir-se como os persas sempre que deixava Bizâncio, e quando viajava através da Trácia uma escolta de persas e egípcios o acompanhava; quis ter a sua mesa servida à maneira persa e, na verdade, não conseguia ocultar os seus verdadeiros propósitos, mostrando claramente com aqueles atos triviais os grandes planos que daí por diante tinha o desejo recôndito de realizar. Passou a dificultar o acesso a si mesmo, e extravasava em relação a todos, sem distinção, um temperamento de tal forma violento que ninguém mais conseguia aproximar-se dele. Essa foi uma das razões pelas quais os aliados se bandearam para o lado ateniense.

131. Foi justamente esse tipo de conduta que levou os lacedemônios, já na primeira vez, a chamar Pausânias de volta quando foram informados dos fatos; desta segunda vez, quando ele viajou naquela nau de Hermione sem autorização deles, tornou-se evidente que ele estava agindo de maneira idêntica (anteriormente, após ser desalojado violentamente de Bizâncio pelos atenienses, em vez de regressar a Esparta ele se instalara em Colona, na Trôada, de onde chegaram aos éforos relatos no sentido de que ele estava fazendo intrigas com os bárbaros e demorando-se lá com intenções nada boas), e então eles não mais hesitaram: despacharam um arauto com uma mensagem oficial secreta, na qual lhe ordenavam que voltasse com o portador; se não o fizesse, os espartanos lhe declarariam guerra. Ele, desejando tanto quanto possível evitar suspeitas, e confiando que poderia livrar-se da acusação com dinheiro, voltou pela segunda vez a Esparta. De imediato foi preso pelos éforos, que tinham poderes para agir desta maneira até em relação ao próprio rei; depois ele conseguiu sair da prisão, após algumas tentativas, e se prontificou a ir a julgamento, se quisessem submetê-lo a inquérito.

132. Não havia, com efeito, qualquer prova clara em poder dos espartanos, quer de inimigos pessoais, quer da cidade de um modo geral, para fundamentar fidedignamente um processo do qual poderia resultara

punição de um homem da família real e ocupante de um alto cargo até então – como primo de Plístacos filho de Leônidas, que era rei mas ainda menor, ele exercia a regência; mas por falta de comedimento e particularmente por imitar os bárbaros, ele deu muitos motivos para suspeitarem de que não desejava continuar em pé de igualdade com os demais, dentro da ordem de coisas vigente. Investigaram também o seu passado e examinaram todos os seus outros atos, para verem se eventualmente ele se tinha afastado dos costumes tradicionais em seu modo de viver, e se detiveram especialmente no fato de certa vez ele haver tido a vaidade, por sua própria conta, de mandar gravar numa trípode em Delfos[127], dedicada pelos helenos como primícia dos despojos tomados dos persas na guerra, o seguinte dístico em versos elegíacos:

"Após vencer as hordas persas como chefe dos helenos, Pausânias dedicou a Febo esta oferenda"[128].

Os lacedemônios mandaram imediatamente apagar esses versos e inscreveram na trípode o nome de todas as cidades helênicas que se tinham reunido para derrotar os persas e para mandar dedicar a oferenda. O ato de Pausânias, todavia, foi considerado na época uma transgressão, e agora que ele se havia envolvido em novos problemas aquilo pareceu ainda mais claramente o prenúncio de suas presentes intenções. Chegaram também aos lacedemônios informações no sentido de que ele estaria fomentando intrigas entre os hilotas; isto era verdade, pois ele estava prometendo-lhes liberdade e cidadania se o apoiassem em uma revolta e o ajudassem a realizar todos os seus planos. Ainda assim, não querendo confiar em alguns hilotas que se haviam apresentado como informantes, não se decidiram a tomar medidas mais drásticas contra ele; seguiram o seu método usual de tratar com homens de sua própria classe: não agir precipitadamente, no caso de um espartano, na adoção de uma decisão irrevogável, salvo se dispusessem de provas irrefutáveis. Mas finalmente, segundo dizem, o homem que deveria levar a Artábazos a última carta de Pausânias ao Rei (um argílio que antes havia sido favorito dele e desde então lhe era muito leal), tornou-se o seu delator, receoso porque se lembrou de que nenhum mensageiro anterior

[127] A respeito dessa trípode de ouro, vejam-se Heródoto, IX, 81 e Pausânias, X, 13. O pilar de bronze sobre o qual estava a trípode ainda pode ser visto no antigo hipódromo de Constantinopla (atualmente o subúrbio de Atmeidan); nele estão gravados os nomes das trinta e uma cidades-estados gregas que participaram da guerra contra os persas.

[128] Febo é um dos epítetos de Apolo, deus padroeiro do templo de Delfos. Este dístico foi composto pelo poeta Simonides (556-468 a.C.) e é o n.° 138 dos fragmentos coligidos nos *Poetae Lyrici Graeci* de Bergk.

havia voltado; por isso, tendo falsificado um sinete, para evitar que seu ato fosse descoberto no caso de ele estar enganado em suas suspeitas ou no caso de Pausânias pedir para fazer alguma alteração na carta, abriu-a e de fato viu escrita nela, como suspeitara, uma ordem para que o matassem.

133. A esta altura dos acontecimentos os éforos, quando lhes foi mostrada a carta, ficaram mais convencidos, mas ainda quiseram ouvir com seus próprios ouvidos a palavra do próprio Pausânias; então, de acordo com um plano preestabelecido o delator foi como suplicante a Tênaros e lá preparou uma tenda com divisão dupla. No compartimento dos fundos da tenda ele ocultou alguns éforos e, quando Pausânias o visitou e perguntou por que ele estava ali como suplicante, eles ouviram claramente tudo que foi dito: ouviram o homem acusar Pausânias de haver escrito a ordem referente a ele, revelar os outros itens da trama em detalhe e protestar porque, embora ele jamais houvesse comprometido Pausânias em seus serviços ao Rei, a honra especial a ele conferida não havia sido melhor que a recebida por seus serviçais comuns – ser morto; os éforos ouviram Pausânias confirmar tudo, instar o homem a não se encolerizar com ele daquela vez, oferecer-lhe a garantia de poder sair do templo em segurança e, finalmente, pedir-lhe que se pusesse a caminho com toda a pressa para não frustrar os entendimentos.

134. Depois de ouvirem todos os detalhes os éforos voltaram para suas casas no momento mas, estando agora seguramente informados, planejaram efetuar a prisão de Pausânias na cidade. Conta-se que quando Pausânias estava para ser preso na rua, viu o rosto de um dos éforos que vinha em sua direção e percebeu a intenção com a qual ele se aproximava, e que outro éforo, por amizade, o advertiu com um gesto imperceptível aos demais; diante disto Pausânias correu em direção ao santuário de Atena do Templo de Bronze, chegando primeiro ao refúgio, pois o recinto sagrado ficava próximo. Entrando então em uma pequena dependência do templo, para não ficar exposto a intempéries, ele ficou quieto. Até aquele momento os éforos vinham distanciados na perseguição, mas ao chegar, removeram o telhado da dependência e, após se haverem certificado de que ele estava lá e tê-lo isolado no interior da mesma, muraram-lhe todas as portas. Cercaram em seguida a construção e decidiram fazê-lo morrer de fome. Quando ele estava próximo a expirar, os éforos perceberam o seu estado e o trouxeram para fora do recinto sagrado, ainda respirando, mas ele morreu imediata-

mente após ser retirado. A intenção dos éforos era jogá-lo nas Caiadas[129] onde atiravam os malfeitores; depois, todavia, decidiram enterrá-lo em algum lugar perto da cidade. O deus de Delfos, porém, advertiu em seguida os lacedemônios, num oráculo, de que deveriam transferi-lo para o lugar onde morrera (agora ele jaz na entrada do recinto sagrado, como atesta uma inscrição gravada em algumas lápides), e de que deveriam recompensar Atena do Templo de Bronze com dois corpos em vez de um; eles mandaram fazer, então, duas estátuas em vez de uma e as dedicaram à deusa, em reparação por Pausânias.

135. Os atenienses, portanto, argumentando que o próprio deus havia julgado aquilo uma maldição, instaram os lacedemônios a afastá-la.

A propósito das ligações de Pausânias com os persas, os lacedemônios enviaram delegados aos atenienses para acusar Temístocles de cumplicidade na trama, de acordo com descobertas que haviam feito durante as investigações em torno de Pausânias, e pediram que ele fosse punido da mesma maneira. Os atenienses concordaram, mas como Temístocles tinha sido punido com o ostracismo e, apesar de viver em Argos, visitava freqüentemente outras partes do Peloponeso, mandaram alguns homens acompanhados pelos lacedemônios, com instruções para detê-lo onde quer que o encontrassem.

136. Mas Temístocles, prevenido, fugiu do Peloponeso para Córcira, por ser um benfeitor dos corcireus[130]. Como eles alegaram ter receios de recebê-lo e assim incorrer na inimizade dos lacedemônios e atenienses, Temístocles foi levado para o continente em frente à ilha. Perseguido pelos homens encarregados dessa tarefa, sempre informados de seus movimentos, ele foi forçado em alguma emergência a refugiar-se junto a Ádmetos, rei dos molossos, com o qual não mantinha boas relações. Na ocasião Ádmetos não estava em casa, mas Temístocles se dirigiu à sua mulher como suplicante e foi instruído por ela a pegar um de seus filhos e sentar-se em frente à lareira[131]. Quando Ádmetos regressou pouco tempo depois, Temístocles

---

[129] Montanhas com encostas íngremes, não longe da cidade, provavelmente perto da atual Mistra, das quais em épocas remotas os prisioneiros, e mais tarde os cadáveres de criminosos eram lançados. Vejam-se Strábon, VIII, 7 e Pausânias, IV, 18.

[130] Benfeitor - *euergetes,* título honorífico concedido a Temístocles, por ele haver tomado o partido dos corcireus em uma disputa com Corinto (Plutarco, *Temístocles,* XXIV), ou porque ele desculpou a sua ausência na guerra contra os persas (Heródoto, VI I, 115). Temístocles confiava no direito de asilo, sem dúvida inerente ao título de benfeitor.

[131] A lareira era a parte sagrada da casa naquela época.

disse quem era e ponderou que, se ele alguma vez se opusera a qualquer pretensão de Ádmetos junto aos atenienses, este não deveria puni-lo em sua condição de fugitivo; naquelas circunstâncias ele poderia ser maltratado por qualquer pessoa muito mais fraca que Ádmetos, enquanto a nobreza requeria uma vingança em termos leais entre pessoas iguais. Além disto, acrescentou Temístocles, ele se havia oposto a Ádmetos meramente a respeito de um pedido qualquer, e não de sua segurança pessoal; em contraste, se Ádmetos o entregasse a seus perseguidores (e lhe disse quem eram eles e quais as acusações contra ele), privá-lo-ia da possibilidade de salvar a própria vida.

137. Ádmetos ouviu e fez Temístocles levantar-se juntamente com seu filho (que ele ainda segurava por ser aquela a forma mais eficaz de súplica). Quando, não muito tempo depois, os atenienses e os lacedemônios chegaram e manifestaram com muita veemência o desejo de levar Temístocles, Ádmetos não o entregou e, como ele desejasse ir ao encontro do Rei, deu-lhe uma escolta para ir por terra até Pidna, no outro mar[132] no país de Alexandre[133]. Lá ele encontrou uma nau mercante de partida para a Iônia e, durante a viagem, foi levado por uma tempestade até a base da frota ateniense que estava bloqueando Naxos. Temístocles ficou receoso e disse ao comandante quem ele era (pois estava incógnito a bordo) e por que estava fugindo, acrescentando que se não o salvasse ele diria aos atenienses que o subornara para transportá-lo; a única possibilidade de salvação para ambos seria não permitir o desembarque de quem quer que fosse até o momento de recomeçar a viagem; também prometeu ao comandante que, se ele concordasse, lhe pagaria generosamente o favor. O comandante fez o que lhe foi pedido e, depois de deixar a nau ancorada durante um dia e uma noite defronte da base da frota ateniense, chegou mais tarde a Éfesos. Temístocles deu-lhe uma recompensa em dinheiro, pois logo recebera de seus amigos de Atenas e Argos os fundos que havia deixado sob a guarda dos mesmos; então, prosseguindo para o interior com um persa que morava na costa, mandou uma carta ao rei Artaxerxes filho de Xerxes, que havia subido ao trono recentemente. A carta dizia o seguinte: "Eu, Temístocles, venho ao teu encontro; se fiz à tua casa mais mal que qualquer outro heleno, durante todo o tempo em que tive de defender-me de teu pai que me atacava, fiz-lhe um bem ainda maior quando, tendo os persas começado a retirar-se, eu estava em segurança e o Rei em grande perigo. Um favor me é devido (nesse

[132] O mar Egeu.
[133] Rei da Macedônia.

ponto ele mencionou o aviso oportuno para a retirada, em Salamina, e o fracasso da frota dos helenos na tentativa de destruir as pontes naquela ocasião[134] que ele preteriu ua falsamente dever-se à sua interferência), e agora estou aqui, tendo a possibilidade de fazer-te um grande benefício, perseguido pelos helenos por causa de minha amizade para contigo; desejo esperar um ano e então explicar-te pessoalmente a razão de minha vinda".

138. O Rei, segundo dizem, ficou admirado com a atitude dele e mandou-o agir como desejasse. Durante o período de espera Temístocles se familiarizou tanto quanto possível com a língua persa e com os costumes do país; quando o ano terminou ele foi ao encontro do Rei e conseguiu mais influência sobre o mesmo que qualquer dos helenos até então, tanto por causa da reputação de que já gozava quanto da esperança que procurava incutir nele de que viria a dominar toda a Hélade, e principalmente em conseqüência da perspicácia por ele manifestada e provada em repetidas ocasiões. Na verdade, Temístocles era de todos os homens o que havia demonstrado da maneira mais convincente a força de sua sagacidade natural, e merecia a maior admiração a esse respeito. Por sua agilidade mental, independente de reflexões anteriores ou posteriores[135], ele era superior aos outros homens graças às suas deliberações rapidíssimas, julgando argutamente os acontecimentos presentes e prevendo com raro discernimento o futuro mais distante. Além disto, possuía a habilidade de expor aos outros com clareza as questões que lhe eram familiares, e quanto àquelas ainda não experimentadas ele podia emitir infalivelmente um juízo seguro; enfim, as vantagens e desvantagens podiam estar ainda indistintas, mas ele já sabia prevê-las muito bem. Resumindo tudo: por força de uma capacidade natural e com o mínimo de esforço de espírito ele provou ser o homem mais apto a improvisar num instante o que deveria ser feito.

Temístocles morreu de doença, embora haja quem diga que ele se matou com veneno[136] ao perceber que lhe seria impossível cumprir as promessas feitas ao Rei. Há um monumento funerário em sua honra na ágora de Magnésia (na Ásia), onde ele foi governador, pois o Rei lhe havia concedido aquela cidade (que lhe proporcionava uma renda de cinqüenta talentos[136a] por ano) para o pão, Lâmpsacos (que tinha a reputação de possuir os me-

[134] Veja-se Heródoto, VIII, 108-110.
[135] Ou seja, sem ter de pensar antes ou depois do momento de agir.
[136] Para as várias versões, vejam-se Cícero, *Brutus*, XI, 43; Plutarco, *Temístocles*, XXI, Diódoro Sículo, XI, 58; Aristófanes, *Os Cavaleiros*, verso 83.
[136a] Equivalentes a cerca de US$ 50.000.

lhores vinhedos da região na época) para o vinho, e para a carne Mios. Segundo os seus familiares, todavia, seus ossos foram levados de volta, de acordo com suas próprias determinações, e sepultados na Ática em lugar desconhecido dos atenienses, pois não seria legal enterrá-lo lá em face de seu banimento por traição. Assim chegaram ao fim o lacedemônio Pausânias e o ateniense Temístocles, os helenos mais ilustres de seu tempo.

139. Voltando aos lacedemônios[137] foram estas as exigências deles e as que lhes foram feitas em contrapartida, por ocasião do envio de sua primeira delegação, a respeito de pessoas a afastar em conseqüência de maldições. Depois eles voltaram a Atenas freqüentemente e pediram aos atenienses que se retirassem de Potidéia, e dessem independência a Egina, e sobretudo declararam em termos precisos que somente poderiam evitar a guerra se revogassem o decreto referente aos megáricos[138], pelo qual estes haviam sido proibidos de entrar em qualquer porto do império ateniense e até no mercado ático. Os atenienses, todavia, não deram ouvidos às primeiras pretensões e se recusaram a revogar o decreto, acusando os megáricos de exploração ilegal de terras sagradas e dos territórios ao longo das fronteiras não demarcadas[139], e de acolher escravos foragidos. Vieram finalmente da Lacedemônia, como embaixadores, Ranfias, Melésipos e Agêsandros, que nada disseram a respeito das reclamações anteriores, mas apenas o seguinte: "Os lacedemônios desejam paz e ela será possível se concederdes independência aos helenos". Diante desse fato os atenienses, reunindo-se em assembléia, deram aos cidadãos oportunidade de opinar, e ficou resolvido que somente após apreciarem o assunto sob todos os aspectos responderiam aos lacedemônios. Muitos dos presentes subiram à tribuna e falaram a favor de ambas as alternativas, uns reiterando que era necessário ir à guerra, outros que o decreto não deveria ser um obstáculo no caminho da paz, e teria de ser revogado; finalmente Péricles filho de Xântipos, o homem mais eminente entre os atenienses daquele tempo graças à sua superioridade tanto em palavras quanto em atos, subiu à tribuna e os aconselhou assim:

140. "Mantenho-me fiel ao meu pensamento de sempre, atenienses: não devemos ceder aos peloponésios. Sei que os homens não são em geral

[137] Retomando a narrativa do capítulo 126.
[138] Veja-se o capítulo 67 deste livro. A data do decreto deve ter sido próxima do início da guerra (432 a.C.).
[139] Terras sagradas: as terras delicadas às deusas eleusínias (Deméter e Perséfone), como dependência do templo das mesmas.

movidos pelo mesmo ânimo quando estão realmente engajados numa guerra e quando estão apenas sendo persuadidos a entrar nela, e mudam o seu modo de pensar de acordo com as circunstâncias. Ainda agora vejo que devo dar-vos o mesmo conselho do passado, ou quase o mesmo, e espero, por uma questão de justiça, que aqueles que nos apoiarem se mantenham co-responsáveis pela decisão no caso de falharmos, ou então não aspirem, no caso de sucesso, às honras de uma decisão inteligente. Os acontecimentos podem mover-se tão imprevistamente, com efeito, quanto os planos dos homens; é por isso que em geral pomos na sorte a culpa de todos os acontecimentos contrários ao nosso raciocínio.

"Já era evidente que os lacedemônios estavam tramando contra nós, e agora é ainda mais. Embora estivesse expressamente pactuado que submeteríamos as nossas divergências a arbitragem, mantendo-se cada parte, nesse ínterim, na posse daquilo que tinha, nunca, até hoje, eles propuseram uma arbitragem, nem a aceitaram quando a sugerimos; para resolver os litígios eles preferem a guerra à paz, e agora estão aqui para fazer exigências e não mais para apresentar queixas. Mandam-nos levantar o cerco de Potidéia, restaurar a independência de Egina e revogar o decreto relativo a Mégara; agora estes homens recém-chegados proclamam que devemos dar independência a todos os helenos. Nenhum de vós, porém, deve pensar que iremos entrar na guerra por motivos banais se nos recusar-nos a revogar o decreto megárico – assunto sobre o qual eles mais insistem, dizendo que não haverá guerra se o revogarmos – nem abrigar depois no espírito a idéia recôndita de que estaremos em guerra por quase nada; esse "quase nada" representa para nós a afirmação e prova de nossas convicções políticas. Se transigirdes neste ponto, imediatamente recebereis ordens deles para ceder em outro mais importante, pois pensarão que concordastes por medo; contrariamente, uma recusa firme de vossa parte fá-los-á entender claramente que deverão tratar convosco em termos de igualdade.

141. "Devereis conformar-vos, então, aqui e agora, com receber ordens deles antes que vos façam algum mal, ou, se pretendeis ir à guerra – como a mim me parece mais acertado – ide com a determinação de não ceder sob pretexto algum, grande ou pequeno, e de não vivermos amedrontados por causa dos bens que possuímos. Toda reivindicação, seja ela grande ou pequena, resulta na mesma sujeição quando, sem um julgamento prévio, ela nos é apresentada sob a forma de exigência por alguém igual a nós.

"Quanto à guerra e aos recursos de cada lado, ficareis convencidos, após ouvir de mim os detalhes, de que a vossa posição é tão forte quanto a deles. Os peloponésios lavram eles mesmos as suas terras e não têm riquezas, quer privadas, quer públicas; além disso, não têm experiência de guerras prolongadas ou ultramarinas porque, devido à sua pobreza, somente se empenham em campanhas curtas uns contra os outros e separadamente. Ora: povos tão pobres não podem tripular naus ou empreender expedições terrestres freqüentes, pois teriam de afastar-se de suas propriedades e ao mesmo tempo estariam consumindo seus recursos, bastantes apenas para fazer face às despesas rotineiras; mais ainda, o mar lhes seria interdito[140]. Finalmente, são as riquezas acumuladas, e não impostos arrecadados sob pressão, que sustentam guerras. Homens que lavram suas próprias terras são mais propensos a expor suas vidas que suas propriedades na guerra, pois têm esperança de sobreviver aos perigos, mas não têm certeza de que não esgotarão seus recursos antes do término da guerra especialmente se, como pode acontecer, ela se prolongar além de sua expectativa. Realmente, embora em uma só batalha os peloponésios e seus aliados possam ser bastante fortes para fazer frente a todos os helenos, eles seriam incapazes de sustentar uma guerra contra uma organização militar tão diferente da sua, entre outras razões por não terem uma assembléia única, não podendo, portanto, pôr em execução imediata qualquer medida de emergência; e como todos eles têm voto igual e são de raças diferentes, cada um luta para dar prioridade a seu próprio interesse. Nestas circunstâncias acontece freqüentemente que nada se faz. De fato, dificilmente poderia ser de outra maneira, pois um deles pode querer vingar-se do modo mais violento possível de um inimigo, e outro pode querer apenas expor os seus bens ao menor dano possível. E quando após muitas delongas eles se reúnem, dedicam somente uma pequena parte de seu tempo ao exame de qualquer matéria de interesse comum, e a maior parte a seus interesses individuais. Cada um pensa que nenhum prejuízo advirá de sua negligência, mas que é obrigação dos outros ser previdentes em vez dele; como todos fazem o mesmo raciocínio, inadvertidamente o bem comum é sacrificado por todos.

142. "O mais importante é que a insuficiência de recursos financeiros os paralisará, pois a arrecadação lenta provoca demoras e na guerra as oportunidades não esperam. Além disso, nem a construção de fortalezas em nos-

[140] Diante da superioridade da marinha ateniense.

so território[141] deve atemorizar-nos, nem a sua frota; quanto às primeiras, seria difícil, mesmo em tempo de paz, construir aqui uma cidade capaz de fazer frente à nossa, para não mencionar que teriam de fazer isso em território hostil e numa época em que temos fortificações tão poderosas para enfrentá-los. Mas suponhamos que eles construam uma fortaleza; embora possam causar danos a parte de nosso território fazendo incursões e recebendo nossos desertores, isso não será suficiente para impedir-nos de navegar até os seus territórios e construir também fortalezas lá, ou de adotar represálias com nossa frota, na qual está a nossa força. De fato, ganhamos mais experiência em operações terrestres com nossa prática no mar do que eles em operações navais com sua prática em terra. O conhecimento das operações marítimas é uma vantagem que eles não obterão facilmente, pois vós mesmos, que começastes a praticá-las imediatamente após a guerra persa, ainda não as levastes à perfeição. Como, então, poderão lavradores e não marinheiros fazer alguma coisa digna de menção, especialmente se não lhes for permitido sequer praticar, pois estaremos sempre espreitando-os com uma grande frota? Se tivessem de fazer face apenas a uma pequena frota à sua espreita, poderiam talvez arriscar-se a um combate, buscando coragem, por ignorância, meramente em seu número; mas se seu caminho estiver barrado por uma grande frota, eles permanecerão inativos e sua competência se deteriorará por falta de prática; só isto os tornará mais tímidos.

A náutica, como qualquer outra técnica, é uma questão de exercício, e a prática neste caso não pode ser acidental, como uma atividade acessória; ao contrário, ela, mais que qualquer outra, não comporta esta marginalidade.

143. "Se eles se apoderassem do dinheiro de Olímpia ou Delfos e tentassem atrair mercenários entre nossos marinheiros, acenando-lhes com soldos mais altos, isto poderia ser perigoso se não fôssemos capazes de enfrentá-los, levando em conta que cidadãos e estrangeiros residentes já tripularam nossas naus. Afinal – e isto é da mais alta importância – nossos pilotos são cidadãos e nossas tripulações em geral são mais numerosas e melhores que as do resto da Hélade. Nenhum de nossos mercenários, na hora de enfrentar o perigo, quereria arriscar-se a ser banido de sua própria terra e, com menor esperança de vitória ao mesmo tempo, lutar do lado deles pela simples oferta de maior soldo por uns poucos dias.

"Em minha opinião, esta, ou aproximadamente esta, é a situação dos peloponésios. Quanto à nossa, creio que estamos livres dos defeitos que

[141] Veja-se o capítulo 122 deste livro.

apontei em relação a eles, e que sob outros aspectos, contamos com vantagens que contrabalançam folgadamente as deles. Se marcharem contra nosso território, navegaremos contra eles, e a devastação de uma parte do Peloponeso será completamente diferente da de toda a Ática, pois eles seriam incapazes de obter outras terras em substituição, enquanto temos abundância de terras nas ilhas e no continente. O domínio do mar, na verdade, é uma grande vantagem. Refleti, então: se fôssemos ilhéus, haveria povo menos sujeito a ser conquistado? Agora devemos imaginar-nos tão próximos quanto possível dessa condição e desinteressar-nos de nossa terra e de nossas casas, para ficarmos atentos à segurança do mar e de nossa cidade, sem que a perda do resto nos inspire tanta revolta a ponto de levar-nos a travar uma batalha decisiva em terra contra os peloponésios, muito superiores a nós em número. Se os vencermos, teremos de enfrentá-los novamente com a mesma superioridade numérica a seu favor, e se falharmos perderemos nossos aliados – a fonte de nossa força, pois eles não ficarão quietos se já não formos capazes de ir contra eles. Não deveremos, tampouco, lamentar-nos pela perda eventual de nossas casas e terras, mas somente pela de vidas, pois aquelas não proporcionam homens, ao passo que os homens no-las proporcionam. Na realidade, se me julgasse capaz de persuadir-vos eu vos instaria a arrasá-las vós mesmos, mostrando assim aos peloponésios que este não é o meio de conseguir a vossa submissão.

144. "Muitos outros motivos também me levam a esperar que nos mostremos superiores, se vos comprometerdes a não tentar ampliar o vosso império enquanto estiverdes em guerra e a não correr desnecessariamente perigos adicionais devidos a vós mesmos; na realidade, preocupam-me mais os vossos erros que os planos do inimigo. Esses aspectos, todavia, servos-ão melhor explicados em outra ocasião[142] quando já estivermos em guerra. No momento, mandemos os embaixadores de volta com a seguinte resposta: "Quanto aos megáricos, permitir-lhes-emos usar nossos mercados e portos se os lacedemônios, de sua parte, cessarem de promulgar leis visando à expulsão de estrangeiros no que nos diz respeito e a nossos aliados (nada no tratado, com efeito, proíbe a nossa ação ou a deles); quanto às cidades de nossa confederação, restituir-lhes-emos a independência se elas eram independentes quando concluímos a paz, e logo que os lacedemônios, de sua parte, concederem às suas cidades aliadas o direito de ser indepen-

[142] Veja-se o capítulo 13 do livro II.

dentes de forma condizente não com os interesses dos lacedemônios, mas com os desejos de cada cidade isoladamente; quanto à arbitragem, estamos prontos a submeter-nos a ela de acordo com o tratado, e não tomaremos a iniciativa da guerra, mas nos defenderemos contra aqueles que o fizerem". Esta resposta é justa e ao mesmo tempo coerente com a dignidade de nossa cidade. Devemos compreender, todavia, que a guerra é inevitável, e quanto mais dispostos nos mostrarmos a aceitá-la, menos ansiosos estarão nossos inimigos por atacar-nos. Enfim, são os maiores perigos que proporcionam as maiores honras, seja às cidades, seja aos indivíduos. Foi assim que nossos pais enfrentaram os persas, embora não tivessem tantos recursos quanto nós, e tenham tido de abandonar até os que possuíam; mais por sua vontade que por sorte, e com uma coragem maior que a sua força, repeliram o Bárbaro e nos elevaram à grandeza presente. Não devemos ficar atrás deles, e sim defender-nos contra nossos inimigos com todos os recursos disponíveis, para entregar à posteridade um império não menor."

145. Assim falou Péricles. Os atenienses, considerando que ele os estava aconselhando da melhor maneira, votaram como ele pediu e responderam aos lacedemônios de conformidade com a sua sugestão quanto aos detalhes, tais como ele os apresentou, e afirmando, quanto ao conjunto, que nada fariam sob compulsão; de acordo com o tratado, estavam prontos a resolver todas as pendências mediante arbitragem, em bases justas e em termos de igualdade. Em seguida os membros da missão regressaram à sua terra e nenhuma outra foi enviada posteriormente.

146. Foram estas as causas de queixas e divergências de ambos os lados antes da guerra e elas começaram a aparecer imediatamente após os eventos de Epídamnos e Córcira. Apesar de tudo os dois lados continuaram a manter relações recíprocas, mesmo naquelas circunstâncias, e a trocar visitas sem arautos[143] mas não sem desconfiança. Na realidade, o desenrolar dos acontecimentos caracterizava um rompimento efetivo do tratado e dava motivo para a guerra.

[143] Isto é, sem as formalidades indispensáveis após a declaração de guerra.

LIVRO SEGUNDO

1. Começa aqui, agora, a guerra propriamente dita entre os atenienses e os peloponésios e seus respectivos aliados. A partir deste ponto eles deixaram de manter relações recíprocas, salvo por intermédio de arautos, e, envolvidos resolutamente na guerra, lutaram incessantemente. Os eventos da guerra são relatados na ordem de sua ocorrência e sua duração é contada por verões e invernos[1].

2. Durante quatorze anos a trégua de trinta anos acordada após a captura de Eubéia foi respeitada; no décimo quinto, porém, quando Crísis completava o seu quadragésimo oitavo ano como sacerdotisa em Argos[2] Enésias era éforo em Esparta e Pitódoros ainda tinha quatro meses de seu período como arconte em Atenas, no décimo sexto mês após a batalha de Potidéia, no início da primavera[3], alguns tebanos (pouco mais de trezentos) sob o comando dos beotarcas[4] Pitângelos filho de Fileidos e Diêmporos filho de Onetoridas, entraram armados em Platéia, cidade da Beócia aliada de Atenas, aproximadamente na hora do primeiro sono[5]. Eles haviam sido convidados a entrar por alguns plateus – Náuclides e seus partidários, que lhes abriram as portas, pretendendo eliminar os cidadãos do partido oposto e entregar a cidade aos tebanos com o objetivo de assumir o poder. Fizeram toda a trama por intermédio de Eurímacos filho de Leontíades, homem de grande influência em Tebas. Com efeito, como Platéia estava sempre em desavença com eles, os tebanos, prevendo que a guerra se aproximava, quiseram apossar-se dela enquanto havia paz e antes que a guerra fosse abertamente declarada. Isso os ajudou a entrar sem chamar a atenção, pois ainda não havia sentinelas para guardar a cidade. Acamparam na ágora, puseram as armas no chão e, em vez de seguir o conselho dos que os convidaram a entrar, ou seja, começar a agir imediatamente e invadir as casas dos adversários, decidiram tentar proclamações conciliatórias e levar a cidade a um acordo amigável. A proclamação, feita através de um arauto, dizia que quem quises-

[1] A cronologia habitual na época de Tucídides; o verão incluía a primavera e o inverno o outono, sendo o "verão" igual a cerca de oito meses e o "inverno" a cerca de quatro.
[2] O começo da guerra está sendo fixado de acordo com a cronologia oficial nas três cidades helênicas mais importantes.
[3] Em 431 a.C.
[4] Comandantes das tropas beócias.
[5] Uma das divisões da noite de acordo com a cronometria da época.

se tornar-se aliado de acordo com as tradições de toda a raça beócia, poderia empunhar as armas e juntar-se a eles, pois pensavam que dessa maneira a cidade seria facilmente levada a apoiá-los.

3. Os plateus, quando souberam que os tebanos haviam entrado, foram tomados de surpresa e se intimidaram; como era noite e não podiam ver, pensaram que os invasores fossem muito mais numerosos e decidiram negociar; aceitaram a proposta dos tebanos para um entendimento e se acalmaram, principalmente porque eles não praticaram violências contra quem quer que fosse. Aconteceu, porém, que no curso das negociações os plateus perceberam que os tebanos eram poucos e imaginaram que se os atacassem poderiam vencê-los, pois não era desejo da maioria dos plateus retirar-se da aliança com os atenienses. Resolveram, então, fazer a tentativa e começaram a juntar-se, chegando às casas uns dos outros através de fossos cavados ao longo das muralhas para não serem vistos caminhando pelas ruas; puseram carroças sem as parelhas de cavalos nas ruas para bloqueá-las e tomaram todas as medidas da melhor maneira possível naquela emergência. Quando tudo estava pronto dentro de suas possibilidades, ficaram esperando o fim da noite, e pouco antes do nascer do sol saíram de suas casas para combater contra os tebanos, pois não queriam atacá-los em pleno dia, quando eles poderiam demonstrar mais coragem e estariam em igualdade de condições, mas ainda na penumbra; assim eles seriam mais vacilantes e estariam em desvantagem quanto ao conhecimento da cidade. Lançaram-se sobre eles naquelas condições, súbita e velozmente, e se engajaram em combate.

4. Quando os tebanos perceberam que haviam sido enganados, reagruparam-se em formação cerrada e tentaram repelir as investidas do inimigo onde quer que ele atacasse. Conseguiram contê-lo duas ou três vezes; quando, porém, os plateus voltaram a atacar com grande alarido, ao mesmo tempo que as mulheres e os escravos de cima das casas, gritando e vociferando, atiravam pedras e telhas sobre eles (além disto, uma pesada chuva começara a cair durante a noite), os tebanos deixaram-se dominar pelo pânico, deram meia volta e fugiram através da cidade; como em sua maioria não conheciam os atalhos pelos quais poderiam salvar-se em meio à escuridão e à lama – estes acontecimentos ocorreram no fim do mês[6] – ao passo que seus perseguidores sabiam muito bem como impedi-los de fugir, muitos deles foram mortos. Os plateus, além disso, haviam fechado as por-

[6] Do mês lunar, quando não havia luar.

tas pelas quais eles tinham entrado – as únicas que foram abertas, usando as pontas das lanças como pinos para fechar as trancas, de tal maneira que não havia mais saída também naquela direção. Na perseguição acima e abaixo pela cidade, alguns deles subiram ao topo das muralhas e se lançaram de lá, tendo quase todos morrido; outros conseguiram sair por uma porta desguarnecida sem ser vistos, partindo as trancas com um machado que uma mulher lhes havia dado, mas não muitos, pois logo foram descobertos; outros ficaram isolados em vários pontos da cidade e foram mortos. A maioria, porém, (os que se haviam mantido juntos) correu para um grande edifício próximo à muralha, cujas portas por acaso estavam abertas, pensando que as portas do mesmo fossem portas da cidade e que, por isso, haveria passagem para fora. Os plateus, vendo que eles estavam encurralados, puseram-se a discutir se deveriam incendiar o edifício e queimá-los pura e simplesmente, ou se outra medida qualquer deveria ser tomada contra eles. Finalmente aqueles e outros tebanos sobreviventes que vagavam pela cidade chegaram a um acordo no sentido de se renderem e entregarem as armas aos plateus, que disporiam deles como quisessem.

5. Foi esse o destino dos tebanos que entraram em Platéia. Outros deveriam chegar naquela mesma noite de Tebas num grupo armado, para apoiá-los se necessário. A caminho tomaram conhecimento dos acontecimentos e apressaram o passo. Platéia dista setenta estádios[6a] de Tebas e a tempestade durante a noite lhes retardou a marcha; o rio Ásopos havia enchido, dificultando a travessia, e eles, caminhando sob a chuva, cruzaram-no a duras penas e só chegaram após a prisão ou a morte de sua gente. Diante disto, julgaram-se na obrigação de armar emboscadas aos plateus que estavam fora das muralhas da cidade, pois um número considerável deles tinha ido ao campo com todos os apetrechos usados em tempo de paz e segurança; os tebanos queriam que aqueles que conseguissem capturar respondessem por seus concidadãos cativos. Enquanto os tebanos deliberavam, os plateus, suspeitando de suas intenções e preocupados com os homens que estavam fora, mandaram um arauto dizer aos tebanos que sua tentativa de se apoderarem da cidade em plena paz havia sido uma impiedade, e que evitassem tocar nos que estavam fora se não quisessem que eles matassem os prisioneiros em seu poder; ao mesmo tempo se comprometiam a devolvê-los se os tebanos evacuassem o seu território. Esta, pelo menos, foi a versão dos tebanos, que acrescentaram ter havido um acordo confirmado por jura-

[6a] Cerca de 12,4 Km.

mento. Os plateus, ao contrário, sustentavam que não haviam prometido entregar imediatamente os prisioneiros, mas estavam simplesmente negociando, numa tentativa de chegar a acordo, e afirmaram que nada haviam jurado. De qualquer modo os tebanos deixaram a região sem haver praticado qualquer violência, enquanto os plateus, imediatamente após haver trazido de volta à cidade aqueles que estavam no campo, massacraram todos os prisioneiros, em número de cento e oitenta. Entre estes se encontrava Eurímacos, o principal autor da traição.

6. Em seguida os plateus despacharam um mensageiro para Atenas, permitiram aos tebanos levar os seus mortos e tomaram na cidade todas as providências reclamadas pelas circunstâncias.

Os atenienses receberam logo um relato dos acontecimentos em Platéia e detiveram imediatamente todos os beócios que estavam na Ática; enviaram depois um mensageiro aos plateus para lhes dizer que nada decidissem sobre os prisioneiros tebanos antes deles mesmos deliberarem a respeito, pois ainda desconheciam o seu massacre. Com efeito, um primeiro mensageiro partira de Platéia no momento da entrada dos tebanos; um segundo, quando estes acabavam de ser vencidos e capturados; neste ponto cessaram as informações a Atenas, e conseqüentemente o mensageiro ateniense veio ignorando os últimos acontecimentos; ao chegar, encontrou os prisioneiros massacrados. Os atenienses enviaram tropas e víveres a Platéia, instalaram lá uma guarnição e retiraram os homens menos capazes, juntamente com as mulheres e crianças.

7. Os acontecimentos de Platéia constituíam uma clara violação da trégua e os atenienses, diante disto, passaram a preparar-se para a guerra; os lacedemônios e seus aliados fizeram o mesmo. Os dois lados se apressaram em mandar delegações tanto à Pérsia quanto a outras nações bárbaras, das quais esperavam conseguir ajuda; em resumo, puseram tudo em ação para atrair às respectivas alianças as cidades ainda alheias à sua hegemonia. Os lacedemônios, em adição às naus de que já dispunham, encomendaram às cidades da Itália e da Sicília partidárias deles a construção de outras, cada uma proporcionalmente à sua importância, de modo a elevar o total da frota a quinhentas naus. Seus aliados receberam ordens para uma primeira contribuição em dinheiro; quanto ao mais, deveriam permanecer na expectativa, sem receber em seus portos mais de uma nau ateniense de cada vez, até que tudo estivesse pronto. Os atenienses passaram em revista seus alia-

dos e enviaram delegações, principalmente às cidades vizinhas do Peloponeso (Córcira, Cefalênia, Acarnânia e Zácintos). Sentiam que, se estas cidades permanecessem amigas, poderiam seguramente levar a guerra a todos os pontos do Peloponeso.

8. Nos dois lados só se faziam grandes planos e todos estavam cheios de entusiasmo pela guerra; isto não é de admirar, pois é sempre no começo que se mostra mais ânimo. Deve-se acrescentar que havia na época, tanto no Peloponeso quanto em Atenas, uma juventude numerosa que, por inexperiência, só desejava a guerra. O resto da Hélade estava na expectativa, em vésperas desse choque das cidades mais poderosas. Nas cidades rivais e nas outras só havia presságios e adivinhos cantando seus oráculos. Além disso, ocorrera em Delfos pouco antes um terremoto – fato inédito na memória dos helenos – e se via naquele fenômeno um prognóstico dos acontecimentos iminentes. Todos os detalhes desse gênero eram registrados com avidez. De um modo geral as simpatias se concentravam decididamente nos lacedemônios, sobretudo depois deles declararem a intenção de libertar a Hélade. Cidades e indivíduos rivalizavam no empenho de secundá-los na medida de sua capacidade, seja em palavras, seja em ações, e cada um imaginava que, se não pudesse estar presente, a causa comum seria prejudicada. Na verdade, os helenos em sua maioria nutriam grande animosidade contra os atenienses, uns querendo fugir ao seu domínio, outros temendo sofrê-lo.

9. Tais eram os preparativos e sentimentos com os quais os helenos estavam começando o conflito. As cidades aliadas a cada lado no início da guerra eram as seguintes: com os lacedemônios estavam todos os povos do Peloponeso situados ao sul do istmo, à exceção dos argivos e dos aqueus (estes últimos mantinham relações amistosas com ambos os lados, e os pelênios eram os únicos aqueus que desde o início participaram da guerra ao lado dos lacedemônios, embora mais tarde todos tenham feito o mesmo); fora do Peloponeso os megáricos, os beócios, os lócrios, os foceus, os ambraciotas, os leucádios e os anactórios; os coríntios, os megáricos, os siciônios, os pelênios, os eleus, os ambraciotas e os leucádios forneceram naus, enquanto contribuíram com a cavalaria os beócios, os foceus e os lócrios, e com a infantaria as outras cidades. Estes eram os aliados dos lacedemônios.

Os dos atenienses eram: os quianos, os lésbios, os plateus, os messênios de Náupactos, a maior parte dos acarnânios, os corcireus e os zacíntios; a estes devem ser acrescentados os habitantes da Cária marítima, da Dórida

vizinha à Cária, da Iônia, do Helespontos, do litoral da Trácia, de todas as ilhas situadas na direção do leste entre o Peloponeso e Creta, do resto das Cíclades (exceto Melos e Tera). Quios, Lesbos e Córcira forneceriam naus; as outras, infantaria e dinheiro.

Eram estes os aliados e recursos dos dois lados no início da guerra.

10. Imediatamente após os acontecimentos de Platéia os lacedemônios levaram ao conhecimento de seus aliados, assim do Peloponeso como de fora, que teriam de preparar suas tropas e o equipamento necessário a uma expedição externa, já com a intenção de invadir a Ática. Estando todos prontos no momento aprazado, dois terços dos contingentes de cada cidade se reuniram no istmo. Logo que as forças se juntaram, Arquídamos, rei dos lacedemônios e comandante da expedição, convocou os chefes de cada cidade, as principais autoridades e os homens mais notáveis e lhes dirigiu a seguinte exortação:

11. "Peloponésios e aliados: nossos pais muitas vezes empunharam armas no Peloponeso e fora dele, e os mais idosos entre nós não carecem de experiência militar. Embora jamais tenhamos entrado numa campanha com efetivos tão poderosos como agora, também jamais marchamos contra uma cidade tão poderosa, e por isso queremos contar com os mais numerosos e melhores combatentes. Temos, portanto, o direito de esperar que não sejamos menos valorosos que nossos pais nem fiquemos aquém de nossa fama. Toda a Hélade, vivamente entusiasmada com nossa decisão, tem os olhos fixos em nós e, em sua animosidade contra os atenienses, faz votos para que atinjamos os nossos objetivos. Portanto, ainda que alguns entre nós possam pensar que os enfrentaremos com superioridade numérica e que muito provavelmente o inimigo não se arriscará numa batalha contra nós, nem por isso devemos estar menos cuidadosamente preparados, seja no que for, quando avançarmos; ao contrário, devemos todos e cada um, comandantes e soldados de cada cidade, marchar na expectativa de enfrentar algum perigo. Na realidade, os eventos da guerra são imprevisíveis, e os ataques são geralmente súbitos e furiosos; muitas vezes uma força menor, por estar temerosa, vence adversários mais numerosos, despreparados por subestimar o inimigo. Em terra hostil deve-se sempre ser ousado em pensamento, mas cauteloso na ação e, portanto, estar preparado, pois assim os homens serão mais valorosos no ataque e mais firmes na defesa.

"A cidade contra a qual vamos marchar, longe de ser impotente para defender-se, dispõe de tudo em abundância. Se até hoje o inimigo perma-

neceu imóvel foi por estarmos ainda distantes, mas tudo leva a crer que sairá para combater no momento em que nos vir devastar suas propriedades. Sempre que as coisas acontecem diante de nossos olhos e nos vemos diretamente vítimas de um tratamento insólito, a cólera nos inflama; a partir daí já não refletimos e passamos a agir impetuosamente. Deve ser especialmente assim para os atenienses, que pretendem comandar os outros e estão mais habituados a devastar as cidades alheias que a ver a sua arrasada.

"Então, já que empunhamos as armas contra uma cidade tão poderosa, e que nosso conceito e o de nossos antepassados depende de nossos sucessos ou reveses, segui a rota que vos será traçada. Observai antes de tudo a disciplina, sede vigilantes, rápidos para apreender as ordens. Nada é mais belo e ao mesmo tempo mais seguro que um grande exército movendo-se em perfeita unidade."

12. Após terminar o discurso e encerrar a reunião Arquídamos despachou para Atenas o espartano Melésipos filho de Diácritos, com o objetivo de saber se os atenienses, recebendo a notícia do exército em marcha, demonstrariam mais compreensão; eles, porém, não o admitiram na assembléia e nem sequer na cidade, pois já havia sido aceita a recomendação de Péricles no sentido de não receberem arautos nem delegações dos lacedemônios em plena campanha. Mandaram-no então de volta sem sequer ouvi-lo, e com ordens de cruzar a fronteira naquele mesmo dia, acrescentando que, se os lacedemônios quisessem parlamentar, teriam de retornar primeiro ao seu próprio território. Destacaram uma escolta para acompanhar Melésipos, para impedi-lo de comunicar-se com qualquer pessoa. Chegando à fronteira e começando a afastar-se, segundo dizem ele pronunciou as seguintes palavras: "Este dia marcará para os helenos o início de grandes males!". Sua volta ao acampamento das tropas convenceu Arquídamos da decisão dos atenienses de não fazerem qualquer concessão; diante disto ele deu ordens para a partida e começou a avançar para a Ática. Os beócios haviam trazido aos peloponésios seu contingente de guerra[7] e seus cavalerianos; o resto de suas forças invadiu e devastou o território de Platéia.

13. Os peloponésios ainda estavam reunindo-se no istmo e apenas iniciando a marcha quando Péricles filho de Xântipos, um dos dez comandantes dos atenienses, prevendo a invasão, suspeitou de que Arquídamos, que ele já hospedara, poderia respeitar as suas propriedades, por sua própria

[7] Ou seja, dois terços do total de sua contribuição em tropas.

vontade para lhe ser agradável, ou por ordem dos lacedemônios para torná-lo suspeito, como quando haviam reclamado a expulsão dos sacrílegos visando-o especificamente. Ele então disse aos atenienses, em plena assembléia, que Arquídamos costumava ser seu hóspede, mas que nada deveria resultar disso em detrimento da cidade, e que, se o inimigo não devastasse as suas terras e as suas casas como as dos outros, abandoná-las-ia de qualquer modo a fim de não haver por esse motivo alguma prevenção contra ele. Ao mesmo tempo renovou, a respeito dos acontecimentos presentes, os conselhos dados anteriormente; recomendou que se preparassem para a guerra, retirassem tudo que estava no campo e não saíssem para combater, limitando-se à defesa da cidade; deveriam devotar todos os seus cuidados àquilo que fazia a sua força, ou seja, à sua frota, e manter mão firme sobre os aliados, que – dizia ele – são a fonte do poder da cidade por causa dos tributos que lhe pagam, pois de um modo geral a guerra depende de discernimento e de dinheiro. Exortou ainda os atenienses a confiarem, pois nos anos normais a cidade recebia seiscentos talentos[7a] de tributos dos aliados, sem contar outras rendas, e que havia em sua Acrópole reservas adicionais de seis mil talentos em moedas (eram nove mil e setecentos, mas uma parte fora gasta nos propileus da própria Acrópole[8] em outras construções e no cerco de Potidéia, não estando incluídos nesta importância o ouro e a prata não-amoedados, provenientes de oferendas públicas ou particulares, os vasos sagrados usados nas solenidades e nos jogos atléticos, as riquezas tomadas dos persas e outros bens semelhantes, equivalentes em conjunto a pouco menos de quinhentos talentos[8a]. Acrescentou que os templos possuíam riquezas consideráveis, das quais se poderia dispor e que, enfim, como último recurso, seria possível lançar mão dos adornos de ouro da deusa, cuja estátua, segundo lhes disse, era recoberta de quarenta talentos de ouro fino[9] facilmente destacável. Esses tesouros, todavia, teriam de ser repostos, mesmo se usados para a salvação da pátria.

A esses motivos de confiança resultantes de suas riquezas, Péricles acrescentou um panorama de suas forças militares: treze mil hoplitas, além dos dezesseis mil que guarneciam as fortalezas e as muralhas da cidade (estes eram de início, a cada invasão do inimigo, os efetivos destacados para as guarnições, compostos de cidadãos mais idosos, dos mais jovens e dos

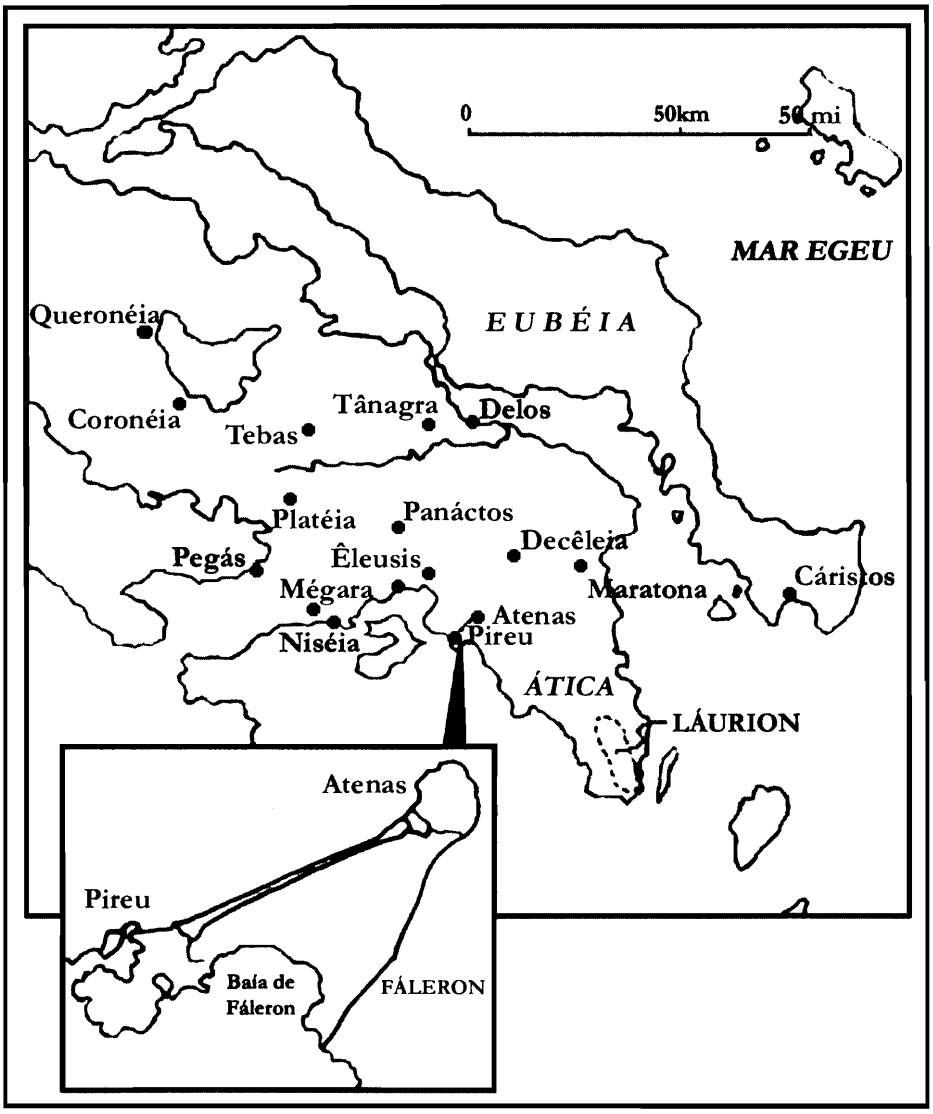
[7a] Cerca de US$ 600.000; os seis mil talentos existentes na acrópole correspondiam a cerca de US$ 6.000.000.
[8] Concluídos em 432 a.C.
[8a] Cerca de US$ 500.000.
[9] O talento-peso equivalia a cerca de 32 Kg.

metecos a serviço dos hoplitas). A muralha de Faléron tinha trinta e cinco estádios[9a] de extensão até juntar-se à muralha da cidade, e a parte guarnecida desta tinha quarenta e três estádios (deixava-se sem guarda a parte compreendida entre as Longas Muralhas e a muralha de Faléron). As Longas Muralhas, que iam até o Pireu, mediam quarenta estádios e só a externa era guardada. Toda a muralha que circunda o Pireu e Muniquia media sessenta estádios e só metade da mesma era guardada. Péricles também disse que a cidade dispunha de mil e duzentos cavalerianos, inclusive os archeiros a cavalo, mil e seiscentos archeiros a pé e trezentas trirremes prontas para navegar. Tais eram, sem nada a deduzir, as forças atenienses na época da primeira invasão dos peloponésios e no início desta guerra. Enfim, de acordo com o costume, Péricles terminou a enumeração tecendo diversas considerações adequadas a demonstrar que os atenienses venceriam a guerra.

14. Depois de ouvir as palavras de Péricles os atenienses, já persuadidos, começaram a trazer do campo seus filhos, suas mulheres e todos os seus pertences; retiraram até o madeiramento das casas; os rebanhos e os animais de carga foram transportados para a Eubéia e para as ilhas vizinhas. Esse deslocamento lhes pareceu penoso, pois os habitantes em sua maioria estavam habituados à vida do campo.

15. Os atenienses, mais que qualquer outro povo, haviam adotado esse gênero de vida desde os tempos mais remotos. Já na época de Cécrops e dos primeiros reis até Teseu os habitantes da Ática estavam espalhados em povoados, cada um tendo o seu pritaneu e seus magistrados. Salvo em caso de guerra eles não se reuniam conjuntamente com o rei para deliberar em comum; cada povoado se governava e se reunia em assembléia isoladamente. Ocorreu até que alguns povoados fizeram guerra ao rei, como no caso dos eleusínios com Êumolpos contra Erecteu. Teseu, porém, que aliava a inteligência à força, ao assumir o reinado introduziu em seus territórios diversos aperfeiçoamentos; o principal foi a abolição dos conselhos e magistrados dos povoados e a reunião de todos os habitantes na cidade atual, onde instituiu um só conselho e pritaneu. Os atenienses continuaram a cultivar as suas terras como antes, mas ele os compeliu a terem uma única cidade. Graças à contribuição que todos então lhe traziam, Atenas cresceu rapidamente e já era importante quando Teseu a transmitiu a seus sucessores.

[9a] Cerca de 6,1 km; mais adiante, 43 estádios correspondem a cerca de 8,7 km, 40 estádios a cerca de 7,2 km e 60 estádios a cerca de 10,7 km.



ÁTICA E ARREDORES

Em memória desse acontecimento os atenienses celebram ainda hoje uma festa chamada "Xinoikia"[10]. De início a cidade era constituída somente da atual Acrópole[11] e, em baixo, a parte que lhe fica ao sul. A prova disto é que na Acrópole e em seu sopé estão os templos da maior parte das divindades (por exemplo, de Zeus Olímpico, de Apolo Pítico, da Terra, de Diônisos Limneus (em cuja honra são celebradas as Dionísias mais antigas[12] no décimo segundo dia do mês Antestérion, costume mantido pelos iônios originários de Atenas). Existem naquela parte da cidade outros templos antigos. Lá se encontra também a fonte atualmente chamada das *Nove Bocas,* por causa da remodelação feita pelos tiranos, mas antes, quando as fontes eram abertas, chamada *Córrego Belo;* por ser próxima, ela servia para os usos mais importantes, e ainda hoje subsiste o costume de usar a sua água para as cerimônias nupciais e outras finalidades religiosas. Aliás, até hoje a Acrópole é chamada *a Cidade* pelos atenienses, justamente porque era a única parte habitada de início.

16. Assim, durante muito tempo os atenienses viveram de maneira independente e disperses no campo, e mesmo após a sua concentração guardaram invariavelmente, até esta guerra, o hábito da vida campestre com suas famílias. Não lhes foi fácil, portanto, abandonar os lares, ainda mais porque haviam reparado pouco tempo antes os danos ocasionados pelas guerras com os persas. Deixavam relutantemente as casas e os templos aos quais estavam ligados por uma longa posse e, ao renunciarem à sua maneira de viver, era como se cada um deles se despedisse de sua cidade.

17. Chegando a Atenas, poucos conseguiram alojamento ou abrigo em casa de amigos ou parentes; em sua maioria se instalaram em áreas não habitadas da cidade, nos terrenos dos templos consagrados aos deuses e aos heróis, em toda parte, enfim, à exceção da Acrópole, do Eleusínion[13] perto da Ágora e outros lugares rigorosamente interditos. Nem o próprio Pelárgicon[14] situado no sopé da Acrópole, escapou à necessidade de ocupação imposta pelas circunstâncias, apesar das maldições que impediam tal

[10] Significando "reunião das moradias".
[11] Literalmente "cidade alta".
[12] As Antesterias, em contraste com as Lenéias - festa igualmente antiga, mas não tanto. As Dionísias Urbanas eram de origem mais recente.
[13] Templo de Deméter Eleusínia.
[14] Espaço situado no sopé da acrópole, ao longo do muro ocidental da mesma, construído na mais alta antigüidade pelos pélasgos (veja-se Heródoto, VI, 137).

procedimento e do verso final de um oráculo délfico proibindo-a expressamente: "É melhor o Pelárgicon desocupado".

Segundo me parece, o oráculo se realizou, mas num sentido inteiramente contrário à expectativa; de fato, não foi por causa da ocupação ilícita do local que as calamidades caíram sobre a cidade, mas foi por causa da guerra que se tornou necessária a ocupação e o oráculo, apesar de não mencionar a guerra, previu que jamais o local seria ocupado por qualquer motivo bom. Muitos se instalaram também nos torreões das muralhas da cidade e onde quer que pudessem achar um lugar, pois a cidade não dispunha de espaço apropriado para todos eles reunidos. Mais tarde foram distribuídos em lotes e ocuparam áreas entre as Longas Muralhas e a maior parte do Pireu. Enquanto isto estava acontecendo, os atenienses se dedicavam à guerra, reunindo os seus aliados e organizando uma expedição de cem naus contra o Peloponeso. Era este o estágio de seus preparativos.

18. Nesse ínterim o exército dos peloponésios estava avançando e o primeiro ponto da Ática ao qual chegaram foi Enoe, onde pretendiam começar a invasão. Enquanto estavam instalando o seu acampamento lá, prepararam-se para atacar as muralhas com engenhos de guerra e quaisquer outros meios. Enoe, situada na fronteira entre a Ática e a Beócia, era uma cidade amuralhada, e era usada pelos atenienses como uma fortaleza em caso de guerra. Os lacedemônios prosseguiam com seus preparativos para atacar o local, e por essa razão e por outras perderam tempo; foi devido à sua conduta ali que Arquídamos recebeu severas críticas, mesmo porque já se considerava que nas gestões preliminares para a guerra ele também havia sido lento e tinha feito o jogo dos atenienses quando se absteve de insistir com os peloponésios para irem resolutamente à luta[15]. Ele foi criticado novamente, quando o exército estava sendo organizado, pela demora no istmo, e depois pelo ritmo lento da marcha, mas principalmente pela parada em Enoe. De fato, naquele intervalo os atenienses continuaram a trazer os seus bens para a cidade e os peloponésios pensaram que, se não fosse a sua procrastinação, eles poderiam ter avançado rapidamente e encontrado tudo ainda fora. Este era o ressentimento do exército em relação a Arquídamos no período em que ainda estava parado. Dizem, todavia, que ele se tinha mantido em expectativa por acreditar que os atenienses fariam concessões enquanto o seu território ainda não estivesse devastado e não se resignariam a vê-lo arrasado.

[15] Veja-se o livro I, capítulos 80 a 85.

19. Após haverem assediado Enoe sem resultado e feito tudo para apoderar-se dela, os peloponésios, vendo que não chegava de Atenas arauto algum, levantaram o cerco e penetraram na Ática, oitenta dias após a entrada dos tebanos em Platéia e no momento em que os grãos estavam prontos para a colheita. Comandava-os Arquídamos filho de Zeuxídamos e rei da Lacedemônia. Acamparam de início perto de Êleusis, na planície de Tria, devastaram a região e levaram ligeira vantagem sobre a cavalaria ateniense no lugar chamado Rites. Em seguida avançaram, deixando à direita o monte Egalêon, atravessaram Cropias e atingiram Acarnás, o maior povoado da Ática; ali acamparam e levaram a devastação aos arredores.

20. Ao tomar posição em ordem de batalha perto de Acarnás, ainda sem descer até a planície, Arquídamos esperava, segundo se diz, que os atenienses, orgulhosos de sua juventude numerosa e perfeitamente preparados, se decidissem a sair, não suportando passivamente o espetáculo da devastação de suas terras. Não os havendo encontrado em Êleusis nem na planície de Tria, ele queria ver se, acampando perto de Acarnás, conseguia atraí-los para campo aberto. O local lhe parecia favorável para o acampamento, pois imaginava que os acarnânios, que estavam contribuindo com três mil hoplitas, não tolerariam ver as suas terras devastadas e, portanto, viriam combater em massa. Finalmente, se os atenienses não se opusessem à invasão, nada o impediria de arrasar a planície e até de chegar à cidade; na verdade, seria pouco provável que os acarnânios, após a ruína de suas propriedades, pusessem o mesmo ardor na defesa das propriedades alheias, e disso resultaria a desunião. Era isto que detinha Arquídamos nos arredores de Acarnás.

21. Enquanto o exército dos peloponésios esteve parado perto de Êleusis e na planície de Tria, os atenienses contavam que ele não fosse mais adiante. Lembravam-se de que Plistoânax filho de Pausânias e rei dos lacedemônios, quando havia invadido a Ática quatorze anos antes da guerra atual, avançara até Êleusis e Tria, mas se havia retirado sem prosseguir, o que resultou em seu banimento de Esparta porque se acreditava que ele havia recebido dinheiro para recuar[16]; mas quando viram o inimigo acampando diante de Acarnás, a sessenta estádios de Atenas, perderam a paciência. A devastação de suas terras diante de seus olhos, espetáculo novo para os jovens e mesmo

[16] Veja-se o livro I, capítulo 94.

para os mais velhos desde as guerras com os persas, fazia-os fremir de raiva. Todos, e principalmente a juventude, pediam para vingar essa afronta; formavam-se grupos, discutia-se vivamente, uns a favor, outros contra o recurso às armas. Os adivinhos cantavam todo tipo de oráculos, que cada um interpretava segundo os seus sentimentos. Os acarnânios, que se consideravam uma fração importante dos atenienses, vendo o seu território devastado, pediam em altos brados para sair e combater. A exasperação atingira o auge e havia grande indignação contra Péricles; esqueciam as suas advertências anteriores e o criticavam porque, sendo o comandante, ele se recusava a combater, em suma, consideravam-no o autor de todos os seus males.

22. Péricles, todavia, vendo-os exasperados naquele momento e julgando que suas intenções não eram as melhores, e convencido, além disso, de que tinha razões para opor-se a qualquer saída, não convocava a assembléia ou qualquer outra reunião, temendo que o povo tomasse alguma decisão precipitada, deixando-se levar pelo rancor. Contentava-se com proteger a cidade e mantê-la tão tranqüila quanto possível. Mandava com freqüência alguns destacamentos de cavalaria fazerem incursões a fim de evitar que os batalhões avançados do inimigo invadissem as terras mais próximas da cidade e as devastassem. Houve mesmo em Frígios um rápido choque entre a cavalaria beócia e um destacamento ateniense apoiado pelos tessálios. Os atenienses sustentaram o combate sem desvantagem até o momento em que o inimigo recebeu um reforço de hoplitas, que os forçou a retirar-se com algumas perdas; levaram, contudo, os seus mortos no mesmo dia, sem pedir trégua. Na manhã seguinte os peloponésios ergueram um troféu. As tropas auxiliares tessálias tinham vindo em decorrência de um antigo pacto com Atenas[17], e se compunham de larisseus, de farsálios, de cranônios, de pirásios, de girtônios e de fereus. Comandavam-nas Polimedes e Aristônous, ambos de Lárissa mas de facções opostas, e Mênon, da Farsália, e cada uma das outras cidades tinha o seu próprio comandante.

23. Os peloponésios, já que os atenienses não saíram para combatê-los, levantaram o acampamento em Acarnás e devastaram alguns povoados situados entre os montes Parnes e Brilessos[18]. Enquanto eles estavam em seu

[17] Veja-se o livro I, capítulos 102 e 107.
[18] Mais conhecido como Pentélico, assim chamado por causa do povoado Pentele situado na sua vertente sul.

território os atenienses despacharam numa expedição para rondar o Peloponeso as cem naus que estavam equipando, com mil hoplitas e quatrocentos archeiros a bordo; seus comandantes eram Carcinos filho de Xenôtimos, Proteas filho de Epicleos e Sócrates filho de Antígenes. Eles zarparam, então, com essas forças, e iniciaram a sua viagem de ronda; os peloponésios permaneceram na Ática durante tanto tempo quanto lhes permitiu o seu abastecimento e se retiraram em seguida através da Beócia, percorrendo um caminho diferente do trilhado na vinda para a Ática. Passaram por Ôropos e devastaram a região chamada Graice, ocupada pelos orópios na qualidade de súditos dos atenienses[19]. Chegando de volta ao Peloponeso, as tropas se dispersaram e foram para as suas respectivas cidades.

24. Após a retirada dos lacedemônios os atenienses destacaram guarnições para manter vigilância em terra e no mar, com o propósito de conservá-las em tal serviço durante toda a guerra. Decidiram também separar mil talentos[19a] do dinheiro depositado na Acrópole como um fundo de reserva especial, que não poderia ser gasto, destinando somente o restante para a guerra; qualquer proposta no sentido de usar-se a reserva (salvo no caso do inimigo atacar a cidade com uma frota e deles serem portanto obrigados a defendê-la), resultaria em punição com pena de morte para quem a fizesse ou submetesse a votação. Juntamente com essa quantia em dinheiro também separaram, como uma reserva anual para serviços especiais, cem de suas melhores trirremes, nomeando trierarcas para comandá-las; nenhuma dessas naus poderia ser usada senão em conexão com aquele fundo especial, diante do mesmo perigo em caso de emergência.

25. Nesse ínterim os atenienses embarcados nas cem naus para rondar o Peloponeso, juntamente com os corcireus que os reforçaram com cinqüenta naus e alguns de seus outros aliados naquela área, estiveram saqueando vários lugares ao longo de seu itinerário, e em particular desembarcaram em Metone, na Lacônia, atacando suas muralhas, que eram fracas e desguarnecidas. Mas Brasidas, um espartano filho de Télis, estava nas vizinhanças com um destacamento e, diante daquela situação, pôs-se em marcha para socorrer a guarnição. Abrindo caminho impetuosamente através das tropas atenienses, que estavam espalhadas pela região e se ocupavam

[19] Esta parte da História foi escrita antes de 412-411 a.C., quando Ôropos foi capturada pelos beócios.

[19a] Cerca de um milhão de dólares.

apenas da fortaleza, Brasidas levou suas forças até Metone, perdendo apenas uns poucos homens na investida, e assim salvou a cidade. Esse feito ousado – o primeiro do gênero na guerra – foi recebido em Esparta com um voto de louvor. Depois disto os atenienses levantaram âncoras e continuaram a viagem ao longo da costa; desembarcaram ainda em Feia, na Élida, e devastaram a região durante dois dias, derrotando em combate um batalhão de socorro de trezentos lanceiros arregimentados nas terras baixas da Élida e nas vizinhanças imediatas de Feia. Sobreveio, porém, uma forte ventania e, vendo-se expostos à tempestade numa região desabrigada, muitos atenienses reembarcaram em suas naus e navegaram em volta do promontório chamado Íctis até o porto em Feia. Ao mesmo tempo os messênios e alguns outros que não puderam reembarcar puseram-se em marcha e ocuparam Feia. Posteriormente, quando a frota circundou o promontório, as naus apanharam esses homens e zarparam prontamente, pois nesse ínterim o grosso das tropas dos eleus havia chegado para prestar auxílio. Os atenienses prosseguiram em sua viagem ao longo da costa e, parando em outros lugares, devastaram-nos.

26. Quase ao mesmo tempo os atenienses mandaram trinta naus para patrulhar as proximidades da Lócrida e, simultaneamente, guardar a Eubéia. Comandava-as Cleopompos filho de Clínias, que desembarcou em vários lugares ao longo da costa e os devastou, capturou Trônion, levando alguns de seus habitantes como reféns, e em Álope derrotou em combate os lócrios vindos em defesa da cidade.

27. Ainda no curso daquele verão os atenienses também expulsaram os eginetas de Egina, juntamente com suas mulheres e filhos, acusando-os principalmente de terem sido responsáveis pela guerra na qual estavam envolvidos; além disto, Egina fica perto do Peloponeso e seria evidentemente uma política mais prudente mandar seus próprios colonos ocupá-la. E de fato despacharam os colonos pouco depois para lá. Quanto aos refugiados eginetas, os lacedemônios lhes deram Tiréia para habitar e cultivar, movidos não somente pela hostilidade dos eginetas em relação a Atenas, mas também porque os mesmos lhes haviam prestado bons serviços por ocasião do terremoto e da revolta dos hilotas[20]. O território da Tiréia está situado na região fronteiriça entre a Argólida e a Lacônia, estendendo-se até o mar. Lá

[20] Veja-se o livro I, capítulo 101.

se estabeleceram alguns eginetas, enquanto outros se dispersaram pelo resto da Hélade.

28. Durante o mesmo verão e no início do mês lunar[21] (aparentemente a única ocasião em que tal ocorrência é possível), o sol entrou em eclipse depois do meio-dia; tomou a forma de um crescente e voltou a encher-se em seguida, e durante o eclipse algumas estrelas ficaram visíveis.

29. Ainda naquele verão Ninfódoros filho de Pites, um homem de Ábdera, cuja irmã havia sido dada como esposa a Sitalces e era muito influente junto a este, foi nomeado pelos atenienses próxeno junto àquele rei, apesar de até então o considerarem inimigo; chamaram-no a Atenas, pois desejavam ver Sitalces, filho de Teres e rei da Trácia, tornar-se seu aliado. Esse Teres, pai de Sitalces, foi o fundador do grande reino dos odrísios, que se estendia sobre a maior parte da Trácia (outra parte considerável dos trácios é independente), e nada tinha a ver com Tereus, que levou de Atenas para ser sua esposa Procne, filha de Pandíon, nem eles são da mesma Trácia. Tereus viveu na Dáulia, na região agora chamada Fócida, naquela época ocupada pelos trácios, e foi lá que as mulheres[22] perpetraram o crime contra Ítis. Efetivamente muitos poetas, quando se referem ao rouxinol, chamam-no de "pássaro da Dáulia". E era natural que Pandíon, pelo casamento de sua filha, fizesse uma aliança nas proximidades, capaz de proporcionar apoio recíproco, em vez de ir até os odrísios, separados por muitos dias de marcha. Teres, cujo nome não era o mesmo do outro, foi o primeiro rei a exercer o poder sobre os odrísios, e foi seu filho Sitalces que os atenienses desejaram ter como aliado, querendo a sua ajuda para dominar as regiões costeiras da Trácia e também Perdicas. Ninfódoros então chegou a Atenas, concluiu a aliança com Sitalces e conseguiu um decreto dando a Sádocos, filho de Sitalces, a cidadania ateniense; ele também prometeu pôr termo à guerra na Trácia, dizendo que persuadiria Sitalces a mandar aos atenienses tropas trácias de cavalerianos e peltastas. Além disso, conseguiu a reconciliação entre Perdicas e os atenienses e os convenceu a lhe devolverem Terme[23]. Perdicas juntou imediatamente as suas forças às dos atenienses sob o comando de Fórmion[24] e passou a combater os calcídios. Foi assim que Sitalces,

[21] 3 de agosto de 431 a.C.
[22] "As mulheres", ou seja Procne e Filomela, que mataram Ítis, filho de Procne.
[23] Veja-se o livro I, capítulo 61.
[24] Veja-se o livro I, capítulos 64 e 65.

filho de Teres e rei dos trácios, se tornou aliado dos atenienses, da mesma forma que Perdicas, filho de Alexandre e rei da Macedônia.

30. Ao mesmo tempo os atenienses com as cem naus, ainda em operações na costa do Peloponeso, tomaram Sôlion (povoado pertencente aos coríntios) e entregaram o território e o povoado aos habitantes de Palés, na Acarnânia, para seu proveito exclusivo. Ocuparam também Ástacos, onde Êuarcos reinava como tirano, depuseram-no e incorporaram a região à sua confederação. Navegaram em seguida para a ilha de Cefalênia e conseguiram trazê-la para o seu lado sem combate. Cefalênia fica defronte da Acarnânia e de Lêucade e é uma união de quatro comunidades: os paleanos, os crânios, os sameus e os prônios. Pouco depois as naus partiram de volta a Atenas.

31. Nas proximidades do outono daquele ano os atenienses em massa, recrutados entre os cidadãos e os residentes estrangeiros, invadiram o território de Mégara sob o comando de Péricles filho de Xântipos; os atenienses da frota de cem naus em operação de ronda do Peloponeso, que estavam em Egina em sua viagem de volta, quando ouviram que toda a força militar da cidade estava em Mégara, navegaram para lá e se juntaram a ela. Tratava-se do maior exército de Atenas jamais reunido em um corpo, pois a cidade estava no auge de sua força e ainda não havia sido atingida pela peste; os próprios atenienses participavam com não menos de dez mil hoplitas, sem contar com os três mil em Potidéia[25]; havia ainda não menos de três mil hoplitas metecos e, além disso, tropas ligeiras em número nada pequeno. Depois de haverem devastado a maior parte do território megárico eles se retiraram. Mais tarde, ao longo da guerra, os atenienses voltaram a invadir Mégara a cada ano, não só com a cavalaria mas com todo o exército, até que Niséia foi capturada por eles[26].

32. Perto do fim daquele verão os atenienses fortificaram Atalante e lá deixaram uma guarnição (Atalante é uma ilha defronte da Lócrida Opúntia, até então desabitada). Seu objetivo era impedir os piratas de navegar de Opuntos e outros pontos da Lócrida para saquear a Eubéia.

Estes foram os acontecimentos ocorridos durante o verão, após a retirada dos peloponésios da Ática.

[25] Veja-se o livro I, capítulo 61.
[26] Veja-se o livro IV, capítulos 66 a 69.

33. No inverno seguinte o acarnânio Êuarcos, desejando regressar a Ástacos, persuadiu os coríntios a navegarem com quarenta naus e mil e quinhentos hoplitas para repô-lo no poder, e com este propósito ele mesmo contratou alguns mercenários. Os comandantes da expedição eram Eufâmidas filho de Aristônicos, Timóxenos filho de Timócrates e Êumacos filho de Crísis. A expedição foi realizada e ele foi reconduzido ao poder. Desejando, porém, conquistar outros lugares na costa da Acarnânia, fizeram uma tentativa, mas fracassaram e conseqüentemente voltaram para suas cidades. Enquanto navegavam ao longo da costa pararam em Cefalênia, onde fizeram uma incursão no território dos crânios; lá, enganados pelos habitantes mediante um acordo simulado, perderam alguns homens em um ataque inesperado dos crânios, e depois de reembarcar com muita dificuldade conseguiram regressar às suas cidades.

34. No curso do mesmo inverno os atenienses, seguindo um costume de seus antepassados, celebraram a expensas do tesouro os ritos fúnebres dos primeiros concidadãos vítimas desta guerra. A cerimônia consiste no seguinte: os ossos dos defuntos são expostos num catafalco durante três dias, sob um toldo próprio para isto, e os habitantes trazem para os seus mortos as oferendas desejadas; no dia do funeral ataúdes de cipreste são trazidos em carretas, um para cada tribo, e os ossos de cada um são postos no ataúde de sua tribo; um ataúde vazio, coberto por um pálio, também é levado em procissão, reservado aos desaparecidos cujos cadáveres não foram encontrados para o sepultamento. Todos os que desejam, cidadãos ou estrangeiros, podem participar da procissão fúnebre, e as mulheres das famílias dos defuntos também comparecem e fazem lamentações; os ataúdes são postos no mausoléu oficial, situado no subúrbio mais belo da cidade[27]; lá são sempre sepultados os mortos em guerra, à exceção dos que tombaram em Maratona que, por seus méritos excepcionais, foram enterrados no próprio local da batalha. Após o enterro dos restos mortais, um cidadão escolhido pela cidade, considerado o mais qualificado em termos de inteligência e tido na mais alta estima pública, pronuncia um elogio adequado em honra dos defuntos. Depois disso o povo se retira. São assim os funerais e durante toda a guerra, sempre que havia oportunidade, esse costume era observado. No caso presente das primeiras vítimas da guerra, Péricles filho de Xântipos foi escolhido para falar. No momento oportuno ele avançou

[27] O Cerâmico exterior, ou fora-das-muralhas, logo depois das Duas Portas (*Dípylon*). Essa estrada era para Atenas o que a Via Ápia era para Roma.

para o local do mausoléu, subiu à plataforma, bastante alta para que a sua voz fosse ouvida tão longe quanto possível pela multidão, e disse o seguinte:

35. "Muitos dos que me precederam neste lugar fizeram elogios ao legislador que acrescentou um discurso à cerimônia usual nestas circunstâncias, considerando justo celebrar também com palavras os mortos na guerra em seus funerais. A mim, todavia, ter-me-ia parecido suficiente, tratando-se de homens que se mostraram valorosos em atos, manifestar apenas com atos as honras que lhes prestamos – honras como as que hoje presenciastes nesta cerimônia fúnebre oficial – em vez de deixar o reconhecimento do valor de tantos homens na dependência do maior ou menor talento oratório de um só homem. É realmente difícil falar com propriedade numa ocasião em que não é possível aquilatar a credibilidade das palavras do orador. O ouvinte bem informado e disposto favoravelmente pensará talvez que não foi feita a devida justiça em face de seus próprios desejos e de seu conhecimento dos fatos, enquanto outro menos informado, ouvindo falar de um feito além de sua própria capacidade, será levado pela inveja a pensar em algum exagero. De fato, elogios a outras pessoas são toleráveis somente até onde cada um se julga capaz de realizar qualquer dos atos cuja menção está ouvindo; quando vão além disto, provocam a inveja, e com ela a incredulidade. Seja como for, já que nossos antepassados julgaram boa esta prática também devo obedecer à lei, e farei o possível para corresponder à expectativa e às opiniões de cada um de vós.

36. "Falarei primeiro de nossos antepassados, pois é justo e ao mesmo tempo conveniente, numa ocasião como esta, dar-lhes este lugar de honra rememorando os seus feitos. Na verdade, perpetuando-se em nossa terra através de gerações sucessivas, eles, por seus méritos, no-la transmitiram livre até hoje. Se eles são dignos de elogios, nossos pais o são ainda mais, pois aumentando a herança recebida, constituíram o império que agora possuímos e a duras penas nos deixaram este legado, a nós que estamos aqui e o temos. Nós mesmos aqui presentes, muitos ainda na plenitude de nossas forças, contribuímos para fortalecer o império sob vários aspectos, e demos à nossa cidade todos os recursos, tornando-a auto-suficiente na paz e na guerra. Quanto a isto, quer se trate de feitos militares que nos proporcionaram esta série de conquistas, ou das ocasiões em que nós ou nossos pais nos empenhamos em repelir as investidas guerreiras tanto bárbaras quanto helênicas, pretendo silenciar, para não me tornar repetitivo aqui diante de

pessoas às quais nada teria a ensinar. Mencionarei inicialmente os princípios de conduta, o regime de governo e os traços de caráter graças aos quais conseguimos chegar à nossa posição atual, e depois farei o elogio destes homens, pois penso que no momento presente esta exposição não será imprópria e que todos vós aqui reunidos, cidadãos e estrangeiros, podereis ouvi-la com proveito.

37. "Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos[28]; ao contrário, servimos de modelo a alguns[29] ao invés de imitar outros. Seu nome, como tudo depende não de poucos mas da maioria, é democracia. Nela, enquanto no tocante às leis todos são iguais para a solução de suas divergências privadas, quando se trata de escolher (se é preciso distinguir em qualquer setor), não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito, que dá acesso aos postos mais honrosos; inversamente, a pobreza não é razão para que alguém, sendo capaz de prestar serviços à cidade, seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição. Conduzimo-nos liberalmente em nossa vida pública, e não observamos com uma curiosidade suspicaz a vida privada de nossos concidadãos, pois não nos ressentimos com nosso vizinho se ele age como lhe apraz, nem o olhamos com ares de reprovação que, embora inócuos, lhe causariam desgosto. Ao mesmo tempo que evitamos ofender os outros em nosso convívio privado, em nossa vida pública nos afastamos da ilegalidade principalmente por causa de um temor reverente, pois somos submissos às autoridades e às leis, especialmente àquelas promulgadas para socorrer os oprimidos e às que, embora não escritas, trazem aos transgressores uma desonra visível a todos.

38. "Instituímos muitos entretenimentos para o alívio da mente fatigada; temos concursos, temos festas religiosas regulares ao longo de todo o ano, e nossas casas são arranjadas com bom gosto e elegância, e o deleite que isto nos traz todos os dias afasta de nós a tristeza. Nossa cidade é tão importante que os produtos de todas as terras fluem para nós, e ainda temos a sorte de colher os bons frutos de nossa própria terra com certeza de prazer não menor que o sentido em relação aos produtos de outras.

---

[28] Alusão aos espartanos, cujas instituições teriam sido copiadas de Creta; veja-se Aristóteles, *Política*, 1271 b 23.

[29] Possível alusão à embaixada vinda de Roma em 454 a.C. para examinar a constituição de Sólon; veja-se Tito Lívio, III, 31.

39. "Somos também superiores aos nossos adversários em nosso sistema de preparação para a guerra nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, mantemos nossa cidade aberta a todo o mundo e nunca, por atos discriminatórios, impedimos alguém de conhecer e ver qualquer coisa que, não estando oculta, possa ser vista por um inimigo e ser-lhe útil. Nossa confiança se baseia menos em preparativos e estratagemas que em nossa bravura no momento de agir. Na educação, ao contrário de outros que impõem desde a adolescência exercícios penosos para estimular a coragem, nós, com nossa maneira liberal de viver, enfrentamos pelo menos tão bem quanto eles perigos comparáveis. Eis a prova disto: os lacedemônios não vêm sós quando invadem nosso território, mas trazem com eles todos os seus aliados, enquanto nós, quando atacamos o território de nossos vizinhos, não temos maiores dificuldades, embora combatendo em terra estrangeira, em levar freqüentemente a melhor. Jamais nossas forças se engajaram todas juntas contra um inimigo, pois aos cuidados com a frota se soma em terra o envio de contingentes nossos contra numerosos objetivos; se os lacedemônios por acaso travam combate com uma parte de nossas tropas e derrotam uns poucos soldados nossos, vangloriam-se de haver repelido todas as nossas forças; se, todavia, a vitória é nossa, queixam-se de ter sido vencidos por todos nós. Se, portanto, levando nossa vida amena ao invés de recorrer a exercícios extenuantes, e confiantes em uma coragem que resulta mais de nossa maneira de viver que da compulsão das leis, estamos sempre dispostos a enfrentar perigos, a vantagem é toda nossa, porque não nos perturbamos antecipando desgraças ainda não existentes e, chegado o momento da provação, demonstramos tanta bravura quanto aqueles que estão sempre sofrendo; nossa cidade, portanto, é digna de admiração sob esses aspectos e muitos outros.

40. "Somos amantes da beleza sem extravagâncias e amantes da filosofia sem indolência. Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la. Ver-se-á em uma mesma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esfor-

çamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação. Consideramo-nos ainda superiores aos outros homens em outro ponto: somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr, para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação. Deveriam ser justamente considerados mais corajosos aqueles que, percebendo claramente tanto os sofrimentos quanto as satisfações inerentes a uma ação, nem por isso recuam diante do perigo. Mais ainda: em nobreza de espírito contrastamos com a maioria, pois não é por receber favores, mas por fazê-los, que adquirimos amigos. De fato, aquele que faz o favor é um amigo mais seguro, por estar disposto, através de constante benevolência para com o beneficiado, a manter vivo nele o sentimento de gratidão. Em contraste, aquele que deve é mais negligente em sua amizade, sabendo que a sua generosidade, em vez de lhe trazer reconhecimento, apenas quitará uma dívida. Enfim, somente nós ajudamos os outros sem temer as conseqüências, não por mero cálculo de vantagens que obteríamos, mas pela confiança inerente à liberdade.

41. "Em suma, digo que nossa cidade, em seu conjunto, é a escola de toda a Hélade e que, segundo me parece, cada homem entre nós poderia, por sua personalidade própria, mostrar-se auto-suficiente nas mais variadas formas de atividade, com a maior elegância e naturalidade. E isto não é mero ufanismo inspirado pela ocasião, mas a verdade real, atestada pela força mesma de nossa cidade, adquirida em conseqüência dessas qualidades. Com efeito, só Atenas entre as cidades contemporâneas se mostra superior à sua reputação quando posta à prova, e só ela jamais suscitou irritação nos inimigos que a atacaram, ao verem o autor de sua desgraça, ou o protesto de seus súditos porque um chefe indigno os comanda. Já demos muitas provas de nosso poder, e certamente não faltam testemunhos disto; seremos portanto admirados não somente pelos homens de hoje mas também do futuro. Não necessitamos de um Homero para cantar nossas glórias, nem de qualquer outro poeta cujos versos poderão talvez deleitar no momento, mais que verão a sua versão dos fatos desacreditada pela realidade. Compelimos todo o mar e toda a terra a dar passagem à nossa audácia, e em toda parte plantamos monumentos imorredouros dos males e dos bens que fizemos[30]. Esta, então, é a cidade pela qual estes homens lutaram e mor-

[30] Subentenda-se: "dos males feitos aos inimigos e bens feitos aos amigos".

reram nobremente, considerando seu dever não permitir que ela lhes fosse tomada; é natural que todos os sobreviventes, portanto, aceitem de bom grado sofrer por ela.

42. "Falei detidamente sobre a cidade para mostrar-vos que estamos lutando por um prêmio maior que o daqueles cujo gozo de tais privilégios não é comparável ao nosso, e ao mesmo tempo para provar cabalmente que os homens em cuja honra estou falando agora merecem os nossos elogios. Quanto a eles, muita coisa já foi dita, pois quando louvei a cidade estava de fato elogiando os feitos heróicos com que estes homens e outros iguais a eles a glorificaram; e não há muitos helenos cuja fama esteja como a deles tão exatamente adequada a seus feitos. Parece-me ainda que uma morte como a destes homens é prova total de máscula coragem, seja como seu primeiro indício, seja como sua confirmação final. Mesmo para alguns menos louváveis por outros motivos, a bravura comprovada na luta por sua pátria deve com justiça sobrepor-se ao resto; eles compensaram o mal com o bem e saldaram as falhas na vida privada com a dedicação ao bem comum. Ainda a propósito deles, os ricos não deixaram que o desejo de continuar a gozar da riqueza os acovardasse, e os pobres não permitiram que a esperança de mais tarde se tornarem ricos os levasse a fugir ao dia fatal; punir o adversário foi aos seus olhos mais desejável que essas coisas, e ao mesmo tempo o perigo a correr lhes pareceu mais belo que tudo; enfrentando-o, quiseram infligir esse castigo e atingir esse ideal, deixando por conta da esperança as possibilidades ainda obscuras de sucesso, mas na ação, diante do que estava em jogo à sua frente, confiaram altivamente em si mesmos. Quando chegou a hora do combate, achando melhor defender-se e morrer que ceder e salvar-se, fugiram da desonra, jogaram na ação as suas vidas e, no brevíssimo instante marcado pelo destino, morreram num momento de glória e não de medo.

43. "Assim estes homens se comportaram de maneira condizente com nossa cidade; quanto aos sobreviventes, embora desejando melhor sorte deverão decidir-se a enfrentar o inimigo com bravura não menor. Cumpre-nos apreciar a vantagem de tal estado de espírito não apenas com palavras, pois a fala poderia alongar-se demais para dizer-vos que há razões para enfrentar o inimigo; em vez disso, contemplai diariamente a grandeza de Atenas, apaixonai-vos por ela e, quando a sua glória vos houver inspirado, refleti em que tudo isto foi conquistado por homens de coragem cônscios

de seu dever, impelidos na hora do combate por um forte sentimento de honra; tais homens, mesmo se alguma vez falharam em seus cometimentos, decidiram que pelo menos à pátria não faltaria o seu valor, e que lhe fariam livremente a mais nobre contribuição possível[31]. De fato, deram-lhe suas vidas para o bem comum e, assim fazendo, ganharam o louvor imperecível e o túmulo mais insigne, não aquele em que estão sepultados, mas aquele no qual a sua glória sobrevive relembrada para sempre, celebrada em toda ocasião propícia à manifestação das palavras e dos atos[32]. Com efeito, a terra inteira é o túmulo dos homens valorosos, e não é somente o epitáfio nos mausoléus erigidos em suas cidades que lhes presta homenagem, mas há igualmente em terras além das suas, em cada pessoa, uma reminiscência não escrita, gravada no pensamento e não em coisas materiais. Fazei agora destes homens, portanto, o vosso exemplo, e tendo em vista que a felicidade é liberdade e a liberdade é coragem, não vos preocupeis exageradamente com os perigos da guerra. Não são aqueles que estão em situação difícil que têm o melhor pretexto para descuidar-se da preservação da vida, pois eles não têm esperança de melhores dias, mas sim os que correm o risco, se continuarem a viver, de uma reviravolta da fortuna para pior, e aqueles para os quais faz mais diferença a ocorrência de uma desgraça; para o espírito dos homens, com efeito, a humilhação associada à covardia é mais amarga do que a morte quando chega despercebida em acirrada luta pelas esperanças de todos.

44. "Eis porque não lastimo os pais destes homens, muitos aqui presentes, mas prefiro confortá-los. Eles sabem que suas vidas transcorreram em meio a constantes vicissitudes, e que a boa sorte consiste em obter o que é mais nobre, seja quanto à morte – como estes homens – seja quanto à amargura – como vós, e em ter tido uma existência em que se foi feliz quando chegou o fim. Sei que é difícil convencer-vos desta verdade, quando lembrais a cada instante a vossa perda ao ver os outros gozando a ventura em que também já vos deleitastes; sei, também, que se sente tristeza não pela falta de coisas boas que nunca se teve, mas pelo que se perde depois de ter tido. Aqueles entre vós ainda em idade de procriar devem suavizar a tristeza

---

[31] "Contribuição" aqui traduz o *éranos* do original. Trata-se de uma "contribuição conjunta", feita para benefício geral (por exemplo, para um banquete entre membros de uma mesma tribo, para fins beneficentes, etc.). Demóstenes, *Contra Mídias*, 27, apresenta o Estado como uma espécie de sociedade beneficente em que cada cidadão deve uma contribuição (*éranos*).
[32] Subentenda-se: "palavras de louvor e atos de emulação".

com a esperança de ter outros filhos; assim, não somente para muitos de vós individualmente os filhos que nascerem serão um motivo de esquecimento dos que se foram, mas a cidade também colherá uma dupla vantagem: não ficará menos populosa e continuará segura; não é possível, com efeito, participar das deliberações na assembléia em pé de igualdade e ponderadamente quando não se arriscam filhos nas decisões a tomar. Quanto a vós, que já estais muito idosos para isso, contai como um ganho a maior porção de vossa vida durante a qual fostes felizes, lembrai-vos de que o porvir será curto, e sobretudo consolai-vos com a glória destes vossos filhos. Só o amor da glória não envelhece, e na idade avançada o principal não é o ganho, como alguns dizem, mas ser honrado.

45. "Para vós aqui presentes que sois filhos e irmãos destes homens, antevejo a amplitude de vosso conflito íntimo; quem já não existe recebe elogios de todos; quanto a vós, seria muito bom se um mérito excepcional fizesse com que fosseis julgados não iguais a eles, mas pouco inferiores. De fato, há inveja entre os vivos por causa da rivalidade; os que já não estão em nosso caminho, todavia, recebem homenagens unânimes.

"Se tenho de falar também das virtudes femininas, dirigindo-me às mulheres agora viúvas, resumirei tudo num breve conselho: será grande a vossa glória se vos mantiverdes fiéis à vossa própria natureza, e grande também será a glória daquelas de quem menos se falar, seja pelas virtudes, seja pelos defeitos.

46. "Aqui termino o meu discurso, no qual, de acordo com o costume, falei o que me pareceu adequado; quanto aos fatos, os homens que viemos sepultar já receberam as nossas homenagens e seus filhos serão, de agora em diante, educados a expensas da cidade até a adolescência; assim ofereceremos aos mortos e a seus descendentes uma valiosa coroa como prêmio por seus feitos, pois onde as recompensas pela virtude são maiores, ali se encontram melhores cidadãos. Agora, depois de cada um haver chorado devidamente os seus mortos, ide embora."[33]

47. Foram estas as cerimônias fúnebres realizadas durante aquele inverno, cujo fim completou o primeiro ano desta guerra. Nos primeiros dias do

[33] Esta oração fúnebre de Péricles é considerada um modelo no gênero desde a antigüidade. Entre outras peças representativas do gênero merece menção a do orador Lísias (n.° 2 da coleção de seus discursos, pronunciada em 386 a.C.).

verão os peloponésios e seus aliados, com dois terços de suas forças como antes, invadiram a Ática sob o comando de Arquídamos filho de Zeuxídamos, rei dos lacedemônios, e ocupando posições convenientes passaram a devastar a região. Poucos dias após a entrada deles na Ática manifestou-se a peste[34] pela primeira vez entre os atenienses. Dizem que ela apareceu anteriormente em vários lugares (em Lemnos e outras cidades), mas em parte alguma se tinha lembrança de nada comparável como calamidade ou em termos de destruição de vidas. Nem os médicos eram capazes de enfrentar a doença, já que de início tinham de tratá-la sem lhe conhecer a natureza e que a mortalidade entre eles era maior, por estarem mais expostos a ela, nem qualquer outro recurso humano era da menor valia. As preces feitas nos santuários, ou os apelos aos oráculos e atitudes semelhantes foram todas inúteis, e afinal a população desistiu delas, vencida pelo flagelo.

48. Dizem que a doença começou na Etiópia, além do Egito, e depois desceu para o Egito e para a Líbia, alastrando-se pelos outros territórios do Rei. Subitamente ela caiu sobre a cidade de Atenas, atacando primeiro os habitantes do Pireu, de tal forma que a população local chegou a acusar os peloponésios de haverem posto veneno em suas cisternas (não havia ainda fontes públicas lá). Depois atingiu também a cidade alta e a partir daí a mortandade se tornou muito maior. Médicos e leigos, cada um de acordo com sua opinião pessoal, todos falavam sobre sua origem provável e apontavam causas que, segundo pensavam, teriam podido produzir um desvio tão grande nas condições normais de vida; descreverei a maneira de ocorrência da doença, detalhando-lhe os sintomas, de tal modo que, estudando-os, alguém mais habilitado por seu conhecimento prévio não deixe de reconhecê-la se algum dia ela voltar a manifestar-se, pois eu mesmo contraí o mal e vi outros sofrendo dele.

49. Aquele ano, na opinião de todos, havia sido excepcionalmente saudável quanto a outras doenças, mas se alguém já sofria de qualquer outro mal, todos se transformavam nela. Em outros casos, sem causa aparente mas de súbito e enquanto gozavam de boa saúde, as pessoas eram atacadas primeiro por intenso calor na cabeça e vermelhidão e inflamação nos olhos, e as partes internas da boca (tanto a garganta quanto a língua) ficavam ime-

[34] A doença subjacente à peste de Atenas não foi identificada até hoje de maneira segura com qualquer das enfermidades conhecidas. Alguns estudiosos falam em febre tifóide eruptiva, outros em tifo, cujos sintomas se aproximam mais do descritos com tanta precisão por Tucídides.

diatamente da cor de sangue e passavam a exalar um hálito anormal e fétido. No estágio seguinte apareciam espirros e rouquidão, e pouco tempo depois o mal descia para o peito, seguindo-se tosse forte. Quando o mal se fixava no estômago, este ficava perturbado e ocorriam vômitos de bile de todos os tipos mencionados pelos médicos, seguidos também de terrível mal-estar, em muitos casos sobrevinham ânsias de vômito produzindo convulsões violentas, que às vezes cessavam rapidamente, às vezes muito tempo depois. Externamente o corpo não parecia muito quente ao toque; não ficava pálido, mas de um vermelho forte e lívido, e cheio de pequenas bolhas e úlceras; internamente, todavia, a temperatura era tão alta que os doentes não podiam suportar sobre o corpo sequer as roupas mais leves ou lençóis de linho, mas queriam ficar inteiramente descobertos e ansiavam por mergulhar em água fria – na realidade, muitos deles que estavam entregues a si mesmos se jogavam nas cisternas – de tão atormentados que estavam pela sede insaciável; e era igualmente inútil beber muita ou pouca água. Os doentes eram vítimas também de uma inquietação e insônia invencíveis. O corpo não definhava enquanto a doença não atingia o auge, e sendo assim, quando os doentes morriam, como aconteceu a tantos entre o sétimo e o nono dia de febre interna, ainda lhes restava algum vigor, ou, se sobreviviam à crise, a doença descia para os intestinos, produzindo ali uma violenta ulceração, ao mesmo tempo que começava uma diarréia aguda, que nesse estágio final levava a maioria dos doentes à morte por astenia. A doença, portanto, começando pela cabeça, onde primeiro se manifestava, descia até alastrar-se por todo o corpo; se alguém sobrevivia a esta fase, ela chegava às extremidades e deixava suas marcas nelas, pois atacava os órgãos sexuais, dedos e artelhos, e muitos escapavam perdendo-os, enquanto outros perdiam também os olhos. Em alguns casos o paciente era vítima de amnésia total imediatamente após o restabelecimento; não sabia quem era e não reconhecia sequer seus próximos.

50. O caráter da doença desafia qualquer descrição, sendo a violência do ataque, em geral, grande demais para ser suportada pela natureza humana; por um detalhe ela se mostrou diferente de todos os males comuns: as aves e os quadrúpedes que usualmente se alimentam de cadáveres humanos, ou não se aproximavam deles neste caso (apesar de muitos permanecerem insepultos), ou morriam se os comiam. Isto se evidencia ainda mais pelo fato de as aves desse gênero se haverem tornado raras e não mais serem vistas em volta dos cadáveres ou em parte alguma da região; quanto aos

cães, sua abstinência deu uma oportunidade ainda melhor de se observar a peculiaridade, pois eles vivem entre os homens.

51. Era este, então, o caráter geral da doença, pondo de lado muitos outros sintomas menos freqüentes, que afetavam cada pessoa de maneira diferente. Enquanto durou a peste, ninguém se queixava de outras doenças, pois se alguma se manifestava, logo evoluía para aquela. Às vezes a morte decorria de negligência, mas de um modo geral ela sobrevinha apesar de todos os cuidados. Não se encontrou remédio algum, pode-se dizer, que contribuísse para o alívio de quem o tomasse – o que beneficiava um doente prejudicava outro – e nenhuma compleição foi por si mesma capaz de resistir ao mal, fosse ela forte ou fraca; ele atingiu a todos sem distinção, mesmo àqueles cercados de todos os cuidados médicos. Mas o aspecto mais terrível da doença era a apatia das pessoas atingidas por ela, pois seu espírito se rendia imediatamente ao desespero e elas se consideravam perdidas, incapazes de reagir. Havia também o problema do contágio, que ocorria através dos cuidados de uns doentes para com os outros, e os matava como a um rebanho; esta foi a causa da maior mortandade, pois se de um lado os doentes se abstinham por medo de visitar-se uns aos outros, acabavam todos perecendo por falta de cuidados, de tal forma que muitas casas ficaram vazias por falta de alguém que cuidasse deles; ou se, de outro lado, eles se visitavam, também pereciam, sobretudo os altruístas, que por respeito humano entravam nas casas dos amigos sem preocupar-se com suas próprias vidas, numa ocasião em que mesmo os parentes dos moribundos, esmagados pela magnitude da calamidade, já não tinham forças sequer para chorar por eles. Eram os sobreviventes que com mais freqüência se apiedavam dos moribundos e doentes, pois conheciam a doença por experiência própria e a essa altura estavam confiantes na imunidade, pois o mal nunca atacava a mesma pessoa duas vezes, pelo menos com efeitos fatais. Eles não somente eram felicitados por todas as pessoas como, no entusiasmo de sua alegria naquelas circunstâncias, alimentavam a esperança frívola de que pelo resto de suas vidas não seriam atingidos por quaisquer outras doenças.

52. Em adição à calamidade que já os castigava, os atenienses ainda enfrentavam outra, devida à acomodação na cidade da gente vinda do campo; isto afetou especialmente os recém-vindos. Com efeito, não havendo casas disponíveis para todos e tendo eles, portanto, de viver em tendas que o verão tornava sufocantes, a peste os dizimava indiscriminadamente. Os

corpos dos moribundos se amontoavam e pessoas semimortas rolavam nas ruas e perto de todas as fontes em sua ânsia por água. Os templos nos quais se haviam alojado estavam repletos dos cadáveres daqueles que morriam dentro deles, pois a desgraça que os atingia era tão avassaladora que as pessoas, não sabendo o que as esperava, tornavam-se indiferentes a todas as leis, quer sagradas, quer profanas. Os costumes até então observados em relação aos funerais passaram a ser ignorados na confusão reinante, e cada um enterrava os seus mortos como podia. Muitos recorreram a modos escabrosos de sepultamento, porque já haviam morrido tantos membros de suas famílias que já não dispunham de material funerário adequado. Valendo-se das piras dos outros, algumas pessoas, antecipando-se às que as haviam preparado, jogavam nelas seus próprios mortos e lhes ateavam fogo; outros lançavam os cadáveres que carregavam em alguma já acesa e iam embora.

53. De um modo geral a peste introduziu na cidade pela primeira vez a anarquia total. Ousava-se com a maior naturalidade e abertamente aquilo que antes só se fazia ocultamente, vendo-se quão rapidamente mudava a sorte, tanto a dos homens ricos subitamente mortos quanto a daqueles que antes nada tinham e num momento se tornavam donos dos bens alheios. Todos resolveram gozar o mais depressa possível todos os prazeres que a existência ainda pudesse proporcionar, e assim satisfaziam os seus caprichos, vendo que suas vidas e riquezas eram efêmeras. Ninguém queria lutar pelo que antes considerava honroso, pois todos duvidavam de que viveriam o bastante para obtê-lo; o prazer do momento, como tudo que levasse a ele, tornou-se digno e conveniente; o temor dos deuses e as leis dos homens já não detinham ninguém, pois vendo que todos estavam morrendo da mesma forma, as pessoas passaram a pensar que impiedade e piedade eram a mesma coisa; além disto, ninguém esperava estar vivo para ser chamado a prestar contas e responder por seus atos; ao contrário, todos acreditavam que o castigo já decretado contra cada um deles e pendente sobre suas cabeças, era pesado demais, e que seria justo, portanto, gozar os prazeres da vida antes de sua consumação.

54. Eis a desgraça que havia atingido tão dolorosamente os atenienses: seu povo morrendo dentro da cidade e suas terras sendo devastadas lá fora. Em seu desespero, lembravam-se, como era natural, do seguinte verso oracular que, segundo os mais velhos entre eles, fora proferido havia muito tempo:

"Virá um dia a guerra dória, e com ela a peste".

Houve na época muita discussão entre o povo, pois uma parte da população pretendia que no verso em vez de *peste* se deveria entender fome, e naquela ocasião prevaleceu o ponto de vista de que a palavra era peste[35]; isto era muito natural, pois as lembranças dos homens se adaptam às suas vicissitudes. Se houver outra guerra dória depois desta e com ela vier a fome, imagino que entenderão o verso à luz das novas circunstâncias. As pessoas familiares com o assunto também se lembram de outro oráculo transmitido aos lacedemônios quando, em resposta à pergunta sobre se deveriam ou não ir à guerra, o deus respondeu que "se guerreassem com todo o seu poder, a vitória seria dele", acrescentando que ele mesmo os ajudaria[36]. Viam nos acontecimentos a confirmação do oráculo, pois a peste começou imediatamente após a invasão da Ática pelos peloponésios e, não tendo atingido o Peloponeso de maneira digna de menção, castigou principalmente Atenas, passando depois para outros lugares densamente povoados. Estes foram os acontecimentos relacionados com a peste.

55. Após devastarem a planície[37] os peloponésios avançaram pela região chamada Páralos até Láurion, onde ficam as minas de prata dos atenienses. Devastaram primeiro a região defronte do Peloponeso e depois a parte defronte da Eubéia e de Andros. Péricles, sendo o comandante, ainda mantinha a mesma política da época da primeira invasão, insistindo em que os atenienses não deveriam sair para dar combate ao inimigo.

56. Antes, porém, de os lacedemônios terem deixado a planície e entrado em Páralos, Péricles havia começado a equipar uma frota de cem naus para navegar contra o Peloponeso, e quando tudo estava pronto ele partiu. Levou consigo nas naus quatro mil hoplitas atenienses, em embarcações para o transporte de cavalos, e trezentos cavalerianos (estes empregados pela primeira vez); as embarcações de transporte eram velhas naus adaptadas. Os quianos e lésbios também participavam da expedição com cinqüenta naus. Quando a frota dos atenienses iniciou a viagem, os peloponésios que haviam ficado na Ática já estavam na região parália. Ao chegar a Epídauros, no Peloponeso, os atenienses devastaram a maior parte das terras; atacaram

[35] A dúvida girava em torno da semelhança das palavras gregas *loimôs* (peste) e *limôs* (fome), que em certos dialetos da época, tal como no grego moderno, tinham a mesma pronúncia.
[36] Veja-se o livro I, capítulo 118.
[37] Retomando a narrativa do início do capítulo 47 deste livro.

também a cidade mas, embora de início esperassem poder tomá-la, não foram bem-sucedidos. Saindo de Epídauros eles voltaram a navegar e devastaram o território de Trezena, Halieis e Hermione, cidades situadas na costa peloponésia. Deixando em seguida aquela região, dirigiram-se para Prasiás, povoado na costa da Lacônia, onde não somente devastaram parte do território, mas também capturaram o próprio povoado e o saquearam. Após completarem essas operações, voltaram para a sua terra, onde ficaram sabendo que os peloponésios já não estavam na Ática, da qual se haviam retirado.

57. Durante todo esse período em que os peloponésios estiveram na Ática e os atenienses realizaram a expedição marítima, a peste continuou a dizimar os atenienses na frota e na cidade. Por isso houve quem afirmasse que os peloponésios deixaram a Ática precipitadamente, por estarem apavorados com a doença, pois eles não somente ouviram de desertores que ela grassava na cidade, mas também puderam ver os atenienses queimando os seus mortos. Nessa invasão, todavia, eles permaneceram na Ática por um período mais longo que em qualquer outra ocasião, e devastaram a terra toda; na realidade, ficaram na Ática durante quase quarenta dias.

58. No mesmo verão Hágnon filho de Nícias, e Cleopompos filho de Clínias, ambos colegas de Péricles, valendo-se das forças que este havia comandado, puseram-se imediatamente ao mar numa expedição contra os calcídios na Trácia e contra Potidéia, ainda sitiada; ao chegar lá desembarcaram engenhos de guerra para usar contra a cidade, numa tentativa para tomá-la de qualquer maneira. Não conseguiram, porém, qualquer resultado proporcional aos meios empregados, quer na tentativa para capturar a cidade, quer sob outros aspectos, pois a peste sobreveio entre as tropas e os levou a um desalento completo, dizimando de tal forma os atenienses que até os soldados da primeira expedição[38], até então no gozo de boa saúde, contraíram a doença contagiados pelos comandados de Hágnon. Fórmion e seus seiscentos homens a esta altura não estavam mais em Calcídice; diante disto Hágnon levou a frota de volta a Atenas, após perder em conseqüência da peste, durante cerca de quarenta dias, mil e cinqüenta do total de quatro mil hoplitas que levara; os soldados da expedição anterior ficaram onde estavam e continuaram o cerco de Potidéia.

[38] Vejam-se o capítulo 61 do livro I e o capítulo 31 deste livro.

59. Após a segunda invasão dos peloponésios os atenienses, cujo território havia sido devastado pela segunda vez e eram vítimas ao mesmo tempo da peste e da guerra, mudaram de sentimentos. Censuravam Péricles por havê-los persuadido a entrar na guerra e o responsabilizavam por todos os seus infortúnios, mostrando-se ansiosos por conseguir um acordo com os lacedemônios. Na realidade, chegaram a enviar-lhes emissários, mas nada obtiveram. Sentido-se no limite de seu desespero, intensificavam suas acusações contra Péricles. Este, ao vê-los assim exasperados diante daquela situação e agindo exatamente como ele esperava, convocou uma reunião da assembléia – pois ainda era comandante, desejando reanimá-los e, afastando de seu espírito aquele ressentimento, levá-los a uma atitude mais conciliadora e confiante. Subindo à tribuna ele disse o seguinte:

60. "Vossa irritação contra mim não me surpreende, pois conheço as suas causas. Ao convocar esta assembléia, meu propósito foi fazer-vos relembrar certos fatos e advertir-vos quanto à vossa atitude injustificada, seja demonstrando o vosso rancor contra mim, seja deixando-vos abater por vossas desventuras. Na minha opinião uma cidade proporciona maiores benefícios aos seus habitantes quando é bem-sucedida como um todo que quando eles prosperam individualmente, mas fracassam como uma comunidade. De fato, mesmo quando um homem é feliz em seus negócios privados, se a sua cidade se arruína ele perece com ela; se, todavia, ele se encontra em má situação, mas sua cidade está próspera, é mais provável que ele se saia bem. Portanto, se a cidade pode suportar o infortúnio de seus habitantes na vida privada, mas o indivíduo não pode resistir aos dela, todos certamente devem defendê-la, em vez de agir como fazeis agora propondo o sacrifício da segurança da comunidade por estar desesperados com as dificuldades que enfrentais internamente e adotando uma atitude crítica tanto em relação a mim, por vos haver aconselhado a entrar na guerra, quanto a vós mesmos, que votastes comigo a favor dela. Eu, o alvo de vossa ira, sou tão competente quanto qualquer homem, na minha opinião, para atinar com as medidas adequadas e expô-las, e também sou patriota e imune à influência do dinheiro. Aquele que elabora uma política e é incapaz de expô-la claramente aos outros está em pé de igualdade com quem jamais pôde concebê-la; e quem pode fazer ambas as coisas mas é desleal à sua cidade, não está em condições de falar com a mesma dedicação altruísta; finalmente, quem além disso mostra lealdade, mas uma lealdade que não pode resistir ao dinheiro, para este tudo estará à venda. Se, quando me

permitistes persuadir-vos a entrar na guerra, admitistes que, mesmo em grau moderado, eu possuía essas boas qualidades mais que os outros, não é razoável que agora me acuseis de ser o culpado.

61. "De fato, entrar em guerra é uma consumada loucura quando se pode escolher e tudo vai bem; se, todavia, é inevitável a escolha entre ceder e ser dominado, ou arriscar-se para obter maiores vantagens, então merece censura quem se esquiva ao risco, e não quem o aceita. Quanto a mim, estou onde sempre estive, e não recuo de minha posição; mas vós mudastes, pois agora que estais sofrendo vos arrependeis do consentimento que me destes quando ainda não havíeis sido atingidos pelos infortúnios, e na vossa insegurança de propósitos o meu conselho de então agora vos parece errado. A razão disto é que cada um de vós já sofreu duras provações, ao passo que a evidência das vantagens ainda não pode ser percebida por todos, e agora que uma grande desgraça se abate bruscamente sobre vós, não tendes grandeza de espírito bastante para perseverar em vossas decisões anteriores. Na verdade, a altivez se dobra diante do súbito e insólito, e do que acontece contrariamente a todos os cálculos; tivestes exatamente essa experiência, não somente em outros assuntos mas especialmente em relação à peste. Apesar de tudo, vós, que habitais uma grande cidade e fostes criados sob costumes compatíveis com sua grandeza, deveis suportar até as maiores calamidades em vez de desmerecer a vossa fama. Todos se sentem com o direito de detestar o homem que, por presunção, tenta conseguir uma reputação imerecida, da mesma forma que se julgam competentes para censurar aquele que, por lassidão, não se porta à altura da fama conquistada. É vosso dever, portanto, sobrepor-vos aos vossos sofrimentos individuais e devotar-vos à salvação coletiva.

62. "Em relação às agruras inerentes a esta guerra e vossos receios de que elas venham a ser grandes demais e afinal nós não resistamos, bastem os argumentos já apresentados por mim em muitas oportunidades para convencer-vos de que vossos receios são infundados. Há um ponto, porém, que proponho levantar diante de vós; penso que não refletistes ainda sobre ele, a respeito da vantagem que vos dá quanto ao vosso império e sua grandeza; até hoje não me referi a ele em meus discursos, e não o faria agora, dado o caráter enfático das pretensões a mencionar, se não percebesse que vos sentis irracionalmente desalentados. Tendes a impressão de que nosso império se estende apenas sobre nossos aliados, mas vos demonstrarei que dos dois

elementos do mundo abertos ao uso dos homens – a terra e o mar – tendes o comando sobre a totalidade de um, não somente até o ponto em que o exerceis agora, mas também sobre muito mais, se quiserdes; nada existe, seja o Rei, seja qualquer nação da terra, capaz de bloquear o vosso caminho quando singrais os mares com vossa frota. Este poder, portanto, não deve ser evidentemente comparado com o simples uso de vossas casas e campos, coisas que estimais altamente porque fostes despojados delas; nem é razoável que vos amargureis por elas, pois deveis olhá-las, em contraste com este poder, como um mero jardim de recreio ou ornamento de uma rica propriedade, e reconhecer que a liberdade, se nos apegarmos a ela e a preservarmos, restaurará facilmente essas perdas; o homem, ao contrário, uma vez submetido a outros, verá diminuída a sua liberdade e tudo que ela proporciona. Não vos mostreis, então, duplamente inferiores a vossos pais, que por seus esforços, e não por herança, não somente adquiriram, mas também preservaram este império que vos legaram; deixar que nos tomem o que temos é desgraça maior que fracassar numa tentativa de conquista. Deveis enfrentar vossos inimigos ao mesmo tempo confiantes em vós mesmos e com desprezo por eles, pois até um covarde, se sua irresponsabilidade é acompanhada pela boa sorte, pode vangloriar-se; o desprezo, todavia, condiz apenas com o homem convencido por sua razão de que é superior aos seus adversários, como em nosso caso. Onde a sorte é imparcial, o resultado deste sentimento de desprezo é tornar a coragem mais efetiva através da inteligência, que não confia tanto na esperança, mais forte na perplexidade, quanto na razão fundada nos fatos, que dá um discernimento mais claro do futuro.

63. "Pode-se esperar naturalmente de vós, além disto, que sustenteis a dignidade a que se elevou a cidade graças ao império, da qual todos vós vos orgulhais, e que não vos esquiveis aos seus encargos, a não ser que renuncieis também às suas honras. Não vos é licito, tampouco, pensar que estais simplesmente diante da escolha entre escravidão e liberdade; também está em jogo a perda do império, com os perigos do ódio inerente ao mando; é muito tarde para abrirdes mão deste império, se qualquer de vós na presente crise pretende, por medo ou omissão, praticar este ato de altruísmo[39]; na realidade, este império é como a tirania, cuja imposição é injusta, mas cujo abandono é perigoso. Tais homens arruinariam rapidamente uma cidade,

[39] Em sentido irônico.

aqui, se obtivessem o apoio de outros ao seu ponto de vista, ou em outras terras se estabelecessem um governo independente para si mesmos; com efeito, os homens acomodados não estão seguros a não ser que tenham ao seu lado homens de ação. Não condiz com uma cidade imperial, mas somente com uma cidade submissa, buscar a segurança na escravidão.

64. "Não vos deixeis desencaminhar por cidadãos desse tipo, nem vos obstineis em vosso rancor para comigo – pois votastes pela guerra como eu votei apenas porque o inimigo veio e fez exatamente o que se podia esperar com certeza dele a partir do momento em que vos recusastes a dar ouvidos às suas exigências, e porque, fora de toda a previsibilidade, a peste caiu sobre nós – único acontecimento que transcendeu a nossa expectativa. Sei que vosso descontentamento em relação a mim foi agravado pela peste, mas isto não é justo, salvo se quiserdes atribuir-me os méritos sempre que qualquer ventura imprevista vos beneficiar. Temos de suportar com resignação as aflições mandadas pela divindade e inevitáveis, e com coragem as vindas do inimigo, pois esta foi sempre a conduta da cidade no passado e não deveis agora ser um óbice à sua continuidade. Cumpre-vos compreender que Atenas goza de extraordinária fama entre todos os homens porque jamais se deixou vencer pelos infortúnios, e despendeu em guerras mais vidas e fadigas que qualquer outra cidade, e possui hoje a maior força jamais vista. A lembrança desta grandeza, apesar de agora mostrarmos alguma fraqueza (tudo está naturalmente sujeito a declínio), sobreviverá para sempre. Ela dirá que nós, entre todos os helenos, imperamos sobre o maior número de helenos; que enfrentamos nas guerras mais importantes adversários os mais numerosos, unidos ou separados, e habitamos a cidade mais rica em tudo e maior de todas. Os acomodados podem menosprezar essas realidades, mas os homens de ação, como nós, sabem apreciá-las, e quem não as tem há de invejá-las. Ser odiado e detestado em certos momentos foi sempre o quinhão dos que decidiram dominar; quem aceita esse ônus, visando aos mais altos fins, opta acertadamente, pois o ódio não dura muito, mas o esplendor do momento e a glória póstera ficam como lembrança eterna. Decidindo-vos previdentemente por um futuro honroso e por um presente sem desonra, assegurai-vos de ambos por um esforço imediato; não deveis mandar emissários aos lacedemônios nem deixá-los perceber que estais abatidos por vossas aflições presentes, pois aqueles que se mostram menos desalentados de espírito diante das calamidades e resistem melhor na ação, certamente são os mais fortes, quer se trate de pessoas, quer de cidades."

65. Dizendo estas palavras Péricles procurou afastar os atenienses do ressentimento e distrair-lhes os espíritos de seus males do momento. Quanto aos problemas de ordem pública, conseguiu convencê-los com seus argumentos, pois não mandaram outros emissários aos lacedemônios e se mostraram mais resolutos em relação à guerra. Continuaram, porém, aflitos com suas próprias desventuras; o povo, que no começo da guerra tinha pouco, até isso perdeu, enquanto os ricos se viram destituídos de suas belas propriedades no campo (não somente casas mas também objetos custosos) e, o pior de tudo, tinham guerra em vez de paz. Por isso, aquele e estes somente se sentiram aliviados de sua cólera contra Péricles quando lhe foi imposta uma multa[40]. Não muito tempo depois, numa reviravolta muito ao gosto das multidões, os atenienses o reelegeram comandante e lhe confiaram a condução de todos os assuntos da cidade; de fato, a essa altura eles estavam tornando-se menos sensíveis aos seus infortúnios privados e já o consideravam o homem mais capaz em face das necessidades da cidade como um todo. Com efeito, enquanto Péricles esteve à testa da cidade em tempo de paz, seguiu uma política moderada e a manteve segura, e foi sob seu governo que Atenas atingiu o auge de sua grandeza; depois, quando começou a guerra, parece que ele estimou realisticamente a magnitude da força da cidade[41].

66. Péricles sobreviveu dois anos e seis meses ao início da guerra; depois de sua morte foi ainda mais admirado pelo valor de suas previsões quanto à mesma. De fato, ele havia aconselhado os atenienses a manterem uma política defensiva, a cuidarem de sua frota e a não tentarem aumentar o seu império durante a guerra. Eles, porém, agiram contrariamente a tudo isto e, mais ainda, em assuntos aparentemente alheios à guerra foram levados por ambições pessoais e cobiça a adotar políticas nocivas a si mesmos e aos seus aliados; enquanto produziram bons resultados, tais políticas trouxeram honras e proveito somente a cidadãos isolados, mas quando começaram a fracassar foram altamente prejudiciais a toda a cidade na condução

[40] Segundo Diódoro Sículo (livro II, capítulo 45), a multa teria sido de oitenta talentos (cerca de US$ 80.000), mas de acordo com Plutarco, *Péricles*, capítulo XXXV, as estimativas variavam entre quinze e cinqüenta (entre US$ 15.000 e 50.000 aproximadamente). Platão *(Górgias,* 576 a), diz que a acusação foi de desvio de fundos públicos.

[41] Péricles foi o estadista mais admirado de seu tempo, e Tucídides é a melhor fonte contemporânea para o conhecimento de suas idéias, não somente em seus comentários, mas também - e principalmente - nos discursos dele intercalados nos primeiros livros da *História.*

da guerra[42]. A razão do prestígio de Péricles era o fato de sua autoridade resultar da consideração de que gozava e de suas qualidades de espírito, além de uma admirável integridade moral; ele podia conter a multidão sem lhe ameaçar a liberdade, e conduzi-la ao invés de ser conduzido por ela, pois não recorria à adulação com o intuito de obter a força por meios menos dignos; ao contrário, baseado no poder que lhe dava a sua alta reputação, era capaz de enfrentar até a cólera popular. Assim, quando via a multidão injustificadamente confiante e arrogante, suas palavras a tornavam temerosa, e quando ela lhe parecia irracionalmente amedrontada, conseguia restaurar-lhe a confiança. Dessa forma Atenas, embora fosse no nome uma democracia, de fato veio a ser governada pelo primeiro de seus cidadãos. Seus sucessores, todavia, equivalentes uns aos outros mas cada um desejoso de ser o primeiro, procuravam sempre satisfazer aos caprichos do povo e até lhe entregavam a condução do governo. Por se tratar de uma grande cidade no comando de todo um império, muitos erros resultaram dessa atitude, especialmente a expedição à Sicília[43] cujo fracasso se deveu menos a um erro na apreciação das forças contra as quais os atenienses iriam combater do que à incompetência daqueles que a ordenaram; estes, com efeito, ao invés de tomarem medidas adequadas de apoio às primeiras tropas enviadas, entregaram-se a intrigas pessoais com o objetivo de obter o comando do povo, e, conseqüentemente, além de cuidarem das operações militares com menos energia, pela primeira vez introduziram na cidade a discórdia civil. Apesar de tudo, mesmo depois do desastre na Sicília, onde perderam não somente seu exército mas também a maior parte de sua frota, e não obstante as dissensões reinantes na cidade, os atenienses ainda enfrentaram durante dez anos os inimigos que já tinham, reforçados então pelos sicilianos, mais a maior parte de seus antigos aliados, então revoltados, e logo depois Ciros, filho do Rei, que se juntou aos peloponésios e lhes forneceu dinheiro para a sua frota, e só foram vencidos por causa das desavenças pessoais entre seus dirigentes em meio às dissensões internas que os levaram à ruína. Não podiam ter bases mais sólidas as afirmações de Péricles ao tempo de suas previsões no sentido de que sua cidade poderia vencer facilmente a guerra contra os peloponésios sozinhos.

Durante o verão os lacedemônios e seus aliados fizeram uma expedição com cem naus à ilha de Zácintos, situada defronte da Élida. Os zacíntios

[42] Tucídides refere-se principalmente à expedição à Sicília; os resultados perniciosos foram mais sentidos no período da guerra subseqüente à fortificação de Decêleia pelos lacedemônios.
[43] Para essa aventura desastrosa, vejam-se os livros VI e VII.

são colonos dos aqueus do Peloponeso, e eram aliados dos atenienses. A bordo das naus havia mil hoplitas lacedemônios e o espartano Cnemos era o comandante. Descendo à terra, os lacedemônios devastaram a sua maior parte, mas como não chegaram a um acordo com os habitantes, reembarcaram de volta às suas cidades.

67. No fim do verão o coríntio Aristeus, os emissários lacedemônios Anéristos, Nicôlaos e Pratôdamos, o tegeata Timágoras e o argivo Pôlis (este em caráter privado)[44] partiram para a Ásia ao encontro do Rei, com o objetivo de tentar persuadi-lo a lhes fornecer dinheiro e apoiá-los na guerra. A caminho, procuraram primeiro Sitalces filho de Teres, na Trácia, desejosos de convencê-lo, se pudessem, a abandonar a aliança ateniense e mandar forças para Potidéia, sitiada por tropas atenienses; queriam também, com vistas a seu objetivo principal, obter a ajuda do mesmo para cruzar o Helespontos e chegar até onde estava Farnaces filho de Farnábazos[45], que deveria escoltá-los pelo interior até o Rei. Mas os emissários atenienses Lêarcos filho de Calímacos e Aminíades filho de Filêmon, casualmente em visita a Sitalces, procuraram persuadir Sádocos filho de Sitalces, que fora investido na cidadania ateniense[46], a entregar-lhes aqueles homens, para impedi-los de chegar ao Rei e contribuir, por sua ação, para prejudicar a sua cidade adotiva. Sádocos concordou com o pedido e, mandando alguns soldados acompanhar Lêarcos e Aminíades, prendeu Aristeus e seus companheiros enquanto viajavam pela Trácia, antes de chegarem a bordo da nau em que atravessariam o Helespontos. De acordo com suas ordens, foram entregues aos emissários atenienses, que os detiveram e levaram para Atenas. Quando chegaram lá, os atenienses, temendo que Aristeus pudesse escapar e fazer-lhes um mal maior (ele fora o mentor de todas as intrigas na primeira fase dos acontecimentos em Potidéia e ao longo da costa da Trácia), mataram todos sem julgamento no mesmo dia, apesar deles terem desejado dizer algo em sua defesa, e jogaram os cadáveres num precipício; os atenienses acharam justificável o uso, para sua própria proteção, do mesmo procedimento adotado primeiro pelos lacedemônios, quando mataram e lançaram num precipício negociantes atenienses e aliados por eles capturados em uma nau mercante na costa do Peloponeso. Realmente, no início da guerra os lacedemônios

[44] Pôlis ia em caráter privado porque Argos era neutra na época (veja-se o capítulo 9 deste livro).
[45] Farnaces era sátrapa em Dascílion naquela ocasião; veja-se o livro I, capítulo 129.
[46] Veja-se o capítulo 29 deste livro.

eliminaram como inimigas todas as pessoas capturadas por eles no mar, sem procurar saber se combatiam ao lado dos atenienses ou se eram neutras.

68. Mais ou menos na mesma ocasião, quando terminava o verão, os ambraciotas, com numerosos bárbaros por eles convocados para acompanhá-los, marcharam contra Argos Anfilóquia e o resto da Anfilóquia. A inimizade entre eles e os argivos começou nas circunstâncias descritas a seguir. Anfílocos filho de Anfiaraus, quando voltou ao lar depois da guerra de Tróia, ficou descontente com a situação em Argos[47] e por isso fundou Argos Anfilóquia no golfo Ambrácio; ocupou a região de Anfilóquia, chamando a cidade de Argos por ser este o nome de sua pátria. A cidade era a maior da Anfilóquia e tinha os habitantes mais ricos. Depois de muitas gerações Anfílocos, sob a pressão de infortúnios, convidou os ambraciotas limítrofes a Anfilóquia a compartilhar o lugar com os habitantes da mesma, tornando-se assim os primeiros helenos da região por adotarem a língua helênica dos ambraciotas aos quais se juntaram; os anfilóquios restantes todavia, ainda são bárbaros. Com o correr do tempo os ambraciotas expulsaram os argivos e se apoderaram da cidade. Quando isto aconteceu os anfilóquios se puseram sob a proteção dos acarnânios por iniciativa própria, e juntos chamaram os atenienses, que lhes enviaram trinta naus sob o comando de Fórmion. À chegada deste Argos foi tomada de assalto e os ambraciotas foram escravizados; os anfilóquios e acarnânios se estabeleceram lá conjuntamente. Depois disto foi instituída a aliança entre os atenienses e os acarnânios. Primeiro os ambraciotas se tornaram hostis aos argivos por causa da escravização de seus concidadãos e depois, no curso da guerra, realizaram essa expedição, da qual participavam, além deles, os caônios e algumas tribos bárbaras da região. Chegando a Argos, foram incapazes de tomar a cidade de assalto, apesar de haverem dominado a região; regressaram por isso às suas cidades e várias tribos debandaram. Estes foram os acontecimentos do verão.

69. Durante o inverno seguinte os atenienses mandaram vinte naus rondar o Peloponeso sob o comando de Fórmion que, estabelecendo uma base em Náupactos, lá ficou vigilante para impedir a navegação de e para Corinto e o golfo Criseu. Seis outras naus foram mandadas para a Cária e Lícia, sob o

[47] Alcmêon, irmão mais velho de Anfílocos, matara sua mãe Erifile (veja-se o capítulo 102 deste livro).

comando de Melêsandros, para cobrar tributos atrasados naquelas regiões e impedir os piratas peloponésios de estabelecerem bases lá e molestarem naquelas paragens os mercadores vindos da Fasélia, da Fenícia e do continente. Melêsandros, incursionando pelo interior da Lícia com tropas desembarcadas das naus e aliadas, foi derrotado em combate e morto com parte dessas tropas.

70. Durante o mesmo inverno os potideus não se julgaram mais capazes de suportar o cerco; na realidade, as incursões dos peloponésios na Ática não tiveram qualquer efeito no sentido de forçar os atenienses a retirar-se[48]. Os víveres haviam acabado e, na ânsia de assegurar a sobrevivência aconteceu, entre outras coisas, que alguns deles chegaram ao extremo de devorar seus próprios companheiros. Naquela contingência fizeram propostas de capitulação aos comandantes atenienses encarregados de combatê-los (Xenofon filho de Eurípides, Hestiódoros filho de Aristóclides e Fanômacos filho de Calímacos). Estes aceitaram as propostas, vendo as dificuldades em que se encontravam as suas próprias tropas, expostas às intempéries, e considerando que Atenas já havia gasto dois mil talentos[49] no cerco. A capitulação foi acordada sob a condição de que os potideus, com suas crianças e mulheres e as tropas mercenárias[50] deixariam a cidade com uma roupa por pessoa (as mulheres com duas), levando uma determinada importância para a retirada. Todos saíram então de Potidéia nos termos do acordo e foram para Calcídice ou para onde cada um pôde. Os atenienses, porém, censuraram os comandantes por haverem negociado sem os consultar, pois pensavam que poderiam vencer a cidade como quisessem; depois enviaram colonos seus para Potidéia e lá se estabeleceram. Esses acontecimentos ocorreram durante o inverno e assim terminou o segundo ano[51] desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

71. No verão seguinte os peloponésios e seus aliados não invadiram a Ática, mas enviaram uma expedição contra Platéia. Seu comandante era Arquídamos filho de Zeuxídamos, rei dos lacedemônios, que acampou com suas tropas e se preparou para devastar as terras; diante disto os plateus lhe mandaram imediatamente emissários que assim falaram:

---

[48] Veja-se o livro I, capítulo 58.
[49] O equivalente a cerca de dois milhões de dólares.
[50] Veja-se o livro I, capítulo 60.
[51] Em 430 a.C.

"Estais agindo injustamente, Arquídamos e demais lacedemônios, e de maneira indigna de vós e dos pais que vos geraram, invadindo o território dos plateus. O lacedemônio Pausânias filho de Cleômbrotos, ao livrar a Hélade dos persas juntamente com os atenienses e demais helenos que preferiram compartilhar o perigo da batalha[52] travada em nosso território, ofereceu um sacrifício a Zeus Libertador na ágora de Platéia e, reunindo todos os aliados, devolveu aos plateus as suas terras e a cidade para tê-las e habitá-las em independência; ninguém jamais deveria marchar contra elas injustamente ou para sua escravização, e se isso ocorresse os aliados então presentes teriam de defendê-las com todas as suas forças. Esses privilégios nos foram conferidos por vossos pais diante da dedicação e bravura que demonstramos ao enfrentar aqueles perigos, mas vós fazeis exatamente o contrário, pois com os tebanos, nossos piores inimigos, viestes escravizar-nos. Invocando como testemunhas os deuses em cujos nomes juramos e os de vossos ancestrais e de nossa terra, dizemo-vos: não sejais injustos para com a terra de Platéia nem violeis os vossos juramentos, mas deixai-nos viver independentes, de conformidade com o que Pausânias nos concedeu por ser de justiça".

72. Depois de os plateus haverem dito isto, Arquídamos falou em resposta:

"Vossas palavras seriam justas, homens de Platéia, se vossos atos fossem coerentes com o que dizeis. De conformidade com a concessão de Pausânias, sede independentes e ajudai-nos a libertar também os outros que, tendo compartilhado os perigos daquele tempo, juraram junto convosco e hoje estão submetidos aos atenienses, pois o objetivo destes preparativos e desta guerra é exatamente recuperar a sua liberdade e a dos demais helenos. Deveis apoiar-nos, se possível, e manter-vos fiéis aos vossos juramentos; se não o fizerdes, permanecei então quietos, como já propusemos, continuando a gozar de vossos bens; sede neutros, recebei ambos os lados como amigos mas nenhum dos dois com hostilidade; isto nos satisfará".

Assim falou Arquídamos; os emissários plateus, ouvindo-o, voltaram para a cidade e, depois de relatar ao povo o que havia sido dito, retornaram a Arquídamos e lhe responderam que lhes seria impossível aceitar a sua proposta sem a concordância dos atenienses, pois seus filhos e suas mulheres estavam em Atenas[53], acrescentando que temiam pela existência da cidade;

[52] Em 479 a.C.
[53] Veja-se o capítulo 6 deste livro.

com efeito, ou após a partida dos lacedemônios os atenienses viriam e vetariam o plano, ou então os tebanos, alegando estar incluídos na estipulação quanto ao acolhimento a ambos os lados, tentariam novamente ocupar a cidade; Arquídamos, esforçando-se por tranqüilizá-los quanto a estes aspectos, disse-lhes: " Confiai-nos a cidade e vossas casas, a nós, lacedemônios, indicando-nos os limites de vossas terras e dizendo-nos o número de vossas árvores e de tudo mais passível de ser contado; emigrai, então, para onde quiserdes, permanecendo fora enquanto durar a guerra; logo que ela terminar, devolver-vos-emos tudo que nos houver sido entregue; nesse ínterim guardaremos tudo como depositários fiéis, lavrando a terra e pagando-vos uma renda proporcional às vossas necessidades".

73. Diante desta resposta os emissários plateus voltaram novamente à cidade e, depois de deliberar com o povo, responderam que desejavam primeiro comunicar aos atenienses os compromissos que teriam de assumir; se obtivessem o seu consentimento, aceitariam a proposta; nesse ínterim, pediam-lhes uma trégua e que não devastassem as suas terras. Foi feita a trégua por um número de dias suficiente para a ida e volta dos emissários, e as terras não foram devastadas. Os representantes de Platéia foram encontrar-se com os atenienses, e depois de deliberar com eles regressaram com a seguinte mensagem ao povo da cidade: " Os atenienses vos asseguram, plateus, que tal como no passado, quando vos tomastes seus aliados[54], eles jamais vos faltaram quando alguém vos ultrajou, agora também não vos faltarão, e vos ajudarão com todo o seu poder. Exortam-vos, portanto, pelos juramentos trocados por nossos pais, a não romper a aliança".

74. Quando os emissários lhes transmitiram estas palavras, os plateus se decidiram a não trair os atenienses e a suportar até a devastação de suas terras, se fosse necessário, e tudo mais que acontecesse; a partir daí ninguém mais poderia deixar a cidade, e seria dada do alto das muralhas a resposta de que achavam impossível aceitar a proposta dos lacedemônios. Depois de ouvir a resposta, o rei Arquídamos começou por invocar os deuses e heróis do lugar como testemunhas com as seguintes palavras: "Sede testemunhas, deuses e heróis protetores de Platéia, de que nenhum mal fizemos de início, e de que somente depois de os plateus quebrarem primeiro o juramento feito marcharemos contra esta terra onde nossos pais, invocando-vos em

[54] Por volta de 520 a.C.; veja-se o livro III, capítulo 68.

suas preces, venceram os persas, pois a tornaste um auspicioso campo de batalha para os helenos; agora, também, o que tivermos de fazer não será injusto, já que, embora lhes fizéssemos muitas propostas razoáveis, não fomos bem-sucedidos. Permiti que sejam punidos por injustiça aqueles que a praticaram primeiro, e que obtenham vingança os que se esforçaram por ser justos".

75. Após este apelo aos deuses ele iniciou as hostilidades. Como primeira medida os lacedemônios, usando árvores por eles cortadas, construíram uma paliçada em volta de Platéia, para impedir que alguém a deixasse; depois começaram a fazer um aterro em um ponto junto à muralha em frente à cidade, na esperança de que, com tropas tão numerosas trabalhando, este seria o meio mais rápido de conquistá-la. Cortaram madeira do monte Citéron e construíram uma estrutura paralela à muralha no lugar do aterro, dispondo as toras em forma de treliça, para elevar um paredão destinado a impedir que o aterro se espalhasse demais. Em seguida trouxeram e jogaram entre o paredão e a muralha madeira, pedras, terra e qualquer coisa que, posta lá, servisse para a obra. Durante setenta dias e noites trabalharam no aterro, divididos em turnos, de tal forma que enquanto uns carregavam materiais outros podiam dormir e alimentar-se. Os comandantes lacedemônios e seus auxiliares imediatos que chefiavam os contingentes das várias cidades aliadas cuidavam de mantê-los trabalhando. Os plateus, vendo o aterro crescer, armaram uma estrutura de madeira e a colocaram no topo de sua muralha, defronte do aterro em construção; dentro da estrutura puseram tijolos trazidos de casas vizinhas; o madeiramento servia para manter os tijolos juntos, de forma a evitar o enfraquecimento da estrutura à medida que ela ganhasse altura; do lado de fora da estrutura estenderam couros de animais para proteger os trabalhadores e a madeira contra flechas incendiárias. A estrutura crescia cada vez mais e o aterro fronteiro subia com velocidade não menor, e ao mesmo tempo os plateus imaginaram um novo expediente: fizeram uma abertura na parte inferior da muralha em contato com o aterro e começaram a tirar terra dele para o interior.

76. Os peloponésios perceberam essa ação e lançaram na brecha argila enrolada em esteiras, para não escorrer como a terra solta e perder-se. Os sitiados, frustrados com isso, abandonaram o plano, cavaram um túnel partindo da cidade e, quando acharam que estavam sob o aterro, começaram novamente a tirar terra e levá-la para o seu lado, desta vez por baixo; duran-

te muito tempo trabalharam sem ser notados pelos de fora, que por isto pouco progrediam apesar do muito que amontoavam, pois o aterro, solapado por baixo, freqüentemente cedia, descendo para o espaço vazio. Mas os plateus, temendo que mesmo assim não fossem capazes, por ser poucos, de fazer face a muitos, atinaram com nova tática: pararam de trabalhar na estrutura alta fronteira ao aterro e, partindo de dois pontos na base da muralha correspondentes aos dois extremos da estrutura, começaram a construir uma nova muralha em forma de crescente tangenciando a face interna da outra; com isto, se a muralha alta fosse tomada, a outra poderia permitir a continuação da resistência; o inimigo teria, então, de fazer outro aterro para ultrapassar a nova muralha e, como teria de ir e vir até o interior junto ao crescente, seu trabalho seria redobrado e ficaria mais exposto a ataques de ambos os lados. Os peloponésios, embora continuassem a trabalhar no aterro, trouxeram também engenhos de guerra para usar contra a cidade; um foi levado até o topo do aterro e abalou grande parte da estrutura alta, aterrorizando os plateus, enquanto outros atacaram diferentes trechos da muralha; quanto a estes, os plateus, usando laços móveis, conseguiram imobilizá-los e puxá-los para cima. Suspenderam também grandes vigas por meio de longas correntes de ferro, presas em cada extremidade a dois postes fixos perpendicularmente à muralha; penduraram então as vigas paralelamente à muralha, suspensas sobre os arietes, e quando estes estavam prestes a atacar em qualquer parte, deixavam as vigas cair afrouxando as correntes e largando-as; assim as vigas tombavam com todo o seu peso e quebravam as cabeças dos arietes.

77. Diante disso os peloponésios, vendo que seus engenhos de guerra não estavam produzindo resultados e que a contramuralha estava crescendo na mesma proporção do aterro, concluíram que seria impraticável capturar a cidade com aqueles meios de ataque, e iniciaram os preparativos para a construção de uma muralha em volta dela com o objetivo de apertar o cerco. Antes, porém, de iniciar a nova obra, decidiram tentar o uso de fogo, na esperança de, com o vento a favor, poderem incendiar a cidade, que não era grande; na verdade, estavam pensando em todos os meios imagináveis para levar a cidade à rendição sem os ônus de um cerco prolongado. Prepararam, então, feixes de lenha e os lançaram do aterro, primeiro no espaço entre a muralha e o aterro; depois, como o espaço logo ficou cheio (tão grande era a multidão que executava a tarefa), jogaram feixes até no interior da muralha, que podiam alcançar do alto do aterro, e finalmente lançaram

fogo com enxofre e piche na lenha e a incendiaram. Logo se elevaram chamas mais altas que quaisquer outras provocadas por mãos humanas jamais vistas até aquele tempo (nas montanhas às vezes ocorre que, em conseqüência do atrito de galhos secos agitados pelo vento, uma floresta arde espontaneamente num incêndio devastador). No caso presente o incêndio foi enorme, e os plateus, depois de terem escapado a tantos perigos anteriores, quase foram exterminados por ele; de fato, em grande parte da cidade era impossível chegar perto do fogo e se, como desejava o inimigo, o vento estivesse soprando na direção da cidade, os plateus não teriam escapado. De acordo com os relatos, todavia, sobreveio uma forte chuva com trovoadas e apagou as chamas, livrando-os assim do perigo.

78. Após o novo fracasso os peloponésios mandaram de volta a maior parte das tropas, deixando lá somente um contingente, e resolveram construir a muralha em volta da que já circundava a cidade, dividindo o trabalho entre as várias cidades participantes da expedição; havia um fosso entre o lado de dentro e o de fora, do qual tiravam a argila para os tijolos. Quando a muralha ficou completamente pronta, na parte do ano em que Arcturo aparecia[55] deixaram um destacamento para guardar metade da muralha (os tebanos guardariam a outra metade) e retiraram as tropas restantes, que se dispersaram por suas respectivas cidades. Os plateus haviam mandado anteriormente para Atenas seus filhos e suas mulheres, bem como os homens mais idosos e os inaptos a servir, e os homens que ficaram para suportar o cerco eram somente quatrocentos da própria Platéia e oitenta atenienses, além de cento e dez mulheres para preparar os alimentos. Era este o número total quando começou o cerco, e ninguém mais, além das pessoas mencionadas, estava no interior das muralhas, seja escravos, seja homens livres. Nestas condições se preparou o cerco de Platéia.

79. Durante o mesmo verão, enquanto ocorria a campanha contra Platéia, os atenienses com dois mil hoplitas seus e duzentos cavalerianos marcharam contra os calcídios da Trácia e os botieus; comandavam-nos Xenofon filho de Eurípides e outros dois. Chegando a Spártolos, na Botia, destruíram todas as plantações de grãos; esperavam, além disso, que a cidade lhes fosse entregue por partidários seus com os quais estavam em conluio; a facção oposta, porém, evitou a consumação do plano, mandando uma men-

[55] Essa constelação começava a aparecer em meados de setembro.

sagem a Olintos, de onde vieram alguns hoplitas e outras tropas para guarnecer o lugar. Quando estas fizeram uma incursão fora de Spártolos os atenienses entraram em combate com elas diante da cidade, e embora os hoplitas calcídios e alguns mercenários que estavam com eles tivessem sido derrotados pelos atenienses, retirando-se para Spártolos, a cavalaria calcídia e suas tropas ligeiras derrotaram a cavalaria e as tropas ligeiras dos atenienses (estes tinham com eles uns poucos peltastas vindos da região chamada Crúsis); logo após a batalha chegaram de Olintos outros peltastas para ajudar a guarnição. Quando as tropas ligeiras em Spártolos os viram, ficaram ainda mais combativas, principalmente por não haverem sido vencidas antes; ajudadas, então, pela cavalaria calcídia e pelos recém-chegados para apoiá-las, atacaram novamente os atenienses e os fizeram recuar até os dois destacamentos que deixaram com suas bagagens; sempre que os atenienses contra-atacavam eles recuavam, mas quando os atenienses se retiravam eles os atacavam de perto e os crivavam de dardos. A cavalaria calcídia, sempre galopando, continuou a atacar os atenienses quando se lhe oferecia uma oportunidade e, espalhando o pânico entre eles, derrotou-os e os perseguiu por uma longa distância. Os atenienses se refugiaram em Potidéia e depois, recuperando os seus mortos mediante trégua, regressaram a Atenas com os remanescentes de suas tropas, tendo perdido trezentos e trinta homens e todos os seus comandantes. Os calcídios e botieus ergueram um troféu, e depois de levarem seus mortos dispersaram-se por suas respectivas cidades.

80. Ainda no mesmo verão, não muito tempo depois destes eventos, os ambraciotas e caônios, desejosos de submeter toda a Acarnânia e desligar-se de Atenas, persuadiram os lacedemônios a preparar uma frota dos aliados e a enviar mil hoplitas contra a Acarnânia, dizendo-lhes que, se juntassem suas tropas às deles, trazendo-lhes naus e infantaria, poderiam facilmente conquistar Zácintos e talvez Cefalênia, desde que fosse ocupada a Acarnânia, pois os acarnânios da costa seriam incapazes de ajudar os do interior[56]; isto feito, os atenienses não mais seriam capazes de navegar em torno do Peloponeso como antes; além disto, havia possibilidades de tomarem também Náupactos. Os lacedemônios concordaram e despacharam imediatamente Cnemos, que ainda era comandante da frota, e os hoplitas em algumas naus, e mandaram instruções à frota aliada para preparar-se e navegar o mais depressa possível para Lêucade. Os coríntios estavam espe-

[56] Por causa da presença da frota peloponésia ao longo da costa.

cialmente ansiosos por apoiar o plano dos ambraciotas, seus colonos. O contingente da frota a vir de Corinto e Sicione e dos lugares na mesma área ainda estava em preparativos, mas os de Lêucade, de Anactório e da Ambrácia, chegando primeiro, ficaram esperando em Lêucade. Cnemos e seus mil hoplitas, logo que conseguiram fazer a sua viagem sem ser notados por Fócion, comandante das vinte naus atenienses em missão de patrulhamento defronte de Náupactos[57], começaram a preparar-se para a expedição por terra. Entre as tropas helênicas que estavam com ele havia alguns ambraciotas, anactórios e leucádios, além de seus mil hoplitas lacedemônios; entre os bárbaros havia mil caônios que, não tendo rei, eram comandados por Fócion e Nicânor, da família dominante, no exercício da presidência anual. Com o contingente caônio vinham alguns tesprótios, também sem rei. Um contingente de molóssios e antitânios era comandado por Sabilintos, guardião do rei Tárips, ainda criança, e os parauianos por seu rei Ôredos. Com os parauianos vinham mil oréstios, que seu rei, Antíocos, havia confiado a Ôredos. Perdicas também mandou, sem o conhecimento dos atenienses, mil macedônios, que todavia chegaram muito tarde. Cnemos partiu com estas tropas, sem esperar a frota de Corinto, e quando elas passaram pelo território de Argos[58] saquearam Limnéia, uma povoação sem muralhas. Finalmente chegaram a Stratos, a maior cidade da Acarnânia, pensando que se pudessem conquistá-la primeiro as outras cidades passariam facilmente para o seu lado.

81. Quando os acarnânios souberam que tropas numerosas haviam invadido o seu território por terra, e que o inimigo logo viria também por mar com sua frota, não tentaram uma resistência organizada mas, guardando isoladamente suas propriedades, mandaram emissários a Fórmion pedindo ajuda. Este, porém, disse que não poderia deixar Náupactos desprotegida, pois uma frota inimiga estava prestes a zarpar de Corinto. Nesse ínterim os peloponésios e seus aliados, dividindo suas tropas em três grupos, avançaram para a cidade dos estrátios, com o objetivo de acampar por perto e então, se não conseguissem convencê-los com palavras, entrar em ação contra as suas muralhas. Marcharam tendo ao centro os caônios e os outros bárbaros, à direita os leucádios e anactórios e seus acompanhantes, e à esquerda Cnemos com seus peloponésios e os ambraciotas; os grupos vinham tão distanciados uns dos outros que algumas vezes se perdiam

[57] Veja-se o capítulo 69 deste livro.
[58] Argos Anfilóquia; veja-se o capítulo 68 deste livro.

de vista[59]. As tropas helênicas avançaram mantendo a sua formação e estiveram vigilantes até acamparem num lugar conveniente; os caônios, porém, que não somente confiavam em si mesmos mas eram também considerados excelentes combatentes pelos habitantes daquela parte do continente, não pararam para acampar e avançaram impetuosamente em conjunto com os outros bárbaros, pensando que poderiam tomar a cidade no primeiro assalto, e assim colher sozinhos as honras do feito. Mas os estrátios notaram a continuação de seu avanço e imaginando que, se pudessem sobrepujá-los isoladamente, os helenos não prosseguiriam em sua marcha contra eles com a mesma presteza, prepararam emboscadas nos arredores da cidade e, logo que os bárbaros chegaram perto, uniram-se partindo da cidade e do local das emboscadas e se lançaram sobre eles. Apavorados, muitos caônios foram mortos, e os outros bárbaros, vendo os demais caônios recuarem, abandonaram suas posições e fugiram. Nenhum dos contingentes helênicos estava ciente da batalha, pois seus aliados se tinham distanciado demais no avanço e os helenos pensavam que eles estivessem pressionando o inimigo para conseguir local onde acampar. Quando, porém, os bárbaros correram em sua direção, eles os deixaram passar, e reunindo seus contingentes ficaram estacionados durante o resto do dia, pois os estrátios não se aproximaram muito deles, já que os acarnânios restantes ainda não tinham vindo em sua ajuda, mas usando as suas fundas à distância contra os bárbaros, molestaram-nos consideravelmente; com efeito, estes não podiam caminhar sem seus escudos e os acarnânios eram merecidamente famosos por sua perícia no manejo da funda.

82. Ao anoitecer, Cnemos se retirou apressadamente com suas tropas para o rio Ânapos, distante oitenta estádios[59a] de Stratos, e no dia seguinte levou os seus mortos mediante trégua; como os eníades se haviam juntado à sua expedição numa demonstração de sentimentos amistosos, Cnemos retirou-se para seu território antes das forças conjuntas dos acarnânios chegarem, e de lá as tropas regressaram separadamente para suas respectivas cidades. Os estrátios ergueram um troféu por sua vitória na batalha contra os bárbaros.

83. A frota de Corinto e dos outros aliados no golfo Criseu, que deveria ter-se juntado a Cnemos para impedir os acarnânios do litoral de ajudar

[59] Tucídides destaca os fatores determinantes da imprudência dos caônios e sua influência na derrota final.
[59a] Cerca de 14,2 km.

os do interior, não conseguiu chegar a tempo, por ter sido obrigada a travar combate com Fórmion e as vinte naus atenienses que estavam de guarda em Náupactos, aproximadamente no mesmo dia da batalha de Stratos. Fórmion, com efeito, espreitava-a fora do golfo em sua ronda ao longo da costa, preferindo atacá-la em mar aberto. Os coríntios e seus aliados a caminho da Acarnânia não estavam preparados para combater no mar, e sim para operações em terra, e não imaginavam que os atenienses com suas vinte naus se atrevessem a entrar em combate com suas quarenta e sete. Quando viram que os atenienses continuavam navegando ao longo da costa oposta enquanto eles seguiam viagem rentes à orla marítima, e quando, ao tentarem cruzar de Patras (na Acaia) para o outro lado do continente, em direção à Acarnânia, observaram que os atenienses estavam tomando a sua direção, vindos de Cálcis e do rio Êuenos, e finalmente, quando durante a noite tentaram em vão soltar as amarras das naus sem ser notados, foram forçados naquelas circunstâncias a combater no meio de um braço de mar. Sua frota era comandada por chefes de várias cidades que contribuíram com tropas, e os comandantes da flotilha coríntia eram Macáon, Isócrates e Agatarquidas. Os peloponésios dispuseram as suas naus num círculo tão largo quanto puderam fazer sem dar ao inimigo uma oportunidade de romper a sua formação, com as proas para fora e as popas para dentro; no interior do círculo puseram as naus ligeiras que os acompanhavam, bem como cinco das mais velozes, para estarem em posição de navegar somente uma curta distância se quisessem sair e trazer ajuda em qualquer ponto em que o inimigo os atacasse.

84. Os atenienses, de seu lado, dispostos em uma só fileira, descreviam círculos em torno deles e os confinavam num espaço reduzido, não cessando de pressioná-los bem de perto, e dando sempre a impressão de que atacariam a qualquer momento. Fórmion, todavia, tinha dado instruções para não atacarem antes dele dar o sinal, pois esperava que as naus inimigas não conseguissem manter-se em linha, como a infantaria em terra, mas se abalroassem umas às outras diante da desordem provocada pelas naus ligeiras; então, se o vento que aguardava enquanto rondava, que geralmente sopra do golfo ao romper a aurora, correspondesse à expectativa, elas não teriam um instante de tranqüilidade. Quanto ao ataque, pensou que poderia começá-lo quando quisesse, pois suas naus navegavam melhor e aquele seria o momento propício. Quando o vento começou a soprar e as naus regulares, já comprimidas num espaço exíguo, começaram a desalinhar-se diante

da violência do vento e da pressão das naus ligeiras, chocando-se umas contra as outras enquanto as tripulações tentavam empurrá-las com longas varas, gritando o tempo todo, advertindo, insultando-se reciprocamente, sem nada poder ouvir, seja as vozes de comando, seja as instruções dos mestres de convés e, finalmente, quando os remadores inexperientes, incapazes de tirar os remos para fora da água naquele mar agitado, tornavam as naus menos obedientes aos pilotos, só então, no momento crítico, Fórmion deu o sinal. Os atenienses se lançaram contra o inimigo, afundaram primeiro uma das naus capitânias e depois destruíram outras onde quer que estivessem, reduzindo-as a tais extremos que, naquela confusão, nenhuma tentou defender-se, e as remanescentes puseram-se em fuga em direção a Patras e Dime, na Acaia. Mas os atenienses saíram em sua perseguição e após haverem capturado doze naus e transferido para as suas a maioria dos tripulantes, tomaram o rumo de Molicreion; logo após ergueram um troféu em Ríon, dedicaram uma nau a Posêidon e regressaram a Náupactos. Os peloponésios também foram embora com suas naus restantes, navegando de Dime e Patras ao longo da costa para Cilene, a base naval dos eleus; Cnemos, vindo de Lêucade com as naus daquela região que deveriam ter-se unido à frota coríntia, também navegou para Cilene após a batalha em Stráton.

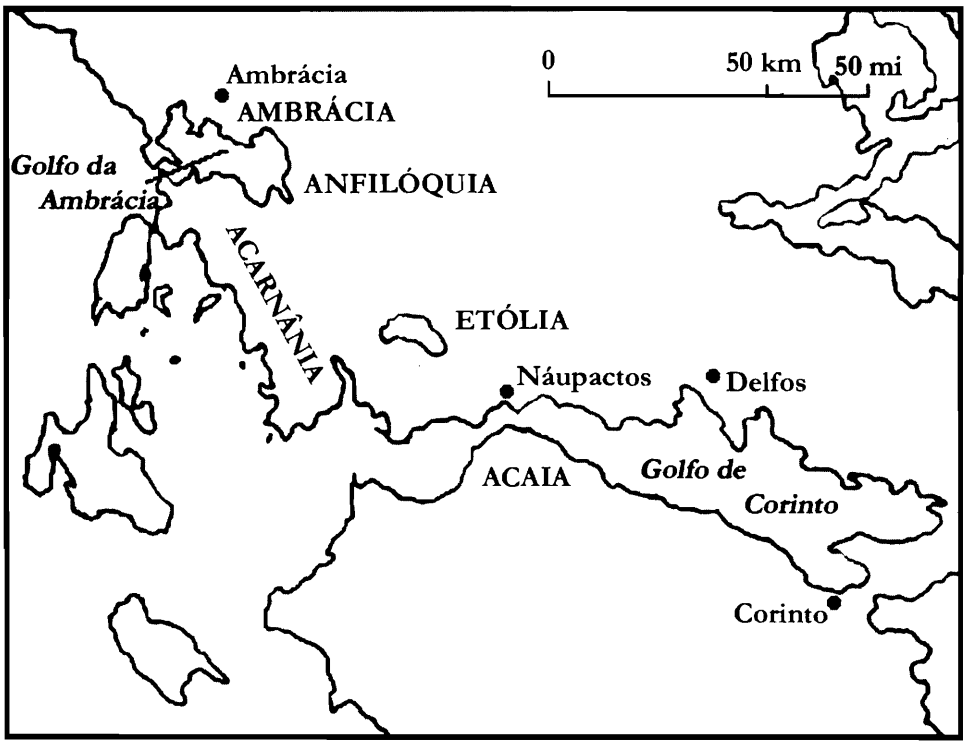
85. Os lacedemônios mandaram Timócrates, Brasidas e Licofron como conselheiros de Cnemos junto à frota, instruindo-os no sentido de prepará-la melhor para outra batalha e não deixar que umas poucas naus lhe fechassem o mar. Realmente, os fatos da última batalha pareciam-lhes totalmente incompreensíveis, principalmente por se tratar de sua primeira tentativa em um combate naval, e até julgavam ter havido covardia em algum setor, deixando de levar em consideração a longa experiência dos atenienses em contraste com a sua curta prática; e sob os efeitos de sua irritação enviaram os conselheiros a Cnemos. Ao chegarem, atuando juntamente com este, eles convocaram todos os aliados, pedindo-lhes mais naus, e começaram a equipar as disponíveis, com vistas a uma batalha naval. Fórmion também mandou mensageiros a Atenas com informações sobre os preparativos do inimigo e sobre a batalha recém-ganha, instando-os a lhe mandarem urgentemente todas as naus que pudessem, pois a cada dia havia a perspectiva de uma nova batalha. De lá mandaram vinte naus, mas deram ordens expressas ao respectivo comandante para dirigir-se primeiro a Creta, pois Nícias, um cretano de Górtina e próxeno dos atenienses, os persuadiu a enviarem uma expedição contra Cidônia, uma cidade hostil, prometendo

conquistá-la para eles; na realidade, pedia-lhes a intervenção para agradar aos habitantes de Policne, vizinhos dos cidônios. O comandante nomeado saiu com as naus em direção a Creta e ajudou os policnianos a devastarem as terras dos cidônios; devido, porém, aos ventos e às más condições de navegação, perdeu muito tempo lá.

86. Enquanto os atenienses estavam retidos em Creta, os peloponésios em Cilene, equipados e prontos para a batalha, navegaram ao longo da costa para Pânormos, na Acaia, onde suas forças terrestres haviam chegado para apoiá-los. Fórmion também viajou ao longo da costa de Ríon Molícrico e ancorou ao largo com as vinte naus que se haviam empenhado no combate anterior. Esta Ríon era favorável aos atenienses e do lado oposto fica a outra Ríon, situada no Peloponeso. A distância por mar entre elas é de cerca de sete estádios[60] correspondente ao golfo Criseu. Os peloponésios, diante da chegada dos atenienses, ancoraram também com setenta e sete naus em Ríon da Acaia, que não fica longe de Pânormos, onde estavam as suas forças de terra. Durante seis ou sete dias as duas frotas permaneceram ancoradas uma defronte da outra, adestrando-se e preparando-se para a batalha; uma delas resolveu não navegar para fora das duas Ríons em alto mar, temendo a repetição do desastre, e a outra decidiu não navegar para o estreito, considerando que combater em um espaço exíguo favoreceria o inimigo. Finalmente Cnemos e Brasidas e os outros comandantes peloponésios, desejando precipitar o combate antes de chegarem os reforços de Atenas, primeiro reuniram os seus soldados, mas vendo muitos deles temerosos por causa da derrota anterior, disseram o seguinte para encorajá-los:

87. "Peloponésios: se por acaso a recente batalha naval fez com que qualquer de vós ficasse com medo da que vamos travar, não há fundamento para vosso alarme. Nossos preparativos anteriores foram deficientes, como sabeis, e o objetivo de nossa viagem não era tanto combater no mar, mas em terra; aconteceu ainda que não poucos azares da guerra estiveram contra nós, e sem dúvida nossa inexperiência teve algo a ver com o fracasso na primeira batalha naval. A derrota, portanto, não foi devida a covardia nossa, e não é justo que sentimentos inconquistáveis pela força e que trazem em si mesmos o poder de desforra contra o inimigo, percam o seu vigor por causa do rumo tomado pelos acontecimentos; deveis antes refletir que, ape-

[60] Cerca de 1,3 km.



O GOLFO DE CORINTO E ARREDORES

sar dos homens sofrerem reveses em sua sorte, os realmente bravos são justamente considerados sempre valentes em seu espírito, e quando a coragem está presente nem a inexperiência pode ajudá-los a desculpar-se por serem covardes, quaisquer que sejam as circunstâncias. Afinal de contas, vossa inexperiência é mais que contrabalançada por vossa superioridade em intrepidez; além disto, embora a perícia do inimigo, especialmente temida por vós, lhe dê, até onde se une à bravura, presença de espírito nos momentos de perigo para pôr em ação as lições aprendidas, nenhuma competência será útil diante de tal perigo se os homens não forem valorosos. Com efeito, o temor anula a presença de espírito, e perícia sem intrepidez de nada vale. Deveis portanto contrapor à sua experiência a vossa maior intrepidez, e contra o temor causado por vossa derrota anterior raciocinar que naquele momento vos faltava preparo. Tendes a vantagem do número de naus e de estar combatendo perto da costa, que nos é amistosa, e onde temos hoplitas para vos apoiar, e geralmente a vitória favorece os mais numerosos e melhor preparados. Não há, então, uma só razão para falharmos, e quanto aos vossos erros anteriores, o simples fato de os haver cometido vos servirá de lição. Sede corajosos, e todos, pilotos e marinheiros, obedecei ao nosso comando da melhor maneira possível, jamais abandonando o posto para o qual fordes designados. Preparamo-vos para o combate pelo menos tão bem quanto vossos comandantes anteriores, e a ninguém proporcionaremos desculpas para agir covardemente; logo, se qualquer um estiver propenso a isto será punido com a penalidade merecida, enquanto os bravos serão honrados com recompensas adequadas ao seu valor."

88. Com estas palavras os comandantes peloponésios encorajaram os seus comandados. Fórmion, sentindo-se também inquieto diante das apreensões de suas tropas, e observando que os soldados estavam reunindo-se em grupos, alarmados com a superioridade numérica do inimigo em termos de naus, desejou convocá-los a fim de animá-los, e lhes dirigiu uma exortação adequada àquela emergência. Em oportunidades anteriores ele já lhes havia dito e repetido, para preparar-lhes o espírito, que não existia número de naus, por maior que fosse, cujo ataque homens como eles não pudessem enfrentar, e seus marinheiros mantinham entre si mesmos a convicção de que, sendo atenienses, nunca deveriam ceder diante de qualquer número de naus peloponésias. Desta vez, todavia, vendo-os desanimados em face do que tinham diante dos olhos e desejando reavivar em sua memória a confiança esquecida, reuniu-os e lhes disse o seguinte:

89. "Vendo-vos alarmados com a superioridade numérica do inimigo, soldados, resolvi convocar-vos porque não vos quero temerosos de perigos imaginários. Em primeiro lugar, é exatamente porque seus homens foram vencidos antes e porque nem eles mesmos se julgam tão bons quanto nós, que prepararam esse grande e desproporcional número de naus; além disto, quanto à sua coragem – a virtude em que mais confiam quando vêm enfrentar-nos, como se ser valentes fosse privilégio deles, seu único fundamento razoável para tal confiança é que sua experiência em combates terrestres geralmente lhes trouxe sucesso e pensam, portanto, que o resultado será o mesmo num combate naval. Por todas as razões, todavia, a vantagem hoje será nossa, se eles, de sua parte, se julgam credenciados a ela em terra; de fato, eles não nos são superiores de forma alguma em bravura, e estamos mais confiantes precisamente por termos mais experiência de qualquer maneira. Considerando que os lacedemônios comandam os aliados apenas com vistas à sua própria glória, a maioria deles tem de ser arrastada à batalha contra a sua vontade, pois se assim não fosse eles nunca tentariam lutar pela segunda vez no mar depois de tão séria derrota. Logo, não deveis temê-los por sua ousadia; ao contrário, vós lhes inspirais um temor muito maior e mais justificado, seja porque já os derrotastes, seja por pensarem que não os enfrentareis de modo algum, a não ser que esperásseis obter um resultado condizente com vossa grande superioridade. Os homens em sua maioria (e este é o caso de nossos adversários), quando são iguais aos seus inimigos, na hora de atacar confiam mais em sua força que em sua decisão; inversamente, aqueles que se atrevem a enfrentar o inimigo grandemente inferiorizados em número e ao mesmo tempo sem ser compelidos a fazê-lo, devem possuir em alto grau a qualidade de uma resolução inabalável. Tendo em vista tudo isto, nossos adversários são levados a temer-nos mais por causa do que é extraordinário em nossa conduta do que por nossos preparativos. Mais ainda: muitas forças numerosas já foram derrotadas por outras menores em conseqüência de sua inexperiência, e outras por falta de audácia, e nós não podemos ser acusados de qualquer das duas deficiências. Com vistas à batalha, não correrei o risco de travá-la no golfo se puder evitá-lo, pois sei que num espaço exíguo não é vantajoso, para uma frota de poucas naus experimentadas e fáceis de manobrar, expor-se a um número maior de naus mal manobradas. Em tais condições não se pode investir de proa contra uma nau inimiga para atingir-lhe o flanco, pois não se tem a visão clara dela a uma distância conveniente, nem é possível a retirada quando se é compelido a isso; não há tampouco oportunidade de manobras como a de rom-

per o alinhamento das naus ou dar meia volta para atacá-las pelos flancos (são estas precisamente as táticas próprias para naus velozes) e, portanto, a batalha naval acaba transformando-se num combate terrestre[61] e daí em diante vence a frota mais numerosa. Dedicarei certamente a tudo isto a maior atenção possível. Quanto a vós, permanecei em ordem por perto de vossas naus, prestai a maior atenção à palavra de comando, especialmente porque as duas frotas estão muito próximas uma da outra; quando chegar a hora da ação, observai a disciplina e o silêncio, que são vantajosos nos combates em geral, mas principalmente no mar, onde são da maior importância, e repeli o inimigo de maneira condizente com vossos feitos anteriores. O confronto é decisivo – para acabar com as esperanças que os peloponésios depositam em sua frota, ou para levar para mais perto de Atenas nossos receios quanto ao domínio dos mares. Lembro-vos uma vez mais que já vencestes muitos deles, e quando os homens são derrotados seu espírito jamais será o mesmo de antes na hora de enfrentar novamente os mesmos perigos".

90. Com estas palavras Fórmion exortou os seus soldados. Os peloponésios, vendo que os atenienses não navegavam para o golfo e o estreito a fim de enfrentá-los, quiseram constrangê-los a sair; com este objetivo embarcaram em suas naus ao romper a aurora, e após alinhá-las em coluna de quatro, navegaram ao longo de sua costa em direção ao interior do golfo, na mesma ordem em que estavam ancoradas; a formação era encabeçada por sua ala direita, e nesta puseram suas melhores naus; desse modo, se Fórmion tivesse a impressão de que o objetivo deles era Náupactos e, seguindo a costa, navegasse naquela direção a fim de proteger a cidade, os atenienses não conseguiriam escapar navegando por fora daquela ala e seriam envolvidos pelas naus que a compunham. Fórmion fez exatamente o que eles imaginavam; quando os viu navegando, temeroso pela segurança de Náupactos, que não era protegida, ele relutante e apressadamente fez as tripulações embarcarem e saiu ao longo da costa, com as tropas messênias movendo-se pela orla marítima para apoiá-lo. Quando os peloponésios viram os atenienses seguindo de perto a costa em fila simples, já quase dentro do golfo e a curta distância da praia (isto era o que eles mais desejavam), a um sinal mudaram subitamente de rumo e com a maior velocidade possível se dirigiram diretamente contra os atenienses com as naus alinhadas, na esperança de poder interceptar toda a sua frota. Do total, todavia, onze já iam

[61] Porque com as naus coladas uma às outras as tripulações de umas passam para as outras e se engajam em luta corpo a corpo.

na frente e puderam ultrapassar a ala peloponésia enquanto ela manobrava, e escaparam para o alto mar; as restantes foram cercadas, acossadas até a praia enquanto tentavam escapar e capturadas; todos os atenienses que estavam nelas e não conseguiram nadar para a terra foram mortos. Algumas das naus capturadas foram rebocadas vazias (uma delas havia sido capturada com a tripulação), mas outras que ainda estavam sendo rebocadas foram tomadas aos peloponésios pelos messênios vindos em socorro dos atenienses, que entraram no mar armados como estavam, embarcaram nas naus e combateram em seus tombadilhos.

91. Nesse setor, então, os peloponésios saíram vitoriosos e puseram fora de ação aquelas naus atenienses; as vinte naus que constituíam a ala direita dos primeiros saíram em perseguição das onze atenienses que, conseguindo escapar ao cerco enquanto os peloponésios manobravam, rumaram para o alto mar. Todas as onze, menos uma, chegaram a Náupactos antes deles, e ancoraram defronte do templo de Apolo com as proas para fora, prontas para a defesa se o inimigo viesse em direção à costa com a intenção de atacá-los. Quando chegaram, os peloponésios estavam cantando o peã, como se já estivessem vitoriosos, e uma nau leucádia, muito à frente das outras, estava perseguindo uma nau ateniense isolada que ficara para trás. Aconteceu, porém, que uma nau mercante estava ancorada em águas profundas; a nau ateniense pôde alcançá-la primeiro e, manobrando em volta dela, investiu de proa contra o flanco da nau leucádia perseguidora, atingiu-a e afundou-a. Diante deste fato inesperado e desconcertante a consternação se apossou dos lacedemônios que, além disto, estavam enganados na perseguição desordenadamente por se considerarem seguros da vitória; em algumas naus os tripulantes baixaram os remos e as fizeram parar, com a intenção de esperar o grosso da frota- um sério erro diante de um inimigo próximo e pronto para atacar, enquanto outras, desconhecedoras daquelas águas, encalharam em baixios.

92. À vista do que estava acontecendo, os atenienses recuperaram a coragem e a uma voz de comando avançaram contra o inimigo aos gritos; os peloponésios haviam cometido tantos erros e estavam naquele momento em tal desordem que, embora tenham resistido por algum tempo, logo deram meia volta e fugiram para Pânormos, de onde haviam partido. Os atenienses os perseguiram e não somente capturaram seis naus peloponésias que estavam mais próximas, mas também recuperaram suas próprias naus

que o inimigo havia posto fora de ação no início do combate perto da costa e ia rebocando; também mataram alguns homens e levaram outros vivos. O lacedemônio Timócrates, que estava a bordo da nau leucádia posta a pique nas proximidades da nau mercante, degolou-se quando viu a sua nau perdida; seu corpo foi levado pelo mar até o porto de Náupactos. Os atenienses então se retiraram vitoriosos e ergueram um troféu no local de onde haviam partido; depois recolheram os seus mortos e os restos das naus destroçadas que foram encalhar em sua costa, entregando ao inimigo mediante trégua o que lhe pertencia. Os peloponésios também ergueram um troféu comemorativo da destruição das naus que haviam posto fora de ação perto da costa. As naus capturadas por eles foram dedicadas aos deuses na Ríon da Acaia, nas proximidades do troféu. Logo após, todos menos os leucádios navegaram sob a proteção da noite até o golfo Criseu e Corinto, com receio dos reforços esperados de Atenas. Não muito tempo depois de sua partida chegaram a Náupactos as vinte naus atenienses vindas da Creta, que deveriam ter-se juntado a Fórmion a tempo para a batalha, e assim terminou o verão.

93. No início do inverno, antes de licenciarem a frota que se retirou para Corinto e o golfo Criseu, Cnemos e Brasidas e os outros comandantes peloponésios, instigados pelos megáricos, quiseram fazer uma investida contra o Pireu, o porto de Atenas, que muito naturalmente não era guardado nem fechado, em face da grande superioridade marítima dos atenienses. Com este objetivo, determinaram que cada marinheiro, levando consigo o seu remo, sua almofada e sua correia[62], deveria ir a pé de Corinto até o mar do lado ateniense e, dirigindo- se o mais depressa possível a Mégara, embarcar nas docas de Niséia em suas quarenta naus que estavam lá; em seguida deveriam navegar diretamente para o Pireu. De fato, não havia no porto naus de guarda, nem se esperava de forma alguma que o inimigo pudesse atacá-lo subitamente, como pretendia, pois ninguém imaginaria tal ousadia de sua parte posta em prática abertamente; mesmo que fosse planejada em segredo, tal iniciativa, na opinião dos atenienses, não deixaria de ser descoberta a tempo. O fato é que, tomada a decisão, os peloponésios puseram-se em ação imediatamente. Chegando a Niséia à noite, embarcaram nas naus e zarparam, mas não diretamente ao Pireu como pretendiam de início, pois estavam amedrontados com a magnitude do risco – dizem que o vento também os impediu – e sim na direção do promontório de Salamina em frente a Mégara, onde havia uma fortaleza e três naus para impedir a entra-

[62] A almofada servia para o remador sentar-se e a correia para prender o remo ao banco.

da ou saída do porto dos megáricos. Assaltaram esse porto, rebocaram as trirremes sem as tripulações e devastaram o resto de Salamina, atacando os habitantes desprevenidos.

94. Nesse ínterim foram acesas tochas sinaleiras para transmitir a notícia do ataque inimigo a Atenas, onde o pânico foi tão grande quanto os maiores desta guerra. Com efeito, os habitantes da cidade pensaram que os peloponésios já haviam entrado no Pireu, e os do Pireu que eles já haviam capturado Salamina e estava quase chegando àquele porto – como de fato poderia ter acontecido facilmente se não tivesse havido hesitação e o vento não houvesse impedido. Ao raiar do dia os atenienses saíram precipitadamente para o Pireu com todas as suas forças, desceram as naus para o mar e, embarcando precipitadamente em grande confusão, navegaram para Salamina, deixando as suas forças de terra para guardar o Pireu. Os peloponésios já haviam percorrido Salamina quase toda, apoderando-se de prisioneiros e bens e das três naus no forte de Budóron, mas quando viram a expedição de socorro que se aproximava embarcaram rapidamente em suas naus e partiram sem perda de tempo para Niséia, Tinham também certo receio quanto às suas próprias naus, que estavam fora d'água havia muito tempo e cuja impermeabilização era deficiente. Chegando a Mégara, retiraram-se a pé para Corinto e os atenienses, não mais os encontrando em Salamina, também navegaram de volta. Depois disto passaram a manter rigorosa vigilância sobre o Pireu, fechando o porto e tomando outras precauções.

95. Na mesma época, no início daquele inverno, o odrísio Sitalces filho de Teres, rei dos trácios, realizou uma expedição contra Perdicas filho de Alexandre, rei da Macedônia, e contra os calcídios da Trácia, com o intuito de obter o cumprimento de uma promessa e de cumprir outra. Realmente, Perdicas, fortemente pressionado no início da guerra, fez uma promessa a Sitalces sob a condição de ele o reconciliar com os atenienses e não trazer de volta seu irmão Filipe, que lhe era hostil, para fazê-lo rei; Perdicas, todavia, não cumpriu o prometido. Por outro lado, Sitalces havia feito um acordo com os atenienses[63], na época em que se aliou a eles, no sentido de pôr termo à sua guerra com os calcídios da Trácia. Por ambas as razões, então, ele iniciou a invasão, levando consigo Amintas filho de Filipe[64] com o obje-

[63] Veja-se o capítulo 29 deste livro.
[64] Filipe havia morrido no intervalo.

tivo de fazê-lo rei dos Macedônios, assim como alguns emissários atenienses que tinham vindo vê-lo a negócios, e Hágnon como comandante, na esperança de que os atenienses enviassem uma frota e tropas tão numerosas quanto lhes fosse possível[65] para a guerra contra os calcídios.

96. Conseqüentemente Sitalces, partindo do território dos odrísios, convocou para a guerra primeiro os trácios sob seu domínio entre as montanhas Hemos[66] e Rodope[67] e o mar – até o Êuxinos e Helespontos; indo além do Hemos, convocou em seguida os getas e todas as outras tribos localizadas ao sul do Íster[68] na direção do mar Êuxinos (os getas e os povos daquela região são não somente vizinhos dos citas, mas também se armam como estes, sendo todos archeiros montados). Convocou ainda muitos montanheses da Trácia, chamados Dios, que são independentes e usam sabres, muitos deles habitantes de Rodope; grande número destes servia mediante salário, enquanto outros vieram como voluntários. Depois recrutou os agriânios, os leeus e todas as outras tribos peônias sob o seu domínio. Esses povos viviam nos limites extremos de seu império, cujas fronteiras se estendiam, na direção dos peônios propriamente ditos (que são independentes), até os peônios leeus e o rio Strímon[69] que corre do monte Scombros através do território dos agriânios e dos leeus. Na direção dos tríbalos, também independentes, a fronteira é habitada pelos treres e tilatianos, que vivem ao norte do monte Scombros e se estendem na direção oeste até o rio Óscios[70]. Este rio tem as suas nascentes nas mesmas montanhas que o Nestos e o Hebros – uma cadeia de montanhas muito extensa e desabitada, adjacente a Rodope.

97. Quanto à sua extensão, o império dos odrísios vai desde o litoral, a partir da cidade de Ábdera, até o mar Êuxinos à altura do rio Íster. Essa faixa litorânea constitui para uma nau mercante, se ela seguir o caminho mais curto e houver vento soprando sempre de popa, uma viagem de quatro dias e igual número de noites; a jornada por terra de Ábdera até o Íster pode ser feita por um homem vigoroso, seguindo a rota mais curta, em onze dias. Esta é a sua extensão pela orla marítima; pelo interior, a distância

[65] Veja-se o capítulo 101 deste livro.
[66] Os atuais Bálcãs.
[67] A atual Despotadegh, na Bulgária.
[68] O atual Danúbio.
[69] O Strímon é o atual Struma, o Oscio o atual Isker, o Nestos o atual Mastra e o Hebros o atual Maritza.
[70] Coincidindo em linhas gerais com a atual Bulgária.

de Bizâncio até os leeus e o rio Strímon – a maior extensão do interior até o mar – pode ser coberta por um homem vigoroso em treze dias. Relativamente aos tributos arrecadados dos territórios bárbaros e de todas as cidades helênicas sob o império de Seutes[71] – que, sucedendo a Sitalces no trono, elevou as rendas ao máximo – seu valor era aproximadamente quatrocentos talentos[72] em moedas, e eram pagos em ouro e prata; presentes de valor igual aos tributos, não somente em ouro e prata, mas também em todos os tipos de estofos bordados e lisos e outros objetos de valor, eram igualmente dados ao rei, e além dele a todos os altos dignitários e nobres odrísios. Seus reis haviam estabelecido um costume contrário ao observado no reino dos persas, ou seja receber ao invés de dar presentes; era mais humilhante para um homem não dar quando lhe pediam, do que pedir e não obter. Tal costume era também vigente entre os outros trácios, mas os reis odrísios, por serem mais poderosos, seguiam-no com mais rigor, a ponto de ser impossível obter qualquer coisa sem dar presentes. Graças a esta prática o reino atingiu um alto grau de poder: na verdade, de todos os reinos na Europa entre o golfo Iônio e o mar Êuxinos, o dos odrísios era o maior em rendas, em dinheiro e prosperidade geral; quanto à força e tamanho, todavia, seu exército era nitidamente inferior ao do reino dos citas. Com estes, efetivamente, não somente as nações européias são incapazes de competir, mas também na Ásia nenhuma nação isolada pode comparar-se com os citas em conjunto. Mas em termos de clarividência e inteligência diante das diversas circunstâncias da vida, os citas não estão no mesmo nível de outras nações.

98. Era esta a extensão dos territórios sobre os quais Sitalces exercia o domínio na época em que preparava o seu exército. Quando tudo estava pronto ele partiu para a Macedônia, marchando primeiro através de seus próprios territórios e depois sobre a desolada cordilheira de Crecine, situada entre os sintos e os peônios; atravessou essas montanhas pela estrada que ele mesmo havia construído anteriormente, quando empreendeu uma expedição contra os peônios, cortando a floresta para abrir uma passagem. No momento em que seu exército cruzava as montanhas, deixando o território dos odrísios, tinha os peônios à direita e à esquerda os sintos e maides; ao chegar ao outro lado estava em Dôberos, na Peônia. Durante a marcha seu

[71] Sobrinho e sucessor de Sitalces; vejam-se o capítulo 101 deste livro e o mesmo capítulo do livro IV.
[72] Cerca de US$ 400.000.

exército nada sofreu, exceto por doença, e até aumentou, pois muitos trácios independentes juntaram-se espontaneamente à expedição, atraídos pela perspectiva de saques; com tais reforços dizem que o total do exército se elevou a cento e cinqüenta mil homens no mínimo, sendo a maior parte de infantaria e cerca de um terço de cavalaria. Os próprios odrísios forneceram o maior contingente de cavalaria, e depois deles o maior número era dos getas; da infantaria, os mais belicosos, armados de espadas, eram de tribos independentes e vinham do monte Rodope; o resto do exército – uma horda heterogênea – era mais temível pelo número que por outra razão qualquer.

99. Aquelas forças estavam então reunidas em Dôberos, preparando-se para cruzar a crista da montanha e descer sobre a baixa Macedônia, cujo rei era Perdicas. A raça macedônia inclui também os lincéstios, os elimiotas e outras tribos das terras altas, as quais, embora aliadas e sujeitas aos macedônios mais próximos, têm seus próprios reis; o território litorâneo, chamado agora Macedônia, foi primeiro conquistado e transformado em reino por Alexandre, pai de Perdicas, e seus antepassados, que eram originariamente temênidas[73] de Argos. Eles derrotaram e expulsaram da Piéria os piérios, que depois passaram a habitar Fagres e outros lugares no sopé do monte Pangeus, além do Strímon (até hoje a região no sopé do monte Pangeus em direção ao mar se chama Vale Piério), e também os botieus da região chamada Botia, atualmente habitantes da região contígua aos calcídios; além disso conquistaram uma estreita faixa da Peônia, que se estende ao longo do rio Áxios[74] do interior até Pela e o mar; na outra margem do Áxios, na remota região cortada pelo Strímon, dominam o território de Migdônia, de onde expulsaram os edônios. Também expulsaram da região agora chamada Eórdia os eórdios, muitos dos quais foram mortos, e de Almopia os álmopes; os poucos sobreviventes estabeleceram uma colônia nos arredores de Fisca. Estes macedônios também conquistaram certos territórios, que ainda dominam, pertencentes a outras tribos (Ântemos, Grestônia e Bisáltia), bem como grande parte da Macedônia propriamente dita. Atualmente este conjunto se chama Macedônia, cujo rei era Perdicas filho de Alexandre quando Sitalces efetuou a invasão.

100. Os macedônios daquela região, incapazes de defender-se contra tão grande exército invasor, retiraram-se para lugares protegidos e fortale-

[73] Da família do heráclida Têmenos, rei de Argos por ocasião da conquista dórica (veja-se Heródoto, VIII, 137).
[74] O atual Vardar.

zas existentes em várias regiões; tais lugares e fortalezas não eram muitos, mas posteriormente Arquêlaos, filho de Perdicas, construiu as que lá se vêem hoje e abriu estradas bem traçadas e de um modo geral organizou o país para a guerra, dotando-o de cavalaria, armas e outros recursos como jamais qualquer dos oito reis que o antecederam havia feito. Nesse ínterim o exército trácio, avançando de Dôberos, invadiu inicialmente o território antes pertencente a Filipe e tomou Idomene de assalto; Gortínia, Atalanta e outros lugares, todavia, capitularam voluntariamente por amizade a Amintas filho de Filipe, que acompanhava Sitalces; também sitiaram Êuropos, mas não conseguiram capturá-la; em seguida avançaram para o resto da Macedônia, a oeste de Pela e Cirros. Não chegaram em seu avanço até a Botia e a Piéria, mas devastaram Migdônia, Grestônia e Ântemos. Os macedônios, de seu lado, não pensaram sequer em defender-se com a infantaria, mas, pedindo reforços de cavalaria a seus aliados no interior, embora fossem poucos contra muitos atacavam o exército trácio onde lhes parecia melhor. Ninguém podia resistir-lhes quando atacavam, pois eram bons cavaleiros e lutavam protegidos por couraças; como, porém, estavam sendo constantemente envolvidos pelas tropas inimigas muito mais numerosas, e ameaçados por hordas cada vez maiores, finalmente desistiram, vendo que não eram suficientemente fortes para suportar aquela esmagadora superioridade numérica.

101. Sitalces então entrou em negociações com Perdicas a respeito dos assuntos que o levaram a empreender a expedição, e como os atenienses (eles não acreditavam na possibilidade de Sitalces vir, embora lhe tivessem mandado presentes e emissários) não houvessem chegado com a frota prometida, despachou parte de seu exército para o território dos calcídios e botieus; lá confinou os habitantes no interior de suas muralhas e devastou-lhes as terras. Enquanto ele estacionava nas vizinhanças daqueles lugares, os povos dos territórios ao sul – os tessálios, os magnésios e outros súditos dos tessálios, e os helenos até as Termópilas – ficaram alarmados ante a possibilidade de serem atacados por Sitalces e começaram a preparar-se para essa eventualidade. O mesmo receio foi sentido pelos trácios habitantes da planície além do Strímon rumo ao norte, ou seja as tribos independentes dos paneus, odomantos, doos e derseus. A presença dele causou também rumores, que se propagaram até os helenos hostis a Atenas, de que os trácios poderiam ser levados pelos atenienses a atacá-los, de acordo com os termos de sua aliança. Ao mesmo tempo Sitalces continuou a devastar simultaneamente a Calcídice, a Botia e a Macedônia. Vendo, porém, que nenhum

dos objetivos iniciais de sua expedição estava sendo alcançado, e que seu exército já não dispunha de víveres e sofria com o inverno, deixou-se persuadir por Seutes filho de Sparádocos, seu sobrinho e o homem mais poderoso depois dele, a regressar imediatamente aos seus domínios. Na realidade, Perdicas havia prometido secretamente a Seutes a mão de sua irmã, além de dinheiro, se conseguisse reconciliá-los. Sitalces deixou-se convencer e, após uma permanência de trinta dias, dos quais oito em Calcídice, retornou sem mais demora ao seu país com o exército; mais tarde Perdicas deu sua irmã Stratonice em casamento a Seutes, de acordo com sua promessa. Assim se desenrolou a expedição de Sitalces.

102. Durante o mesmo inverno, depois da frota peloponésia haver-se dispersado, os atenienses em Náupactos empreenderam uma expedição sob o comando de Fórmion. Primeiro navegaram ao longo da costa em direção a Ástacos e então, desembarcando lá, invadiram o interior da Acarnânia com quatrocentos hoplitas atenienses de suas naus e quatrocentos messênios. Depois de expulsarem de Stratos, Coronta e outros lugares os homens que julgavam desleais e de devolverem a Cines filho de Teôlitos o poder em Coronta, retornaram às suas naus. Parecia-lhes impraticável atacar no inverno Eníadas, única localidade dos acarnânios que lhes era hostil, pois o rio Aqueloos, que nasce no monte Pindos, corre através do território dos dolópios, agreus e anfilóquios, corta a planície acarnânia e passa pela cidade de Stratos entre barrancos altos, e deságua finalmente no mar na altura de Eníadas, cercando a cidade de pântanos, o que torna impossíveis as operações militares ali no inverno por causa da água. A propósito, as ilhas Equínades em sua maioria estão situadas defronte de Eníadas, não muito longe do Aqueloos, de tal forma que o rio, muito largo no local, causa um açoreamento contínuo, a ponto de algumas antigas ilhas já serem parte do continente; o mesmo fenômeno deverá repetir-se com as restantes dentro de algum tempo. De fato, o leito do rio é largo e profundo, suas águas são turvas e as ilhas ficam próximas umas das outras, propiciando a formação de uma espécie de barragem que as interliga sem descontinuidade, pois sua localização é irregular, e não em linha, e isto impede a formação de canais que levem as águas do rio diretamente ao mar aberto. Essas ilhas são desabitadas e não são grandes. Conta-se a respeito delas que quando Alcmêon filho de Anfiaraus andava errante após o assassínio de sua mãe[75], Apolo, através de um oráculo,

[75] Veja-se a nota 190; trata-se de um episódio mítico mencionado detalhadamente por Apolodoro, *Biblioteca,* livro III, capítulo 1, e por Ovídio, *Metamorfoses,* IX, 10.

induziu-o a morar naquela região, dizendo-lhe que não teria alívio de seus sofrimentos enquanto não fosse parar num lugar não visitado pelo sol ao tempo da morte de sua mãe, e que não fizesse parte do mundo de então, pois todo o resto da terra havia sido poluído por ele. Em sua perplexidade, segundo a estória, ele afinal, observando essa ligação causada entre as ilhas pelo Aqueloos, deduziu que durante o período de suas longas caminhadas sem destino desde que matara sua mãe, teria havido um acúmulo suficiente de terra trazida pelo rio para formar um lugar novo onde ele poderia afinal parar. Diante disso, Alcmêon fixou-se na região de Eníadas, fundou uma dinastia e deu ao território o nome de Acarnânia, por causa de seu filho Acarnanos. Esta é a tradição conhecida a respeito de Alcmêon.

103. Os atenienses e Fórmion partiram de volta da Acarnânia e chegaram a Náupactos; mais tarde, no início da primavera, regressaram a Atenas, levando com eles as naus capturadas e também os homens nascidos livres, aprisionados durante a batalha naval, trocados depois com o inimigo na base de homem por homem por prisioneiros atenienses. Assim terminou aquele inverno, e com ele o terceiro ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

LIVRO TERCEIRO

1. Durante o verão seguinte, quando os grãos estavam maduros[1], os peloponésios e seus aliados empreenderam nova expedição contra a Ática, sob o comando de Arquídamos filho de Zeuxídamos, rei dos lacedemônios e, instalando um acampamento lá, puseram-se a devastar as terras. Como de costume a cavalaria ateniense saía para fazer incursões sempre que se oferecia uma oportunidade, impedindo dessa forma a cavalaria ligeira do inimigo de avançar além dos postos de guarda e de devastar os arredores da cidade. Os invasores permaneceram lá enquanto as provisões duraram e depois se retiraram para as respectivas cidades.

2. Imediatamente após a invasão dos peloponésios, Lesbos, à exceção de Métimna, sublevou-se contra Atenas. Os lésbios alimentavam esse desejo desde antes do início da guerra, mas os lacedemônios não os haviam acolhido; mesmo agora foram forçados a sublevar-se mais cedo do que pretendiam. Com efeito, estavam esperando o término dos trabalhos de obstrução de seus portos, da construção de suas muralhas e naus e a chegada do que eles necessitavam do Pontos – archeiros, cereais e outros recursos pedidos. Mas os habitantes de Tênedos, com os quais tinham divergências, e de Métimna (e até alguns mitilênios agindo por conta própria na qualidade de próxenos dos atenienses), foram levados por sua simpatia para com os atenienses a informá-los de que os mitilênios estavam tentando impor a toda Lesbos uma união política em torno de Mitilene, e de que todos os preparativos estavam sendo levados avante, em conexão com os lacedemônios e os beócios (ligados a eles por laços étnicos), com o propósito de revoltar-se; acrescentaram que se alguém não os impedisse de prosseguir, os atenienses perderiam Lesbos.

3. Os atenienses, desalentados com a peste e com a guerra deflagrada havia pouco tempo, mas já em seu auge, consideraram um problema muito sério estender a guerra a Lesbos, detentora de uma frota e forças ainda intactas; por isso não acolheram a princípio as acusações, dando um peso maior ao desejo de que elas não fossem verdadeiras. Mas como os emissários por eles mandados não conseguiram persuadir os mitilênios a desistir

[1] Em 428 a.C.

de seus preparativos para o estabelecimento da união política, ficaram alarmados e quiseram impedir o seu prosseguimento. Despacharam imediatamente quarenta naus que, por coincidência, estavam prontas para a ronda do Peloponeso, sob o comando de Cleipides filho de Dínias e outros dois, pois chegara a seu conhecimento que havia uma festa de Apolo Maloeis[2] nos arredores da cidade, celebrada em massa pelos mitilênios, e que haveria possibilidades de apanhá-los de surpresa se se apressassem. Se a tentativa fosse bem-sucedida, nada melhor; se não fosse, os comandantes deveriam ordenar aos mitilênios que lhes entregassem suas naus e demolissem suas muralhas; se não obedecessem, deveriam atacá-los. Assim partiram as naus e, como havia casualmente em Atenas naquela ocasião dez trirremes mitilênias em serviços auxiliares de acordo com os termos da aliança, os atenienses as retiveram, pondo as tripulações sob custódia. Os mitilênios, porém, souberam da expedição por intermédio de um viajante que saíra de Atenas para a Eubéia e de lá seguira por terra para Geréston e, encontrando uma nau mercante pronta para partir, embarcou nela e chegou a Mitilene três dias depois de sair de Atenas. Naquelas circunstâncias os mitilênios não somente desistiram de ir ao templo de Apolo Maloeis, mas também construíram barricadas para proteger as partes semi-terminadas das muralhas e das obras de defesa dos portos, e ficaram de guarda.

4. Quando não muito tempo depois os atenienses chegaram e tomaram conhecimento da situação, seus comandantes transmitiram as ordens e, como os mitilênios não lhes deram ouvidos, iniciaram as hostilidades. Os mitilênios, despreparados para a guerra e compelidos a entrar nela sem declaração prévia, simplesmente navegaram para fora do porto até certa distância, como se fossem combater; quando, porém, foram forçados pelas naus atenienses a reaproximar-se de terra, demonstraram logo aos comandantes sua disposição de negociar, desejando, se possível, obter condições de algum modo favoráveis e, assim, livrar-se da frota naquele momento. Os comandantes atenienses aceitaram suas propostas, receosos de que suas forças não fossem suficientes para irem à guerra contra toda Lesbos. Então os mitilênios, tendo concluído um armistício, enviaram emissários a Atenas, entre os quais estava um dos informantes, agora arrependido, na esperança de poder persuadi-la a chamar de volta a sua frota, mediante promessa de que não iniciariam uma rebelião. Ao mesmo tempo mandaram emissários à

[2] Isto é Apolo deus de Maléia, o local ao norte da cidade onde havia um templo do deus.

Lacedemônia em uma trirreme, que iludiu a frota ateniense permanecendo ancorada em Maléia, ao norte da cidade, pois não confiavam no sucesso de suas negociações com os atenienses. Esses enviados, chegando à Lacedemônia após uma difícil viagem por mar aberto, começaram logo a negociar alguma ajuda para seus concidadãos.

5. Os emissários enviados a Atenas voltaram sem haver conseguido resultado algum, e os mitilênios e o resto de Lesbos, exceto Métimna, iniciaram a guerra; os metímnios apoiaram os atenienses, e o mesmo fizeram os ímbrios, os lêmnios e outros poucos aliados. Os mitilênios realizaram uma incursão com toda a sua frota contra o acampamento dos atenienses, e houve uma batalha na qual levaram vantagem; apesar disso não tiveram confiança bastante em si mesmos para acampar no local e se retiraram. Daí em diante permaneceram na expectativa, relutando em arriscar-se sem os reforços esperados do Peloponeso e de outras partes. Os mitilênios contavam com tais reforços, pois estavam entre eles o lacônio Meléas e o tebano Hermeondas, enviados por suas cidades antes da rebelião; não tendo podido vir antes da expedição ateniense, chegaram em segredo em uma trirreme após a batalha, e agora pediam que mandassem outra e alguns emissários para acompanhá-los. E isto foi feito.

6. Nesse ínterim, os atenienses, muito encorajados com a inatividade dos mitilênios, convocaram seus aliados, que começaram a apresentar-se ainda mais depressa por verem que nenhuma medida enérgica estava sendo tomada pelos lésbios. Ancoraram também suas naus em volta da parte sul da cidade e bloquearam ambos os portos. Com estas medidas privaram os mitilênios do uso do mar, quanto à terra, estes e os outros lésbios recém-chegados para ajudá-los dominavam toda a ilha, exceto a estreita faixa ocupada pelos atenienses nas imediações de seu acampamento, que em vez deste preferiam usar Maléia como base para suas naus e para receber suprimentos. Assim se desenrolavam as operações de guerra em Mitilene.

7. Aproximadamente na mesma época daquele verão os atenienses enviaram para rondar o Peloponeso trinta naus sob o comando de Asópios filho de Fórmion, pois os acarnânios lhes haviam pedido para mandar-lhes como comandante um filho ou outro parente de Fórmion. De passagem as naus devastaram a costa da Lacônia. Em seguida Asópios mandou a maior parte das naus de volta, levando doze consigo ao chegar a Náupactos. Mais

tarde, convocando tropas acarnânias em massa, fez uma expedição contra Eníadas, entrando com as naus pelo rio Aqueloos, enquanto suas tropas de terra devastavam a região. Não tendo atingido o seu objetivo, dispensou suas tropas, mas navegou para Lêucade e fez uma incursão contra Néricos. Regressando de Néricos, ele e parte de suas tropas pereceram nas mãos dos habitantes da região, que acorreram em defesa da mesma, e de alguns soldados da guarnição local. Os atenienses voltaram primeiro ao mar, mas depois recuperaram seus mortos das mãos dos leucádios mediante trégua.

8. Ao mesmo tempo os emissários mitilênios despachados na primeira nau, ouvindo dos lacedemônios que deveriam apresentar-se em Olímpia para que todos os membros da aliança pudessem tomar conhecimento de suas razões e deliberar, chegaram àquela cidade. Lá se disputava a Olimpíada em que o ródio Dorieus[3] obteve sua segunda vitória. Após o festival os peloponésios se reuniram e os emissários assim falaram:

9. "Lacedemônios e aliados: conhecemos os sentimentos tradicionais dos helenos em relação àqueles que se rebelam em tempo de guerra e abandonam suas alianças anteriores; os que os aceitam como aliados ficam satisfeitos com eles na medida em que obtêm vantagens com isso, mas os vêem como traidores de seus amigos de antes e, portanto, fazem deles a pior idéia. Essa apreciação não seria injusta se os rebelados e aqueles de quem eles se separaram tivessem os mesmos pontos de vista políticos, se fossem movidos pelo mesmo sentimento de boa vontade recíproca, se estivessem em pé de igualdade nos preparativos para a guerra e em termos de poder, e se não houvesse uma justificativa razoável para a defecção. Mas isso não ocorria entre nós e os atenienses, e portanto ninguém deve fazer de nós tal idéia, no pressuposto de que fomos honrados por eles em tempo de paz e agora os deixamos na hora do perigo.

10. "Discutiremos primeiro a questão de justiça e probidade, especialmente por estarmos procurando uma aliança, pois sabemos que nem a amizade entre os homens é sólida, nem a união entre cidades resulta em algo de concreto se aqueles e estas não se conduzem com probidade recíproca e se

[3] Dorieus, filho de Diágoras, foi vencedor três vezes sucessivas nas Olimpíadas (veja-se Pausânias, VI, 7) e em muitas outras competições; combateu em Decêleia ao lado dos espartanos (vejam-se o capítulo 35 do livro VIII, e Xenofonte, *Helênicas,* I, 1) e foi capturado pelos atenienses mas, por causa de sua fama como atleta, foi solto sem resgate (Xenofonte, obra citada, I, 5 e Pausânias, VI, 7).

não têm uma só maneira de pensar em relação aos demais aspectos; da diversidade de opiniões nascem as divergências de conduta.

"A aliança entre nós e os atenienses foi feita inicialmente quando vos retirastes da guerra com os persas e eles continuaram para terminar a missão. Tornamo-nos aliados, portanto, não dos atenienses para a escravização dos demais helenos, mas dos helenos para libertá-los dos persas. Enquanto eles mantiveram sua hegemonia em termos de igualdade, seguimo-los delicadamente, mas quando os vimos negligentes nas hostilidades contra os persas e ansiosos por escravizar os aliados, passamos a sentir-nos apreensivos. Incapazes de unir-se em defesa própria por causa do grande número de votantes, todos os aliados foram escravizados, à exceção de nós mesmos e dos quianos; nós, sendo independentes e, ao menos no nome, ainda livres, prosseguimos combatendo ao lado deles. Já não podíamos, todavia, confiar nos comandantes atenienses diante dos exemplos recentes, pois muito provavelmente eles, depois de subjugarem outros povos aos quais estavam ligados pela mesma convenção que nos unia, fariam a mesma coisa com os restantes se a qualquer momento se sentissem capazes disto.

11. "Se todos tivéssemos permanecido independentes, teríamos mais segurança de que eles não fariam mudanças violentas em nossa condição de aliados; tendo, porém, subjugado a maior parte destes, enquanto só nós estávamos em pé de igualdade com eles, naturalmente achariam incômodo que apenas nós estivéssemos naquelas condições, em contraste com a maioria já submetida, principalmente se considerarmos que se estavam tornando mais poderosos à proporção que íamos ficando mais isolados. Na realidade, somente o respeito decorrente da igualdade de forças constitui base firme para uma aliança, pois o eventual transgressor recua diante do sentimento de que não tem superioridade bastante para atacar. Não respeitaram a nossa independência senão por lhes ter parecido evidente que, visando ao império, conseguiriam mais facilmente a supremacia com belas palavras e golpes astuciosos de política do que com golpes de força. Com efeito, de um lado tiveram como evidência a seu favor o fato de que certamente os aliados em pé de igualdade com eles nunca teriam tomado parte em suas campanhas se os atacantes não fossem culpados de alguma injustiça; de outro lado, também usaram primeiro os recursos unidos dos mais fortes contra os menos poderosos, e deixando os mais fortes para o fim, calcularam que os achariam enfraquecidos quando todos os outros houvessem caído. Se tivessem começado por nós, já que todos os aliados estariam não somen-

te mais fortes por si mesmos, mas também teriam um comandante em torno do qual poderiam agrupar-se, não teriam podido impor o seu domínio com a mesma facilidade. Além disso, nossa frota lhes causava um certo temor, diante da possibilidade de um dia vir a ser ainda maior mediante a união com a vossa ou com outra, a ponto de ameaçá-los. De certo modo devemos também a salvação às nossas deferências para com o povo ateniense e seus sucessivos chefes políticos, mas não poderíamos ter esperanças de sobreviver por muito tempo, se é lícito tirar ilações de sua conduta em relação aos outros aliados, na hipótese desta guerra não ter começado.

12. "Que garantia poderia oferecer-nos uma amizade, ou a liberdade, numa situação em que mantínhamos relações a contragosto, em que eles nos cortejavam por temor em tempo de guerra, enquanto nós os tratávamos como em tempo de paz? A boa fé, que em muitos casos se torna mais sólida se junta à boa vontade, em nosso caso era assegurada pelo temor, e nossa aliança se mantinha mais por receios que por amizade; qualquer um de nós que se tornava mais ousado graças a um certo sentimento de segurança, era o primeiro a cometer alguma transgressão. Estará completamente errado, portanto, quem pensar que apenas por eles haverem adiado as medidas que temíamos, fomos injustos ao revoltar-nos primeiro, sem esperar até estarmos inteiramente seguros de que nossas suspeitas se materializariam. Se estivéssemos em posição de enfrentar suas maquinações em igualdade de condições, seria cabível de nossa parte adiar também nossa iniciativa contra eles, mas uma vez que o poder de ataque está sempre nas mãos deles, devemos ter o direito de agir a tempo em nossa própria defesa.

13. "Estes foram os motivos e razões, lacedemônios e aliados, que nos levaram à revolta, e eles são bastante claros para convencer a todos que nos ouvem de que tivemos bons fundamentos para nossa atitude, e bastante sérios para alarmar-nos e compelir-nos a reforçar nossos meios de segurança. Há muito tempo vimos querendo fazer o que estamos fazendo agora; ainda estáveis em paz quando vos mandamos emissários para dizer-vos que pretendíamos rebelar-nos, mas fomos impedidos de prosseguir porque não nos recebestes. Agora, porém, que os beócios nos convidaram, respondemos prontamente. Nossa intenção era efetuar ao mesmo tempo uma dupla retirada: da confederação com os helenos[4], contribuindo assim para não mais os maltratar juntamente com os atenienses, e sim para libertá-los, e da

[4] Da confederação délia.

aliança com os atenienses para destrui-los primeiro em vez de ser destruídos por eles depois. Nossa rebelião, todavia, começou prematuramente e sem preparação; esta é mais uma razão para sermos acolhidos por vós como aliados e recebermos de vós ajuda rápida, a fim de que todos os homens possam ver que protegeis aqueles aos quais deveis proteção, e ao mesmo tempo prejudicais o inimigo. Esta é uma oportunidade como jamais houve antes, pois os atenienses estão arruinados pela peste e por enormes gastos. Parte de sua frota está rondando vosso litoral e parte está ameaçando o nosso; não é provável, portanto, que tenham naus disponíveis se fordes atacá-los pela segunda vez no curso deste verão tanto por terra quanto por mar; eles não resistirão quando os atacardes com vossas naus, ou terão de retirar suas frotas tanto de nossas águas quanto das vossas. Ninguém deve pensar que estará correndo por nossa causa risco próprio em defesa de terra alheia. Embora possa parecer-vos que Lesbos fica muito longe, as vantagens que ela vos pode proporcionar tocam-vos de perto. Na verdade, a guerra não será decidida na Ática, como alguns pensam, mas nas cidades das quais a Ática recebe os seus recursos. Suas rendas vêm de seus aliados e serão ainda maiores se ela nos dominar, pois neste caso não somente nenhum outro membro da aliança se rebelará como também nossos recursos serão somados aos dela, e seremos tratados com rigor maior que seus escravos de longa data. Se obtivermos o vosso apoio enérgico, estareis acrescentando à vossa liga um aliado detentor de uma grande frota, de que muito necessitais, e achareis mais fácil derrotar os atenienses tirando-lhes os aliados – pois cada um deles se sentirá encorajado a passar para o vosso lado – e vos livrareis da censura que vos é feita até hoje, de recusar ajuda àqueles que se revoltam contra os atenienses. Se aparecerdes abertamente como libertadores, vossa vitória na guerra será mais certa.

14. "Respeitando as esperanças que os helenos depositam em vós, e também Zeus Olímpico, em cujo templo estamos agora como suplicantes, socorrei os mitilênios tornando-os aliados; não nos abandoneis quando pomos em jogo nossas vidas num risco só nosso, mas que trará a todos um grande benefício se formos bem-sucedidos, e malefícios gerais ainda maiores se fracassarmos por causa de vossa omissão. Agi de conformidade com vosso conceito entre os helenos e com o clamor de nossa angústia."

15. Assim falaram os mitilênios. Os lacedemônios e seus aliados, depois de ouvi-los, aceitaram suas propostas e acolheram os lésbios em sua

aliança. Os aliados presentes receberam instruções para se reunirem o mais depressa possível no istmo com dois terços[5] de suas forças, com o objetivo de empreenderem a invasão da Ática; os próprios lacedemônios foram os primeiros a chegar e começaram a construir no istmo mecanismos de suspensão para transferir as naus de Corinto para o mar do lado ateniense, com o objetivo de atacar Atenas por mar e por terra. Trabalharam com afinco nessas tarefas, mas os aliados restantes foram chegando lentamente, pois estavam ocupados na colheita em seus campos e cansados da guerra.

16. Ao mesmo tempo os atenienses, percebendo que o inimigo ao preparar-se para atacá-los dava a impressão de os considerar fracos, e querendo mostrar-lhe que não estava calculando corretamente, pois poderiam enfrentar facilmente a nova expedição vinda do Peloponeso sem deslocar a frota de Lesbos, tripularam cem naus com cidadãos (exceto os da ordem dos cavaleiros e os mais ricos) e residentes estrangeiros[6]. Começando a viagem, exibiram a sua força ao longo da costa do istmo e desceram à terra no Peloponeso tantas vezes quantas quiseram. Quando os lacedemônios perceberam a precariedade de sua estimativa, concluíram que os lésbios não haviam falado a verdade e, tendo em vista que seus aliados ainda não haviam chegado e que, segundo notícias recebidas, as trinta naus que rondavam o Peloponeso[7] estavam devastando várias regiões de seu país, consideraram a expedição inviável e voltaram. Mais tarde[8] todavia, prepararam uma frota a ser despachada para Lesbos e mandaram instruções aos aliados para contribuírem com quarenta naus, nomeando Alcidas para seguir como comandante da frota. Os atenienses, vendo o inimigo retirar-se, voltaram também com suas cem naus.

17. Na ocasião em que essas naus estavam no mar, encontrava-se em serviço o maior número de naus jamais movimentado pelos atenienses, em comparação com o que tinham no início da guerra, ultrapassando o total de então. Com efeito, cem naus estavam guardando a Ática, a Eubéia e Salamina, e outras cem estavam rondando o Peloponeso, além daquelas em Potidéia e

[5] Veja-se o livro II, capítulo 10.
[6] Os cavaleiros constituíam a classe abastada em Atenas e outras cidades gregas; os mais ricos (literalmente "os que tinham, ou produziam, mais de 500 mêdimnos" de grãos, eram os grandes contribuintes para as despesas de guerra. O mêdimno corresponde a 51,8 litros aproximadamente.)
[7] Veja-se o capítulo 7 deste livro.
[8] Vejam-se os capítulos 25 e 26 deste livro.

em outros lugares, de tal maneira que o número de naus em serviço simultaneamente em um só verão era de duzentas e cinqüenta ao todo. Foi este esforço, juntamente com o cerco de Potidéia, que exauriu os seus recursos em dinheiro, pois em Potidéia cada hoplita recebia um soldo de dois dracmas[9] por dia, um para si mesmo e outro para seu auxiliar; no princípio havia lá três mil hoplitas, e o número nunca foi menor ao longo de todo o cerco, além dos mil e seiscentos que vieram com Fórmion, mas foram embora antes do fim do cerco; os marinheiros nas naus recebiam soldo igual ao dos hoplitas. Conseqüentemente os seus recursos começaram a esgotar-se, e este foi o maior número de naus tripuladas por eles.

18. Enquanto os lacedemônios estavam no istmo, os mitilênios e seus auxiliares[10] marcharam contra Métimna, que supunham prestes a cair em suas mãos por traição; atacaram a cidade, mas, vendo que sua tentativa não estava sendo bem-sucedida, conforme esperavam, foram para Ântissa, Pirra e Éresos, e depois de firmar sua situação naquelas cidades e de reforçar-lhes as muralhas voltaram apressadamente para Mitilene. Logo que eles se retiraram os metímnios, por seu turno, realizaram uma expedição contra Ântissa, mas os habitantes desta e suas tropas auxiliares fizeram uma incursão na qual os metímnios foram derrotados e muitos deles foram mortos, levando os demais a se retirarem precipitadamente. Quando os atenienses souberam que os mitilênios se haviam tornado senhores daquela região e que seus soldados não eram suficientemente numerosos para forçá-los a ficar no interior das muralhas, mandaram para lá no início do outono Paques filho de Epicuros no comando de mil hoplitas atenienses, que também serviam como remadores. Quando chegaram a Mitilene, cercaram-na com uma muralha simples intercalada de torreões em algumas posições estratégicas; desta forma Mitilene ficou afinal completamente isolada por mar e por terra, exatamente no início daquele inverno.

19. Naquela ocasião os atenienses, sentindo necessidade de recursos adicionais para o cerco, instituíram pela primeira vez um imposto sobre seus próprios bens imóveis, no montante de duzentos talentos[10a], e também expediram doze naus sob o comando de Lísicles e outras quatro para coletar tributos entre os aliados. Lísicles viajou e coletou dinheiro em várias

[9] Aproximadamente 34 centavos de dólar.
[10] Mercenários estrangeiros; veja-se o capítulo 2 deste livro.
[10a] Cerca de US$ 200.000.

cidades mas, em sua marcha pelo interior a partir de Mios, na Cária, através da planície do rio Mêandros, logo após a colina de Sândios, foi atacado e morto pelos cários e aneitanos com a maior parte de suas tropas.

20. Durante o mesmo inverno os plateus, que ainda estavam sitiados pelos peloponésios e beócios, começaram a desesperar diante da falta de víveres, e como não havia esperança de ajuda de Atenas nem quaisquer outros meios de salvação à vista, juntamente com os atenienses também sitiados resolveram deixar a cidade e escalar as muralhas inimigas, se pudessem forçar a passagem. A tentativa lhes foi sugerida por Teênetos filho de Tolmides, um adivinho, e Eupômpidas filho de Daímacos, um dos comandantes. De início todos deveriam participar, mas depois a metade deles perdeu o ânimo, considerando o risco muito grande, e somente cerca de duzentos e vinte voluntários insistiram em tentar a saída, realizada do modo descrito a seguir. Fizeram escadas de altura igual à das muralhas inimigas, obtendo a medida por meio da contagem das camadas de tijolos, num ponto em que a muralha do lado que dava para Platéia não havia sido revestida com argamassa. Muitos deles contaram os tijolos ao mesmo tempo, e enquanto alguns admitiam ter cometido erros de contagem, a maioria presumia ter feito o cálculo certo, principalmente por haver contado várias vezes e, além disso, pelo fato de a distância ser pequena e por estar bem visível a parte da muralha que lhes interessava. Assim obtiveram a medida das escadas, baseados na espessura dos tijolos.

21. A muralha dos peloponésios se compunha de duas seções, a interna olhando para Platéia e a externa servindo de proteção contra eventuais ataques vindos de Atenas, e os dois círculos distavam cerca de dezesseis pés[10b] um do outro. Esse intervalo foi dividido durante a construção em compartimentos destinados aos guardas, e a estrutura toda era contínua, de modo a parecer uma só muralha larga dotada de ameias dos dois lados. A cada dez ameias havia torreões da mesma largura das muralhas, indo da face externa à interna, de tal forma que não havia passagem pelos lados dos torreões, devendo os guardas circular pelo meio deles. À noite, quando o tempo estava chuvoso, os guardas deixavam as ameias e ficavam a postos nos torreões, que não distavam muito uns dos outros e eram cobertos. Essas eram as muralhas que mantinham os plateus sitiados.

[10b] Cerca de 4,80 m.

22. Concluídos os preparativos, os plateus ficaram aguardando uma noite tempestuosa, com chuva e vento e sem lua, e no momento oportuno saíram, comandados pelos autores da idéia. Primeiro cruzaram o fosso que circundava a cidade, atingindo o pé da muralha inimiga sem serem notados pelos guardas, que nada podiam ver na escuridão total, nem ouvir, porque o silvo do vento diluía o ruído de sua marcha; além disto, mantinham uma boa distância entre si enquanto avançavam, a fim de que suas armas não se chocassem, alertando os guardas. Para não escorregarem na lama levavam somente armas ligeiras e só usavam sandália em um dos pés. Dessa forma chegaram às ameias no intervalo entre dois torreões, sabendo que as mesmas estavam desertas. Primeiro vieram os homens com as escadas, e as puseram contra a muralha; depois chegaram doze homens com armas leves (somente um punhal e uma couraça ligeira), que começaram a subir as escadas; estavam sob o comando de Améias filho de Côrebos, que foi o primeiro a subir, e depois dele subiram os seus seguidores, indo seis homens contra cada um dos dois torreões adjacentes. Depois deles vieram mais tropas ligeiras armadas com sabres, seguidas por outro grupo que lhes transportava os escudos para que os da frente pudessem avançar mais facilmente (os escudos deveriam ser-lhes entregues quando estivessem próximos do inimigo). Quando muitos já haviam subido as sentinelas dos torreões se aperceberam de sua presença, pois um dos plateus, para firmar-se nas ameias, deslocou uma telha que caiu ruidosamente. Houve imediatamente o alarme e a guarnição acorreu às muralhas, sem saber qual era o perigo no meio da noite escura e tempestuosa; ao mesmo tempo os plateus que haviam ficado para trás na cidade saíram e atacaram as muralhas dos peloponésios do lado oposto àquele que seus companheiros estavam escalando, para distrair tanto quanto possível a atenção. As sentinelas permaneceram em seus postos, embora excitadas, nenhuma delas se atrevendo a afastar-se e prestar ajuda, e todas tomadas da maior perplexidade tentando conjecturar o que se passava. Além disto, os trezentos soldados designados para prestar auxílio onde quer que fosse necessário, avançaram para fora em direção à gritaria, e tochas indicando perigo vindo do inimigo foram acesas na direção de Tebas. Mas os plateus na cidade acenderam simultaneamente em suas muralhas muitas tochas, preparadas com antecipação para essa eventualidade, de modo a tornar os sinais inimigos ininteligíveis aos tebanos, induzindo-os a pensar que a situação fosse diferente da que realmente se desenrolava e, portanto, retardando a ajuda até a consumação da retirada dos plateus em fuga e sua chegada a lugar seguro.

23. Nesse ínterim os plateus mais avançados que estavam escalando as muralhas chegaram ao topo, mataram os guardas e se apoderaram dos torreões, tomaram posição no interior dos mesmos e ficaram de guarda nas passagens, para que ninguém pudesse vir contra eles através delas. Em seguida colocaram as escadas encostadas nas paredes dos torreões a partir do topo das muralhas, fizeram subir muitos homens e mantiveram o inimigo afastado, lançando dardos contra eles de cima para baixo. Ao mesmo tempo os outros (o grupo principal) colocavam numerosas escadas e destruíam as ameias, transpondo a muralha entre os torreões. Cada um que descia parava na borda do fosso e de lá atirava dardos contra qualquer inimigo que tentava aproximar-se ao longo da muralha e interferir na operação. Quando todos haviam chegado ao outro lado, os homens que estavam dominando os torreões (os últimos deles desceram com dificuldade) dirigiram-se ao fosso; naquele momento os trezentos lançaram-se sobre eles portando tochas. Os plateus, como estavam na borda do fosso, podiam enxergá-los melhor na escuridão, e continuaram disparando flechas e lançando dardos sobre seus flancos descobertos, enquanto eles mesmos, estando na penumbra, não ficavam muito visíveis apesar das tochas do inimigo. Assim os plateus transpuseram a muralha até o último deles, embora com dificuldade e após árdua luta; com efeito, acumulara-se no fosso alguma neve, mas pouco espessa para que se pudesse caminhar sobre ela, e em fusão, como acontece quando o vento sopra do leste em vez do norte; e como desde o início da noite o vento que soprava daquela direção trazia alguma neve, a água se havia acumulado em tal quantidade no fosso que eles mal podiam manter as cabeças de fora ao cruzá-lo. Mas afinal foi a violência da tormenta que lhes permitiu escapar.

24. Partindo do fosso os plateus avançaram agrupados ao longo da estrada em direção a Tebas, tendo à esquerda o santuário do herói Andrócrates, pois pensaram que ninguém jamais suspeitaria de que eles seguiriam aquela rota, no rumo de seus inimigos; além disto, viram os peloponésios com tochas nas mãos, saindo em sua perseguição pela estrada em direção a Citéron e Driocéfale, ou seja a estrada para Atenas. Por seis ou sete estádios os plateus continuaram marchando pela estrada que leva a Tebas, e só então entraram por outra em direção a Eritra e Hísias, por onde atingiram as montanhas e escaparam para Atenas. Eram somente duzentos e doze homens de um grupo maior, pois alguns haviam desistido e regressado à cidade sem escalar a muralha, e um deles, archeiro, foi alcançado no fosso exterior. Os peloponésios

desistiram da perseguição logo depois e voltaram a seus postos. Os plateus que ficaram na cidade, desconhecendo os acontecimentos e informados pelos desistentes de que nenhum havia sobrevivido, mandaram um arauto ao romper do dia e pediram uma trégua para recolher os seus mortos, mas tomando conhecimento da verdade, desistiram. Da maneira acima descrita os plateus transpuseram as muralhas e se salvaram[11].

25. No fim do mesmo inverno o lacedemônio Sáletos foi mandado em uma trirreme da Lacedemônia para Mitilene. Desembarcando em Pirra e prosseguindo a pé, marchou pelo fundo de uma ravina por onde a muralha em volta da cidade poderia ser atravessada e chegou a Mitilene sem ser notado. Disse aos magistrados que a Ática seria invadida e que as quarenta naus estavam vindo simultaneamente para ajudar a cidade, acrescentando que tinha sido mandado na frente para fazer essa comunicação e também para cuidar dos demais assuntos. Diante disto os mitilênios readquiriram a coragem e ficaram ainda menos inclinados a fazer um acordo com os atenienses. Assim terminou o inverno e com ele o quarto ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

26. Durante o verão seguinte os peloponésios despacharam primeiro as quarenta naus prometidas a Mitilene, nomeando para comandá-las Alcidas, almirante lacedemônio, e em seguida invadiram a Ática, para que os atenienses, ameaçados por mar e por terra, se sentissem menos dispostos a mandar atacar a frota a caminho de Mitilene. O comandante dessa invasão era Cleômenes, regente por seu sobrinho Pausânias filho de Plistoânax, que era rei mas ainda menor. Devastaram as regiões da Ática já arrasadas anteriormente, onde quer que as culturas houvessem sido renovadas, e também as deixadas intactas nas invasões precedentes. Esta invasão foi mais penosa para os atenienses que qualquer outra, exceto a segunda[12], pois as tropas inimigas continuaram devastando a maior parte da Ática enquanto esperavam a qualquer momento notícias de Lesbos a propósito de algum feito de sua frota, que supunham haver chegado ao destino. Quando perceberam que nada se estava passando como esperavam e seus víveres se haviam exaurido, retiraram-se e se dispersaram por suas respectivas cidades.

---

[11] O destino da cidade e dos plateus que lá ficaram é descrito nos capítulos 52 e 68 deste livro.
[12] Veja-se o livro II, capítulo 57.

27. Ao mesmo tempo os mitilênios, vendo que a frota ao invés de chegar diretamente do Peloponeso estava detendo-se pelo caminho, e que seus víveres chegavam ao fim, foram compelidos a negociar com os atenienses pelas circunstâncias expostas a seguir. Sáletos, que também já não contava com a vinda da frota, forneceu ao povo armamento pesado, em vez das armas ligeiras de antes, com o intuito de atacar os atenienses; os habitantes, porém, vendo-se armados, ao invés de obedecer aos comandantes, passaram a agrupar-se e mandaram os aristocratas trazer para fora todos os víveres disponíveis e distribuí-los entre toda a população; se assim não fosse feito, disseram eles, concluiriam um acordo com os atenienses por conta própria e lhes entregariam a cidade.

28. Nessas circunstâncias as autoridades, compreendendo que não poderiam evitar a consumação da ameaça e que correriam perigo se fossem excluídas da capitulação, juntaram-se ao povo para chegar a um acordo com Paques e suas tropas; segundo o acordo, os atenienses teriam o poder de decidir como quisessem acerca do destino dos mitilênios, e as tropas sitiantes entrariam na cidade; os mitilênios obtiveram a concessão de enviar uma embaixada a Atenas para negociar os termos finais do acordo, e segurança de que até o regresso da embaixada Paques não prenderia, não escravizaria nem mataria qualquer mitilênio. Os mitilênios mais envolvidos no conluio com os lacedemônios, todavia, mostraram-se muito apreensivos quando as tropas entraram na cidade; não puderam ficar quietos e, apesar do acordo, foram sentar-se ao pé dos altares como suplicantes. Paques induziu-os a levantar-se, prometendo que não lhes faria mal, e os transferiu para Tênedos até haver uma decisão dos atenienses a respeito. Mandou também trirremes a Ântissa e se apoderou da cidade, tomando em relação às tropas as providências mais adequadas em sua opinião.

29. Os peloponésios das quarenta naus, que deveriam ter chegado o mais depressa possível a Mitilene, perderam tempo em sua viagem em volta do Peloponeso e fizeram vagarosamente o resto do percurso, não sendo notados pelos atenienses até chegarem a Delos; depois de deixarem esta cidade, de passagem por Ícaros e Míconos receberam as primeiras notícias da tomada de Mitilene. Desejosos de conhecer exatamente a situação, navegaram para Êmbatos, na Eritréia; chegando lá, sete dias já haviam passado desde a captura de Mitilene. Informados da realidade, deliberaram a propósito daquela situação, e o eleu Teutíaplos assim falou:

30. "Alcidas e todos vós que, como eu, estais presentes na qualidade de comandantes das forças peloponésias! Já que estamos aqui, parece-me que deveremos navegar para Mitilene antes de perceberem nossa aproximação. Muito provavelmente aqueles homens, há tão pouco tempo de posse da cidade, mantêm uma vigilância frouxa sobre a mesma. Isto se aplica certamente a uma aproximação pelo mar, por onde não podem esperar qualquer ataque inimigo, e portanto nossa audácia será melhor sucedida; por terra também provavelmente suas forças estarão dispersas entre as casas da cidade, ainda mais descuidosas por se considerarem vencedoras. Se, então, cairmos subitamente sobre eles, principalmente à noite, creio que, entrosados com nossos partidários de lá (se ainda restarem alguns), poderemos tornar-nos senhores da situação. Não devemos recusar-nos a enfrentar o perigo, tendo em vista que o fator surpresa na guerra consiste exatamente nisto. O comandante que, guardando-se contra tais surpresas em seu próprio caso, discerne as oportunidades para aproveitar-se delas contra o inimigo, obtém o maior sucesso".

31. Assim ele falou, mas não convenceu Alcidas. Outros exilados da Iônia e os lésbios integrantes da frota, aconselharam-no, já que ele temia aquele risco, a apoderar-se de uma das cidades da Iônia, ou de Cime, na Eólida, com o objetivo de lhes proporcionar um local para instalação de sua base, a partir da qual pudessem levar a Iônia a rebelar-se (havia esperanças de sucesso, pois sua chegada agradou a todos), e assim tirar dos atenienses essa grande fonte de renda, levando-os ao mesmo tempo a fazer maiores despesas no caso de tentarem bloquear a base. Pensaram também que poderiam persuadir Pissutnes a juntar-se a eles na guerra. Alcidas não aceitou tampouco essas propostas, e só tinha uma idéia, já que chegara atrasado a Mitilene: regressar ao Peloponeso o mais depressa possível.

32. Zarpou em seguida para Êmbatos, navegando ao longo da costa, e ancorando em Miônesos, no território dos teios, executou a maior parte dos prisioneiros feitos durante a expedição. Depois ancorou em Éfesos, onde foi visitado por emissários dos sâmios estabelecidos em Anéia[13]; disseram-lhe que sua maneira de libertar a Hélade nada tinha de nobre, pois estava eliminando homens que não haviam levantado as mãos contra ele nem eram seus inimigos, mas simplesmente aliados dos atenienses sob

[13] No capítulo 19 deste livro estes sâmios são chamados aneitanos.

compulsão; se não se abstivesse de agir assim, conseguiria a amizade de uns poucos inimigos, mas transformaria um número muito maior de amigos em inimigos. Alcidas se deixou convencer e libertou todos os quianos ainda em seu poder e alguns outros. A propósito, os habitantes da costa[14] vendo as naus dos peloponésios, não tentaram fugir e até se aproximaram, pensando que se tratava de naus atenienses, pois não podiam de forma alguma esperar que a frota peloponésia se aventurasse a chegar até a Iônia enquanto os atenienses dominassem os mares.

33. Alcidas zarpou apressadamente de Éfesos, resolvendo fugir porque enquanto estava com suas naus ancoradas em Claros[15] havia sido visto pelos tripulantes da *Salamínia* e da *Páralos*[16], que por acaso estavam vindo de Atenas; temendo uma perseguição, tomou o rumo do alto-mar, pois estava decidido a, na medida do possível, parar apenas no Peloponeso. Notícias a respeito dele foram enviadas da Eritréia a Paques e aos atenienses e continuaram chegando de toda parte, pois como a Iônia não era fortificada, toda a região ficou grandemente alarmada diante da possibilidade de os peloponésios, no curso de sua viagem ao longo da costa – mesmo que não tivessem intenção de ficar, naquelas circunstâncias – desembarcassem e devastassem as suas cidades. Finalmente a Páralos e a Salamínia trouxeram a notícia de o terem visto em Claros. Diante disto Paques passou a persegui-lo a toda velocidade, seguindo-o até a ilha de Patmos, mas percebendo que Alcidas não mais poderia ser alcançado, decidiu regressar. O fato de não ter estabelecido contato com a frota de Alcidas em alto-mar foi considerado por Paques um golpe de sorte, pois se isso tivesse acontecido e as naus inimigas fossem compelidas a entrar em algum porto no qual ele tivesse de instalar acampamento, estaria criado para a frota ateniense o problema de vigiá-las e bloqueá-las.

34. Na viagem de volta, quando navegava ao largo da costa, Paques parou em Nôtion, porto dos colofônios, para onde estes se haviam transferido quando a cidade alta foi tomada por Itamenes e os bárbaros[17], que haviam sido chamados por uma das facções locais em conseqüência de uma

[14] Os "habitantes da costa" eram os helenos entre os quais Alcidas tinha feito tantos prisioneiros.
[15] Cidade entre Êmbatos e Éfesos.
[16] Duas trirremes oficiais do governo ateniense, mantidas sempre com suas tripulações a bordo e prontas para navegar em missões extraordinárias.
[17] Os persas.

desavença política. A captura da cidade ocorreu mais ou menos ao tempo da segunda invasão da Ática pelos peloponésios. Os habitantes que fugiram para Nôtion em busca de refúgio e lá se instalaram também se desentenderam; uma facção chamou mercenários arcádios e bárbaros, arregimentados por intermédio de Pissutnes, e os manteve num local separado da cidade por uma muralha, enquanto os colofônios da cidade alta, simpatizantes dos persas, juntaram-se a eles lá e receberam a cidadania; a outra facção escapou secretamente e seus componentes, estando na ocasião exilados, chamaram Paques. Este convocou para uma conferência Hípias, comandante dos arcádios na parte fortificada da cidade, mediante promessa de, no caso de suas propostas não serem aceitas, mandá-lo de volta são e salvo a fortaleza. Mas quando Hípias veio, Paques o pôs sob vigilância, embora sem o acorrentar, e efetuou um ataque violento e inesperado contra a fortaleza, capturou-a e matou todos os arcádios e bárbaros que lá estavam. Quanto a Hípias, Paques depois o reconduziu ao interior da fortaleza tal como havia prometido, e logo que chegaram lá prendeu-o e o executou. Em seguida entregou Nôtion aos colofônios, excetuados os simpatizantes dos persas. Mas tarde os atenienses mandaram um grupo de seus concidadãos para recolonizar Nôtion, dando-lhe instituições próprias, depois de chamar de volta das cidades onde estavam todos os colofônios que puderam encontrar.

35. Após regressar a Mitilene Paques submeteu Pirra e Éresos e, tendo capturado o lacedemônio Sáletos em seu esconderijo na cidade, mandou-o para Atenas juntamente com os mitilênios que havia deixado sob custódia em Tênedos e com todos os outros que lhe pareceram implicados na defecção. Mandou também de volta a maior parte de suas tropas e, com os soldados restantes, continuou a pôr em prática em Mitilene e Lesbos as medidas adequadas em sua opinião.

36. Quando Sáletos e os demais chegaram a Atenas, os atenienses mataram imediatamente Sáletos, apesar dele haver-se oferecido para, entre outras coisas, induzir os peloponésios a abandonar Platéia, que ainda estava sitiada. Quanto aos demais, houve debates, e sob o impulso da ira decidiram afinal matar não somente os mitilênios presentes em Atenas, mas também todos os adultos de Mitilene e escravizar suas mulheres e filhos. A acusação geral feita contra eles foi de se terem rebelado apesar de não estarem sob sujeição como os outros aliados; também contribuiu, e não pouco, para enfurecer os atenienses, o atrevimento das forças peloponésias de aventurar-se até a cos-

ta da Iônia para ajudar os mitilênios, pois esta última circunstância os levou a pensar que a rebelião havia sido longamente premeditada. Em seguida os atenienses despacharam uma trirreme para comunicar a Paques as decisões tomadas, ordenando-lhe que executasse os mitilênios o mais depressa possível. No dia seguinte, todavia, começaram a sentir-se arrependidos, pois a reflexão os levou a considerar cruel e grave a sua decisão de destruir uma cidade inteira, em vez de atingir apenas os culpados. Quando os emissários dos mitilênios souberam disto, juntamente com seus partidários atenienses induziram as autoridades a reabrir a questão diante do povo; tiveram menos dificuldade em persuadi-las por ser evidente que a maior parte dos cidadãos desejava ter outra oportunidade para deliberar sobre o assunto. Realizou-se imediatamente uma assembléia, na qual foram emitidas opiniões antagônicas por vários oradores. Um destes era Clêon filho de Cleênetos, que havia conseguido a aprovação da moção no sentido de serem mortos todos os mitilênios. Ele, que não era somente o mais violento dos cidadãos, mas também o mais ouvido pelo povo na ocasião, subiu à tribuna pela segunda vez e disse o seguinte:

37. "Muitas vezes no passado senti que a democracia é incompatível com a direção de um império, mas nunca tanto quanto agora, ao observar a vossa mudança em relação aos mitilênios. Habituados entre vós na vida cotidiana a não temer nem intrigar, tendes a mesma atitude diante de vossos aliados, esquecidos de que, todas as vezes que sois induzidos em erros por seus representantes ou cedeis por piedade, vossa fraqueza vos expõe a perigos e não conquista a sua gratidão; sois incapazes de ver que vosso império é uma tirania[18] imposta a súditos que, por seu turno, conspiram contra vós e se submetem ao vosso comando contra a sua vontade, e vos obedecem não por causa de alguma generosidade vossa para com eles em detrimento de vossos interesses, mas por causa de vossa ascendência sobre eles, resultante de vossa força e não de sua boa vontade. O risco mais temível, todavia, seria a falta de firmeza em nossas decisões, e a incapacidade de ver que leis imperfeitas mas imutáveis tornam uma cidade mais forte que leis bem feitas mas sem autoridade; a ignorância combinada com a modéstia é mais útil que a astúcia unida ao atrevimento; quase sempre as cidades são melhor governadas pelos homens simples que pelas inteligências mais sutis; estas, com efeito, querem sempre mostrar que são mais sábias que as leis e domi-

[18] Veja-se o livro II, capítulo 63.

nar os debates, como se nunca mais houvesse assuntos importantes a respeito dos quais pudessem exibir o seu talento, e com essa conduta geralmente levam a sua cidade à ruína; os homens que, ao contrário, não confiando em sua sutileza, contentam-se com saber menos que as leis e ser menos competentes que outros para criticar as palavras de um orador sagaz e, por serem mais juízes imparciais que contestadores interesseiros, geralmente são bem-sucedidos[19]. Devemos portanto agir assim, em vez de nos excitarmos tanto com a eloqüência e torneios de virtuosismo oratório a ponto de dar ao povo de Atenas conselhos contrários às nossas próprias convicções.

38. "Eu, porém, mantenho a minha opinião e me admiro daqueles que propõem debater novamente a questão dos mitilênios e assim provocar delongas que só interessam aos culpados (a cólera do ofendido contra o ofensor vai-se amortecendo com o passar do tempo); quando a repressão segue imediatamente o ultraje são mantidas as proporções e a reparação é completa. Admiro-me também daquele que me responderá e tentará provar que os crimes nos beneficiam, mas nossos infortúnios são prejudiciais aos nossos aliados. Evidentemente ele tem tanta confiança no poder de suas palavras que vai tentar demonstrar que vossa resolução unânime não foi aprovada, ou então, incitado pela cobiça, esforçar-se-á por achar palavras suficientemente especiosas para vos enganar. Em torneios desse tipo a cidade concede os prêmios a outros, guardando para si apenas os riscos. E a culpa é vossa; sois maus organizadores desses torneios, pois preferis ser espectadores de palavras e ouvintes de fatos, decidindo sobre ações futuras de conformidade com a versão de hábeis oradores interessados em apresentá-las como factíveis, e vendo fatos consumados à luz de críticas brilhantemente formuladas, dando assim mais crédito à versão que ao acontecimento visto com vossos próprios olhos. Gostais não somente de ser enganados por propostas novas, mas também de negar-vos a seguir as já aprovadas, escravos que sois de toda a originalidade e desdenhosos da rotina. Cada um de vós deseja ser sobretudo orador ou, se não for possível, emular os oradores da mesma índole e, para não parecer menos ágil de inteligência, aplaudir uma tirada sutil antes dela sair dos lábios do orador; sois tão rápidos para correr na frente das palavras quanto sois lentos para prever as suas conseqüências. Procurais, por assim dizer, um mundo diferente do nosso, e sois inca-

[19] O discurso de Clêon lembra o de Arquídamos, rei de Esparta (livro I, capítulo 84), e difere totalmente dos de Péricles (livro II, capítulos 40 e 60).

pazes de vos interessar pela realidade. Numa palavra, fascinados pelo prazer de ouvir, pareceis mais alunos dos sofistas que homens deliberando sobre os interesses da cidade.

39. "Esforço-me por desviar-vos desse procedimento, mostrando-vos que os mitilênios vos fizeram mais mal que qualquer outra cidade isoladamente. Posso ser tolerante com homens que recorrem à rebelião por serem incapazes de suportar o vosso domínio, ou por serem coagidos por vossos inimigos a agir assim, mas quanto a homens que habitam uma ilha fortificada e não temem nossos inimigos senão por mar, e mesmo sob esse aspecto nunca ficaram sem a proteção da força de suas próprias trirremes, e que além disso se governam por suas próprias leis e eram tratados por nós com a mais alta consideração, pergunto: tal conduta não constitui uma conspiração, mais uma rebeldia que uma revolta – pois revolta é recurso de quem sofre opressão – e uma tentativa deliberada de passar para o lado de nossos piores inimigos com o objetivo de causar a nossa destruição? Isto é certamente mais grave do que se eles nos houvessem declarado guerra a fim de aumentar o seu poder. As desgraças de seus vizinhos que se revoltaram contra nós e foram dominados não lhes serviram de advertência, nem a felicidade que gozaram até agora os fez recuar diante do perigo; ao contrário, tornando-se demasiadamente confiantes no futuro e nutrindo esperanças que, embora maiores que suas forças, eram menores que sua ambição, empunharam armas, querendo pôr a força acima do direito, pois no momento em que se consideraram capazes de vencer atacaram-nos sem ser provocados. Realmente, as cidades inesperadamente prósperas tendem ao orgulho; em geral o cálculo, mais que o imprevisto, dá solidez ao sucesso e, para dizer tudo, é mais fácil afastar a adversidade que manter a prosperidade. Desde o começo os mitilênios nunca deveriam ter sido tratados por nós com mais consideração que os outros aliados; assim jamais teriam demonstrado tanta insolência, pois é próprio dos homens em qualquer caso desprezar a consideração e admirar o rigor. Castigai-os, portanto, enquanto é tempo, de maneira compatível com seu crime, e não culpeis os aristocratas absolvendo o povo, pois todos vos atacaram, e se o povo houvesse pendido para o nosso lado agora estaria sendo reconduzido ao poder; mas o povo pensou que havia menos risco em compartilhar o perigo com a minoria e se juntou a ela na rebelião. Pensai além disto em vossos aliados; se não infligirdes àqueles que se revoltam espontaneamente um castigo maior que a quem se rebela sob compulsão de nossos inimigos, qual deles não se revoltará sob o míni-

mo pretexto, se as alternativas forem a liberdade, em caso de sucesso, ou, em caso de fracasso, nada sofrer de irreparável? Nós, de nosso lado, arriscaremos nosso dinheiro e nossas vidas contra cada cidade, e se formos bem-sucedidos recuperaremos uma cidade arruinada e seremos privados no futuro de seus tributos, fonte de nossa força; se fracassarmos, estaremos acrescentando novos inimigos aos que já temos, e estaremos consumindo em guerras contra nossos próprios aliados o tempo que deveríamos dedicar à luta contra nossos inimigos atuais.

40. "Não devemos deixar-lhes qualquer esperança, seja fundada na eloqüência, seja comprada com dinheiro, de que serão perdoados porque seu erro foi humano. Na verdade, seu ato não foi um ultraje involuntário, mas uma conspiração deliberada, e a indulgência só se aplica ao ato involuntário. Insisto, portanto, como tenho feito desde o princípio, em que não haja uma reversão em nossa decisão anterior, e em que não vos deixeis levar pelos três sentimentos mais nocivos a quem exerce o império: a compaixão, o encanto da eloqüência e a clemência. A compaixão pode ser estendida aos que também a sentem, mas nunca àqueles que não mostrarão piedade por seu turno e serão inevitavelmente inimigos constantes. Quanto aos oradores que encantam com sua eloqüência, terão outras oportunidades de exibi-la em assuntos menos importantes, e não quando a cidade pagará por um prazer efêmero um alto preço enquanto eles ganham um bom salário por suas falas agradáveis. E será melhor reservar a clemência para os que no futuro se mostrarem aliados fiéis, em vez de usá-la com quem continua a ser o que sempre foi, ou seja inimigo. Direi numa palavra: se aceitardes meu conselho, fareis não somente justiça aos mitilênios, mas também, e ao mesmo tempo, o que nos convém; se decidirdes de outra maneira, não obtereis a sua gratidão mas, ao contrário, estareis decretando a vossa própria condenação, pois se este povo tinha o direito de rebelar-se, não poderíeis exercer o império. Se, porém, com ou sem razão ainda estais resolvidos a exercê-lo, então deveis punir este povo mesmo contra a eqüidade, apenas por vosso interesse; ou devereis desistir do império e viver sem riscos como homens virtuosos. Cumpre-nos puni-los com a mesma penalidade que eles nos teriam infligido, para que aqueles que escaparam da conjuração não pareçam ter menos sentimento que os seus autores, sem perder de vista aquilo que provavelmente vos teriam feito se vitoriosos, especialmente por terem sido os agressores. Quando se ataca sem motivo deve-se ir até as últimas conseqüências; haveria perigo em deixar o inimigo de pé, pois a vítima ofendida

gratuitamente é mais temível, se consegue escapar, do que no caso de as faltas dos dois lados se equivalerem.

"Não sejais traidores de vossa própria causa; recordando tão nitidamente quanto possível os vossos sentimentos quando eles vos fizeram sofrer e como teríeis dado tudo para esmagá-los, vingai-vos hoje sem fraquejar. Não vos torneis compassivos diante de sua desgraça presente, nem esqueçais o perigo que até há tão pouco tempo esteve pendente sobre vossas cabeças, mas castigai-os como merecem; isto servirá de advertência clara aos outros aliados no sentido de que os rebelados serão punidos com a morte. Se eles se convencerem disto, não tereis de abandonar tão freqüentemente a luta contra o inimigo para combater os vossos próprios aliados."

41. Assim falou Clêon. Depois dele Diôdotos filho de Êucrates, que na assembléia anterior havia sido o principal orador contra a condenação dos mitilênios à morte, subiu também à tribuna e disse o seguinte:

42. "Não reprovo os proponentes da reconsideração no caso dos mitilênios, nem elogio os que se opõem a um segundo debate sobre assuntos da maior importância, pois os dois obstáculos mais contrários a uma deliberação sensata são a pressa e a paixão; com efeito, uma anda geralmente em companhia da leviandade, e a outra da obsessão e estreiteza de espírito. Quanto às palavras, quem sustenta que elas não guiam nossas ações, é ignorante ou defende algum interesse pessoal – ignorante se crê que existe outro meio de lançar luz sobre a incerteza do futuro; defensor de interesses pessoais se, desejando impingir uma proposta desonesta e não podendo falar bem de uma causa má, consegue ao menos caluniar bem e assim intimidar seus opositores e ouvintes. Os mais perigosos são exatamente os que acusam antecipadamente um orador de estar subornado, apenas para fazer uma exibição de retórica. Se lhe imputassem somente ignorância, o orador incapaz de convencer os seus ouvintes poderia ir embora com a reputação de tolo, mas não de desonesto; quando, porém, a acusação é de desonestidade, o orador bem-sucedido se torna suspeito, e o fracassado além de tolo será indigno. Tudo isto é prejudicial à cidade, privada de seus conselheiros pelo temor. Ela seria mais próspera se seus cidadãos desse tipo não tivessem a mínima eloqüência, pois assim o povo estaria menos sujeito a errar sob sua influência; mas o bom cidadão deve mostrar-se um orador melhor, não através de ameaças aos seus opositores, mas usando os melhores argumentos; uma cidade sábia, sem negar ao melhor conselheiro as honras mereci-

das, não deverá exagerá-las; em vez de impor uma penalidade ao orador vencido, não deveria sequer tratá-lo desrespeitosamente. Dessa forma seria menos provável que um orador vitorioso, levado pelo desejo de ser distinguido com honras ainda maiores, falasse insinceramente apenas para agradar, e que o orador vencido usasse os mesmos meios, cortejando o povo para conquistá-lo.

43. "Nós fazemos exatamente o contrário. Mas isto não é tudo; diante de simples suspeitas de que um orador seja corrupto, ainda que seus conselhos sejam excelentes desconfiamos de uma venalidade imaginária e assim privamos a cidade de vantagens reais. A situação chegou a tal ponto que as melhores idéias, francamente emitidas, são vistas com tanta suspeita quanto as piores. O resultado é que não somente o autor das propostas mais perigosas é obrigado a recorrer a artifícios para convencer a multidão, mas também o conselho mais útil necessita da mentira para tornar-se aceitável. Com esta sutileza excessiva, nossa cidade é a única à qual não se pode servir abertamente e sem enganá-la. Quem lhe apresenta francamente uma proposta favorável logo se torna suspeito de buscar secretamente algum benefício pessoal muito grande. Diante de tais disposições, e quando se trata de nossos interesses mais importantes, cumpre-nos, a nós, oradores, ver um pouco mais longe que vós, cujo tempo dedicado ao exame dos assuntos públicos é curto; somos responsáveis por nossas opiniões e vós não o sois por vossos votos[20]. Se ao menos o autor de um projeto e quem o aprova corressem os mesmos riscos, vossas decisões seriam mais razoáveis; com efeito, em caso de maus resultados vós cedeis ao primeiro impulso e punis aquele que tinha apenas a sua própria opinião, ao invés de vos punir a vós mesmos, ou seja à multidão que compartilhou o erro.

44. "Quanto a mim, não vim falar a respeito dos mitilênios para contradizer ou acusar seja quem for, pois, considerando sensatamente as coisas, não se trata de sua culpa, mas do melhor partido a tomar em relação a nós mesmos. Posso demonstrar que eles são plenamente culpados sem todavia reclamar a sua morte, se isso não nos traz vantagens; da mesma forma, só os perdoaria na medida em que o bem da cidade o exigisse. Considero nosso dever deliberar mais sobre o futuro que sobre o presente. Clêon afir-

[20] Em Atenas, o orador que propunha uma lei continuava responsável por ela mesmo após a sua aprovação pela assembléia popular, e podia ser processado, como por exemplo no caso de sua lei contrariar uma anterior.

ma que a pena máxima será útil no porvir, porque diminuirá as defecções, mas a consideração de nossos interesses futuros me conduz a uma conclusão inteiramente contrária. Não vos deixeis levar pela capciosidade de seus argumentos para repelir o que há de útil nos meus. Seu discurso, influenciado por vossa cólera contra os mitilênios, pode atrair-vos; não nos cabe agora, todavia, processá-los nem pesar a justeza de sua conduta, mas deliberar sobre eles para determinar a conduta que os tornará mais úteis a nós.

45. "Na maior parte das cidades a pena de morte é cominada contra vários delitos, alguns dos quais estão longe de comparar-se em gravidade com o crime dos mitilênios. A esperança, porém, induz os homens a enfrentar o risco, e ninguém se expõe a ele admitindo o fracasso de seus planos; quanto às cidades, qual delas, pensando em revoltar-se, deu o passo decisivo na crença de que os recursos disponíveis, seja próprios, seja de aliados, seriam insuficientes para o sucesso? Todos os homens estão por natureza sujeitos a errar, seja na vida privada, seja na pública, e não há lei que os afaste disso, mesmo percorrendo sucessivamente toda a escala de penas, agravando-as incessantemente para reforçar a proteção contra os delinqüentes. Provavelmente elas eram outrora mais suaves para os crimes mais graves; como, porém, ainda eram afrontadas, com o tempo chegaram em sua maioria à pena de morte, mas mesmo esta é afrontada. É preciso, então, descobrir um sistema melhor de intimidação, ou ao menos devemos concluir que a pena de morte não previne coisa alguma. Na verdade, tudo leva o homem a desafiar o perigo; a pobreza inspira a temeridade pela necessidade; a riqueza, pela jactância incontida da opulência; e as várias outras paixões humanas por forças igualmente irreprimíveis atuando sobre cada um nas diversas situações em que se encontram. Também a esperança e o desejo estão em toda parte; o desejo conduz, a esperança segue; o desejo inspira os planos, a esperança promete os favores da sorte; os dois causam males terríveis, e sendo invisíveis, mostram-se mais fortes que os perigos visíveis. A sorte, juntando-se a outros fatores, não é incentivo menor; às vezes ela surge inesperadamente e induz os homens ao perigo, mesmo sem recursos adequados; isto se aplica sobretudo às cidades, porque no caso delas estão em jogo os mais altos interesses – a liberdade, o império – e cada cidadão, vendo que todos pensam como ele, superestima irracionalmente sua própria força. Em poucas palavras, é absurdo e seria a maior ingenuidade crer que a natureza humana, quando se engaja afoitamente em uma ação, possa ser contida pela força da lei ou por qualquer outra ameaça.

46. "Não devemos, portanto, depositar a nossa fé com tanta convicção na pena de morte, a ponto de tomar uma decisão errada, ou levar nossos súditos rebelados a crer que não terão oportunidade de arrepender-se e reparar seu erro o mais depressa possível. Considerai que, no estágio atual dos acontecimentos, quando uma cidade rebelada se vê impossibilitada de resistir, capitula ainda em condições de reembolsar gastos de guerra e de pagar tributos no futuro; na outra hipótese, todavia, credes que haveria uma só que não fizesse os maiores preparativos e não se defendesse até o último extremo, se não houvesse diferença alguma entre uma rápida submissão e uma resistência desesperada? E quanto perderíamos se tivéssemos de fazer, com enormes gastos, o cerco de uma cidade decidida a não se render ou, se a tomássemos, por encontrá-la arruinada, privando-nos para sempre dos tributos que nos pagava? E são esses tributos que sustentam nosso poder! Abstenhamo-nos, pois, de fazer mal a nós mesmos punindo culpados com severidade extrema. Procuremos, antes, deixar às cidades dominadas recursos pecuniários suficientes para ajudar-nos, graças a punições moderadas. Fundamentemos nossa segurança não na rigidez de nossas leis, mas no cuidado com nossos atos. Atualmente fazemos o inverso: se um povo antes livre, forçado a sujeitar-se ao nosso império, tenta revoltar-se – como é natural – e nós conseguimos dominá-lo, julgamo-nos obrigados a puni-los severamente. Não deveríamos castigar severamente homens livres que se revoltam, mas vigiá-los com rigor antes da tentativa, a fim de impedi-los até de pensar nisto ou, se tentarem, reduzir ao mínimo a extensão das responsabilidades após vencê-los.

47. "Considerai ainda o enorme erro que cometeríeis seguindo a opinião de Clêon. No momento, em todas as cidades o povo simpatiza convosco; ele não adere às rebeliões dos aristocratas ou, se é constrangido a fazê-lo, não tarda a voltar-se contra quem os compeliu; por isto tendes o auxílio das camadas populares nas cidades onde ides combater. Mas se destruirdes o povo de Mitilene, que não participou da rebelião e logo que obteve armas se apressou em vos abrir as portas da cidade, primeiro cometereis uma injustiça imolando benfeitores, e depois estareis fazendo o que os aristocratas mais desejam: quando quiserem sublevar uma cidade, o povo estará ao seu lado, pois tereis mostrado que a mesma punição espera os inocentes e os culpados. Mesmo que o povo fosse culpado, ainda assim deveríamos dar a impressão de não perceber, a fim de que a única classe ainda nossa aliada não se nos torne hostil. Enfim, creio ser muito mais vantajoso para a preser-

vação de nosso império suportarmos pacientemente uma ofensa do que aniquilar, embora justamente, homens cuja sobrevivência nos interessa. Apesar de Clêon pretender que essa punição combina a justiça com a conveniência, não parece possível juntá-las neste caso.

48. "Reconhecei, então, a superioridade de minha proposta, e sem muitas concessões à piedade ou à clemência, contra as quais eu vos preveniria, ouvi os meus conselhos e acreditai em mim. Condenai ponderadamente os mitilênios trazidos por Paques como traidores e deixai os outros em seus lares. Este é o procedimento mais sábio com vistas ao futuro, e o que no presente causará mais alarme aos nossos inimigos. Resoluções prudentes têm mais efeito contra os adversários que atos irracionais de força."

49. Assim falou Diôdotos. Depois de emitidas essas opiniões antagônicas e eqüipolentes, os atenienses continuaram indecisos e os votos se dividiram quase ao meio, mas prevaleceu afinal a opinião de Diôdotos. Foi mandada imediatamente para Mitilene uma segunda trirreme a plena velocidade, na esperança de que a primeira, saída um dia e uma noite antes, não chegasse na frente, e de que a cidade não fosse aniquilada. Os emissários mitilênios que estavam em Atenas forneceram vinho e farinha de cevada à tripulação, e lhe prometeram uma grande recompensa se chegassem a tempo; a pressa foi tanta que durante a viagem os homens não paravam de remar enquanto comiam os pães de cevada molhados em vinho e óleo, e se revezavam para remar e dormir. Como por sorte não houve ventos contrários e a nau anterior não tinha pressa, viajando naquela missão sinistra, enquanto a segunda se esforçava da maneira descrita acima, a primeira chegou só um pouco antes, dando a Paques apenas tempo para ler o decreto e preparar-se para executar as ordens; a segunda chegou logo após e impediu a destruição da cidade. Assim Mitilene escapou ao perigo por esse curto lapso de tempo.

50. Os outros homens que Paques havia mandado a Atenas como principais autores da rebelião, totalizando mais de mil, foram mortos pelos atenienses de acordo com uma moção apresentada por Clêon. Os atenienses também destruíram as muralhas de Mitilene e se apossaram de sua frota. Depois, em vez de impor um tributo aos lésbios, dividiram todas as terras, exceto as dos metimneus, em três mil lotes e, reservando trezentos deles como consagrados aos deuses, mandaram colonos atenienses, escolhidos

por sorteio, para ocupar os restantes. Os lésbios fizeram um acordo com eles segundo o qual lhes pagariam uma renda de duas minas[21] por ano por cada lote e continuariam a cultivar a terra. Os atenienses também se apossaram de todas as terras ocupadas pelos mitilênios no continente, que daí em diante passaram a fazer parte de seu império. Foram estes os acontecimentos em Lesbos.

51. No mesmo verão, após a tomada de Lesbos, os atenienses, sob o comando de Nícias filho de Nicératos, empreenderam uma expedição contra a ilha de Minoa, situada em frente a Mégara, e usada como posto de guarda pelos megáricos, que haviam construído uma torre de observação no local. Nícias queria que a vigilância mantida pelos atenienses fosse transferida para aquela ilha, mais próxima deles, em vez de continuar em Búdoros (em Salamina), pois o objetivo da vigilância era impedir os peloponésios de usar o porto de Mégara como base a partir da qual pudessem sair com suas trirremes sem ser pressentidos, como já haviam feito antes, ou organizar expedições de piratas; ao mesmo tempo queriam impedir a chegada por mar de qualquer produto para os megáricos. Com esse objetivo, Nícias empreendeu um ataque por mar e usando engenhos de guerra tomou as duas torres salientes – primeiro a situada na parte da ilha defronte a Niséia – e quando com isto abriu caminho para o canal entre a ilha e o continente, isolou também com uma muralha um ponto do lado fronteira ao continente, onde uma ponte sobre as águas pouco profundas permitiria levar ajuda à ilha, não muito distante do continente. Quando, após alguns dias, esse trabalho foi terminado, Nícias também construiu um forte na ilha, deixou lá uma guarnição e retirou suas tropas para Atenas.

52. Durante o mesmo verão e aproximadamente ao mesmo tempo os plateus[22] já sem alimentos e impotentes para continuar a suportar o cerco, entregaram-se aos peloponésios da maneira descrita a seguir. Suas muralhas estavam sofrendo um ataque que eles não podiam repelir. O comandante lacedemônio percebeu a fraqueza deles mas não quis tomar Platéia de assalto, pois havia recebido ordens de Esparta nesse sentido, com o objetivo de, se algum dia fosse concluído um tratado de paz com os atenienses e os lacedemônios admitissem que todos os lugares tomados por cada lado na guerra fossem devolvidos, não serem compelidos a entregar Platéia, pois

[21] Cerca de US$ 34.
[22] Retomando a narrativa interrompida no fim do capítulo 24 deste livro.

poderiam alegar que os habitantes a tinham entregue a Esparta voluntariamente. Por isso mandaram um arauto dizer-lhes que, se entregassem a cidade por sua própria vontade aos lacedemônios, submetendo-se às suas decisões, eles puniriam os culpados, mas não contrariamente à justiça. O arauto transmitiu a proposta e os plateus, já no último estágio da fraqueza, entregaram afinal a cidade. Os peloponésios alimentaram os plateus durante alguns dias, até que os juízes, em número de cinco, chegaram da Lacedemônia. Quando se apresentaram, nenhuma acusação foi feita aos plateus, mas os juízes os convocaram e lhes fizeram uma única pergunta: "Prestastes qualquer serviço aos lacedemônios e seus aliados nesta guerra?" Os plateus pediram que lhes fosse permitido dar uma resposta mais longa, e indicaram como seus porta-vozes Antímacos filho de Asopôlaos e Lácon filho de Aêimnestos (este último era próxeno dos lacedemônios). Eles avançaram e disseram o seguinte:

53. "Quando vos entregamos nossa cidade, confiando em vossa sinceridade, não imaginávamos, lacedemônios, que teríamos de submeter-nos a um julgamento como este; supúnhamos que haveria um processo mais normal. Consentimos em ser julgados tendo-vos como únicos juízes e somente diante de vós, como estamos neste momento, porque esperávamos mais eqüidade. Agora tememos que nossa expectativa não se materialize, pois temos razões para crer não somente que as questões a serem decididas no julgamento são extremamente graves, mas também que não sereis juízes imparciais. Somos levados a esta conclusão pelo fato de nenhuma acusação haver sido feita contra nós, para dar-nos oportunidade de falar em nossa defesa, e tivemos de pedir permissão para falar. A pergunta que nos fizeram é tão sumária que uma resposta verdadeira será contrária aos nossos interesses, e uma falsa será desmentida facilmente. Confrontados como estamos com perplexidades por todos os lados, somos forçados a enfrentar o risco de dizer algo, pois este parece o caminho mais seguro; para homens em nossa situação, não ter falado nos levaria mais tarde a recriminar-nos, pensando que se as palavras tivessem sido ditas nos teriam salvo. Outra dificuldade em nossa posição é convencer-vos. Se fôssemos estranhos uns aos outros, poderia ser-nos vantajoso oferecer evidências sobre fatos ignorados por vós, mas sendo as coisas como são, tudo que vos dissermos vós já sabereis; nosso receio não é que julgueis nossos méritos inferiores aos vossos e nos acuseis por isso, mas que com o objetivo de ser agradáveis a outro[23]

[23] Os "outros" são os tebanos.

vós nos estejais obrigando a aparecer diante de um tribunal que já decidiu contra nós.

54. "Apesar disto, apresentaremos todas as alegações justas que pudermos, seja a respeito de nossas divergências com os tebanos, seja a propósito de nossas relações convosco e com os demais helenos, relembrando-vos nossos serviços e tentando convencer-vos de nossos méritos. Em resposta à vossa sumária pergunta quanto a havermos prestado serviços aos lacedemônios nesta guerra, se indagais como inimigos diremos que a falta de tais serviços não vos prejudicou; se, todavia, perguntais como amigos, responderemos que a culpa é mais vossa do que nossa, pois vós nos atacastes. Na guerra contra os persas e durante a paz subseqüente provamos ser valorosos; não fomos os primeiros a romper a paz, e depois fomos os únicos entre os beócios que se apresentaram para a defesa conjunta da liberdade da Hélade. De fato, embora habitássemos o interior participamos da batalha naval de Artemísion, e na batalha travada aqui em nossa terra[24] combatemos lado a lado convosco e com Pausânias; afinal, em todos os perigos que ameaçaram os helenos estivemos presentes e lutamos além de nossas forças. Principalmente, lacedemônios, no momento crítico em que após o terremoto Esparta foi tomada por um pânico terrível, devido à ocupação de Itome pelos hilotas revoltados, enviamo-vos a terça parte de nossos cidadãos para ajudar-vos. Não deveis esquecer-vos disto.

55. "Foram esses os serviços que nos orgulhamos de vos haver prestado no passado em acontecimentos importantes. Só recentemente nos tornamos vossos inimigos, e a culpa é vossa, pois quando os tebanos nos oprimiam tentamos uma aliança convosco, mas vós nos repelistes e nos mandastes propô-la aos atenienses, porque eles estavam próximos de nós e vós habitáveis longe. No curso desta guerra, nem sofrestes nem correstes o perigo de sofrer qualquer mal por nossa causa. Se instados por vós nos recusamos a revoltar-nos contra os atenienses, não fomos injustos, pois eles nos ajudaram contra os tebanos quando vos recusastes. Depois disso não teria sido honroso para nós abandoná-los, acima de tudo por estarmos em débito para com eles, mas também porque a pedido nosso havíamos sido admitidos em sua aliança e partilhávamos o direito de cidadania com eles. Ao contrário, todas as razões nos levavam a obedecer de todo o coração às suas instruções. Quanto às ordens dadas tanto por vós quanto por eles aos

[24] A batalha de Platéia, em 479 a.C.; veja-se Heródoto, IX, 62.

vossos aliados, a culpa por alguma falta não deve ser atribuída a quem obedeceu e sim a quem os fez seguir direções erradas.

56. "Os tebanos nos causaram muitos males no passado, e vós mesmos conheceis o seu ultraje máximo, causa de nossos sofrimentos atuais. Eles tentaram apoderar-se de nossa cidade em tempo de paz, e – o que é pior – em um período de festas religiosas; tínhamos razões, portanto, para puni-los de acordo com a lei observada por todos, ou seja, que é justo repelir quem marcha contra alguém como inimigo; não é razoável que agora tenhamos de sofrer por sua culpa. Se decidirdes uma questão de justiça por considerações relativas à vossa vantagem imediata e à hostilidade dos tebanos para conosco, ficará evidente que em vez de bons juízes da verdade sois simples serviçais da conveniência. Se eles vos parecem úteis agora, nós e os demais helenos vos prestamos serviços muito mais relevantes quando estáveis em perigo muito maior. Hoje atacais os outros e sois temidos, mas naquela emergência, quando o Bárbaro nos ameaçava com a escravidão, os tebanos estavam do lado dele. Será apenas justo que confronteis o nosso erro atual – se cometemos algum – com nossa bravura naquela ocasião; se o fizerdes, descobrireis que não somente nossa bravura ultrapassa a ofensa, mas também que a primeira foi demonstrada numa ocasião em que era raro ver os helenos contraporem sua coragem ao poder de Xerxes. Naquele tempo os maiores elogios eram feitos aos que, ao invés de tramar em segurança para ajudar a invasão, se arriscavam a seguir o caminho mais nobre, embora repleto de perigos. Estávamos entre estes e fomos honrados entre os primeiros; hoje, porém, receamos vir a ser destruídos pela mesma conduta, só por havermos tomado o partido dos atenienses, que nos pareceu mais justo, ao invés do vosso por mero proveito. Deveis agir coerentemente, fazendo o mesmo julgamento a respeito das mesmas coisas, ou seja, considerar que é de vosso interesse demonstrar pelo valor de vossos bons aliados um reconhecimento imutável, que neste caso coincide com vossa vantagem imediata.

57. "Ponderai, também, que agora sois vistos pela maioria dos helenos como um exemplo de virtude; se, todavia, o vosso veredicto a nosso respeito for iníquo, acautelai-vos (o caso que estais decidindo aqui não é insignificante, pois se sois louvados nós não somos censurados) e não pronuncieis uma sentença indigna, imposta a homens bons por outros ainda melhores, em conseqüência da qual nossos templos comuns receberiam de vossas mãos os despojos dos benfeitores da Hélade! Parecerá monstruoso o saque de

Platéia pelos lacedemônios, e que vós, cujos pais inscreveram o nome de nossa cidade na trípode em Delfos comemorando o seu valor, o apagueis de todo o mundo helênico apenas para agradar aos tebanos! Chegamos a este extremo de infortúnio: da mesma forma que teríamos sido aniquilados se os persas vencessem, agora, defendendo-nos aqui diante de vós, outrora nossos melhores amigos, somos vencidos pelos tebanos! Tivemos de enfrentar duas enormes provações, pois há pouco tempo teríamos morrido de fome se não vos entregássemos a cidade, e hoje estamos diante da morte neste julgamento. Todos nos repeliram, nós, os habitantes de Platéia, que ajudamos a defender a Hélade com bravura acima de nossas forças, e hoje estamos sós e sem defensores. Nenhum de nossos antigos aliados nos ajuda agora, e quanto a vós, lacedemônios – nossa única esperança, receamos que vos falte firmeza.

58. "Ainda assim vos conjuramos, em nome dos deuses que no passado sancionaram nossa aliança e de nossa dedicação à causa dos helenos, a ceder e mudar de idéia (se de algum modo fostes persuadidos pelos tebanos). Pedi-lhes que, em retribuição aos nossos serviços, vos permitam poupar homens que seria iníquo matar; assim podereis receber uma gratidão honesta em vez de humilhante, e não mereceréis, apenas para dar um prazer a terceiros, uma fama certamente ignóbil. Seria muito mais simples tirar nossas vidas, mas seria difícil apagar essa infâmia, pois não somos inimigos que puniríeis com razão, mas bons amigos forçados a entrar em guerra contra vós. Proferiríeis uma sentença justa se garantísseis as nossas vidas e se tivésseis em mente, enquanto não é tarde demais, que nos recebestes numa rendição voluntária e com as mãos para o alto (os costumes dos helenos proíbem a execução de suplicantes); mais ainda: considerar que sempre fomos vossos benfeitores. Voltai os olhos para os túmulos de vossos pais, mortos pelos persas e sepultados em nossa terra, que cultuamos ano após ano em homenagens públicas com os trajes e as oferendas costumeiras; também os primeiros frutos de tudo que a terra produz anualmente lhes são oferecidos, como tributos de mãos generosas numa terra amiga e de aliados àqueles que outrora foram seus companheiros de armas. Faríeis exatamente o contrário com uma sentença iníqua. Refleti, então: quando Pausânias os enterrou, achou que os estava deixando em terra amiga entre homens também amigos; se vós nos matardes e transformardes o território plateu em tebano, não estareis deixando vossos pais e parentes em terra hostil e entre seus assassinos[25] e

[25] Os tebanos são chamados de assassinos dos lacedemônios porque haviam apoiado os persas contra os helenos aliados para a guerra.

privados das honras a eles tributadas ainda hoje? E há mais: estareis escravizando a própria terra em que os helenos conquistaram a sua liberdade; levareis a desolação aos templos dos deuses aos quais eles elevaram as suas preces para vencer os persas e os despojareis dos sacrifícios instituídos por seus fundadores.

59. "Tal conduta, lacedemônios, não seria compatível com vossa dignidade, nem as ofensas contra os costumes dos helenos e contra vossos antepassados, nem a condenação de vossos benfeitores à morte – a nossa condenação – só por causa de inimizade alheia, quando nenhum mal vos foi feito. Deveis poupar-nos e abrir vossos corações a uma sábia compaixão, considerando não somente o horror do destino que nos espera, mas também quem somos nós para sofrê-lo, e quão inconstante é a sorte, cujos golpes podem cair até sobre inocentes. Nós, então, como devemos e como exige nossa amarga necessidade, queremos exortar-vos em nome dos deuses de toda a raça helênica, que todos cultuamos nos mesmos altares, a ouvir as nossas súplicas; ao mesmo tempo, apelando para os juramentos pelos quais vossos pais se comprometeram a nunca nos esquecer, voltamo-nos como suplicantes para os túmulos de vossos antepassados e invocamos os mortos para que nos livrem da desgraça de ser entregues aos tebanos e não nos deixem cair, a nós, que fomos os seus amigos mais caros, nas mãos de nossos piores inimigos. Pedimo-vos também que relembreis o dia em que partilhamos com os vossos mortos os mais brilhantes feitos, nós que hoje estamos ameaçados do mais terrível destino. Mas temos de concluir nossa defesa, tão penosa na situação em que nos encontramos porque com sua conclusão o perigo que nos ameaça se torna mais imediato, e diremos que não entregamos nossa cidade aos tebanos (teríamos preferido a isto a morte mais abominável, pela fome); capitulamos diante de vós porque confiamos em vós. Será justo, então, se fracassarmos em nossa defesa, que nos seja permitido voltar à nossa posição anterior e escolher o perigo que preferimos correr. Imploramo-vos, lacedemônios, nós, cidadãos de Platéia, tão devotados aos helenos e hoje vossos suplicantes: não nos sacrifiqueis aos tebanos, nossos inimigos implacáveis, renegando a fé jurada; sede nossos salvadores ao invés de aniquilar-nos totalmente enquanto libertais o resto da Hélade!"

60. Assim falaram os plateus. Os tebanos, receosos de que os lacedemônios se comovessem com sua defesa a ponto de ceder de algum

modo, avançaram e disseram que também desejavam falar, pois contra a sua opinião, os plateus tiveram licença para fazer um discurso muito mais longo do que seria necessário em resposta à pergunta. Quando lhes foi dada permissão, disseram o seguinte:

61. "Não teríamos pedido permissão para fazer este discurso se os plateus houvessem respondido concisamente à pergunta e não se tivessem voltado contra nós e nos acusado, armando uma longa autodefesa a respeito de assuntos estranhos à questão e sobre os quais nenhuma acusação lhes foi feita, e ao mesmo tempo elogiando-se onde ninguém os censurou. Diante disto, devemos replicar e refutá-los, a fim de que nem nossa má reputação nem sua glória possam ajudá-los, dando-vos oportunidade de ouvir a verdade sobre ambas as partes antes de julgá-las.

"Nossas divergências começaram da maneira seguinte: quando colonizamos o resto da Beócia e finalmente ocupamos Platéia e outros lugares, dos quais tomamos posse após expulsar uma população heterogênea[26], os plateus se recusaram a submeter-se à nossa hegemonia, como havia sido acordado antes e, separando-se dos demais beócios e rompendo as tradições de nossos antepassados, passaram-se para os atenienses logo após uma tentativa nossa para forçá-los à obediência; daí em diante causaram-nos muitos males juntamente com os atenienses, e também sofreram em conseqüência disto.

62. "Disseram eles, também, que quando o Bárbaro marchou contra a Hélade eles foram os únicos beócios que não os apoiaram, e se orgulham especialmente disso ao mesmo tempo que nos injuriam. A isto respondemos que eles só não se juntaram aos persas porque os atenienses não o fizeram; além disso, obedecendo ao mesmo princípio, quando os atenienses passaram depois a atacar toda a Hélade eles foram os únicos beócios a juntar-se aos atenienses. Considerai agora as circunstâncias nas quais cada um de nós agiu à sua maneira. A constituição de nossa cidade naquele tempo não era nem a de uma oligarquia com direitos iguais[27], nem a de uma democracia; o governo estava nas mãos de um pequeno grupo de homens poderosos – a modalidade mais oposta à lei e à melhor constituição e mais própria à tirania. Tais homens, na esperança de conseguir um poder ainda maior para si mesmos se a sorte favorecesse os invasores, mantiveram o

[26] Veja-se Strábon, *Geografia,* IX, 2.
[27] Como Esparta, onde os componentes da classe dominante tinham direitos iguais entre si.

povo oprimido e chamaram os persas. A cidade como um todo não tinha o controle de suas próprias ações quando Tebas tomou aquela decisão, e portanto não é justo censurá-la por erros cometidos quando não estava sob o domínio da lei. De qualquer forma, quando os persas partiram e Tebas instituiu o seu governo legal, e quando posteriormente os atenienses se tornaram agressivos e estavam tentando pôr não somente as outras regiões da Hélade, mas também o nosso território sob seu domínio e, mais ainda, devido a disputas internas entre nós, já estavam de posse da maior parte dele, nós os combatemos e derrotamos em Queronéia[28]; assim libertamos a Beócia, da mesma forma que agora estamos ajudando denodadamente a libertar outros povos, contribuindo com mais cavalaria e equipamento que quaisquer outros aliados. Esta é a nossa defesa contra a acusação de havermos aderido aos persas.

63. "Agora tentaremos demonstrar que vós, plateus, fizestes mais mal aos helenos que nós e mereceis qualquer castigo, por mais severo que seja. Aderistes à aliança e vos tornastes cidadãos de Atenas para, como pretendeis, obter proteção contra nós; se assim fosse deveríeis apenas ter invocado a sua ajuda, em vez de apoiá-la em suas agressões contra outros. Ter-vos-ia sido certamente possível adotar esse procedimento se, como dissestes, jamais fostes conduzidos pelos atenienses contra a vossa vontade, pois a aliança dos lacedemônios já havia sido formada aqui contra os persas – a aliança da qual falais com tanto orgulho. Isso teria bastado para evitar nossa interferência junto a vós e, o que é mais importante, ter-vos-ia permitido deliberar sozinhos sem temor. Logo, aderistes à causa ateniense voluntariamente, e não sob compulsão. Dizeis que vos teria sido desonroso trair os vossos benfeitores, mas era muito mais desonroso e mesquinho trair, querendo destruí-los, todos os helenos com os quais havíeis jurado aliar-vos, do que apenas os atenienses, quando eles estavam tramando escravizar a Hélade, enquanto os outros lutavam para libertá-la. A recompensa que lhes oferecestes não é proporcional, nem isenta de desonra, pois estáveis sendo maltratados, como alegais, quando invocastes a sua ajuda, ao passo que eles estavam maltratando outros quando passastes a ajudá-los. Sem dúvida não pagar favores na mesma moeda é desonroso, mas isto não acontece quando a dívida, embora contraída por uma causa justa, só pode ser paga com injustiça.

[28] Em 446 a.C.

64. "Deixastes claro, portanto, que já naquela época não foi por causa dos helenos que somente vós entre os beócios vos recusastes a aderir aos persas, mas meramente porque os atenienses se recusaram a fazê-lo, enquanto vós queríeis imitar uns e fazer o contrário dos outros. Agora esperais ser recompensados pela virtuosa conduta devida à inspiração alheia! Mas isto não é razoável; já que escolhestes os atenienses, continuei a lutar do seu lado. Não deveis insistir em relembrar-nos a aliança que fizestes naquele tempo, pretendendo que ela deva salvar-vos agora. Vós a abandonastes e, violando os seus princípios, ajudastes constantemente a escravizar os eginetas[29] e outros membros da aliança; isto também fizestes por vossa própria vontade, pois já vivíeis sob as leis que vos regem até hoje, e não compelidos por outros, como nós. Além disto, vós vos recusastes a aceitar a última proposta que fizemos antes de Platéia ser atacada[30]: deixar-vos tranqüilos se não ajudásseis qualquer dos lados. Quem, então, deveria ser mais justamente odiado do que vós pelos helenos, para cuja desgraça exibistes vossas virtudes? Mais ainda: as nobres qualidades que em vossa opinião outrora demonstrastes possuir, agora se pode ver claramente que não eram propriamente vossas, e a tendência constante de vossa natureza foi revelada à luz da realidade, pois seguistes os atenienses quando eles marcharam pelo caminho da iniqüidade. É esta, em nossa opinião, a verdade a respeito de nossa adesão involuntária aos persas e de vossa adesão voluntária aos atenienses.

65. "Quanto à vossa última acusação de injustiça de nossa parte – que atacamos vossa cidade contra as leis, em tempo de paz e na época de festas religiosas – também não nos julgamos mais culpados do que vós. Se fosse verdade, que por iniciativa nossa, tivéssemos invadido a vossa cidade, e que vos tivéssemos atacado e devastado vossa terra como inimigos, seríamos culpados; se, todavia, alguns de vossos concidadãos, dos mais importantes em riqueza e família, desejosos de pôr fim à vossa aliança externa e de trazer-vos de volta às tradições de nossos antepassados, comuns a todos os beócios, pediram a nossa ajuda por sua livre vontade, de que injustiça somos culpados? De fato, as leis são violadas pelos que dirigem, e não pelos que seguem[31]. Em nossa opinião, nem eles erraram, nem nós. Eles, que eram cidadãos iguais a vós e tinham mais a perder, abriram as portas e fizeram entrar em sua cidade amigos, não inimigos, pois desejavam que os piores

[29] Vejam-se o livro I, capítulo 105 e 108, e o livro II, capítulo 27.
[30] Veja-se o livro II, capítulo 72.
[31] Paródia de uma frase dos plateus no capítulo 55 deste livro.

entre vós não se degradassem ainda mais, e que os melhores tivessem sua recompensa; querendo tornar mais sábios os espíritos, eles não pretendiam privar a cidade de vossas pessoas, mas trazer-vos de volta à união natural com vossos irmãos de raça, e isto sem vos tornar inimigos de ninguém, mas restaurando a paz entre todos.

66. "A prova de que não agimos com ânimo hostil é que não prejudicamos quem quer que fosse, e proclamamos que qualquer um que desejasse ser um cidadão de conformidade com as práticas hereditárias dos beócios deveria procurar-nos. Viestes, de bom grado e, chegando a um acordo conosco, ficastes quietos a princípio; depois, quando percebestes que éramos poucos – mesmo supondo que aparentemente houvéssemos agido com certa displicência ao entrar em vossa cidade sem o consentimento do partido popular – não retribuístes a nossa moderação, abstendo-vos de atos de violência e esforçando-vos por convencer-nos com argumentos a retirar-nos; ao contrário, atacastes-nos, violando o nosso acordo. Não estamos tão rancorosos por causa daqueles que matastes em luta corpo a corpo (seu destino se justificaria por um certo tipo de lei), mas quanto aos que poupastes quando vos estenderam as mãos e então, apesar das promessas de que não os mataríeis, vós os trucidastes contra todas as leis – isto não foi um crime abominável? Depois de cometer estes três crimes em tão pouco tempo – violação de vosso acordo, assassinato de alguns de nossos homens e quebra da promessa de que não mataríeis os outros se poupássemos vossas propriedades nos campos – apesar de tudo isto afirmais que os transgressores fomos nós e pretendeis isentar-vos de punição! Não o conseguireis, se estes juizes decidirem retamente, mas sereis castigados por todos estes crimes.

67. "Discutimos longamente, lacedemônios, por vós e por nós, a fim de perceberdes claramente que os condenareis com justiça e argumentamos que nos vingaremos de acordo com regras mais sagradas. Não deveis fraquejar ao ouvi-los falar de suas antigas virtudes, se jamais tiveram alguma; as virtudes passadas podem favorecer as vítimas da injustiça, mas deverão lançar sobre os autores de um ato vergonhoso uma dupla penalidade, pois sua ofensa é incompatível com seus méritos anteriores. Não deixeis tampouco que suas lamentações e gritos os ajudem, nem seus apelos aos túmulos de vossos pais e à sua situação desesperada. A isto responderemos também, acentuando que um destino muito mais terrível tiveram nossos jovens assassinados por eles, e que alguns dos pais desses jovens morreram em Coronéia

tentando levar a Beócia para a vossa causa, enquanto outros, solitários em seus lares na velhice, com muito mais justiça vos pedem vingança contra estes homens. A piedade deve ser sentida em relação às vítimas de um destino imerecido, mas os que, como os plateus, merecem a sua desventura, ensejam, ao contrário, um motivo de contentamento. Quanto ao abandono em que se encontram hoje, a culpa também é deles, pois por sua própria vontade rejeitaram a melhor aliança. Eles violaram as leis sem haver sofrido qualquer provocação vinda de nós, apenas por ódio e não por um julgamento reto, e agora não estarão pagando uma penalidade igual à sua culpa, pois receberão uma sentença de acordo com as leis. Tampouco estão, como pretendem, erguendo em vossa direção as mãos como suplicantes no campo de batalha, mas se renderam à justiça mediante um acordo formal. Portanto, lacedemônios, defendei a lei dos helenos transgredida por estes homens, e concedei-nos, a nós, que sofremos por seu desprezo às leis, uma recompensa justa por nossos bons serviços. Não nos desconsidereis por causa de suas palavras, mas provai aos helenos com um exemplo que julgais atos e não palavras, e que, se os atos são bons, basta uma breve exposição, mas se são criminosos, os discursos adornados de belas palavras são apenas um meio de ocultá-los. Se todos os líderes, como vós na situação presente, primeiro estabelecessem concisamente os fatos em relação a todos os envolvidos e logo proferissem a sentença, haveria menos procura de belas palavras por causa de atos criminosos."

68. Assim falaram os tebanos. Os juizes lacedemônios decidiram que sua pergunta quanto ao recebimento por eles de qualquer benefício dos plateus na guerra tinha sido feita corretamente; disseram que sempre haviam exortado os plateus a manter a neutralidade de acordo com o antigo pacto entre eles e Pausânias após a derrota dos persas; mais tarde, antes do cerco, quando não foi aceita sua nova proposta aos plateus para se conservarem neutros nos termos do pacto anterior, julgaram-se liberados de todas as obrigações do tratado porque suas intenções tinham sido honestas, considerando também que haviam sido ultrajados por eles. Ordenaram-lhes, então, que avançassem novamente, um de cada vez, tornaram a perguntar-lhes se haviam prestado algum serviço aos lacedemônios e seus aliados na guerra, e diante da resposta "não" foram levados para fora e mortos, sem qualquer exceção. O número de plateus executados não foi menor que duzentos, e os atenienses participantes do cerco, também mortos, foram vinte e cinco; as mulheres foram vendidas como escravas. Entregaram a cidade durante cer-

ca de um ano a alguns megáricos que haviam sido expulsos em conseqüência de uma revolta, e também aos plateus sobreviventes que haviam apoiado a causa dos lacedemônios. Depois arrasaram-na totalmente e construíram nas proximidades do santuário de Hera uma hospedaria com duzentos pés de frente e outros tantos de fundos[31a], com quartos em toda a volta, em cima e em baixo, usando para isto os tetos e portas das casas dos plateus; com o resto do material do interior das casas e com as partes de cobre e de ferro, fizeram leitos que dedicaram a Hera, em homenagem à qual também construíram um templo de pedra com o comprimento de cem pés[31b]. Confiscaram todas as terras e as arrendaram por dez anos aos tebanos, que passaram a explorá-las. Na realidade, os lacedemônios em seu trato com os plateus se mostraram tão drasticamente hostis quase que exclusivamente por causa dos tebanos, pensando que estes lhes seriam úteis na guerra recém-começada. Foi este o destino de Platéia, noventa e três anos depois dela tornar-se aliada de Atenas.

69. Nesse ínterim as quarenta naus peloponésias[32] enviadas em socorro dos lésbios, a essa altura navegando em alto-mar depois de perseguidas pelos atenienses e colhidas por uma tempestade no litoral de Creta, chegaram em desordem de volta ao Peloponeso, onde encontraram em frente a Cilene treze trirremes leucádias e ambraciotas com Brasidas filho de Télis, vindo como conselheiro de Alcidas. Com efeito, depois de fracassarem na tentativa de capturar Lesbos os lacedemônios quiseram reforçar sua frota e viajar para Córcira, onde começara uma rebelião. Os atenienses tinham uma frota de doze naus em Náupactos e os lacedemônios desejavam chegar a Córcira antes de uma frota maior vir de Atenas apoiar a primeira. Brasidas e Alcidas iniciaram os preparativos com essa intenção.

70. Os corcireus estavam envolvidos em uma rebelião desde a volta dos prisioneiros feitos em duas batalhas navais em frente a Epídamnos[33] e libertados pelos coríntios. Eles tinham sido soltos aparentemente mediante uma fiança no valor de oitocentos talentos[33a] oferecida por seus próxenos, mas na realidade haviam sido subornados para fazer Córcira passar-se para o lado dos coríntios. Esses homens tinham ido de cidadão em cidadão,

[31a] Cerca de 60 x 60 m.
[31b] Cerca de 30 m.
[32] Retomando a narrativa interrompida no capítulo 33 deste livro.
[33] Vejam-se os capítulos 47 a 55 do livro I.
[33a] Cerca de US$ 800.000.

intrigando-os com o objetivo de induzir a cidade a rebelar-se contra Atenas. À chegada de uma nau da Ática e outra de Corinto trazendo emissários e depois de haverem conferenciado com eles, os corcireus decidiram pelo voto continuar a ser aliados dos atenienses de conformidade com o tratado em vigor, mas ao mesmo tempo renovar os propósitos de relações amistosas com os peloponésios. Diante disto os prisioneiros trazidos de volta submeteram a julgamento Pítias, próxeno voluntário dos atenienses e chefe do partido popular, acusando-o de tentar levar Córcira a escravizar-se aos atenienses. Pítias foi absolvido e resolveu por seu turno levar a julgamento os cinco homens mais ricos da classe abastada, alegando que eles estavam cortando cepas das terras consagradas a Zeus e Alcínoos, ofensa para a qual a lei impunha uma multa de um estáter[34] por cepa. Depois de condenados e diante da importância excessiva da multa, os cinco homens se refugiaram em templos como suplicantes, pretendendo negociar o pagamento da multa em parcelas. Pítias persuadiu o Senado, ao qual pertencia, a aplicar estritamente a lei. Os condenados, vendo-se barrados pela lei em sua pretensão e ao mesmo tempo recebendo a informação de que Pítias, enquanto fosse membro do Senado, perseveraria em sua disposição de convencer o povo a concluir uma aliança ofensiva e defensiva com os atenienses, juntaram-se e, correndo até o Senado com punhais nas mãos, mataram Pítias e outros, tanto senadores quanto simples cidadãos, num total de sessenta. Uns poucos cidadãos partidários de Pítias refugiaram-se na trirreme da Ática, ainda ancorada no porto.

71. Após esta ação os conspiradores convocaram os corcireus e lhes disseram que aquela era a melhor solução e que agora era menos provável a sua submissão aos atenienses; deveriam permanecer neutros daí em diante e não receber mais de uma nau de cada um dos lados, considerando hostil qualquer número maior. Depois de dizer isto, compeliram o povo a ratificar a sua proposta. Mandaram imediatamente a Atenas emissários com a incumbência de explicar os recentes acontecimentos com Córcira de acordo com seus interesses, e de convencer os corcireus lá exilados a nada fazer que pudesse prejudicá-los, a fim de evitar qualquer reação contra Córcira.

72. Quando os emissários chegaram, os atenienses os prenderam como insurretos e os transferiram para Egina juntamente com os fugitivos que

[34] Moeda que, sendo de ouro, valia cerca de US$ 1,80, e de prata, cerca de quarenta centavos de dólar.

haviam acolhido. Ao mesmo tempo o partido dominante em Córcira, por ocasião da chegada de uma trirreme coríntia com emissários lacedemônios, atacou o povo e saiu vitorioso no combate. Quando anoiteceu, o povo fugiu para refugiar-se na Acrópole e nas partes altas da cidade e, reunindo-se em grupos, instalou-se naqueles locais. O povo se manteve também na posse do porto Hilaico, enquanto o outro Partido capturou o bairro da ágora, onde vivia a maioria dos habitantes, e o porto adjacente à praça defronte do continente.

73. No dia seguinte houve escaramuças e ambos os partidos mandaram mensageiros ao campo, chamando os escravos e oferecendo-lhes liberdade; a maioria dos escravos aderiu à causa do povo, ao passo que o outro partido recebeu o reforço de oitocentos mercenários do continente.

74. Um dia depois ocorreu outro combate e o povo saiu vencedor, pois tinha a vantagem de posições mais fortes e era mais numeroso. As mulheres também participaram ousadamente da luta, jogando telhas do alto das casas e suportando o tumulto com bravura superior à sua natureza. Quando chegou o crepúsculo os oligarcas, diante da derrota de suas forças e temendo que o povo, levado pelo entusiasmo, pudesse apoderar-se do arsenal na primeira tentativa e os massacrasse, atearam fogo às residências próximas à ágora e às habitações coletivas, com o objetivo de impedir um ataque, sem poupar os próprios bens e os alheios. Disto resultou que muitos bens foram queimados e toda a cidade ficou na iminência de ser inteiramente destruída se o vento soprasse na direção dela para ativar as chamas. Durante a noite ambas as partes se abstiveram de prosseguir no combate e procuraram repousar, embora se mantivessem em vigília. Em face da vitória do povo a nau coríntia zarpou furtivamente e a maior parte dos mercenários foi levada secretamente de volta ao continente.

75. No dia seguinte Nicóstratos filho de Diítrefes, comandante dos atenienses, chegou de Náupactos para ajudar os corcireus com doze naus e quinhentos hoplitas messênios. Ele tentou negociar uma conciliação entre as facções e conseguiu persuadi-las a fazer um acordo, segundo o qual os doze homens mais culpados seriam submetidos a julgamento (diante disto eles fugiram imediatamente) e os restantes se reconciliariam, continuariam lá e fariam uma aliança ofensiva e defensiva com os atenienses. Em seguida Nicóstratos iniciou os preparativos para partir, mas os líderes do povo o convenceram a deixar-lhes cinco naus, para que seus opositores se sentissem

menos inclinados a causar perturbações; em compensação, comprometeram-se a tripular e mandar com ele um número igual de suas próprias naus. Nicóstratos concordou e eles começaram a designar seus inimigos pessoais para tripular as naus. Estes, com receio de serem levados a Atenas, sentaram-se como suplicantes no templo dos Dióscuros. Nicóstratos instou-os a levantar-se e tentou inspirar-lhes confiança, mas como não conseguiu convencê-los, o povo aproveitou esse pretexto para armar-se, interpretando sua desconfiança e a recusa a navegar com Nicóstratos como prova de que suas intenções não eram nada boas. O povo foi buscar imediatamente as armas em suas casas e teria morto alguns oligarcas que por acaso encontrasse, se Nicóstratos não houvesse impedido. Os restantes (não menos de quatrocentos), vendo o que estava ocorrendo, sentaram-se como suplicantes no templo de Hera. O povo, todavia, receando que iniciassem nova revolução, persuadiu-os a levantar-se e os transportou para a ilha fronteira ao templo de Hera, onde receberiam provisões regularmente.

76. Nesse estágio da revolução, no quarto ou quinto dia após a transferência dos homens para a ilha, as naus peloponésias, em número de cinqüenta e três, chegaram[35] de Cilene, onde estiveram ancoradas desde a volta da Iônia; Alcidas as comandava como antes, com Brasidas a bordo na qualidade de conselheiro. Elas ancoraram primeiro em Sibota, um porto no continente, e na madrugada seguinte navegaram para Córcira.

77. Os corcireus, ainda sob os efeitos da confusão e levados ao pânico pela situação na cidade e pela aproximação da frota, apressaram-se em aprontar sessenta naus e mandá-las contra o inimigo tão rapidamente quanto as tripularam, embora os atenienses insistissem em que lhes fosse dada a oportunidade de partir primeiro; os corcireus sairiam depois, com todas as suas naus em um só grupo. Quando suas naus, dispersas em várias direções, se aproximaram do inimigo, duas delas logo desertaram, enquanto em outras os tripulantes lutavam entre si; não havia ordem em coisa alguma que faziam. Percebendo a confusão, os peloponésios mandaram somente vinte naus contra os corcireus, e todas as restantes contra as doze atenienses, entre as quais estavam a *Salamínia* e a *Páralos*.

78. Os corcireus, que atacavam em desordem e com poucas naus de cada vez, estavam enfrentando dificuldades em sua área de combate; os

[35] Veja-se o capítulo 69.

atenienses, temendo a superioridade numérica do inimigo e antevendo o perigo de serem cercados, não atacaram o grupo conjuntamente, nem o centro da formação mandada contra eles, mas investiram contra as alas e afundaram uma única nau. Em seguida, quando os peloponésios após aquela evolução dispuseram suas naus em círculo, os atenienses continuaram navegando em volta deles, tentando levar a sua frota à confusão. As que estavam defronte dos corcireus, todavia, percebendo a manobra e temendo a repetição do que acontecera em Náupactos[36] vieram socorrer as outras, e toda a frota, agora unida, avançou simultaneamente sobre os atenienses. Diante disto estes começaram a retirar-se, mantendo as proas das naus viradas para o inimigo, esperando ao mesmo tempo que as naus de Córcira pudessem, ao menos em parte, escapar em direção ao porto, enquanto eles mesmos se retiravam lentamente e os ataques inimigos se dirigiam somente contra eles. Assim transcorreu a batalha, que durou até o crepúsculo.

79. Os corcireus, temendo que o inimigo, animado com a vitória, pudesse atacar a cidade e recolher a bordo os prisioneiros deixados na ilha, ou praticar qualquer outra ação violenta, levaram os prisioneiros de volta ao templo de Hera e tomaram medidas de proteção à cidade. Os peloponésios, apesar de vencedores da batalha naval, não se aventuraram a atacar a cidade, e com as treze naus tomadas aos corcireus viajaram de volta ao porto no continente do qual haviam partido. Tampouco no dia seguinte eles se mostraram dispostos a atacar a cidade, embora reinassem a confusão e o terror entre seus habitantes, e apesar de Brasidas, segundo se diz, haver insistido com Alcidas para realizar o ataque; mas Brasidas não tinha autoridade sobre ele. Em vez disso, simplesmente desembarcaram no promontório de Leuximne e devastaram os campos.

80. Nesse ínterim, os corcireus do partido popular, temendo a possibilidade de as naus os atacarem, conferenciaram com os oligarcas suplicantes e também com outros membros da facção oposta, a respeito da melhor maneira de salvar a cidade. Persuadiram alguns a embarcar nas naus, pois apesar de tudo os corcireus haviam tripulado trinta delas. Mas os peloponésios, depois de devastarem os campos até o meio-dia, continuaram a viagem, e quase a noite receberam através de sinais luminosos a notícia de que sessenta naus atenienses estavam aproximando-se de Lêucade. Essas naus haviam sido despachadas pelos atenienses sob o comando de Eurímedon filho de

[36] Veja-se o capítulo 84 do livro II.

Tucles, quando souberam da revolução em Córcira e de que a frota comandada por Alcidas estava prestes a navegar para lá.

81. Então os peloponésios seguiram viagem naquela mesma noite para a sua terra, navegando a toda velocidade e próximos do litoral; depois transportaram as naus por terra através do istmo Leucádio[37] para não serem vistos, como certamente seriam se continuassem navegando, e completaram a viagem. Os corcireus, ao perceberem a aproximação da frota ateniense e a fuga da frota inimiga, introduziram secretamente na cidade os messênios[38] que até então estavam fora das muralhas, e mandaram as naus recém-tripuladas navegar em torno do porto Hilaico; enquanto as mesmas estavam a caminho eles mataram todos os seus inimigos pessoais que puderam deter. Fizeram também desembarcar e executar todos aqueles que, convencidos por eles a embarcar, estavam a bordo das naus; depois se dirigiram ao templo de Hera, persuadiram cerca de sessenta dos suplicantes que lá estavam a submeter-se a julgamento e os condenaram à morte. Muitos deles, que não haviam concordado com o julgamento, vendo o desenrolar dos acontecimentos começaram a matar-se uns aos outros dentro do próprio recinto sagrado, enquanto alguns se enforcavam nas árvores e os demais se matavam como podiam. Após a chegada da frota ateniense, durante os sete dias da permanência de Eurímedon e das sessenta naus os corcireus continuaram massacrando os seus concidadãos tidos como adversários políticos. A acusação contra eles era de conspirar para destruir a democracia, mas na realidade alguns foram mortos simplesmente por causa de inimizades pessoais, e outros, por serem credores, foram mortos pelos que lhes haviam pedido dinheiro emprestado. A morte se revestiu de todas as formas; todos os horrores imagináveis naquelas circunstâncias foram consumados, e outros ainda piores; pais matavam filhos, suplicantes eram arrastados para fora dos templos e mortos nas proximidades, e outros foram enclausurados no templo de Diônisos e lá morreram.

82. Tais foram os excessos de crueldade a que a revolução levou, e eles pareceram ainda mais brutais porque foram os primeiros a ocorrer; mais tarde, praticamente todo o mundo helênico ficou convulsionado, pois nas várias cidades os chefes das respectivas facções democráticas enfrentavam

[37] Esse istmo, atualmente chamado Santa Maura, é uma faixa de terra de cerca de meio quilômetro de largura ligando Lêucade ao continente.
[38] Os quinhentos que Nicóstratos havia trazido.

os oligarcas, já que os democratas queriam chamar os atenienses e os oligarcas os lacedemônios. Com efeito, em tempo de paz não teriam pretexto nem ousadia para pedir a intervenção, mas agora que as duas alianças estavam em guerra, cada facção nas várias cidades, se desejava uma revolução, achava fácil recorrer a aliados, para de um só golpe fazer mal aos adversários e fortalecer sua própria causa. Dessa forma as revoluções trouxeram para as cidades numerosas e terríveis calamidades, como tem acontecido e continuará a acontecer enquanto a natureza humana for a mesma; elas, porém, podem ser mais ou menos violentas e diferentes em suas manifestações, de acordo com as várias circunstâncias presentes em cada caso. Na paz e prosperidade as cidades e os indivíduos têm melhores sentimentos, porque não são forçados a enfrentar dificuldades extremas; a guerra, ao contrário, que priva os homens da satisfação até de suas necessidades cotidianas, é uma mestra violenta e desperta na maioria das pessoas paixões em consonância com as circunstâncias do momento. Assim as cidades começam a ser abaladas pelas revoluções, e as que são atingidas por estas mais tarde, conhecendo os acontecimentos anteriores, chegam a extravagâncias ainda maiores em iniciativas de uma engenhosidade rara e em represálias nunca antes imaginadas. A significação normal das palavras em relação aos atos muda segundo os caprichos dos homens. A audácia irracional passa a ser considerada lealdade corajosa em relação ao partido; a hesitação prudente se torna covardia dissimulada; a moderação passa a ser uma máscara para a fraqueza covarde, e agir inteligentemente equivale à inércia total. Os impulsos precipitados são vistos como uma virtude viril, mas a prudência no deliberar é um pretexto para a omissão. O homem irascível sempre merece confiança, e seu oposto se torna suspeito. O conspirador bem-sucedido é inteligente, e ainda mais aquele que o descobre, mas quem não aprova esses procedimentos é tido como traidor do partido e um covarde diante dos adversários. Em suma, ser o primeiro nessa corrida para o mal e compelir a entrar nela quem não queria é motivo de elogios. Na realidade, os laços de parentesco ficam mais fracos que os de partido, no qual os homens se dispõem mais decididamente a tudo ousar sem perda de tempo, pois tais associações não se constituem para o bem público respeitando as leis existentes, mas para violarem a ordem estabelecida ao sabor da ambição. Os compromissos tiram a sua validade menos de sua força de lei divina que da ilegalidade perpetrada em comum. Palavras sensatas ditas por adversários são recebidas, se estes prevalecem, com desconfiança vigilante ao invés de generosidade. Vingar-se de uma ofensa é mais apreciado que não haver sido ofendido. Os juramentos

de reconciliação só têm valor no momento em que são feitos, pois cada lado só se compromete para fazer face a uma emergência, não tendo a mínima força, e aquele que, em qualquer ocasião, vendo um adversário desprevenido, é o primeiro a se atrever, acha sua vingança mais agradável por causa do compromisso rompido do que se atacasse abertamente, levando em conta não somente a segurança de tal procedimento, mas também a circunstância de, por vencer mediante falsidade, estar fazendo jus a elogios por sua astúcia. De um modo geral os homens passam a achar melhor ser chamados canalhas astuciosos que tolos honestos, envergonhando-se no segundo caso e orgulhando-se no primeiro.

A causa de todos esses males era a ânsia de chegar ao poder por cupidez e ambição, pois destas nasce o radicalismo dos que se entregam ao facciosismo partidário. Com efeito, os líderes partidários emergentes nas várias cidades, usando em ambas as facções palavras especiosas (uns falavam em igualdade política para as massas, outros em aristocracia moderada), procuravam dar a impressão de servir aos interesses da cidade, mas na realidade serviam-se dela; valendo-se de todos os meios para impor-se uns aos outros, todos ousavam praticar os atos mais terríveis, e executavam vinganças ainda piores, não nos limites da justiça e do interesse público, mas pautando a sua conduta, em ambos os partidos, pelos caprichos do momento; sempre estavam prontos, seja ditando sentenças injustas de condenação, seja subindo ao poder pela violência, a agir em função de suas rivalidades imediatas. Conseqüentemente, ninguém tinha o menor apreço pela verdadeira piedade, e aqueles capazes de levar a bom termo um plano odioso sob o manto de palavras enganosas eram considerados os melhores, e os cidadãos que não pertenciam a um dos dois partidos eram eliminados por ambos, por não fazerem causa comum com eles ou simplesmente pelo despeito de vê-los sobreviver.

83. Assim proliferaram na Hélade todas as formas de perversidade em conseqüência de revoluções, e a simplicidade, que é a característica mais condizente com uma natureza nobre, provocava sorrisos de escárnio e desapareceu, enquanto florescia por toda a parte a hipocrisia combinada com a desconfiança. Já não havia palavras fidedignas, nem juramentos capazes de inspirar respeito bastante para reconciliar os homens; os mais fortes, considerando precárias as garantias, preocupavam-se mais com evitar que lhes fizessem mal do que com esforçar-se por demonstrar aos demais que podiam confiar neles. Geralmente os medíocres triunfavam, pois o sentimento

de suas limitações intelectuais e o temor da inteligência do adversário, aliados ao receio de ser vencidos em debates com opositores mais hábeis no falar, os levavam direta e ousadamente à ação. Seus adversários, em sua presunção de que poderiam prever os acontecimentos e de poderem confiar mais em sua inteligência do que na crueza dos fatos, na maioria das vezes eram apanhados de surpresa e exterminados.

84. Foi em Córcira, então, que a maior parte dessas atrocidades ocorreu pela primeira vez – todos os atos de retaliação que homens governados com insolência em vez de moderação podem cometer contra seus governantes quando há finalmente uma oportunidade de vingança, ou os praticados contra toda a justiça por homens que, desejosos de livrar-se de sua pobreza inveterada, são impelidos por seus sofrimentos a apossar-se dos bens do próximo, ou, enfim, os atos cometidos com impiedosa crueldade não com o objetivo de ganho, mas quando, mesmo estando em pé de igualdade com seus inimigos, os homens são levados a praticar por uma cólera incontrolável. Naquela crise, quando a cidade vivia na mais completa anarquia, a natureza humana, então triunfante sobre as leis e já acostumada a fazer mal mesmo a despeito das leis, comprazia-se em mostrar que suas paixões são ingovernáveis, mais fortes que a justiça e inimigas de toda superioridade; na verdade, se a inveja não possuísse uma força tão nociva não se teria preferido a vingança às regras consagradas de conduta, nem o proveito ao respeito pela justiça. Realmente, os homens, quando querem vingar-se de alguém, não hesitam em derrogar os princípios gerais observados em tais circunstâncias – princípios dos quais dependem as esperanças de salvação de cada um deles diante dos infortúnios – mostrando-se incapazes de mantê-los vigentes para invocá-los se algum perigo os forçar a isto.

85. Estas foram as primeiras atitudes de violência furiosa que os corcireus passaram a adotar uns contra os outros, e em meio a elas Eurímedon partiu de volta a Atenas com sua frota. Mais tarde os fugitivos corcireus, dos quais cerca de quinhentos[39] haviam conseguido passar em segurança para o continente, apoderaram-se de alguns fortes na região, dominando dessa forma o território pertencente a Córcira na costa em frente à ilha; lá estabeleceram uma base de onde saíam para saquear os habitantes da ilha, molestando-os consideravelmente, a ponto de haver fome na cidade. Eles mandaram tam-

[39] Veja-se o capítulo 20 deste livro.

bém emissários à Lacedemônia e a Corinto para obter apoio às suas aspirações de retorno; nada conseguiram, todavia, e então obtiveram botes e mercenários com os quais cruzaram o mar para a ilha (eram cerca de seiscentos ao todo). Ao chegar, queimaram os botes para não terem outra alternativa senão dominar a ilha, e marcharam para o monte Istone; em seguida construíram um forte no local e começaram a exterminar o povo na cidade, acabando por dominar todo o território.

86. Quase no fim do mesmo verão os atenienses mandaram vinte naus à Sicília, sob o comando de Laques filho de Melânopos e de Careades filho de Eufíletos, pois havia começado uma guerra entre os siracusanos e os leontinos. Todas as cidades dórias, exceto Camarina, estavam aliadas aos siracusanos – as cidades que no início da guerra haviam aderido aos lacedemônios, embora não houvessem participado ativamente da mesma até então – enquanto as cidades calcídias e Camarina estavam aliadas aos leontinos. Na Itália os lócrios se aliaram aos siracusanos, e os régios aos leontinos, por causa de sua origem comum[40]. Os leontinos e seus aliados mandaram uma delegação aos atenienses para instá-los a enviar-lhes naus, em vista de sua antiga aliança e também por serem iônios, pois estavam sendo hostilizados em terra e no mar pelos siracusanos; os atenienses mandaram-lhes naus, pretextando afinidades étnicas, mas na realidade por desejarem impedir a importação de grãos da Sicília pelos peloponésios, e também para fazer uma experiência preliminar quanto à possibilidade de virem a exercer hegemonia sobre a Sicília. Estabeleceram-se, então, em Région (na Itália) e de lá passaram a participar da guerra conjuntamente com seus aliados. E o verão terminou.

87. Durante o inverno seguinte[41] a peste atacou pela segunda vez os atenienses; na realidade, ela ainda não havia sido totalmente dominada, embora tivesse havido um período de recesso. Ela continuou nesse novo período por não menos de um ano, após grassar por dois anos completos no período anterior, de tal forma que os atenienses foram mais castigados por ela que por qualquer outra calamidade, e sofreram conseqüentemente um golpe sumamente nocivo ao seu poder de luta. Com efeito, não menos de quatro mil e quatrocentos hoplitas convocados morreram em decorrência da peste, além de trezentos soldados de cavalaria e um número não deter-

[40] Veja-se o capítulo 44 do livro VI.
[41] 427 a.C.

minado de habitantes. Nessa mesma época também houve o maior número de terremotos jamais ocorrido em Atenas, na Eubéia e na Beócia (principalmente em Orcômenos).

88. Durante o mesmo inverno os atenienses estacionados na Sicília e os régios fizeram uma expedição com trinta naus contra as chamadas ilhas de Éolos (seria impossível invadi-las no verão por causa da falta d'água lá). Aquelas ilhas eram ocupadas pelos lipareus, colonos dos cnídios. Suas casas estão situadas em uma das ilhas, não muito extensa, chamada Lipara, e desta eles se deslocam para cultivar as restantes, ou seja, Dídime, Strongile e Hierá[42]. Os habitantes da região acreditam que Hefestos tinha a sua forja em Hierá, pois daquela ilha sai fogo à noite e fumaça de dia. As ilhas estão situadas defronte do território dos sícelos e dos messenos, e eram aliadas dos siracusanos; os atenienses devastaram as suas terras, mas como os habitantes não cederam, navegaram de volta a Région. Assim terminou o inverno e com ele o quinto ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

89. No verão seguinte[43] os peloponésios e seus aliados, comandados por Ágis filho de Arquídamos, rei dos lacedemônios, avançaram até o istmo com a intenção de invadir a Ática, mas ocorreram vários terremotos, em conseqüência dos quais voltaram atrás, e não houve invasão. Aproximadamente na mesma época, enquanto continuavam os terremotos, o mar em Orôbias (na Eubéia), recuou da linha costeira normal e, ao voltar em uma enorme vaga, destruiu parte da cidade; o mar recuou novamente até certo ponto, mas voltou a avançar e cobriu a orla marítima, de tal forma que onde antes havia terra hoje é mar; todos os habitantes que não puderam correr a tempo para terras mais altas pereceram. Nas proximidades da ilha de Atalante, situada em frente à costa dos lócrios opúntios, houve um maremoto semelhante, que arrastou parte da frota ateniense estacionada lá[44] e destruiu uma ou duas naus que haviam sido trazidas para a praia. Em Pepáretos houve também um recuo das águas, mas não ocorreu invasão pelo mar; houve lá um terremoto que destruiu parte das muralhas, bem como o pritaneu e outras edificações. Tais fenômenos, em minha opinião, resultaram do fato de, no ponto em que o terremoto foi mais intenso, o mar haver recuado e

[42] Strábon menciona mais três em sua *Geografia* e os geógrafos modernos onze ou doze. Strongile é a atual Stromboli, próxima a Messina (antiga Messene) e Reggio Calabria (antiga Région).
[43] 426 a. C.
[44] Veja-se o capítulo 32 do livro II.



SICÍLIA E SUL DA ITÁLIA

voltado súbita e violentamente, provocando o avanço das águas; parece-me que sem o terremoto o avanço não teria ocorrido.

90. Durante o mesmo verão houve combates na Sicília, dos quais participaram diversos povos conforme as circunstâncias, principalmente os próprios siceliotas, que marchavam uns contra os outros, e os atenienses ajudados por seus aliados; somente as ações mais importantes empreendidas pelos atenienses ou contra eles, seus aliados ou seus adversários, serão relatadas aqui. Após a morte do comandante ateniense Caroiades, atingido em combate pelos siracusanos, Laques, agora chefe único da frota, atacou com os aliados Milas, cidade messênia. Duas tribos messênias guarneciam Milas e haviam mesmo armado uma emboscada contra as tropas de desembarque; os atenienses, todavia, auxiliados por seus aliados, derrotaram os autores da emboscada, muitos dos quais foram mortos, e assaltando a fortificação forçaram os habitantes a um acordo, segundo o qual estes entregariam a sua acrópole e marchariam com eles contra Messene. Quando em seguida os atenienses e seus aliados chegaram em frente a Messene, esta cidade se aliou a eles, entregando-lhes reféns e dando-lhes ainda todas as garantias.

91. Durante o mesmo verão os atenienses expediram duas frotas: trinta naus para rondar o Peloponeso, comandadas por Demóstenes filho de Alcístenes e Procles filho de Teôdoros, e sessenta naus para Melos com dois mil hoplitas sob o comando de Nícias filho de Nicératos (os mélios, apesar de serem ilhéus, recusavam-se a submeter-se e aliar-se aos atenienses, e estes queriam levá-los a aderir). Como apesar das devastações feitas em seu território os mélios não cedessem, as naus deixaram a ilha; navegaram em direção a Ôropos, na Graica[45] aonde chegaram à noite e de onde os hoplitas imediatamente partiram a pé para Tânagra, na Beócia, enquanto a um sinal previamente combinado os atenienses da cidade, comandados por Hipônicos filho de Calias e por Eurímedon filho de Tucles, avançaram por terra para o mesmo ponto. Depois de acampar naquele dia nos arredores da Tânagra eles devastaram a região e pernoitaram lá; na manhã seguinte realizaram um ataque vitorioso contra tropas vindas de Tânagra e alguns tebanos que chegaram para ajudá-las; tomaram-lhes as armas, ergueram um troféu e se retiraram, uns para Atenas e outros para as naus. Em seguida Nícias, com suas sessenta naus, navegou ao longo da costa da Lócrida, que devastou antes de voltar para Atenas.

[45] Veja-se o capítulo 23 do livro II.

92. Nessa época os lacedemônios estabeleceram sua colônia na Heracléia Traquínia, com a intenção detalhada a seguir. Toda a população de Malia se compõe de três grupos: os parálios, os hiereus e os traquínios. Destes, os traquínios, esgotados pela guerra com seus vizinhos eteus, pensaram primeiro em juntar-se aos atenienses, mas depois, temendo não poder contar com eles, haviam mandado um emissário a Esparta, escolhendo para isto Tisâmenos. Participavam também da missão os dórios da Dórida, cidade de origem dos lacedemônios, que tinham pretensão idêntica, pois estavam igualmente esgotados por combates com os eteus. Após ouvir-lhes o apelo, os lacedemônios se mostraram dispostos a fundar uma colônia para defender os traquínios e os dórios; ao mesmo tempo, com vistas à guerra contra Atenas, o local da colônia parecia conveniente por duas razões: lá se poderia equipar uma frota contra a Eubéia, de modo a haver apenas uma travessia curta, e a posição seria útil relativamente à rota costeira para a Trácia. Em suma, eles ansiavam por fundar uma cidade ali. Primeiro interrogaram o deus de Delfos e depois, diante de sua aprovação, enviaram os colonos (espartanos e periecos), convidando também a juntar-se a eles todos os helenos que desejassem, à exceção dos iônios, dos aqueus e alguns outros povos. Três fundadores lacedemônios os dirigiam: Lêon, Alcidas e Damágon. Depois de instalados construíram nova muralha em torno da cidade, que hoje se chama Heracléia, situada a cerca de quarenta estádios das Termópilas e vinte do mar[45a]. Organizaram uma base naval, interceptando com uma muralha o acesso pelo lado adjacente às Termópilas, junto ao desfiladeiro, para facilitar a defesa.

93. Na época da fundação da cidade os atenienses ficaram temerosos, imaginando que sua instalação visava principalmente a Eubéia, pois é curto o percurso até Cenêon (já na Eubéia); os acontecimentos supervenientes, todavia, contrariaram essa previsão, pois nenhuma ameaça lhes veio de lá. A razão disso foi a seguinte: os tessálios, que tinham a supremacia naquelas regiões, e os povos cujos territórios foram ameaçados pela fundação da cidade, temerosos da vizinhança de uma grande potência, esgotaram por meio de uma guerra incessante aquela população recém-estabelecida, a princípio muito numerosa, pois sendo os lacedemônios os fundadores da colônia, muitos foram confiantemente para lá, por considerá-la uma cidade segura; mas os próprios magistrados vindos da Lacedemônia não foram menos responsáveis pelo esgotamento e diminuição drástica da população, atemo-

[45a] Respectivamente cerca de 7 e 3,5 km.

rizando a maior parte dela com ordens duras e às vezes injustas; esta circunstância permitiu aos povos vizinhos dominá-la facilmente desde o início.

94. No curso daquele mesmo verão, e ao mesmo tempo que os outros atenienses estavam ocupados em Melos, os tripulantes das trinta naus que rondavam o Peloponeso mataram inicialmente em Elômenos, no território de Lêucade, alguns guardas atraídos a uma armadilha; depois atacaram Lêucade, com forças mais numerosas, incluindo todos os acarnânios (salvo os habitantes de Eníadas), que haviam acorrido em massa para juntar-se a eles, os zacíntios, os cefalênios e quinze naus de Córcira. Apesar da devastação do território de Lêucade, não somente além do istmo, mas igualmente aquém, onde estão localizados a cidade e o santuário de Apolo, seus habitantes se resignaram à inação em vista de sua inferioridade numérica; os acarnânios pediram a Demóstenes, comandante dos atenienses, que bloqueasse Lêucade com uma muralha, acreditando que assim poderiam dominá-la facilmente e livrar-se de um inimigo constante. Demóstenes, porém, deixou-se persuadir antes pelos messênios, que insistiam em que, com tantas forças reunidas, a ocasião era ótima para atacar os etólios, inimigos de Náupactos; alegavam também que, vencidos os etólios, trariam facilmente para o lado ateniense os outros habitantes continentais da região. Os etólios eram realmente um povo importante e combativo, mas como viviam em aldeias sem defesas, e além disto muito distantes umas das outras, e como seu armamento era leve, os messênios imaginavam poder submetê-los sem maiores dificuldades antes deles poderem unir-se para a defesa mútua. Pressionavam Demóstenes para atacar primeiro os apodotos, depois os ofioneus e em seguida os euritanos, ou seja, a parte mais importante dos etólios, que falavam uma língua quase ininteligível e que, segundo se diz, comem seus alimentos crus; após a conquista destes, seria fácil obter a adesão dos restantes.

95. Demóstenes concordou, para agradar aos messênios e sobretudo por acreditar que, com os aliados continentais, ele poderia dispensar as forças atenienses e marchar por terra contra os beócios, através do território dos lócrios ozólios, na direção de Citínion dos dórios, deixando o monte Parnassos à direita; desceria então pelo território dos focídios, que presumivelmente deveriam apoiar com entusiasmo a operação, por causa de sua amizade constante para com Atenas[46]; se assim não fosse, poderiam ser compelidos a fazê-lo, e a Fócida já confina com a Beócia. Demóstenes

[46] Vejam-se os livros I, capítulo 111 e II, 9.

partiu então de Lêucade com todas as suas tropas, apesar da opinião contrária dos acarnânios, e navegou ao longo da costa até Sôlion. Depois comunicou o seu plano aos acarnânios, que não o aprovaram por causa de sua recusa a marchar contra Lêucade, e ele partiu apenas com suas forças restantes, compostas de tropas da Cefalênia, da Messênia e de Zácintos, e de trezentos marinheiros tripulantes das próprias naus de Atenas (as quinze naus de Córcira haviam ido embora); assim ele marchou contra os etólios, fazendo de Enêon, na Lócrida, sua base de operações. Esses lócrios ozólios eram aliados e deveriam juntar-se aos atenienses com todas as suas forças no interior; como tinham fronteira comum com os etólios e os mesmos hábitos em matéria de armamentos, sua participação deveria ser altamente útil, graças à sua experiência quanto à tática do adversário e ao terreno.

96. Após haver acampado com suas tropas junto ao santuário de Zeus Nemeu, onde dizem que o poeta Hesíodo foi morto pelos habitantes da região – um oráculo lhe havia dito que isto lhe aconteceria em Neméia – Demóstenes na madrugada seguinte continuou a marcha em direção à Etólia. No primeiro dia ele capturou Potidânia, no segundo Crocilêion, no terceiro Têiquion; nesta última ele se deteve e despachou os despojos de guerra para Eupálion, na Lócrida; seu plano era conquistar primeiro outros lugares e só depois atacar os ofioneus; se estes se recusassem a entrar em entendimentos com ele, voltaria a Náupactos e faria uma segunda expedição contra eles. Mas esses preparativos não escaparam à observação dos etólios; eles estavam atentos desde a concepção do plano e, com efeito, logo que a invasão começou, todos se puseram a reunir suas forças, inclusive os ofioneus mais distantes, cujos territórios se estendem até o golfo Malíaco, os bômios e os cálios.

97. Os messênios continuaram a dar a Demóstenes praticamente os mesmos conselhos iniciais; reiteravam que seria fácil conquistar a Etólia e o instavam a marchar contra as aldeias sem dar tempo aos etólios de se concentrarem todos para uma resistência organizada, e lhe sugeriam que tentasse ocupar cada aldeia pela qual fosse passando. Persuadido por seus argumentos e confiando em sua sorte, que jamais lhe havia sido adversa, Demóstenes não esperou os lócrios, cujo reforço lhe era necessário (faltavam-lhe principalmente tropas ligeiras armadas de dardos), marchou contra Egício e ocupou a localidade no primeiro ataque. Na realidade, os habitantes se haviam retirado sem ser vistos e foram instalar-se nas colinas, a cerca

de oitenta estádios[46a] do mar. Depois os etólios, vindo em socorro de Egício, atacaram os atenienses e seus aliados descendo das colinas por todos os lados, crivando-os de dardos, recuando quando as forças atenienses se lançavam contra eles e voltando a atacá-las de perto quando elas se retiravam; o combate continuou assim durante muito tempo, entre perseguições e recuos – duas manobras em que os atenienses eram inferiores.

98. Enquanto seus archeiros tinham flechas e puderam usá-las os atenienses mantiveram as posições, pois as flechas atingiam os etólios, cujo equipamento era leve. Quando, porém, seu chefe foi morto, os archeiros debandaram, sentido-se esgotados após repetir incessantemente a mesma operação durante tanto tempo, pressionados pelos etólios, que os atingiam com seus dardos; a partir daí eles fugiram desordenadamente e, correndo por barrancos sem saída ou por lugares desconhecidos, perderam a vida (para maior desventura deles, seu guia, o messênio Crômios, também havia sido morto). Os etólios, a golpes de dardo, mataram na hora muitos que alcançavam em plena retirada, pois eram velozes e usavam armas leves; a maior parte se perdeu e foi parar na floresta, que não tinha saída; os etólios a incendiaram e os que estavam lá morreram queimados. Todos os tipos de fuga e morte ocorreram com as tropas atenienses, e foi a duras penas que os sobreviventes em fuga alcançaram o mar e chegaram a Enêon, na Lócrida, sua base para embarque. As perdas, pesadas também entre os aliados, foram de cerca de cento e vinte hoplitas para os atenienses. Foi este o número de mortos, todos na mesma faixa etária – as melhores tropas perdidas por Atenas nesta guerra; o segundo comandante, Prócles, também foi morto. Os atenienses conseguiram dos etólios uma trégua para retirar os seus mortos, depois voltaram a Náupactos e mais tarde regressaram a Atenas com suas naus. Demóstenes, porém, ficou em Náupactos e nas vizinhanças, pois receava a reação dos atenienses após esses acontecimentos.

99. Na mesma época as forças atenienses na Sicília navegaram para o território dos lócrios e lá desembarcaram após derrotar os habitantes que marcharam contra eles, tomando-lhes um forte avançado existente nas margens do rio Hálex.

100. No mesmo verão os etólios, que já haviam mandado anteriormente a Corinto e à Lacedemônia emissários seus – os ofioneus, Tôlofos;

[46a] Cerca de 14 km.

os euritânios, Boríades, e os apodotos Tísandros – persuadiram-nas a organizar uma expedição contra Náupactos, por causa da intervenção ateniense. A Lacedemônia enviou-lhes no outono um corpo de três mil hoplitas aliados, dos quais quinhentos vinham de Heracléia Traquínia, recém-fundada; comandava as tropas o espartano Eurílocos, juntamente com os espartanos Macários e Menêdaios.

101. A expedição se reuniu em Delfos e Eurílocos mandou um arauto aos lócrios ozólios, pois a rota para Náupactos atravessava o seu território e ao mesmo tempo ele queria afastá-los de Atenas. Seu melhor apoio junto aos lócrios ozólios eram os habitantes de Ânfissa, inquietos com as hostilidades em que se envolveram com os foceus; sendo os primeiros a oferecer reféns, persuadiram os outros a oferecê-los também, sob a ameaça do avanço de tropas, começando naturalmente por seus vizinhos da Miônia (por lá a invasão da Lócrida é mais difícil); seguiram-se os hipnieus, os messápios, os triteus, os tolofônios, os ísios e os caleus. Todos estes povos aceitaram juntar-se também à expedição; os olpeus, todavia, embora tivessem oferecido reféns, recusaram-se a participar, e os ieus só ofereceram reféns após a tomada de sua aldeia chamada Pôlis.

102. Quando terminaram os preparativos e os reféns foram confinados em Citínion, na Dórida, Eurílocos marchou com suas tropas contra Náupactos através do território dos lócrios, dos quais tomou em sua marcha Enêon e Eupálion, cidades que não o apoiaram. Chegando ao território de Náupactos já reforçadas pelos etólios, as tropas reunidas devastaram a região e os arredores da cidade, que não eram fortificados; avançaram em seguida contra Molicrêion (colônia de Corinto mas sujeita a Atenas) e a tomaram. Nesse ínterim, o ateniense Demóstenes, que ainda estava nas proximidades de Náupactos em conseqüência dos acontecimentos da Etólia, havia sido informado a respeito da expedição e, preocupado com a cidade, foi convencer os acarnânios a socorrer Náupactos, não sem dificuldade por causa de sua retirada de Lêucade. Eles mandaram com Demóstenes em suas naus mil hoplitas, que chegaram à cidade e a salvaram; com efeito, havia perigo de que os defensores da mesma, pouco numerosos para garantir as muralhas muito extensas, fossem incapazes de resistir. Quando Eurílocos e seus acompanhantes souberam que aquelas tropas estavam na cidade, e que seria impossível tomá-la, retiraram-se, mas não para o Peloponeso; tomaram o rumo da Eólida, como se chama atualmente a região, indo para Cálidon

e Plêuron e outras cidades vizinhas, e para Prôsquion, na Etólia, pois os ambraciotas tinham vindo convencê-los a atacar juntamente com eles Argos da Anfilóquia, o resto da Anfilóquia e simultaneamente a Acarnânia, dizendo-lhes que, se tomassem aquelas posições, todos os habitantes do interior se juntariam à aliança de Esparta. Eurílocos se deixou convencer, dispensou os etólios e parou com suas tropas na região, na expectativa de que os ambraciotas, iniciada a campanha, pudessem necessitar de sua ajuda em Argos. E o verão terminou.

103. No inverno subseqüente[47] os atenienses estacionados na Sicília avançaram com seus aliados helenos e todos os sícelos que, submetidos à força pelos siracusanos e trazidos para a sua aliança, os haviam abandonado para combater ao lado dos atenienses; atacaram a cidade sícela de Ínessa, cuja acrópole os siracusanos ocupavam, mas tiveram de retirar-se sem conquistá-la. Na retirada os aliados, que formavam a retaguarda dos atenienses, foram atacados impetuosamente pelos siracusanos ocupantes do forte, que puseram em fuga parte das tropas e mataram um número considerável de soldados. Depois de reembarcarem em suas naus, Laques e os atenienses desceram em algumas regiões costeiras habitadas pelos lócrios; nas margens do rio Caícinos derrotaram os lócrios que, totalizando cerca de trezentos soldados, vinham em missão de socorro sob as ordens de Próxenos filho de Cápaton, e partiram com as armas tomadas deles.

104. Ainda no mesmo inverno os atenienses purificaram Delos, em obediência a algum oráculo. Já houvera anteriormente uma purificação, feita pelo tirano Pisístratos, mas apenas na parte da cidade visível do santuário, e não em toda a ilha; desta vez a purificação foi total e feita da seguinte maneira: os túmulos sitiados em Delos foram todos removidos e foi expressamente proibido deixar que alguém morresse na ilha ou lá tivesse filhos a partir dessa ocasião; em tais casos ter-se-ia de passar para Rêneia. A distância entre Delos e Rêneia é tão curta que Polícrates, tirano de Samos, durante algum tempo muito poderoso no mar e senhor de todas as ilhas[48], inclusive Rêneia, pôde ligá-la a Delos por uma corrente após havê-la consagrado a Apolo Délio. Pela primeira vez após a purificação os atenienses celebraram lá as Délias, um festival qüinqüenal. No passado já houvera em Delos uma grande reunião periódica de iônios e dos ilhéus vizinhos; eles compareciam

[47] Em 426 a.C.
[48] As Cíclades.

à reunião com as mulheres e filhos, como fazem os iônios de hoje nas cerimônias de Éfesos; nela já se realizavam competições de ginástica e música, e as cidades enviavam coros. Homero mostra claramente que as reuniões eram assim nos versos seguintes, de seu *Hino a Apolo*[49]:

"Teu coração encontra mais encanto em Delos, Febo,
quando os iônios de rasantes túnicas se juntam
em tua rua com seus filhos e suas esposas;
no pugilismo eles competem, e no canto e dança,
dizendo o teu sagrado nome antes de começar".

Homero mostra igualmente nos versos seguintes, tirados do mesmo hino, que também havia concursos musicais e que os interessados iam competir em Delos; após mencionar o coro das mulheres de Delos, ele termina o seu elogio com estes versos, onde faz menção a si mesmo:

"Vamos! Que Apolo esteja a meu favor junto com Ártemis!
A todas vós estou rendendo as minhas homenagens,
mas peço-vos que logo mais penseis em mim de novo,
quando outro vate natural também de nossa terra
e tão sofrido quanto eu sou, vier e perguntar-vos:
"Qual dos poetas em competição aqui, donzelas,
vos traz cantos mais doces e também de vosso agrado?"
Dizei-lhe, então, com o pensamento em nós e todas juntas:
"É o homem cego morador em Quios escarpada".

Este é o testemunho de Homero quanto à existência em Delos, desde os tempos antigos, de uma grande reunião e festa; os ilhéus e os atenienses continuaram a enviar seus coros com oferendas, mas as competições e a maior parte das cerimônias foram suspensas, como costuma acontecer nos tempos de calamidades, até que finalmente, na ocasião mencionada acima, os atenienses restabeleceram os concursos e introduziram uma competição hípica, esta antes inexistente.

105. No mesmo inverno os ambraciotas, cumprindo a promessa com a qual haviam retido Eurílocos e suas tropas, marcharam contra Argos da Anfilóquia com três mil hoplitas, invadiram seu território e ocuparam Olpe,

[49] Versos 146-150 e 165-172.

localidade protegida por muralhas situada em uma elevação perto do mar; os acarnânios a tinham amuralhado desde os tempos antigos para fazer dela um tribunal geral. Olpe dista cerca de vinte e cinco estádios[49a] da cidade de Argos, que fica na costa. Dos acarnânios, uns foram socorrer Argos, outros acamparam num lugar da Anfilóquia chamado Crenas, para vigiar os peloponésios e os impedir de irem juntar-se aos ambraciotas sem serem vistos. Além disto, entraram em contato com Demóstenes, o comandante dos atenienses contra a Etólia, para pedir-lhe que viesse chefiá-los, trazendo as vinte naus atenienses que rondavam o Peloponeso sob o comando de Aristóteles filho de Timócrates e de Hierofon, filho de Antimnestos. De seu lado os ambraciotas enviaram um mensageiro de Olpe à sua cidade, para reclamar uma ajuda em massa, pois temiam que as tropas de Eurílocos não pudessem abrir passagem através dos acarnânios; se assim fosse, teriam de combater contando apenas com suas próprias forças ou, se quisessem retirar-se, não poderiam fazê-lo com segurança.

106. Quando os peloponésios de Eurílocos souberam da chegada dos ambraciotas a Olpe, deixaram Prôsquion e foram socorrê-los; cruzando o rio Aqueloos, avançaram através da Acarnânia, desprotegida por causa da ajuda enviada a Argos, deixando à direita a cidade de Stratos com sua guarnição, e à esquerda o resto da Acarnânia. Atravessaram o território de Stratos e avançaram para o de Fítia, depois para o território de Medêon, indo paralelamente à fronteira, e em seguida para o de Limnéia; continuando, entraram no território dos agreus, que já não são acarnânios e eram amigos. Chegando perto do monte Tíamos, pertencente aos agreus, flanquearam-no e desceram pelo território de Argos já à noite; então, infiltrando-se entre a cidade de Argos e os acarnânios acampados em Crenas, juntaram-se aos ambraciotas em Olpe sem serem vistos.

107. Feita a junção ao amanhecer, as tropas pararam na localidade chamada Metrópolis e lá fizeram o seu acampamento. Pouco depois os atenienses das vinte naus apareceram no golfo de Ambrácia para reforçar a defesa de Argos, e Demóstenes chegou com duzentos hoplitas messênios e sessenta arcbeiros de Atenas. Então, enquanto as naus bloqueavam a colina de Olpe pelo lado do mar, os acarnânios e alguns soldados de Anfilóquia (os ambraciotas impediam a maior parte destes de deslocar-se[50] todos já reunidos em Argos,

[49a] Cerca de 4,5 km.
[50] Veja-se o capítulo 114 deste livro.

preparam-se para entrar em combate com o adversário; escolheram Demóstenes para comandar todas as tropas aliadas, em conjunto com os próprios comandantes de cada grupo. Demóstenes acampou com suas tropas perto de Olpe, separadas do inimigo por um grande barranco. As tropas passaram cinco dias inativas, mas no sexto dia os dois lados entraram em combate. Como as linhas dos peloponésios se haviam disposto em formação muito alongada e tinham ultrapassado os flancos de suas tropas, Demóstenes receou ser envolvido por elas e preparou uma emboscada em uma depressão do terreno recoberta de árvores, usando hoplitas e tropas ligeiras – cerca de quatrocentos homens ao todo – que no momento do choque surgiriam pela retaguarda do adversário, no ponto em que as linhas deste ultrapassavam os flancos das suas. Terminados os preparativos de ambos os lados, começou o combate; a ala direita de Demóstenes estava constituída pelos messênios e alguns atenienses, enquanto o resto da frente era ocupado pelos contingentes acarnânios agrupados sucessivamente e pelos lançadores de dardos da Anfilóquia que estavam lá; os peloponésios e ambraciotas estavam misturados, à exceção dos mantineus, concentrados mais na ala esquerda, sem contudo constituir a sua extremidade, formada pelas tropas de Eurílocos e por ele mesmo, diante dos messênios e de Demóstenes.

108. Quando o combate já havia começado e as tropas peloponésias, flanqueando a ala oposta, procuravam cercar a ala direita do inimigo, os acarnânios emboscados atacaram a sua retaguarda e as derrotaram; não somente elas pararam de combater mas também, dominadas pelo terror, arrastaram em sua fuga o grosso das outras tropas; o aniquilamento do contingente de elite de Eurílocos, à vista dos outros, contribuiu muito para aumentar o pânico. Os messênios que compunham o setor com Demóstenes realizaram o grosso da operação. Do outro lado, os ambraciotas e as tropas da ala direita levaram a melhor e perseguiram o adversário até Argos; eles são realmente os melhores guerreiros da região. Na volta, todavia, vendo que as tropas restantes haviam sido vencidas e que os acarnânios vitoriosos os pressionavam de perto, rumaram para Olpe, onde se refugiaram a duras penas. As perdas foram grandes entre essas tropas, que corriam sem ordem e sem qualquer disciplina, exceto as dos mantineus; estas se distinguiram do resto e se mantiveram em ordem durante a retirada. A batalha terminou bem tarde.

109. Na manhã seguinte Menêdaios assumiu pessoalmente o comando, já que Eurílocos e o próprio Macários tinham sido mortos; depois de uma derrota daquelas proporções ele não via meios de ficar para enfrentar um cerco, pois estava bloqueado por terra, e também por mar pelas naus atenienses, nem de salvar-se mediante uma retirada; resolveu então negociar uma trégua e retirada com Demóstenes e os comandantes acarnânios, pedindo-lhes também permissão para recolher seus mortos. Os vencedores lhe entregaram os mortos, ergueram um troféu e recolheram os seus próprios mortos – cerca de trezentos; quanto à retirada, oficialmente se recusaram a concedê-la para todos, mas Demóstenes e seus colegas acarnânios autorizaram Menêdaios e outros chefes dos peloponésios e todas as suas principais personalidades a retirar-se prontamente; eles queriam que os ambraciotas e a massa de mercenários ficassem entregues à sua própria sorte, mas desejavam, sobretudo, desmoralizar os lacedemônios e peloponésios junto aos helenos daquelas regiões, por só haverem consultado os seus próprios interesses ao cometer tal traição. Os vencidos levaram os seus mortos, enterraram-nos em seguida como puderam e organizaram em segredo a retirada já autorizada.

110. Demóstenes e os acarnânios souberam que os ambraciotas da cidade, respondendo à primeira mensagem de Olpe, estavam atravessando em massa a Anfilóquia para socorrer as tropas dos ôlpios, às quais queriam juntar-se, sem ter tido qualquer notícia dos acontecimentos. Demóstenes enviou imediatamente uma parte de seus homens para preparar emboscadas ao longo do caminho e ocupar posições fortes, enquanto ele se aprontava com o resto das tropas para intervir contra os ambraciotas.

111. Nesse ínterim os mantineus e outros vencidos beneficiados pelo acordo, saindo a pretexto de apanhar legumes e lenha, afastaram-se em pequenos grupos, sem deixar de apanhar o que pretextaram ao sair; quando se distanciaram de Olpe, todavia, apressaram o passo. Os ambraciotas e os demais, que acabavam de sair juntos, quando perceberam que os mantineus e outros iam embora, partiram correndo em direção a eles com a intenção de capturá-los. Os acarnânios pensaram de início que todos rompiam o acordo indo embora, e perseguiram os peloponésios; alguns comandantes tentaram contê-los dizendo que havia sido acertada uma trégua com eles; uns poucos acarnânios os atacaram com dardos, julgando-se vítimas de uma traição, mas depois deixaram partir os mantineus e peloponésios, matando,

porém, os ambraciotas. Houve muitas discussões e dúvidas para distinguir os ambraciotas dos peloponésios, e cerca de duzentos dos primeiros foram mortos; os outros se refugiaram na Agraia, território vizinho, cujo rei era amigo e os acolheu.

112. Os ambraciotas da cidade chegaram a Idomene, que se compõe de duas colinas altas; à mais elevada haviam chegado na noite anterior os soldados destacados de suas tropas por Demóstenes, os quais, sem serem vistos, tiveram tempo de ocupá-la primeiro; mas ocorreu que os ambraciotas atingiram primeiro o topo da colina mais baixa, onde acamparam. Nesse ínterim Demóstenes se pôs em marcha com suas tropas, saindo ao cair da noite, logo após o jantar; ele mesmo conduziu metade de seus homens para o desfiladeiro, e os outros atravessaram os montes da Anfilóquia. Exatamente ao romper do dia ele atacou de surpresa os ambraciotas, que ainda estavam deitados e, sem ter tido qualquer notícia dos acontecimentos, pensavam que as tropas atacantes eram suas. Demóstenes, com efeito, havia posto propositalmente os messênios na vanguarda, pois estes falavam o mesmo dialeto dório e por isso inspiravam confiança às sentinelas, principalmente porque os rostos não podiam identificá-los, pois ainda estava escuro. Desta forma, ele atacou as tropas ambraciotas e as derrotou, matando a maioria no próprio local; os sobreviventes fugiram para as montanhas. Mas os caminhos já estavam guardados e os anfilóquios, além de conhecer bem o seu território, lutavam com armas leves contra hoplitas que não o conheciam e não sabiam para onde ir; nessas circunstâncias, os fugitivos caíram nos barrancos e nas emboscadas armadas contra eles e foram massacrados. Recorrendo a todas as formas de fuga eles correram até em direção ao mar, que não ficava longe; vendo as naus áticas que rondavam a costa no exato momento daquela ação, lançaram-se ao mar em direção às mesmas, preferindo, naquele pânico terrível, serem mortos pelos tripulantes das naus, se isto fosse inevitável, e não pelos habitantes de Anfilóquia, bárbaros e seus piores inimigos. Os ambraciotas sofreram um verdadeiro desastre, e poucos dos muitos que eram puderam voltar a salvo à sua cidade; os acarnânios saquearam os mortos, ergueram troféus e partiram para Argos.

113. No dia seguinte chegou até eles um arauto dos ambraciotas que haviam fugido de Olpe para o país dos agreus, pedindo-lhes para recuperar os mortos no primeiro combate, quando se retiravam sem se beneficiar do acordo com os mantineus e outros incluídos no mesmo. Quando o arauto

viu as armas dos ambraciotas da cidade, ficou admirado com a sua quantidade, pois ignorava o desastre e pensava que elas pertenciam aos seus antigos camaradas. Alguém, pensando que o arauto pertencia aos ambraciotas de Idomene, perguntou por que ele se admirava e quantos eram os seus mortos. A resposta foi: "Cerca de duzentos". O interlocutor falou: "Não; estas armas aparentemente são de mais de mil homens". O arauto retrucou: "Então elas não são daqueles que lutaram juntos conosco". O outro respondeu: "São, se combatestes ontem em Idomene". – "Mas nós não combatemos ontem, e sim anteontem quando partíamos." – "De qualquer forma, foi ontem que combatemos contra aqueles homens; eles vinham de sua cidade trazendo reforços para os ambraciotas." Quando o arauto ouviu isto e compreendeu que os reforços enviados por sua cidade haviam sido aniquilados, começou a chorar e, espantado com a enormidade da desgraça deles, partiu de volta apressadamente, tal como havia vindo, sem mais reclamar os seus mortos. No curso desta guerra este foi o pior desastre que uma cidade helênica sofreu sozinha em tão poucos dias. Não indico o número de mortos porque as versões são inacreditáveis em relação à importância da cidade. Sei, porém, que se os acarnânios e anfilóquios, ouvindo os atenienses e Demóstenes, tivessem querido aniquilar a Ambrácia, ela teria caído no primeiro ataque, mas eles recearam que os atenienses, de posse da cidade, viessem a ser vizinhos ainda mais perturbadores.

114. Depois os acarnânios entregaram aos atenienses um terço dos despojos e dividiram o resto entre suas próprias cidades. O quinhão dos atenienses lhes foi roubado durante a viagem por mar, e o que se vê atualmente consagrado em seus santuários na Ática é a parte pessoal de Demóstenes (trezentas armaduras completas, com as quais ele voltou a Atenas), pois o seu sucesso mais recente, após o revés da Etólia, lhe permitiu regressar com menos receio. Os atenienses das vinte naus viajaram para Náupactos. Após a partida dos atenienses e de Demóstenes os acarnânios e anfilóquios concederam aos ambraciotas e peloponésios que se haviam refugiado entre os salíntios e os agreus o direito de voltar de Eníadas para onde tinham ido ao deixar Salíntios. Com vistas ao futuro os acarnânios e anfilóquios concluíram com os ambraciotas um tratado de paz e uma aliança por cem anos, nas seguintes condições: os ambraciotas não ajudariam os acarnânios a atacar os peloponésios, nem os acarnânios ajudariam os ambraciotas a atacar os atenienses, mas se ajudariam mutuamente na defesa de seus respectivos territórios; os ambraciotas devolveriam todas as posi-

ções e todos os reféns tomados aos anfilóquios e não ajudariam Anactório, território inimigo dos acarnânios. Este acordo pôs fim à guerra. Depois disto os coríntios enviaram à Ambrácia uma guarnição de cerca de trezentos hoplitas seus, comandados por Xenôclides, filho de Êuticles, os quais, abrindo caminho com dificuldade pelo interior, chegaram finalmente ao destino. Estes foram os acontecimentos na Ambrácia.

115. No mesmo inverno a frota ateniense da Sicília[51] efetuou um desembarque no território de Himera, apoiada pelos sícelos que haviam penetrado na região fronteiriça partindo do interior, ela atacou também as ilhas de Éolos. De volta a Région os atenienses encontraram lá o comandante Pitódoros filho de Isôlocos, nomeado para substituir Laques na chefia da frota. Os aliados na Sicília tinham ido convencer os atenienses a aumentar sua ajuda naval, pois os siracusanos já eram os senhores em terra e, se algumas naus bastavam para afastá-los do mar, eles queriam precaver-se reunindo uma frota, de maneira a evitar o seu domínio em ambos os elementos. Os atenienses tripularam quarenta naus para lhes enviar, com a intenção de acabar a guerra mais depressa, e ao mesmo tempo com o objetivo de exercitar sua marinha. Eles haviam então enviado Pitódoros, um dos comandantes, com algumas naus; o grosso da frota seguiria sob o comando de Sófocles filho de Sostrátidas e de Eurímedon filho de Tucles. Pitódoros, assumindo o comando naval em substituição a Laques, navegou no fim do inverno em direção à fortaleza dos lócrios que Laques havia capturado anteriormente[52] mas os lócrios o venceram em combate e ele se retirou.

116. Precisamente no início da primavera um rio de lava em chamas correu do Etna, como já havia acontecido antes, arrasando a parte do território dos cataneus situada no sopé do monte Etna, a mais alta montanha da Sicília. Dizem que esta erupção ocorreu cinqüenta anos após a anterior, e que já houve três ao todo desde que os helenos habitam a Sicília. Eis o que aconteceu durante aquele inverno, com o qual terminou o sexto ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

[51] Veja-se o capítulo 103 deste livro.
[52] Veja-se o capítulo 99 deste livro.

LIVRO QUARTO

1. No verão seguinte, na época em que se formam as espigas do trigo, dez naus siracusanas zarparam de sua cidade e, com outras dez dos lócrios, foram ocupar Messene, na Sicília, chamadas por seus habitantes; assim Messene se desligou de Atenas. Foi, sobretudo, a conclusão de que o local dominava o acesso à Sicília que motivou os siracusanos, juntamente com o temor de ver os atenienses usarem, algum dia, aquela base para vir atacá-los com forças mais numerosas; quanto aos lócrios, foi por seu ódio para com os régios, que desejavam esmagar numa guerra conduzida simultaneamente por terra e por mar. Realmente, na mesma ocasião os lócrios haviam invadido o território dos régios com todas as suas forças a fim de os impedir de ajudar os messenos, e também para atender a pedidos insistentes dos exilados de Région que viviam com eles. A cidade de Région estava dividida havia muito tempo entre facções opostas e lhe seria impossível, naquelas circunstâncias, resistir aos lócrios, o que era uma razão a mais para estes a atacarem. Após a devastação os lócrios retiraram as suas tropas terrestres, enquanto as naus ficavam vigiando Messene; outras, que estavam sendo tripuladas, deveriam vir ancorar no mesmo lugar, para de lá participarem da guerra.

2. Aproximadamente na mesma época do verão, antes do trigo amadurecer, os peloponésios e seus aliados invadiram a Ática sob o comando de Ágis filho de Arquídamos, rei da Lacedemônia, e acampando lá, devastaram as terras da região.

Os atenienses mandaram para a Sicília as quarenta naus previstas, capitaneadas pelos comandantes ainda presentes em Atenas (Eurímedon e Sófocles; o terceiro, Pitódoros, já havia chegado à Sicília). Os atenienses recomendaram também aos comandantes que, de passagem por Córcira, cuidassem de seus partidários naquela cidade, submetidos ao banditismo dos exilados instalados nas montanhas; realmente, os peloponésios já se haviam dirigido para lá em sessenta naus, com a intenção de ajudar os seus partidários nas montanhas, e na esperança de que a fome gravíssima que a cidade enfrentava lhes permitisse dominar a situação com facilidade ainda maior. Demóstenes também, que se havia recolhido à vida privada desde seu regresso da Acarnânia, tinha pleiteado e obtido dos comandantes atenienses o uso das quarenta naus como quisesse em operações em volta do Peloponeso.

3. No momento em que essas naus chegaram à altura da Lacônia, Eurímedon e Sófocles, ao saberem a bordo que as naus peloponésias já estavam em Córcira, só pensavam em chegar lá o mais depressa possível, mas Demóstenes os instou a pararem primeiro em Pilos e a tomar algumas providências oportunas antes de prosseguirem na expedição; os comandantes relutavam, mas uma tempestade súbita impeliu a frota para o porto de Pilos; diante disto Demóstenes quis construir imediatamente fortificações no local (foi para isso, disse ele, que se juntou à frota); enfatizou a facilidade que teriam para obter madeira e pedras, a posição estrategicamente favorável do local e finalmente a inexistência de tropas não somente lá, mas também a longa distância (cerca de quatrocentos estádios separam Esparta de Pilos, situada na antiga Messênia e conhecida na Lacedemônia como Corifásion); os comandantes alegaram que não faltavam promontórios desertos no Peloponeso se ele quisesse ocupá-los e criar despesas para a cidade, mas Demóstenes via naquele lugar vantagens especiais que o distinguiam dos outros: a vizinhança de um porto e também o fato de os messênios, habitantes da região desde as suas origens e que falavam o mesmo dialeto dos lacedemônios, poderem causar-lhes grandes danos transformando-o em sua base de operações; ao mesmo tempo poderiam ser seus guardiães confiáveis.

4. Como Demóstenes não conseguiu convencer os comandantes nem os soldados, nem os lugares-tenentes das divisões aos quais comunicara seus planos, ficaram lá inativos, por ser impossível navegar em conseqüência do mau tempo, até o momento em que os soldados ociosos passaram subitamente a querer construir uma fortaleza no local. Pondo mãos à obra, entregaram-se ao trabalho; não dispunham de ferramentas para preparar as pedras, mas escolheram os blocos mais apropriados e os rejuntaram da melhor maneira possível; onde tinham de usar argamassa, por falta de recipientes a carregavam nas costas, curvando-se para que a carga se mantivesse tanto quanto possível no lugar, e cruzando os braços para trás para impedi-la de escorrer. Apressavam-se de todas as maneiras, querendo antecipar-se aos lacedemônios e aprontar os pontos mais vulneráveis antes deles aparecerem para atacá-los (em sua maior extensão o local era naturalmente protegido e não necessitava de muralhas).

5. Mas os lacedemônios celebravam uma festa na ocasião e, além disso, quase não se preocupavam com as notícias recebidas a propósito; pensa-



PILOS E SFACTÉRIA

ram que, quando partissem para combatê-los, os atenienses não os esperariam ou seriam facilmente forçados por eles a render-se; até certo ponto o fato de suas tropas estarem ainda na Ática também os deteve. Os atenienses completaram em seis dias a muralha no lado que dava para o interior e onde quer que ela fosse mais necessária, e deixaram lá Demóstenes para protegê-la com cinco naus, enquanto a maior parte da frota continuou em sua rota para Córcira e a Sicília com a maior pressa possível.

6. Diante da notícia da ocupação de Pilos, os peloponésios na Ática partiram rapidamente de volta, pois o rei Ágis e os lacedemônios ficaram seriamente preocupados com o caso; ao mesmo tempo, como a invasão desta vez havia começado muito cedo, na época em que o trigo ainda estava verde, já faltavam víveres para o grosso da tropa; finalmente, a recorrência de temperaturas hibernais, excepcionais para a estação, deixou os soldados desarvorados. Havia, portanto, várias razões para eles apressarem a retirada, fazendo desta invasão a mais curta de todas, pois só ficaram na Ática durante quinze dias.

7. Na mesma época o comandante ateniense Simonides reuniu alguns atenienses de postos avançados e numerosos aliados das vizinhanças para atacar a cidade de Êion, na costa da Trácia (colônia de Mende, mas inimiga), e graças a traições conseguiu capturá-la. Logo após chegaram reforços dos calcídios e botieus e Simonides foi expulso, perdendo um número considerável de seus soldados.

8. Após a retirada dos peloponésios que estavam na Ática os espartanos, juntamente com os periecos mais próximos do local, partiram sem demora para socorrer Pilos; os outros lacedemônios, todavia, demoraram mais a pôr-se em marcha, pois estavam acabando de voltar de outra campanha. Foram enviadas também instruções a todo o Peloponeso no sentido de socorrer Pilos o mais depressa possível, e a frota peloponésia então em Córcira foi chamada para o mesmo fim. Suas naus foram levadas por terra através do istmo de Lêucade, e chegaram em frente a Pilos sem serem vistas pelas naus atenienses estacionadas em Zácintos; as forças de terra, por seu turno, já estavam lá. Enquanto as naus peloponésias ainda se dirigiam a Pilos, Demóstenes teve tempo para despachar secretamente duas naus levando instruções a Eurímedon e à frota ateniense de Zácintos para virem imediatamente, pois o local estava em perigo. A frota chegou rapidamente, atenden-

do às instruções de Demóstenes, enquanto os lacedemônios se preparavam para atacar o forte por terra e por mar, esperando tomar facilmente uma construção feita às pressas e defendida por uma guarnição pouco numerosa; como, porém, aguardavam a chegada da frota ateniense de Zácintos de uma hora para outra, tinham a intenção, no caso de ainda não haverem capturado o local, de bloquear as entradas do porto e, assim, impedir os atenienses de ancorar no mesmo. Com efeito, a ilha chamada Sfactérion, que se alonga em frente ao porto e a curta distância, torna-o seguro e lhe estreita as entradas; destas, uma dá passagem a duas naus do lado do forte ateniense e de Pilos, e a segunda, na direção da outra parte do continente, a oito ou nove; a ilha, por ser desabitada, é toda coberta de árvores e não tem caminhos abertos, e sua extensão é de cerca de quinze estádios[1]. Os lacedemônios pretendiam, portanto, organizar diante das duas entradas uma barragem maciça de naus com as proas viradas para fora; quanto à ilha fronteira, receando que os atenienses a usassem para combatê-los, instalaram nela alguns hoplitas; outros foram dispostos ao longo da costa. Se isto fosse feito, a frota ateniense deveria ter contra ela ao mesmo tempo a ilha e a costa, onde não poderia realizar um desembarque (em relação a Pilos, as partes adjacentes às entradas na costa não dispunham de porto algum do lado do mar, e conseqüentemente não lhes proporcionariam qualquer base de onde pudessem vir ajudar os outros atenienses); por isso os lacedemônios esperavam poder cercar, sem combate naval nem outros riscos, um local onde não havia reservas de víveres e ocupado sem maiores preparativos. Era esta a idéia deles, e logo levaram à ilha os hoplitas, sorteados entre todas as companhias. Alguns destacamentos já haviam ido anteriormente para lá, em revezamento; os soldados do último a fazê-lo (eram quatrocentos e vinte e cinco, mais seus hilotas), foram aprisionados com o seu comandante Epitadas filho de Môlobros.

9. Demóstenes, vendo que os lacedemônios se preparavam para atacá-lo simultaneamente por terra e por mar, fazia também seus preparativos. Pôs a seco, bem próximas da muralha, as trirremes restantes das que lhe haviam sido confiadas e as cercou com uma paliçada; seus tripulantes foram armados com escudos de má qualidade, quase todos feitos de junco, pois era impossível obter armas naquela região deserta (as que eles tinham haviam sido obtidas em uma nau de trinta remos de piratas e em outra pertencente a alguns messênios que apareceram casualmente por lá). Os messênios contribuíram com cerca de quarenta hoplitas, que Demóstenes incluiu entre

[1] Cerca de 2,7 km.

os outros. Chamando o grosso de suas tropas, tanto as desarmadas quanto as armadas, colocou-as nos pontos mais fortificados e mais seguros do local, na direção do interior, com ordens para repelir as forças de terra em caso de ataque, enquanto ele mesmo, após haver selecionado do conjunto sessenta hoplitas e alguns arqueiros, dirigiu-se para fora das muralhas, na direção do mar, do lado onde seria mais provável uma tentativa de desembarque: era um terreno difícil e rochoso, defronte do mar aberto, mas como a muralha lá era mais fraca, ele calculava que o inimigo desejasse começar o ataque naquele ponto; os atenienses haviam deixado as defesas fracas naquele lugar, com efeito, simplesmente porque nunca pensaram em ser derrotados no mar, e Demóstenes sabia que se o inimigo quisesse forçar um desembarque por lá o local seria tomado. Conseqüentemente ele pôs os hoplitas naquele ponto, levando-os bem para a beira-mar, disposto a manter o inimigo afastado, tanto quanto fosse capaz, e lhes dirigiu a seguinte exortação:

10. "Soldados que vos arriscais aqui comigo! Nenhum de vós deve querer mostrar sutileza mental diante do inevitável, calculando toda a extensão dos perigos que nos envolvem, em vez de lançar-se impetuosamente contra o inimigo, com uma confiança cega em que sobreviveremos a estes perigos mesmo nas circunstâncias presentes. Na verdade, as situações sem alternativas, como esta, não deixam qualquer margem ao cálculo, e impõem que se arrisque tudo na hora!

"Posso até prever que as vantagens estarão mais do nosso lado se nos decidirmos a não nos deixar espantar pelo número dos adversários a ponto de comprometer a nossa superioridade. Primeiro, considero o próprio local favorável pela dificuldade de acesso; se apenas nos mantivermos firmes ele será nosso aliado, e mesmo em caso de recuo a nossa passagem, por mais difícil que seja, não oferecerá impedimentos intransponíveis, pois ninguém a obstruirá. Acharemos então os adversários ainda mais terríveis, porquanto não lhes será fácil efetuar uma retirada, admitindo-se que cedam às nossas forças (em suas naus será fácil repeli-los, mas se desembarcarem estaremos em pé de igualdade). Depois, sua importância numérica não nos deve atemorizar demais, pois combaterão em pequenos grupos, apesar de seu número, em vista da dificuldade de aproximação das naus; não se tratará aqui de um exército combatendo em terra, com uma superioridade numérica influindo em condições iguais; tratar-se-á de um exército combatendo em naus e dependendo de uma série de fatores favoráveis, e assim as dificuldades que os esperam parecem compensar nossa inferioridade numérica. Além

disso, vós, atenienses, sabeis por experiência própria o que é um desembarque diante do inimigo e que, se vos mantiverdes firmes e se o temor causado pelo espadanar dos remos ou pelo avanço das naus não vos fizer ceder, esse desembarque não vos será imposto apenas pela força bruta; conjuro-vos, então, a não ceder hoje, a lutar bem junto à espuma das vagas na areia e a garantir dessa forma a própria sobrevivência, mantendo o domínio sobre este local".

11. Animados pela exortação de Demóstenes os atenienses sentiram crescer a sua confiança, e descendo até a praia tomaram posição bem junto ao mar. Os lacedemônios, por outro lado, começaram a atacar o forte ao mesmo tempo com as tropas de terra e com a frota composta de quarenta naus; o espartano Trasimelidas estava a bordo na qualidade de almirante da frota. Seu ataque era dirigido exatamente contra o ponto previsto por Demóstenes. Enquanto os atenienses se aprontavam para resistir nos dois lados, em terra e no mar, os lacedemônios dividiram suas naus em pequenos grupos – seria impossível aproximar-se em maior número de uma só vez – e avançavam e paravam alternadamente; não poupavam valentia nem encorajamento mútuo, tentando abrir caminho e tomar o forte. Mas nenhum se distinguiu tanto quanto Brasidas; no comando de uma trirreme e vendo que, devido às dificuldades do terreno, comandantes e pilotos, mesmo onde o desembarque parecia possível, hesitavam em tentá-lo e receavam que suas naus se desmantelassem, ele gritava que não se devia poupar os pranchões de que as mesmas eram feitas e tolerar sem reação que o inimigo houvesse instalado um forte em sua terra; cumpria-lhes encalhar as naus e forçar o desembarque; quanto aos aliados, não deveriam hesitar: em retribuição a tantos benefícios, teriam de sacrificar as suas naus como recompensa aos lacedemônios naquela hora, encalhando-as e desembarcando a qualquer preço, para capturar os homens e o local.

12. Ele mesmo, enquanto exortava os demais, compeliu seu piloto a encalhar e correu para a escada, mas ao tentar o desembarque foi ferido pelos atenienses; cheio de ferimentos, perdeu os sentidos e tombou na proa da nau, enquanto o escudo se soltava de seus braços e caía no mar; levado para terra e recolhido pelos atenienses, esse escudo mais tarde foi posto no troféu que ergueram para comemorar o combate. Não faltou coragem aos outros lacedemônios, mas foram incapazes de desembarcar, por causa das dificuldades do terreno e porque os atenienses se mantinham firmes, sem

recuar um passo. A sorte naquele momento havia invertido de tal maneira as situações que os atenienses lutavam em terra, e terra lacônia, enquanto os lacedemônios tentavam efetuar um desembarque contra os atenienses com suas naus e em sua própria terra, agora como terra inimiga. Efetivamente, até aquela data os lacedemônios eram famosos por serem essencialmente uma potência terrestre, invencível com seu exército, e os atenienses por serem bons marinheiros, superiores principalmente por sua frota.

13. Os lacedemônios continuaram atacando durante o resto daquele dia e parte do seguinte, e afinal pararam; no terceiro dia destacaram algumas naus para irem até Asine buscar madeira com a qual pudessem fazer engenhos de guerra, pois embora a muralha em frente ao porto fosse alta, o desembarque lá seria particularmente fácil e esperavam poder tomá-la com seus engenhos. Nesse ínterim chegaram as naus atenienses de Zácintos, em número de cinqüenta (haviam-se juntado a elas algumas antes estacionadas em Náupactos e quatro de Quios). Vendo a praia do lado do continente e a própria ilha repletas de hoplitas, e a frota parada no porto sem sair dele, não sabiam onde ancorar; dirigiram-se provisoriamente a Prote, ilha habitada situada a pequena distância, e lá ficaram; na manhã seguinte voltaram ao mar, prontos a combater se o inimigo aceitasse sair para enfrentá-los em lugar mais amplo; em caso contrário eles mesmos pretendiam entrar no porto. De fato, os lacedemônios evitaram sair para o mar aberto e por uma razão qualquer deixaram de bloquear as entradas do porto como haviam planejado; permaneciam parados, sem nada tentar em terra, limitando-se a embarcar os tripulantes e preparar-se para oferecer combate no porto se alguém entrasse lá, onde não faltava lugar.

14. Os atenienses, percebendo essa intenção, precipitaram-se sobre eles pelas duas passagens; encontrando a maior parte das naus já no mar e com a proa para fora, atacaram-nas e as puseram em fuga; em seguida, pondo-se em sua perseguição a curta distância, danificaram várias naus, capturaram cinco (uma delas com toda a tripulação) e avançaram sobre as outras que haviam conseguido refugiar-se em terra; quanto àquelas cujas tripulações não haviam acabado de embarcar, foram destroçadas antes de pôr-se ao mar, e algumas foram até rebocadas vazias após a fuga das tripulações. Vendo tudo isto os lacedemônios, amargurados em face desse desastre que isolava seus homens na ilha, vieram socorrê-los: avançando armados pelo mar, agarravam-se às naus e tentavam arrastá-las de volta à praia, e cada homem

se sentia impotente sempre que não estivesse envolvido na ação. Enfim o tumulto se tornou terrível, havendo os dois adversários mudado sua maneira peculiar de combater em relação às naus: os lacedemônios, dominados pelo ardor e excitação, estavam – pode-se dizer travando um verdadeiro combate naval a partir da terra, enquanto os atenienses, vencedores e desejosos de levar seu presente sucesso tão longe quanto possível, empenhavam-se em um combate terrestre do alto das naus. Finalmente, depois de causarem muitos danos uma à outra e ferirem muitos combatentes, as duas partes se separaram; os lacedemônios puderam salvar suas naus vazias, exceto as capturadas inicialmente. As tropas de cada lado tomaram novamente posição em seus respectivos campos; os atenienses ergueram um troféu, entregaram os mortos e recolheram os destroços das naus; passaram imediatamente a navegar em volta da ilha e a mantê-la sob vigilância, considerando isolados os homens que lá estavam. Os peloponésios, de seu lado, estacionados na costa com os reforços chegados de toda parte, permaneceram a postos diante de Pilos.

15. Em Esparta, quando chegaram as notícias dos acontecimentos de Pilos, foi decidido, em vista da gravidade do desastre, que as autoridades partiriam para o local imediatamente, a fim de examinar a situação com seus próprios olhos e tomar as decisões cabíveis. Vendo, então, que seria impossível tomar represálias para libertar os seus homens, e não querendo expô-los ao risco de maiores provações em decorrência da fome, nem que, esmagados pela superioridade numérica, eles finalmente cedessem, decidiram, se os comandantes atenienses quisessem, concluir uma trégua restrita ao caso de Pilos; mandariam embaixadores a Atenas para propor um acordo e se esforçariam por recuperar os seus homens o mais depressa possível.

16. Os comandantes aceitaram a proposta e foi concluída a trégua nas seguintes condições: os lacedemônios reuniriam em Pilos as naus com as quais haviam combatido e todas as naus longas que tivessem na Lacônia, e as entregariam aos atenienses, e não atacariam o forte, seja por terra, seja por mar; os atenienses deixariam os lacedemônios do continente enviar para seus homens na ilha uma ração fixa já preparada (duas quênices áticas[2] de farinha de cevada por pessoa, duas cotilas de vinho e carne; para os auxiliares seria a metade); tais remessas se fariam sob as vistas dos atenienses e

[2] A quênice (*khoinix*) equivalia aproximadamente a um litro; quatro cotilas equivaliam a uma quênice.

nenhum transporte seria realizado ocultamente; os atenienses continuariam a manter vigilância sobre a ilha como antes, sob a condição de não desembarcarem lá, e não atacariam o acampamento peloponésio seja por terra, seja por mar. Em caso de qualquer infração a alguma dessas condições a trégua estaria rompida. Sua vigência se prolongaria até o regresso de Atenas dos embaixadores lacedemônios, que seriam transportados numa trirreme ateniense na ida e na volta. Após o regresso a trégua expiraria e os atenienses restituiriam as naus, no estado em que as haviam recebido. A trégua foi acordada nestes termos; as naus foram entregues (cerca de sessenta) e os embaixadores partiram. Chegando a Atenas, eles disseram o seguinte:

17. "A Lacedemônia nos envia, atenienses, a propósito dos homens da ilha, para negociar medidas que ao mesmo tempo mereçam a vossa aprovação por serem compatíveis com vossos interesses e, quanto a nós, sejam capazes de salvaguardar toda a dignidade que as circunstâncias permitam em nossa desventura presente. Nossa fala será de certo modo extensa, sem contudo violar os nossos hábitos: é usual entre nós, onde basta a brevidade, não ser prolixo, mas sê-lo suficientemente quando se nos apresenta uma ocasião para lançar luz sobre um ponto importante e obter pela palavra o resultado almejado. Não deveis receber com espírito hostil o que vamos dizer, ou como uma lição dada a pessoas sem discernimento, mas simplesmente como um lembrete dirigido a homens que sabem deliberar adequadamente. Estais em condições de usar nobremente vossa sorte atual, guardando o que já possuís e acrescentando a isso a honra e a glória; evitareis assim o destino dos homens que obtêm sucesso sem estar habituados a ele: a esperança os leva a desejar sempre mais por causa de sua inesperada boa sorte no momento. Ao contrário, quem já conheceu mais mudanças de fortuna, para mal ou para bem, deve com mais razão desconfiar do sucesso. Pela experiência adquirida, vossa cidade, tanto quanto a nossa, tem razões para incluir-se exatamente neste caso.

18. "Para convencer-vos disso, considerar apenas nossa desgraça presente: eis-nos aqui, um povo famoso entre todos os helenos, vindo ao vosso encontro, enquanto pensávamos até há pouco tempo estar mais em posição de vos conceder o que hoje vos pedimos. O que nos aconteceu não decorre de insuficiência de nossas forças nem de insolência resultante de seu crescimento; partindo de premissas certas cometemos um erro de apreciação - contingência a que todos estão igualmente sujeitos. Não é então normal que,

quanto a vós, a força atual de vossa cidade, com suas novas aquisições, vos leve a imaginar que a sorte de agora em diante vos será sempre favorável. É prova de sabedoria fazer da ventura, tendo em vista a sua inconstância, um uso cautelosamente ponderado (na desventura, a mesma sabedoria nos leva a comportar-nos com mais ponderação), e devemos também considerar que na guerra não podemos limitar a nossa participação a um segmento dela que escolhamos para levar avante, mas temos de seguir para onde nos levar o acaso. Os homens que agem assim são menos sujeitos a malogros, pois não se deixam iludir por uma confiança excessiva no sucesso militar e, portanto, têm mais possibilidade de discernir o momento em que a fortuna lhes sorri para negociar. Esta, atenienses, é a melhor atitude que podeis adotar agora em relação a nós; assim evitareis mais tarde, se for o caso, por não nos haverdes ouvido, ver os vossos cálculos falharem (o que pode perfeitamente acontecer), evidenciando que vosso sucesso presente foi devido puramente ao acaso – vós que podeis, sem nada arriscar, deixar para a posteridade um renome de força e discernimento.

19. "Os lacedemônios vos convidam a negociar e pôr fim à guerra, oferecendo-vos paz e uma aliança, além de laços de estreita amizade e fraternidade; em troca vos pedem os homens da ilha, julgando que será melhor evitar as alternativas de aqueles homens conseguirem escapar pela força, se o acaso lhes oferecer um meio de salvar-se, ou de uma capitulação que termine por deixá-los definitivamente em vossas mãos. Em nossa opinião as grandes hostilidades têm uma solução estável não quando uma das duas partes, apegando-se obstinadamente ao desejo de tomar represálias e tendo dominado substancialmente o adversário, constrange-o por juramentos impostos à força e lhe impinge um acordo iníquo, mas quando, podendo obter o mesmo resultado de modo razoável, triunfa mais uma vez sobre o adversário por sua generosidade e contraria a expectativa mediante um acordo moderado. Neste caso, o adversário é compelido a responder-lhe não com represálias pelas violências sofridas, mas com outras provas de generosidade; ele se torna mais disposto a respeitar, em nome da honra, os termos do pacto. É mais no caso de hostilidades graves do que nos conflitos de importância menor que os homens agem assim, e sua natureza os impele, se o outro lado cedeu espontaneamente, a também fazer concessões de bom grado; diante da arrogância, ao contrário, preferem correr todos os riscos, mesmo contrariando a sua disposição.

20. "Temos agora, vós e nós, a mais bela ocasião de reconciliar-nos que jamais se nos ofereceu, sem esperar que um mal irreparável venha interpor-se entre nós para impedir o acordo, pois então seria inevitável que à hostilidade entre nossos povos se juntasse outra, pessoal e definitiva, e não teríeis outro ensejo de aproveitar as vantagens que hoje vos oferecemos. Enquanto o desenlace da guerra é duvidoso devemos, vós, colhendo as glórias e ganhando a nossa aliança, e nós, evitando a humilhação mediante uma solução moderada para nossa situação desastrosa, adotar outros sentimentos, escolher nós mesmos a paz em vez da guerra, e dessa forma pôr termo aos males de todos os helenos; eles vos atribuirão os méritos principais desta decisão, pois foram envolvidos na guerra sem que se saiba claramente quem a começou, mas se ela acabar agora – e isto depende principalmente de vós – é a vós que eles ficarão gratos. Decidi assim e podereis ligar-vos por uma amizade firme aos lacedemônios, a seu convite, graças à generosidade e não à violência, Ponderai nas vantagens que tereis com tal gesto: basta, com efeito, que vós e nós mesmos usemos a mesma linguagem, e o resto do mundo helênico, inferiorizado em força, tratar-nos-á com a maior deferência."

21. Os lacedemônios disseram estas palavras pensando que, como os atenienses no passado[3] estiveram ansiosos por terminar a guerra e só haviam sido impedidos pela falta de receptividade de Esparta, aceitariam de bom grado a paz se lhes fosse oferecida e lhes devolveriam os homens. Mas os atenienses, agora que tinham os homens na ilha, pensavam que a paz era coisa segura no momento em que desejassem negociá-la, e faziam exigências maiores. Quem mais os impelia nessa direção era Clêon filho de Cleênetos, líder popular na época e muito ouvido pela multidão. Persuadidos por ele, os atenienses responderam que todos os soldados da ilha deveriam entregar-se com suas armas, para serem trazidos a Atenas. Quando eles chegassem, os lacedemônios teriam de restituir Niséia, Pegás, Trezena e a Acaia (território que não haviam conquistado na guerra, mas mediante cessão por Atenas em decorrência de um tratado anterior, aceito em situação calamitosa, num momento em que a paz lhe era necessária)[4]; só então seus homens lhe seriam devolvidos e se concluiria um tratado, com a duração decidida pelos dois povos.

[3] Em 430 a.C.; veja-se o capítulo 59 do livro II.
[4] Veja-se o capítulo 115 do livro I.

22. Diante dessa resposta os embaixadores não fizeram qualquer observação; pediram a designação de um grupo para ser ouvido sobre cada ponto, de modo a chegar-se tranqüilamente a um acordo. Clêon, todavia, continuava insistindo insolentemente; disse que já havia percebido antes que as intenções dos lacedemônios nada tinham de justas; agora isto se tornava mais claro, no caso presente, entre outras coisas pela recusa em falar à multidão e pelo desejo de se reunirem num grupo formado por poucos; se tinham propósitos honestos, disse-lhes, deveriam expô-los a todos. Os lacedemônios compreenderam a situação; de um lado, não podiam debater com a multidão, mesmo supondo que sua desgraça a decidisse a fazer alguma concessão, pois se arriscariam a comprometer-se diante de seus aliados, falando sem a certeza de obter bons resultados; por outro lado, Atenas não aceitaria condições moderadas para o que eles propunham; naquela situação, deixaram Atenas sem conseguir coisa alguma.

23. Logo após o seu regresso a trégua referente a Pilos terminou e os lacedemônios reclamaram suas naus, como fora pactuado. Os atenienses, porém, queixaram-se de uma incursão contra seu forte, contrariamente ao tratado, e de outras violações que não pareciam dignas de atenção; por isso não as devolveram, apegando-se obstinadamente à cláusula segundo a qual em caso de qualquer infração a trégua estaria rompida; os lacedemônios protestaram, e depois de retirar-se denunciando o caso das naus como uma iniqüidade reiniciaram as hostilidades. Estas passaram a ser conduzidas vigorosamente por ambos os lados em relação a Pilos; durante o dia os atenienses não cessavam de navegar em volta da ilha com duas naus indo em direções opostas; à noite, toda a sua frota ancorava em torno da ilha, salvo do lado do mar aberto por causa do vento; outras vinte naus haviam chegado de Atenas para defender o local, de tal modo que havia lá ao todo setenta; os peloponésios continuavam acampados na costa em frente à ilha, e vindo de lá atacavam o forte, aguardando alguma oportunidade que se lhes oferecesse para salvar os seus homens.

24. Nesse ínterim os siracusanos e seus aliados na Sicília, tendo reunido às naus de guarda em Messene o resto da frota que estavam equipando, passaram a conduzir as hostilidades a partir daquela cidade. Eram instigados principalmente pelos lócrios, que odiavam os régios e haviam efetuado uma expedição maciça contra seu território. Os siracusanos queriam também experimentar um combate naval, vendo que os atenienses dispunham

somente de umas poucas naus na região e sabendo que a maior parte da frota, inclusive as naus estacionadas anteriormente na Sicília, estavam ocupadas no bloqueio da ilha de Sfactéria. Se obtivessem uma vitória no mar, esperavam dominar facilmente Région, com suas tropas de terra e sua frota ancorada ao largo; depois disso a situação ficaria mais consolidada, pois diante da proximidade entre Région – extremidade da Itália – e Messene – extremidade da Sicília, os atenienses não mais poderiam vir ancorar em frente e dominar o estreito. Aquele estreito é um braço de mar que separa Région de Messene, no ponto em que a distância entre o continente e a Sicília é mais curta; era este o lugar chamado Caríbdis, por onde segundo a tradição Odisseus navegou; em conseqüência de sua estreiteza e de dois grandes mares – o da Tirrênia e o da Sicília – unirem ali as suas águas, formando fortes correntes, não é de admirar que aquela passagem fosse considerada difícil.

25. Naquele braço de mar os siracusanos e seus aliados, com pouco mais de trinta naus, foram compelidos a travar combate pela passagem de uma nau mercante, enfrentando dezesseis naus atenienses e oito de Région. Vencidos pelos atenienses, retiraram-se precipitadamente, cada um como pôde, para as respectivas bases, tendo perdido uma nau; a superveniência da noite pôs fim à operação. Após esse evento os lócrios deixaram o território dos régios e houve em Pelóris, no território de Messene, uma concentração das frotas de Siracusa e de seus aliados, com a presença também das forças de terra. Os atenienses e os régios se aproximaram e, vendo as naus vazias, efetuaram um ataque; uma garra de ferro prendeu uma de suas naus, que foi capturada, mas os respectivos tripulantes se salvaram a nado. Depois, vendo os siracusanos embarcarem em suas naus e estas serem rebocadas por meio de cabos ao longo da costa em direção a Messene, os atenienses os atacaram novamente, mas perderam outra nau porque os siracusanos deram uma volta súbita e atacaram primeiro. No trajeto ao longo da costa, portanto, e no combate travado daquela maneira fora do comum, os siracusanos não levaram a pior e finalmente chegaram ao porto de Messene. Então os atenienses, informados de que Camarina estava prestes a passar-se para o lado dos siracusanos em decorrência de intrigas de Árquias e de seus partidários, partiram sem demora para lá. Na mesma ocasião os messenos em massa fizeram uma expedição simultaneamente por terra e com a frota contra Naxos Calcídia, com a qual têm fronteiras comuns. No primeiro dia obrigaram os náxios a refugiar-se no interior das muralhas e devastaram as suas terras; no dia seguinte, enquanto a frota, após haver contornado a cida-

de, devastava a região próxima ao rio Acesines, as forças de terra investiram contra a mesma. Diante do ataque, numerosos sícelos das montanhas desceram para socorrê-la contra os messenos. Os náxios, ao vê-los, readquiriram a confiança e passaram a encorajar-se uns aos outros, pensando que os leontinos e seus demais aliados helenos estavam chegando para defendê-los; saíram subitamente da cidade e se precipitaram sobre os messenos, pondo-os em fuga e matando mais de mil deles; os demais se retiraram com grande dificuldade, pois os bárbaros, atacando-os ao longo dos caminhos, eliminaram a maior parte deles. A frota parou em Messene e se dispersou em seguida, rumando cada povo para o seu território. Logo após os leontinos e seus aliados, em companhia dos atenienses, empreenderam uma expedição contra Messene, julgando-a debilitada, e tentaram atacá-la, indo os atenienses com suas naus pelo lado do porto, enquanto as forças terrestres marchavam contra a cidade. Mas os messenos e alguns lócrios que, sob o comando de Demôteles, haviam sido deixados lá para proteger a cidade após o desastre em Naxos, fizeram uma investida e, caindo inopinadamente sobre eles, derrotaram a maior parte das tropas dos leontinos e mataram muitos deles. Em face desse acontecimento os atenienses desembarcaram e vieram ajudá-los e, atacando os messenos enquanto estavam em desordem, perseguiram-nos e os fizeram voltar à cidade; em seguida ergueram um troféu e se retiraram para Région. Depois desses fatos os helenos da Sicília continuaram a fazer incursões terrestres uns contra os outros, sem a cooperação dos atenienses.

26. Em Pilos, nesse ínterim, os atenienses ainda estavam sitiando os lacedemônios na ilha, e as tropas peloponésias no continente se mantinham na posição anterior. O bloqueio, todavia, estava inquietando os atenienses por causa da falta de víveres e de água; com efeito, havia somente uma pequena fonte, no alto, na própria acrópole de Pilos, e os soldados em sua maior parte cavavam poços nas proximidades da praia para beber uma água cuja qualidade é fácil imaginar. Além do mais havia pouco espaço para eles, acampados como estavam em uma área reduzida, e como não havia ancoradouro para as naus, as tripulações faziam as refeições em terra, por turnos, enquanto o resto da frota permanecia ancorada ao largo. Também causava desânimo a duração surpreendentemente longa do cerco, pois esperavam levar o inimigo à rendição em poucos dias, por se tratar de uma ilha deserta que tinha somente água salobra para ser bebida. A resistência se prolongara porque os lacedemônios haviam apelado para voluntários que se dispusessem a trazer para a ilha trigo moído, vinho, queijo e outros ali-

mentos utilizáveis num cerco, pagando alto preço por eles e prometendo liberdade a qualquer hilota que levasse gêneros para lá. Muitos quiseram correr o risco, especialmente os hilotas, e realmente conseguiram levá-los, partindo de todos os pontos do Peloponeso e chegando à praia à noite, do lado da ilha em frente ao mar aberto. Quando era possível, esperavam por ventos favoráveis para levá-los até a praia, pois achavam mais fácil iludir os guardas das trirremes quando a brisa soprava do mar, impossibilitando as naus de permanecerem ancoradas em frente à ilha, enquanto eles conseguiam chegar à praia sem medir as conseqüências, já que se havia estipulado um valor conveniente para os botes nos quais se dirigiam à ilha, e os hoplitas os esperavam nos pontos de chegada. Contrariamente, todos os que se aventuraram com tempo tranqüilo foram capturados. No porto havia também mergulhadores que nadavam submersos para a ilha, puxando consigo por uma corda sacos de couro cheios de sementes de papoula misturadas com mel e sementes de linho piladas; inicialmente eles não foram detectados, mas posteriormente havia guardas encarregados de espreitá-los. Dessa forma ambos os lados recorriam a todos os expedientes, um para obter víveres, o outro para evitar o abastecimento clandestino.

27. Quando souberam em Atenas que suas tropas estavam em dificuldades e que chegavam alimentos aos homens sitiados na ilha, todos ficaram perplexos e receosos de que o inverno ainda encontrasse as tropas engajadas no bloqueio. Compreenderam que o envio de alimentos contornando o Peloponeso seria impossível – Pilos era um lugar desolado, ao qual seriam incapazes de fazer chegar suprimentos adequados realizando a viagem mesmo no verão – e que, não havendo portos nas vizinhanças, o bloqueio seria um fracasso. Suas próprias tropas teriam de relaxar a vigilância e os homens na ilha escapariam, ou então, esperando o mau tempo, embarcariam de volta nos botes que lhes levavam víveres. Os atenienses estavam ainda mais apreensivos em relação à atitude dos lacedemônios, pensando que eles já não demonstravam interesse em negociar a paz por terem agora razões para confiar em seu sucesso, e se arrependeram de haver rejeitado suas propostas. Clêon, sabendo que a desconfiança dos atenienses se dirigia principalmente contra ele por haver impedido o acordo, disse-lhes que os mensageiros vindos de Pilos não estavam falando a verdade. Em face da acusação os mensageiros retrucaram que, se seus relatos não eram confiáveis, deveriam ser mandados a Pilos inspetores para verem com seus próprios olhos; o próprio Clêon foi escolhido pelos atenienses, juntamente com Teágenes.

Percebendo que agora seria obrigado a trazer o mesmo relato dos mensageiros cujas palavras estava impugnando ou que, se os contradissesse, seria acusado de falsidade, e vendo também que os atenienses já estavam de certo modo mais inclinados a enviar uma expedição, Clêon lhes disse que não deveriam mandar inspetores, nem demorar, deixando escapar uma oportunidade favorável; instou-os, se julgassem os relatos verídicos, a mandar uma frota e a capturar os homens. Apontando para Nícias filho de Nicératos, um dos comandantes e seu inimigo, disse que seria empresa fácil, se os generais fossem homens, navegar para lá com uma força adequada e capturar os lacedemônios na ilha, declarando que ele mesmo teria feito isto se estivesse no comando.

28. Notando que os atenienses começavam a agitar-se contra Clêon e perguntavam por que ele não embarcava imediatamente se a ação lhe parecia tão fácil, e vendo-se ameaçado de cair em desgraça, Nícias disse-lhe para levar as forças que desejasse, e que, tanto quanto dependesse dos comandantes, ele poderia fazer a tentativa. Clêon a princípio mostrou-se disposto a partir, pensando que somente na aparência Nícias lhe oferecia o comando; quando percebeu, todavia, que Nícias realmente desejava transmitir-lhe o comando, tentou recuar, dizendo que o comandante não era ele, e sim Nícias; Clêon ficou realmente alarmado naquele momento, pois nunca pensara que Nícias chegasse ao ponto de desistir para ceder-lhe o lugar. Nícias o exortou novamente a ir e se prontificou a renunciar ao comando da expedição contra Pilos, invocando os atenienses como testemunhas de que de fato queria fazê-lo. Quanto mais Clêon tentava escapar à expedição e retirar a sua proposta, mais intensamente os atenienses, como costumam fazer as multidões, insistiam com Nícias para abandonar o comando e instavam Clêon a partir. Assim, sem saber como desvencilhar-se de sua própria proposta, Clêon resolveu empreender a expedição e, subindo à tribuna, declarou que não temia os lacedemônios e partiria sem levar um único soldado ateniense consigo, mas somente as tropas lêmnias e ímbrias que estavam em Atenas e um batalhão de peltastas vindo de Enos, além de quatrocentos archeiros de outros lugares. Com estes juntos às tropas já estacionadas em Pilos, ele prometeu que dentro de vinte dias traria para Atenas os lacedemônios vivos ou os mataria no campo de batalha. Ouvindo essa leviandade os atenienses começaram a rir, mas apesar disto os cidadãos sensatos ficaram alegres, pois raciocinaram que obteriam uma de duas coisas boas: ou se livrariam de Clêon (esta era a preferência deles) ou, se ficassem desapontados quanto a isto, teriam os lacedemônios em suas mãos.

29. Após haver tomado todas as providências na mesma assembléia, pois os atenienses votaram a favor de sua expedição, Clêon escolheu para seu colega de comando um só dos comandantes de Pilos, Demóstenes, e se apressou em partir. Ele fez essa escolha por ter ouvido dizer que Demóstenes já estava planejando um desembarque na ilha, pois seus soldados, que sofriam por causa do desconforto de sua posição (na realidade eles estavam mais sitiados do que sitiando), mostravam-se dispostos a correr qualquer risco. O próprio Demóstenes, aliás, estava encorajado com a ocorrência de um incêndio na ilha. Com efeito, como até então a ilha era em sua maior parte recoberta de vegetação e não tinha estradas, pois nunca havia sido habitada, ele receava desembarcar, pensando que o terreno, como era até então, favoreceria o inimigo. De fato, este poderia atacar partindo de posições ocultas e infligir pesadas perdas a tropas numerosas após um desembarque; os erros e preparativos do inimigo também não seriam visíveis por suas tropas por causa da vegetação, enquanto os seus próprios erros seriam todos perceptíveis por seus oponentes, que assim poderiam arremeter inesperadamente contra elas sempre que desejassem, já que o poder de ataque estaria com eles. Se, por outro lado, ele forçasse caminho através da vegetação para enfrentá-los, a força menos numerosa e mais conhecedora do terreno – pensava ele – poderia impor-se à mais numerosa e menos familiarizada com o mesmo; suas tropas, embora numerosas, poderiam ser massacradas antes dele perceber, pois não haveria possibilidade de ver os pontos aos quais seria necessário enviar reforços.

30. Sua derrota na Etólia[5], em parte devida à floresta, era uma das razões pelas quais estes pensamentos ocorriam a Demóstenes. Mas os soldados, por falta de lugar, tinham de ir às extremidades da ilha para fazer refeições, guardados por suas sentinelas; por descuido, um deles ateou fogo a um pequeno trecho de um bosque e, a partir daí, a maior parte da floresta se incendiou antes deles perceberem o que se passava. Em conseqüência disto Demóstenes, que agora podia ver melhor os lacedemônios, chegou à conclusão de que eles eram mais numerosos do que ele pensava, pois antes suspeitara que o número de soldados para os quais eram mandados víveres fosse menor que o declarado[6]. Ele também percebeu que seria menos difícil desembarcar na ilha do que lhe parecera antes. Por isso, acreditando que o objetivo contemplado justificava um esforço mais sério da parte dos atenienses,

[5] Vejam-se os capítulos 97 e 98 do livro III.
[6] Veja-se o capítulo 16 deste livro.

iniciou os preparativos para a tentativa, convocando tropas entre os aliados mais próximos e aprontando-se em relação a tudo mais.

Ao mesmo tempo Clêon, que primeiro havia mandado informar Demóstenes de sua próxima vinda, chegou a Pilos trazendo as tropas que escolhera. Reunidas as forças, mandaram um arauto ao acampamento do inimigo no continente, dando-lhe a opção, se desejasse evitar a luta, de ordenar aos homens na ilha que se rendessem e entregassem as armas, prometendo-lhes que seriam mantidos em custódia moderada até que se chegasse a um acordo quanto à questão principal[7].

31. A proposta não foi aceita e os atenienses esperaram um dia, mas na madrugada seguinte, enquanto ainda estava escuro, embarcaram todos os hoplitas em umas poucas naus e levantaram âncora, desembarcando pouco antes da aurora em ambos os lados da ilha (do lado que dá para o alto-mar e do lado do porto); eram ao todo oitocentos soldados, quase todos hoplitas. – avançaram então aceleradamente contra o primeiro posto de guarda na ilha. As forças inimigas estavam dispostas da seguinte maneira: nesse primeiro posto havia cerca de trinta hoplitas; a parte central e mais plana da ilha, com acesso ao abastecimento d'água[8], estava ocupada pelo grosso das tropas, sob o comando de Epitadas, e um pequeno destacamento guardava a parte extrema da ilha, em frente a Pilos. Este ponto era escarpado do lado do mar e pouco vulnerável do lado da terra, e havia lá um velho forte, construído com pedras apenas empilhadas, que os lacedemônios pensavam poder usar na hipótese de terem de retirar-se sob forte pressão. Esta era a disposição das forças inimigas.

32. Os atenienses exterminaram imediatamente os guardas do primeiro posto, contra os quais avançaram a toda velocidade, encontrando-os ainda em seus leitos ou tentando apanhar suas armas, pois não haviam notado o desembarque dos atenienses, supondo que suas naus estavam simplesmente deslocando-se, como de hábito, para ir ancorar na base em que pernoitavam[9]. Ao romper o dia as tropas restantes começaram a desembarcar; eram constituídas dos tripulantes de pouco mais de setenta naus (à exceção dos remadores dos bancos mais baixos), cada um armado à sua maneira, além de oitocentos archeiros e um número não menor de peltastas, além

[7] Ou seja, a paz geral.
[8] Veja-se o capítulo 26 deste livro.
[9] Veja-se o capítulo 23 deste livro.

dos messênios que tinham vindo reforçá-las, juntando-se a todos os outros homens em serviço em Pilos, salvo os que estavam de guarda. Sob o comando de Demóstenes eles se dividiram em companhias de cerca de duzentos homens, que ocuparam os pontos mais altos da ilha, para que o inimigo, sentindo-se cercado por todos os lados, ficasse na maior perplexidade e não soubesse qual o ataque a enfrentar, expondo-se aos projéteis lançados pelas hostes de seus oponentes de todos os lados (se atacassem os da frente, lançados de trás; se os de um flanco, pelos do outro). Teriam sempre em sua retaguarda, para onde quer que se movessem, as tropas ligeiras do inimigo – as mais difíceis de enfrentar, pois atacavam de longe com flechas, dardos, pedras e fundas; não poderiam sequer persegui-las, pois mesmo recuando elas levavam vantagem, e quando seus perseguidores voltassem atrás estariam prontas para atacá-los novamente. Essa era a idéia que Demóstenes tinha em mente quando imaginou o plano de desembarque e foi essa a sua tática quando passou a executá-lo.

33. Quando as tropas comandadas por Epitades, constituindo o grosso dos lacedemônios na ilha, viram que o primeiro posto de guarda havia sido aniquilado, e que um exército estava avançando contra elas, alinharam-se e avançaram para atacar os hoplitas atenienses, querendo combatê-los de perto, pois os hoplitas estavam diretamente defronte delas, enquanto as tropas ligeiras se localizavam em seus flancos e em sua retaguarda. Não foram capazes, todavia, de entrar em luta com os hoplitas, nem de valer-se de sua maneira peculiar de combater, pois as tropas ligeiras atacavam ininterruptamente com projéteis de todos os lados, mantendo-as imobilizadas, e ao mesmo tempo os hoplitas não avançavam contra eles, permanecendo na expectativa. Os lacedemônios faziam recuar as tropas ligeiras sempre que as pressionavam mais de perto em seus ataques, porém logo elas voltavam e continuavam combatendo, por estarem equipadas com armamento leve e portanto pela facilidade que tinham de atacar no momento propício, já que o terreno era acidentado e, nunca tendo sido habitado, era naturalmente difícil. Em tal terreno os lacedemônios eram incapazes de persegui-los por causa de seu armamento pesado.

34. Durante um curto período de tempo ocorreram essas escaramuças, mas quando os lacedemônios se sentiram impossibilitados de contra-atacar prontamente no ponto em que eram atacados, as tropas ligeiras notaram que eles estavam afrouxando a defesa e ficaram ainda mais confiantes

em si mesmas, pois podiam ver que eram muitas vezes mais numerosas que as tropas inimigas e, já que suas baixas desde o princípio haviam sido menos pesadas do que esperavam, gradualmente se acostumaram a considerar os oponentes menos temíveis do que pareciam no primeiro desembarque, quando seu espírito estava oprimido pela idéia de que iam lutar contra os lacedemônios. Passando, portanto, a olhá-los com desdém, lançaram-se contra eles aos gritos, atirando-lhes pedras, flechas, dardos, qualquer projétil, enfim, que estivesse ao alcance de suas mãos. Os gritos com os quais os atenienses acompanhavam os seus ataques causavam pânico aos lacedemônios, que não estavam habituados a essa maneira de combater; mais ainda, o pó da floresta recém-queimada subia em nuvens para o ar, de tal forma que os homens não podiam ver o que estava acontecendo à sua frente, às voltas com as flechas e pedras atiradas contra eles por numerosas mãos no meio das nuvens de pó. A batalha então se tornou cada vez mais difícil para os lacedemônios, que viam suas couraças falhar na proteção contra as flechas, ao mesmo tempo que as pontas dos dardos se partiam e prendiam a elas quando as atingiam. Já estavam praticamente sem ação, pois o pó lhes tirava completamente a visão, e não conseguiam ouvir as vozes de comando de seu lado porque os gritos do inimigo eram muito altos. O perigo os cercava por todos os lados e já desesperavam de quaisquer meios de salvação naquele combate.

35. Quando os lacedemônios finalmente perceberam que, em sua maioria, seus homens estavam sendo feridos porque tinham de mover-se para a frente e para trás sempre no mesmo terreno, cerraram fileiras e recuaram para o forte existente na extremidade da ilha, situado não muito longe, indo juntar-se aos companheiros que o guarneciam. No momento em que começaram a retirar-se, as tropas ligeiras, agora mais destemidas, caíram sobre eles gritando ainda mais alto que antes. Os lacedemônios interceptados durante a retirada foram mortos, mas a maioria escapou para o forte, onde tomou posição juntamente com a guarnição que lá estava e resolveu defendê-lo em cada ponto vulnerável. Os atenienses os seguiram, mas a posição era tão segura que não puderam flanqueá-la e cercar os seus defensores. Tentaram então desalojá-los mediante um ataque frontal. Durante muito tempo (na realidade durante a maior parte do dia), apesar do cansaço resultante da batalha, da sede e do calor ao sol, os homens de ambos os lados se mantiveram firmes, uns tentando desalojar os adversários da elevação, e os outros simplesmente mantendo a posição; mas os lacedemônios agora achavam mais fácil defender-se, pois não eram atacados pelos flancos.

36. Julgando aquela situação interminável, o comandante dos messênios[10] aproximou-se de Clêon e Demóstenes e lhes disse que suas tropas estavam desperdiçando esforços; se os dois se dispusessem a ceder-lhe uma parte de seus archeiros e de suas tropas ligeiras, de modo a permitir-lhe chegar à retaguarda do inimigo fazendo uma volta por alguma trilha que ele mesmo poderia descobrir, esperava poder forçar a passagem até o forte. Obtendo o que pediu, ele partiu de um ponto fora das vistas dos lacedemônios, para não ser notado por eles, e avançou ao longo da costa escarpada da ilha naquele ponto, aproveitando cada lugar onde fosse possível pôr os pés, até um local que os lacedemônios, confiando na segurança da posição, tinham deixado desguarnecido. Assim, com enorme dificuldade ele conseguiu afinal fazer a volta sem ser pressentido, e apareceu repentinamente na elevação à retaguarda do inimigo, levando-o ao pânico mediante aquela manobra inesperada, mas animando ainda mais os companheiros, que viam realizados os seus anseios. Daí em diante os lacedemônios estavam expostos por ambos os lados, e, comparando um acontecimento menor com um maior, ficaram na mesma situação desesperada em que haviam estado nas Termópilas; de fato, lá eles haviam sido exterminados quando os persas conseguiram chegar à sua retaguarda através de uma trilha[11], e aqui foram apanhados de maneira idêntica. Atacados, então, em duas frentes, não conseguiram manter por mais tempo as posições (eram poucos lutando contra muitos, e além disso fisicamente debilitados pela falta de víveres) e começaram a ceder, pois os atenienses já se haviam apoderado dos acessos ao forte.

37. Clêon e Demóstenes, todavia, percebendo que se os lacedemônios recuassem um pouco mais seriam exterminados pelas tropas atenienses, deram por terminada a batalha e contiveram os seus próprios soldados, pois queriam entregar os lacedemônios vivos aos atenienses se conseguissem, mediante uma proclamação do arauto, dobrar o seu orgulho e levá-los a depor as armas em face daquela situação insustentável; com esse objetivo fizeram o arauto proclamar que, se desejassem, poderiam render-se e entregar as armas aos atenienses, que decidiriam a sua sorte como melhor lhes parecesse.

38. Ouvindo a proclamação, os lacedemônios em sua maioria baixaram os escudos e acenaram com as mãos, indicando que aceitavam as condições propostas. Foi então acertado um armistício e realizou-se uma reu-

[10] Chamado Cômon, segundo Pausânias, IV, 26.
[11] Veja-se Heródoto, VII, 213.

nião, na qual Clêon e Demóstenes representaram os atenienses e Stífon, filho de Fárax, os lacedemônios (dos comandantes anteriores dos lacedemônios o primeiro, Epitadas, havia sido morto, e Hipagretas, escolhido para sucedê-lo como o mais próximo na linha de substituição, jazia entre os feridos e foi dado como morto, embora ainda estivesse vivo; Stífon era o terceiro na linha de substituição, tendo sido escolhido no devido tempo, de acordo com as prescrições legais, para assumir o comando na hipótese de algo acontecer aos outros dois). Ele, então, e os que estavam em sua companhia, disseram que desejavam mandar um emissário aos lacedemônios do continente para perguntar-lhes o que deveriam fazer. Os atenienses, porém, não deixaram qualquer pessoa ir, preferindo chamar arautos do continente; após duas ou três consultas terem sido feitas através destes, o último deles mandado pelos lacedemônios do continente trouxe a seguinte mensagem: "Os lacedemônios vos autorizam a decidir o caso por vós mesmos, sem nada fazer de desonroso". Diante disto houve troca de opiniões entre os lacedemônios da ilha, que resolveram entregar-se com suas armas. Durante aquele dia e a noite seguinte os atenienses se mantiveram em guarda, mas no outro dia ergueram um troféu na ilha e fizeram todos os preparativos para embarcar, entregando os prisioneiros à guarda dos comandantes das trirremes; os lacedemônios mandaram outro arauto e levaram os seus mortos para o continente. O cômputo do número de mortos ou capturados vivos na ilha é o seguinte: quatrocentos e vinte hoplitas ao todo haviam cruzado do acampamento lacedemônio no continente para a ilha; destes, duzentos e noventa foram levados para Atenas; os demais foram mortos. Dos sobreviventes cento e vinte eram espartanos[12]. Não pereceram muitos atenienses, pois a batalha não foi corpo a corpo.

39. A duração total do bloqueio aos homens na ilha, desde o combate naval até o combate na própria ilha, foi de setenta e dois dias; durante vinte desses dias, correspondentes ao período em que os embaixadores estiveram ausentes negociando a trégua, os sitiados receberam provisões regularmente, mas durante os dias restantes eles viveram do que foi levado clandestinamente à ilha. Na realidade, havia ainda grãos na ilha por ocasião da captura, bem como outros víveres, pois o comandante Epitadas costumava dar a cada homem uma ração mais reduzida do que as disponibilidades permiti-

[12] Ou seja, cidadãos de Esparta; os demais eram das localidades vizinhas, habitadas pelos periecos; veja-se o capítulo 8 deste livro.

riam. Os atenienses e peloponésios deixaram então Pilos e voltaram às suas cidades com as respectivas tropas; dessa forma a promessa de Clêon, apesar de louca, foi cumprida.

40. De todos os eventos desta guerra este foi o mais inesperado para os helenos. Com efeito, ninguém poderia imaginar que os lacedemônios jamais fossem compelidos pela fome ou por qualquer outra necessidade a entregar as armas; pensava-se que eles as conservariam até a morte, lutando enquanto pudessem, e ninguém podia acreditar que os que se renderam fossem tão bravos quanto os que morreram. Quando um dos aliados dos atenienses algum tempo depois perguntou acintosamente a um dos soldados capturados na ilha se os lacedemônios mortos eram verdadeiramente bravos, a resposta foi que o instrumento (querendo dizer a flecha) teria um enorme valor se pudesse distinguir os bravos, desejando deixar claro que as pedras ou os projéteis saídos dos arcos matavam indistintamente quem estivesse em sua frente[13].

41. Após haver trazido os cativos os atenienses resolveram mantê-los acorrentados até a conclusão de um acordo, para maior segurança; se os peloponésios invadissem o seu território, tirá-los-iam da prisão e os matariam. Instalaram também uma guarnição em Pilos e os messênios de Náupactos, considerando aquele território a sua pátria (Pilos estava situada na região onde outrora era a Messênia), mandaram para lá os mais habilitados entre eles para devastar o território lacônio; passaram realmente a fazê-lo e causaram muitos danos, pois falavam o mesmo dialeto dos habitantes locais. Os lacedemônios nunca haviam sofrido antes esse tipo de guerra predatória; quando, em decorrência das devastações, os hilotas começaram a desertar e já havia razões para recear que um movimento revolucionário se alastrasse em seu território, mostraram inquietação e, apesar do desejo de não evidenciar seu alarme aos atenienses, mandaram-lhes embaixadores num esforço para recuperar Pilos e os prisioneiros; os atenienses, porém, faziam exigências cada vez maiores, e os embaixadores, apesar das repetidas viagens, voltavam a Esparta sem qualquer resultado. Estes foram os acontecimentos de Pilos.

[13] A maneira de falar do soldado, chamando a flecha de *átraktos* (que também significa fuso, ou seja, um objeto manipulado só por mulheres), demonstra o desprezo dos lacedemônios por aquele tipo de combate; para eles o verdadeiro valor era demonstrado nos combates corpo a corpo com armas curtas.

42. Durante o mesmo verão e logo após estes acontecimentos, os atenienses realizaram uma expedição contra o território coríntio com oitenta naus e duzentos hoplitas seus, juntamente com duzentos soldados de cavalaria a bordo de naus para o transporte de cavalos; também foram com eles forças aliadas (milésios, ândrios e carístios); todos estavam sob o comando de Nícias filho de Nicératos e de dois outros. Começaram a navegar e ao romper do dia desembarcaram a meio caminho entre a península Quersonesos e Rêiton, num ponto da orla marítima em que se eleva a colina Soligéia, onde os dórios se estabeleceram antigamente, no tempo da guerra com os coríntios da cidade, que eram eólios (ainda existia na colina uma povoação chamada Soligéia). Daquele ponto da orla marítima onde as naus ancoraram, a povoação dista doze estádios, a cidade de Corinto sessenta e o istmo vinte[13a]. Os coríntios, tendo recebido antecipadamente informações de Argos a respeito da expedição ateniense, haviam levado com muita antecedência para o istmo todas as suas forças, com exceção das que estavam ao norte do istmo e quinhentos coríntios destacados para serviços de patrulha na Ambrácia[14] e em Lêucade; todas as outras estavam lá na ocasião maciçamente, observando para ver onde os atenienses desembarcariam. Apesar dos atenienses os iludirem desembarcando à noite, os coríntios tomaram conhecimento do fato em seguida, através de fogueiras sinaleiras; deixaram metade de suas tropas em Cencréia[15], precavendo-se diante da possibilidade dos atenienses marcharem contra Crônion, e saíram para defender o seu território[16].

43. Batos, um dos dois comandantes coríntios presentes à batalha, saiu com um batalhão para a povoação de Soligéia, que não tinha muralhas, para protegê-la, enquanto Licofron atacava com o resto das tropas. Inicialmente os coríntios investiram contra a ala direita dos atenienses, que acabara de desembarcar em frente a Quersonesos, e em seguida contra toda a tropa. A batalha foi disputada encarniçadamente e corpo a corpo em toda a frente. A ala direita dos atenienses, em cuja extremidade estavam os carístios, resistiu à carga dos coríntios e os repeliu, embora com dificuldade, mas os coríntios se retiraram para trás de um muro de pedras e, como o terreno era em toda a extensão uma encosta íngreme, atacaram os atenienses a pedradas a partir

[13a] Respectivamente cerca de 2,1 km, 10,7 km e 3,6 km.
[14] Veja-se o capítulo 94 do livro III.
[15] Ancoradouro a leste de Corinto, a cerca de 12,5 km da cidade.
[16] Crômion era a localidade principal da região costeira entre o istmo e Mégara; distava cerca de 22 km de Corinto.

do terreno mais elevado; então, cantando o peã, fizeram uma segunda carga. Os atenienses resistiram e a batalha voltou a ser corpo a corpo. A esta altura um batalhão de coríntios, reforçando sua ala esquerda, derrotou a ala direita dos atenienses e a perseguiu até o mar, mas após chegar até as naus os atenienses e os carístios voltaram ao ataque. As outras tropas dos dois exércitos lutavam sem cessar, principalmente a ala direita dos coríntios, onde Licofron comandava a luta contra a ala esquerda dos atenienses (ele esperava que os atenienses investissem contra a povoação de Soligéia).

44. Durante longo tempo os dois lados se mantiveram firmes, nenhum deles querendo ceder diante do outro. A certa altura os atenienses tiveram a vantagem do apoio de sua cavalaria, ao passo que o outro lado não dispunha de cavalos; os coríntios deram meia volta, retirando-se para a colina, onde pararam e desistiram de descer novamente, ficando na expectativa. Nessa derrota de sua ala direita numerosos coríntios em fuga foram mortos, entre eles o comandante Licofron, mas os coríntios restantes conseguiram safar-se de maneira idêntica: não houve perseguição prolongada nem fuga precipitada e, sendo pressionados, retiraram-se para o terreno mais elevado e lá ficaram. Os atenienses, quando as tropas inimigas cessaram de enfrentá-los, saquearam os cadáveres, recolheram seus mortos e ergueram imediatamente um troféu. A outra metade das tropas coríntias, estacionadas em Cencréia para evitar que os atenienses desembarcassem em Ôneion, não podia tomar conhecimento da batalha porque o monte Crômion lhes tirava a visão; quando, porém, viram uma nuvem de poeira e perceberam o que estava acontecendo, correram imediatamente para lá, como também fizeram os coríntios mais idosos que haviam ficado na cidade, ao tomar conhecimento dos fatos. Os atenienses, vendo-os avançar em massa e pensando tratar-se de um destacamento dos peloponésios dos arredores que vinha ajudar os coríntios, retiraram-se apressadamente para as suas naus levando os despojos e seus mortos, à exceção de dois que não puderam achar. Assim eles reembarcaram e fizeram a travessia para as ilhas vizinhas. De lá mandaram um arauto e recuperaram mediante trégua os cadáveres que não tinham podido recolher. Morreram naquela batalha duzentos e doze coríntios e pouco menos de cinqüenta atenienses.

45. Partindo das ilhas os atenienses navegaram no mesmo dia para Crômion, em território coríntio, distante cento e vinte estádios da cidade[16a]

[16a] Cerca de 21,4 km.

e, ancorando lá, devastaram as terras e acamparam durante a noite. No dia seguinte, navegando ao longo da costa chegaram primeiro ao território de Epídauros, onde desembarcaram, e depois a Metone, entre Epídauros e Trezena, onde construíram uma muralha isolando o istmo da península em que Metone está situada. Deixaram lá uma guarnição, e em seguida passaram a saquear os territórios de Trezena, Halieis e Epídauros. Após fortificar a região, navegaram de volta a Atenas com suas naus.

46. Na mesma época em que se verificaram esses eventos, Eurímedon e Sófocles[17], partindo de Pilos para a Sicília com uma frota ateniense, pararam em Córcira; lá eles participaram com os habitantes da cidade[18] de uma incursão contra os corcireus que se haviam instalado no monte Istone, e que naquela época, depois de chegarem até a ilha em seguida à revolução, dominavam a região e lhe causavam consideráveis danos. A posição fortificada foi tomada de assalto, mas seus ocupantes se refugiaram juntos numa elevação e lá capitularam, sob a condição de entregarem as suas tropas mercenárias e suas armas, deixando ao povo ateniense a decisão quanto à sua própria sorte. Os comandantes então levaram os homens mediante trégua para a ilha de Ptíquia[19], para ficarem lá sob custódia até serem mandados para Atenas, estipulando-se que se qualquer deles tentasse fugir a trégua seria considerada rompida em relação a todos. Os chefes do partido popular em Córcira, todavia, receavam que os atenienses não os executassem quando eles chegassem a Atenas, e portanto resolveram adotar o seguinte estratagema: tentaram persuadir alguns dos prisioneiros na ilha a fugir, mandando amigos secretamente até lá para dizer-lhes, aparentando boas intenções, que a melhor solução para eles seria escapar sem perda de tempo, prometendo pôr à sua disposição um bote pronto para partir; acrescentaram que os comandantes atenienses pretendiam entregá-los aos corcireus do partido popular.

47. Os homens se deixaram convencer e foram capturados fugindo no bote preparado para isso; conseqüentemente a trégua foi considerada rompida e todos foram entregues aos corcireus. Uma circunstância contribuiu muito para esse resultado, dando credibilidade ao pretexto e permitindo aos autores do plano agir sem receios acerca de sua exeqüibilidade: foi o

[17] Vejam-se os capítulos 8 e 29 deste livro.
[18] Os democratas que dominavam a cidade desde 427 a.C.; veja-se o capítulo 85 do livro III.
[19] Veja-se o capítulo 75 do livro III; a ilha se chama atualmente Vido.

fato de os comandantes atenienses por razões evidentes não se terem mostrado dispostos a deixar os prisioneiros serem transportados até Atenas por outros (eles iam para a Sicília), pois isto ensejaria que aqueles que os levassem colhessem as glórias do feito. Então os corcireus se apoderaram dos prisioneiros e os encerraram em um grande edifício; depois os retiraram de lá em grupos de vinte, obrigando-os a marchar entre duas fileiras de hoplitas paradas uma em frente à outra; os prisioneiros, acorrentados uns aos outros, eram espancados e apunhalados pelos hoplitas se algum destes via entre aqueles um inimigo pessoal, e homens com açoites andavam ao lado deles para forçar os mais lentos a apressar o passo.

48. Desta maneira cerca de sessenta homens foram levados para fora e mortos sem o conhecimento dos que haviam ficado no edifício; estes supunham que seus companheiros estavam sendo tirados de lá a fim de serem transferidos para outro lugar qualquer. Quando perceberam o que estava acontecendo, ou alguém lhes contou, apelaram para os atenienses, pedindo-lhes que, se desejassem matá-los, fizessem-no com suas próprias mãos; a partir daí recusaram-se a sair do edifício e declararam que não deixariam qualquer outra pessoa entrar, se pudessem impedir. Os próprios corcireus não tinham a mínima intenção de tirá-los de lá; subiram ao topo do edifício e, fazendo uma abertura no telhado, lançaram as telhas sobre os prisioneiros e dispararam flechas de cima contra eles. Os homens no interior procuraram defender-se da melhor maneira possível, e a certa altura a maioria deles começou a matar-se espetando na garganta as flechas disparadas de cima, ou estrangulando-se com cordéis por acaso existentes em alguns leitos, ou com tiras feitas de suas próprias roupas. Durante a maior parte da noite subseqüente ao dia daquela provação, eles pereceram de todas as maneiras, pondo fim à própria vida e atingidos pelos projéteis lançados do alto pelos homens que lá estavam. Quando raiou o dia seguinte os corcireus carregaram os cadáveres em carroças, dispondo-os longitudinal e transversalmente, e os levaram para fora da cidade; as mulheres capturadas no forte foram vendidas como escravas. Dessa forma os corcireus das montanhas foram eliminados pelos do partido popular e assim terminou a longa revolução, pelo menos com relação a esta guerra, pois não sobreviveram oligarcas bastantes para tomar qualquer iniciativa importante. Depois os atenienses viajaram para a Sicília, primeiro objetivo de sua expedição, e continuaram a realizar operações de guerra conjuntamente com seus aliados na ilha.

49. No fim do mesmo verão os atenienses de Náupactos e os acarnânios empreenderam uma expedição e tomaram por traição de seus habitantes a cidade de Anactórion, pertencente aos coríntios e situada na entrada do golfo Ambrácio; os acarnânios, expulsando os coríntios, ocuparam o lugar com colonos escolhidos em todas as suas tribos. E o verão terminou.

50. Durante o inverno subseqüente Aristides[20] filho de Árquipos, um dos comandantes das naus atenienses enviados para receber tributos dos aliados, deteve em Êion (às margens do rio Strímon) o persa Artafernes, que ia para a Lacedemônia mandado pelo Rei. Ele foi levado para Atenas e os atenienses fizeram traduzir do assírio as cartas encontradas em seu poder e as leram. Muitos assuntos eram mencionados nelas, mas o mais importante, referente aos lacedemônios, era que o Rei não sabia o que eles queriam, pois embora muitos emissários tivessem ido até ele, nunca dois disseram a mesma coisa; se tivessem alguma proposta definitiva a fazer, deveriam enviar homens à presença dele em companhia do persa. Os atenienses mandaram Artafernes em seguida para Éfesos em uma trirreme, juntamente com alguns emissários. Estes, todavia, tomando conhecimento ao chegar lá da morte recente do rei Artaxerxes filho de Xerxes – ele morreu naquela época[21] –, regressaram a Atenas.

51. No mesmo inverno os quianos demoliram suas novas muralhas por ordem dos atenienses, pois estes suspeitavam de que aqueles estivessem planejando rebelar-se contra eles; obtiveram dos atenienses, todavia, promessas e garantias de que não adotariam contra eles outras medidas drásticas. E o inverno terminou, completando-se o sétimo ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

52. Nos primeiros dias do verão seguinte ocorreu na lua nova um eclipse parcial do sol, e no início do mesmo mês um terremoto. Os mitilênios e outros lésbios que se haviam exilado, originários principalmente do continente, contrataram alguns mercenários do Peloponeso, reuniram outros na região e se apoderaram de Rôiteion, mas a devolveram sem lhe haver causado qualquer dano, mediante o recebimento de dois mil estáteres foceus[22].

---

[20] Mencionado novamente no capítulo 75 deste livro como comandante na mesma região.
[21] Após um reinado de quarenta anos (465 a 425 a.C.).
[22] O estáter foceu era conhecido pela má qualidade do ouro de que era feito; vejam-se Demóstenes, *Oração* XI, § 36 e a nota 34 do livro III..

Depois fizeram uma expedição contra Ântandros e tomaram a cidade por traição de parte de seus habitantes. Na realidade, planejavam libertar o resto das cidades chamadas Actéias[23], então dominadas pelos atenienses, embora habitadas por mitilênios, principalmente Ântandros. Tendo fortificado aquele lugar, onde havia todos os recursos para a construção de naus – a madeira era abundante e o monte Ida ficava próximo – e onde poderiam também obter outros materiais para a guerra, pensaram que, transformando-o em sua base de operações, poderiam facilmente devastar Lesbos, que ficava perto, e também dominar as cidades eólias no continente. Estes eram os planos que pretendiam executar.

53. Durante o mesmo verão os atenienses, com sessenta naus, dois mil hoplitas e um pequeno destacamento de cavalaria, além de alguns milésios e outros aliados, fizeram uma expedição contra Citera. Comandavam a expedição Nícias filho de Nicératos, Nicóstratos filho de Diítrefes e Áutocles filho de Tolmeus. Citera é uma ilha adjacente à Lacônia, situada defronte do cabo Maléia; seus habitantes são lacedemônios da classe dos periecos, e um funcionário chamado "juiz para Citera" costuma viajar para lá uma vez por ano vindo de Esparta; os espartanos também mantinham lá regularmente uma guarnição de hoplitas e davam muita atenção ao lugar; com efeito, a ilha lhes servia como porto de escala para naus mercantes vindas do Egito e da Líbia e, além disso, graças a ela era menos provável que os piratas molestassem a Lacônia vindos do mar – único lado por onde poderiam atacá-los – pois a ilha dominava os mares da Sicília e de Creta.

54. Então os atenienses, ancorando em Citera dez naus com dois mil[24] hoplitas, apoderaram-se do povoado litorâneo chamado Scândeia; em seguida, desembarcando com o resto de suas tropas no lado da ilha defronte a Maléia, avançaram contra a cidade de Citera, que fica distante do mar, onde encontraram toda a população já preparada para a luta em um acampamento militar. Seguiu-se um combate, no qual os citérios se mantiveram firmes durante algum tempo, mas depois voltaram as costas e fugiram para a parte alta da cidade, e finalmente se entregaram a Nícias e seus colegas, concordando em deixar a questão de seu próprio destino ao arbítrio dos atenienses, com exceção da pena de morte. Já haviam sido mantidos alguns

[23] De *akté* = promontório; neste caso, trata-se de um que fica na parte norte da ilha de Lesbos. As ilhas haviam sido tomadas de Mitilene por Paques (veja-se o capítulo 1 do livro III).
[24] Número excessivamente grande de hoplitas para tão poucas naus.

entendimentos entre Nícias e certos citérios e por isso o acordo quanto às condições, tanto presentes quanto futuras, foi feito rapidamente e com vantagens para eles; se assim não fosse os atenienses teriam expulso os habitantes, por serem lacedemônios e pelo fato da ilha estar naquela posição em face da costa da Lacônia. Após a capitulação os atenienses tomaram posse de Scândeia, povoado junto ao porto, e depois de adotar precauções quanto à defesa de Citera partiram para Asine, Helos e a maior parte dos povoados ao longo da costa. Durante a viagem fizeram incursões ou acamparam onde acharam conveniente, e devastaram as terras durante cerca de sete dias.

55. Os lacedemônios, embora tivessem visto os atenienses se apossarem de Citera e esperassem que eles fizessem incursões em seu próprio território, em parte alguma se opuseram a eles com suas forças reunidas; preferiram mandar destacamentos ora a um lugar, ora a outro, por toda a região, determinando o número de hoplitas pelas necessidades em cada ponto; ficaram também extremamente atentos em sua vigilância, temendo a ocorrência de alguma revolução que afetasse a situação estabelecida; de fato, a calamidade que se abateu sobre eles na ilha de Sfactéria foi grande e inesperada; Pilos e Citera estavam ocupadas, e por todos os lados se viam envolvidos em uma guerra que se movia velozmente e desafiava as suas precauções. Nessas circunstâncias, contrariamente a seus costumes, organizaram uma força de quatrocentos soldados de cavalaria e arcbeiros e se tornaram mais precavidos que em qualquer outra época, pois estavam engajados em uma guerra naval que transcendia seus esquemas pré-existentes de organização militar, e isto contra os atenienses, em relação aos quais qualquer tentativa anterior havia sido um fracasso quanto ao que esperavam conseguir[25]. Mais ainda: os reveses da sorte, que os atingiam em tal número e em tão pouco tempo, causavam enorme consternação, e temiam que qualquer dia lhes acontecesse novamente uma calamidade semelhante à ocorrida na ilha; por tudo isso mostravam menos entusiasmo em sua luta e pensavam que qualquer outra ação que pudessem empreender teria maus resultados, pois haviam perdido a confiança em si mesmos pelo fato de até então não estarem acostumados à adversidade.

56. Sendo assim, embora os atenienses estivessem naquela ocasião devastando seus territórios costeiros eles, de um modo geral, permaneceram

[25] Veja-se o capítulo 70 do livro I.

inativos quando foram feitas incursões contra qualquer guarnição isolada, cada uma considerando-se inferior em número e sentindo-se, portanto, na situação acima descrita. Uma das guarnições que ofereceu resistência na região de Cotirta e Afrodísia, foi bem-sucedida contra um ataque de tropas ligeiras esparsas, mas quando encontrou os hoplitas teve de recuar; alguns soldados seus foram mortos e as armas de outros foram tomadas, e os atenienses, após erguerem um troféu, viajaram de volta a Citera. De lá navegaram para Epídauros Límera e, após haver devastado parte de suas terras, foram para Tiréia, situada na região chamada Cimíria, na fronteira entre a Argólida e a Lacônia. Os lacedemônios que ocupavam Tiréia haviam-na oferecido aos eginetas para morarem lá, em reconhecimento pelos serviços generosamente prestados a eles por ocasião do terremoto e da revolta dos hilotas, e também porque eles tinham sempre apoiado sua política, apesar de serem súditos dos atenienses.

57. Enquanto os atenienses ainda estavam viajando para lá os eginetas deixaram o forte junto ao mar, que por coincidência estavam construindo, e se retiraram para a parte alta da cidade, onde moravam, a uma distância de cerca de dez estádios[25a] da costa. Um destacamento de tropas lacedemônias distribuído em guarnições na região estava ajudando os eginetas a construir o forte, mas seus soldados se recusaram a entrar no mesmo com eles, pois lhes pareceu perigoso isolar-se nele; preferiram retirar-se para um terreno elevado e lá ficaram na expectativa, pois não se consideravam em condições de combater naquelas circunstâncias. Nesse ínterim os atenienses desembarcaram e, avançando diretamente com todas as suas forças, capturaram Tiréia. Incendiaram a cidade após saquearem o que havia nela, e levaram para Atenas todos os eginetas que não tinham perecido na ação, juntamente com seu comandante, o lacedemônio Tântalos filho de Pátrocles, que fora ferido e aprisionado. Levaram também alguns homens de Citera, julgando mais prudente tirá-los de lá como medida de segurança. Os atenienses decidiram deixar estes últimos sob custódia nas ilhas e permitir que os citérios restantes ficassem em seu próprio território mediante o pagamento de um tributo de quatro talentos[26], mas executaram os eginetas capturados, por causa de sua antiga e constante inimizade; levaram também Tântalos para deixá-lo junto com os outros prisioneiros lacedemônios que já estavam lá, vindos da ilha de Sfactéria.

[25a] Cerca de 1,8 km.
[26] Equivalentes a cerca de US$ 4.000.

58. Durante o mesmo verão foi concluído na Sicília um armistício, inicialmente entre os camarinos e os gelanos; em seguida, representantes de outras cidades siceliotas dirigiram-se a Gela, onde se reuniram em assembléia, numa tentativa para chegar à reconciliação. Foram emitidas muitas opiniões a favor e contra, e vários emissários discutiram e apresentaram exigências de conformidade com as idéias de cada um a respeito de direitos seus que teriam sido violados; salientando-se dos demais, Hermócrates filho de Hêrmon, siracusano cuja palavra era a mais acatada, dirigiu-se à assembléia geral dizendo o seguinte:

59. "A cidade que represento, siceliotas, não é a mais fraca, nem a que mais está sofrendo com a guerra; proponho-me, todavia, falar no interesse geral, expondo a opinião que me parece a melhor para a Sicília inteira. Quanto às misérias oriundas da guerra, por que deveria alguém, repetindo tudo que pode ser dito, fazer um longo discurso diante de quem já as conhece? Ninguém faz a guerra levado pela ignorância do que ela é, ou deixa de fazê-la por medo se pensa que tirará alguma vantagem dela. O que realmente se passa é que, no primeiro caso, o proveito parece maior que os horrores, e no segundo se prefere conscientemente correr um risco a submeter-se a um mal certo; se ocorre, todavia, que nesta oportunidade nada disto acontece, pode resultar alguma vantagem de conselhos no sentido de transigência recíproca. É isto que, nas circunstâncias presentes, seria de toda conveniência reconhecermos, pois cada um de nós começou a guerra principalmente por desejar fazer prevalecer o seu próprio interesse. Esforcemo-nos agora, então, por conciliar nossos interesses antagônicos a fim de nos reconciliarmos todos; se, todavia, não conseguirmos antes de terminar a assembléia assegurar a satisfação de cada um, recomeçaremos a guerra.

60. "Deveremos empenhar-nos para que esta assembléia, se formos sensatos, não se limite a tratar apenas de nossos interesses isolados, mas decida se ainda seremos capazes de salvar a Sicília inteira, pois em minha opinião é contra ela que os atenienses estão investindo; cumpre-nos considerar que temos um argumento muito mais decisivo do que minhas palavras para nos unirmos neste caso: é que os atenienses, já detentores de um poder militar maior que o de qualquer outra cidade helênica e que agora usam umas poucas naus para espreitar nossos desacertos, sob o rótulo legal de uma aliança estão tentando capciosamente fazer com que nossa hostilidade natural em relação a eles sirva aos seus próprios interesses. De fato, se

começarmos a guerra, se chamarmos esses homens que intervêm espontaneamente, mesmo quando ninguém recorre a eles, se consumirmos nossos recursos fazendo mal a nós mesmos, preparando ao mesmo tempo o caminho para a sua supremacia, poderemos estar certos de que, quando perceberem que estamos desgastados, logo virão com uma frota maior e tentarão pôr tudo aqui sob seu domínio.

61. "Entretanto, se formos prudentes deveremos, cada um em nome de sua própria cidade, chamar aliados e correr riscos somente quando estivermos tentando conquistar o que não nos pertence, e não quando estamos pondo em perigo o que já é nosso; devemos lembrar-nos sempre de que a desunião é a causa principal da ruína das cidades e da Sicília, tendo em vista que nós, seus habitantes, embora estejamos todos sendo ameaçados, continuamos separados, cada cidade agindo por si mesma. Reconhecendo estes fatos, deveremos reconciliar-nos, indivíduo com indivíduo, cidade com cidade, e juntar-nos em um esforço comum para salvar a Sicília. Ninguém deve imaginar que só os dórios entre nós são inimigos dos atenienses, enquanto os calcídios, por causa de seus vínculos étnicos com os iônios, estão seguros. Não será por causa do ódio a uma das duas raças de que nos compomos que eles nos atacarão, mas por causa da cobiça em relação às boas coisas da Sicília, pertencentes a todos nós. Eles deram uma demonstração suficientemente clara disto com sua resposta ao apelo que lhes fizeram os povos de raça calcídica[27]; com efeito, em relação àqueles que jamais os ajudaram de conformidade com os termos de sua aliança, eles cumpriram voluntariamente os deveres de aliados com um zelo maior que os seus compromissos. É perdoável que os atenienses tenham essas ambições e planos de tornar-se ainda mais poderosos, e não censuro aqueles que desejam dominar, mas sim os mais ansiosos por submeter-se; na verdade, é ínsito à natureza humana mandar sempre nos que cedem, como também o é prevenir-se contra aqueles que estão prestes a atacar. Se algum de nós, conhecendo bem a situação, deixa de adotar precauções adequadas, ou se alguém veio até aqui sem considerar que nosso dever precípuo é enfrentar unidos e com prudência o perigo comum, estamos cometendo um erro. A defesa mais imediata contra tal perigo será chegarmos a um acordo entre todos nós, pois a base da qual os atenienses pretendem partir não está situada em seu território, mas no do povo que lhes pediu para intervirem. Não se trata de sair de uma guerra para entrar noutra, mas de, sem qualquer problema,

[27] Veja-se o capítulo 86 do livro III.

passar das desavenças à paz, e aqueles que, atendendo a um convite, haviam chegado com um bom pretexto para a sua injustiça, voltarão devendo a boas razões o seu insucesso.

62. "Quanto aos atenienses, esta será a maior vantagem que obteremos se formos sensatos; quanto à paz em geral, que na opinião de todos é o bem mais desejável, por que não a faremos aqui entre nós? Ou pensais que, se uma pessoa agora é venturosa e outra enfrenta adversidade, não é a tranqüilidade, muito mais que a guerra, que mudará para melhor a sorte da segunda e perpetuará a da primeira? E não tem a paz suas honrarias e esplendores menos arriscados, e todas as outras vantagens sobre as quais seria possível falar mais longamente que sobre os horrores da guerra? Considerando tudo isto, não deveis fazer pouco caso de minhas palavras; ao contrário deveis inspirar-vos nelas para assegurar a vossa própria salvação. Se algum de vós alimenta convictamente a esperança de que pode obter qualquer vantagem insistindo intransigentemente em seus direitos ou apelando para a força, não vá sofrer uma amarga decepção, enleado por sua expectativa, pois deve saber que muitos homens antes, perseguindo com a vingança aqueles que os prejudicaram, ou em outros casos esperando obter alguma vantagem com o exercício do poder, no primeiro caso não somente não conseguiram vingar-se, mas perderam todas as possibilidades de salvar-se, e no segundo, em vez de ganhar mais perderam o que já possuíam. Realmente, a, vingança não tem o direito de esperar uma justa reparação apenas porque foi cometida uma injustiça, nem a força é segura de si mesma apenas por ser confiante. Em relação ao futuro prevalece geralmente a incerteza, e esta, embora seja extremamente enganadora, pode ser mais útil que qualquer outra coisa, pois sendo igualmente temida por todos, torna-nos mais prudentes antes de nos atacarmos uns aos outros.

63. "Hoje, portanto, a indefinição desse futuro incerto e a presença agora temível dos atenienses devem causar-nos um duplo alarme; quanto ao insucesso parcial dos projetos que cada um de nós imagina poder realizar, esses obstáculos devem bastar para explicar qualquer fracasso; afastemos da Sicília o inimigo que nos ameaça e, se possível, façamos a paz entre nós para sempre; se isto não for exeqüível, concluamos uma trégua pelo período de tempo mais longo possível e deixemos para depois nossas divergências particulares. Finalmente, tenhamos certeza de que, se meu conselho for aceito, cada um de nós manterá livre a sua cidade e conseqüentemente, já que sere-

mos os árbitros de nosso próprio destino, teremos toda a independência para responder com nobreza e altivez a quem nos faz bem ou mal. Se, ao contrário, meu conselho for rejeitado e dermos ouvidos a outros, não será mais o caso de nos vingarmos de qualquer um, mas, mesmo na hipótese de a sorte nos ajudar demais, teremos de ser amigos de nossos piores inimigos e não poderemos deixar de ter como adversários aqueles que nunca deveriam sê-lo.

64. "Quanto a mim, como disse no princípio, embora eu represente uma cidade das mais poderosas e mais disposta a atacar outras que a defender-se, considero meu dever, com todos esses perigos à vista, fazer concessões em vez de prejudicar meus adversários a ponto de arriscar-me a ser eu mesmo mais prejudicado, ou de pensar, num acesso de obstinação desvairada, que sou tão absolutamente senhor da sorte, que não domino, quanto de meus próprios sentimentos; pretendo ceder até onde for razoável e peço a todos vós que sigais o meu exemplo e vos submetais a isto não como às mãos de um inimigo, mas por vós mesmos. Não há qualquer desonra em um parente ceder diante de outro, um dório diante de outro dório, ou um calcídio diante de outro, pois em uma palavra somos vizinhos e moramos juntos na mesma terra cercada pelo mesmo mar e somos todos chamados pelo mesmo nome: siceliotas. Iremos à guerra, sem dúvida, quando chegar a hora – sim, e faremos a paz novamente, deliberando entre nós em nossas assembléias coletivas; quando estrangeiros nos atacarem agiremos sempre em conjunto, se formos prudentes, e os repeliremos, pois qualquer injúria sofrida por um de nós traz perigos para todos; de hoje em diante jamais convidaremos povos de fora a intervir, seja como aliados, seja como mediadores. Se seguirmos esta política, proporcionaremos à Sicília desde já duas coisas desejáveis: livrar-se dos atenienses e escapar à guerra civil; e no futuro viveremos aqui, somente nós, em uma terra livre e menos exposta a ameaças estrangeiras."

65. Depois de Hermócrates haver falado assim os siceliotas, persuadidos por seus conselhos, chegaram a um acordo entre eles. Concordaram em pôr fim à guerra, mantendo cada cidade os territórios que ocupava (à exceção dos camarinos, que receberiam Morgantina mediante o pagamento de uma importância prefixada aos siracusanos). Os siceliotas aliados dos atenienses então os convocaram para comunicar-lhes a intenção de concluir um acordo de paz e de também incluí-los no tratado. Os atenienses concordaram e

o pacto foi concluído; em seguida a frota ateniense deixou a Sicília. Quando a frota chegou a Atenas, seus habitantes sentenciaram ao exílio dois dos comandantes (Pitódoros e Sófocles) e multaram Eurímedon, o terceiro, acusando-os de se terem deixado subornar e de deixarem a Sicília no momento em que estavam em condições de dominá-la. A tal ponto chegaram os atenienses, por causa de sua boa sorte, que não admitiam qualquer empecilho aos seus propósitos; sem ponderar se suas forças eram poderosas ou deficientes, pensavam que de qualquer modo iriam conseguir o fácil e o difícil. A causa desse estado de espírito foi o sucesso que, contra a própria lógica, coroou a maioria de suas iniciativas, incutindo-lhes a força que a esperança dá.

66. Durante o mesmo verão os habitantes da cidade de Mégara, hostilizados na guerra pelos atenienses, que invadiam regularmente o seu território com forças consideráveis duas vezes por ano, e também por seus exilados de Pegás, expulsos em uma rebelião do partido popular, que os molestavam constantemente incursionando contra seu território, começaram a dizer uns aos outros que deveriam receber de volta os banidos, de forma a evitar que a cidade continuasse exposta a um duplo flagelo ao mesmo tempo. Os amigos dos exilados, ouvindo os murmúrios do povo, começaram a defender mais abertamente aquela idéia; os chefes do partido democrático, porém, percebendo que o povo, diante de tantos males, não teria forças para acompanhá-los na resistência, atemorizaram-se e entraram em contato com os comandantes atenienses Hipócrates filho de Arífron e Demóstenes filho de Alcístenes, propondo-lhes a entrega da cidade. Pensaram que esta atitude seria menos perigosa para eles que a reintegração dos cidadãos banidos. Em primeiro lugar concordaram com que os atenienses se apoderassem das longas muralhas (a distância entre a cidade e o porto em Niséia era de cerca de oito estádios[28], a fim de impedir os peloponésios de mandar reforços de Niséia, onde os mesmos haviam instalado a sua única guarnição para velar pela segurança de Mégara; em segundo lugar, ajustaram que se empenhariam ao máximo em entregar-lhes também a cidade alta, acreditando que, logo que isso fosse feito, seus concidadãos se passariam mais depressa para o lado ateniense.

67. Feitos os respectivos preparativos por ambos os lados, seja em palavras, seja em atos, os atenienses, encobertos pela noite, partiram para

[28] Cerca de 1,4 km.

Minoa, ilha situada em frente a Mégara, levando seiscentos hoplitas sob o comando de Hipócrates; ao chegar, instalaram-se em uma vala profunda, a pouca distância da cidade, onde eram feitos os tijolos para as muralhas. Uma segunda companhia, composta de plateus com armamento leve e patrulhas de fronteira sob o comando de outro chefe (Demóstenes), emboscou-se junto ao templo de Eniálios, que fica ainda mais próximo da cidade. Durante toda aquela noite ninguém percebeu o que estava acontecendo, exceto os homens que tinham de estar informados. Ao aproximar-se a aurora, os megáricos dispostos a entregar a cidade passaram a agir da maneira descrita a seguir. Eles tinham um barco a remos destinado, segundo costumavam dizer, à prática de pirataria; havia muito tempo que eles vinham conseguindo que lhes fossem abertas as portas da cidade; com o consentimento do guarda responsável, tinham criado o hábito de fazer o barco passar à noite sobre uma carreta para o outro lado do fosso e de levá-lo até o mar, onde embarcavam; antes do dia raiar eles o traziam de volta na carreta até a muralha e o reintroduziam pela porta; seu objetivo era, segundo alegavam, evitar que a guarnição ateniense estacionada em Minoa visse qualquer embarcação no porto. Naquela noite a carreta já estava junto à porta e, quando esta foi aberta, como de costume, para deixar o barco passar, os atenienses, agindo sempre de conformidade com a combinação, saíram do lugar em que estavam emboscados, em corrida desabalada, para entrar antes que a porta fosse fechada e enquanto a carreta ainda estava passando, o que impedia o fechamento da porta; ao mesmo tempo os cúmplices megáricos mataram os guardas da porta. Primeiro os plateus e as patrulhas comandadas por Demóstenes correram para o lugar onde hoje existe um troféu, e logo que transpuseram a porta os plateus entraram em combate com reforços que apareceram – os peloponésios mais próximos haviam percebido o que estava acontecendo – e os derrotaram, assegurando assim a entrada dos hoplitas atenienses que corriam em direção à porta.

68. Depois disto cada ateniense que entrava se dirigia imediatamente para as muralhas. De início alguns soldados da guarnição peloponésia resistiram e se defenderam, mas depois de alguns serem mortos a maior parte fugiu em pânico, porque o inimigo os atacava à noite e também por imaginarem que os conspiradores megáricos já estavam lutando contra eles, chegando a crer que todos os megáricos os haviam traído. Contribuiu também para isto a circunstância de o arauto dos atenienses, agindo por iniciativa própria, ter proclamado que qualquer megárico, caso desejasse, poderia aderir

à causa dos atenienses. Quando a guarnição ouviu a proclamação cessou a resistência, acreditando que estava realmente sendo atacada pelas tropas reunidas, e fugiu para Niséia. Ao raiar o dia, com as muralhas já tomadas e os megáricos da cidade perplexos, os que negociavam com os atenienses e, além deles, numerosos outros conspiradores, opinaram no sentido de que deveriam abrir as portas e sair para combater. Havia sido realmente combinado entre eles e os atenienses que, logo após a abertura das portas, estes entrariam correndo e aqueles, para não serem confundidos e atacados, estariam untados com óleo para se distinguirem dos demais megáricos; deveriam ter proteção especial ao abrir as portas, pois os homens que, de acordo com a combinação, deveriam marchar durante a noite vindos de Êleusis (quatrocentos hoplitas atenienses e seiscentos cavalerianos), ainda não haviam chegado. Mas depois que os conspiradores se untaram e estavam a postos junto à porta, um dos cúmplices denunciou a conspiração aos homens do outro partido; estes últimos então se reuniram em massa e vieram advertir os outros de que não deveriam sair (o que, mesmo em outras ocasiões e com forças mais numerosas, jamais havia sido feito), nem precipitar a cidade numa situação manifestamente perigosa; acrescentaram que, se alguém se recusasse a obedecer, o combate seria ali mesmo. Não deram qualquer indicação de que estavam a par da conspiração em andamento, mas insistiram em que sua advertência era para o bem de todos, mantendo-se ao mesmo tempo em guarda junto às portas, de tal forma que os conspiradores não tiveram oportunidade de realizar os seus planos.

69. Os comandantes atenienses, percebendo que surgira algum obstáculo e que não poderiam capturar a cidade à força, resolveram amuralhar Niséia, pensando que se pudessem tomá-la antes da chegada de reforços, Mégara chegaria mais depressa a um acordo; receberam sem demora de Atenas ferro para as obras, bem como operários especializados e tudo mais que era necessário. Começaram pelo trecho da muralha que já ocupavam e fecharam a passagem do lado de Mégara; depois, dos dois lados de Niséia até o mar, as tropas se dividiram entre o fosso e a muralha e, usando pedras e tijolos provenientes dos subúrbios e cortando troncos e árvores, construíram paliçadas onde acharam conveniente; as casas do subúrbio, entre as quais construíram obstáculos, também constituíam por si mesmas uma muralha. Durante todo aquele dia trabalharam na obra e na tarde do dia seguinte a muralha estava praticamente pronta. Diante daquele fato os habitantes de Niséia ficaram alarmados: os víveres escasseavam (eles estavam

reabastecendo-se apenas para um dia de cada vez na cidade alta), e já não acreditavam numa ajuda rápida do Peloponeso; pensavam, enfim, que Mégara estava contra eles; considerando tudo isto, renderam-se aos atenienses sob as seguintes condições: cada um deles, entregando as armas, poderia livrar-se mediante o pagamento de certa importância; quanto aos lacedemônios da guarnição (seu chefe ou qualquer outro presente), seriam entregues à discrição dos atenienses. Após chegarem a um acordo naquelas condições, os habitantes deixaram a cidade. Os atenienses abriram em seguida uma brecha nas longas muralhas para separá-las da muralha da cidade de Mégara, apossaram-se de Niséia e prosseguiram em seus preparativos.

70. Na mesma ocasião o lacedemônio Brasidas filho de Télis se achava nas vizinhanças de Sicione e Corinto, preparando uma expedição à Trácia. Ao saber da captura das muralhas, ficou apreensivo quanto à segurança dos peloponésios em Niséia, e receando que Mégara fosse tomada, mandou mensageiros aos beócios pedindo-lhes para virem o mais depressa possível com suas tropas ao seu encontro em Tripodiscos (este é o nome de um povoado no território de Mégara ao pé do monte Gerânia). Ele mesmo partiu com dois mil e setecentos hoplitas coríntios, quatrocentos fliásios, setecentos siciônios e tropas suas que já haviam sido convocadas, pensando que chegaria antes de Niséia ser tomada. Quando recebeu a notícia (ele havia saído à noite para Tripodiscos), selecionou trezentos soldados de suas próprias tropas e antes de sua aproximação ser notada atingiu a cidade de Mégara, sem ser visto pelos atenienses, que estavam à beira-mar. Sua intenção era, em princípio (e também definitivamente, se fosse possível), tentar uma investida contra Niséia, mas ele queria principalmente chegar à cidade de Mégara e garanti-la. Pediu aos habitantes para o receberem, dizendo-lhes que esperava poder recuperar Niséia.

71. Os membros dos dois partidos rivais estavam receosos, uns de que Brasidas trouxesse de volta os exilados e os expulsasse, e os outros de que o povo, temendo exatamente isto, viesse a atacá-los, e que assim a cidade, às voltas com uma guerra civil enquanto os atenienses espreitavam nas proximidades, caminhasse para a autodestruição. Decidiram, portanto, não acolher Brasidas, julgando que a melhor solução seria aguardar os acontecimentos; ambos os partidos, com efeito, esperavam que houvesse uma batalha entre os atenienses e as tropas de socorro, e que seria portanto mais seguro para eles não aderir ao lado pelo qual tinham simpatias enquanto não se

conhecesse o vencedor. Brasidas, não conseguindo convencê-los naquelas circunstâncias, voltou para o meio de suas tropas.

72. De manhã cedo chegaram os beócios; antes mesmo de Brasidas os convocar eles já pretendiam vir em socorro de Mégara, considerando que o perigo se estendia também a eles, e já estavam em Platéia com todas as suas forças.

Recebendo a convocação, sentiram-se ainda mais animados em seus propósitos e mandaram dois mil e duzentos hoplitas e seiscentos cavalerianos, e voltaram com as tropas restantes. Finalmente todas as tropas se achavam no local, perfazendo não menos de seis mil hoplitas; aproveitando-se da circunstância de, do lado ateniense, os hoplitas estarem a postos perto de Niséia e do mar, e as tropas ligeiras estarem dispersas pela planície, a cavalaria dos beócios atacou de surpresa as tropas ligeiras e as expulsou em direção ao mar (até então elas não haviam encontrado outras tropas vindas em socorro dos megáricos). Depois, assumindo por seu turno a ofensiva, a cavalaria ateniense entrou na luta; houve um longo combate limitado à cavalaria, no qual ambos os lados se consideraram vitoriosos. Os atenienses conseguiram matar o comandante da cavalaria beócia e os soldados de um pequeno destacamento que levou o ataque até as muralhas de Niséia; após saqueá-los e apoderar-se de seus cadáveres, devolveram-nos mediante trégua; em seguida ergueram um troféu. Na ação em conjunto, todavia, nenhum dos lados obteve uma vantagem decisiva e assim se separaram; os beócios foram juntar-se ao grosso de suas tropas e os atenienses voltaram a Niséia.

73. Em seguida Brasidas avançou com seu exército até perto do mar e da cidade de Mégara e lá, ocupando uma posição favorável e pondo suas tropas em formação de combate, permaneceu na expectativa, pensando que os atenienses viriam atacá-lo e estando certo de que os megáricos esperariam para ver qual dos dois lados seria vitorioso. Calculou também que as circunstâncias lhe eram favoráveis sob dois aspectos: primeiro, não estava forçando um confronto e não tomava voluntariamente a iniciativa de uma batalha, embora tivesse demonstrado claramente que suas tropas estavam preparadas para defender-se, e portanto a vitória poderia ser-lhes atribuída legitimamente, caso nada mais acontecesse, sem desferir um golpe sequer; depois, tudo estava caminhando satisfatoriamente em relação aos megáricos, pois se os lacedemônios tivessem deixado de apresentar-se não poderiam

aspirar a qualquer sucesso junto a eles; ao contrário, teriam perdido imediatamente a cidade como se houvessem sofrido uma derrota. Com o procedimento adotado havia a possibilidade de os atenienses não tentarem combater, e conseqüentemente os lacedemônios atingiriam o seu objetivo sem ter de lutar. E foi isto que aconteceu, pois os megáricos fizeram o que ele esperava. Quando os atenienses saíram e se puseram em formação de combate defronte das longas muralhas, também ficaram na expectativa, já que os peloponésios não os atacaram; além disto, seus comandantes calcularam que estariam correndo um risco desigual, agora que quase todos os seus planos se tinham concretizado satisfatoriamente, se iniciassem uma batalha contra inimigos muito mais numerosos; com efeito, se fossem vitoriosos conquistariam Mégara, mas se vencidos, a força de combate de seus hoplitas ficaria seriamente comprometida. Quanto aos peloponésios, divididos em vários contingentes, cada corpo das tropas presentes poderia facilmente ousar, pois estaria arriscando somente o próprio prestígio, por ser apenas parte de um exército. Ambos os lados, portanto, esperaram durante algum tempo e, não tendo havido qualquer iniciativa de ataque, os atenienses foram os primeiros a retirar-se, marchando para Niséia; depois foram os peloponésios, voltando ao lugar de onde tinham partido. À vista disto, finalmente os megáricos amigos dos exilados criaram coragem e abriram as portas a Brasidas e aos comandantes das tropas das várias cidades, sentindo que os atenienses haviam renunciado ao combate; mais confiantes, portanto, receberam-nos na cidade e passaram a conferenciar com eles, aproveitando o desalento que se apossou dos autores das negociações com os atenienses.

74. Mais tarde os diversos contingentes voltaram para as suas respectivas cidades, e Brasidas regressou a Corinto, onde preparava sua expedição à Trácia, objetivo inicial de sua ação. Quando os atenienses também retornaram à sua cidade, todos os megáricos mais implicados nas negociações com eles, sabendo-se descobertos, retiraram-se secretamente da cidade, enquanto os outros, comunicando-se com os amigos dos exilados, trouxeram-nos de volta de Pegás, após fazê-los prometer, mediante juramento solene, que não guardariam rancor e só pensariam no bem da cidade. Mas logo que passaram a ocupar cargos públicos e foram encarregados da inspeção de armas, esquadrinharam os destacamentos e tiraram deles cem de seus inimigos pessoais e outros que pareciam haver desempenhado um papel importante nas negociações com os atenienses; compeliram, então, a assembléia popular a julgá-los por voto a descoberto e, obtendo a condenação de todos, mata-

ram-nos e estabeleceram uma oligarquia radical na cidade. Nunca houve um governo novo, instaurado por um número tão reduzido de homens graças ao triunfo de uma facção, que durasse tanto tempo.

75. Ainda no mesmo verão, quando Ântandros estava começando a ser preparada[29] pelos mitilênios segundo os seus planos, dois comandantes das naus atenienses que estavam recolhendo tributos (Demôdocos e Aristides), que naquela ocasião se achavam nas vizinhanças do Heléspontos – Lâmacos, o terceiro, havia seguido para o Pontos com dez naus – receberam notícias dos preparativos naquele lugar e pensaram que havia perigo dele tornar-se uma ameaça para Lesbos, da mesma forma que Anéia era para Samos[30]; efetivamente, os exilados sâmios, estabelecendo-se em Anéia, continuaram a ajudar os peloponésios mandando-lhes pilotos para a sua frota; trouxeram também para lá os sâmios que viviam na ilha em estado de turbulência e sempre ofereciam refúgio aos exilados posteriormente. Os comandantes atenienses, portanto, reuniram uma frota obtida entre os aliados, navegaram para lá, derrotaram em combate aqueles que vieram de Ântandros para enfrentá-los, e retomaram a cidade. Não muito tempo depois Lâmacos, que havia navegado para o Pontos e ancorado no rio Cales, em território heracleota, perdeu suas naus em conseqüência de chuvas torrenciais caídas nas cabeceiras do rio, que provocaram uma enchente catastrófica do mesmo. Ele e suas tropas, todavia, indo por terra através do território dos bitínios trácios, habitantes do outro lado, na Ásia, chegaram a Calcédon, colônia megárica na entrada do Pontos.

76. No decurso do mesmo verão, imediatamente após a retirada dos atenienses de Mégara, o comandante ateniense Demóstenes chegou a Náupactos com quarenta naus; ele e Hipócrates estavam entabulando negociações a propósito de problemas com a Beócia, instados por certos homens em diversas cidades, desejosos de mudar a forma de governo das mesmas e transformá-las em democracias como a dos atenienses. O principal elemento nessas negociações era Pteôdoros, exilado de Tebas, graças ao qual Demóstenes e Hipócrates haviam formado o plano descrito a seguir. Sifas, situada na costa do golfo Criseu, em território téspio, deveria ser ocupada mediante a traição de um certo homem, e Queronéia, cidade tributária de Orcômenos – antigamente chamada Mínia, mas agora chamada Beócia –

[29] Veja-se o capítulo 52 deste livro.
[30] Veja-se o capítulo 32 do livro III.

deveria ser entregue aos atenienses por outros, fugitivos de Orcômenos, que também arregimentaram alguns mercenários peloponésios, sendo os homens de Orcômenos especialmente atuantes na conspiração. Alguns foceus também participavam da trama, pois Queronéia estava situada na fronteira da Beócia, adjacente a Fanótis, já em território da Fócida. Os atenienses deveriam ocupar Délion, o santuário de Apolo existente no território de Tânagra, em frente à Eubéia; todos estes eventos deveriam ocorrer simultaneamente em um dia predeterminado, para que os beócios não pudessem concentrar as suas forças em Délion, ficando, ao contrário, retidos pelas ações planejadas para as suas respectivas localidades. Se a tentativa fosse bem-sucedida e Délion fosse fortificada após a conquista – esperavam eles confiantemente – mesmo no caso de não ocorrerem mudanças imediatas nas constituições das cidades beócias, desde que dominassem aqueles lugares a partir dos quais o território beócio poderia ser devastado e onde qualquer um encontraria refúgio adequado, a situação não permaneceria a mesma, e com o tempo, quando os atenienses viessem apoiar os rebeldes e as forças dos oligarcas estivessem esparsas, poderiam conduzir os acontecimentos de modo a tirar deles as vantagens desejadas.

77. Esta era a conspiração em marcha. A intenção de Hipócrates, quando chegasse o momento oportuno, era partir pessoalmente com as tropas de Atenas e empreender uma expedição contra a Beócia; nesse ínterim estava mandando Demóstenes na frente com uma frota de quarenta naus para Náupactos, para que este pudesse recrutar antecipadamente na região tropas acarnânias e de outros aliados de Atenas, e então navegar para Sifas, na expectativa de que esta fosse entregue por traição; ficou combinado entre os dois comandantes um determinado dia para empreenderem essas duas ações simultaneamente. Ao chegar a Náupactos Demóstenes ficou sabendo que Eníadas já havia sido forçada pelo resto dos acarnânios a juntar-se à aliança ateniense; ele mesmo convocou então todas as tropas aliadas para se reunirem naquele local e, após realizar inicialmente uma expedição contra Salíntios e os agreus[31] e havê-los submetido, prosseguiu em seus preparativos de maneira a poder apresentar-se em Sifas no devido tempo.

78. Na mesma época daquele verão Brasidas, que estava a caminho da Trácia com mil e setecentos hoplitas, chegou a Heracléia Traquínia e mandou na frente um mensageiro a seus amigos em Fársalos, pedindo-lhes para

[31] Vejam-se os capítulos 111 e 114 do livro III.

conduzi-lo com suas tropas através daquele território. Conseqüentemente vieram ao seu encontro em Melíteia, na Acaia, Pâneros, Doros, Hipoloquidas, Torílaos e Strôfacos (próxeno dos calcídios), e todos se puseram a caminho. Brasidas foi também guiado por diversos tessálios, entre os quais Niconidas de Lárissa, amigo de Perdicas. Realmente a Tessália não é de forma alguma um país que se possa atravessar sem escolta local, especialmente no caso de forças armadas. Entre todos os helenos, aliás, não era também prudente atravessar o território de vizinhos sem o seu consentimento; além disto, o povo da Tessália fora sempre simpatizante dos atenienses. Portanto, se os tessálios não estivessem sob o domínio de uma dinastia poderosa, como é usual no país, e sim de um regime de igualdade, Brasidas não teria avançado; mesmo nas condições em que ia foi confrontado em sua marcha, ao chegar ao rio Enipeus, por outros tessálios pertencentes à facção oposta. Estes tentaram detê-lo, advertindo-o de que estava agindo erradamente ao avançar por seu território sem o consentimento de todo o povo. Os guias de Brasidas, entretanto, tranqüilizaram-nos dizendo que, se eles se opusessem, não o levariam adiante, e que estavam simplesmente desempenhando as funções de anfitriões ao escoltar um visitante inesperado. O próprio Brasidas explicou-lhes que vinha como amigo da Tessália e de seus habitantes e estava empunhando armas contra os atenienses, seus inimigos, e não contra eles; além disso, desconhecia a existência de uma hostilidade dos tessálios em relação aos lacedemônios capaz de impedir o acesso de cada um ao território do outro; se, porém, naquelas circunstâncias eles se opusessem à passagem, ele não prosseguiria (nem poderia fazê-lo); esperava, porém, que não impedissem a sua marcha. Depois de ouvir aquelas palavras os tessálios se retiraram. Brasidas, aceitando a sugestão de sua escolta, antes que tropas mais numerosas pudessem reunir-se para impedi-lo pôs-se em marcha imediatamente e a plena velocidade, sem parar uma só vez. De fato, ele completou a jornada até Fársalos no mesmo dia em que partiu de Melíteia, e acampou às margens do rio Apídanos; de lá prosseguiu para Fácion e dali para Perrébia. Naquele ponto sua escolta tessália partiu de volta e os perrébios, que são súditos dos tessálios, levaram Brasidas até Díon, nos domínios de Perdicas, uma povoação macedônia no sopé do monte Olimpos diante da Tessália.

79. Dessa maneira Brasidas conseguiu atravessar a Tessália antes que alguém estivesse em condições de impedi-lo, alcançando Perdicas e chegando à península Calcídica. Os povos da Trácia que se haviam revoltado con-

tra Atenas tinham, em combinação com Perdicas, levado aquele exército ao longo de toda aquela distância desde o Peloponeso, porque estavam alarmados com o sucesso dos atenienses. Os calcídios pensaram que os atenienses os atacariam primeiro, e as cidades vizinhas ainda não revoltadas participaram secretamente do convite aos peloponésios para intervirem. Quanto a Perdicas, embora ele não fosse ostensivamente hostil aos atenienses, tinha receios por causa das divergências crônicas entre eles e os atenienses, e acima de tudo estava ansioso por subjugar Arrábeos, rei dos lincéstios. Outra circunstância que lhes permitiu obter com mais facilidade um exército do Peloponeso foi a má situação em que se encontravam os lacedemônios.

80. Com efeito, como os atenienses molestavam consideravelmente os peloponésios de um modo geral, e principalmente o território dos lacedemônios, estes pensaram que a melhor maneira de afastá-los seria retaliar mandando um exército contra os aliados de Atenas, especialmente porque tais aliados poderiam assegurar o sustento do exército e estavam chamando os lacedemônios para vir ajudá-los, criando condições para que eles se revoltassem. Em adição, os lacedemônios estavam contentes por terem um pretexto para mandar os hilotas para longe, a fim de impedi-los de tentar revoltar-se na situação presente, em que Pilos caíra nas mãos do inimigo. Realmente, por medo de sua juventude e de seu número – na verdade, a maioria das medidas adotadas pelos lacedemônios visava sempre a protegê-los contra os hilotas – eles em certa ocasião haviam chegado ao extremo de recorrer ao seguinte estratagema: fizeram uma proclamação no sentido de que todos os hilotas que pretendiam ter prestado aos lacedemônios os melhores serviços na guerra deveriam apresentar seus títulos a tal pretensão, aparentemente para serem libertados. Na realidade estavam apenas pondo-os à prova, pensando que os candidatos que primeiro se credenciassem à liberdade seriam precisamente os mais capazes de eventualmente rebelar-se. Foram selecionados entre eles cerca de dois mil, que receberam coroas e percorreram os templos, como se já estivessem livres, mas os espartanos pouco tempo depois lhes deram destino desconhecido e jamais alguém soube como cada um deles pereceu. Da mesma forma, na ocasião presente, os espartanos mandaram com satisfação setecentos hilotas como hoplitas com Brasidas; seus soldados restantes vinham do Peloponeso na qualidade de mercenários.

81. Brasidas fora mandado pelos lacedemônios a seu pedido, embora os calcídios também estivessem ansiosos por tê-lo entre eles. Ele era um

homem reputado em Esparta por sua energia em tudo que fazia, e efetivamente demonstrou ser da maior valia para os lacedemônios quando saía em expedições externas. Naquela ocasião mesma, mostrando-se justo e moderado em seu trato com as várias cidades, levou muitas delas a rebelar-se contra Atenas e assegurou o domínio de outras induzindo seus habitantes à traição, de tal forma que quando os lacedemônios desejaram chegar a um acordo com Atenas, como realmente fizeram[32], tinham lugares a oferecer em troca de outros que pretendiam recuperar e foram capazes de assegurar ao Peloponeso uma pausa na guerra. Na parte final da guerra, após os acontecimentos da Sicília, foram os méritos e o tato evidenciados por Brasidas nas circunstâncias presentes – qualidades que alguns conheciam por experiência própria e outros por ouvir dizer – os fatores que mais contribuíram para inspirar aos aliados dos atenienses um sentimento favorável aos lacedemônios. Com efeito, como ele foi o primeiro lacedemônio a ganhar fora de seu território a reputação de homem bom sob todos os aspectos, deixou atrás de si uma expectativa confiante no sentido de que os outros lacedemônios também seriam iguais a ele.

82. Voltando ao momento em que ele chegou à Trácia[33], os atenienses, ao tomarem conhecimento do fato, declararam Perdicas inimigo, considerando-o responsável pela vinda de Brasidas, e estabeleceram estrita vigilância sobre os aliados naquela região.

83. Perdicas saiu imediatamente com Brasidas e seu exército, em conjunto com suas forças, numa expedição contra seu vizinho Arrábeos filho de Brômeros, rei dos macedônios lincéstios, pois havia tido divergências com ele e desejava subjugá-lo. Quando, porém, os dois chegaram com seus exércitos unidos ao ponto de acesso a Lincos, Brasidas disse que desejava, antes de recorrer às armas, conferenciar com Arrábeos e, se pudesse, torná-lo aliado dos lacedemônios, pois parecia que Arrábeos tentara uma aproximação e estaria pronto a submeter a pendência à arbitragem de Brasidas; os aliados calcídios também vinham instando-o a não remover as dificuldades do caminho de Perdicas, pois desejavam encontrar nele mais empenho em ajudá-los a resolver os seus problemas. Além disso os enviados de Perdicas, quando haviam estado na Lacedemônia, tinham insinuado que ele traria muitos lugares vizinhos de seus domínios para a aliança com os lacedemônios; nes-

[32] Em 421 a. C.; veja-se o capítulo 17 do livro V.
[33] Veja-se o capítulo 79 deste livro.

sas circunstâncias Brasidas estava disposto a insistir em tentar resolver a pendência com Arrábeos mediante um acordo entre as partes. Mas Perdicas disse que não havia trazido Brasidas para ser juiz de suas pendências, e sim para ser o destruidor de quaisquer inimigos que ele mesmo indicasse, e que Brasidas estaria agindo erradamente se, não obstante ele estar contribuindo com metade das despesas do exército lacedemônio, Brasidas insistisse em conferenciar com Arrábeos. Brasidas, todavia, apesar da oposição de Perdicas e após uma discussão, realizou a conferência e, achando convincentes os argumentos de Arrábeos, retirou-se com as tropas antes de haver penetrado em seu território. Depois disto Perdicas passou a contribuir somente com um terço, ao invés de metade das despesas, considerando-se ofendido.

84. Logo após, durante o mesmo verão e pouco tempo antes da época da vindima, Brasidas, levando os mesmos calcídios juntamente com suas tropas, empreendeu uma expedição contra Ácantos, uma colônia dos ândrios. Os acântios estavam divididos quanto à questão de deixá-lo entrar ou não; de um lado estavam aqueles que, em conluio com os calcídios, o haviam convidado a intervir, e do outro estava o povo. Mas quando Brasidas insistiu para o deixarem entrar desacompanhado e pediu-lhes para só deliberarem sobre o assunto depois de ouvirem o que ele tinha a dizer, o povo consentiu, pois tinha receios quanto às uvas, que ainda não haviam sido colhidas. Ele então se apresentou diante do povo e, como para um lacedemônio, não lhe faltava o talento oratório, disse o seguinte:

85. "Cidadãos de Ácantos! Os lacedemônios me enviaram até aqui com o meu exército para provar a veracidade do que proclamamos ser a causa do início da guerra, quando dissemos que iríamos lutar contra os atenienses para libertar a Hélade. Se demoramos a chegar, por estarmos desapontados a respeito da guerra em nossa própria terra, onde esperávamos destruir os atenienses rapidamente com nossos próprios esforços e sem vos envolver em perigos, não nos censureis por isto; agora estamos aqui, vindos na primeira oportunidade que se nos ofereceu, e juntamente convosco tentaremos esmagá-los. Mas estou admirado por haverdes fechado as portas diante de mim, e por ver que não me considerais bem-vindo. Com efeito, nós, lacedemônios, pensando, mesmo antes de chegar, que estaríamos entre gente aliada ao menos em espírito e que seríamos bem-recebidos, arriscamo-nos a enfrentar os maiores perigos, fazendo esta jornada de muitos dias através de território estrangeiro, numa demonstração de grande

coragem. Se, todavia, tendes algo mais em mente, ou pretendeis interpor-vos no caminho de vossa própria liberdade e da liberdade dos demais helenos, isto é terrível. E sê-lo-ia não somente por estardes em oposição a mim, mas também porque todos os outros povos aos quais apelarei estarão menos inclinados a apoiar-me, levantando a objeção de que vós, aos quais me dirigi primeiro por representardes uma cidade importante e por terdes a reputação de homens de bom senso, não me recebestes. E não terei qualquer motivo plausível para alegar, além da impressão de que a liberdade que vos ofereci não é honrosa, ou que cheguei até aqui sem ser bastante forte e capaz de defender-vos contra os atenienses se eles vos atacarem. Todavia, quando fui ajudar Niséia com este mesmo exército aqui presente, os atenienses, embora superiores em número, não se dispuseram a enfrentar-nos; não é provável, portanto, que eles mandem contra vós, por mar, forças tão numerosas quanto as que tinham em Niséia.

86. "Quanto a mim, não vim para fazer mal aos helenos, mas para libertá-los; recebi dos lacedemônios os juramentos mais solenes no sentido de que todos aqueles que eu convencer a se tornarem nossos aliados continuarão a ter as suas próprias leis; não viemos para fazer de vós nossos aliados à força ou por fraude, mas, ao contrário, para vos oferecer a nossa aliança, a vós, que fostes escravizados pelos atenienses. Julgo-me com o direito, portanto, de não ser alvo de suspeitas, apresentando-vos, como acabo de dizer, as mais solenes garantias, nem de ser considerado um defensor impotente; ao contrário, deveis juntar-vos confiantemente a mim. Se por acaso alguns entre vós, apreensivos por razões particulares, receiam que eu possa pôr a cidade nas mãos de um dos partidos, eles podem confiar em mim com mais razões ainda; não vim juntar-me a qualquer facção, nem penso que a liberdade que vos estou oferecendo seria real se, menosprezando vossas instituições tradicionais, eu escravizasse a maioria a uns poucos ou a minoria à multidão. Isto seria mais duro que o domínio estrangeiro, e se assim fizéssemos mereceríamos, nós, lacedemônios, apenas censura em vez de agradecimentos por nossos esforços, e honra, e glória. Nossas acusações aos atenienses – motivo da guerra que estamos movendo contra eles – voltar-se-iam contra nós de uma forma ainda mais odiosa que a força sem o disfarce da virtude. Para os homens de boa reputação é mais vergonhoso crescer pela astúcia do que pela força ostensiva; esta tem de certo modo uma atenuante no direito do mais forte, conferido pela sorte; a outra, em contraste, revela a premeditação de cometer injustiça.

87. "Por isto dedicamos extrema atenção ao que é essencial para nós; não poderíeis ter garantia mais segura, além de nossos juramentos, do que ver os atos, condizentes com as palavras, levarem à convicção irresistível de que os interesses das pessoas são exatamente os que elas dizem. Então, se diante destas propostas vós me disserdes que não podeis juntar-vos a nós e, por ser amistosa a vossa disposição para conosco, desejardes que partamos sem que vossa recusa vos faça sofrer qualquer mal, e afirmardes que a liberdade não vos parece isenta de perigos, e finalmente que oferecê-la a quem possa recebê-la é razoável, mas impô-la a alguém contra a sua vontade não o é, invocarei os deuses e heróis de vossa terra como testemunhas de que, embora eu tenha vindo para o vosso bem, não pude persuadir-vos, e tentarei compelir-vos devastando o vosso território; se assim for, não pensarei que vos esteja fazendo mal, pois tenho duas boas razões decisivas; primeiro, o interesse dos lacedemônios, para que com toda a vossa boa vontade em relação a eles, não venham a sofrer por causa do dinheiro que pagais como tributo aos atenienses, se não vierdes para o nosso lado; depois, para que outros helenos não sejam impedidos por vós de escapar à escravidão. Não teríamos, de outra maneira, justificativa para agir assim, nem temos o compromisso, nós, lacedemônios, salvo por causa do bem comum, de dar liberdade àqueles que não a querem. Não estamos tampouco lutando por um império; ao contrário, estamos ansiosos por impedir que outros continuem a impor o seu; na verdade, prejudicaríamos a maioria se, na ocasião em que estamos levando a independência a todos, vos permitíssemos interpor um obstáculo em nosso caminho. Diante destas considerações, deliberai sensatamente, e esforçai-vos por ser os primeiros a entrar na era da liberdade para os helenos, assegurando-vos imorredoura glória. Salvaguardai assim os vossos próprios bens e conferi à vossa cidade inteira a mais bela fama."

88. Assim falou Brasidas. Os acântios, depois de ouvirem discursos de seus concidadãos a respeito de ambos os lados da questão, fizeram uma votação secreta e, por causa das palavras incisivas de Brasidas e de seus temores quanto à colheita, a maioria decidiu rebelar-se contra Atenas. Convenceram Brasidas a repetir os mesmos juramentos feitos pelas autoridades lacedemônias ao enviá-lo, ou seja, que os povos que ele conseguisse persuadir seriam aliados autônomos, e finalmente receberam o exército. Não muito tempo depois a colônia ândria de Stágiros aderiu à rebelião. Foram estes os eventos daquele verão.

89. Nos primeiros dias do inverno subseqüente[34], na ocasião em que certos lugares da Beócia deveriam ser entregues por traição aos comandantes atenienses Hipócrates e Demóstenes, este teria de estar presente com suas naus em Sifas e o outro comandante em Délion. Houve, porém, um equívoco quanto aos dias em que ambos deveriam partir e Demóstenes navegou cedo demais para Sifas, levando acarnânios e muitos outros aliados da região a bordo; não obteve, todavia, qualquer resultado, pois a conspiração havia sido denunciada por Nicômacos, um foceu de Fanótis, que falou com os lacedemônios e estes com os beócios. Conseqüentemente chegou socorro de todos os beócios – Hipócrates ainda não estava em seu território para inquietá-los – e Sifas e Queronéia foram logo ocupadas; os conspiradores, informados do equívoco, não tentaram qualquer movimento naquelas cidades.

90. Nesse ínterim Hipócrates convocou todas as tropas de Atenas, tanto cidadãos quanto metecos e estrangeiros que estavam na cidade, mas chegou diante de Délion muito tarde, quando os beócios já se haviam retirado de Sifas. Após acampar com suas tropas ele começou a fortificar Délion da maneira descrita a seguir. Os soldados cavaram um fosso em volta do templo e do santuário e amontoaram a terra cavada do fosso para servir de barreira, cravando estacas ao longo desta; em seguida, cortaram as cepas dos vinhedos em volta do santuário e juntamente com pedras e tijolos conseguidos com a demolição de casas nas vizinhanças lançaram-nas em cima da barreira, procurando por todos os meios aumentar a altura da fortificação. Foram também construídas torres de madeira em locais apropriados, onde não havia nenhuma construção pertencente ao templo (o antigo pórtico já havia desabado). Começando no terceiro dia após a sua partida de Atenas, trabalharam durante todo aquele dia, o quarto e o quinto até a hora do jantar. Quando a maior parte da obra estava pronta, as tropas se retiraram de Délion e foram para um local distante cerca de doze estádios[34a] na estrada que leva a Atenas; as tropas ligeiras em sua maior parte continuaram a marchar, enquanto os hoplitas baixaram as armas e ficaram parados. Hipócrates ficou para trás, pois tinha de organizar a guarda e providenciar a conclusão das obras defensivas.

91. Durante aqueles dias os beócios estiveram agrupando-se em Tânagra; quando estavam vindo de todas as cidades e perceberam que os atenienses

[34] Retomando a narração interrompida no capítulo 79 acima.
[34a] Cerca de 2,1 km.

já regressavam, o resto dos onze beotarcas opinou contra o combate, já que os inimigos não se encontravam mais na Beócia (os atenienses estavam praticamente na fronteira de Orópia quando pararam). Mas achava-se presente Pagondas filho de Eólidas, que era beotarca para Tebas com Ariântidas filho de Lisimaquidas e exercia o comando na ocasião; desejando entrar logo em combate e julgando que devia correr o risco, chamou os homens por companhias, uma em seguida a outra para evitar que baixassem as armas todas ao mesmo tempo, e tentou persuadir os beócios a marchar contra os atenienses e tomar a iniciativa do combate, dizendo o seguinte:

92. "Em princípio, beócios, a nenhum de nós, comandantes do exército, jamais deveria ter ocorrido a idéia de que não tínhamos de travar batalha com os atenienses a não ser que os encontrássemos ainda em solo beócio. Com efeito, foi para devastar a Beócia que eles atravessaram a fronteira e construíram uma fortificação em nosso território, e são sem a menor dúvida nossos inimigos onde quer que possamos deparar com eles, especialmente no solo de onde avançaram para agir como inimigos. Mas na realidade, se alguém julgava tal atitude mais segura deverá mudar de idéia agora, pois quando se é atacado a prudência não admite esses raciocínios frios a respeito de sua própria terra, permissíveis somente àqueles que, seguros em seus próprios domínios, atacam os outros sem ser provocados, na ânsia de conquistar mais. Adicionalmente, é tradição entre vós repelir invasores estrangeiros, seja em vossa terra, seja na de vizinhos, principalmente quando os intrusos são atenienses e vêm de território limítrofe. Quando o confronto é entre vizinhos, é sempre a igualdade de forças que garante a liberdade, mas se se trata de homens como esses, que tentam levar a escravidão não somente a territórios próximos, mas também aos mais remotos, como não seria necessário levar a luta até as últimas conseqüências? Temos como advertência sua conduta em relação aos eubeus do outro lado do estreito e à maior parte dos helenos, e devemos compreender que, enquanto outros combatem com seus vizinhos por territórios fronteiriços, todo o nosso território, em caso de derrota, será definido por um limite único, que nunca mais será discutido: eles virão e tomarão à força tudo que temos. Isto demonstra até que ponto a vizinhança dos atenienses é mais perigosa que a dos outros. Mais ainda: povos que atacam os seus vizinhos apenas por confiarem na própria força, com muito mais probabilidade marcharão ousadamente contra aqueles que se mantiverem quietos e que se defenderem somente em sua própria terra; inversamente, estarão menos dispostos a atacar os que os

enfrentarem além de suas próprias fronteiras e tomarem a iniciativa se tiverem oportunidade. A prova desta afirmação é o comportamento desses atenienses; em Coronéia[35], quando em conseqüência de nossas dissensões internas eles haviam ocupado nosso território, derrotamo-los e obtivemos para a Beócia a sólida segurança que dura até hoje. Relembrando tais eventos os homens mais idosos deverão emular os seus feitos anteriores, e os mais jovens, filhos de pais valorosos, terão de esforçar-se por não desonrar as virtudes herdadas. Certos de que o deus cujo santuário eles sacrilegamente fortificaram e agora ocupam estará do nosso lado, e confiando nos sacrifícios oferecidos, que nos parecem propícios, avancemos para enfrentá-los e mostrar-lhes que, se quiserem obter o que ambicionam, devem atacar aqueles que não se defendem; homens cujo espírito nobre os impele a combater incessantemente pela liberdade de sua terra e a não escravizar a terra dos outros, nunca os deixarão partir sem os combater".

93. Com esta exortação Pagondas persuadiu os beócios a atacar os atenienses; sem perda de tempo (o dia já ia avançado) ele deu ordem de marcha e se pôs à testa de seus soldados. Ao chegar perto das forças inimigas, deteve as tropas em um lugar do qual, por causa de uma colina interposta, os dois exércitos não se podiam ver e preparou-as para o combate. Ao mesmo tempo Hipócrates, que estava em Délion, informado de que os beócios estavam vindo, deu ordem ao seu exército para pôr-se em formação de combate e logo depois juntou-se a ele, deixando trezentos cavalerianos em Délion para protegê-la no caso de um ataque e também para aguardar o momento de lançar-se sobre os beócios no curso da batalha. Mas os beócios mandaram um destacamento para vigiá-los. Quando, então, tudo estava pronto, eles apareceram no alto da colina e pararam, pondo-se na ordem em que iriam combater. Eram cerca de sete mil hoplitas, mais de dez mil soldados com armamento leve, mil cavalerianos e quinhentos peltastas; à direita estavam os tebanos e seus aliados; no centro, os haliártios, coroneus, copeus e outros povos das vizinhanças do lago[36]; à esquerda, os téspios, tanagranos e orcomênios. Em cada ala havia também cavalerianos e tropas ligeiras. Os tebanos estavam dispostos em formação de vinte e cinco escudos de profundidade, e os demais de acordo com as circunstâncias em cada caso. Estes eram os preparativos dos beócios e sua ordem.

[35] Em 447 a.C.; vejam-se os capítulos 93 do livro I e 62 do livro III.
[36] O lago Copaís.

94. Do lado ateniense, todos os hoplitas, iguais em número aos do inimigo, estavam dispostos em pelotões de oito de profundidade, com a cavalaria nas duas alas; tropas ligeiras, regularmente armadas, não havia lá, nem a cidade as tinha, mas forças mais leves se haviam juntado à invasão, e embora fossem muito mais numerosas que as do inimigo, seguiam na maior parte sem armas, pois houvera uma convocação em massa de estrangeiros que estavam em Atenas e de cidadãos; destas, porém, a maior parte havia prosseguido na marcha em direção a Atenas e não participava da ação, exceto um pequeno grupo. Quando suas tropas estavam alinhadas e prontas para o combate, o comandante Hipócrates, caminhando ao longo dos contingentes atenienses, exortou-os dizendo-lhes o seguinte:

95. "Minha exortação não será longa, atenienses, mas significará muito para homens bravos e será mais um lembrete que um apelo. Nenhum de vós deverá pensar que, por estarmos em território estrangeiro, iremos correr este grande perigo sem um bom motivo. Embora o confronto seja na terra deles, estaremos defendendo a nossa terra, e se vencermos, os peloponésios, privados da cavalaria beócia, nunca mais invadirão o vosso território, e numa única batalha não somente estareis conquistando esta terra como também tornareis mais segura a liberdade da vossa. Avançai para combatê-los com ânimo digno de vossa cidade – a maior da Hélade, que cada um de vós se orgulha de proclamar sua pátria, e de vossos pais que sob o comando de Mirônides venceram estes homens em Enofita[37] e passaram a ser os senhores da Beócia".

96. Hipócrates, que estava exortando dessa forma os seus homens e ainda não havia chegado ao centro do exército, não pôde ir além; os beócios, após serem concisamente exortados outra vez por Pagondas, avançaram contra os atenienses descendo a colina e entoando o peã. Os atenienses também avançaram contra eles e se encontraram na corrida. As extremidades da linha de cada lado não chegaram a enfrentar-se corpo a corpo, pois ambas tiveram a mesma dificuldade: foram detidas por torrentes existentes no local. As tropas restantes se engajaram num combate renhido, com escudo contra escudo; a ala esquerda dos beócios, até o centro, foi batida pelos atenienses, que pressionavam fortemente as tropas inimigas daquele lado, especialmente os téspios; como seus vizinhos de linha haviam recuado e eles

[37] Em 456 a.C.

tinham ficado cercados em um espaço exíguo, foram massacrados em combate corpo a corpo. Aconteceu também que alguns atenienses, confusos após haverem cercado o inimigo, enganaram-se e mataram-se uns aos outros. Ali, então os beócios foram derrotados e fugiram em direção à parte de seu exército que ainda estava combatendo; mas a ala esquerda, onde estavam os tebanos, levou a melhor sobre os atenienses, e empurrando-os para trás passo a passo, a princípio os seguia. Pagondas, quando sua ala esquerda estava em dificuldades, mandou dois esquadrões de cavalaria rodeando a colina por um ponto fora do alcance da vista dos atenienses, e quando os cavalerianos beócios apareceram subitamente, a ala até então vitoriosa dos atenienses, pensando que outro exército estava chegando, entrou em pânico. A esta altura, então, devido a esta manobra e à pressão dos tebanos seguindo a outra ala, sobreveio a fuga de todos os atenienses. Alguns correram para Délion e para o mar, outros para Ôropos, outros para o monte Parnes, e os demais para onde quer que imaginassem poder chegar vivos. Os beócios, principalmente sua cavalaria e a dos lócrios que haviam chegado precisamente na hora da fuga dos atenienses, seguiram-nos e os mataram; quando, porém, sobreveio a noite, a maioria dos fugitivos pôde escapar com mais facilidade. No dia seguinte as tropas de Ôropos e de Délion, deixando uma guarnição neste último local, que ainda estava em seu poder, foram levadas de volta à Ática por mar[38].

97. Os beócios ergueram um troféu, retiraram os seus mortos e saquearam os do inimigo; deixando uma guarnição no local, partiram para Tânagra e lá planejaram o ataque a Délion. Nesse ínterim, um arauto dos atenienses, vindo para pedir os seus mortos, encontrou um arauto beócio; este o fez voltar atrás, dizendo-lhe que nada conseguiria até que ele mesmo voltasse[39]. Diante desta resposta o primeiro arauto retornou ao acampamento dos atenienses e lhes transmitiu a mensagem do arauto dos beócios; segundo estes, os atenienses não haviam procedido corretamente ao transgredir os costumes dos helenos, pois era usual a todos eles, ao invadirem o território dos outros, respeitar os santuários locais; os atenienses tinham fortificado Délion e agora estavam lá, fazendo tudo que os homens fazem num lugar profano, usando até para fins corriqueiros a água na qual os beócios não tocavam senão para as purificações relacionadas com os sacrifícios. Conse-

[38] Segundo Platão, *Simpósio*, 221E, Sócrates combateu na batalha de Délion e salvou a vida de Alcibíades.

[39] Isto é: ao campo beócio, vindo do campo ateniense, ao qual levaria a mensagem.

qüentemente os beócios, em nome do deus e em seu próprio nome, invocando as divindades cultuadas nos altares dos dois povos e também Apolo, intimavam os atenienses a sair do templo e levar com eles o que lhes pertencia[40].

98. Quando aquele arauto acabou de falar, os atenienses mandaram outro aos beócios para dizer-lhes que eles não haviam cometido qualquer atentado ao templo, e não o danificariam voluntariamente no futuro; não haviam penetrado nele inicialmente com intenção alguma desse tipo, e sim para a partir dele poderem defender-se daqueles que os estavam hostilizando. Segundo as leis dos helenos, disseram eles, quem exercesse o domínio sobre qualquer território, grande ou pequeno, também o exerceria sobre os santuários, desde que se pautasse tanto quanto possível pelos ritos até então observados. Na realidade os beócios, e muitos que expulsaram outros povos de seus territórios e se apossaram deles, haviam chegado inicialmente aos templos como estrangeiros, mas agora os possuem como seus. Eles mesmos, se tivessem sido capazes de conquistar uma extensão maior do território beócio, hoje seriam seus senhores; no caso presente, portanto, não sairiam da parte onde estavam, ao menos por vontade própria, considerando-a sua. Além disto, só tocaram na água numa situação de extrema necessidade, não provocada irresponsavelmente por eles; foram forçados a usá-la enquanto se defendiam dos beócios que os haviam atacado antes onde eles estavam. Tudo que é feito sob a compulsão da guerra e do perigo deve merecer indulgência, mesmo da parte do deus. Com efeito, os altares ofereciam refúgio no caso de faltas involuntárias; somente se falava em violação das regras na hipótese de crimes perpetrados sem necessidade, e não quando as circunstâncias compeliam alguém a ousar tudo. Mais ainda: os beócios, pretendendo entregar os mortos em troca de templos, estavam praticando uma impiedade muito maior que a deles por se negarem a usar templos para obter aquilo que tinham o direito de recuperar. Pediram aos beócios para dizer-lhes claramente que poderiam ir buscar os seus mortos, não sob a condição de saírem da Beócia – já não estavam em território beócio, e sim em terra que haviam conquistado pelas armas – mas mediante uma trégua de conformidade com os costumes ancestrais.

99. Os beócios responderam que, se os atenienses estivessem na Beócia, poderiam levar o que era deles se evacuassem o território alheio; se estives-

[40] Isto é: os mortos.

sem em sua terra, deveriam eles mesmos resolver o que fazer. Pensavam, com efeito, que embora Ôropos, onde os cadáveres estavam – a batalha ocorrera na fronteira – pertencesse aos atenienses por direito de sujeição, eles não poderiam levar os cadáveres sem a sua permissão (nem poderiam acertar uma trégua, certamente, em relação a um território pertencente aos atenienses). Julgavam, portanto, respeitar as formalidades aplicáveis ao caso dizendo-lhes que deveriam evacuar o território estrangeiro e que assim receberiam o que reclamavam. Ouvindo estas palavras, o arauto ateniense regressou sem conseguir coisa alguma.

100. Os beócios mandaram buscar imediatamente lanceiros e fundeiros no golfo Malíaco, e com dois mil hoplitas coríntios que vieram juntar-se a eles após a batalha, além da guarnição peloponésia que evacuara Niséia, e também alguns megáricos, realizaram uma investida contra Délion e atacaram a fortificação. Após experimentar sem sucesso outras formas de assalto, conquistaram-na recorrendo a um engenho de guerra feito da maneira descrita a seguir. Depois de serrarem em duas uma grande viga de madeira, escavaram-na internamente e tornaram a emendá-la cuidadosamente, como se fosse um cano; penduraram em seguida com correntes um caldeirão em uma de suas extremidades e nele puseram um bico de fole de ferro em curva a partir da viga[41], que em quase toda a sua extensão estava também revestida de chapas de ferro. Trouxeram o engenho de longe em carretas até o trecho da muralha feito principalmente de cepas e troncos; quando ele estava perto, introduziram um grande fole na extremidade da viga que dava para o lado deles e o sopraram; o ar, chegando sob pressão ao caldeirão, que continha carvões acesos, enxofre e pixe, produziu uma grande labareda e incendiou a muralha naquele ponto, de tal forma que seus ocupantes não mais puderam permanecer nela e a deixaram, pondo-se em fuga; a fortificação foi tomada desta maneira. Alguns dos componentes da guarnição foram mortos e duzentos foram capturados; a maior parte, porém, conseguiu reembarcar nas naus e foi repatriada.

101. Délion caiu dezessete dias após a batalha e quando o arauto ateniense, que desconhecia os últimos acontecimentos, voltou não muito tempo depois para pedir novamente a devolução dos mortos, os beócios, em vez de darem a mesma resposta das outras ocasiões, finalmente os entregaram. Morreram na batalha pouco mais de quinhentos homens do lado dos beócios

[41] Isto é: curvado para dentro do caldeirão.

e pouco menos de mil do lado ateniense, inclusive o seu comandante Hipócrates, além de grande número de soldados das tropas ligeiras e bagageiros. Pouco tempo depois desta batalha Demóstenes, que havia fracassado em suas articulações visando à entrega de Sifas por traição, quando embarcou para lá na época mencionada acima[42] levou em suas naus tropas de acarnânios e agreus, juntamente com quatrocentos hoplitas atenienses, e desembarcou no território de Sicione. Antes, porém, de todas as suas naus estarem ancoradas, os siciônios vieram contra eles e, derrotando os que já estavam em terra, perseguiram-nos até as naus, matando alguns e capturando outros vivos. Em seguida os siciônios ergueram um troféu e entregaram os mortos mediante trégua.

Sitalces[43] rei dos odrísios, também foi morto aproximadamente na mesma época dos acontecimentos em Délion, numa expedição empreendida contra os tríbalos[44] que o derrotaram em combate. Seutes[45] filho de Sparádocos, seu sobrinho, tornou-se rei dos odrísios e do resto da Trácia onde até então reinava Sitalces.

102. Durante o mesmo inverno Brasidas, com seus aliados da Trácia, realizou uma expedição contra Anfípolis, colônia ateniense às margens do rio Strímon. O milésio Aristágoras havia tentado anteriormente[46] colonizar o local em que está situada a cidade, quando fugia do rei Darios, mas foi repelido pelos edônios. Os atenienses fizeram outra tentativa trinta e dois anos depois, mandando dez mil colonos escolhidos entre seus cidadãos e quaisquer outros que desejassem ir; todos eles, porém, foram mortos pelos trácios em Drabescos. Vinte e nove anos depois os atenienses mandaram Hágnon filho de Nícias como chefe de uma colônia; Hágnon expulsou os edônios e se instalou naquele local, inicialmente chamado Nove Caminhos. Sua base de operações era Êion, um porto marítimo comercial que os atenienses já ocupavam na foz do rio, distante vinte e cinco estádios[47] da atual cidade de Anfípolis, à qual Hágnon deu este nome porque, como o Strímon corre em volta dela por ambos os lados, ele isolou a cidade por meio de uma longa muralha na abertura do semicírculo descrito pelo rio, estabelecendo

[42] Veja-se o capítulo 89 deste livro.
[43] Vejam-se os capítulos 67, 95 e 101 do livro II.
[44] Veja-se o capítulo 96 do livro II.
[45] Veja-se o capítulo 101 do livro II.
[46] Em 427 a.C.
[47] Os vinte e cinco estádios correspondem a cerca de 4,4 km. Anfípolis significa literalmente "uma cidade olhando para dois lados".


0
50 km 50 mi
Rio Strímon
Anfípolis
Árgilos
Êion
Tasos
Ácantos
Península de Acte
Monte Atos
Potidéia
Península de Palene
Mende
Cione
Torone
MAR EGEU

CALCÍDICE

assim uma cidade que se podia ver tanto do lado do mar quanto do continente.

103. Brasidas marchou para aquela região com seu exército, partindo de Ames, na Calcídice. Chegando pouco antes do crepúsculo a Áulon e Brômiscos, onde o lago Bolbe tem sua saída para o mar, ele jantou e prosseguiu à noite. Fazia mau tempo e nevava um pouco, e por isto ele se apressou, querendo passar despercebido dos habitantes de Anfípolis, exceto dos envolvidos na conspiração para entregá-la à traição. Com efeito, havia no local alguns colonos de Árgilos, colônia ândria, e outros cúmplices na trama, alguns instigados por Perdicas, outros pelos calcídios. Os principais conspiradores, todavia, eram os argílios, habitantes das vizinhanças, sempre sob suspeita dos atenienses e inimigos secretos da cidade. Naquela ocasião surgiu uma oportunidade com a vinda de Brasidas, e eles haviam negociado pouco tempo antes com seus concidadãos residentes em Anfípolis com vistas à entrega da cidade. Receberam então Brasidas à sua chegada ao povoado, revoltaram-se contra os atenienses na mesma noite e antes da aurora guiaram seu exército até a ponte sobre o rio, que ficava a certa distância da cidade e não estava ligada a ela por muralhas como atualmente. Brasidas venceu facilmente a pequena guarnição estacionada na ponte, em parte por causa da traição e em parte porque a atacou sob o mau tempo e de surpresa; logo após atravessar a ponte apoderou-se das terras dos anfipolitanos situadas fora das muralhas, pois eles possuíam casas espalhadas por toda a vizinhança.

104. Como a travessia da ponte havia constituído uma surpresa para todos os habitantes da cidade, e os de fora estavam sendo capturados em grande número, ou então vinham procurar refúgio no interior das muralhas, a população de Anfípolis ficou consideravelmente perturbada, mais ainda por haver uma desconfiança recíproca generalizada. Diz-se mesmo que se Brasidas houvesse querido marchar imediatamente contra a cidade, em vez de entregar-se ao saque das vizinhanças com suas tropas, provavelmente a teria tomado. No momento, porém, acampou com o seu exército e fez incursões pelas terras fora das muralhas, sem perceber qualquer reação no interior que correspondesse à sua expectativa; esta circunstância o levou a ficar quieto. Os adversários daqueles que deveriam entregar-lhe a cidade, suficientemente superiores em número para impedir a abertura imediata das portas, agiam de comum acordo com o comandante Eucles, presente na

ocasião (ele havia sido enviado por Atenas para cuidar da região), e mandaram um mensageiro ao outro comandante para o território fronteiro à Trácia; ele era Tucídides filho de Oloros, o autor desta *História,* na época estacionado em Tasos, ilha situada a aproximadamente meio dia de viagem por mar de Anfípolis e colônia de Paros, e lhe pediam para socorrê-los. Recebendo a mensagem, ele partiu imediatamente com sete naus que se encontravam lá, pois queria chegar o mais depressa possível, principalmente para socorrer Anfípolis antes dela render-se, ou, se isto não fosse possível, para ocupar Êion.

105. Nesse ínterim Brasidas, temendo a vinda das naus de Tasos, e tendo ouvido dizer que Tucídides era detentor dos direitos de exploração das minas de ouro naquela parte da Trácia, exercendo por isso grande influência sobre os homens mais importantes do continente, apressou-se em capturar a cidade, se possível antes de sua chegada; receava que, se Tucídides viesse, o partido popular em Anfípolis, na expectativa de que ele conseguisse reunir forças aliadas nas ilhas e na Trácia e viesse ajudá-los, pudesse opor-se à rendição. Naquelas circunstâncias, Brasidas propôs condições moderadas, fazendo uma proclamação neste sentido, segundo a qual os cidadãos de Anfípolis e quaisquer residentes atenienses, se quisessem, poderiam permanecer lá, mantendo a posse de seus bens e gozando de completa igualdade; quem não estivesse disposto a ficar poderia retirar-se dentro de cinco dias e levar consigo os seus bens.

106. Tomando conhecimento da proclamação a maioria ficou indecisa, especialmente porque poucos cidadãos eram atenienses; a maior parte era miscigenada, e um número considerável dos que haviam sido capturados fora das muralhas tinha parentes na cidade. Em comparação com seus temores eles acharam a proclamação eqüitativa – os atenienses, satisfeitos por lhes ser permitido retirar-se, quando imaginavam que seu quinhão nos perigos seria maior e, além disto, descrentes da possibilidade de qualquer ajuda imediata; os habitantes em geral, porque não perderiam os seus direitos políticos, conservando-os como antes, e também porque, contrariamente à sua expectativa, ficariam livres dos perigos. Dessa forma, como os partidários de Brasidas já estavam justificando abertamente as propostas dele, por terem percebido que o povo havia mudado de atitude e já não dava ouvidos ao comandante ateniense presente na cidade, consumou-se a rendição e Brasidas foi recebido nas condições de sua proclamação. Assim eles

entregaram a cidade, e na tarde do mesmo dia Tucídides e suas naus chegaram a Êion. Brasidas havia acabado de tomar posse de Anfípolis e deixou de ocupar Êion apenas por uma noite; na realidade, se as naus não tivessem chegado tão depressa para socorrê-la, Êion teria sido tomada ao romper do dia.

107. Em seguida Tucídides começou a tomar medidas para a defesa de Êion, a fim de garantir a sua segurança no momento, se Brasidas a atacasse, e também com vistas ao futuro, para receber os habitantes de Anfípolis que preferissem ir para lá, vindos da cidade alta em conseqüência da capitulação. Brasidas viajou imediatamente rio abaixo em direção a Êion com numerosos botes, na esperança de que, tomando a ponta de terra que ficava fora das muralhas, poderia dominar a entrada do porto e ao mesmo tempo fazer uma tentativa por terra; foi, porém, repelido pelos dois lados, e voltou para Anfípolis a fim de tomar as providências cabíveis. Também Mircinos, uma cidade edônia, aderiu a ele em conseqüência do assassinato de Pítacos, rei dos edônios, pelos filhos de Goáxis e por Brauro, sua própria mulher; não muito tempo depois Galepsos e Esime, colônias dos tásios, também aderiram a Brasidas. Perdicas veio para Anfípolis logo após a sua rendição e ajudou Brasidas nas providências.

108. Os atenienses ficaram profundamente alarmados com a captura de Anfípolis. As principais razões do alarme eram a utilidade da cidade para eles na importação de madeira destinada à construção naval, e os tributos que recebiam dela; além disto, embora até então os lacedemônios, guiados pelos tessálios, tivessem acesso aos aliados dos atenienses até o Strímon, o fato é que enquanto não passaram a dominar a ponte – o rio num longo trecho acima da cidade era na realidade um grande lago, onde trirremes ficavam guardando o acesso a Êion – não podiam ir adiante; agora, finalmente, isto passou a ser fácil. Os atenienses também receavam a revolta de seus aliados. Efetivamente, Brasidas se mostrava moderado em tudo, e em suas declarações por toda parte deixava claro que estava vindo para libertar a Hélade. As cidades sujeitas aos atenienses, tomando conhecimento da captura de Anfípolis, das garantias oferecidas e do comedimento de Brasidas, estavam mais encorajadas do que nunca a revoltar-se, e lhe mandavam mensagens secretas pedindo-lhe para vir até elas, cada uma desejando ser a primeira a rebelar-se. Parecia-lhes, realmente, haver poucos motivos para temor, pois já consideravam o poderio ateniense muito menor que antes, e

em suas deduções eram mais movidas por desejos ilusórios que por previsão ponderada (de fato os homens, em relação ao objeto de seus desejos, costumam entregar-se a esperanças infundadas e rejeitam por considerações arbitrárias o que lhes desagrada). Além do mais, por causa da derrota recente dos atenienses na Beócia e das sedutoras mas inverídicas afirmações de Brasidas[48] no sentido de que os atenienses não se dispuseram a enfrentá-lo quando ele veio socorrer Niséia apenas com suas próprias tropas, os aliados de Atenas se tornaram mais ousados e passaram a pensar que ninguém viria contra eles. Acima de tudo, como isto lhes proporcionava uma satisfação imediata e como deveriam pela primeira vez conviver com os lacedemônios, agora eufóricos, estavam prontos a arriscar-se a qualquer preço. Ao tomar conhecimento daquela situação, os atenienses, tanto quanto lhes era possível diante da premência de tempo e do inverno, mandaram guarnições para as diversas cidades; simultaneamente Brasidas mandou mensageiros à Lacedemônia pedindo que lhe enviassem reforços com urgência, e resolveu preparar-se para construir naus no Strímon. Os lacedemônios, porém, não atenderam ao seu pedido, em parte porque as autoridades mais influentes estavam despeitadas por causa de seu sucesso, e em parte por desejarem antes recuperar os homens capturados na ilha e quererem terminar a guerra.

109. Durante o mesmo inverno os megáricos retomaram e derrubaram até o chão as suas longas muralhas[49] que os atenienses haviam capturado. Brasidas, após a rendição de Anfípolis, empreendeu com seus aliados uma expedição contra o lugar chamado Acte. Trata-se de um promontório que se projeta no Canal do Rei[50], no lado interno do istmo, e termina no mar Egeu com o alto monte Atos. Uma das cidades situadas nele é Sane, colônia ândria próxima ao canal, em frente ao mar que leva à Eubéia; as outras são Tissos, Cleonas, Acrotoos, Olôfixos e Díon, habitadas por tribos bárbaras miscigenadas e bilíngües (há também elementos calcídicos pouco importantes, principalmente pelásgicos oriundos dos etruscos que em épocas remotas habitaram Lemnos e Atenas[51] – bisálticos, crestônicos e edônios, esparsos em povoados). A maioria delas se rendeu a Brasidas, mas Sane e Díon resistiram e ele então acampou nos territórios das mesmas, que seus soldados devastaram.

---

[48] Vejam-se os capítulos 73 e 85 deste livro.
[49] Veja-se o capítulo 69 deste livro.
[50] Canal de Xerxes; veja-se Heródoto, VII, 22.
[51] Veja-se Heródoto, VI, 137.

110. Como, porém, elas não se rendessem, ele marchou em seguida contra Torone, em Calcídice, dominada pelos atenienses, convidado por uns poucos homens dispostos a trair a cidade. Chegando lá com suas tropas ainda durante a noite (quase de madrugada), acampou perto do templo dos Dióscuros, distante cerca de três estádios[51a] da cidade. Os demais toroneus e os atenienses da guarnição ignoravam a sua aproximação, mas os adeptos de Brasidas, sabendo que ele viria – alguns deles saíram secretamente para encontrá-lo – estavam aguardando a sua chegada; vendo-o nas proximidades, introduziram na cidade sete homens das tropas ligeiras armados de punhais, sob o comando do olíntio Lisístratos (só estes, dos vinte anteriormente designados para a missão, não tiveram medo de entrar). Esgueirando-se ao longo da muralha que dá para o mar, subiram despercebidos da guarda até o posto mais elevado, situado na encosta de uma colina, mataram as sentinelas e arrombaram o postigo do lado de Canastrêon[52].

111. Ao mesmo tempo Brasidas, avançando um pouco, permaneceu na expectativa com o resto das tropas, enquanto mandava avançarem cem peltastas, com ordens para, no momento em que qualquer porta fosse aberta e o sinal combinado fosse dado, entrarem primeiro correndo. Estes, como o tempo estava passando, estranhavam a demora e aos poucos haviam chegado bem perto da cidade. Nesse ínterim os toroneus que estavam lá dentro ajudando o grupo que havia entrado quando o postigo foi arrombado e as portas próximas da praça do mercado foram abertas após as trancas serem serradas, começaram a dar a volta com alguns homens até o postigo, para que eles pudessem apanhar os habitantes desprevenidos mediante um ataque súbito pela retaguarda e por ambos os lados e levá-los assim ao pânico; em seguida levantaram o sinal de fogo combinado e introduziram os peltastas restantes pelas portas próximas à praça do mercado.

112. Percebendo o sinal, Brasidas avançou correndo, chamando suas tropas, que saíram gritando em uníssono, causando enorme pânico entre os habitantes. Alguns soldados irromperam imediatamente pelas portas, outros por cima de vigas que haviam sido colocadas para içar pedras destinadas à reconstrução de parte da muralha que tombara. Brasidas e o grosso das tropas se dirigiram sem perda de tempo às partes mais elevadas da cidade, esforçando-se por capturá-la definitivamente; os soldados restantes espalharam-se em todas as direções.

[51a] Cerca de 540 m.
[52] Nome do promontório na extremidade da península fronteira (Palene).

113. Enquanto a captura estava sendo consolidada, muitos dos toroneus, que nada sabiam acerca da conspiração, ficaram transtornados, mas os conspiradores e outros simpatizantes do movimento juntaram-se aos que haviam entrado. Quando os atenienses perceberam o que estava acontecendo (havia lá cerca de cinqüenta hoplitas seus, dormindo na praça do mercado), puseram-se em fuga; alguns foram mortos em luta corpo a corpo, mas os demais conseguiram escapar, uns por terra, outros para as naus de guarda, e chegaram em segurança ao forte de Lêcitos, que havia sido ocupado e ainda estava em poder de seus camaradas. Ele constitui a cidadela do lugar, projetando-se sobre o mar, e fica separado da cidade por um istmo estreito. Alguns toroneus amigos dos atenienses também se refugiaram lá.

114. Quando rompeu o dia e a cidade estava firmemente em seu poder, Brasidas dirigiu uma proclamação aos toroneus que se haviam refugiado com os atenienses, assegurando-lhes que quem quisesse poderia regressar às suas propriedades e exercer os direitos de cidadania sem temor; aos atenienses ele mandou um arauto com ordens para que abandonassem Lêcitos mediante trégua, levando todos os seus bens. Eles se recusaram a sair, mas lhe solicitaram trégua por um dia para poderem recolher os seus mortos; Brasidas concedeu a trégua por dois dias, durante os quais ele fortificou as casas próximas e os atenienses reforçaram as suas defesas. Convocando, então, uma reunião com os toroneus, Brasidas lhes repetiu praticamente o que havia dito em Ácantos[53]. Disse-lhes que não era justo ver como vilões ou traidores aqueles que haviam negociado com ele visando à captura da cidade, pois eles não haviam agido assim para escravizá-la, nem por terem sido subornados, e sim para o bem-estar e a liberdade da cidade; não deviam também pensar que os que não haviam colaborado não receberiam o mesmo tratamento dos outros; afinal, ele não tinha vindo para destruir a cidade ou qualquer de seus cidadãos. Esclareceu que fizera a proclamação aos que se haviam refugiado com os atenienses porque não os considerava piores por causa de sua amizade com aqueles; quando conhecessem melhor os lacedemônios, acreditava que não lhes teriam menor afeição que aos atenienses, mas muito maior, pois sua conduta era mais justa; agora os receavam apenas por inexperiência. Disse-lhes também que se preparassem todos para ser aliados firmes e que seriam responsáveis por quaisquer erros que cometessem no futuro; quanto às ações passadas, as vítimas não haviam sido os lacedemônios, mas eles mesmos, que tinham sido tratados injusta-

[53] Vejam-se os capítulos 85 a 87 deste livro.

mente por um povo mais forte[54]; era portanto perfeitamente compreensível que os toroneus se houvessem oposto a tal povo.

115. Após dizer-lhes aquelas palavras e encorajá-los, logo depois do fim da trégua voltou a atacar Lêcitos; os atenienses, apesar de se defenderem abrigados numa fortificação precária e em algumas casas dotadas de ameias, conseguiram repeli-los durante um dia inteiro. No dia seguinte, quando o inimigo se preparava para usar contra eles um engenho de guerra com o qual jogariam fogo nas paliçadas de madeira e quando as tropas lacedemônias já estavam avançando, ergueram uma torre de madeira sobre uma casa no ponto onde pensaram que mais provavelmente o inimigo poria o engenho e onde a muralha era mais vulnerável, levando para o topo muitos vasos e ânforas com água e grandes pedras; muitos homens também subiram, mas com o excesso de peso a casa desabou súbita e estrondosamente, decepcionando mais do que alarmando os atenienses que estavam próximos e viram tudo; os distantes, porém, e principalmente os mais afastados, pensando que naquele setor o local já havia sido tomado, puseram-se em fuga para o mar e para as suas naus.

116. Quando Brasidas os viu deixando as ameias e percebeu o que estava acontecendo, avançou com suas tropas e capturou o forte, massacrando todos que encontrou lá. Os atenienses abandonaram a região em seus botes e naus e foram para Palene. Há um templo de Atena em Lêcitos, e aconteceu que Brasidas, quando estava partindo para o ataque, tinha proclamado que daria trinta minas[55] em prata a quem subisse primeiro à muralha; considerando depois que a captura havia ocorrido por meios sobrenaturais, ofereceu as trinta minas à deusa para o seu templo e, após arrasar Lêcitos e limpar o terreno, dedicou todo o local como recinto sagrado. Durante o resto do inverno ele continuou a pôr em ordem os lugares recém-tomados e a planejar a conquista de outras cidades, e com o fim daquele inverno terminou o oitavo ano da guerra.

117. No início da primavera antecedente ao verão seguinte[56] os lacedemônios e atenienses concluíram subitamente um armistício por um ano. Os atenienses acreditavam que assim Brasidas não mais poderia levar seus alia-

[54] Os atenienses.
[55] O equivalente a US$ 300.
[56] Em 423 a.C.

dos à revolta, e nesse interregno eles poderiam fazer os seus preparativos tranqüilamente; ao mesmo tempo, se lhes parecesse vantajoso, poderiam obter outros acordos. De seu lado, os lacedemônios não tinham dúvidas quanto aos temores dos atenienses e pensavam que, se desfrutassem de uma pausa em seus males e dificuldades, depois dessa experiência estariam mais ansiosos por uma reconciliação e, devolvendo-lhes os seus homens, concluiriam uma trégua mais longa; na verdade, a preocupação maior dos lacedemônios era reaver aqueles homens enquanto durava a boa sorte de Brasidas. Se este prosseguisse em seu avanço ou o equilíbrio fosse restabelecido, era provável que ainda continuassem privados de seus homens e tivessem de seguir lutando em igualdade de condições, com seus riscos e esperanças de vitória. O armistício foi concluído entre eles e seus aliados nos termos seguintes:

118. "Sobre o templo e o oráculo de Apolo Pítio, opinamos que qualquer pessoa poderá freqüentá-los e consultá-los sem dolo e sem temor, de acordo com os costumes ancestrais. Esta é a opinião dos lacedemônios e de seus aliados presentes; eles declaram que, mediante o envio de arautos, farão todos os seus esforços junto aos beócios e foceus para persuadi-los a concordar.

"Sobre os tesouros do deus, deveremos empenhar-nos em descobrir os culpados, observando correta e justamente os costumes ancestrais, vós e nós e outros que desejem fazê-lo, todos observando os costumes ancestrais. Sobre estes assuntos, então, assim opinam os lacedemônios e demais aliados.

"Eis o que também opinam os lacedemônios e os demais aliados, no caso de os atenienses concluírem um tratado: cada um de nós permanecerá em seu próprio território, conservando o que tem; as tropas em Corifásion[57] permanecerão entre Bufras e Tomeus; as tropas em Citera[58] não se comunicarão com os territórios aliados (nem nós com eles, nem eles conosco); as de Niséia e Minoa[59] não atravessarão a estrada que vai das portas do santuário de Nisos até o Poseidônion e do Poseidônion diretamente à ponte em Minoa (nem os megáricos ou seus aliados cruzarão esta estrada); quanto à ilha[60] tomada pelos atenienses, eles a reterão e não haverá comunicações

[57] O nome lacedemônio de Pilos (veja-se o capítulo 3 deste livro).
[58] Vejam-se os capítulos 53 e 54 deste livro.
[59] Vejam-se os capítulos 69 deste livro, 60 do livro III e 67 do livro IV.
[60] Há dúvidas a respeito dessa ilha; provavelmente se trataria de Atalante (vejam-se os capítulos 89 do livro III e 18 do livro V).

entre os dois lados; finalmente, no território de Trezena[61] os atenienses reterão tudo que têm agora, de conformidade com os acordos entre os trezênios e eles.

"Quanto ao uso do mar, desde que naveguem ao longo de sua própria costa e da costa de seus aliados, os lacedemônios e seus aliados poderão percorrê-lo, não com grandes naus, mas com qualquer embarcação a remos com a capacidade máxima de quinhentos talentos de carga[62].

"Haverá salvo-conduto para arautos e embaixadores e tantos acompanhantes quantos as partes considerem conveniente enviar em missão ao Peloponeso e a Atenas com o propósito de pôr fim à guerra e para a arbitragem de divergências, seja indo, seja vindo, por terra e por mar.

"Não serão acolhidos desertores durante este período, quer sejam livres ou escravos, seja por vós ou por nós.

"Ambas as partes irão aos tribunais, observando os costumes ancestrais, resolvendo as divergências por via judicial, sem recorrer à guerra.

"Estas são as opiniões dos lacedemônios e de seus aliados; se quaisquer outras vos parecerem melhores ou mais justas do que estas, vinde à Lacedemônia e apresentai vossos pontos de vista, pois nem os lacedemônios nem os seus aliados rejeitarão qualquer proposta justa que fizerdes. Aqueles que vierem de vossa parte deverão vir com plenos poderes, tal como vós nos pedistes. E a trégua será por um ano."[63]

"Decretado pelo povo. A tribo acamância exercia a pritânia, Fênipos era o escrivão, Nicíades era o presidente. Laques, invocando boa sorte para os atenienses, propôs a conclusão do armistício de conformidade com as condições admitidas pelos lacedemônios e seus aliados e homologadas pela assembléia popular; o armistício será de um ano e começará no dia quatorze do mês Elafebôlion. Durante esse período os embaixadores e arautos irão de um povo a outro e discutirão propostas para o término da guerra. Os comandantes e prítanes deverão convocar uma assembléia na qual os atenienses deliberarão antes de tudo acerca da paz, tendo em vista propostas apresentadas pela embaixada para pôr fim à guerra[64].

"As embaixadas presentes ratificarão desde agora, diante da assembléia popular, que a duração do pacto será de um ano.

[61] Veja-se o capítulo 45 deste livro.
[62] Cerca de 12,5 toneladas.
[63] Não havia fórmulas rígidas para esses acordos. O texto que vai do capítulo 118 ao 119 (salvo o último parágrafo do 119) apresenta três documentos distintos: as propostas dos lacedemônios (118 até este ponto); um decreto ateniense (deste ponto até o fim do 118) e a ratificação por ambas as partes (119).
[64] A embaixada dos lacedemônios e seus aliados.

119. "Estas cláusulas foram confirmadas e aceitas sob juramento pelos lacedemônios e seus aliados diante dos atenienses e seus aliados no dia doze do mês lacedemônio de Gerástios. Confirmaram-nas e ratificaram-nas: pelos lacedemônios, Tauros filho de Equetímidas, Ateneus filho de Periclidas, e Filocáridas filho de Erixilaídas; pelos coríntios, Enéias filho de Ôcitos e Eufâmidas filho de Aristônimos; pelos siciônios, Damôtimos filho de Náucrates e Onásimos filho de Mégacles; pelos megáricos, Nícasos filho de Cécalos e Menécrates filho de Anfídoros; pelos epidáurios, Ânfias filho de Eupálidas; pelos atenienses, os comandantes Nicóstratos filho de Diítrefes, Nícias filho de Nicératos e Áutocles filho de Tolmeus."

Este foi o armistício concluído e durante todo o seu período de vigência houve negociações relativas à paz definitiva.

120. Aproximadamente nos mesmos dias em que se formalizava o acordo, Cione, uma cidade em Palene, revoltou- se contra os atenienses e aderiu a Brasidas. Os cioneus pretendem ter vindo originariamente de Pelene[65], no Peloponeso, e dizem que os primeiros colonos em Cione foram levados até lá, em sua viagem de volta de Tróia, por uma tempestade[66] que tiveram de enfrentar, e se estabeleceram naquele local. Diante de sua revolta Brasidas zarpou[67] durante a noite para Cione; uma trirreme amiga o precedia e ele mesmo seguia em um barco a certa distância. Sua idéia era que, se ele encontrasse qualquer embarcação maior que seu barco, a trirreme o protegeria, mas se outra trirreme de igual porte aparecesse, não se voltaria contra o barco, e sim contra a nau, e nesse ínterim ele chegaria em segurança. Brasidas foi bem-sucedido na travessia e, convocando uma reunião com os cioneus, repetiu as palavras ditas em Ácantos e Torone, acrescentando que sua conduta havia sido mais elogiável porque, estando Palene isolada no istmo pelos atenienses que ocupavam Potidéia e, portanto, sendo eles naquela ocasião ilhéus de fato, ele, em vez de esperar, por falta de coragem, que alguma emergência o compelisse a intervir em uma questão manifestamente do interesse deles, optou espontaneamente pela causa da liberdade; disse ainda que sua atitude provava que suas tropas enfrentariam corajosamente qualquer outro perigo, por maior que fosse; finalmente declarou que, se pudesse acertar a situação de acordo com suas intenções, ele passaria a considerá-los

[65] Pelene ficava na Acaia, perto de Sicione; seus habitantes são mencionados como aliados de Esparta no capítulo 9 do livro II.
[66] Veja-se o capítulo 2 do livro VI.
[67] De Torone, onde se encontravam com suas tropas.

em verdade os amigos mais leais dos lacedemônios, e os distinguiria também sob os demais aspectos.

121. Os cioneus se sentiram lisonjeados com aquelas palavras, e todos, sem exceção, mesmo os que antes não aprovavam a atitude tomada pelos conspiradores, resolveram enfrentar a guerra com bravura, enquanto se desdobravam em atenções na recepção feita a Brasidas; chegaram ao ponto de recompensá-lo publicamente com uma coroa de ouro na qualidade de libertador da Hélade, e em caráter privado o distinguiram com guirlandas e oferendas como a um atleta vencedor. Brasidas, deixando-lhes uma guarnição no momento, efetuou a travessia de volta, mas não muito tempo depois retornou com tropas mais numerosas, desejando, de comum acordo com os cioneus, fazer uma incursão contra Mende e Potidéia, pois pensava que os atenienses viriam socorrer Palene como se ela fosse uma ilha, e queria antecipar-se a eles; além disto, estava negociando com as cidades mencionadas com o objetivo de levá-las a entregar-se mediante traição.

122. No momento em que estava pronto para iniciar uma ofensiva contra aquelas cidades, chegou uma trirreme trazendo a bordo, mandados com a missão de anunciar o armistício, Aristônimos pelos atenienses e Ateneus pelos lacedemônios. Diante disto, suas tropas voltaram a Torone. Os enviados anunciaram formalmente o acordo a Brasidas, e todos os aliados trácios dos lacedemônios aceitaram as decisões tomadas. Aristônimos manifestou-se de acordo em relação a outros lugares mas, verificando pelo cômputo dos dias que os cioneus se haviam rebelado após a conclusão do armistício, disse que eles não seriam incluídos na trégua. Brasidas contradisse com firmeza aquela asserção e sustentou a anterioridade, negando-se a entregar a cidade. Em face daquela atitude Aristônimos mandou notícias a Atenas sobre a ocorrência, e os atenienses se mostraram dispostos a enviar imediatamente uma expedição contra Cione. Os lacedemônios enviaram emissários aos atenienses para dizer-lhes que estariam violando a trégua e, confiando na palavra de Brasidas, reivindicaram a cidade e se dispuseram a submeter a divergência a arbitragem. Os atenienses, todavia, não se mostraram propensos a correr o risco da arbitragem, optando por efetuar a expedição o mais depressa possível, indignados com a idéia de que os habitantes das ilhas[68] já

[68] Os atenienses julgavam-se senhores incontestes dos mares, achando inadmissível que povos ilhéus se revoltassem.

pretendiam rebelar-se, confiantes no poderio terrestre dos lacedemônios, que julgavam inútil no caso de ilhéus. Em adição, a verdade acerca da defecção estava com os atenienses, pois os cioneus se haviam revoltado dois dias após o acordo. Os atenienses votaram então, de imediato, pela destruição de Cione e pela execução de seus cidadãos, persuadidos pela opinião de Clêon. Assim, mantendo-se quietos em relação aos assuntos restantes, começaram a preparar-se com vistas ao caso de Cione.

123. Ao mesmo tempo Mende se rebelou contra os atenienses (trata-se de uma cidade em Palene, colônia de Eretria). Brasidas recebeu-a, considerando que Mende não estava procedendo mal ao aderir a ele, embora se estivesse claramente no período do armistício, pois havia alguns pontos em relação aos quais ele acusava os atenienses de terem rompido a trégua. Esta circunstância havia contribuído para tornar os mendeus mais ousados, vendo a atitude resoluta de Brasidas, confirmada pelo fato de ele não haver entregue Cione. Ocorria também que os conspiradores em Mende eram poucos e, tomada a decisão, não havia como voltar atrás; temerosos, porém, por suas vidas no caso de serem descobertos, envolveram a multidão no conluio contra a vontade desta. Recebendo a noticia, os atenienses ficaram ainda mais indignados e apressaram os preparativos, agora contra as duas cidades. Brasidas, na expectativa de sua vinda, levou para Olintos, na Calcídice, as mulheres e crianças dos cioneus e mendeus, e mandou para protegê-los quinhentos hoplitas peloponésios e trezentos peltastas calcídios, com Polidamidas no comando de todos. As duas cidades fizeram preparativos conjuntos de defesa, convencidas de que os atenienses não demorariam a chegar.

124. Na mesma época Brasidas e Perdicas marcharam juntos pela segunda vez[69] para Lincos contra Arrábeos. Perdicas conduzia as forças dos territórios macedônios submissos a ele e um corpo de hoplitas helenos residentes nos mesmos; Brasidas comandava não somente as tropas peloponésias estacionadas na região, mas também forças de Calcídice, Ácantos e outras cidades que puderam contribuir. As forças helênicas totalizavam cerca de três mil homens; a cavalaria que foi com elas, composta de macedônios e calcídios, tinha ao todo pouco menos de mil homens, e em adição havia uma multidão de bárbaros. Invadindo o território de Arrábeos e achando

[69] Veja-se o capítulo 83 deste livro.

os lincéstios já acampados para enfrentá-los, tomaram também posição em frente a eles. Em cada campo a infantaria ocupava uma colina, com uma planície no meio, enquanto a cavalaria de ambos os exércitos avançou primeiro, tomando a iniciativa da batalha; Brasidas e Perdicas, vendo que os hoplitas lincéstios tinham avançado da colina conjuntamente com sua cavalaria e estavam prontos para lutar, avançaram também e travaram combate, pondo os lincéstios em fuga e matando muitos deles, enquanto os restantes escapavam para as elevações e lá permaneciam na expectativa. Em seguida os dois comandantes ergueram um troféu e pararam durante dois ou três dias, aguardando os ilírios convocados por Perdicas como mercenários, esperados a qualquer momento. Quando eles chegassem Perdicas pretendia prosseguir a marcha contra as povoações do território de Arrábeos, em vez de ficar ali inativo; Brasidas, todavia, estava mais preocupado com Mende, temendo que a mesma pudesse sofrer algum revés se a frota ateniense chegasse antes dele; além disso, os ilírios não apareciam, levando-o a desinteressar-se de prosseguir e a querer regressar.

125. Nesse ínterim, enquanto os dois discutiam, foi anunciado que os ilírios haviam traído Perdicas e passado para o lado de Arrábeos; sendo assim os dois comandantes, temendo aquele povo combativo, chegaram à conclusão de que seria melhor empreender a retirada, mas em conseqüência de suas divergências nada foi decidido quanto ao momento da partida; quando anoiteceu, os macedônios e a multidão de bárbaros foram tomados de súbito pânico (os grandes exércitos às vezes se deixam dominar inexplicavelmente pelo terror); julgando os inimigos em marcha muito mais numerosos do que realmente eram, e imaginando-os praticamente no acampamento, puseram-se precipitadamente em fuga em direção às suas cidades. Perdicas, que a princípio não estava ciente dos acontecimentos, foi compelido, ao inteirar-se da fuga, a ir-se embora sem ver Brasidas, pois estavam acampados muito longe um do outro. Na madrugada seguinte, vendo que os macedônios já haviam levantado acampamento e que os ilírios e arrabeus iam atacá-lo, Brasidas formou seus hoplitas em um quadrado, pôs a massa das tropas ligeiras no centro e resolveu retirar-se. Dispôs os seus soldados mais jovens de forma a que eles pudessem precipitar-se contra o inimigo na hipótese dele atacar em qualquer ponto, e ele mesmo, com trezentos soldados escolhidos, cobriu a retaguarda para enfrentar os primeiros adversários que o pressionassem e repeli-los. Antes da chegada do inimigo exortou seus soldados, com a rapidez imposta pelas circunstâncias, dizendo-lhes o seguinte:

126. "Se eu não suspeitasse, peloponésios, de que estais em uma situação de pânico porque fostes deixados sós e porque vossos adversários são numerosos e bárbaros, não vos daria instruções na hora de encorajar-vos. Mas nas circunstâncias presentes, quando nos vemos abandonados pelos aliados diante da multidão de inimigos, tentarei com um breve lembrete e conselhos transmitir-vos as considerações mais importantes. Cumpre-vos ser bravos na guerra não pela presença de aliados em cada combate, mas por vosso próprio valor; nem deveis recear o número dos adversários, vós que não viestes de países como os deles, nem de uma terra em que muitos dominam poucos, e sim de uma terra onde, ao contrário, a minoria domina a maioria, com força adquirida não por um meio qualquer, mas pela superioridade no combate. Em relação aos bárbaros, que por inexperiência agora temeis, ficai sabendo, tanto pelos confrontos que já tivestes com os macedônios em sua terra, quanto pelo conhecimento que tenho por inferência e pelos relatos de terceiros, que não se trata de homens tão terríveis quanto parecem. Com efeito, com relação a tudo que no inimigo é na realidade uma fraqueza mas pode dar a impressão de força, uma informação exata transmite maior confiança para resistir; contrariamente, quando o inimigo possui alguma sólida vantagem, se não a conhecermos previamente será pura temeridade atacá-lo. Esses ilírios, para aqueles que não tiveram experiência deles, a ameaça de seu ataque assusta, pois seu número é realmente aterrador à primeira vista, a altura de seu grito de guerra é difícil de suportar e a maneira de agitar as suas armas a esmo tem um efeito alarmante. No combate corpo a corpo, todavia, se seu opositor suporta aquele estardalhaço aparatoso, eles não são os homens que aparentam ser; não tendo uma ordem regular de formação eles não se envergonham de abandonar qualquer posição quando pressionados, e como a fuga e o ataque são considerados igualmente meritórios entre eles, não têm um critério para provar a sua coragem. Além do mais, um modo de lutar em que cada um é seu próprio comandante oferece-lhes o melhor pretexto para se salvarem comodamente. Enfim, eles pensam que é menos arriscado atemorizar-vos a uma distância segura do que vos enfrentar corpo a corpo; se assim não fosse, eles não seguiriam a primeira alternativa e sim a segunda. Podeis portanto ver claramente que a impressão terrificante que eles dão significa muito pouco na realidade, afetando somente a vista e os ouvidos. Se resistirdes a tudo isto na primeira investida e então, quando se oferecer a oportunidade, vos retirardes ordeiramente mantendo a vossa formação, chegareis rapidamente a um lugar seguro, e logo ficareis sabendo que hordas como essas, se um

adversário apenas suportar o ataque inicial, fazem somente uma encenação de coragem com ameaças à distância, sem chegar ao ataque corpo a corpo; se, ao contrário, o adversário ceder diante deles, logo estarão nos seus calcanhares, pois são bastante rápidos para exibir sua valentia quando se consideram suficientemente seguros".

127. Após estas palavras de exortação Brasidas iniciou a retirada de seu exército. Os bárbaros, vendo o movimento, avançaram gritando alto e em tumulto, pensando que as tropas estivessem fugindo e que poderiam alcançá-las e destruí-las. Mas os batalhões designados para contê-los enfrentaram-nos onde quer que eles avançassem, e Brasidas e seus soldados de elite reagiam às investidas; assim, para surpresa dos bárbaros os peloponésios resistiram à sua primeira tentativa e continuaram a receber seus ataques e rechaçá-los, retirando-se sempre que eles paravam. Diante disto a maioria deles desistiu de atacar os helenos sob o comando de Brasidas em campo aberto e, destacando parte de suas forças para segui-los e hostilizá-los, o grosso das tropas, avançando velozmente no encalço dos macedônios em fuga, matava-os quando os alcançava; ultrapassando-os na corrida, ocuparam uma estreita passagem entre duas colinas, que levava ao território de Arrábeos, sabendo que não havia outro caminho para a retirada de Brasidas; no momento em que estavam chegando ao trecho mais difícil da passagem, começaram a cercar as suas tropas com o objetivo de cortar-lhes o caminho.

128. Mas Brasidas percebeu-lhes a intenção e disse aos seus trezentos soldados para, sem maiores preocupações com a formação, correrem, cada um com a velocidade possível, até uma das colinas que, na opinião dele, poderia ser tomada mais facilmente, e desalojarem os bárbaros já instalados lá antes que viessem tropas mais numerosas para flanquear os lacedemônios. Os trezentos atacaram e venceram os homens na colina, e assim o grosso das tropas helênicas pôde chegar a ela com maior facilidade, pois os bárbaros, descobrindo que seus homens haviam sido desalojados da elevação, alarmaram-se e cessaram a perseguição, pensando que o inimigo já estivesse na fronteira e houvesse conseguido escapar. Brasidas, tendo chegado ao topo, continuou a marcha agora mais seguro e chegou no mesmo dia a Árnissa, a primeira cidade nos domínios de Perdicas. Seus soldados estavam indignados com os macedônios por haverem batido em retirada sem os esperar, e sempre que encontravam nas estradas parelhas de bois ou quaisquer baga-

gens abandonadas pelas tropas macedônias – o que normalmente acontece numa retirada efetuada à noite e em pânico – desatrelavam os bois e os abatiam, e se apoderavam das bagagens. Desde então Perdicas passou a encarar Brasidas como inimigo e conseqüentemente a odiar os peloponésios, apesar de seus sentimentos para com os atenienses; contrariando, todavia, seus interesses mais imediatos, ele tentava descobrir um meio de chegar o mais depressa possível a um entendimento com estes últimos, livrando-se dos primeiros.

129. Voltando da Macedônia e chegando a Torone, Brasidas encontrou os atenienses já de posse de Mende, e considerando impossível naquela ocasião fazer a travessia para Palene com tropas de socorro, permaneceu na expectativa onde estava e se contentou com cuidar da segurança de Torone. Com efeito, simultaneamente com os acontecimentos de Lincos os atenienses haviam navegado contra Mende e Cione, em seguida aos preparativos que vinham fazendo[70], levando cinqüenta naus, das quais dez eram quianas, e com mil hoplitas seus, seiscentos archeiros e mil mercenários trácios, além de peltastas de seus aliados nas vizinhanças. Comandavam-nos Nícias filho de Nicératos e Nicóstratos filho de Diítrefes. Partindo com a frota de Potidéia e ancorando junto ao templo de Posêidon, avançaram para o território dos mendeus. Estes e trezentos cioneus que haviam chegado para ajudá-los, além das tropas peloponésias de socorro, num total de setecentos hoplitas comandados por Polidamidas, haviam acabado de acampar fora da cidade, em uma colina fortemente defendida. Nícias tentou atingi-los subindo por uma trilha, levando com ele cento e vinte metoneus com armamento leve, sessenta homens escolhidos entre os hoplitas atenienses e todos os archeiros, mas suas tropas, atingidas pelos golpes do inimigo, não puderam chegar àquela posição. Nicóstratos também, avançando com todas as tropas restantes contra a colina, que era de difícil acesso, por outro caminho mais longo, viu-se em sérias dificuldades e todo o exército ateniense escapou por pouco de uma derrota. Naquele dia, portanto, como os mendeus e seus aliados não cederam, os atenienses se retiraram e acamparam, e quando veio a noite os mendeus voltaram à sua cidade.

130. No dia seguinte os atenienses navegaram contornando o lado da cidade fronteira a Cione, tomaram um subúrbio da mesma e devastaram-lhe as terras durante todo o dia. Ninguém veio contra eles, pois havia uma

[70] Vejam-se os capítulos 122 e 123 deste livro.

tentativa de levante na cidade, e durante a noite os cioneus voltaram aos seus lares. No outro dia Nícias avançou com metade de suas tropas até os confins do território dos cioneus e devastou-lhes as terras, enquanto Nicóstratos instalou-se com as tropas restantes diante da cidade, perto das portas do alto, na estrada que leva a Potidéia. Coincidiu que naquele quarteirão da cidade, dentro das muralhas, estavam depositadas as armas dos mendeus e de suas tropas auxiliares, e Polidamidas se encontrava lá preparando seus soldados para a batalha e exortando os mendeus a efetuarem uma investida. Alguém do partido popular respondeu-lhe, animado pelo clima de insurreição, que não haveria investida e não via razão para combaterem; mal ele acabou de falar, Polidamidas o segurou violentamente pelos braços e o imobilizou; diante disto o povo enfurecido empunhou imediatamente suas armas e avançou contra os peloponésios e os mendeus da facção contrária ligados a eles. Lançando-se sobre eles, puseram-nos em fuga, em parte pelo inesperado do ataque e em parte porque os outros ficaram alarmados quando as portas foram abertas aos atenienses, imaginando que haviam sido atacados premeditadamente. Os peloponésios que não foram mortos no local se refugiaram na acrópole, ainda em seu poder; os atenienses (Nícias tinha voltado e estava nas proximidades) irromperam na cidade e, como as portas haviam sido abertas sem um entendimento prévio, arrasaram a cidade como se a tivessem tomado de assalto, e só a muito custo os comandantes evitaram que eles massacrassem os habitantes. Deram em seguida instruções aos mendeus para continuarem a governar-se como costumavam fazê-lo e para submeterem a julgamento aqueles que considerassem culpados pela rebelião; cercaram os soldados refugiados na acrópole pelos dois lados com um muro indo até o mar, e deixaram sentinelas para vigiá-los. Depois de haverem dominado a situação em Mende, os atenienses marcharam contra Cione.

131. Os cioneus e os peloponésios haviam saído ao seu encontro, tomando posição em uma colina fortemente defendida diante da cidade, que se não fosse previamente ocupada pelo inimigo não lhe permitiria isolá-la com uma muralha. Por isso os atenienses atacaram furiosamente a colina e desalojaram as tropas instaladas lá; após haver erguido um troféu acamparam no local e se prepararam para amuralhá-lo. Pouco tempo depois, enquanto ainda estavam trabalhando, as tropas auxiliares que estavam sitiadas na acrópole de Mende forçaram caminho ao longo da costa durante a noite, apesar das sentinelas, e chegaram a Cione; a maior parte delas atravessou as tropas sitiantes e entrou na cidade.

132. Enquanto as obras da muralha de cerco prosseguiam, Perdicas mandou um arauto aos comandantes atenienses e fez um acordo com eles; moveu-o o ódio que a retirada de Lincos lhe havia inspirado contra Brasidas, ensejando o início dessas negociações[71]. Naquela ocasião o lacedemônio Iságoras estava prestes a partir com um exército por terra para juntar-se a Brasidas, mas Perdicas, instado por Nícias a dar uma demonstração de sua sinceridade já que se havia reconciliado com os atenienses, e também por não mais desejar que os peloponésios entrassem em seu território, agiu junto aos seus amigos da Tessália, com os mais importantes dos quais manteve sempre boas relações, e deteve prontamente o exército e a expedição, a tal ponto que os lacedemônios não tentaram sequer obter a permissão dos tessálios. Iságoras, todavia, juntamente com Amínias e Aristeus, veio por sua própria conta encontrar-se com Brasidas, pois os três haviam sido encarregados pelos lacedemônios de examinar a situação; contra seus hábitos, haviam trazido de Esparta alguns jovens, pretendendo deixá-los como governadores das cidades da região, em vez de confiá-las a alguém escolhido aleatoriamente. Dessa forma instalaram em Anfípolis Clearidas filho de Cleônimos, e em Torone Pasitelidas filho de Hegésandros.

133. No mesmo verão os tebanos demoliram as muralhas dos téspios, acusando-os de favorecerem os atenienses. De fato, eles sempre haviam desejado destrui-las, mas isto lhes pareceu mais fácil naquela ocasião, pois a elite dos téspios havia perecido na batalha contra os atenienses[72]. Também naquele mesmo verão o templo de Hera em Argos se incendiou. Crísis[73], a sacerdotisa, tendo colocado uma lâmpada acesa perto das grinaldas, adormeceu em seguida e o fogo se propagou e consumiu tudo antes dela perceber. Naquela mesma noite Crísis fugiu para Flios, temerosa dos argivos, que nomearam outra sacerdotisa, chamada Faêinis, de acordo com os costumes tradicionais. Quando ocorreu a fuga de Crísis já haviam transcorrido oito anos e metade do nono desta guerra.

Quase no fim do verão Cione estava afinal completamente isolada pela muralha e os atenienses, deixando lá uma guarnição, retiraram- se com o resto de suas tropas.

---

[71] Veja-se o capítulo 128 deste livro.
[72] Em Délion; vejam-se os capítulos 93 e 96 deste livro.
[73] A mesma que em 431 a.C. exercia a função havia quarenta e oito anos, veja-se o capítulo 2 do livro II.

134. No inverno subseqüente, devido ao armistício, as relações entre os lacedemônios e os atenienses estavam tranqüilas; os mantineus, todavia, juntamente com os respectivos aliados, travaram uma batalha contra os tegeus e seus aliados em Laodoceion, no território de Oréstis. A vitória foi controvertida, pois cada lado derrotou a ala do outro lado oposta a ele, e ambos os lados ergueram troféus e mandaram despojos para Delfos. É certo, porém, que após numerosos combatentes de ambos os lados haverem tombado e a noite haver interrompido a ação, o resultado da batalha ainda estava indeciso; os tegeus acamparam no local e ergueram imediatamente um troféu, enquanto os mantineus se retiravam para Bucôlion e somente ergueram o seu troféu mais tarde.

135. Quase no fim do mesmo inverno, quando já se aproximava a primavera, Brasidas tentou um ataque contra Potidéia. Ele chegou à noite e colocou uma escada contra a muralha, sem ser percebido até aquele momento, pois a escada fora posta precisamente no intervalo entre a entrega do sino e a volta da sentinela que o entregara. Os guardas, todavia, descobriram imediatamente o fato, antes que alguém pudesse subir, e Brasidas se apressou em retirar-se com suas tropas, sem esperar pela luz do dia. Assim terminou aquele inverno, e com ele o nono ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

LIVRO QUINTO

1. No verão subseqüente a trégua de um ano continuou e durou até os jogos Píticos[1]. Durante o armistício os atenienses expulsaram os délios de Delos, considerando que eles haviam sido consagrados[2] sem estar puros, por causa de alguma falta antiga, e além disto por terem sido os responsáveis pela inobservância da purificação, na qual, como relatei antes, eles acreditavam ter agido corretamente ao remover as sepulturas dos mortos[2a]. Esses délios se estabeleceram em Atramitêon, na Ásia, que lhes havia sido oferecida por Farnaces, nas condições em que se encontrava cada um no momento de partir.

2. Após a expiração do armistício Clêon persuadiu os atenienses a concordarem com o seu embarque para as cidades da Trácia com mil e duzentos hoplitas seus e trezentos cavalerianos, além de um grande contingente de tropas aliadas e trinta naus. Parando primeiro em Cione, ainda sitiada, e levando de lá alguns hoplitas da guarnição, ele prosseguiu para o porto de Cofos, não muito distante da cidade de Torone. De lá, ao saber de desertores que Brasidas não estava em Torone e que seus habitantes não tinham condições de lutar com ele, avançou com suas forças de terra contra a cidade, enviando ao mesmo tempo dez naus para rondar o porto. Ele chegou primeiro às muralhas acrescentadas por Brasidas às defesas da cidade para incluir nela um subúrbio, após haver demolido uma parte das velhas muralhas, constituindo assim uma única cidade.

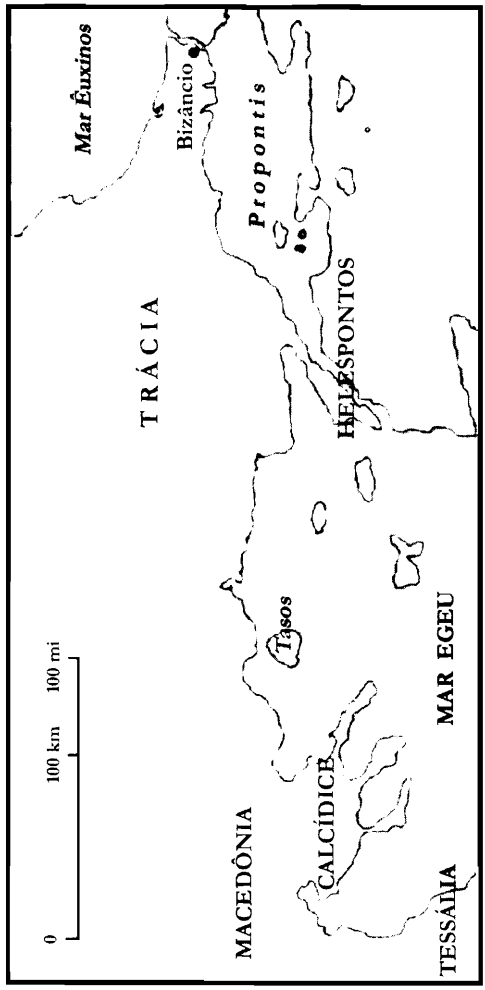
3. O comandante lacedemônio Pasitelidas e a guarnição lá estacionada acorreram em defesa das muralhas e tentaram repelir o ataque ateniense. Como, porém, suas tropas cediam e ao mesmo tempo as naus atenienses enviadas com essa finalidade já manobravam para entrar no porto, Pasitelidas, receando que as naus pudessem capturar a cidade, sem defensores na ocasião, antes dele chegar lá, e que, se as muralhas fossem tomadas, ele viesse a ser capturado nelas, abandonou-as e voltou correndo para a cidade. Mas os

---

[1] De acordo com o capítulo 118 do livro IV, a trégua deveria terminar no décimo quarto dia do mês Elafebôlion (no fim de março), mas durou até o fim dos jogos píticos, ou seja, o fim de agosto/ início de setembro.

[2] Veja-se o capítulo 107 do livro III.

[2a] Veja-se o capítulo 104 do livro III.



MACEDÔNIA E TRÁCIA

atenienses das naus se anteciparam a ele e tomaram Torone, e suas forças de terra, seguindo Pasitelidas de perto pela brecha da muralha antiga, irromperam na cidade ao primeiro assalto; mataram alguns peloponésios e toroneus no local em combate corpo a corpo e se apoderaram de outros vivos, inclusive o comandante Pasitelidas. Ao mesmo tempo Brasidas estava a caminho para socorrer Torone; mas retornou ao saber na estrada que a cidade havia caído, não chegando a tempo apenas por uma distância de quarenta estádios[2b]. Clêon e os atenienses ergueram dois troféus, um no porto e outro na nova muralha, e reduziram à escravidão as mulheres e as crianças dos toroneus; os homens de Torone, juntamente com os peloponésios capturados e com os calcídios que estavam lá, totalizando setecentas pessoas, foram mandados para Atenas; os peloponésios mais tarde foram libertados graças ao acordo concluído posteriormente, mas os outros foram levados pelos olíntios, resgatados na base de homem por homem[3]. Mais ou menos na mesma época Pânacton, uma fortaleza na fronteira com a Ática, foi entregue aos beócios em conseqüência de traição. Clêon, após instalar uma guarnição em Torone, partiu de lá e contornou o monte Atos com o objetivo de atacar Anfípolis.

4. Fêax filho de Erasístratos e mais dois colegas foram mandados aproximadamente na mesma época pelos atenienses com duas naus em missão à Itália e à Sicília. Os leontinos, quando os atenienses haviam deixado a Sicília após a paz geral[3a], alistaram muitos cidadãos novos e o povo pretendia fazer uma redistribuição das terras. Os oligarcas, todavia, percebendo essa intenção, chamaram os siracusanos e expulsaram o povo. Este se dispersou em todas as direções, mas os oligarcas, chegando a um acordo com os siracusanos e deixando a cidade desabitada, estabeleceram-se em Siracusa sob a condição de obterem os direitos de cidadania. Mais tarde, porém, alguns deles, descontentes, deixaram Siracusa e ocuparam Focéia, um distrito da cidade dos leontinos com aquele nome, e Bricínia, uma praça forte em território leontino; a maior parte do povo, expulsa havia pouco tempo, veio juntar-se a eles, e todos juntos, uma vez instalados lá, passaram a guerrear os vizinhos a partir de suas fortificações. As notícias acerca desses acontecimentos levaram os atenienses a enviar Fêax para tentar persuadir seus aliados de lá, e se possível os demais siceliotas, a fazerem uma expedição conjunta contra os siracusanos com fundamento em suas constantes agressões,

[2b] Cerca de 7,1 km.
[3] Isto é, trocados por prisioneiros atenienses.
[3a] Veja-se o capítulo 65 do livro IV.

e dessa forma salvar os leontinos. Fêax, ao chegar, convenceu os camarinos e os acragantinos, mas como sua tentativa não foi bem-sucedida em Gela ele não estendeu a viagem a outras cidades, percebendo que não poderia persuadi-las, e retirou-se através do território dos sícelos para Catana; visitou Bricínia, a caminho, com a intenção de encorajar os seus habitantes, e em seguida reembarcou.

5. Em sua viagem ao longo da costa para ir à Sicília e voltar ele manteve entendimentos com certas cidades com o propósito de tentar estabelecer laços de amizade entre as mesmas e Atenas. Encontrou-se também com os colonos lócrios que haviam sido expulsos de Messene (após o acordo geral entre os siceliotas, quando a discórdia reinava em Messene e uma das facções chamou os lócrios, estes foram mandados para lá como colonos e assim Messene havia pertencido durante algum tempo aos lócrios). Encontrando-os, então, quando empreendiam a viagem de volta, Fêax não os molestou, pois havia concluído com os lócrios um entendimento preliminar para um acordo definitivo entre eles e Atenas, porquanto somente eles entre os aliados, quando os siceliotas se reconciliaram, não fizeram qualquer tratado com os atenienses, nem teriam feito o atual se não tivessem sido levados a uma situação difícil pela guerra com os iponieus e medmeus, seus vizinhos e colonos. Pouco depois Fêax regressou a Atenas.

6. Quando Clêon navegou de Torone para Anfípolis, como foi dito acima, instalando sua base em Êion, empreendeu sem sucesso um ataque contra Stágiros[4] uma colônia ândria; mas tomou de assalto Galepsos[5] uma colônia dos tásios. Mandou em seguida emissários a Perdicas, pedindo-lhe para vir juntar-se a ele com suas tropas de conformidade com os termos da aliança[6], e à Trácia, para pedir a Poles, rei dos odomantos, que lhe trouxesse o maior número possível de mercenários trácios, e permaneceu na expectativa em Êion. Ao receber notícias a esse respeito, Brasidas se deslocou para tomar posição contra Clêon em Cerdílion. Trata-se de um lugar no território dos argílios, situado numa elevação do outro lado do rio, não muito distante de Anfípolis; de lá se avistava toda a região circunvizinha, de tal modo que Clêon não poderia movimentar as suas tropas sem ser visto, pois Brasidas esperava que ele, desdenhando o pequeno número dos lacedemônios,

[4] Veja-se o capítulo 88 do livro IV.
[5] Veja-se o capítulo 107 do livro IV.
[6] Veja-se o capítulo 132 do livro IV.

avançasse para Anfípolis com suas tropas presentes[7]. Ao mesmo tempo tomou providências complementares, chamando para ajudá-lo mil e quinhentos mercenários trácios e todos os edônios, tanto peltastas quanto cavalerianos. Ele também contava com mil peltastas mircínios e calcídios, além da guarnição de Anfípolis. O número de hoplitas à sua disposição totalizava dois mil, e ele ainda tinha trezentos cavalerianos helenos. Dessas forças ele levou cerca de mil e quinhentos homens consigo para Cerdílion; as tropas restantes tomaram posição em Anfípolis sob o comando de Clearidas.

7. Clêon se manteve em expectativa durante algum tempo, mas foi levado a fazer exatamente o que Brasidas esperava. Quando seus soldados começaram a impacientar-se com a inação e já discutiam a qualidade de seu comandante, que ia opor a tanta experiência e audácia tão grande incompetência e pusilanimidade, e que lhes havia inspirado tanta repugnância quando tiveram de partir com ele, Clêon, percebendo aqueles murmúrios e não querendo vê-los ainda mais exasperados pelo fato de continuarem inativos no mesmo lugar, pôs-se em marcha com eles. Adotou a mesma linha de ação que lhe havia dado a vitória em Pilos, e com isto adquiriu confiança em sua capacidade; não esperava que alguém saísse para enfrentá-lo; estava marchando, como disse, mais para um reconhecimento do lugar. Se ficara esperando os reforços não fora para poder, em caso de necessidade, levar a melhor sem riscos, mas para cercar a cidade e, dessa forma, tomá-la pela força das armas. Veio, então, com suas tropas até uma colina protegida naturalmente diante de Anfípolis, e foi observar pessoalmente a região pantanosa do Strímon e a situação da cidade em relação ao território circunvizinho da Trácia. Clêon imaginava poder retirar-se quando quisesse, sem ter de combater, pois ninguém aparecia nas muralhas nem saía pelas portas, que permaneciam fechadas. Chegou a pensar que cometera um erro ao vir sem engenhos de guerra para um cerco, supondo poder conquistar a cidade, que julgava indefesa.

8. Brasidas, observando os movimentos dos atenienses, desceu de Cerdílion e entrou em Anfípolis, disposto a não sair para enfrentar os atenienses em um combate organizado, pois desconfiava de suas próprias forças, julgando-as inferiores não em número – eram aproximadamente iguais às do inimigo – mas em qualidade; efetivamente, as forças dispostas a enfrentá-lo eram constituídas de puros atenienses e dos melhores lêmnios e ímbrios. Por

[7] Ou seja, sem esperar os reforços pedidos.

isso preferiu preparar-se para atacar usando um estratagema; ele pensou que, se mostrasse ao inimigo o número e o equipamento (o mínimo necessário) de suas tropas, suas possibilidades de vitória seriam menores que se os atenienses não as vissem previamente e não as olhassem com desdém ao verem a sua composição efetiva. Com esta idéia em mente ele mesmo escolheu cento e cinqüenta hoplitas e, entregando os restantes a Clearidas, resolveu realizar um ataque súbito antes dos atenienses se retirarem, considerando que não teria outra oportunidade de interceptá-los assim isolados se chegassem os reforços esperados por eles. Chamou, então, todos os soldados ao mesmo tempo, desejando encorajá-los e explicar seu plano, e lhes disse o seguinte:

9. "Homens do Peloponeso: será suficiente relembrar-vos em poucas palavras a terra de onde viestes, salientando que ela sempre foi livre por causa de sua coragem e que ireis combater, vós, dórios, contra iônios que vos acostumastes a vencer. Explicar-vos-ei, todavia, a maneira pela qual pretendo realizar o ataque, a fim de que meu plano de combate por destacamentos, e não num corpo só, não pareça a qualquer um de vós uma tática débil e não vos tire a audácia. Suponho que as tropas inimigas escalaram a colina desdenhando de nós e confiando em que ninguém saísse para combatê-las, e agora, em formação desordenada e aparentando estar simplesmente procedendo ao reconhecimento do terreno, fazem pouco caso de nós. Quando, após haver observado cuidadosamente tais erros do inimigo, o oponente efetua o ataque de acordo com as forças à sua disposição, não abertamente, em formação de batalha, e sim da maneira mais adequada às circunstâncias presentes, então é muito provável que seja bem-sucedido. Os estratagemas mais elogiáveis são aqueles graças aos quais alguém ilude mais contundentemente o inimigo e ajuda ao máximo os amigos. Portanto, enquanto os atenienses, ainda despreparados, estão confiantes e, segundo me parece, pensam mais em retirar-se do que em permanecer onde estão, enquanto seu espírito está relaxado e antes de porem as suas idéias em ordem, sairei com minhas tropas e, se possível, surpreendê-los-ei com um ataque repentino ao centro de seu exército. Tu, Clearidas, no momento em que me vires pressionando-os e, ao que tudo indica, espalhando o terror entre eles, abre subitamente as portas e, à testa de teus próprios homens, dos anfipolitanos e de nossos demais aliados, avança sobre eles e apressa-te em lutar com eles bem de perto; assim poderemos ter muita esperança de pô-los em pânico, pois a força que ataca em segundo lugar leva sempre mais terror ao inimigo que

aquela com a qual ele já está lutando. Mostra-te um bravo, como o convém a um espartano! E vós, soldados aliados, segui-o corajosamente e convenceivos de que para combater bem são necessárias três virtudes: a decisão, o sentimento de honra e a obediência aos comandantes. Se fordes bravos, este dia vos trará a liberdade e o título de aliados de fato dos lacedemônios, ou, em caso contrário, o de submissos aos atenienses (se tiverdes a sorte de escapar à morte ou de ser vendidos como escravos), numa sujeição pior que a de antes, enquanto para o resto dos helenos sereis um obstáculo à sua libertação. Não deveis esmorecer, considerando tudo que está em jogo; quanto a mim, mostrarei que não sou apenas um bom conselheiro, mas que na hora da ação eu mesmo faço o que aconselho aos meus companheiros!"

10. Depois destas palavras Brasidas se preparou para a investida e dispôs as tropas restantes junto à porta chamada Trácia com Clearidas a fim de que pudessem sair para ajudá-lo de conformidade com suas instruções. Mas Brasidas tinha sido visto quando descia de Cerdílion, e também na cidade – plenamente visível de fora – enquanto sacrificava a Atena e se ocupava de outras tarefas. A notícia de que todo o exército inimigo podia ser nitidamente visto dentro da cidade, e de que os pés de homens e as patas de cavalos em grande número eram visíveis por baixo das portas, como se estivessem prontos para a investida, foi transmitida a Clêon, que se havia afastado naquela ocasião em suas atividades de reconhecimento. Ouvindo-as, Clêon se aproximou; vendo o que se passava, mas não estando disposto a arriscar-se numa batalha antes da chegada dos reforços e pensando que poderia safar-se a tempo, mandou dar o sinal de retirada e transmitiu simultaneamente às tropas, que começavam a mover-se, instruções no sentido de marchar para a esquerda – a única iniciativa factível – pela estrada em direção a Êion. Como lhe pareceu que a manobra estava sendo executada muito lentamente, ele mesmo fez a ala direita dar a volta, expondo assim o lado desarmado[8] ao inimigo, e começou a dirigir a retirada do exército. Naquele momento Brasidas, vendo a oportunidade que se lhe oferecia com o exército ateniense em movimento disse aos seus soldados mais próximos e mandou dizer aos outros: "Estes homens não nos resistirão; eles o demonstram pelos movimentos de suas lanças e cabeças; homens que agem assim, nunca esperam um ataque. Abra-me alguém as portas, como ordenei, e saiamos confiantemente o mais depressa possível!". Ele saiu então pela porta que leva à paliçada e pela primeira porta da longa muralha, ainda existente, avan-

[8] Ou seja, o lado direito, pois o esquerdo estava protegido pelo escudo.

çou a plena velocidade pela estrada reta onde agora, quando se chega à parte mais fortificada da colina, existe um troféu e, atacando o centro do exército ateniense, estupefato com sua audácia e tomado de pânico diante de sua própria desordem, conseguiu pô-lo em fuga. Ao mesmo tempo Clearidas, de acordo com as ordens de Brasidas, saiu pela porta Trácia e marchou aceleradamente com suas tropas. O resultado foi que, devido à subitaneidade e à velocidade do ataque por ambos os lados, os atenienses foram lançados na maior confusão; a ala esquerda, no lado em direção a Êion, que já havia avançado até uma certa distância, foi isolada e fugiu. Justamente quando ela começou a retirar-se, Brasidas, que a estava pressionando contra a ala direita, caiu ferido; os atenienses não notaram a sua queda, mas os soldados lacedemônios mais próximos o apanharam e o retiraram do local. A ala direita ateniense resistiu melhor. Clêon, que desde o início não pretendia resistir, fugiu imediatamente, mas foi alcançado e morto por um peltasta mircínio; os hoplitas, todavia, reagruparam-se em sua posição inicial na colina, e por duas ou três vezes repeliram os ataques de Clearidas; só cederam quando as cavalarias mircínia e calcídia e os peltastas, que os crivaram de dardos após havê-los cercado, finalmente os desalojaram. Neste ponto o exército ateniense em peso pôs-se em fuga, deslocando-se com muita dificuldade e por muitas trilhas através das colinas, até que afinal os sobreviventes – todos os que não foram mortos no local em combate corpo a corpo ou pelos cavalerianos e peltastas calcídios – conseguiram voltar a Êion. Os soldados que haviam retirado Brasidas ferido do campo de batalha e o tinham levado a um lugar abrigado, transportaram-no ainda respirando; ele pôde perceber que suas tropas haviam sido vitoriosas, mas morreu pouco depois. O resto do exército, após voltar com Clearidas da perseguição, despojou os mortos e ergueu um troféu.

11. Após esses acontecimentos todos os aliados deram a Brasidas exéquias oficiais, desfilando todos com suas armas, e o sepultaram na cidade, à entrada da ágora atual. Os anfipolitanos construíram uma balaustrada em volta do túmulo e desde então depositam junto a ele oferendas a Brasidas como a um herói, e o honram com jogos atléticos e sacrifícios anuais; dedicaram-lhe também a cidade, demolindo os monumentos a Hágnon e removendo tudo que, se fosse deixado onde estava, pudesse de algum modo lembrá-lo como fundador[9], pois naquela ocasião eles eram a favor da aliança com os lacedemônios, com receio dos atenienses, considerando Brasidas

[9] Veja-se o capítulo 102 do livro IV.

o seu salvador; quanto a Hágnon, os anfipolitanos, em conseqüência de sua atitude hostil para com os atenienses, já não tinham o mesmo interesse e prazer em homenageá-lo. Entregaram depois os mortos aos atenienses, que perderam cerca de seiscentos homens contra apenas sete de seus adversários, porque a luta não se desenrolou como numa batalha normal, mas como conseqüência de circunstâncias fortuitas e do pânico subseqüente, da maneira exposta acima. Depois de retirar os seus mortos os atenienses embarcaram de volta; Clearidas e suas tropas ficaram em Anfípolis para cuidar de seus problemas.

12. Aproximadamente na mesma época, quase no fim do verão, os lacedemônios Ranfias, Autocaridas e Epicididas deslocaram-se com reforços, incluindo novecentos hoplitas, para a costa da Trácia e, chegando a Heracléia Traquínia, puseram em ordem tudo que lhes parecia não ir bem; a batalha de Anfípolis ocorreu quando eles estavam ali, e assim terminou o verão.

13. Logo no início do inverno subseqüente Ranfias e suas tropas avançaram até Piérion, na Tessália, mas como os tessálios criavam obstáculo à sua marcha e Brasidas, a quem iriam levar aquele reforço, agora estava morto, tomaram o caminho de volta. Pensavam que o momento favorável havia passado, pois os atenienses tinham ido embora por causa da derrota, e eles mesmos não se consideravam competentes para levar avante qualquer dos planos de Brasidas. A razão principal de seu regresso, todavia, era o fato de terem sabido, por ocasião de sua partida, que os lacedemônios estavam mais do que nunca com o pensamento na paz.

14. Ocorreu também que, em seguida à batalha de Anfípolis e à retirada de Ranfias da Tessália, nenhum dos lados empreendeu quaisquer outras operações militares; na realidade ambos pensavam na paz. Os atenienses haviam sido derrotados em Délion[10] e pouco depois em Anfípolis, e conseqüentemente já não confiavam em sua força, com base na qual se tinham recusado antes a aceitar a trégua, pois imaginavam que predominariam graças à sua boa sorte na época. Estavam também inquietos com seus aliados, temendo que, animados por seus fracassos, a revolta se alastrasse entre os mesmos, e se arrependiam de não haver chegado a um acordo quando se ofereceu a oportunidade após os acontecimentos de Pilos. Os lacedemônios,

[10] Veja-se o capítulo 4 do livro IV.

por seu turno, eram favoráveis à paz porque a guerra estava caminhando contrariamente à sua expectativa. Esperavam que, em poucos anos, se devastassem constantemente o território dos atenienses, conseguiriam destruir-lhes o poderio, mas na realidade sofreram a calamidade da ilha de Sfactéria, sem precedentes para Esparta; seu território fora devastado a partir de Pilos e Citera; os hilotas estavam desertando, e havia sempre o receio de que os remanescentes, confiando naqueles que já tinham saído, pudessem revoltar-se nas circunstâncias presentes, tal como haviam feito antes[11]. Além disto, a trégua de trinta anos com os argivos estava prestes a expirar[12] e os argivos se mostravam relutantes em fazer um novo acordo, salvo se o território de Cimíria lhes fosse devolvido[13]; parecia-lhes impossível enfrentar a guerra contra os argivos e atenienses ao mesmo tempo. Finalmente, suspeitavam de que algumas cidades do Peloponeso se passariam para os argivos, como realmente aconteceu.

15. Considerando todos estes aspectos, ambas as partes acharam conveniente tentar um acordo, especialmente os lacedemônios, por causa de seu desejo de recuperar os homens capturados em Sfactéria; com efeito, os espartiatas entre eles eram homens importantes e todos pertencentes às melhores famílias. Conseqüentemente iniciaram negociações logo após a sua captura, mas os atenienses não se mostraram de modo algum inclinados a chegar a um acordo em termos justos enquanto iam bem. Após a derrota dos atenienses em Délion, porém, os lacedemônios perceberam imediatamente que a partir daquele momento eles estavam mais propensos a aceitar propostas, e concluíram a trégua de um ano, durante a qual deveriam reunir-se e negociar um tratado por um período mais longo.

16. Na época da derrota dos atenienses em Anfípolis, quando Clêon e Brasidas foram mortos – os homens que de cada lado mais se opuseram à paz, um por causa de seu sucesso e da reputação que a guerra lhe trouxe, o outro por pensar que, se a tranqüilidade fosse restaurada, suas más ações se tornariam ainda mais evidentes e suas calúnias teriam menos crédito – Plistoânax filho de Pausânias, rei dos lacedemônios, e Nícias filho de Nicératos, os melhores de todos os comandantes de então, demonstraram o maior empenho no sentido da paz. Nícias desejava, enquanto invicto e desfrutan-

[11] Vejam-se os capítulos 101 a 103 do livro I.
[12] No ano seguinte; veja-se o capítulo 28 deste livro.
[13] Veja-se o capítulo 56 do livro IV.

do da estima geral, preservar a sua boa sorte até o fim, e não somente descansar desde aquele momento das fadigas da guerra e dar descanso a seus concidadãos, mas também deixar para a posteridade a fama de ter passado a vida sem prejudicar a sua cidade; pensava que um homem só poderia atingir tal objetivo evitando os riscos e expondo-se o mínimo possível aos caprichos da sorte, e que somente a paz é isenta de perigos. Plistoânax, por outro lado, desejava a paz porque era constantemente caluniado por seus inimigos a propósito de seu retorno do exílio, e porque quando ocorriam reveses os lacedemônios alegavam que tais infortúnios eram devidos à sua reabilitação ilegal; com efeito, acusavam-no de, juntamente com seu irmão Arístocles, haver subornado a sacerdotisa em Delfos para responder repetidamente aos lacedemônios, sempre que vinham consultar o oráculo, que trouxessem de terras estrangeiras para a deles a semente do semideus, filho de Zeus; se assim não fosse, eles trabalhariam a terra com um arado de prata[14]; diziam também que, com o passar do tempo, ela induziu os lacedemônios a trazê-lo de volta do exílio no vigésimo ano[15], com danças e sacrifícios comparáveis aos realizados na entronização dos reis quando da fundação da Lacedemônia. Plistoânax tinha fugido para refugiar-se no Líceon[16] por causa de sua retirada da Ática, em torno da qual havia suspeitas de suborno; naquela ocasião ele se abrigara, com medo dos lacedemônios, numa casa cuja metade ficava dentro do santuário de Zeus.

17. Constrangido com essas calúnias e pensando que em tempo de paz, sem a ocorrência de calamidades e, além disto, com os lacedemônios recuperando os seus homens, não estaria tão exposto a ataques de seus adversários, ao passo que enquanto houvesse guerra os homens proeminentes seriam caluniados em caso de infortúnios, Plistoânax se tornou um defensor extremado do acordo. Durante aquele inverno, então, houve negociações, e pouco antes da primavera circularam notícias de preparativos bélicos de parte dos lacedemônios, que transmitiram às cidades aliadas, apenas para que os atenienses ficassem sabendo, sua intenção de instalar mais fortalezas ofensivas em território ático; ao mesmo tempo, em decorrência das negociações, durante as quais cada lado apresentou muitas reivindicações contra o outro, houve finalmente um acordo no sentido de ser feita a paz; cada parte deveria devolver à outra os territórios conquistados na guerra, salvo quanto

[14] A raça do semideus é a de Héracles, do qual descendiam os reis de Esparta; o oráculo aparentemente significava que o trigo seria excessivamente caro e haveria fome.
[15] Vejam-se os capítulos 94 do livro I e 21 do livro II.
[16] Montanha na Arcádia, onde havia um antigo santuário de Zeus.

a Niséia[17], que ficaria com os atenienses (quando estes haviam pedido Platéia de volta, os tebanos retrucaram que não tinham entrado na posse daquela cidade pela força, mas mediante acordo e sem traição[18]; agora os atenienses alegaram haver obtido Niséia de maneira idêntica). Os lacedemônios convocaram ao mesmo tempo os seus aliados, e quando todos haviam votado a favor da cessação das hostilidades exceto os beócios, os coríntios, os eleus e os megáricos – a estes as negociações não agradaram – fizeram o seguinte acordo, ratificando-o por meio de libações e juramentos com os atenienses, e os atenienses com eles:

18. "Os atenienses e os lacedemônios e seus respectivos aliados concluíram um tratado e juraram cumpri-lo, cidade por cidade, nas seguintes condições:

"Sobre o uso dos santuários comuns, quem quiser poderá oferecer sacrifícios e consultar os oráculos e enviar peregrinações de acordo com os costumes ancestrais, por terra ou por mar, sem temor.

"O santuário e o templo de Apolo em Delfos serão autônomos, tendo os seus próprios sistemas tributário e judiciário para as pessoas e para as terras, de acordo com os costumes ancestrais.

"A trégua vigorará por cinqüenta anos entre os atenienses e seus aliados e os lacedemônios e seus aliados, sem dolo e sem ofensa, por terra ou por mar.

"Não será permitido portar armas com ânimo agressivo, seja pelos lacedemônios e seus aliados contra os atenienses e seus aliados, seja pelos atenienses e seus aliados contra os lacedemônios e seus aliados, nem por astúcia nem por artifícios. Se houver qualquer divergência, as partes recorrerão aos tribunais e a juramentos, ratificando os seus acordos.

"Os lacedemônios e seus aliados restituirão Anfípolis aos atenienses. No caso de cidades restituídas pelos lacedemônios aos atenienses, seus habitantes poderão ir-se embora, se o desejarem, levando os seus bens; essas cidades, enquanto pagarem o tributo estipulado no tempo de Aristides, serão independentes. Não será permitido aos atenienses e seus aliados, após a ratificação do tratado, empunhar armas contra as cidades seguintes para prejudicá-las, enquanto as mesmas pagarem o tributo. Elas são Árgilos, Stágiros, Ácantos, Stolos, Olintos e Spártolos[19]. Elas não serão aliadas nem dos lacedemônios nem dos atenienses; se, porém, os atenienses puderem

[17] Veja-se o capítulo 69 do livro IV.
[18] Veja-se o capítulo 52 do livro III.
[19] Vejam-se os capítulos 88 e 103 do livro IV, 58 do livro I e 79 do livro II.

persuadi-las, ser-lhes-á permitido torná-las suas aliadas por livre e espontânea vontade das mesmas.

"Os meciberneus, os saneus[20] e os síngios permanecerão em suas cidades nas mesmas condições dos olíntios e dos acântios.

"Os lacedemônios e seus aliados restituirão Pânacton[21] aos atenienses. Os atenienses restituirão aos lacedemônios Corifásion, Citera, Mêtana, Ptêleon e Atalante[22], e também os homens lacedemônios presos em cárceres públicos em Atenas ou em cárceres públicos em qualquer lugar em poder dos atenienses, e os peloponésios sitiados em Cione e todos os outros aliados dos lacedemônios em Cione[23] e aqueles que mandaram para o mesmo lugar[24], e todos os aliados dos lacedemônios presos em cárceres públicos em Atenas ou em cárceres públicos em qualquer lugar dominado pelos atenienses. Nas mesmas condições os lacedemônios e seus aliados restituirão quaisquer atenienses e seus aliados em seu poder.

"Quanto aos habitantes de Cione, Torone[25], Sermile ou qualquer outra cidade em poder dos atenienses, os atenienses decidirão a respeito deles e dos de outras cidades como lhes parecer melhor.

"Os atenienses prestarão juramento aos lacedemônios e seus aliados, cidade por cidade, e cada cidade prestará o juramento da maneira mais solene, devendo cada cidade ser representada por dezessete homens. O juramento será o seguinte: "Cumprirei este acordo e este tratado lealmente e sem dolo". Os lacedemônios e seus aliados prestarão juramento aos atenienses nas mesmas condições. O juramento será renovado anualmente por ambas as partes.

"Serão dedicadas lápides comemorativas em Olímpia, em Delfos e no istmo, na acrópole de Atenas e no templo de Apolo Amicleu na Lacedemônia.

"Se qualquer das partes houver esquecido algum ponto referente a qualquer assunto, será compatível com seus juramentos que ambos os lados, por meio de negociações, introduzam modificações em qualquer ponto onde possam parecer convenientes a ambas as partes, atenienses e lacedemônios.

19. "O tratado entra em vigor na Lacedemônia sendo éforo Plistolas, no quarto dia antes do fim do mês Artemísion, e em Atenas sendo arconte

[20] Veja-se o capítulo 109 do livro IV.
[21] Veja-se o capítulo 3 deste livro.
[22] Vejam-se os capítulos 3, 45 e 54 do livro IV e 32 do livro II.
[23] Veja-se o capítulo 131 do livro IV.
[24] Veja-se o capítulo 123 do livro IV.
[25] Veja-se o capítulo 3 deste livro.

Alceus, no sexto dia antes do fim do mês Elafebôlion. Prestaram juramento e ratificaram o tratado: pelos lacedemônios, Plistoânax, Ágis Plistolas, Damagetos, Quíonis, Metágenes, Âcantos, Dáitos, Iscágoras, Filocaridas, Zeuxidas, Ântipos, Télis, Alcinadas, Empedias, Menas e Láfilos; pelos atenienses, Lâmpon, Istmiônicos, Nícias, Laques, Eutídemos, Procles, Pitódoros, Hágnon, Mírtilos, Trásicles, Teágenes, Aristócrates, Iôlcios, Timócrates, Lêon, Lâmacos e Demóstenes".

20. Este tratado foi concluído no fim do inverno e no início da primavera, imediatamente após as Dionísias Urbanas[26]. Haviam-se passado dez anos e poucos dias desde a invasão da Ática e o início da guerra. Deve-se contar o tempo de acordo com as divisões naturais do ano, e não pela lista dos nomes dos governantes em cada lugar, sejam eles arcontes ou outros que, em conseqüência do exercício de algum cargo, servem para fixar as datas de acontecimentos passados, no pressuposto de que tal método é mais confiável; na realidade ele não é preciso, pois um evento pode ocorrer no início de seu período de exercício do cargo, ou no meio, ou em qualquer outra fase do mesmo. A contagem do tempo por verões e invernos, adotada nesta *História* – desde que cada divisão corresponda a meio ano – indicará que houve dez verões e outros tantos invernos nesta primeira guerra[27].

21. Como coube por sorteio aos lacedemônios iniciar a restituição dos territórios em seu poder, eles libertaram imediatamente os prisioneiros de guerra que detinham e, enviando Iscágoras, Menas e Filocaridas à Trácia, deram instruções a Clearidas para entregar Anfípolis aos atenienses, e ao resto dos aliados para aceitarem o tratado, nas condições previstas para cada um deles. Os aliados, todavia, não quiseram aceitá-lo, pois julgaram que as condições lhes eram desfavoráveis; então Clearidas, para agradar aos calcídios, não devolveu Anfípolis, dizendo que não poderia entregá-la contra a vontade deles. Ele mesmo se apressou em partir para a Lacedemônia com representantes do lugar, com o objetivo de defender-se no caso de Iscágoras e seus colegas o acusarem de desobediência (ele também queria saber se o acordo ainda poderia ser modificado). Quando soube que já havia sido feito o juramento, voltou imediatamente, com ordens dos

[26] As Dionísias Urbanas, ou Maiores, começavam no equinócio de inverno e se prolongavam por muitos dias. Nelas havia os concursos dramáticos mais importantes de Atenas.
[27] Esses primeiros dez anos da guerra são geralmente conhecidos como a Guerra Arquidâmia.

lacedemônios para entregar Anfípolis, se possível, ou de qualquer modo para retirar todos os peloponésios que estivessem lá.

22. Os representantes dos aliados[28] ainda estavam na Lacedemônia, e todos os que até aquele momento não haviam aderido ao tratado receberam ordens dos lacedemônios para aceitá-lo. Eles, porém, pelas mesmas razões que os levaram inicialmente[29] a rejeitá-lo, recusaram-se a adotá-lo a não ser que fosse feito um tratado mais eqüitativo. Como não dessem ouvidos aos lacedemônios, estes os mandaram embora e fizeram eles mesmos uma aliança com os atenienses, pensando que os argivos de forma alguma chegariam a acordo com Esparta (eles se haviam recusado a renovar o tratado quando Ampélidas e Licas foram a Argos); acreditavam também que eles não seriam perigosos para os lacedemônios sem os atenienses, e que os peloponésios restantes muito provavelmente permaneceriam quietos (de fato, se quisessem já teriam passado para o lado ateniense). Conseqüentemente, como estavam presentes representantes de Atenas, os lacedemônios reuniram-se com eles e chegaram a um acordo, seguido de troca de juramentos; foi concluída então a seguinte aliança:

23. "Os lacedemônios e atenienses serão aliados durante cinqüenta anos nas seguintes condições:

"Se inimigos invadirem o território dos lacedemônios e lhe causarem danos, os atenienses ajudarão os lacedemônios por todos os meios efetivamente ao seu alcance, até o limite de suas forças; se os invasores se retirarem após devastar as terras, sua cidade será inimiga dos lacedemônios e dos atenienses, e sofrerá represálias de ambos; nenhuma das duas cidades fará paz com ela sem a outra. Estas condições serão observadas leal e valorosamente e sem dolo.

"Se inimigos invadirem o território dos atenienses e lhe causarem danos, os lacedemônios ajudarão os atenienses por todos os meios efetivamente ao seu alcance, até o limite de suas forças; se os invasores se retirarem após devastar as terras, sua cidade será inimiga dos lacedemônios e dos atenienses, e sofrerá represálias de ambos; nenhuma das duas cidades fará paz com ela sem a outra. Estas condições serão observadas leal e valorosamente e sem dolo.

---

[28] A narrativa neste ponto volta ao fim do capítulo 17 deste livro.
[29] Veja-se a parte final do capítulo 17 deste livro.

"Se houver uma insurreição de escravos os atenienses ajudarão os lacedemônios com toda a sua força e na medida de seus recursos.

"Estas cláusulas serão ratificadas pelas mesmas pessoas que ratificaram o outro tratado por ambos os lados. Esta aliança será renovada anualmente, indo os lacedemônios a Atenas durante as Dionísias e os atenienses à Lacedemônia durante as Hiacíntias[30].

"Cada parte mandará fazer lápides comemorativas; a da Lacedemônia no templo de Apolo Amicleu, e a dos atenienses na acrópole, junto ao templo de Atena.

Se parecer conveniente aos lacedemônios e atenienses fazer qualquer acréscimo ou supressão em relação às condições da aliança, será compatível com seus juramentos efetuar as modificações que lhes parecerem mais convenientes para ambas as partes.

24. "Comprometeram-se por juramento pelos lacedemônios as seguintes pessoas: Plistoânax, Ágis, Plistolas, Damagetos, Quíonis, Metágenes, Ácantos, Dáitos, Iságoras, Filocaridas, Zeuxidas, Ântipos, Alcinadas, Télis, Empedias, Menas e Láfilos; pelos atenienses, Lâmpon, Istmiônicos, Laques, Nícias, Eutídemos, Procles, Pitódoros, Hágnon, Mírtilos, Trásicles, Teágenes, Aristócrates, Iôlcios, Timócrates, Lêon, Lâmacos e Demóstenes".

A aliança foi concluída não muito tempo depois do tratado e os atenienses restituíram aos lacedemônios os homens da ilha; e assim começou o verão do décimo primeiro ano. Aqui termina o relato da primeira guerra, com seus dez anos de hostilidades ininterruptas.

25. Após o tratado e a aliança entre os lacedemônios e atenienses, concluídos no fim da guerra de dez anos, sendo éforo na Lacedemônia Plistolas e arconte em Atenas Alceus, os povos que haviam aceito o tratado estavam em paz; os coríntios, todavia, e algumas cidades do Peloponeso, tentaram tumultuar os acordos e imediatamente se manifestaram outras divergências entre os lacedemônios e seus aliados. Além disto, com o passar do tempo os lacedemônios se tornaram suspeitos também aos atenienses, pois não estavam cumprindo as cláusulas dos acordos em certos pontos. Durante seis anos e dez meses cada lado se absteve de invadir o território do outro; em outras regiões, porém, existia apenas uma trégua instável e eles continuaram causando-se reciprocamente os maiores danos possíveis. Finalmente foram

[30] O festival de Apolo Amicleu no mês Hiacíntio.

compelidos a romper o tratado concluído após os dez anos e se empenharam novamente em guerra ostensiva.

26.[31] A história destes eventos foi também escrita pelo mesmo Tucídides, ateniense, em sua ordem cronológica por verões e invernos, até a época em que os lacedemônios e seus aliados puseram fim ao domínio ateniense e tomaram as longas muralhas e o Pireu[32]. Até aqueles eventos a guerra durou vinte e sete anos ao todo. Se alguém não julgar apropriado incluir o período de trégua na guerra, não estará raciocinando acertadamente; de fato, basta observar o número de rompimentos de trégua em conseqüência de operações militares efetivas para perceber que tal período não pode ser considerado adequadamente uma situação de paz, pois as duas cidades não restituíram nem receberam tudo a que se comprometeram. Além do mais, houve violação do tratado por ambas as partes nas guerras em Mantinéia e Epídauros[33], bem como em outras ocasiões; também não havia menos hostilidade que antes entre os aliados na Trácia, e os beócios observaram uma trégua que tinha de ser renovada de dez em dez dias. Portanto, incluindo a guerra dos primeiros dez anos, a trégua duvidosa subseqüente e a guerra posterior à trégua, teremos computado, segundo as estações do ano, o número de anos que mencionei e mais alguns dias. Aqueles que se baseiam nos oráculos para fazer as suas afirmações, verão também que este critério adquiriu foros de verdade, pois sempre – tanto quanto posso lembrar, desde o início até o fim da guerra muitos disseram que ela iria fatalmente durar três vezes nove anos. Vivi a guerra inteira, tendo uma idade que me permitia formar meu próprio juízo, e segui-a atentamente, de modo a obter informações precisas. Atingiu-me também uma condenação ao exílio que me manteve longe de minha terra por vinte anos após o meu período de comando em Anfípolis[34] e, diante de minha familiaridade com as atividades de ambos os lados, especialmente aquelas do Peloponeso em conseqüência de meu banimento, graças ao meu ócio pude acompanhar melhor o curso dos acontecimentos. Relatarei, então, as divergências surgidas após os dez anos, e o rompimento da trégua e as hostilidades supervenientes.

---

[31] Este capítulo constitui de certo modo uma segunda introdução e foi escrito provavelmente depois do autor ampliar o seu plano inicial, decidindo-se a escrever a história de toda a guerra ao invés de limitar-se aos dez primeiros anos.

[32] Segundo Plutarco, *Lisandros,* XV, esses dois eventos teriam ocorrido em 404 a.C.

[33] Vejam-se os capítulos 32 e 53 deste livro.

[34] Veja-se o capítulo 104 do livro IV.

27. Após a conclusão do tratado de cinqüenta anos e da aliança subseqüente, as delegações do Peloponeso convocadas para as negociações retiraram-se da Lacedemônia. Todas voltaram para as respectivas cidades, menos a dos coríntios, que seguiu primeiro para Argos e entrou em contato com certos magistrados argivos, dizendo-lhes que, em decorrência do fato de os lacedemônios haverem concluído com os atenienses, até então seus piores inimigos, uma aliança que, ao invés de beneficiar o Peloponeso, levá-lo-ia à escravidão, os argivos teriam de procurar um meio de salvá-lo; deveriam proclamar que quaisquer cidades helênicas independentes e dispostas a solucionar divergências mediante decisões judiciais e normais e eqüidistantes, poderiam, se quisessem, fazer uma aliança com os argivos para a defesa mútua de seus territórios; poderiam também nomear uns poucos homens com plenos poderes, em vez de discutir suas pendências diante do povo, de tal maneira que, se alguma das cidades não conseguisse convencer a assembléia popular, não ficasse visada; os coríntios acrescentaram que muitas se juntariam a eles por ódio aos lacedemônios. Depois de apresentarem essas sugestões os coríntios seguiram para a sua terra.

28. Os magistrados argivos que ouviram as propostas relataram-nas às autoridades e ao povo; os argivos fizeram uma proclamação e escolheram doze homens com os quais os helenos que desejassem poderiam concluir uma aliança, à exceção dos atenienses e lacedemônios; a nenhum destes dois seria permitido concluir qualquer tratado com Argos sem o consentimento expresso do povo argivo. Os argivos haviam aceito prontamente aquelas propostas primeiro diante da perspectiva de guerra próxima com os lacedemônios – o tratado com eles estava prestes a expirar – e depois por esperarem obter a hegemonia do Peloponeso. Com efeito, naquela ocasião os lacedemônios haviam adquirido uma péssima reputação e eram desprezados por causa de seus infortúnios, enquanto os argivos haviam chegado a uma excelente posição sob todos os aspectos, pois não tinham compartilhado os encargos da guerra contra os atenienses; ao contrário, como estavam em paz com os dois lados, colheram os frutos da neutralidade. Por conseguinte os argivos estavam prontos a acolher em sua aliança quaisquer helenos que o desejassem.

29. Os mantineus e seus aliados foram os primeiros a juntar-se a eles, temendo os lacedemônios. Com efeito, uma parte da Arcádia havia sido conquistada pelos mantineus enquanto ainda durava a guerra com os atenienses,

e eles pensaram que os lacedemônios, dispondo agora de tempo, não lhes permitiriam manter a soberania naquela região. Voltaram-se assim com satisfação para Argos, reputando-a uma cidade poderosa, sempre em divergência com os lacedemônios e vivendo sob um regime democrático, tal como os próprios mantineus. Após a defecção destes os demais peloponésios começaram a acalentar a idéia de que poderiam fazer o mesmo, considerando que os mantineus haviam mudado de lado por conhecerem melhor a situação. Ao mesmo tempo mostravam-se muito desgostosos com os lacedemônios por outros motivos, especialmente por estar escrito no tratado que seria compatível com os juramentos das partes o acréscimo ou supressão do que fosse julgado conveniente por ambas as cidades, ou seja, pelos lacedemônios e atenienses. Na realidade, esta cláusula inquietou os peloponésios de um modo especial, e levantou suspeitas de que os lacedemônios, de comum acordo com os atenienses, desejavam reduzi-los à escravidão; teria sido muito mais justo, pensavam eles, que a cláusula houvesse estendido o poder de modificação a todos os aliados. Por essa razão a maioria deles estava temerosa, e cada um por seu turno ansiava por entrar numa aliança com os argivos.

30. Os lacedemônios, informados de que tais rumores se alastravam por todo o Peloponeso, e de que os coríntios os haviam estimulado e estavam mesmo prestes a concluir um tratado com Argos, mandaram emissários a Corinto, com o intuito de frustrar aqueles planos. Acusaram os coríntios de haver iniciado todo o movimento e disseram que, se se afastassem deles e se aliassem aos argivos, estariam violando os termos explícitos de seus juramentos, e de fato procediam mal não aceitando o tratado com os atenienses, pois se previa no mesmo que a decisão da maioria, qualquer que fosse, seria compulsória, salvo se houvesse algum impedimento relacionado com os deuses ou heróis. Os coríntios, todavia, na presença de todos os aliados que não haviam aceito o tratado (eles os tinham convocado antecipadamente), mencionaram em resposta aos lacedemônios os pontos a respeito dos quais se consideravam injustiçados, embora sem declarar taxativamente que os lacedemônios deixaram de recuperar Sôlion[35] e Anactório[36] dos atenienses para eles, e sem especificar outros casos nos quais estivessem obtendo menos do que esperavam, mas insistindo em que não poderiam abandonar seus aliados na Trácia; disseram que tinham feito juramentos àqueles

[35] Veja-se o capítulo 30 do livro II.
[36] Veja-se o capítulo 49 do livro IV.

povos, tanto em caráter privado, quando se tinham revoltado juntamente com os potideus[37], quanto em outras ocasiões posteriormente. Não estavam, portanto, violando os juramentos trocados com os aliados – disseram eles – recusando-se a aderir a um tratado com os atenienses; na verdade, uma vez que se tinham comprometido com aqueles aliados mediante promessas feitas em nome dos deuses, não seria coerente com seus juramentos traí-los depois. Além disto, o texto do acordo era: "Salvo se houvesse algum impedimento relacionado com os deuses e heróis"; pareceu-lhes, então, que aquele era um impedimento relacionado com os deuses. Eis o que eles disseram a respeito de seus antigos juramentos; quanto à aliança com os argivos, declararam que deliberariam com seus amigos e fariam o que fosse justo. Por coincidência estavam em Corinto emissários dos argivos, que instaram os coríntios a concluir a aliança sem demora; estes, porém, pediram-lhes que voltassem para uma próxima reunião a realizar-se lá.

31. Em seguida chegaram lá também embaixadores dos eleus e concluíram primeiro uma aliança com os coríntios, seguindo depois para Argos, de acordo com instruções recebidas, onde se tornaram aliados dos argivos. Parece que em certa ocasião os eleus tiveram uma divergência com os lacedemônios acerca de Lêpreon[38]. De fato, durante uma guerra entre os lepreatas e alguns arcádios, os eleus haviam sido convidados pelos lepreatas a se aliarem a eles, oferecendo-lhes metade de seu território; quando a guerra terminou os eleus deixaram os lepreatas na posse de suas terras, mas lhes impuseram o tributo de um talento[38a] para Zeus Olímpio. Até a guerra com Atenas efetuaram regularmente o pagamento, mas a partir de então, a pretexto da guerra, deixaram de fazê-lo; os eleus tentaram forçá-los e por isso eles recorreram aos lacedemônios.

32. Quase na mesma época durante aquele verão os atenienses derrotaram os cioneus sitiados, mataram os adultos[39], escravizaram as mulheres e crianças e deram as terras para os plateus ocuparem; reinstalaram também os délios em Delos[40], preocupados com seus reveses nas batalhas[41] e obedecendo a um oráculo do deus em Delfos. Nesse ínterim os foceus e os lócrios

[37] Veja-se o capítulo 58 do livro I.
[38] Na Trifília, perto da fronteira entre a Élida e Lacônia (veja-se o capítulo 34 deste livro).
[38a] Cerca de US$ 1.000.
[39] Vejam-se os capítulos 122 do livro IV e 18 deste livro.
[40] Veja-se o capítulo 1 deste livro.
[41] Em Délion e Anfípolis.

iniciaram hostilidades. Os coríntios e os argivos, agora aliados, dirigiram-se a Tegéia, esperando induzi-la a rebelar-se contra os lacedemônios, pois se tratava de uma parte importante do Peloponeso[42]; pensavam que, se ela aderisse, logo poderiam ter todo o Peloponeso de seu lado. Mas os tegeatas se recusaram a opor-se aos lacedemônios, e os coríntios, que até aquele momento haviam agido ativamente, arrefeceram o seu entusiasmo, receando seriamente que daí em diante nenhum dos peloponésios se passasse para o seu lado. Apesar disto foram ter com os beócios e lhes pediram para se tornarem aliados seus e dos argivos e para agirem de um modo geral em conjunto com eles. Os coríntios também solicitaram aos beócios que os acompanhassem a Atenas e tentassem incluí-los na trégua de dez dias[43] pactuada entre os atenienses e os beócios não muito tempo depois da conclusão do tratado de cinqüenta anos, nas mesmas condições conseguidas pelos beócios; se os atenienses não concordassem, renunciariam ao armistício e no futuro não pactuariam tréguas sem os coríntios. Ouvindo estes pedidos dos coríntios os beócios lhes disseram que esperassem um pouco mais quanto à aliança argiva, mas foram com eles a Atenas, onde não puderam obter a extensão da trégua de dez dias; os atenienses lhes responderam que já havia uma trégua com os coríntios, se estes eram aliados dos lacedemônios. Os beócios apesar disto não renunciaram à trégua de dez dias, embora os coríntios insistissem e os acusassem de se haverem comprometido com essa condição. Entre os coríntios e os atenienses, todavia, existia um armistício, mas sem um tratado subseqüente.

33. Durante o mesmo verão os lacedemônios, sob o comando de Plistoânax filho de Pausânias e rei dos lacedemônios, realizaram uma expedição com todas as suas forças ao território dos parrásios da Arcádia, que eram súditos de Mantinéia. Haviam sido chamados pelos parrásios por causa de uma divergência entre facções locais, e pretendiam demolir, se fosse possível, o forte de Cipsela, situado em território parrásio, que os mantineus haviam construído e guarnecido para ameaçar a Cirítida[44], na Lacônia. Os lacedemônios se puseram a desvastar o território dos parrásios, e os mantineus, entregando a guarda de sua cidade aos argivos, tentaram defender o território de seus aliados parrásios. Não conseguindo, porém, salvar o forte de

[42] Tegéia mantinha uma posição eqüidistante na Arcádia, e no passado havia sido vigorosa adversária de Esparta.
[43] Veja-se o capítulo 26 deste livro.
[44] A região montanhosa entre o alto Eurotas e o vale do Enos, um dos mais importantes territórios habitados pelos periecos.

Cipsela e as cidades da Parrásia, retiraram-se em seguida. Os lacedemônios, depois de dar independência aos parrásios e demolir o forte, regressaram às suas cidades.

34. Durante o mesmo verão, na época em que regressavam da Trácia as tropas levadas por Brasidas[45] e trazidas de volta por Clearidas[46] após a conclusão do tratado, os lacedemônios decidiram pelo voto que os hilotas que haviam combatido com Brasidas[47] passariam a ser livres e poderiam morar onde preferissem; não muito tempo depois, todavia, eles os instalaram com os neodamodes[48] em Lêpreon, na fronteira entre a Lacônia e a Élida, pois naquela época eles estavam desentendendo-se com os eleus. Quanto aos seus próprios homens que haviam sido capturados na ilha após entregarem as armas, temiam que, por causa de seu infortúnio, pudessem ser objeto de menosprezo e, se continuassem no gozo de seus direitos, tentassem revoltar-se; destituíram-nos então desses direitos, embora alguns já estivessem exercendo funções públicas; com essa destituição evitariam que eles ocupassem cargos públicos e tivessem capacidade legal para efetuar qualquer compra ou venda. Com o correr do tempo, todavia, foram reinvestidos em seus direitos.

35. Também no decurso do mesmo verão os dios tomaram Tissos, no promontório do monte Atos, aliada dos atenienses.

Durante todo aquele verão os atenienses e os lacedemônios continuaram a manter relações regulares, mas se havia manifestado uma forte desconfiança entre eles logo após a conclusão do tratado, porque deixaram de devolver uns aos outros os lugares especificados no mesmo. Os lacedemônios, embora lhes houvesse cabido por sorteio fazer as devoluções primeiro, não restituíram Anfípolis e outros lugares, nem fizeram os seus aliados da Trácia aceitar o tratado, nem os beócios, nem os coríntios, embora declarassem reiteradamente aos atenienses que se juntariam a eles para coagir aquelas cidades, se elas continuassem relutantes; sem fazer um acordo escrito, propuseram datas a partir das quais os renitentes passariam a ser inimigos de ambos. Vendo, então, que nada disso estava sendo feito, os atenienses já suspeitavam de que os lacedemônios não tinham intenções séri-

[45] Vejam-se os capítulos 78 e 80 do livro IV.
[46] Veja-se o capítulo 21 deste livro.
[47] Na Trácia.
[48] A classe de novos cidadãos constituída de hilotas anteriormente emancipados por razões idênticas.

as, e por isto não somente deixaram de entregar Pilos quando os lacedemônios a pediram, mas até se arrependeram de lhes haver restituído os prisioneiros da ilha, e continuaram na posse dos outros lugares, esperando que os lacedemônios cumprissem a sua parte do compromisso. Os lacedemônios declararam que estavam fazendo o possível; haviam restituído os prisioneiros atenienses em seu poder, retirado suas tropas da Trácia e tudo mais que podiam fazer. Quanto a Anfípolis, afirmaram que não tinham meios de entregá-la, mas se esforçariam por compelir os beócios e os coríntios a aderir ao tratado, para recuperar Pânacton e todos os prisioneiros atenienses em poder dos beócios. Insistiram em que os atenienses lhes entregassem Pilos ou em último caso, retirassem de lá os messênios e os hilotas, da mesma forma que eles haviam trazido suas tropas de volta da Trácia (se quisessem, os próprios atenienses poderiam guarnecer a ilha). Depois de muitas e freqüentes conferências havidas durante aquele verão, conseguiram persuadir os atenienses a retirar de Pilos os messênios e o resto dos hilotas, entre estes os que haviam desertado da Lacônia (estes os atenienses instalaram em Crânios na Celafênia). Naquele verão, portanto, houve paz e encontros entre os atenienses e os lacedemônios.

36. No inverno subseqüente os éforos no exercício de suas funções em Esparta já não eram aqueles sob cujo mandato o tratado havia sido concluído, e alguns deles se opunham ao mesmo. Haviam chegado a Esparta embaixadores dos aliados e também estavam presentes os atenienses, beócios e coríntios; após muitas discussões, que não conduziram a qualquer resultado, e quando os embaixadores já se estavam preparando para voltar às suas cidades, os éforos mais desejosos de anular o tratado fizeram propostas em caráter particular aos beócios e aos coríntios, aconselhando-os a adotarem tanto quanto possível a mesma política, devendo os beócios aliar-se primeiro aos argivos e depois tentar trazê-los consigo para a aliança com os lacedemônios. Dessa forma seria menos provável que os beócios fossem forçados a aderir ao tratado com a Ática, pois os lacedemônios prefeririam ganhar a amizade e a aliança dos argivos, considerando-as mais importantes que a inimizade dos atenienses e o rompimento do tratado. Com efeito, eles sabiam que Esparta sempre desejara a amizade de Argos em termos leais, pensando que a guerra fora do Peloponeso lhes seria mais fácil. Pediram aos beócios, porém, para entregar-lhes Pânacton, a fim de poderem obter Pilos de volta em troca, e ficarem assim em posição mais fácil para reiniciar a guerra contra os atenienses.

37. Os beócios e os coríntios, aos quais Xenares, Cleóbulos e os lacedemônios seus amigos transmitiram estas instruções, que deveriam ser levadas a seus respectivos governos, regressaram às suas cidades. Mas dois argivos, homens da mais alta posição, que aguardavam ansiosos o seu regresso no caminho de volta, juntaram-se a eles e lhes fizeram uma proposta, na esperança de os beócios aderirem à sua aliança, como haviam feito os coríntios, os eleus e os mantineus; pensavam que, se isto acontecesse, poderiam prontamente, seguindo todos uma política única, empreender a guerra contra os lacedemônios, ou contra qualquer outra cidade se lhes parecesse necessário. Os enviados beócios ouviram com satisfação aquelas palavras, pois por sorte aqueles homens lhes estavam pedindo o mesmo que os lacedemônios os tinham incumbido de fazer. Então os argivos, vendo-os inclinados a aceitar a sugestão, disseram que enviariam representantes seus aos beócios e foram embora. Chegando à sua terra os beócios relataram aos beotarcas a proposta apresentada na Lacedemônia e a dos argivos que haviam encontrado a caminho; os beotarcas ficaram satisfeitos e agora estavam mais ansiosos pela materialização daquele plano, pois o assunto se encaminhava de tal modo que eles poderiam entrosar-se em ambas as direções: seus amigos lacedemônios queriam as mesmas coisas que eles, e os argivos tentavam atingir o mesmo objetivo. Não muito tempo depois os emissários argivos vieram apresentar formalmente as propostas que haviam antecipado; os beócios concordaram com suas palavras e antes deles voltarem prometeram mandar embaixadores a Argos para negociar a aliança.

38. Ao mesmo tempo foi acordado entre os beotarcas, os coríntios, os megáricos e os enviados da Trácia que deveriam primeiro comprometer-se mutuamente por juramentos, no sentido de que, quando chegasse a ocasião, todos apoiariam efetivamente qualquer deles que necessitasse de ajuda, e não iriam à guerra nem concluiriam qualquer tratado sem um acordo unânime; isto feito, os beócios e os megáricos, que agiam em conjunto[49], concluíram um tratado com os argivos. Antes da troca de juramentos os beotarcas comunicaram aquelas resoluções aos quatro conselhos dos beócios, detentores da autoridade suprema, e recomendaram que fosse jurada assistência mútua entre as cidades dispostas a fazê-lo. Os membros dos conselhos beócios, porém, não aceitaram a proposta, receando ofender os lacedemônios por causa da troca de juramentos com os coríntios, que se haviam afastado deles. Os beotarcas não lhes disseram o que havia acontecido na Lacedemônia

[49] Veja-se o capítulo 31 deste livro.

– que os próprios éforos Cleóbulos e Xenares, e seus amigos, os haviam aconselhado a tornar-se primeiro aliados dos argivos e coríntios, e depois, em conjunto com estes, a aliar-se com os lacedemônios – pois não julgavam esta confidência necessária à obtenção de um voto dos conselhos favorável aos seus desejos. Diante dessa dificuldade os coríntios e os enviados da Trácia se retiraram sem haver realizado os seus propósitos; os beotarcas, que se obtivessem a aprovação daquelas medidas pretendiam antes tentar uma aliança também com Argos, não apresentaram aos conselhos o assunto referente aos argivos, nem mandaram a Argos os representantes que haviam prometido; em suma, houve certa negligência e procrastinação em todo o episódio.

39. Naquele mesmo inverno os olíntios, mediante um ataque de surpresa, capturaram Meciberna, onde havia uma guarnição ateniense. Depois disto, enquanto se realizavam conferências seguidas entre os atenienses e os lacedemônios acerca dos lugares pertencentes a cada um deles ainda em poder do outro, os lacedemônios, na esperança de que, se os beócios devolvessem Pânacton aos atenienses, eles mesmos poderiam reaver Pilos, mandaram representantes aos beócios para pedir-lhes que lhes entregassem Pânacton e os prisioneiros atenienses, a fim de poderem recuperar Pilos. Mas os beócios se recusaram a efetuar a entrega, salvo se os lacedemônios fizessem com eles uma aliança em separado como a dos atenienses; os lacedemônios sabiam que, agindo daquela maneira, estariam sendo injustos com os atenienses, pois fora estipulado que não fariam paz ou guerra com qualquer outra cidade sem consentimento mútuo; continuavam, porém, querendo obter Pânacton a fim de recuperar Pilos em troca. Enquanto isto acontecia, a facção ansiosa por romper o tratado estava atuando no sentido de obter uma aproximação com os beócios. Quando o inverno estava terminando e a primavera se aproximava foi afinal concluída a aliança; a destruição de Pânacton começou imediatamente e assim terminou o décimo primeiro ano da guerra.

40. No verão subseqüente, desde a primavera, como os enviados prometidos pelos beócios não tinham vindo, os argivos, percebendo que Pânacton estava sendo destruída e uma aliança isolada havia sido concluída entre os beócios e os lacedemônios, começaram a recear que seriam deixados sós e toda a aliança passaria para o lado de Esparta. Pensaram que os beócios haviam sido persuadidos pelos lacedemônios a destruir Pânacton e a aceitar o tratado com os atenienses, com o conhecimento destes, de tal maneira que

já não seria possível aos argivos fazer uma aliança sequer com os atenienses (antes eles esperavam que, se o tratado com os lacedemônios não fosse renovado, em último caso poderiam aliar-se aos atenienses, aproveitando as divergências existentes). Perplexos diante daquela situação e temendo a possibilidade de uma guerra imediata com os lacedemônios, os tegeatas, os beócios e os atenienses, os argivos, que até aquele momento não haviam aceito negociar com os lacedemônios e tinham até em mente obter a hegemonia do Peloponeso, mandaram apressadamente aos lacedemônios como embaixadores Êustrofos e Éson, que lhes pareciam os mais aceitáveis a Esparta, julgando preferível naquelas circunstâncias concluir um tratado com a Lacedemônia como lhes fosse possível e permanecer tranqüilos.

41. Ao chegarem, os embaixadores apresentaram propostas aos lacedemônios quanto às condições em que o tratado poderia ser renovado. Primeiro pleitearam que lhes fosse permitido submeter à arbitragem de alguma cidade ou de um particular o caso do território cimírio – região onde ficavam as cidades de Tirêa e Antene, ocupadas pelos atenienses – que, por ser fronteiriço, era objeto de disputa permanente. Depois, embora os lacedemônios não lhes permitissem mencionar aquele território e lhes dissessem que, se quisessem renovar o tratado nas mesmas condições de antes, estariam prontos a fazê-lo, os embaixadores conseguiram ao menos induzir os lacedemônios a concordar com os seguintes termos: no momento se concluiria um tratado por cinqüenta anos, mas os lacedemônios ou os argivos, desde que na época não houvesse peste nem guerra em suas cidades, poderiam desafiar a outra parte a decidir pelas armas a questão referente àquele território – tal como ocorrera anteriormente[50], quando cada lado se considerou vitorioso – com a condição de não prosseguirem além dos limites entre Argos e a Lacedemônia. Inicialmente isto pareceu uma loucura aos lacedemônios, mas depois, como desejavam de qualquer modo a amizade de Argos, aceitaram a condição pleiteada e redigiram o acordo. Os lacedemônios, porém, instaram os embaixadores, antes de qualquer das condições ser considerada aceita, a voltarem primeiro a Argos e submeterem o assunto ao povo; se, então, tudo parecesse satisfatório à cidade, deveriam vir ao festival Hiacíntio e trocar juramentos. E eles em seguida se retiraram.

42. Na mesma ocasião em que os argivos mantinham aquelas negociações, os embaixadores lacedemônios Andrômenes, Fêdimos e Antimênidas,

[50] Em 550 a.C.; veja-se Heródoto, I, 82.

que deveriam receber dos tebanos Pânacton e os prisioneiros e devolvê-los aos atenienses, verificaram que Panâcton havia sido destruída pelos beócios a pretexto de que antigamente, por ocasião de uma divergência acerca daquele local, haviam sido trocados juramentos entre os atenienses e os beócios no sentido de que ninguém habitaria Pânacton, mas os dois povos a usariam em comum para os seus rebanhos. Quanto aos atenienses aprisionados pelos beócios, Andrômenes e seus colegas os receberam destes e, levando-os de volta, restituíram-nos aos atenienses, dizendo-lhes que a destruição de Pânacton era também uma restituição, pois dali em diante ninguém hostil aos atenienses moraria lá. No momento em que aquilo foi dito aos atenienses estes ficaram indignados, considerando-se ofendidos pelos lacedemônios, tanto pela destruição de Pânacton, que lhes deveria ter sido devolvida intacta, quanto por terem ouvido dizer que os lacedemônios haviam feito uma aliança isolada com os beócios, apesar de terem dito que se juntariam aos atenienses para coagir qualquer cidade relutante a aceitar o tratado; finalmente os atenienses, levando em conta também os outros casos em que os lacedemônios haviam falhado no cumprimento do acordo e nos quais eles julgavam haver sido enganados, deram uma resposta dura aos embaixadores e os mandaram de volta.

43. Agora que aquele desentendimento afastava os lacedemônios dos atenienses, os partidários da denúncia do acordo em Atenas passaram a mostrar-se ainda mais insistentes. Entre eles estava Alcibíades filho de Clínias, um homem que, pela idade, em qualquer outra cidade teria sido considerado excessivamente jovem, mas que em Atenas gozava de muito prestígio por causa do renome de seus antepassados. Parecia-lhe melhor aproximar-se dos argivos; além disto ele se opunha ao tratado porque ficou ferido em seu orgulho pela circunstância de os lacedemônios o terem negociado por intermédio de Nícias e Laques, ignorando-o em conseqüência de sua juventude, e não lhe mostrando o respeito devido em face de antiga relação de proxenia[51]. Embora seu avô tivesse repudiado aquela relação ele planejava renová-la em função de suas atenções para com os cativos de Sfactéria. Considerando-se, portanto, diminuído sob todos os aspectos, ele desde o princípio se manifestou contra o tratado, alegando que os lacedemônios não eram dignos de confiança, e também que seu objetivo concluindo o tratado havia sido enfraquecer Argos para em seguida se voltarem contra Atenas isolada; no caso presente, após o desentendimento ele mandou prontamen-

[51] Vejam-se o capítulo 89 do livro VI e Plutarco, *Alcibíades*. XIV.

te uma mensagem aos argivos em caráter particular, pedindo-lhes para virem a Atenas o mais depressa possível, juntamente com os mantineus e eleus, e convidarem os atenienses para formar uma aliança, pois o momento era favorável e ele cooperaria ao máximo.

44. Recebendo a mensagem e sabendo ao mesmo tempo que a aliança com os beócios havia sido feita sem a participação dos atenienses (ao contrário, estes estavam divergindo seriamente dos lacedemônios por isso), os argivos não pensaram mais em seus embaixadores enviados à Lacedemônia para cuidar do tratado, e preferiram voltar a sua atenção para os atenienses; pensaram que uma cidade cuja atitude amistosa vinha de longa data, governada democraticamente, exatamente como eles, e possuidora de grande poder marítimo, entraria certamente em guerra ao lado deles se eles se vissem envolvidos em um conflito. Diante dessas ponderações, mandaram imediatamente embaixadores a Atenas para negociar a aliança; com eles foram também para lá embaixadores dos eleus e mantineus. Ao mesmo tempo chegaram apressadamente a Atenas Filocaridas, Lêon e Êndion, embaixadores dos lacedemônios, presumivelmente simpáticos aos atenienses, pois Esparta temia que Atenas, em sua irritação, pudesse concluir uma aliança com os argivos; os embaixadores deveriam pedir também a devolução de Pilos em troca de Pânacton, e dizer ainda, como desculpa em face da aliança com os beócios, que ela não havia sido feita para prejudicar os atenienses.

45. Falando no Conselho a respeito destes pontos, e dizendo que tinham vindo com plenos poderes para resolver todas as questões pendentes, eles deixaram Alcibíades receoso de que, se repetissem as mesmas afirmações à assembléia, pudessem convencer o povo e a aliança com os argivos fosse rejeitada. Então Alcibíades concebeu o seguinte estratagema contra eles: convenceu os lacedemônios, prometendo-lhes fidelidade, de que, se não confirmassem diante do povo que estavam com plenos poderes, ele lhes restituiria Pilos, usando sua influência junto aos atenienses a favor deles com a mesma veemência até então usada em sentido oposto, e acertaria as outras pendências. Alcibíades recorreu a tais métodos por desejar afastá-los de Nícias, e com o objetivo de poder acusá-los diante da assembléia de não terem intenções sinceras e de nunca dizerem as mesmas coisas; isto lhe permitiria concluir a aliança com os argivos, os mantineus e os eleus. E foi o que aconteceu. Quando, na presença da assembléia, ao lhes ser perguntado se tinham vindo com plenos poderes, responderam "não", contrariando a

sua afirmação diante do Conselho, os atenienses não se contiveram mais e deram ouvidos a Alcibíades, que vociferava contra os lacedemônios ainda mais do que antes, e se prontificaram a receber imediatamente os argivos e seus companheiros, com os quais decidiram concluir uma aliança. Sobreveio todavia um terremoto antes da ratificação e a assembléia foi adiada.

46. Na assembléia do dia seguinte Nícias, tão ludibriado quanto os próprios lacedemônios no tocante à declaração de que não tinham vindo com plenos poderes, reiterou que os atenienses deveriam tornar-se de preferência amigos dos lacedemônios; conseqüentemente propôs que, adiando a questão da aliança argiva, mandassem novamente embaixadores à Lacedemônia para verificarem quais eram realmente as suas intenções; disse ainda que a postergação das operações de guerra seria honrosa para eles, mas humilhante para os lacedemônios, pois como os atenienses estavam em boa situação, seria melhor preservar tanto quanto possível aquelas condições favoráveis; ao contrário, para os lacedemônios, cuja sorte era adversa, seria uma vantagem evidente arriscar um confronto decisivo o mais depressa possível. Persuadiu-os, assim, a mandar embaixadores, um dos quais seria ele mesmo, para instar os lacedemônios, se eles tivessem realmente boas intenções, a devolver Pânacton intacta e Anfípolis e a abandonar a aliança com os beócios – salvo se estes aderissem ao tratado de paz – de conformidade com a cláusula segundo a qual uma das partes não poderia concluir isoladamente qualquer acordo com terceiros sem o consentimento da outra. Os embaixadores foram instruídos para dizerem também que, se os atenienses tivessem querido prejudicar os lacedemônios, já teriam recebido os argivos como aliados, pois seus embaixadores estavam presentes com aquele propósito específico; todas as outras queixas que pretendiam fazer foram incluídas nas instruções a Nícias e seus colegas, e os atenienses os despacharam em seguida para Esparta. Chegando lá e transmitindo suas outras reivindicações, os embaixadores disseram, em conclusão, que salvo se os lacedemônios abandonassem a aliança com os beócios na hipótese de estes não aderirem ao tratado, os atenienses fariam uma aliança com os argivos e seu grupo. Mas os lacedemônios se recusaram a desfazer a aliança com os beócios, prevalecendo a opinião do éforo Xenares e de seus partidários; os juramentos, porém, foram renovados por insistência de Nícias; este, com efeito, receava regressar sem haver conseguido coisa alguma, expondo-se a calúnias – o que de fato aconteceu – por ser considerado responsável pelo tratado com os lacedemônios. Por ocasião de sua volta, ao saberem que nada

havia sido feito na Lacedemônia os atenienses ficaram irritados e, crendo-se lesados e vendo os embaixadores argivos e de seus aliados, casualmente presentes, aparecerem conduzidos por Alcibíades, fizeram uma aliança com eles nas seguintes condições:

47. "Os atenienses, argivos, eleus e mantineus fizeram um tratado por cem anos, por si mesmos e por seus aliados sobre os quais têm autoridade, a ser cumprido sem dolo e sem ofensa, tanto por terra quanto por mar.

"Não será permitido portar armas com ânimo agressivo, seja pelos argivos, eleus e mantineus e seus aliados contra os atenienses e aliados sobre os quais os atenienses têm autoridade, seja pelos atenienses e aliados sobre os quais os atenienses têm autoridade contra os argivos, eleus e mantineus e seus aliados, nem por astúcia, por artifícios.

"Os atenienses, argivos, eleus e mantineus serão aliados por cem anos nas seguintes condições: se inimigos invadirem o território dos atenienses, os argivos, eleus e mantineus socorrerão Atenas, mediante notificação dos atenienses, com todos os meios efetivamente ao seu alcance e até o limite de suas forças; se os invasores se retirarem após devastar as terras, a sua cidade será inimiga dos atenienses, dos argivos, dos eleus e dos mantineus, e sofrerá represálias destas cidades; a cessação de hostilidades contra a cidade agressora não será permitida a qualquer destas cidades a não ser que todas concordem.

"Da mesma forma os atenienses socorrerão Argos, Mantinéia e Élis se inimigos invadirem o território dos eleus, dos mantineus ou dos argivos, mediante notificação de suas cidades, com todos os meios efetivamente ao seu alcance, até o limite de suas forças; se os invasores se retirarem após devastar as terras, sua cidade será inimiga dos atenienses, dos argivos, dos mantineus e dos eleus, e sofrerá represálias destas cidades; a cessação de hostilidades contra a cidade invasora não será permitida a qualquer destas cidades, a não ser que todas concordem.

"Não será permitido o trânsito com armas, com ânimo bélico, quer por seus territórios ou pelos de aliados sobre os quais tenham autoridade, quer por mar, salvo se o trânsito for aprovado por todas as cidades, dos atenienses, dos argivos, dos mantineus e dos eleus.

"Para as tropas de socorro, a cidade que as enviar fornecerá provisões para trinta dias após a sua chegada à cidade que pedir socorro, e nas mesmas condições quando regressarem; se desejar usá-las por um período mais longo, a cidade que pedir socorro fornecerá provisões para as tropas de

infantaria pesada, tropas ligeiras e archeiros à razão de três óbolos eginetas[52] por dia, e para a cavalaria à razão de um dracma egineta[53].

"A cidade que pedir as tropas terá o comando das mesmas sempre que a guerra for em seu território. Quando for julgado conveniente por todas as cidades fazer uma expedição conjunta a qualquer parte, todas as cidades participarão igualmente do comando.

"Os atenienses ratificarão o tratado por si mesmos e por seus aliados, mas os argivos, mantineus e eleus e seus aliados o ratificarão cidade por cidade. Cada uma delas prestará juramento da maneira mais solene, com o sacrifício de vítimas perfeitas. O juramento será o seguinte: "Serei fiel a esta aliança de conformidade com suas estipulações, justamente, sem ofensa e sem dolo, e não a violarei por qualquer astúcia ou artifício".

"O juramento será prestado em Atenas pelo Conselho e pelas autoridades locais, sob a direção dos prítanes; em Argos, pelo Conselho, pelos Oitenta e pelos Artinos[54], sob a direção dos Oitenta; em Mantinéia, pelos demiurgos, pelo Conselho e por outras autoridades, sob a direção dos teoros e dos polemarcas; em Élis, pelos demiurgos e pelos Seiscentos, sob a direção dos demiurgos e dos guardiães das leis.

"Para a renovação do juramento os atenienses irão a Élis, a Mantinéia e a Argos trinta dias antes dos jogos Olímpicos; os argivos, eleus e mantineus irão a Atenas dez dias antes das Grandes Panatenéias[55].

"As estipulações relativas a este tratado, aos juramentos e à aliança serão inscritas em lápides de mármore: pelos atenienses, na acrópole[56]; pelos argivos, na ágora, no templo de Apolo; pelos mantineus na ágora, no templo de Zeus; uma placa de bronze será dedicada conjuntamente por estas cidades nos jogos Olímpicos deste ano.

"Se parecer conveniente a estas cidades fazer acréscimos às presentes estipulações, as decisões tomadas mediante deliberação conjunta serão compulsórias para todas".

48. Foram concluídos desta maneira o tratado e a aliança, mas os compromissos entre os atenienses e os lacedemônios não foram denunciados

[52] Cerca de 16 centavos de dólar.
[53] Cerca de 32 centavos de dólar.
[54] Magistrados locais com atribuições desconhecidas ou pouco definidas; a mesma observação se aplica aos magistrados de Mantinéia e Élis.
[55] Um dos festivais mais importantes de Atenas, celebrado de quatro em quatro anos em homenagem a Atena, padroeira da cidade.
[56] Foi descoberto em 1877 um fragmento da lápide na acrópole. O texto desse fragmento concorda quase totalmente com a transcrição de Tucídides.

por qualquer das partes em conseqüência destes. Os coríntios, embora fossem aliados dos argivos, não aderiram ao novo tratado – mesmo antes deste, quando uma aliança ofensiva e defensiva foi feita entre os eleus, argivos e mantineus, eles não participaram dela, prevendo que estes últimos estariam em guerra ou em paz com os mesmos povos que eles – mas manifestaram satisfação pela primeira aliança defensiva que havia sido feita, ou seja, para socorro mútuo, mas não para atacar conjuntamente qualquer outro povo. Assim os coríntios se separaram de seus aliados e estavam voltando o seu pensamento novamente para os lacedemônios.

49. Naquele inverno se realizaram os jogos Olímpicos[57] nos quais o arcádio Andróstenes obteve a sua primeira vitória na luta livre. Os lacedemônios foram impedidos de entrar no santuário pelos eleus, e por isto não puderam realizar sacrifícios nem competir nos jogos, pois se recusaram a pagar a multa que lhes foi imposta de acordo com o regulamento olímpico pelos eleus (estes alegaram que os lacedemônios haviam atacado a fortaleza eléia de Fircos e enviado um destacamento de hoplitas a Lêpreon durante a trégua olímpica[58]. A multa era de duas mil minas[59], ou seja, duas minas para cada hoplita segundo o regulamento. Os lacedemônios enviaram emissários e reclamaram que a multa havia sido imposta injustamente, alegando que a trégua ainda não havia sido proclamada na Lacedemônia quando tinham mandado os hoplitas. Os eleus replicaram que a trégua já estava em vigor em seu país, pois a proclamaram primeiro entre eles, e enquanto estavam quietos, desprevenidos contra qualquer ataque por ser época de trégua, os lacedemônios haviam empreendido de surpresa aquela ação desleal. Os lacedemônios contestaram que os eleus não teriam mais necessidade de comunicar-lhes a trégua se já os considerassem culpados; se o fizeram foi porque não pensavam assim, e além disto os lacedemônios em parte alguma haviam usado suas armas contra eles após a proclamação da trégua. Os eleus insistiram nas mesmas acusações, dizendo que os lacedemônios jamais os convenceriam de sua inocência; se, porém, estivessem dispostos a devolver Lêpreon, desistiriam de sua própria metade da multa, e o que fosse devido aos deuses eles mesmos pagariam em nome dos lacedemônios.

---

[57] Ano 1 da 90.ª Olimpíada = 420 a.C.

[58] O mês em que se realizavam os jogos Olímpicos era sagrado e todas as atividades bélicas eram suspensas naquele período. Entrar no território da Élida, onde ficava Olímpia, durante aquele mês, era considerado um sacrilégio.

[59] Cerca de US$ 34.000.

50. Estes não deram ouvidos à proposta e então os eleus disseram que não teriam de devolver Lêpreon, se se opunham a isto, mas como desejavam insistentemente ter acesso ao santuário, deveriam ir até o altar de Zeus Olímpio e jurar na presença dos helenos que pagariam a multa posteriormente. Mas nem isto os lacedemônios quiseram fazer, e conseqüentemente o templo, os sacrifícios e as competições lhes foram interditas e eles realizaram os sacrifícios em seus próprios alojamentos; os demais helenos, exceto os lepreatas, enviaram representantes aos jogos. Mesmo assim os eleus, temendo que os lacedemônios abrissem caminho à força para oferecer os sacrifícios, puseram de guarda um grupo de jovens armados; mil argivos e outros tantos mantineus acorreram também para ajudá-los, além de cavalerianos atenienses que estavam em Harpina[60] aguardando os jogos. Os espectadores ficaram muito apreensivos temendo que os lacedemônios pudessem aparecer armados, especialmente pelo fato de o lacedemônio Licas filho de Arcesílaos haver sido vergastado pelos árbitros na pista hípica, porque quando a sua parelha de cavalos venceu e foi anunciada como pertencente aos beócios (ele não tinha o direito de competir por ser lacedemônio) Licas avançou até a pista e coroou o condutor, querendo mostrar que o carro era seu[61]. Todos ficaram ainda mais apreensivos e parecia que iriam ocorrer desordens, mas os lacedemônios ficaram quietos e os jogos prosseguiram normalmente. Após os jogos Olímpicos os argivos e seus aliados foram até Corinto para pedir a sua adesão, e por acaso também estavam lá emissários lacedemônios. Foram feitas muitas propostas, mas nada se concretizou, porque houve um terremoto e todos se dispersaram em direção às suas respectivas cidades. E o verão acabou.

51. Durante o inverno subseqüente travou-se uma batalha entre os heracleotas da Traquínia e os ênios, dôlopes, málios e alguns tessálios. Estes últimos eram de tribos vizinhas hostis à cidade de Heracléia, pois a fortaleza existente lá fora instalada com o objetivo exclusivo de ameaçar-lhes o território. Por isto, desde a fundação de Heracléia essas tribos começaram a demonstrar a sua oposição, molestando-a tanto quanto podiam. Desta vez elas finalmente derrotaram os heracleotas e mataram Xenares filho de Cnidis, um lacedemônio que os comandava, além de alguns heracleotas. Assim terminou o inverno, e com ele o décimo segundo ano desta guerra.

---

[60] No vale do rio Alfeus, a cerca de 3,5 km de Olímpia.

[61] Este episódio é mencionado por Xenofonte com mais detalhes, no capítulo 2 do livro III das Helênicas.

52. Logo no início do verão subseqüente[62], aproveitando-se da situação calamitosa em que se encontrava Heracléia após a batalha, os beócios a ocuparam e expulsaram o lacedemônio Hegesípidas, a pretexto de ele não estar realizando um governo satisfatório. Na realidade eles ocuparam o lugar com receio de que, enquanto os lacedemônios estivessem às voltas com os problemas do Peloponeso, os atenienses pudessem tomá-lo; de qualquer forma os lacedemônios ficaram agastados com eles por causa daquela atitude.

Durante o mesmo verão Alcibíades, filho de Clínias, então comandante dos atenienses, agindo em conexão com os argivos e seus aliados, dirigiu-se para o Peloponeso com alguns hoplitas e archeiros atenienses e, levando consigo aliados da região, ajudou a acertar algumas pendências relativas à aliança enquanto percorria o Peloponeso com suas tropas[63]; chegando a Patras, persuadiu os habitantes a prolongar suas muralhas até o mar, e ele mesmo quis construir outra fortaleza em Ríon Acaia[64]. Os coríntios, todavia, juntamente com os siciônios e todos os povos ameaçados pela perspectiva da construção de uma fortaleza em Ríon, marcharam para lá e impediram a execução do plano.

53. Durante o mesmo verão começou a guerra entre os epidáurios e os argivos. O motivo alegado foi que os epidáurios não estariam mandando as oferendas para o sacrifício a Apolo Piteus, que lhes incumbia fornecer como pagamento pelo direito de pasto (os argivos tinham autoridade suprema sobre o santuário); independentemente desse motivo, Alcibíades e os argivos acharam conveniente, se pudessem, trazer Epídauros para seu poder para manter Corinto acomodada e por pensarem que os atenienses poderiam trazer ajuda a Argos por um caminho mais curto, tendo Egina como base, do que contornando Cilêon com suas naus. Os argivos então se prepararam para invadir Epídauros como se por iniciativa própria para reclamar as oferendas devidas.

54. Mais ou menos na mesma época os lacedemônios também marcharam com todas as suas forças para Leuctra situada em suas próprias fronteiras, na direção do monte Líceon, sob o comando do rei Ágis filho de Arquídamos; ninguém sabia para onde eles estavam marchando, nem sequer as cidades de onde vinham. Como os sacrifícios para a travessia da fronteira não foram propícios, voltaram para as suas cidades e mandaram dizer aos

[62] 419 a.C.
[63] A propósito do sucesso de Alcibíades, veja-se Isócrates, Oração XVI, § 15.
[64] Na boca do golfo Coríntio.

seus aliados que se preparassem para combater no mês seguinte (estavam no mês Cárneio[65], sagrado para os dórios). Após a sua volta os argivos puseram-se em marcha no vigésimo sétimo dia do mês anterior ao Cárneio e continuando a contar como se estivessem no mesmo dia o tempo todo[66], invadiram Epídauros e começaram a devastar-lhe o território. Os epidáurios pediram ajuda aos seus aliados, mas alguns deles alegaram o caráter sagrado do mês como desculpa, enquanto outros simplesmente chegaram à fronteira da Epidáuria e lá permaneceram quietos.

55. Na ocasião em que os argivos estavam em território epidáurio, chegaram juntos a Mantinéia emissários de diferentes cidades, a convite dos atenienses. Durante a conferência que se seguiu o coríntio Eufâmidas disse que as palavras dos argivos não eram condizentes com seus atos, pois enquanto estavam sentados ali para tratar de paz, os epidáurios com seus aliados estavam tendo de recorrer às armas para enfrentá-los; deveriam ir antes ao campo de batalha e separar as tropas dos dois lados, e só então poderiam voltar e falar sobre a paz. Aceitando a sugestão, os representantes das várias cidades foram a Epídauros e induziram os argivos a retirar-se da Epidáuria; em seguida voltaram todos juntos ao mesmo lugar, mas ainda não puderam chegar a um acordo e os argivos invadiram novamente a Epidáuria e continuaram a devastá-la. Os lacedemônios também marcharam contra Carias, mas os sacrifícios para a travessia da fronteira ainda não se mostraram propícios e eles voltaram. Os argivos, após devastar cerca de um terço da Epidáuria, regressaram igualmente à sua terra. Mil hoplitas atenienses tinham vindo ajudá-los sob o comando de Alcibíades, pois este soubera que os lacedemônios estavam em marcha; como já não havia necessidade de sua ajuda, eles se retiraram. E assim terminou o verão.

56. Durante o inverno subseqüente os lacedemônios, sem ser percebidos pelos atenienses, mandaram uma guarnição de trezentos homens por mar para Epídauros, sob o comando de Hagesípidas. Os argivos, indo a Atenas, queixaram-se de que, embora estivesse escrito no tratado que os atenienses não permitiriam a passagem de inimigos através de seu território[67], eles tinham deixado os lacedemônios passar ao longo de seu litoral; por isso, a não

[65] Correspondente em linhas gerais a agosto.
[66] Chamaram todos os dias seguintes de 27 enquanto estavam em território epidáurio, e assim pensavam ter adiado o início do mês subseqüente até a consumação de sua incursão, pois os argivos, por serem também de ascendência dória, queriam respeitar, ao menos formalmente, o caráter sagrado do mês Cárneio.
[67] Veja-se o capítulo 47 deste livro.

ser que os atenienses levassem os messênios e hilotas para Pilos com o objetivo de ameaçar os lacedemônios, eles se sentiriam ofendidos. Então os atenienses, por sugestão de Alcibíades, inscreveram na base da lápide do tratado com Esparta que os lacedemônios não haviam respeitado seus juramentos, e levaram para Pilos os hilotas de Crânion[68]; de lá eles sairiam para saquear a região. Quanto aos outros pontos, todavia, permaneceram quietos. Durante aquele inverno, embora os argivos e epidáurios estivessem em guerra, não houve batalhas regulares, mas apenas emboscadas e incursões, e nas quais alguns combatentes de cada lado pereceram. Como o inverno estava terminando e a primavera se aproximava, os argivos chegaram a Epídauros com escadas próprias para acesso a muralhas; pretendiam atacar a cidade, esperando encontrá-la desguarnecida por causa da guerra, e em condições, portanto, de ser tomada de assalto, mas nada conseguiram e se retiraram. Assim terminou o inverno, e com ele o décimo terceiro ano da guerra.

57. No meio do verão subseqüente os lacedemônios, vendo que seus aliados epidáurios estavam em situação difícil e que algumas cidades do Peloponeso se haviam revoltado, enquanto outras manifestavam insatisfação, e ponderando que se não fossem tomadas imediatamente medidas preventivas o mal se alastraria, marcharam contra Argos com todas as suas forças, eles mesmos e seus hilotas; comandava-os Ágis filho de Arquídamos, rei dos lacedemônios. Com eles foram os tegeatas e todos os outros arcádios aliados dos lacedemônios. Os aliados do resto do Peloponeso e os de fora se reuniram em Flios; eram cinco mil hoplitas beócios e outros tantos soldados com armas leves, mais quinhentos cavalerianos, cada um com seu auxiliar a pé, mais dois mil hoplitas coríntios, mais os aliados restantes em número variável, mais os fliásios com todas as suas forças, pois as tropas estavam em seu território.

58. Desde o princípio os argivos tinham conhecimento dos preparativos dos lacedemônios, e quando estes marcharam para Flios, onde pretendiam juntar-se às tropas restantes, eles também saíram dispostos a combater. Os mantineus vieram apoiá-los com seus aliados e três mil hoplitas eleus. Em seu avanço encontraram os lacedemônios em Metídrion, na Arcádia. Cada lado tomou posição em uma colina e os argivos se prepararam para enfrentar os lacedemônios, esperando encontrá-los ainda sós; Ágis, porém, levantou acampamento durante a noite sem ser notado e marchou para Flios

[68] Veja-se o capítulo 35 deste livro.

a fim de juntar-se ao resto dos aliados. Os argivos, percebendo pouco depois essa manobra, puseram-se em marcha ao raiar o dia, primeiro na direção de Argos e depois seguindo a estrada de Neméia, para onde esperavam que os lacedemônios descessem com seus aliados. Ágis, todavia, não tomou o caminho pelo qual esperavam que ele viesse mas, dando instruções aos lacedemônios, arcádios e epidáurios, avançou por uma trilha mais difícil e desceu para a planície argiva. Os coríntios, pelênios e fliásios avançaram por outra estrada íngreme. Os beócios, megáricos e siciônios haviam sido instruídos para descer pela estrada de Neméia, onde estavam os argivos, a fim de que, se estes atacassem suas forças principais enquanto avançavam para a planície, eles pudessem ameaçar-lhes a retaguarda e usar a cavalaria contra os mesmos. Distribuindo as suas tropas nessa ordem, Ágis desceu pela planície e começou a devastar Sâmintos e outros lugares.

59. Os argivos notaram este movimento e, sendo já dia claro, vieram de Neméia para ajudar os seus aliados; lançando-se sobre as forças dos fliásios e coríntios, mataram alguns fliásios, mas um número maior de seus homens foi morto pelos coríntios. Ao mesmo tempo os beócios, megáricos e siciônios avançaram em direção a Neméia, de acordo com as instruções recebidas, mas já não acharam os argivos lá; estes haviam descido e, vendo o seu território atacado, preparavam-se para a batalha, enquanto os lacedemônios se organizavam para enfrentá-los. Os argivos se viram cercados de inimigos por todos os lados: na direção da planície os lacedemônios e seus acompanhantes os isolavam da cidade; mais acima estavam os coríntios, fliásios e pelênios; na direção de Neméia encontravam-se os beócios, siciônios e megáricos. Os argivos não dispunham de cavalaria, pois de todos os aliados só os atenienses[69] ainda não haviam chegado. As tropas argivas em sua maioria e seus aliados não achavam aquela situação tão terrível quanto parecia; acreditavam que a batalha seria travada em circunstâncias favoráveis, com os lacedemônios sem comunicação com seu território e perto da cidade de Argos. Dois argivos, porém – Trásilos, um dos cinco comandantes, e Alcífron, próxeno dos lacedemônios – quando os dois exércitos estavam na iminência de entrar em combate, foram até onde se encontrava Ágis e lhe pediram para não iniciar a batalha; os argivos, segundo eles, prontificavam-se a oferecer e aceitar uma arbitragem justa e eqüidistante em relação a qualquer queixa dos lacedemônios contra eles, e quanto ao resto se dispunham a concluir um tratado e fazer a paz.

[69] Os argivos contavam com a cavalaria ateniense; veja-se o capítulo 61 deste livro.

60. Os argivos que disseram aquelas palavras falaram por sua própria conta e não por ordem do povo; Ágis, apesar de receber as propostas sozinho e sem conferenciar com a maioria, e sem qualquer outra providência de sua parte além da comunicação dos entendimentos a apenas um dos magistrados que acompanhavam a expedição, acertou uma trégua com os argivos por quatro meses, durante os quais eles deveriam cumprir suas promessas. Em seguida Ágis retirou as suas tropas sem dar qualquer explicação aos aliados. Os lacedemônios e seus aliados obedeceram à sua determinação por respeito à lei, mas entre eles criticaram veementemente Ágis, considerando que quando se lhes apresentava uma oportunidade para travar batalha em circunstâncias favoráveis, com os argivos cercados por todos os lados pela cavalaria e pela infantaria, iriam retirar-se sem fazer coisa alguma à altura de seus preparativos. Aquelas eram realmente as melhores forças helênicas jamais reunidas até então; isto podia ser visto especialmente enquanto elas estavam reunidas em Neméia, incluindo os lacedemônios com todas as suas tropas, os arcádios, os beócios, os coríntios, os siciônios, os pelênios, os fliásios e os megáricos, todos eles homens escolhidos de cada cidade, julgando-se capazes de enfrentar não somente a aliança argiva, mas também outra força igual somada àquela. As tropas retiraram-se, então, queixando-se de Ágis daquela maneira, e se dispersaram de volta às suas respectivas cidades. Os argivos por sua vez, também condenavam ainda mais veementemente aqueles que tinham negociado sem o consentimento do povo, pois pensavam igualmente que os lacedemônios haviam escapado quando as circunstâncias não podiam ser mais favoráveis à aliança argiva; com efeito, o confronto seria nas proximidades de Argos e com a presença de numerosos e bravos aliados. Por isso, na marcha de volta começaram a apedrejar Trásilos no Cáradros[70], onde antes da entrada da cidade são julgadas as causas oriundas de uma expedição; ele, porém, conseguiu fugir e foi refugiar-se junto a um altar, salvando-se, mas seus bens foram confiscados.

61. Mais tarde, quando chegaram os reforços atenienses constituídos de mil hoplitas e trezentos cavalerianos sob o comando de Laques e Nicóstratos, os argivos, que apesar de tudo hesitavam em romper a trégua com os lacedemônios, disseram-lhes para retirar-se, não concordando com seu desejo de serem levados à presença do povo para negociações, até que os mantineus e eleus, também presentes, os compeliram a ceder. Então os atenienses, por intermédio de Alcibíades, presente na qualidade de embaixa-

[70] Perto da base da muralha a nordeste da cidade de Argos.

dor, declararam diante dos argivos e de seus aliados que não fora correta a negociação da trégua sem a concordância dos aliados; agora, já que eles mesmos estavam presentes em boa hora, deveriam reiniciar a guerra. Conseguindo convencer os aliados com seus argumentos, marcharam imediatamente com todos eles exceto os argivos contra Orcômenos, na Arcádia; os argivos, embora convencidos, ficaram para trás de início, mas depois também seguiram. Tomando posição diante de Orcômenos, começaram a cercá-la e a realizar investidas, especialmente desejosos de apoderar-se dela porque os lacedemônios haviam levado para lá reféns da Arcádia. Os orcomênios, todavia, temerosos por causa da precariedade das muralhas e do número dos inimigos, e com receio de perecerem antes da chegada de socorro, capitularam sob a condição de serem recebidos como aliados, de darem reféns escolhidos entre eles mesmos aos mantineus e de libertarem aqueles que os lacedemônios haviam deixado lá.

62. Posteriormente, já de posse de Orcômenos, os aliados deliberaram sobre a cidade que deveriam atacar em seguida entre os objetivos restantes. Os eleus os instaram a marchar contra Lêpreon e os mantineus contra Tegéia; os argivos e os atenienses apoiaram os mantineus. Os eleus, então, irritados porque o voto não foi favorável à ida contra Lêpreon, retiraram-se para as suas cidades; os demais aliados iniciaram os preparativos em Mantinéia para marcharem contra Tegéia, e até alguns habitantes desta cidade, segundo se dizia, estariam agindo no sentido de pô-la em suas mãos.

63. Os lacedemônios, voltando de Argos após a conclusão da trégua de quatro meses, queixaram-se enfaticamente de Ágis por não haver dominado aquela cidade, apesar da ótima ocasião, que eles mesmos julgavam sem precedentes, pois não havia sido fácil reunir tantos e tão bons aliados. Ao receber notícias da captura de Orcômenos, eles ficaram ainda mais indignados, e em sua cólera, contrariamente aos seus hábitos, resolveram destruir imediatamente a casa de Ágis e multá-lo em dez mil dracmas[71]. Ele os exortou a não fazerem aquilo, prometendo reduzir a nada as acusações graças a um feito brilhante quando saísse novamente para combater; se assim não fosse, eles poderiam então fazer o que quisessem. Diante disto eles recuaram quanto à multa e à destruição da casa, mas promulgaram uma lei sem precedentes, para aplicação imediata, estipulando a escolha de dez espartiatas

[71] Cerca de US$ 1.400.

para atuarem como conselheiros junto a Ágis[72], que não teria autoridade para conduzir um exército fora da cidade sem a tutela dos mesmos.

64. Ao mesmo tempo chegou-lhes uma mensagem de seus amigos de Tegéia dizendo que, se eles não viessem imediatamente, Tegéia aderiria aos argivos e seus aliados (na realidade, a cidade já havia praticamente tomado essa atitude). Diante daquela situação os lacedemônios enviaram uma expedição a Tegéia, composta de seus próprios soldados e dos hilotas em massa, com uma rapidez e em escala nunca vistas antes. As tropas avançaram para Orêstion e Menália e eles deram ordens a seus aliados entre os arcádios para se reunirem e seguirem logo depois deles para Tegéia. Após marcharem todos juntos até Orêstion, mandaram de volta um sexto de suas forças – no qual estavam os homens mais idosos e os mais jovens – para guarnecer a cidade, e com o resto de seu exército chegaram a Tegéia, onde não muito tempo depois vieram juntar-se a eles os aliados da Arcádia. Expediram mensagens também a Corinto e aos beócios, foceus e lócrios pedindo-lhes para se dirigirem a toda pressa a Mantinéia. Para alguns a convocação foi inesperada, e não lhes foi fácil, sem estar reunidos e ficando uns na expectativa dos outros, atravessar o território do inimigo, que lhes barrava a passagem. Mas apesar de tudo apressaram-se. Nesse ínterim os lacedemônios, levando os aliados arcádios que estavam presentes, invadiram Mantinéia e, acampando no santuário de Héracles, começaram a devastar a região.

65. Os argivos e seus aliados, diante disto, foram para uma posição elevada e de difícil acesso e se prepararam para o combate. Os lacedemônios marcharam imediatamente contra eles, avançando até um ponto ao alcance de uma pedrada ou do lançamento de um dardo; então um dos soldados mais idosos, percebendo que iriam atacar um local naturalmente protegido, alertou Ágis, gritando-lhe que estava pensando em curar um mal com outro, querendo dizer que o motivo daquela pressa inoportuna era o desejo de reabilitar-se de sua malsinada retirada de Argos. Ágis, então, por causa desse aviso ou pela súbita percepção de que outro procedimento poderia ser melhor que o planejado, retirou-se imediatamente com suas tropas sem engajar-se em combate. Ao atingir o território de Tegéia ele começou a desviar para o território de Mantinéia o curso de um córrego, que era a causa da guerra constante entre os mantineus e os tegeatas, em conseqüência do mal que ele

[72] Para medidas semelhantes, vejam-se os capítulos 75 do livro II, 69 do livro III e 39 do livro VIII.

causa às terras por onde passa. Ágis queria compelir as tropas localizadas na colina a descerem logo que recebessem a notícia, para evitar o desvio das águas, forçando-as, assim, a lutar na planície. Durante aquele dia ele permaneceu nas vizinhanças do córrego, ocupado nas obras de desvio. Os argivos e seus aliados de início ficaram surpresos com a súbita retirada de seus adversários depois de chegarem tão perto, e estavam em dúvida quanto a atitude a tomar; depois, quando o inimigo se retirou para além do alcance de suas vistas enquanto eles permaneceram parados em vez de segui-lo, voltaram a criticar seus comandantes porque anteriormente haviam dado aos lacedemônios, apanhados em circunstâncias favoráveis perto de Argos, uma oportunidade de escapar, e agora, quando estavam fugindo, ninguém os perseguira; ao contrário, o inimigo se afastou tranqüilamente, enquanto eles estavam sendo traídos. Os comandantes ficaram confusos por alguns momentos, mas logo depois desceram da colina com suas tropas e, avançando para a planície, acamparam lá, com o propósito de avançar contra o inimigo.

66. No dia seguinte os argivos e seus aliados se puseram na formação em que pretendiam combater se encontrassem o inimigo; os lacedemônios, afastando-se do córrego e voltando ao seu acampamento anterior no santuário de Héracles, viram subitamente o inimigo bem próximo, já em formação de combate e ocupando uma posição avançada longe da colina. Nunca os lacedemônios, tanto quanto podiam lembrar, sentiram uma perplexidade comparável à daquele momento. Seus preparativos teriam de ser feitos em tempo exíguo, mas mesmo diante da premência de tempo alinharam-se rapidamente e em ordem; o próprio rei Ágis dirigia cada movimento segundo as prescrições da lei. Com efeito, quando um rei comanda todas as ordens partem dele; ele dá as instruções necessárias aos polemarcos[73], estes aos comandantes dos batalhões, estes aos comandantes das companhias, estes aos comandantes dos pelotões. As ordens especiais, se desejam dar alguma, obedecem ao mesmo procedimento e chegam rapidamente ao seu destino, pois quase todo o exército lacedemônio se compõe de comandantes hierarquicamente organizados e a responsabilidade da execução das ordens se reparte por muitos.

67. Naquela ocasião foram colocados na ala esquerda os ciritas, os únicos lacedemônios que ocupam sempre essa posição; em seguida a eles vinham os soldados que haviam servido com Brasidas na Trácia, e com eles

[73] Comandantes de seis batalhões; veja-se Xenofonte, *Constituição dos Lacedemônios,* capítulo 11.

os neodamodes[74]; seguiam-se os próprios lacedemônios, com seus batalhões sucedendo-se uns aos outros, e depois os hereus da Arcádia; finalmente vinham os menálios. Na ala direita estavam os tegeatas, com alguns lacedemônios fechando as fileiras. A cavalaria se dividia pelas duas alas. Esta era a disposição dos lacedemônios. Do lado oposto os mantineus ocupavam a ala direita, porque a ação se desenrolava em seu território; em seguida estavam os seus aliados arcádios; depois vinham os mil argivos de elite, aos quais a cidade há muito tempo proporciona a expensas do erário o preparo para a guerra; logo após estavam os argivos restantes; seguiam-se os seus aliados cleoneus e orneatas; finalmente vinham os atenienses, na ala esquerda, e com eles a sua cavalaria.

68. Estas eram a ordem e a disposição de ambos os lados. O exército lacedemônio parecia maior, mas não posso fornecer os números exatos de cada lado, seja dos contingentes separados, seja do total. Com efeito, por causa da confidencialidade característica de sua forma de governo o número dos lacedemônios era desconhecido, e o atribuído aos outros, devido à tendência dos homens para exagerar a sua própria força, era duvidoso. Pela forma seguinte de cálculo, todavia, pode-se fazer uma idéia do número de lacedemônios presentes: havia sete batalhões preparados para combater, sem contar os ciritas, que eram seiscentos; em cada batalhão havia quatro companhias de cinqüenta, e em cada companhia quatro pelotões; na primeira fila de cada companhia combatiam quatro homens; em profundidade, porém, eles não estavam distribuídos de maneira idêntica, e sim de acordo com a preferência de cada comandante de batalhão – em média, oito em profundidade. Ao todo, portanto, excluídos os ciritas, a primeira linha consistia de quatrocentos e quarenta e oito homens[75].

69. Quando estavam a ponto de engajar-se em combate os vários contingentes foram exortados por seus respectivos comandantes da maneira seguinte: aos mantineus foi dito que a batalha seria por sua pátria e, mais ainda, pelo domínio ou pela servidão; não deveriam consentir em ser privados do primeiro depois de havê-lo experimentado, e não deveriam expor-se a provar novamente a segunda; aos argivos, que o confronto seria por sua antiga hegemonia[76] e pela igualdade de influência que haviam exercido

[74] Veja-se o capítulo 34 deste livro.
[75] O total geral seria portanto 448 X 8 = 3.584, mais 600 ciritas = 4.184.
[76] Sob o comando de Agamêmnon, na época da guerra de Tróia.

no Peloponeso[77], da qual não deveriam ser privados para sempre, e ao mesmo tempo deveriam vingar-se de muitas injustiças de parte de homens que eram inimigos e seus vizinhos; aos atenienses, que era glorioso, lutando ao lado de muitos e bravos aliados, não ser inferiores a qualquer inimigo; se vencessem os lacedemônios no Peloponeso, teriam um império ainda maior e o manteriam com maior segurança, e ninguém jamais voltaria a invadir o seu território. Estas foram em resumo as exortações dirigidas aos argivos e seus aliados por seus comandantes. Os lacedemônios animavam-se uns aos outros, valendo-se também de seus hinos de guerra, rememorando em suas fileiras os feitos conhecidos de homens valorosos, por saberem que a prática ininterrupta significa mais para a sua salvação que quaisquer palavras de exortação na última hora, por mais belas que sejam.

70. Logo após começou o combate; os argivos e seus aliados avançaram acelerada e impetuosamente, enquanto os lacedemônios marchavam lentamente, ao som da música de muitos flautistas distribuídos entre eles de acordo com a tradição, não por motivos religiosos, mas para poderem marchar com o passo certo e sem desfazer a formação, como acontece quando grandes exércitos estão a caminho do combate.

71. Enquanto suas tropas ainda estavam avançando o rei Ágis resolveu executar a seguinte manobra: todos os exércitos tendem, quando se enfrentam, a desviar-se mais para a direita, e ambos os lados se estendem com sua ala direita além da ala esquerda de seus oponentes, porque devido ao temor cada homem leva o seu lado desprotegido tanto quanto possível para trás do escudo colocado imediatamente à sua direita, pensando que quanto mais juntos estiverem os escudos tanto maior será a sua proteção. O primeiro homem da ala direita é o maior responsável por isto, pois ele sempre quer afastar do inimigo o seu lado desprotegido, e os restantes, por idêntico temor, seguem-lhe o exemplo. Assim, desta vez os mantineus estenderam-se com sua ala direita até muito além dos ciritas, e os lacedemônios e tegeatas ainda mais, além dos atenienses, principalmente porque suas tropas eram mais numerosas. Por isto Ágis, temendo o cerco de sua ala esquerda e pensando que os mantineus estavam estendendo-se demais, deu ordens aos ciritas e aos soldados de Brasidas para aumentarem a distância em relação ao grosso das tropas e igualarem as suas linhas com as dos atenienses; ordenou também a dois polemarcos (Hiponoídas e Arístocles) que cruzassem com

[77] Antes das guerras persas.

duas companhias a partir da ala direita e penetrassem no espaço assim aberto, imaginando que sua ala direita ainda ficaria com um número mais que suficiente de homens, e que a linha oposta aos mantineus ficaria reforçada.

72. Aconteceu porém que, como ele deu esta ordem no momento exato do ataque e inesperadamente, Arístocles e Hiponoídas se recusaram a fazer a penetração (eles foram depois exilados de Esparta por causa deste procedimento pois foram considerados covardes); o adversário teve tempo, então, de efetuar o contato. Como as companhias não se deslocaram para substituir os ciritas, estes receberam ordens de Ágis para juntar-se novamente ao grosso das tropas, mas eles já não puderam cumprir as ordens. Surpreendentemente os lacedemônios, que se tinham mostrado inferiores sob todos os aspectos em termos de habilidade tática, demonstraram naquela ocasião que apesar de tudo eram superiores em coragem. Realmente, quando se engajaram em combate corpo a corpo com o inimigo, a ala direita dos mantineus forçou os ciritas e os soldados de Brasidas a recuar, e então os mantineus e seus aliados e os mil argivos de elite, avançando para o espaço que não havia sido fechado, começaram a massacrar os lacedemônios; cercando-os e pondo-os em fuga, empurraram-nos para o local onde estavam as carroças bagageiras e mataram alguns soldados mais idosos que estavam de guarda naquele setor. Ali, então, os lacedemônios levaram a pior; no resto da frente, porém, e especialmente no centro, onde estavam o rei Ágis e, em volta dele, os chamados "trezentos cavaleiros"[78] precipitaram-se sobre os soldados argivos mais idosos (as chamadas Cinco Companhias), sobre os cleoneus, os orneatas e os atenienses distribuídos entre eles e os puseram em fuga. Muitos nem sequer entraram em luta, mas debandaram quando os lacedemônios se aproximaram, sendo alguns pisoteados em sua precipitação para se afastarem antes de ser superados em velocidade pelos lacedemônios.

73. No momento em que as tropas dos argivos e de seus aliados cederam, suas linhas estavam prestes a ser rompidas em ambas as direções, e ao mesmo tempo a ala direita dos lacedemônios e tegeatas estava começando a cercar os atenienses, devido ao afastamento destes em relação ao grosso das tropas; nestas circunstâncias o perigo os ameaçava por ambos os lados, pois estavam sendo cercados em um setor e já haviam sido derrotados em outro.

[78] Escolhidos entre o que havia de melhor na juventude espartana e servindo de guarda real, tanto a pé quanto a cavalo.

Sem dúvida teriam sofrido mais que qualquer outro corpo do exército se sua cavalaria não estivesse presente e não os tivesse ajudado tanto. Ocorreu também que Ágis, percebendo que a ala esquerda de suas forças, oposta aos mantineus e aos mil argivos, estava em dificuldades, ordenou a todo o exército que fosse socorrer a parte ameaçada de derrota. Quando isto foi feito, os atenienses, vendo as tropas inimigas passar e se afastar deles, escaparam calmamente em companhia dos remanescentes das tropas argivas que haviam levado a pior. Os mantineus e seus aliados, por sua vez, e as tropas de elite dos argivos, já não estavam dispostos a pressionar o inimigo, e vendo seu lado derrotado e os lacedemônios fustigando-os, deram meia volta e fugiram. As perdas dos mantineus foram muito elevadas, mas a maior parte dos argivos de elite salvou-se. As tropas em fuga não foram perseguidas renhidamente, nem a retirada se estendeu por longa distância, pois os lacedemônios combatem prolongada e denodadamente, mantendo as posições até derrotarem o inimigo, mas depois de pô-los em fuga suas perseguições são breves e por uma distância não muito longa.

74. A batalha, descrita da maneira mais fiel possível, foi a maior das travadas entre forças helênicas durante um longo período, e dela participaram as cidades mais famosas. Os lacedemônios, pondo as armas no chão em frente aos cadáveres dos adversários, ergueram imediatamente um troféu e saquearam os mortos; em seguida recolheram os seus próprios mortos e se retiraram para Tegéia, onde os enterraram, devolvendo os do inimigo mediante trégua. Morreram setecentos argivos, orneatas e cleoneus, duzentos mantineus e duzentos atenienses e eginetas (inclusive ambos os seus generais). Do lado dos lacedemônios os aliados não sofreram perdas dignas de menção; quanto aos próprios lacedemônios foi difícil apurar a verdade, mas dizem que morreram quase trezentos.

75. Pouco antes de a batalha ser travada, Plistoânax, o outro rei, partiu de Esparta com os homens mais idosos e os mais jovens[79] para apoiar as tropas lacedemônias; chegou perto de Tegéia, mas retirou-se ao saber da vitória. Os aliados de Corinto e de fora do istmo[80] também voltaram depois de encontrar mensageiros mandados pelos lacedemônios, que já se haviam retirado e, dispensando os seus aliados, foram participar das festas Cárneias, que estavam sendo celebradas naquela ocasião. As acusações feitas

[79] Veja-se o capítulo 64 deste livro.
[80] Veja-se o capítulo 64 deste livro.

contra eles pelos helenos anteriormente, seja de covardia por causa do desastre da ilha de Sfactéria, seja de indecisão e lentidão, perderam o sentido diante deste único feito; as censuras se deviam apenas à má sorte, pois quanto ao ânimo os lacedemônios continuavam os mesmos.

Na véspera dessa batalha os epidáurios invadiram em massa o território de Argos, esperando encontrá-lo indefeso, e mataram muitos dos que haviam sido deixados lá como guardas quando o grosso das tropas argivas tinha partido; então, como três mil hoplitas eleus tinham vindo em socorro dos mantineus após a batalha, além de mil atenienses em adição a seu contingente anterior, todos estes aliados marcharam imediatamente contra Epídauros, enquanto os lacedemônios celebravam as Cárneias, e começaram a construir uma muralha em torno da cidade, dividindo o trabalho entre eles. Todos desistiram de sua parte, menos os atenienses, que terminaram prontamente as obras de fortificação do promontório onde está situado o Héreon[81], que lhes coubera na partilha do trabalho. Naquele ponto da fortificação eles deixaram uma guarnição, para a qual todos contribuíram, e logo se retiraram para as suas respectivas cidades. E assim findou aquele verão.

76. Nos primeiros dias do inverno subseqüente os lacedemônios, depois de celebrarem as Cárneias, saíram com um exército e chegaram a Tegéia, de onde mandaram a Argos propostas de paz. Antes disso já havia partidários deles em Argos desejosos de abolir a democracia lá, e após a batalha esses partidários estavam numa posição mais favorável para persuadir o povo a chegar a um acordo com Esparta; eles queriam concluir primeiro um tratado de paz com os lacedemônios, logo depois uma aliança e finalmente abolir a democracia. Chegou então a Argos Licas filho de Arcesílaos, próxeno dos argivos, trazendo duas propostas dos lacedemônios: uma no caso de Argos querer a guerra e outra na hipótese de preferir a paz. Depois de muitas discussões, pois Alcibíades por coincidência estava presente, os partidários dos lacedemônios, agora ousando agir abertamente, persuadiram os argivos a aceitar a proposta de conciliação, cujo texto era o seguinte:

77. "A assembléia dos lacedemônios houve por bem fazer um acordo com os argivos nas seguintes condições:

"Os argivos devolverão aos orcomênios as suas crianças[82], aos menálios os seus homens e aos lacedemônios os homens confinados pelos argivos

[81] Templo dedicado a Hera.

[82] Veja-se o capítulo 61 deste livro, para os orcomênios (explicitamente) e para os menálios (implicitamente).

em Mantinéia. Evacuarão também Epídauros e demolirão as suas fortificações. Se os atenienses não se retirarem de Epídauros serão inimigos dos argivos e dos lacedemônios, e dos aliados dos argivos e dos lacedemônios.

"Se os lacedemônios tiverem eventualmente crianças em custódia, devolvê-las-ão a todas as cidades de onde as mesmas vieram.

"Quanto às oferendas ao deus[83], se os lacedemônios quiserem poderão obrigar os epidáurios a fazer um juramento; se não quiserem, eles mesmos assumirão um compromisso.

"As cidades do Peloponeso, tanto as pequenas quanto as grandes, serão independentes de conformidade com as suas tradições.

"Se qualquer povo de fora do Peloponeso marchar contra o território peloponésio com intenções hostis, os peloponésios repelirão o invasor, deliberando em conjunto, da maneira que lhes parecer mais justa.

"Os aliados dos lacedemônios fora do Peloponeso estarão em condições iguais às dos outros aliados dos lacedemônios e dos argivos, e todos conservarão seus próprios territórios.

"Este acordo será submetido aos aliados para ratificação, se lhes parecer conveniente. Se parecer conveniente aos aliados, estes poderão submetê-los às suas respectivas cidades".

78. Os argivos aceitaram logo esta proposta e as tropas lacedemônias deixaram Tegéia de volta às suas cidades. Depois, com as relações entre os dois povos já restabelecidas, os mesmos homens não tardaram a negociar outro acordo segundo o qual os argivos renunciariam à aliança com os mantineus, eleus e atenienses, e concluíram um tratado e uma aliança neste sentido com os lacedemônios nos seguintes termos:

79. "Os lacedemônios e argivos houveram por bem concluir um tratado e uma aliança por cinqüenta anos nas seguintes condições, comprometendo-se a resolver as suas divergências mediante arbitragem, respeitando a igualdade de direitos, de conformidade com os costumes ancestrais.

"As outras cidades do Peloponeso participarão do tratado e da aliança, sendo autônomas e independentes, conservando seus próprios territórios, comprometendo-se, de conformidade com os costumes ancestrais, a submeter-se a arbitragem quanto à igualdade de direitos.

"Os aliados dos lacedemônios fora do Peloponeso estarão em condições iguais às dos lacedemônios; os aliados dos argivos estarão nas mesmas

[83] Apolo Piteu; veja-se o capítulo 53 deste livro.

condições dos argivos, e todos conservarão os seus próprios territórios.

"Se for necessário empreender uma expedição conjunta a qualquer parte, os lacedemônios e os argivos consultar-se-ão e fixarão para os aliados as condições mais justas de participação.

"Se qualquer cidade aliada do Peloponeso ou de fora for envolvida em divergências a propósito de limites ou por qualquer outro motivo, a pendência será resolvida por vias judiciais. Se qualquer cidade aliada desentender-se com outra, as duas recorrerão a uma terceira cidade que ambas considerem imparcial.

"Os cidadãos serão julgados de acordo com os costumes ancestrais".

80. Foram estes o tratado e a aliança concluídos. Todos os territórios conquistados por qualquer das partes na guerra foram devolvidos ou, se havia outro fundamento para qualquer divergência entre as partes, estas chegaram a um acordo a respeito. Agindo agora em conjunto em suas iniciativas, as cidades participantes da aliança decidiram pelo voto que não receberiam arautos ou embaixadas dos atenienses, salvo se estes abandonassem seus fortes e se retirassem do Peloponeso; resolveram também que não negociariam paz nem fariam guerra senão conjuntamente. Os argivos e lacedemônios não somente se dedicaram aos seus projetos com energia renovada, mas também enviaram embaixadores aos territórios trácios e a Perdicas. Persuadiram Perdicas a jurar aliar-se a eles; Perdicas, porém, não se desligou dos atenienses imediatamente, mas preferiu meditar sobre o assunto, já que os argivos haviam feito o mesmo (o próprio Perdicas era de ascendência argiva[84]). Renovaram também seus antigos juramentos com os calcídios e se engajaram em novos. Os argivos mandaram embaixadores a Atenas para pedir aos atenienses que deixassem a fortaleza de Epídauros[85]; os atenienses, vendo-se em inferioridade numérica em relação aos outros ocupantes da fortaleza, mandaram Demóstenes para trazer de volta os seus homens. Chegando a Epídauros, Demóstenes organizou uma competição simulada de ginástica fora da fortaleza e, quando os outros ocupantes da guarnição saíram, fechou as portas. Depois os atenienses renovaram o tratado com os epidáurios e Demóstenes lhes entregou pessoalmente o forte.

81. Após a retirada dos argivos da aliança os mantineus, apesar de inicialmente serem contrários àquela atitude, logo depois, sentindo-se inca-

[84] Veja-se o capítulo 99 do livro II.
[85] Veja-se o capítulo 75 deste livro.

pazes de resistir sem os argivos, também fizeram um acordo com os lacedemônios e renunciaram à sua soberania sobre as cidades[86]. A partir de então os lacedemônios e argivos, cada cidade com mil homens, passaram a agir em comum; os lacedemônios saíram primeiro sós e deram um cunho mais oligárquico ao governo de Sicione; em seguida extinguiram juntos a democracia em Argos e instituíram lá uma oligarquia favorável aos lacedemônios. Estes eventos ocorreram pouco antes da primavera, quando o inverno estava terminando, e assim acabou o décimo quarto ano da guerra.

82. No verão subseqüente o povo de Díon[87], no monte Atos, revoltou-se contra os atenienses e aderiu aos calcídios; os lacedemônios normalizaram a situação na Acaia, que antes não se conduzia em consonância com os seus interesses. O partido popular dos argivos, reagrupando-se pouco a pouco e recuperando a ousadia, aguardou a celebração das Ginopedias[88] pelos lacedemônios e atacou os oligarcas. Travou-se uma batalha na cidade e o partido popular foi vencedor, matando alguns de seus opositores e expulsando outros. Os lacedemônios, apesar de chamados por seus amigos, demoraram muito a atendê-los, mas finalmente adiaram as Ginopedias e foram ajudá-los. Tomando conhecimento em Tegéia, todavia, de que os oligarcas haviam sido vencidos, recusaram-se a prosseguir, apesar dos apelos dos oligarcas expulsos, e voltaram para recomeçar a celebração das Ginopedias. Mais tarde, quando chegaram embaixadores dos argivos da cidade e mensageiros dos expulsos, e seus aliados estavam presentes, decidiram que os da cidade[89] estavam sem razão e resolveram fazer uma expedição a Argos, mas ocorreram hesitações e adiamentos. Ao mesmo tempo o partido popular argivo, temendo os lacedemônios e inclinando-se novamente para a aliança ateniense (acreditavam que ela os favoreceria substancialmente), começaram a construir longas muralhas até o mar a fim de poderem, se fossem isolados do interior, ter a vantagem de receber por mar os suprimentos necessários com a ajuda dos atenienses. Algumas cidades do Peloponeso estavam também a par daquela obra de fortificação. Toda a população argiva – homens, mulheres e escravos – trabalhava nas muralhas, e de Atenas também vieram carpinteiros e canteiros. E aquele verão terminou.

[86] Ou seja, sobre os parrásios e outros povos da Arcádia; vejam-se os capítulos 29, 33 e 62 deste livro.
[87] Veja-se o capítulo 35 deste livro.
[88] Um festival lacedemônio em que os meninos e homens dançavam nus. Durante a sua celebração os lacedemônios se abstinham de qualquer atividade bélica, a exemplo do que acontecia nas Cárneias (vejam-se os capítulos 54 e 75 deste livro).
[89] Ou seja, o partido popular.

83. No inverno subseqüente, ao tomar conhecimento da obra de fortificação os lacedemônios partiram em expedição contra Argos, juntamente com seus aliados, à exceção dos coríntios; havia também na própria Argos pessoas que trabalhavam a favor deles. O comandante das tropas era Ágis filho de Arquídamos, rei dos lacedemônios. O apoio com o qual esperavam contar na cidade falhou, mas eles tomaram e demoliram as muralhas em construção; apoderaram-se também de Hísias, localidade situada em território argivo, mataram todos os homens livres que capturaram, e em seguida se retiraram e se dispersaram em direção às respectivas cidades. Logo após os argivos, por seu turno, invadiram a Fliásia e a devastaram antes de retornar a Argos, pois os fliásios haviam recebido exilados seus, muitos dos quais se tinham fixado lá. Ainda no mesmo inverno os atenienses isolaram os macedônios da costa, recriminando Perdicas por causa da aliança por ele feita com os argivos e lacedemônios, e também porque, quando estavam preparados para marchar com um exército contra os calcídios da Trácia e contra Anfípolis, sob o comando de Nícias filho de Nicératos, ele havia traído a aliança e, conseqüentemente, a expedição teve de ser cancelada por causa daquela defecção; diante desses fatos ele passara a ser um inimigo. Assim terminou aquele inverno, e também terminou o décimo quinto ano da guerra.

84. No verão subseqüente Alcibíades navegou para Argos com vinte naus e capturou os argivos que ainda lhe pareciam suspeitos e favoráveis aos lacedemônios, totalizando trezentos homens; os atenienses os confinaram nas ilhas próximas, pertencentes ao seu império. Realizaram também uma expedição contra a ilha de Melos[90] com trinta naus próprias, seis quianas e duas lésbias, levando mil e duzentos hoplitas seus, trezentos archeiros a pé e vinte montados, além de mil e quinhentos hoplitas de seus aliados ilhéus. Os mélios são colonos lacedemônios e se recusavam a obedecer aos atenienses, ao contrário dos demais ilhéus. A princípio permaneceram quietos e neutros, mas quando os atenienses passaram a devastar as suas terras numa tentativa para compeli-los a aderir, eles saíram abertamente para a guerra. Diante disto, acampando em seu território com o dispositivo militar acima relacionado, os comandantes atenienses Cleômedes filho de Licômedes e Tísias filho de Tisímacos, antes de causar qualquer dano às suas terras, mandaram emissários levando propostas para um entendimento com os mélios. Estes não levaram os emissários à presença do povo, mas lhes mandaram

[90] Veja-se o capítulo 91 do livro III.

transmitir às autoridades locais e a outras poucas pessoas a mensagem que traziam. Os emissários atenienses disseram então o seguinte:

85. "Já que nossas propostas não serão feitas diante do povo, para evitar que a maioria se deixe levar pelo efeito de um discurso seguido, ouvindo rapidamente argumentos sedutores sem poder replicar (percebemos que nos colocais diante de poucas pessoas com esta intenção), adotai, então, vós que estais sentados aqui, um procedimento ainda mais seguro: examinai cada tópico isoladamente, evitai, vós também, o sistema de um discurso seguido e, em relação às nossas afirmações que não vos pareçam satisfatórias, replicai imediatamente após haver formado o vosso julgamento. Dizei-nos primeiro se nossa proposta vos convém".

86. Os representantes dos mélios responderam: "A conveniência de podermos esclarecer-nos calmamente uns aos outros entre nós não inspira qualquer crítica, mas estes atos de guerra, presentes e não futuros, divergem manifestamente de vossa sugestão. Vemos, com efeito, que viestes para serdes vós mesmos os juizes do que devemos dizer, e o resultado do debate é evidente: se vencermos na discussão por ser justa a nossa causa, e então nos recusarmos a ceder, será a guerra para nós; se nos deixarmos convencer, será a servidão".

87. *Atenienses:* "Ora: se fordes levantar suspeitas, por conjecturas, a propósito do que poderá acontecer no futuro, ou se tendes outro propósito além de deliberar sobre a salvação de vossa cidade à luz dos fatos evidentes diante de vossos olhos, pararemos; se, ao contrário, este último é o vosso objetivo, falaremos".

88. *Mélios:* "É natural e perdoável em homens em nossa posição recorrer a muitos argumentos e suposições. Seja como for, o objetivo da presente reunião é a nossa salvação, e a discussão, se quiserdes, deverá prosseguir da maneira que propusestes"

89. *Atenienses:* "De nossa parte, então, não usaremos frases bonitas, dizendo que exercemos o direito de dominar porque derrotamos os persas[91], ou que estamos vindo contra vós porque fomos ofendidos, apresentando num longo discurso argumentos nada convincentes; não julgamos conveni-

[91] Vejam-se os capítulos 75 do livro I e 83 do livro VI.

ente, tampouco, que afirmeis que não vos juntastes a nós na guerra por serdes colonos dos lacedemônios, ou que desejeis convencer-nos de que não nos ofendestes de forma alguma. Preferimos pensar que esperais obter o possível diante de nossos e vossos sentimentos reais, pois deveis saber tanto quanto nós que o justo, nas discussões entre os homens, só prevalece quando os interesses de ambos os lados são compatíveis, e que os fortes exercem o poder e os fracos se submetem".

90. *Mélios:* "De qualquer modo acreditamos ser conveniente (somos compelidos a falar em conveniência, pois estabelecestes o critério de deixar de lado o direito para falar de vantagens) que não elimineis o princípio do bem comum; deveis proporcionar sempre àqueles que estão em perigo o respeito normal aos seus direitos, pois ainda que seus argumentos não sejam ótimos, poderão ser de alguma utilidade para convencer-vos. Isto não vos interessa menos que a nós, pois se alguma vez sofrerdes um revés, incorrereis num castigo mais severo, pois alegarão contra vós o exemplo que vós mesmos destes".

91. *Atenienses:* " Quanto a nós e ao nosso império, ainda que ele deva cessar de existir não olhamos para esse fim com aflição. Não são aqueles que exercem o império sobre outros, como os lacedemônios também fazem (nosso debate agora não é sobre os lacedemônios), que agem com mais crueldade em relação aos vencidos; são povos dominados capazes de atacar e vencer os seus senhores se tiverem uma oportunidade. Deixai-nos correr o risco de agir assim. Mostraremos claramente que é para o benefício de nosso império, e também para a salvação de vossa cidade, que estamos aqui dirigindo-vos a palavra, pois nosso desejo é manter o domínio sobre vós sem problemas para nós, e ver-vos a salvo para a vantagem de ambos os lados".

92. *Mélios:* "Mas que vantagem poderemos ter em ser escravos, em comparação com a vossa em dominar-nos?"

93. *Atenienses:* "Ser-vos-ia vantajoso submeter-vos antes de terdes sofrido os mais terríveis males, e nós ganharíamos por não termos de vos destruir".

94. *Mélios:* "Então vós não consentiríeis em deixar-nos tranqüilos e em sermos amigos em vez de inimigos, sem nos aliarmos a qualquer dos lados?"

95. *Atenienses:* "Não, pois vossa hostilidade não nos prejudicaria tanto quanto vossa amizade; com efeito, aos olhos de nossos súditos esta seria uma prova de nossa fraqueza, enquanto o vosso ódio é uma demonstração de nossa força".

96. *Mélios:* "A noção de vossos súditos quanto ao que é normal os leva a pôr na mesma categoria aqueles que nada significam para vós e aqueles que, sendo vossos próprios colonos na maioria dos casos, e em outros, súditos revoltados, foram reduzido à submissão?"

97. *Atenienses:* " Quanto a pretensões a direitos, pensam que elas não faltam em qualquer dos dois casos, mas pensam também que aqueles que preservam a sua liberdade a devem à sua força e que não os atacamos por medo. Assim, para nada dizer quanto ao fato de aumentarmos o nosso império, trar-nos-íeis segurança graças à vossa submissão, especialmente se, como ilhéus e mais fracos que outros ilhéus, falhásseis na tentativa de mostrar-vos superiores aos senhores dos mares".

98. *Mélios:* "Mas não vedes segurança na outra alternativa?[92] Aqui também nos cumpre, do mesmo modo que nos forçastes a abandonar a idéia de qualquer apelo à justiça e a tentar persuadir-nos de que devemos ater-nos aos vossos interesses, dizer-vos o que nos é vantajoso e tentar persuadir-vos a aceitá-lo, se coincidentemente isto também vos for vantajoso. Como não tornaríeis vossos inimigos todos os neutros atuais, logo que eles tivessem conhecimento de nosso caso e chegassem à conclusão de que algum dia iríeis também atacá-los? Que estais fazendo nestas circunstâncias senão fortalecer os vossos inimigos atuais e atrair a hostilidade de outros que jamais teriam pensado em vir a ser vossos inimigos, mudando-lhes os sentimentos atuais?"

99. *Atenienses:* "Não, pois não consideramos mais perigosos aqueles que, morando em algum lugar no continente e sendo homens livres, não se apressam em tomar precauções contra nós, e sim os ilhéus, livres de qualquer dominação, como vós, bem como aqueles já impacientes com a necessidade de submissão ao nosso império. Estes são os que mais provavelmente se deixarão levar por um comportamento irracional a correr perigos imprevisíveis, arrastando-nos com eles aos mesmos."

[92] A neutralidade mencionada no capítulo 94 acima.

100. *Mélios*: "Certamente, então, se vós e vossos súditos correis um risco tão grande, vós para não perderdes o vosso império, e eles, que já são escravos, para se livrarem dele, para nós, que ainda mantemos a nossa liberdade, seria o cúmulo da degradação e covardia se não recorrêssemos a qualquer meio antes de nos submetermos à escravidão".

101. *Atenienses:* "Não, se deliberardes sensatamente; não se trata para vós de um confronto em igualdade de condições para decidir quem é mais corajoso, para escapar a uma humilhação; vossa decisão é mais quanto à própria salvação, evitando oferecer resistência diante de quem é muito mais forte".

102. *Mélios:* "Sabemos que a sorte na guerra é sujeita freqüentemente a imprevistos, independentemente do número dos combatentes. Para nós, ceder imediatamente é perder toda a esperança, mas agindo ainda podemos esperar manter-nos de pé".

103. *Atenienses:* "A esperança é um estimulante para o perigo, e para aqueles que dispõem de outros recursos, embora possa prejudicá-los ela não os leva à ruína, mas para quem arrisca tudo num só lance – a esperança é pródiga por natureza – seu verdadeiro caráter só é percebido quando o desastre já aconteceu; quando finalmente se revela a sua precariedade, ela não oferece à sua vítima qualquer oportunidade para precaver-se após essa revelação. É isto que vós, fracos como sois e sós num dos pratos da balança, deveis evitar; não imiteis a maioria que, quando ainda é possível a salvação por meios humanos disponíveis, logo que a desgraça chega e lhe fogem todas as esperanças reais se entrega às irreais – vaticínios, oráculos e outras semelhantes – que se juntam a tais esperanças para levar os homens à ruína".

104. *Mélios:* " Nós também – não duvideis – achamos difícil lutar contra a vossa força e contra a sorte (salvo se ela for imparcial); apesar disto confiamos, com vistas à sorte, em que graças ao favor divino não estaremos em desvantagem, pois somos homens pios enfrentando homens injustos; quanto à força, confiamos em que a aliança lacedemônia nos socorrerá no que for necessário, pois ela terá de ajudar-nos, se não por outras razões, por nossas afinidades étnicas e por uma questão de honra. Logo, nossa confiança não é totalmente irracional".

105. *Atenienses:* "Quanto à benevolência divina, esperamos que ela também não nos falte. Realmente, em nossas ações não nos estamos afastando da reverência humana diante das divindades ou do que ela aconselha no trato com as mesmas. Dos deuses nós supomos e dos homens sabemos que, por uma imposição de sua própria natureza, sempre que podem eles mandam. Em nosso caso, portanto, não impusemos esta lei nem fomos os primeiros a aplicar os seus preceitos; encontramo-la vigente e ela vigorará para sempre depois de nós; pomo-la em prática, então, convencidos de que vós e os outros, se detentores da mesma força nossa, agiríeis da mesma forma. Logo, no tocante ao favor divino é compreensível que não receemos estar em desvantagem. Quanto à vossa opinião a respeito dos lacedemônios e à vossa firme confiança em que, por uma questão de honra, eles certamente virão socorrer-vos, embora apreciando a vossa ingenuidade nós não invejamos a vossa insensatez. Devemos reconhecer que, quando se trata deles mesmos e das instituições locais, eles praticam a virtude ao máximo; sua conduta em relação aos outros, porém, embora seja possível falar longamente sobre o seu procedimento diremos apenas, resumindo o essencial, que nenhum povo, entre todos aqueles com os quais convivemos, considera de maneira mais ostensiva bom o que lhe agrada e justo o que serve aos seus interesses. Ora: tal atitude não é favorável à vossa esperança irracional de ser salvos por eles agora".

106. *Mélios:* "Mas exatamente nisto encontramos as razões mais fortes de confiança: em seu próprio interesse os lacedemônios não quererão trair os mélios, seus colonos, para não incorrerem na desconfiança de todos os helenos agora simpatizantes deles, além de ao mesmo tempo ser úteis aos seus inimigos".

107. *Atenienses:* "Não percebeis, então, que o interesse próprio anda lado a lado com a segurança, enquanto é perigoso cultivar a justiça e a honra?" (Em geral os lacedemônios se atrevem o mínimo possível a enfrentar este perigo.)

108. *Mélios:* "Cremos que mesmo tais perigos eles estariam dispostos a correr por nossa causa, e que se considerariam menos expostos a eles do que se os corressem por outros, pois estamos de certo modo perto do Peloponeso e isto lhes facilita os meios de agir, enquanto as afinidades étnicas nos tornam mais confiáveis que outros".

109. *Atenienses:* "Mas a homens prestes a empenhar-se em combate, o que lhes inspira confiança não é obviamente a boa vontade dos que lhes pedem ajuda, e sim a nítida superioridade em forças que eles possam ter (a isto os lacedemônios estão mais atentos que quaisquer outros). Seja como for, eles confiam tão pouco em seus próprios recursos que sempre se associam com numerosos aliados quando vão atacar os seus vizinhos; logo, não é provável que eles embarquem para uma ilha enquanto dominarmos os mares".

110. *Mélios:* "Mas eles poderiam mandar outros; além disto, o mar de Creta é vasto e portanto a captura de uma frota inimiga pelos senhores do mar será mais difícil do que a travessia em segurança por quem quiser passar despercebido. Se a tentativa falhar eles poderão voltar-se contra o vosso território e contra o resto de vossos aliados que Brasidas não conseguiu atacar; neste caso teríeis de esforçar-vos não por conquistar um território que nunca vos pertenceu, mas por preservar a vossa própria aliança e até a vossa própria terra".

111. *Atenienses:* "Alguma dessas hipóteses poderia materializar-se, mas elas não seriam novidade para nós, e não ignorais que jamais os atenienses levantaram um cerco sequer por medo de qualquer outro povo. Não podemos deixar de observar, a esta altura, que depois de dizer-nos[93] que deliberaríeis sobre a vossa própria salvação, não apresentastes nesta já longa discussão uma única idéia aproveitável por homens que esperam salvar-se. Ao contrário, os fundamentos mais sólidos para vossa confiança se limitam a meras esperanças, relativas ao futuro, enquanto vossos recursos presentes, comparados com aqueles já preparados contra vós, são insuficientes para justificar qualquer expectativa de sucesso. Demonstrareis uma disposição de espírito muito irracional se somente após deixar-nos ir embora chegardes a uma decisão mais sensata. Não deveis refugiar-vos nesse sentimento que leva freqüentemente os homens à ruína quando se vêem diante de situações perigosas claramente visíveis e aparentemente humilhantes: o temor da humilhação. Muitos homens, com efeito, embora ainda possam prever os perigos para os quais estão deslizando, são dominados pela força de uma palavra enganadora – a chamada humilhação – até que, vítimas de uma palavra, afundam realmente, por sua própria atitude, em calamidades irreversíveis e assim incorrem numa humilhação ainda mais vergonhosa, pois se associa à

[93] Vejam-se os capítulos 87 e 88 deste livro.

insensatez e não ao infortúnio. Evitareis essa desgraça se deliberardes sabiamente, e não considerardes humilhante reconhecer-vos inferiores à cidade mais poderosa, que vos oferece condições moderadas – tornar-vos seus aliados, conservando o vosso território embora sujeitos ao pagamento de tributos – e, quando vos é dado escolher entre a guerra e a salvação, não vos apegardes obstinadamente à alternativa pior. Aqueles que não cedem diante de seus iguais, que agem como convém em relação aos mais fortes, e são moderados diante dos mais fracos, procedem corretamente. Refleti uma vez mais, então, após a nossa partida; atentai muitas vezes, durante vossas deliberações, para o fato de que está em jogo a salvação de vossa pátria, vossa única pátria, e de que de uma única decisão, boa ou má, dependerá o seu destino".

112. Em seguida os atenienses se retiraram das negociações; os mélios, ficando sós, tomaram uma decisão condizente com os princípios defendidos antes e responderam o seguinte: "Nossa opinião, atenienses, não é outra senão a que tínhamos desde o início, e não iremos num instante privar de sua liberdade uma cidade habitada há setecentos anos; confiando na boa sorte que, com o favor divino, a preservou até agora, e na ajuda dos homens, principalmente dos lacedemônios, tentaremos salvar-nos. Propomo-vos ser vossos amigos, sem ser inimigos de qualquer lado; retirai-vos de nosso território após concluirmos um tratado que seja conveniente para ambas as partes".

113. Assim responderam os mélios; os atenienses, encerrando então as negociações, disseram: "A julgar pelo resultado de vossas deliberações, parece-nos que sois os únicos a considerar os eventos futuros mais certos que os presentes diante de vossos olhos; vossos desejos vos fazem ver o irreal como se já estivesse acontecendo. Estais arriscando tudo ao depositar vossa confiança nos lacedemônios, na sorte e em esperanças, e perdereis tudo".

114. Os emissários atenienses regressaram ao local onde estavam as tropas, e como os mélios não deram ouvidos a coisa alguma, seus generais iniciaram imediatamente as hostilidades e levantaram uma muralha em torno de Melos, distribuindo as obras entre as tropas das várias cidades. Em seguida, deixando alguns de seus soldados e dos de seus aliados para ficarem de guarda por terra e por mar, partiram com o grosso de suas tropas; as que permaneceram lá mantinham a cidade sitiada.

115. Na mesma época os argivos invadiram o território fliásio, mas foram colhidos numa emboscada pelos fliásios e pelos exilados argivos e perderam cerca de oitenta homens. Os atenienses, agindo a partir de Pilos, apoderaram-se mediante pilhagem de muitos bens dos lacedemônios, mas nem isto levou os lacedemônios a romper o tratado e a voltar a guerreá-los; fizeram, porém, uma proclamação permitindo, a qualquer lacedemônio que desejasse, exercer represálias contra os atenienses. Os coríntios entraram em guerra contra os atenienses por causa de algumas divergências de caráter privado, mas o resto do Peloponeso permaneceu quieto. Os mélios tomaram dos atenienses o trecho da muralha em frente à ágora da cidade, num assalto durante a noite, e após matar alguns homens e levar para dentro das muralhas víveres e outros produtos de que necessitavam, voltaram e ficaram quietos. Depois deste episódio os atenienses reforçaram a vigilância e assim terminou o verão.

116. No inverno subseqüente os lacedemônios estavam preparados para invadir o território argivo mas, como os sacrifícios antes de cruzar a fronteira não foram propícios, resolveram voltar. Em conseqüência dessa tentativa dos lacedemônios os argivos, suspeitando de certos homens em sua cidade, prenderam alguns, mas outros escaparam. Quase ao mesmo tempo os mélios tomaram noutro local um novo trecho da muralha de cerco da cidade, pois a guarnição não era numerosa. Mais tarde, por causa dessas ocorrências, vieram reforços de Atenas sob o comando de Filócrates filho de Deméias; os mélios, agora cercados mais vigorosamente e às voltas com traições havidas entre eles, capitularam diante dos atenienses, deixando a sua sorte à discrição deles; os atenienses mataram todos os mélios em idade militar que capturaram, e reduziram as crianças e mulheres à escravidão; eles mesmos se estabeleceram em Melos e mandaram vir de Atenas quinhentos colonos.

LIVRO SEXTO

1. Durante o mesmo inverno os atenienses quiseram navegar novamente para a Sicília com uma frota maior que a levada por Laques e Eurímedon[1] e conquistá-la, se pudessem, ignorando muitos deles a grande extensão da ilha e o número considerável de seus habitantes, tanto helenos quanto bárbaros, sem perceber que se estavam engajando numa guerra não muito menor que aquela contra os peloponésios. De fato, a viagem de contorno da Sicília em uma nau mercante consome não menos de oito dias, e embora ela seja tão grande, uma distância de apenas cerca de vinte estádios[1a] separa a ilha do continente.

2. A Sicília foi colonizada desde a antigüidade e ocupada em sua totalidade pelos diversos povos enumerados a seguir. Os mais antigos que as tradições mencionam como habitantes de qualquer parte da ilha são os cíclopes e lestrigônios, a respeito dos quais não posso dizer a que raça pertenciam, nem de onde vieram, nem para onde foram. Limitemo-nos, pois, às estórias contadas pelos poetas[2] e às opiniões de cada um a propósito deles. Os sicânios parecem ter sido realmente os primeiros a estabelecer-se lá depois deles, como eles mesmos afirmam, ou até antes, pois seriam autóctones, embora na verdade fossem iberos, expulsos pelos lígures da região onde fica o rio Sícanos, na Ibéria. Por causa deles a ilha foi então chamada Sicânia, tendo sido antes conhecida como Trinácria; eles ainda habitam a parte ocidental da Sicília. Por ocasião da captura de Ílion, alguns troianos que haviam escapado aos aqueus navegaram para a Sicília e, fixando-se nas vizinhanças dos sícanos, foram chamados, como um povo, êlimos, enquanto suas cidades tinham os nomes de Êrix e Egesta. Lá se estabeleceram com eles alguns foceus, que em seu regresso de Tróia foram levados por uma tempestade primeiro à Líbia e depois à Sicília. Os sícelos, por sua vez, vieram da Itália, onde moravam, para a Sicília, fugindo aos ópicos em balsas, de acordo com a tradição, esperando até que o vento soprasse do continente para atravessar (ou talvez eles tenham navegado de outra maneira qualquer). Ainda hoje há sícelos na Itália, e o país recebeu o nome de Itália por causa de Ítalos, um dos reis dos

[1] Vejam-se os capítulos 86 do livro III e 2 do livro IV.

[1a] Cerca de 3,5 km.

[2] Principalmente Homero, em várias passagens da Odisséia (p. ex., Canto IX, 106, 117, 125, 166, etc. para os cíclopes, e X, 106, 109, 199 para os lestrigônios). Tucídides refere-se a esses povos também nos capítulos 10, 11 e 21 do livro I.

sícelos que tinha este nome. Eles atravessaram para a Sicília maciçamente e, vencendo os sicânios em combate, forçaram-nos a retirar-se para o sul e o oeste da ilha, dando-lhe o nome de Sicília em vez de Sicânia. Eles se fixaram lá após aquela travessia, e dominavam as melhores áreas da ilha havia trezentos anos aproximadamente quando os helenos chegaram à Sicília; até hoje eles ainda são os senhores do norte e do centro da ilha. Os fenícios também tiveram colônias em volta de toda a Sicília, em promontórios ao longo da costa, que eles protegiam com muralhas transversais, e nas ilhotas adjacentes, para comerciarem com os sículos. Quando os helenos também começaram a chegar por mar em grande número, os fenícios se retiraram da maioria daqueles lugares e, fixando-se em conjunto, passaram a viver em Motia[3], Soloeis[4] e Panormos[5], perto dos êlimos, em parte por confiarem em sua aliança com estes, e em parte porque de lá a viagem da Sicília para Cartago é mais curta. Estes, então, eram os bárbaros, e esta foi a maneira pela qual eles se estabeleceram na Sicília.

3. Os primeiros helenos que navegaram para lá foram os calcídios da Eubéia; eles colonizaram Naxos[6], tendo Tucles como fundador, e construíram um altar em honra de Apolo Arquegeta[7]. Atualmente o altar fica fora da cidade e nele os emissários sagrados[8] ofereciam sacrifícios antes de partir da Sicília. No ano seguinte Siracusa foi fundada por Árquias, um dos heráclidas de Corinto, depois de haver expulso os sícelos da então ilha[9] que hoje não é mais cercada de água, na qual atualmente existe a cidade interna; em época posterior a cidade externa foi ligada a ela por suas muralhas, e se tornou também muito populosa. No quinto ano após a fundação de Siracusa, Tucles e os calcídios, partindo de Naxos, expulsaram os sícelos após uma guerra e fundaram Leontinos; logo depois fundaram Catana. Os cataneus, todavia, escolheram entre eles Êuarcos para ser o fundador.

4. Aproximadamente na mesma época Lâmis também chegou à Sicília conduzindo colonos de Mégara, e se estabeleceu num local chamado Trôtilos,

[3] Na atual ilha de San Pantaleone, próxima ao promontório de Lilibêon.
[4] A leste da atual Palermo, hoje Salanto.
[5] Atualmente Palermo.
[6] Em 735 a.C.; o local, próximo a Tauromênia (atual Taormina), era o melhor porto de desembarque para quem vinha da Grécia.
[7] Apolo "fundador", ou protetor de uma colônia.
[8] Os *theoroi*, enviados pelas cidades às cerimônias religiosas, aos jogos atléticos ou para consultar os oráculos.
[9] Chamada Ortígia.

além do rio Pantaquias; depois saiu de lá e foi juntar-se aos colonos calcídios em Leontinos; foi expulso um pouco mais tarde por eles, e após fundar Tapsos[10] morreu; seus companheiros foram expulsos de Tapsos e se fixaram em seguida num local chamado Mégara Hibléia, porque Híblon, um rei sícelo, lhes ofereceu a terra e os conduziu até lá. Após viverem na cidade durante duzentos e quarenta e cinco anos, foram expulsos dela e da região por Gélon, tirano de Siracusa. Antes, porém, da expulsão, e cem anos depois de se fixarem lá, mandaram Pâmilos, vindo de Mégara (a metrópole), fundar Selinunte, e alguns se juntaram a ele na colonização. Quarenta e cinco anos após a fundação de Siracusa, Antífemos de Rodes e Êutimos de Creta fundaram Gela, colonizando-a conjuntamente. A cidade tirou o seu nome do rio Gela, mas o lugar onde hoje existe a acrópole – o primeiro a ser fortificado – chama-se Líndios; a colônia foi estabelecida segundo as instituições dórias. Cerca de cento e oito anos após a fundação de Gela, seus habitantes colonizaram Acragás[11], que recebeu este nome por causa do rio Acragás; designaram como seus fundadores Aristônous e Pístilos e lhe deram as mesmas instituições de Gela. Zancle foi fundada inicialmente por piratas vindos de Cime, cidade calcídia em Opícia; depois, numerosos colonos vieram de Cálcis e do resto da Eubéia e partilharam a terra com eles; seus fundadores foram Perieres e Cratémenes, um de Cime e outro de Cálcis. Zancle foi o nome dado inicialmente, porque os sícelos achavam que o local tinha a forma de uma foice (os sícelos chamam a foice de *zanclos*). Posteriormente aqueles colonos foram expulsos pelos sâmios e outros iônios, que desembarcaram na Sicília fugindo dos persas[12]; os sâmios por sua vez foram expulsos não muito tempo depois por Anaxilas, tirano de Région, que colonizou o local com uma população miscigenada e mudou o seu nome para Messene, sua antiga pátria.

5. Himera foi colonizada a partir de Zancle por Euclides, Simos e Sácon. Os colonos em sua maioria eram calcídios, mas também se estabeleceram lá com eles alguns fugitivos de Siracusa, vencidos em desavenças entre facções (eles eram chamados milétidas). Seu dialeto era uma mistura de calcídio e dório, mas prevaleceram as instituições calcídias. Acras e Casmenas foram colonizadas pelos siracusanos, a primeira setenta anos depois de Siracusa e a segunda cerca de vinte anos depois de Acras. Camarina foi colonizada

[10] Península ao norte de Siracusa, atualmente chamada Isola di Magnisi.
[11] A atual Agrigento.
[12] Veja-se Heródoto, VI, 22 e 23.

inicialmente pelos siracusanos cerca de cento e trinta e cinco anos após a fundação de Siracusa, e seus fundadores foram Dáscon e Menécolos. Os camarinos, todavia, foram expulsos pelos siracusanos em uma guerra subseqüente a uma rebelião, e pouco tempo depois Hipócrates, tirano de Gela, recebendo o seu território como resgate por alguns siracusanos prisioneiros de guerra, tornou-se o seu novo fundador e recolonizou Camarina. A cidade foi novamente esvaziada de sua população por Gélon, e foi então colonizada pela terceira vez por habitantes de Gela.

6. Estes são os povos, helênicos e bárbaros, que habitam a Sicília, e era contra uma ilha desta magnitude que os atenienses ansiavam por empreender uma expedição. A explicação mais verossímil é que eles pretendiam dominá-la totalmente, mas ao mesmo tempo queriam ter o pretexto especioso de socorrer seus irmãos de raça e os aliados que já tinham lá. Acima de tudo, porém, eles estavam sendo instigados por enviados dos egesteus, então presentes em Atenas, que invocavam sua ajuda com insistência cada vez maior. Com efeito, os egesteus, cujo território era limítrofe ao dos selinúntios, viram-se envolvidos em uma guerra com estes a propósito de certos direitos matrimoniais e de disputas territoriais; os selinúntios, chamando os siracusanos como aliados, pressionavam-nos fortemente em ataques por terra e por mar. Então os egesteus, relembrando aos atenienses a aliança que os vinculava, feita com os leontinos no tempo de Laques e da guerra anterior[13], pediram-lhes para mandarem naus em seu socorro, dizendo-lhes muitas coisas, mas principalmente que, se os siracusanos permanecessem impunes após haverem expulsos os leontinos de sua cidade e, destruindo os aliados restantes dos atenienses, se tornassem senhores de todo o poderio siciliano, haveria então o perigo de algum dia, com tão grandes recursos militares, ajudarem os dórios, sendo eles mesmos dórios, por causa de suas afinidades étnicas, e também, como colonos, os peloponésios que os enviaram, em sua luta para aniquilar o império ateniense. Seria sensato, da parte dos atenienses, enfrentar os siracusanos com os aliados de que ainda dispunham, principalmente porque os egesteus forneceriam dinheiro suficiente para a guerra. Os atenienses, ouvindo em suas assembléias estes argumentos muitas vezes repetidos pelos egesteus e seus partidários na cidade, decidiram pelo voto mandar primeiro embaixadores a Egesta, para verificarem se o dinheiro estava realmente disponível no tesouro e nos templos, como eles diziam, e ao mesmo tempo obter informações acerca do estágio atual da guerra com os selinúntios.

[13] Veja-se o capítulo 86 do livro III.

7. Os embaixadores dos atenienses foram então despachados para a Sicília. Durante o mesmo inverno os lacedemônios e seus aliados, à exceção dos coríntios, invadiram o território argivo, devastaram uma extensão não muito grande de suas terras e levaram uma certa quantidade de trigo em carroças que haviam trazido com eles; além disto instalaram em Orneás[14] os exilados argivos, deixando com eles também um pequeno contingente de soldados escolhidos entre suas tropas, depois de haverem concluído uma trégua por algum tempo, sob a condição de que os orneatas e argivos não deveriam causar danos às terras da outra parte; em seguida regressaram às respectivas cidades com suas tropas. Quando os atenienses chegaram não muito tempo depois com trinta naus e seiscentos hoplitas, os argivos, em companhia dos atenienses, saíram com todas as suas forças e sitiaram a guarnição em Orneás durante um dia; acobertada pela noite, porém, a guarnição escapou enquanto as tropas sitiantes estavam acampadas a certa distância. No dia seguinte os argivos, percebendo o que acontecera, devastaram completamente Orneás e se retiraram; mais tarde os atenienses também regressaram em suas naus.

Os atenienses também haviam levado por mar alguns de seus cavalerianos e os exilados macedônios que estavam com eles até Metone, na fronteira com a Macedônia, e saquearam as terras de Perdicas. Os lacedemônios mandaram emissários aos calcídios da Trácia, que estavam prorrogando uma trégua renovável a cada dez dias com os atenienses, e os instaram a juntar-se a Perdicas na guerra, mas os calcídios se recusaram. Assim terminou o inverno, e com ele o décimo sexto ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

8. No verão subseqüente, logo no início da primavera, os embaixadores atenienses regressaram da Sicília, e com eles vieram os egesteus trazendo sessenta talentos[15] de prata não amoedada como pagamento das despesas de um mês das sessenta naus, cujo envio vinham pedir aos atenienses. Estes, convocando uma assembléia e ouvindo dos egesteus e de seus próprios embaixadores outras afirmações sedutoras mas não verdadeiras, e também que o dinheiro estaria à sua disposição em elevadas quantias nos templos e no tesouro, aprovaram pelo voto o envio à Sicília de sessenta naus, sob o comando de Alcibíades filho de Clínias, de Nícias filho de Nicératos e de Lâmacos filho de Xenófanes, com plenos poderes para ajudar os egesteus

[14] Vejam-se os capítulos 83 e 115 do livro V.
[15] O equivalente a cerca de US$ 60.000.

contra os selinúntios, e também reconduzir os leontinos à sua cidade no caso de verem a vitória na guerra pender para o lado destes, e finalmente para pôr em ordem a situação na Sicília de um modo geral, da maneira que lhes parecesse melhor para os atenienses. Cinco dias depois foi realizada uma nova reunião da assembléia, para deliberar sobre a maneira mais rápida de equipar as naus e, no caso de os comandantes necessitarem de quaisquer outras providências para a partida da expedição, votá-las também. Nícias, que havia sido eleito contra a sua vontade para o comando, e pensava que a cidade não havia chegado a uma decisão acertada, mas que sob um pretexto leviano e especioso o objetivo real era a conquista de toda a Sicília - um cometimento gigantesco, subiu à tribuna e, com a intenção de desviar os atenienses daquele projeto, dirigiu-lhes as seguintes palavras:

9. "Esta assembléia foi convocada a propósito de nossos preparativos, para deliberarmos quanto às medidas necessárias a uma expedição à Sicília; parece-me, todavia, que devemos reexaminar a própria questão do envio da expedição, perguntando-nos se é realmente melhor mandar as naus, ou se devemos abster-nos de engajar-nos, por uma decisão precipitada acerca de assuntos de suma importância e instigados por estrangeiros, numa guerra que não nos diz respeito. Na verdade, resultaria disto para mim uma grande honra, e temo menos que outros por minha vida, embora eu pense que quem se preocupa com sua vida e seus bens é também um bom cidadão, pois até por interesse próprio ele teria mais motivos para desejar que a cidade prosperasse. Apesar disto, nunca no passado, por haver sido distinguido com honrarias, falei contrariamente aos ditames de minha consciência, nem o farei agora; como sempre, direi apenas o que me parece melhor para a cidade. Contra temperamentos como o vosso, meu discurso seria inócuo se eu vos exortasse a preservar o que já tendes e a não arriscar os bens presentes por coisas vagas e futuras; mostrar-vos-ei, todavia, que nem vossa pressa é oportuna, nem será fácil atingir o objetivo que desejais.

10. "Digo, então, que vós, deixando para trás os numerosos inimigos daqui, estais ansiosos por navegar para lá, fazendo novos inimigos e – quem sabe? – trazendo-os para cá. Talvez penseis que o tratado em vigor vos proporciona alguma segurança; sem dúvida, enquanto estiverdes quietos ele subsistirá nominalmente – tal é o estado a que certos homens, tanto aqui quanto entre nossos adversários, fizeram chegar a situação; se, porém, sofrermos uma derrota com forças consideráveis na Sicília, nossos inimigos

nos atacarão imediatamente aqui. Na verdade, em primeiro lugar o pacto foi concluído por eles sob compulsão, desgastados como estavam pelos infortúnios e em condições mais humilhantes para eles do que para nós; depois, apesar dele ainda há muitos pontos litigiosos entre nós; há também muitas cidades que ainda não aceitaram sequer o acordo, e elas não são fracas; ao contrário, algumas delas estão abertamente em guerra contra nós, enquanto outras, apenas porque os lacedemônios se mantêm quietos, mostram-se retraídas por causa de uma trégua renovável a cada dez dias. Muito provavelmente, se elas virem as nossas forças divididas – exatamente o que estamos ansiosos por fazer – juntar-se-ão avidamente para atacar-nos em combinação com os siceliotas, cuja aliança eles já fizeram esforços consideráveis para obter no passado; devemos, portanto, ponderar sobre tudo isto e decidir-nos a não expor a cidade a novos perigos enquanto ela ainda se debate em meio à tempestade e a não sair em busca de outro império antes de havermos consolidado o que temos, vendo que os calcídios da Trácia, após tantos anos de revolta contra nós, ainda não foram dominados, e que outros em várias regiões do continente nos prestam uma obediência duvidosa. Devemos, então, precipitar-nos em socorrer os egesteus, nossos aliados, considerando-os ofendidos, enquanto deixamos impunes aqueles cuja revolta há tanto tempo nos ofende tanto?

11. "Se nos impusermos a estes últimos, seremos seus senhores, mas ainda que vençamos os siceliotas teremos dificuldades em governá-los, por estarem distantes e serem tão numerosos. Ora: é loucura atacar um povo se nem a vitória nos trará o domínio sobre ele, e se um fracasso nos privará da situação anterior ao ataque. Mais ainda: parece-me que os siceliotas, ao menos na conjuntura atual, ser-nos-iam menos perigosos se caíssem sob o domínio dos siracusanos, apesar de os egesteus tentarem atemorizar-nos especialmente com essa perspectiva. Com efeito, agora aqueles talvez pudessem vir contra nós isoladamente, para agradar aos lacedemônios, mas na outra hipótese não é provável que um império faça guerra contra outro império, pois quaisquer que fossem os meios que eles, em conjunto com os peloponésios, pudessem usar para despojar-nos de nossa supremacia, com os mesmos meios muito provavelmente seu império seria destruído pelos próprios peloponésios. Quanto a nós, a melhor maneira de intimidar os helenos da Sicília seria não aparecermos lá; a segunda alternativa seria mostrarmos nossa força em rápida incursão e voltarmos em seguida, pois como todos sabemos são as coisas mais distantes e aquelas cuja reputação foi menos posta

à prova que provocam admiração. Se experimentarmos qualquer fracasso, eles imediatamente nos olharão com desdém e se juntarão aos helenos daqui para atacar-nos. Esta foi exatamente a nossa experiência, atenienses, a respeito dos lacedemônios e de seus aliados: pelo fato de os haverdes sobrepujado além de vossa expectativa, em comparação com o que temíeis antes, agora os subestimais a ponto de pretenderdes conquistar a Sicília. Não tendes o direito, porém, de assumir uma atitude arrogante por causa da má sorte dos adversários, mas só devereis sentir confiança após haver inviabilizado os seus desígnios; nem deveis crer que os lacedemônios, em decorrência de sua humilhação, pensem em outra coisa que não seja a descoberta da maneira de vos derrotar e de livrar-se de sua desonra, mais ainda por terem cultivado ao máximo e por mais tempo uma reputação de bravura. Nestas circunstâncias, o ponto crucial para nós, se formos prudentes, não é o destino dos egesteus, um povo bárbaro da Sicília, mas nos protegermos adequadamente contra as emboscadas de uma cidade oligárquica.

12. "Devemos lembrar-nos de que só recentemente nos recuperamos até certo ponto de uma peste e uma guerra terríveis, para refazer nossos recursos em dinheiro e homens; é apenas justo usá-los em nosso benefício aqui, e não com estes fugitivos em busca de nossa ajuda, cujo interesse é mentir para ser agradáveis, deixando os perigos para os outros, pois contribuem apenas com palavras, e que em caso de sucesso não mostrarão a devida gratidão, mas na hipótese de fracasso arrastarão os amigos em sua ruína. Se existe aqui alguém que, eufórico por haver sido escolhido para o comando, vos exorta incessantemente a embarcar, considerando – especialmente por ser muito jovem[15a] para comandar – somente o seu próprio interesse e o desejo de ser admirado por sua criação de cavalos (e, por esta ser muito dispendiosa, pensando na maneira de tirar algum proveito de seu comando), não deveis dar a esse homem, à custa da cidade, a oportunidade de fazer a sua exibição pessoal; ponderai que tais homens prejudicam os interesses gerais enquanto esbanjam os seus próprios bens, e que o assunto é extremamente sério, não permitindo que jovens decidam sobre ele e o tomem açodadamente em suas mãos.

13. "Quando vejo estes jovens sentados aqui atendendo ao apelo desse homem, sinto medo; e faço um contra-apelo aos mais idosos, se algum estiver sentado ao lado de qualquer deles, para não se envergonharem de

[15a] A alusão é a Alcibíades.

parecer covardes se não votarem pela guerra e, embora este possa ser o seu sentimento, para não mostrarem um apetite mórbido pelo que está fora de seu alcance, cientes de que poucos sucessos são obtidos por paixão, mas muitos por ponderação; ao contrário, em nome de nossa pátria, agora diante do maior perigo que já correu, levantai vossas mãos em oposição, e votai no sentido de que os siceliotas, mantendo em relação a nós as posições presentes, inobjetáveis, ou seja, o golfo Iônio para quem navega ao longo da costa, e o mar da Sicília para quem navega em mar aberto, desfrutem do que é deles e decidam as suas divergências entre eles. Dizei aos egesteus especificamente que, da mesma forma que entraram em guerra com os selinúntios sem antes consultar os atenienses, tratem eles mesmos de terminá-la; e para o futuro, não façamos, como costumamos fazer, aliados aos quais tenhamos de prestar ajuda se estiverem em má situação, mas que não nos ajudarão quando necessitarmos.

14. "E tu, presidente, se pensas que teu dever é zelar pelo bem da cidade e se desejas mostrar-te um bom cidadão, submete esta matéria novamente a voto e obtém uma nova decisão dos atenienses. Se receias submeter a matéria novamente a voto, considera que não há culpa se se transgride a lei em presença de tantas testemunhas; ao contrário, tornar-te-ás o médico da cidade numa hora em que ela deliberou mal; o bom governante é aquele que presta à sua cidade o maior número possível de bons serviços, ou pelo menos não a prejudica conscientemente".

15. Assim falou Nícias. Os atenienses que usaram da palavra depois em sua maioria aconselharam o povo a manter-se a favor da expedição e contra a anulação da votação anterior, enquanto alguns se manifestaram em sentido contrário. O defensor mais veemente da expedição era Alcibíades filho de Clínias, desejoso de opor-se a Nícias, seu adversário político e que, além disto, o havia atacado antes; acima de tudo, porém, ele sempre ansiou por ser nomeado comandante, alardeando que iria subjugar a Sicília e Cartago e, ao mesmo tempo, servir aos seus interesses pessoais em termos de riqueza e de glória. Desfrutando até então de grande prestígio entre os habitantes da cidade, ele sempre cuidou de satisfazer os seus próprios caprichos muito além do que lhe permitiam as suas posses, tanto na criação de cavalos quanto em outros gastos, e não foi pequena a influência desses desmandos na ruína de Atenas. O povo, preocupado na época com a enormidade de sua depravação na vida diária e também com seus desígnios, revelados em cada

uma das muitas intrigas em que se envolvia, passou a hostilizá-lo, considerando-o um aspirante à tirania; de fato, embora na vida pública ele tratasse dos assuntos relativos à guerra da melhor maneira possível, na vida privada ele ofendia todos os cidadãos com sua conduta, levando-os a confiar a cidade a outras mãos e a arruiná-la por isto ao fim de não muito tempo. Naquela ocasião ele subiu à tribuna e aconselhou os atenienses da forma seguinte:

16. "Mais que a qualquer outro, atenienses, cabe-me receber o comando (tenho de começar por este ponto, pois Nícias me atacou), e me considero digno dele; os fatos que provocam a malevolência contra mim são justamente a causa da glória de meus antepassados e da minha, e trazem vantagens para a pátria. Os helenos, que consideravam a nossa cidade esgotada pela guerra, passaram a fazer uma idéia de sua grandeza muito além de seu poder real, diante da magnificência de minha exibição como emissário sagrado[16] a Olímpia, pois entraram na pista hípica sete carros meus – mais que de qualquer outro concorrente individual até aquela época – e ganhei o primeiro, o segundo e o quarto prêmios, além de ter-me apresentado em tudo mais num estilo digno de minhas vitórias. De acordo com as tradições isto é uma honra, e pelos feitos se deduz o poder. Embora os meus serviços à cidade, custeando coros[17] ou de outra forma qualquer, tenham naturalmente provocado inveja entre meus concidadãos, aos olhos dos estrangeiros essas exibições dão uma impressão de força; não é uma loucura vã o fato de um cidadão, à sua própria custa, ser útil não somente a si mesmo, mas também à cidade. Não é injusto, tampouco, que alguém, tendo-se a si mesmo em alto conceito, se recuse a ficar em pé de igualdade com os demais, pois os fracassados não encontram quem queira participar de seu infortúnio em igualdade de condições. Ao contrário, da mesma forma que na desgraça não se é sequer cumprimentado, não se deve considerar maldade o fato de os homens prósperos desprezarem alguém (quem quiser reciprocidade iguale-se a nós). Sei que os homens desta espécie e todos os outros que de algum modo se distinguiram por suas qualidades excepcionais, na realidade desgostam os demais ao longo de suas vidas, principalmente os seus rivais, mas mesmo assim os pósteros pretendem, às vezes sem fundamento,

[16] Em 416, ou 420, ou 424 a.C.; veja-se a nota 444 a respeito dos emissários sagrados.
[17] Nas festas públicas e nos concursos dramáticos os coros eram patrocinados pelos cidadãos mais ricos, que nessa função se chamavam coregas, nomeados pela cidade para esse serviço público; eles eram responsáveis pelos coristas e seus ensaiadores, pelas despesas com a indumentária, sustento e treinamento.

ser seus descendentes, e sua pátria os reivindica, não como estrangeiros ou malfeitores, mas como seus filhos e autores de grandes feitos. Sendo estas as minhas ambições e estes os motivos pelos quais sou recriminado em relação à minha vida privada, olhai para os meus atos na vida pública e vede se os pratico de maneira pior que os outros. Eu reuni as forças mais importantes do Peloponeso[18] sem grande risco ou gastos para vós, e forcei os lacedemônios a arriscarem tudo em um único dia em Mantinéia[19]; em conseqüência disto, embora vitoriosos em combate eles até agora não readquiriram plena confiança em si mesmos.

17. "Desta forma a minha juventude e a minha loucura desnaturada fizeram frente ao poder dos peloponésios com discursos apropriados que, inspirando confiança, tornaram possível o acordo. Não vos deixeis intimidar por essas qualidades, mas enquanto ainda estou no apogeu de minha juventude e Nícias mantém a reputação de ter boa sorte, tirai o máximo proveito de cada um de nós. Quanto à expedição à Sicília, não mudeis de opinião por causa das grandes forças que ides enfrentar. Com efeito, as cidades de lá são populosas, mas habitadas por massas heterogêneas, e mudanças e admissões de habitantes ocorrem com freqüência nelas. Conseqüentemente, como ninguém tem o sentimento de estar em sua verdadeira pátria não há a preocupação de obter armas para a defesa pessoal, nem de introduzir melhoramentos permanentes no cultivo da terra; cada um cuida apenas de obter o que puder tirar da comunidade, seja pelo poder da palavra, seja através de revoluções, pronto para ir estabelecer-se em outro lugar qualquer em caso de fracasso. Não é plausível que uma população desse gênero se deixe convencer unanimemente por discursos, nem que passe a agir com um propósito comum; se algo for dito para agradar-lhe, ela passará rapidamente para o nosso lado, especialmente se estiver enfrentando lutas internas, como temos ouvido dizer. Além disto, nenhum dos povos de lá tem tantos hoplitas quantos pretende. A propósito, o número deles entre os outros helenos também não é tão grande quanto se imagina; ao contrário, a Hélade tem-se equivocado consideravelmente em suas estimativas a respeito de hoplitas, e raramente nesta guerra dispôs adequadamente deles. Esta, então, é a situação na Sicília, à julgar pelas informações chegadas ao meu conhecimento, e ela poderá ser-nos ainda mais favorável, pois numerosos bárbaros, por ódio aos siracusanos, não deixarão de juntar-se a nós para atacá-los.

[18] Vejam-se os capítulos 46 e 52 do livro V.
[19] Veja-se o capítulo 66 do livro V.

A situação aqui não vos trará dificuldades, se deliberardes corretamente; na verdade, nossos pais tiveram como inimigos estes mesmos homens que, como vos dizem, estareis deixando para trás se navegardes para a Sicília, e mais os persas, e no entanto construíram o seu império sem outra força além da superioridade de sua frota. Voltando ao presente, nunca foram menores as esperanças dos peloponésios contra nós, e se os imaginarmos suficientemente fortes, poderão, mesmo se não realizarmos a expedição, invadir novamente o nosso território, mas sua frota, seja como for, não poderá prejudicar-nos, pois temos de reserva uma frota capaz de fazer frente à deles.

18. "Que poderemos então alegar razoavelmente a nós mesmos para recuar, ou aos aliados para desculpar-nos por não irmos socorrê-los? Temos de ajudá-los, especialmente por havermos jurado que agiríamos dessa forma, e não podemos objetar que eles não nos oferecem reciprocidade. Na realidade, recebemo-los em nossa aliança não para nos ajudarem aqui, mas para que, molestando nossos inimigos lá, pudessem impedi-los de vir contra nós aqui. Assim adquirimos o nosso império – nós e todos aqueles que alguma vez tiveram o seu, indo socorrer imediatamente os povos, bárbaros ou helenos, que em qualquer tempo nos dirigiram o seu apelo. Se nos mantivéssemos quietos e discriminássemos, por questões de raça, entre os que deveríamos ajudar, pouco teríamos acrescentado ao nosso império e, ao contrário, teríamos corrido o risco de perdê-lo. De fato, não devemos defender-nos dos mais fortes apenas quando eles vêm contra nós, mas devemos até precaver-nos para que não nos ataquem. Não nos é possível tampouco determinar, como se faz com uma propriedade, as dimensões de nosso império; no ponto a que chegamos, é necessário às vezes urdir ameaças, às vezes não ceder, pois em caso contrário correremos o perigo de cair, nós mesmos, sob o império de outros, se não exercermos continuamente o domínio sobre os povos já submissos. Não podeis considerar a inação do mesmo ponto de vista dos outros, a não ser que mudeis vossa conduta para equipará-la à deles.

"Calculando, então, que poderemos até aumentar nossa força se formos à Sicília, realizemos a expedição para abater o orgulho dos peloponésios, o que certamente faremos se, desprezando nossa tranqüilidade atual, navegarmos para lá, e mostrarmos que somos capazes de, ao mesmo tempo, exercer o império sobre toda a Hélade, o que conseguiremos com toda a probabilidade quando os helenos de lá se juntarem a nós; no mínimo preju-

dicaremos os siracusanos, para benefício nosso e de nossos aliados. Quanto à segurança, ficando lá, se formos bem-sucedidos, ou tendo de voltar, nossas naus a garantirão, pois seremos os senhores dos mares mesmo contra todos os siceliotas juntos. Não deixeis a política de inação, proposta por Nícias, ou a confrontação que ele tenta provocar entre os jovens e os mais idosos, desviar-nos de nossos propósitos; da mesma forma que, dentro da boa ordem tradicional entre nós, com os jovens ouvindo os conselhos dos mais velhos, nossos pais elevaram o nosso poder à culminância presente, esforçai-vos agora, vós também, por manter nossa cidade na vanguarda; considerar que a juventude e a maturidade nada valem separadas, e que os homens simples, os medianos e os realmente geniais, todos juntos, terão a máxima força, e que a cidade, permanecendo inativa, desgastar-se-á por si mesma, como tudo mais, e todas as suas qualidades entrarão em declínio; se, ao contrário, ela estiver sempre em luta, aumentará constantemente a sua experiência, e fortalecerá cada vez mais o hábito de defender-se, não em palavras, mas em atos. Em suma, afirmo que, em minha opinião, uma cidade nunca antes inativa se arruinará rapidamente passando à inatividade, e que vivem mais seguros os povos cuja ação política se afasta o mínimo possível dos hábitos e instituições vigentes, mesmo quando estes não são os melhores".

19. Assim falou Alcibíades. Após ouvi-lo, e aos egesteus e alguns exilados leontinos que, subindo à tribuna, imploravam e, relembrando-lhes seus juramentos, lhes suplicavam que os socorressem, os atenienses se mostraram muito mais ansiosos do que antes pela expedição. Nícias, sentindo que não poderia demovê-los com os mesmos argumentos de antes, mas pensando que se desse toda a ênfase à magnitude das medidas a tomar talvez conseguisse fazê-los mudar de idéia, subiu à tribuna e disse o seguinte:

20. "Vendo-vos neste momento ardentemente desejosos de empreender a expedição, atenienses, faço votos para que tudo aconteça como queremos; com vistas ao presente, todavia, dir-vos-ei o que penso. As cidades a serem atacadas, segundo as informações conhecidas, são grandes, não são sujeitas umas às outras e não necessitam de quaisquer mudanças, dessas que alguém aceita com satisfação para escapar à servidão imposta por meios violentos e obter melhores condições de vida; não parecem tampouco inclinadas a aceitar o nosso domínio em vez da liberdade. O número de cidades helênicas lá é grande para uma única ilha; com efeito, além de Naxos e Catana,

que espero ver alinhadas conosco por causa de seus laços étnicos com os leontinos, há outras sete[20] dotadas de recursos militares do tipo dos nossos, sobretudo aquelas contra as quais estaremos indo diretamente: Selinunte e Siracusa. Elas dispõem de numerosos hoplitas, archeiros e lanceiros, e contam com muitas trirremes e com um grande número de homens para tripulálas. Possuem grandes riquezas, seja em mãos dos cidadãos, seja nos templos em Selinunte, e os siracusanos recebem tributos de certos povos bárbaros desde a mais alta antigüidade; sua principal vantagem sobre nós, todavia, é o fato de terem muitos cavalos e consumirem trigo cultivado localmente, e não importado.

21. "Para fazer frente a tais forças não necessitamos somente de uma frota, qualquer que seja ela, mas também de tropas numerosas participando da expedição, se quisermos realizar algo digno de nossas intenções e para não sermos impedidos por sua numerosa cavalaria de penetrar no interior da ilha, especialmente se as cidades se unirem por temer-nos, e algumas, além de Egesta, não se tornarem nossas amigas e não nos fornecerem cavalaria para defender-nos contra a do inimigo. Seria realmente vergonhoso vermo-nos forçados a retirar-nos, ou termos de enviar mais tarde novos reforços, por havermos feito nossos planos de início sem a devida reflexão. Deveremos, portanto, partir daqui com o armamento adequado, cientes de que estamos prestes a navegar não somente para longe de nossa terra, mas também para uma campanha em que as condições de luta não serão de forma alguma as que eram quando, aqui, cercados de cidades sujeitas a nós, marchávamos todos como aliados contra o adversário, sendo-nos fácil obter de alguma cidade amiga quaisquer suprimentos adicionais de que necessitássemos; lá, porém, estareis bem longe, em terras totalmente estranhas, de onde durante os quatro meses do inverno não é fácil vir um simples mensageiro.

22. "Parece-me, então, que teremos de levar muitos hoplitas, tanto nossos quanto aliados, de nossos súditos e também todos os que pudermos atrair no Peloponeso por persuasão ou como assalariados, e muitos archeiros e também fundeiros para conterem a cavalaria inimiga. Deveremos ter uma superioridade acentuada em termos de naus, a fim de que elas possam garantir-nos suprimentos com facilidade; além disto, teremos de levar em naus mercantes os cereais hoje armazenados aqui, trigo e centeio moído, junta-

[20] Siracusa, Selinonte, Gela, Acragás, Messene, Himera e Camarina.

mente com moageiros assalariados, requisitados dos moinhos na proporção de seu tamanho, com a finalidade de, se por acaso as condições do mar não nos permitirem navegar, assegurar às tropas o abastecimento suficiente, pois elas serão numerosas e nem todas as cidades terão condições para recebê-las. Tudo mais, tanto quanto possível, deverá ser providenciado por nós, para não dependermos de terceiros, mas teremos de levar daqui, especialmente, todo o dinheiro possível, pois o dos egesteus, que dizem estar disponível lá, estai certos de que é disponível apenas em palavras.

23. "Ainda que saiamos levando efetivos nossos não somente iguais aos deles – exceto quanto às tropas de combate pesadamente armadas – mas até superiores sob todos os aspectos, mal seremos capazes de dominá-los ou (quem sabe?) de simplesmente assegurar nossa própria sobrevivência. De fato, podeis imaginar que é como se fôssemos fundar uma cidade entre populações estrangeiras e hostis, e o dever de homens engajados em tal cometimento é dominar desde o primeiro dia o território em que desembarcam, ou no mínimo saber que, se fracassarem nisto, tudo lhes será adverso. Temendo, então, uma situação assim, e ciente de que, para sermos bem-sucedidos, deveremos ser sensatos e planejar com a maior amplitude imaginável, e além disto ter sorte em amplitude ainda maior – coisa difícil, pois somos apenas homens, quero, ao iniciar a viagem, ter deixado o mínimo possível de fatores por conta da sorte, e no tocante aos preparativos o objetivo deve ser a segurança máxima dentro do que é razoável prever. Considero, com efeito, que esta é a conduta capaz de proporcionar a toda a cidade as maiores garantias, e também uma salvaguarda para nós, os expedicionários. Se qualquer um de vós pensar de maneira diferente, entregar-lhe-ei o comando".

24. Assim falou Nícias, imaginando que dissuadiria os atenienses pelo número de suas exigências, ou, se fosse compelido a empreender a expedição, que dessa maneira poderia partir com a maior segurança desejável. Eles, porém, não tiveram a sua animação diminuída por causa dos cuidados com os preparativos; ao contrário, ficaram ainda mais inclinados a engajar-se. O resultado, então, foi o oposto do esperado, pois lhes pareceu que Nícias havia apresentado boas sugestões e agora haveria certamente um grau maior de segurança. Um forte desejo de partir apoderou-se de todos indistintamente – dos mais idosos por pensarem que conquistariam os lugares para os quais iriam navegar, ou então que uma força tão grande não estaria sujeita

a um desastre; daqueles na flor da idade, pela ânsia de ir a terras distantes e ver novidades, na esperança de voltarem sãos e salvos; da multidão de soldados em geral, pela expectativa de ganhar dinheiro no presente e de conquistar para a cidade novos domínios, que seriam sempre uma fonte inesgotável de soldos no futuro. Assim, por causa da incontida ansiedade da maioria, os que se opunham permaneceram quietos, receosos de passar por desleais à cidade se votassem contra.

25. Finalmente um ateniense qualquer subiu à tribuna e, interpelando Nícias, disse-lhe que não deveria estar apresentando pretextos e provocando demora, e sim declarar imediatamente, diante de todos, quais os recursos que os atenienses teriam de fornecer-lhe mediante votação. Ele, então, embora relutasse, ponderou que desejava deliberar com seus colegas mais detidamente; tanto quanto podia prever no momento, deveriam partir com não menos de cem trirremes – teriam de prover também tantas naus de transporte quantas fossem julgadas necessárias, supridas pelos próprios atenienses, e outras que poderiam pedir aos seus aliados – e com não menos de cinco mil hoplitas atenienses e dos aliados, e se possível mais; os efetivos restantes que deveriam ser preparados para seguir teriam de ser proporcionais aos hoplitas – archeiros de Atenas e de Creta, fundeiros e tudo mais que fosse necessário.

26. Ouvindo esta enumeração, os atenienses votaram imediatamente no sentido de que os generais deveriam ter plenos poderes quanto ao número de combatentes e à expedição em geral, podendo agir da maneira que lhes parecesse melhor para Atenas. Logo após começaram os preparativos; foram enviadas instruções aos aliados e fez-se a mobilização local. A cidade apenas se recuperara da peste e de uma guerra ininterrupta, seja em termos de número de jovens em idade militar, seja em relação ao dinheiro acumulado em decorrência da trégua, de tal forma que tudo foi providenciado com mais facilidade. E assim prosseguiram os preparativos.

27. Na mesma época as hermas de mármore existentes na cidade de Atenas – trata-se de blocos quadrados[21] que, de acordo com a tradição, havia em frente às casas e aos recintos sagrados – foram quase todas mutiladas na face numa só noite. Ninguém sabia quem havia praticado aquele

[21] Com um busto do deus Hermes no topo; entre as atribuições de Hermes estava a proteção dos caminhos.

ato e a cidade ofereceu publicamente grandes recompensas pela detenção dos culpados; foi também promulgado um decreto segundo o qual se qualquer habitante (cidadão, estrangeiro ou escravo) soubesse da ocorrência de outras profanações, deveria denunciá-las sem temor de represálias. O caso foi considerado muito grave, pois parecia de mau agouro para a expedição e ao mesmo tempo levantava suspeitas de conspiração para uma revolução com o objetivo de abolir a democracia.

28. Certos metecos e serviçais forneceram então algumas informações, não sobre as hermas, mas a propósito de mutilações anteriores de outras estátuas, praticadas por jovens que se divertiam embriagados, e também de uma paródia sacrílega do ritual dos mistérios em residências; Alcibíades, entre outros, estava incluído na denúncia, encampada pelos cidadãos que mais o odiavam pelo fato de ele constituir um obstáculo às suas aspirações à conquista da preferência popular; esses homens, pensando que, se conseguissem livrar-se dele, poderiam ocupar as primeiras posições na cidade, exageraram a importância do caso e vociferavam que tanto a paródia dos mistérios quanto a mutilação das hermas visavam igualmente à abolição da democracia, e que nenhum daqueles atos fora praticado sem a participação dele, citando como provas adicionais outros exemplos de sua conduta antidemocrática em detrimento da lei.

29. Ele se defendeu na ocasião contra as denúncias dos informantes e, como os preparativos para a expedição já estavam completos, prontificou-se a ser julgado antes da partida, em face das acusações de haver praticado aqueles atos; se fosse considerado culpado de qualquer deles, sofreria a punição, mas se fosse absolvido manter-se-ia no comando. Declarou também que não deveriam acolher acusações caluniosas contra ele em sua ausência, mas poderiam até executá-lo se fosse provada a sua culpa antes da partida; não seria sensato deixarem-no seguir à frente de um exército daquela magnitude sob suspeição, sem haverem decidido a questão. Seus inimigos, porém, temendo que o exército tomasse partido a seu favor se ele fosse submetido imediatamente a julgamento e que o povo se mostrasse condescendente, poupando-o entre outras razões porque graças à sua influência os argivos e alguns mantineus iriam participar da campanha, estavam ansiosos por adiar o julgamento, subornando alguns oradores para insistirem no sentido de que ele deveria partir, a fim de evitar demora na expedição, mas que deveria voltar e ser julgado num prazo determinado; o objetivo de seus inimigos

era caluniá-lo ainda mais – isto seria mais fácil em sua ausência – e então chamá-lo de volta para julgamento. Foi então decidido que Alcibíades partiria com a expedição.

30. Posteriormente, já no meio do verão, a expedição partiu para a Sicília. Haviam sido dadas com antecedência instruções à maioria dos aliados a respeito das naus para o transporte de provisões, bem como de barcos menores; e também dos demais preparativos relacionados com a expedição; todos deveriam concentrar-se em Córcira, de onde cruzariam o golfo Iônio em direção ao promontório de Iapigia.

Os atenienses e os aliados presentes desceram para o Pireu ao surgir a aurora no dia marcado e começaram a tripular as naus para a partida. Com eles veio, a bem dizer, toda a multidão dos que ainda ficariam na cidade, atenienses e estrangeiros, os primeiros para se despedirem de seus amigos, parentes ou filhos, indo ao mesmo tempo esperançosos e chorosos – poderia realizar-se a conquista, mas talvez nunca mais fossem vistos, considerando-se a prolongada viagem para a qual estavam saindo de sua terra.

31. Naquele momento, ao chegar a hora da despedida para a viagem rumo ao perigo, os riscos voltaram aos seus pensamentos com mais intensidade que no momento de votarem pela expedição, mas a coragem se revigorou à vista de suas forças presentes, em conseqüência da abundância de tudo que viam diante dos olhos; os estrangeiros e o resto da multidão vieram por curiosidade, sentindo a importância daquele cometimento realmente incrível. Estes primeiros efetivos a partir foram os mais dispendiosos e pomposos jamais preparados por uma única cidade até aquela época, e compostos apenas de forças helênicas. Pelo número de naus, todavia, e pela quantidade de hoplitas, a expedição enviada inicialmente contra Epídauros sob o comando de Péricles e em seguida com Hágnon contra Potidéia, não fora inferior; efetivamente, dela participaram quatro mil hoplitas, trezentos cavalerianos e cem trirremes, todos de Atenas, e cinqüenta trirremes de Lesbos e Quios, além de tropas aliadas em grande número. Mas ela havia partido para uma viagem curta e com equipamento modesto; a expedição atual, ao contrário, pelas perspectivas de longa duração, estava bem provida de naus e de forças terrestres para corresponder às necessidades. Foram feitas grandes despesas com a construção da frota, seja pelos trierarcas, seja pela cidade; esta pagava um dracma[22] por dia a cada marinheiro, e fornecia sessenta

[22] O equivalente a cerca de 17 centavos de dólar.

naus vazias[23] e quarenta naus para o transporte de tropas, com os homens para tripulá-las da maneira mais apropriada; os trierarcas completavam o soldo dos tranitas[24], ou seja, os marinheiros do banco superior, melhorando o soldo pago pela cidade; as trirremes tinham carrancas de proa e equipamento muito dispendioso, pois cada trierarca dispendia o máximo de recursos para que sua nau ultrapassasse todas as outras em aparência e velocidade. As forças de terra foram selecionadas entre as melhores listas de serviço militar e havia intensa rivalidade entre os soldados no tocante às armas e ao equipamento restante; acontecia então que, devido à emulação reinante entre eles – cada um no seu respectivo posto, tudo aquilo parecia mais uma exibição de fausto e de força diante do resto dos helenos do que uma expedição contra inimigos. Realmente, se alguém computasse os gastos do erário e o desembolso privado dos cidadãos responsáveis pelas despesas da expedição – da cidade, tanto os gastos já efetuados quanto o dinheiro entregue aos comandantes, e dos cidadãos, todas as despesas com a própria pessoa e, no caso dos trierarcas, as despesas já feitas com as suas naus e as que iriam continuar a fazer, e além disto o dinheiro presumivelmente dispendido por cada um consigo mesmo em seus gastos pessoais em adição ao soldo recebido da cidade, se levarmos em conta a longa duração da expedição e todos os artigos levados na viagem pelos soldados e tropas auxiliares para negociar – veria que um total de muitos talentos saiu da cidade. A expedição era comentada no exterior, não somente por causa da admiração diante de sua audácia e pelo esplendor do espetáculo, mas também devido à superioridade esmagadora de suas forças em comparação com as dos adversários; acrescentavam os comentários que jamais uma expedição havia partido para uma viagem tão longa por mar, e com tão grandes esperanças em relação ao futuro em contraste com o presente.

32. Quando as tripulações das naus estavam embarcadas e tudo que tinha de ser levado na viagem havia sido finalmente posto a bordo, soou o toque de silêncio da cometa e foram feitas as preces costumeiras antes da partida, não em cada nau isoladamente, mas para todas juntas e dirigidas por um arauto; os marinheiros e os oficiais em todo o efetivo da expedição fizeram as libações com vinho por eles misturado em taças de ouro e prata.

[23] Ou seja, os cascos, sem o equipamento que os trierarcas supriam.

[24] Dos três bancos de remadores nas trirremes, o superior era ocupado pelos tranitas, que usavam remos mais longos; o do meio pelos zigitas; no banco inferior ficavam os talamitas, usando os remos mais curtos e recebendo o soldo mais baixo.

A multidão que permanecia em terra, composta de cidadãos e de todos os que foram desejar sucesso aos atenienses, juntou-se aos expedicionários nas preces. Quando os expedicionários acabaram de cantar o peã e terminaram as preces as naus partiram, navegando inicialmente em fila única, mas passando depois a competir em velocidade até Egina. A frota se apressava em chegar a Córcira, onde as forças restantes dos aliados estavam concentradas.

Nesse ínterim chegaram a Siracusa notícias de vários lugares sobre a expedição, mas ninguém acreditou nelas durante algum tempo. Na primeira oportunidade em que a assembléia local se reuniu, ouviram-se, porém, vários discursos como os reproduzidos a seguir, nos quais alguns oradores davam crédito aos relatos sobre a expedição dos atenienses e outros os contradiziam; finalmente Hermôcrates filho de Hêrmon subiu à tribuna, convencido de que conhecia perfeitamente o assunto, falou e fez a seguinte exortação:

33. "Talvez minhas palavras e as de outros a respeito da expedição contra nós vos pareçam incríveis, e sei que aqueles que fazem ou repetem afirmações aparentemente destituídas de credibilidade, além de não convencerem quem os ouve são considerados loucos; apesar disto não me intimidarei a ponto de calar-me quando a cidade está em perigo, pois tenho a convicção de estar falando com mais conhecimento de causa que qualquer de meus opositores. Na realidade, foi para vir contra vós, por mais que vos admireis, que os atenienses saíram em viagem com forças tão numerosas para combater em terra e no mar, pretextando uma aliança com os egesteus e a disposição de reconduzir os leontinos à sua cidade, mas de fato cobiçando a Sicília e, acima de tudo, a nossa cidade, pois pensam que, se se apossarem dela, dominarão todas as outras. Na certeza de que eles estarão brevemente aqui, deliberai sobre a melhor maneira de os repelir com vossos recursos atuais, e não vos deixeis surpreender por subestimá-los, nem vos mostreis negligentes quanto a todos estes fatos por incredulidade. Mas se alguém acreditar em minhas palavras não deverá assustar-se com o atrevimento e com a força deles, pois não serão capazes de causar-nos males maiores do que os que sofrerão; pode até ser vantajoso para nós o fato de eles estarem vindo com forças tão numerosas; pensando bem, é melhor assim em relação aos demais siceliotas, pois em seu alarme estes se mostrarão mais dispostos a aderir à nossa aliança; se afinal nós os vencermos ou os obrigarmos a voltar frustrados em seus desígnios – não tenho o menor receio de que eles atinjam o seu objetivo – isto será para nós um feito dos

mais gloriosos, cuja realização não me parece estar além de nossas possibilidades. Com efeito, poucas grandes expedições, seja de helenos, seja de bárbaros, quando efetuadas contra lugares muito distantes das cidades que as empreendem, foram bem-sucedidas. A razão disto é que não podem ultrapassar em número as forças locais e vizinhas no território ao qual se dirigem (em toda parte o perigo traz a união), depois, se fracassam por falta de suprimentos em terras estranhas, proporcionam um renome glorioso àqueles que haviam ameaçado, embora seu fracasso seja devido principalmente a si mesmos. Com efeito, os próprios atenienses, quando os persas foram derrotados de maneira desconcertante, engrandeceram-se com a reputação de ter sido contra Atenas que eles vieram; quanto a nós, um resultado semelhante não está além de nossas possibilidades.

34. "Preparemo-nos aqui, então, cheios de confiança, mas dirijamo-nos também aos sícelos para confirmar a fidelidade de alguns e tentar estabelecer relações amistosas e alianças com os outros; despachemos emissários ao resto da Sicília, para mostrar que o perigo é de todos, e à Itália, para podermos assegurar a sua aliança conosco ou então evitar que lá recebam os atenienses. Parece-me melhor dirigirmo-nos também a Cartago, pois os cartagineses também devem estar na expectativa, ou melhor, sempre receiam que um dia os atenienses venham atacar a sua cidade; eles provavelmente perceberão que, se deixarem os acontecimentos aqui entregues à sorte, poderão ver-se em dificuldades e por isto estarão inclinados a ajudar-nos, talvez secretamente, ou então ostensivamente, de uma maneira ou de outra. Mais que quaisquer outros eles poderão fazer isto agora, se quiserem, pois têm grandes quantidades de ouro e prata, cuja posse é decisiva na guerra e em tudo mais. Dirijamo-nos também à Lacedemônia e a Corinto, pedindo-lhes para trazer-nos ajuda a toda pressa e para ativar a guerra lá. A medida que considero mais oportuna agora, mas que vós, por causa de vosso apego à tranqüilidade, estaríeis provavelmente menos propensos a adotar imediatamente, terá de ser proposta apesar de tudo. Se nós, siceliotas – todos juntos ou, se isto não for possível, tantos quantos se dispuseram a apoiar-nos – quiséssemos sair com nossa frota e provisões para dois meses a fim de enfrentar os atenienses em Taras e no promontório de Iapigia, e mostrássemos claramente aos atenienses que, antes de bater-se na Sicília, eles teriam de lutar para atravessar o mar Iônio, deixá-los-íamos extremamente assustados e os forçaríamos a considerar que temos como base uma terra amiga que protegemos – Taras está pronta a receber-nos – enquanto o mar aberto

que terão de cruzar com todas as suas forças é vastíssimo e é difícil manter a formação por causa do longo percurso a cobrir; logo, chegando lentamente e poucas de cada vez, suas naus estariam à mercê de nossos ataques. Se, adotando outra tática, eles aliviassem as suas naus[25] e nos atacassem com as naus mais velozes compactamente agrupadas, teriam de usar para isto os remos e nós nos lançaríamos sobre tripulações exaustas de tanto remar, ou, se preferíssemos, poderíamos retirar-nos calmamente para Taras, enquanto eles, tendo chegado com provisões escassas, na expectativa de uma batalha naval se veriam em dificuldades em regiões inabitadas; ficariam, então, e seriam cercados, ou tentariam navegar de volta ao longo da costa, deixando para trás o resto do equipamento, e perderiam a coragem, pois por desconhecerem o ânimo das cidades, não saberiam se estas os acolheriam. Penso que, dissuadidos por considerações como estas, não partiriam sequer de Córcira, mas, depois de demorar-se deliberando e espionando para descobrirem quantos somos e qual a nossa posição, iriam para algum lugar onde pudessem passar o inverno, pois a estação favorável já estaria terminando, ou então, desalentados diante do rumo inesperado dos acontecimentos, abandonariam a expedição, principalmente porque seu comandante mais experiente a chefia contra a sua vontade, pelo que ouvi dizer, e aproveitaria com satisfação um pretexto para abandoná-la se fosse notada de nossa parte uma disposição séria de resistir. Estou convencido de que as informações acerca de nossas forças seriam exageradas, pois as opiniões dos homens tendem a variar segundo o que ouvem dizer, também os primeiros a atacar e os que de qualquer modo demonstram claramente aos agressores que se defenderão, serão mais temidos pelo inimigo, pois lhe parecerão um adversário em pé de igualdade quanto à temibilidade. Este será precisamente o efeito das medidas que proponho sobre os atenienses nestas circunstâncias, pois estarão vindo contra nós convictos de que não nos defenderemos, desprezando-nos com razão por não nos termos aliado aos lacedemônios para destruí-los. Se nos virem demonstrando uma coragem inesperada, ficarão mais alarmados com essa resistência imprevista do que com nossa força real. Convencei-vos, então, de que será melhor tomar esta atitude ousada, mas seja como for, começai a fazer todos os preparativos o mais depressa possível; compenetrai-vos todos de que o desdém aos invasores se demonstra pela bravura na hora da ação; neste momento, porém, tendo em mente que os preparativos feitos num clima de apreensão terão mais eficiência, será

[25] Deixando primeiro em terra as velas maiores, a carga e as bagagens e suas tropas de desembarque, como se fazia geralmente antes de travar uma batalha naval.

mais vantajoso agirmos como se estivéssemos diante de um perigo iminente. De fato, os homens estão vindo contra nós; tenho certeza de que já estão navegando e quase aqui".

35. Assim falou Hermôcrates. Reinava, porém, entre o povo siracusano grande confusão: uns afirmavam que os atenienses não viriam de forma alguma e que as notícias não eram verdadeiras; outros perguntavam, mesmo no caso de eles virem, qual o mal que poderiam fazer à cidade sem sofrer ainda mais; outros demonstravam o mais completo desprezo pelos atenienses e reagiam a tudo aquilo rindo. Alguns, todavia, acreditaram em Hermôcrates e se mostravam temerosos quanto ao futuro. Atenágoras, o líder popular mais influente na época junto às massas, subiu à tribuna e disse o seguinte:

36. "Quem não desejar que os atenienses sejam bastante insensatos para virem até aqui e cair em nossas mãos, ou é covarde ou não é leal à cidade; quanto aos homens que vos contam essas estórias e vos enchem de temores, admiro menos a sua audácia que a sua ingenuidade, se imaginam que suas intenções não são evidentes. Na realidade, quem, por razões pessoais, tem motivos para temer, procura espalhar o terror na cidade, para ocultar suas próprias razões à sombra do temor geral. É este, no momento, o objetivo de tais notícias; elas não são verídicas, e sim forjadas por homens sempre dispostos a insuflar a discórdia entre nós. Se sois sensatos, meditai e formai a vossa própria convicção quanto ao que é provável, não com base nas informações destes homens, mas no que fariam homens astutos e muito experientes, como são os atenienses em minha opinião. Não é provável que eles deixem o Peloponeso para trás antes de haverem terminado seguramente a guerra lá, e venham engajar-se espontaneamente em outra guerra não menor aqui; por mim, penso que eles estão felizes por não termos ido atacá-los, com tantas cidades e sendo tão fortes quanto somos.

37. "Mas se eles vierem, como dizem por aqui, considero a Sicília mais capaz de enfrentar uma guerra que o Peloponeso, pois ela dispõe de mais recursos em tudo, e nossa cidade é por si mesma muito mais poderosa que essas forças que agora, segundo se afirma, estão para chegar, mesmo que viessem duas delas. Sei que nem cavalos trarão, e aqui não os obterão – exceto uns poucos de Egesta – nem hoplitas em número igual ao dos nossos, pois têm de vir em naus (já seria um grande feito realizar a viagem até aqui com as naus sem soldados); o resto do equipamento que teria de ser

trazido contra uma cidade como a nossa não é pouco. Tão diferente é a minha opinião que, segundo me parece, mesmo que trouxessem com eles outra cidade tão grande como Siracusa e se estabelecessem aqui em nossas fronteiras para guerrear contra nós, dificilmente escapariam da destruição total, principalmente agora, quando toda a Sicília lhes é hostil (ela se unirá) e eles estarão simplesmente acampados desde o desembarque de suas naus, sem poder afastar-se de suas míseras barracas e de provisões limitadas ao estritamente necessário por causa de nossa cavalaria. Em suma, tal é a superioridade de nossas forças, penso eu, que eles não conseguirão sequer pôr os pés em terra.

38. "Mas os atenienses devem ter pensado em tudo isto, como digo, e tenho certeza de que estão tratando devidamente da segurança do que possuem, enquanto certos homens aqui imaginam coisas que nem aconteceram nem acontecerão. Esta não é a primeira vez – não é de hoje que sei disto – que estes homens estão querendo semear a inquietação entre vós – todo o povo – seja com notícias como essas ou ainda mais perniciosas, seja com atos ostensivos, com o objetivo de dominar a cidade. Temo, então, que de tanto tentar eles afinal tenham sucesso, mas de qualquer modo somos assim, muito fracos para começar a precaver-nos antes de ficarmos à sua mercê e, se descobrirmos as suas tramas, para agir contra eles. É por isto mesmo que a cidade raramente goza de tranqüilidade, e está sempre exposta a querelas e conflitos – não tanto com cidades inimigas, mas internamente – e às vezes a tiranias ou a oligarquias iníquas. Se me seguirdes, procurarei fazer com que jamais voltem a ocorrer tais coisas, persuadindo-vos, a vós que sois a maioria, mas castigando os homens que concebem tais planos, não somente quando apanhados no ato – isto é difícil em relação a eles – mas também pelo que eles querem e não podem fazer (com adversários deve-se estar prevenido não somente quanto ao que eles fazem, mas até quanto às suas intenções, pois quem não for o primeiro a tomar cuidados será o primeiro a sofrer). Quanto aos oligarcas, ora os refutarei, ora os vigiarei, mas em outras ocasiões os esclarecerei, pois penso que assim poderei impedi-los mais facilmente de fazer mal. Agora – uma pergunta que já me fiz muitas vezes – que desejais, jovens?[26] Exercer o poder imediatamente? Mas isto não seria legal. A lei foi feita por causa do vosso despreparo, e não para vos afastar dos cargos quando fordes competentes. Não quereis, então, compartilhar os mesmos direitos com a maioria? Mas seria justo, quando as pessoas são iguais, não merecerem tratamento igual?

[26] A pergunta é dirigida exclusivamente aos jovens aristocratas, aspirantes à oligarquia.

39. "Alguns dirão que a democracia não satisfaz à inteligência nem à eqüidade, e que os ricos são mais competentes para governar. Direi primeiro que a democracia é o nome de um todo completo, e a oligarquia somente o de uma parte; depois, que enquanto os ricos são os melhores guardiães de bens, os inteligentes seriam os melhores conselheiros, e a maioria, após ouvir as discussões sobre os assuntos em questão, seria o melhor juiz; estas classes, separada ou conjuntamente, têm participação igual numa democracia. Uma oligarquia, por seu turno, dá à maioria participação nos riscos, mas quanto ao proveito ela não reivindica somente a maior parte mas, na realidade, toma e usufrui tudo. É isto que os poderosos entre vós e os jovens desejam ardentemente, mas é impossível manter tal situação numa grande cidade.

40. "Ainda é tempo, todavia, helenos mais insensatos de todos que conheço, se não percebeis que vossas intenções são nefastas ou, sendo mais criminosos, se percebeis mais ousais insistir, de aprender ou arrepender-vos e pôr o bem geral da cidade acima de tudo para o bem de todos, levando em conta que os bons entre vós aproveitam esse bem na mesma medida ou em medida maior que as massas, ao passo que, se tiverdes outros objetivos, correreis o risco de perder tudo. Sendo assim retratai-vos das tentativas de hoje, cientes de que estais lidando com homens conhecedores de vossas intenções e decididos a não permitir que as materializeis. Esta cidade, mesmo que os atenienses venham, há de repeli-los de maneira digna dela, e temos comandantes que cuidarão destes assuntos. Se, como penso, nada disto for verdade, a cidade não colocará em sua nuca por vontade própria o jugo da servidão com medo de vossas notícias, escolhendo-vos para seus governantes; tratando por si mesma de sua sorte, ela julgará vossas palavras como se fossem atos, e apenas por ouvir essas notícias não se deixará privar de sua presente liberdade, mas se esforçará por preservá-la através de precauções capazes de frustrar vossas intenções".

41. Assim falou Atenágoras. Em seguida um dos comandantes levantou-se e, impedindo qualquer outra pessoa de subir à tribuna, ele mesmo disse o seguinte a propósito da situação: "Não é prova de bom senso em qualquer orador fazer acusações pessoais a outro, nem nos ouvintes acolhê-las. Diante, porém, das notícias ouvidas, temos de ver como cada um de nós na cidade poderá preparar-se para defendê-la eficientemente contra os invasores. Se afinal isto não for necessário, não haverá mal em que a cidade

esteja suprida de cavalos e armas e de todo o aparato bélico – a realização e a inspeção dos preparativos ficarão a nosso cargo – e mande missões às várias cidades para observação e quaisquer outros propósitos julgados convenientes. Já tomamos em parte essas providências, e vos manteremos informados de tudo que chegar ao nosso conhecimento". Os siracusanos, ouvindo as palavras do comandante, dispersaram-se encerrando a assembléia.

42. Nesse ínterim os atenienses e seus aliados já haviam chegado a Córcira. Os comandantes procederam primeiro a uma inspeção geral das forças e tomaram medidas quanto à ordem em que as mesmas deveriam ancorar e acampar. Repartindo-as em três divisões, entregaram uma a cada comandante, para evitar que, navegando juntas, as naus tivessem maiores dificuldades quanto ao abastecimento de água e provisões, e quanto a portos quando as tropas tivessem de desembarcar, e para poderem, de um modo geral, operar boa ordem, permitindo ao mesmo tempo um controle mais fácil assim divididas e cada uma submetida a um chefe. Em seguida despacharam três naus para a Itália e para a Sicília, com o objetivo de verificar quais as cidades que se dispunham a receber a expedição. Foram dadas ordens a essas últimas naus para voltarem com presteza ao encontro das forças de modo a que o desembarque se efetuasse em consonância com as informações obtidas por elas.

43. Logo após os atenienses levantaram âncoras e saíram de Córcira em direção à Sicília. O total de suas forças naquele momento era o seguinte: dispunham ao todo de cento e trinta e quatro trirremes e duas naus ródias de cinqüenta remos, das quais cem eram áticas (destas, sessenta eram naus rápidas e as outras eram para o transporte de soldados) e as restantes haviam sido fornecidas pelos quianos e outros aliados; tinham ao todo cinco mil e cem hoplitas, dos quais mil e quinhentos eram atenienses das listas de serviço militar e setecentos eram tetas[27] servindo como tropas de bordo; os restantes eram aliados incorporados às tropas auxiliares, alguns de cidades sujeitas a Atenas, outros argivos (em número de quinhentos) e mantineus e mercenários (duzentos e cinqüenta). Contavam ao todo com quatrocentos e oitenta archeiros, dos quais oitenta eram cretenses; os fundeiros eram setecentos ródios; havia ainda cento e vinte exilados megáricos com armas leves e trinta cavalerianos em uma nau para o transporte de cavalos.

[27] Cidadãos de poucas posses, que geralmente serviam como remadores, mas em casos excepcionais, como este, atuavam como marinheiros com armas de hoplitas.

44. Estes eram os efetivos da primeira expedição enviada para a guerra. Trinta naus lhes traziam suprimentos, havendo a bordo também padeiros, canteiros, carpinteiros e todas as ferramentas para a construção de muralhas; vinham ainda cem naus cargueiras requisitadas para prestar serviço juntamente com as naus de transporte de tropas; muitas outras embarcações de carga e transporte acompanhavam por conta própria a expedição para comerciar. Naquela ocasião todas navegavam juntas vindo de Córcira através do golfo Iônio. Quando a expedição atingiu o promontório iapígio, na altura de Taras ou onde pensavam poder desembarcar, passaram a navegar ao longo da costa da Itália – as cidades lhes fechavam seus mercados e portos, embora lhes fornecessem água e lhes proporcionassem ancoragem, sendo que Taras e Lócris nem isto permitiram – até chegarem a Région, situada no promontório na Itália. Lá eles se reuniram e, como os régios não os admitissem no interior de suas muralhas, acamparam fora da cidade, junto ao santuário de Ártemis, onde também foi improvisado um mercado para eles; ali, trazendo as naus até a praia, descansaram afinal. Depois conferenciaram com os régios, convidando-os, por serem calcídios, a ajudar os leontinos, também calcídios. Os régios, porém, declararam que permaneceriam neutros, ou fariam o que os demais italiotas decidissem. Os atenienses, então, passaram a deliberar sobre a melhor atitude a tomar com vistas à situação na Sicília; esperavam ao mesmo tempo a chegada de Egesta das naus que haviam sido mandadas na frente, querendo obter informações acerca do montante real do dinheiro a que aludiram os mensageiros egesteus em Atenas.

45. Nesse ínterim já estavam chegando aos siracusanos, através de espiões e muitas outras fontes, informações positivas no sentido de que os atenienses haviam chegado a Région; naquelas circunstâncias os siracusanos iniciaram os preparativos com todo o empenho, sem ter mais dúvidas. Entraram em contato com os sícelos em todas as direções, mandando tropas de guarda a alguns lugares e emissários a outros, e guarneceram os fortes espalhados pela região; quanto à situação na cidade, inspecionaram as armas e os cavalos, para verem se tudo estava em ordem; todos os outros detalhes vinham sendo tratados cuidadosamente com vistas à guerra iminente, praticamente começada.

46. As três naus que haviam saído na frente para Egesta voltaram a encontrar-se com a expedição ateniense em Région, com a notícia de que do

resto do dinheiro que os egesteus haviam prometido somente trinta talentos estavam lá. Os comandantes manifestaram imediatamente seu desagrado, pois além desta decepção inicial, os régios – primeiro povo que tentaram persuadir a aderir à expedição e junto aos quais julgavam mais provável obter sucesso, por seus laços étnicos com os leontinos e por terem sido sempre amigos dos atenienses – haviam se recusado a colaborar com eles. Na realidade, Nícias esperava aquela notícia a respeito dos egesteus, mas para seus dois colegas ela pareceu inexplicável. O fato é que os egesteus haviam recorrido ao seguinte artifício por ocasião da visita dos primeiros emissários atenienses a Egesta com o objetivo de colher informações a respeito do dinheiro: levaram os enviados ao templo de Afrodite em Êrix e lhes mostraram as oferendas – taças, jarras para vinho, turíbulos e muitos outros objetos – que embora tivessem pouco valor em dinheiro, por serem de prata eram de grande efeito visual; ao mesmo tempo ofereceram recepções privadas às tripulações das trirremes, nas quais exibiam taças de ouro e prata existentes em Egesta, além de obterem outras por empréstimo nas cidades vizinhas, tanto fenícias quanto helênicas, levando-as para os banquetes como se lhes pertencessem. Como todos usaram na maioria das vezes os mesmos objetos e havia grande quantidade deles à vista em toda parte, a exibição deslumbrou os atenienses das trirremes que levaram os primeiros emissários, e estes, de volta a Atenas, difundiram a informação relativa à abundância dos tesouros que tinham visto. Aqueles homens que se haviam enganado e ao mesmo tempo tinham induzido os outros em erro, foram muito criticados pelos soldados posteriormente, quando se tornou conhecida a notícia de que não existia dinheiro em Egesta. Em face daquela situação os comandantes resolveram deliberar.

47. Nícias opinou no sentido de que deveriam navegar com todas as forças contra Selinunte, objetivo principal da expedição; se os egesteus afinal fornecessem dinheiro para as despesas com as tropas, os comandantes voltariam a deliberar; em último caso, pedir-lhes-iam que pagassem as despesas de manutenção de sessenta naus – número solicitado por eles – e, permanecendo lá, promoveriam a reconciliação dos selinúntios e dos egesteus, pela força ou mediante acordo; isto feito, os atenienses iriam a outras cidades ao longo da costa, exibindo a força da cidade de Atenas e tornando evidente o seu devotamento à causa dos amigos e aliados; depois partiriam de volta a Atenas, a não ser que se lhes apresentasse uma oportunidade inesperada de prestar serviços aos leontinos ou de promover uma

aproximação com alguma das outras cidades, sem expor Atenas a perigos e a expensas das cidades em causa.

48. Alcibíades, por seu turno, insistiu em que, após empreenderem a expedição com forças tão importantes, não deveriam regressar humilhados, sem nada fazer; instou-os a, em vez disso, despacharem emissários a outras cidades, exceto Selinunte e Siracusa, com o objetivo de afastar alguns sícelos dos siracusanos e de conquistar a amizade de outros, dos quais poderiam obter trigo e tropas; antes de tudo dever-se-ia tentar persuadir os messenos, pois sua cidade está situada justamente no estreito que dá acesso à Sicília e poderia oferecer-lhes um porto e uma ótima base de operações para a expedição. Então, após haverem estabelecido boas relações com as cidades e saberem com quem cada uma delas marcharia, iriam atacar Siracusa e Selinunte, a não ser que a última se reconciliasse com os egesteus e a primeira lhes permitisse reconduzir os leontinos à sua cidade.

49. Lâmacos sustentava a idéia de que deveriam navegar diretamente para Siracusa e travar combate o mais depressa possível nos arredores da cidade, enquanto os siracusanos ainda não estavam preparados e suas divergências internas atingiam o auge. Um exército, disse ele, é mais temível no primeiro momento, mas se ele demora a mostrar-se, os adversários recuperam o ânimo e, quando ele aparecer, estarão mais propensos a desprezá-lo que a temê-lo. Se ele atacar subitamente, enquanto o inimigo ainda estiver sob o temor da expectativa de sua aparição, haverá maiores probabilidades de vitória, e de todas as maneiras lhe inspirará mais medo, tanto por sua presença – em tais circunstâncias ele pareceria mais numeroso – quanto pela incerteza do destino que o espera, mas principalmente pelo risco imediato da batalha. Lâmacos acrescentou que muita gente ainda estaria no campo, fora das cidades por causa da descrença quanto à vinda dos atenienses, e enquanto estivessem trazendo os seus bens não faltariam suprimentos às tropas, se estas dominassem os arredores e investissem contra as cidades. "Quanto ao resto dos siceliotas, se adotarmos estas medidas eles se mostrarão de imediato mais propensos a vir para o nosso lado, em vez de aliar-se ao inimigo ou demorar-se olhando em volta para ver qual dos lados é o mais forte." Depois, disse ele, ao voltarem de Siracusa deveriam estabelecer uma base naval e posto de observação em Mégara[28], deserta naquela época e pouco distante de Siracusa por mar ou por terra.

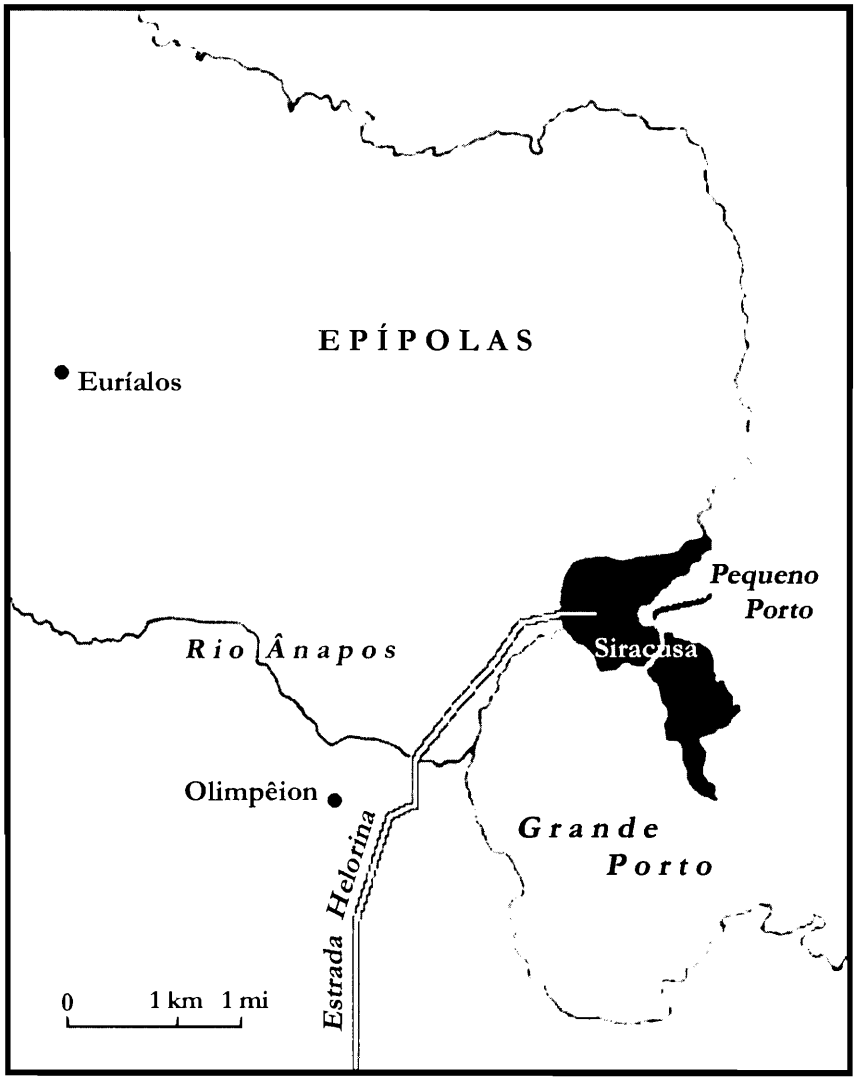
[28] Mégara Hibléia, na Sicília.

50. Lâmacos, embora falando assim, afinal apoiou a opinião de Alcibíades. Em seguida este viajou em sua própria nau para Messene e propôs aos messenos uma aliança; como, porém, eles não se deixaram persuadir, respondendo que não o receberiam na cidade e apenas providenciariam um mercado para suas tropas fora dela, ele reembarcou de volta a Région. Então os comandantes tripularam imediatamente sessenta naus escolhidas entre todas as da frota e, após abastecê-las, navegaram ao longo da costa até Naxos, deixando em Région o resto das forças e um dos comandantes. Os náxios os receberam em sua cidade e em seguida eles continuaram a viagem para Catana; como os cataneus se recusaram a recebê-los – havia na cidade homens favoráveis aos siracusanos – prosseguiram até o rio Terias e, acampando lá, navegaram no dia seguinte para Siracusa com todas as suas naus em fila única, exceto dez que haviam mandado antecipadamente para o Grande Porto[29] com a missão de verificar se alguma frota estava ancorada no mesmo e depois, aproximando-se, proclamar, por seus comandantes colocados na parte mais alta das naus, que os atenienses tinham vindo para reinstalar os leontinos em sua cidade, em decorrência de sua aliança e laços étnicos; quaisquer leontinos presentes em Siracusa, portanto, deveriam juntar-se sem temor aos atenienses, seus amigos e benfeitores. Após fazer esta proclamação e observar a cidade e seus portos, bem como as peculiaridades da região, que deveria ser a sua base de operações, os atenienses voltaram para Catana

51. Houve uma reunião da assembléia em Catana logo após, e os cataneus, embora recusando-se a receber as tropas, convidaram os comandantes a apresentar-se e, se quisessem, dizer ao que vinham. Enquanto Alcibíades falava e a atenção do povo estava inteiramente concentrada na assembléia, os soldados, sem serem notados, forçaram um postigo que havia sido mal fechado em certo ponto da muralha e se espalharam pela ágora. Os cataneus partidários dos siracusanos, vendo os soldados atenienses no interior da cidade, ficaram assustados e saíram (eles eram poucos); os demais votaram a favor da aliança com os atenienses e os convidaram a trazer o resto de seu exército, que estava em Région. Depois disto os atenienses navegaram de volta a Région, e em seguida saíram de lá com todas as suas tropas para Catana, onde ao chegar instalaram o seu acampamento.

52. Ao mesmo tempo chegaram notícias de Camarina no sentido de que os atenienses seriam recebidos se fossem para lá, e também de que os

[29] Em Siracusa.



SIRACUSA E SEU PORTO

siracusanos estariam preparando uma frota. Tomando conhecimento das notícias os atenienses zarparam imediatamente com todas as suas forças, navegando ao longo da costa e passando primeiro por Siracusa; vendo que não havia lá qualquer frota sendo tripulada, prosseguiram pela costa para Camarina e, ancorando em frente à orla marítima, mandaram um arauto para estabelecer contato. Mas os camarineus se negaram a recebê-los, alegando que seu compromisso era acolher os atenienses somente se eles viessem numa só nau, salvo se Camarina pedisse mais. Assim os atenienses reembarcaram de volta sem conseguir coisa alguma e, após desembarcar em certo ponto do território siracusano, fizeram incursões pelos arredores; a cavalaria siracusana, todavia, chegou prontamente em defesa do local e matou alguns soldados das tropas ligeiras atenienses que se haviam afastado; os demais voltaram em seguida para Catana.

53. Lá eles encontraram a nau *Salamínia*[30], que havia chegado de Atenas para levar Alcibíades, com ordens ao mesmo para voltar e apresentar sua defesa contra as acusações apresentadas pela cidade; com ele deveriam ir também alguns soldados, uns por terem sido denunciados juntamente com Alcibíades como culpados na profanação dos mistérios, e outros implicados no caso das hermas. Com efeito, após a partida da expedição os atenienses prosseguiram com empenho não menor na investigação dos fatos ligados aos mistérios e às hermas; embora não houvessem ainda interrogado as testemunhas, movidos por suspeitas acolheram todas as acusações e, acreditando em homens desclassificados, haviam detido e jogado na prisão cidadãos excelentes, pois achavam preferível aprofundar-se ao máximo no caso e descobrir a verdade, em vez de permitir que alguns homens, mesmo de boa reputação e acusados apenas por causa da maldade de certos informantes, escapassem a uma rigorosa investigação. Realmente, o povo, conhecendo por tradição que a tirania de Pisístratos e de seus filhos se havia tornado insuportável em seu período final e, além disto, que ela não fora derrubada pelo povo nem por Harmôdios, mas sim pelos lacedemônios[30a], vivia sob constante temor de novas tentativas de aspirantes a tiranos e suspeitava de tudo.

54. De fato, o feito corajoso de Aristógiton[31] e Harmôdios resultou de um caso amoroso, e relatando-o minuciosamente evidenciarei que nem os

[30] Veja-se a nota 234.
[30a] Em 510 a.C., sendo rei de Esparta Cleômenes.
[31] Em 514 a.C.; veja-se o capítulo 20 do livro I.

helenos de fora, nem os próprios atenienses, oferecem um relato acurado acerca de seus tiranos ou deste incidente. Com efeito, o tirano Pisístratos, que morreu já idoso[32], não foi sucedido no poder por Hípárcos, como muitos supõem, mas por Hípias, na qualidade de filho mais velho. Harmódios, então no apogeu de sua beleza juvenil, tinha como amante Aristógiton, um cidadão da classe média. Hípárcos, filho de Pisístratos, tentou seduzi-lo, mas sem sucesso, e Harmódios o denunciou a Aristógiton; este, como todos os amantes, ficou muito magoado e temendo que, com seu poder, Hípárcos lhe tomasse Harmódios à força, tramou imediatamente a extinção da tirania, usando o prestígio de que desfrutava. Ao mesmo tempo Hípárcos, depois de falhar numa segunda tentativa para conquistar Harmódios, embora não pretendesse usar de violência engendrou um plano para humilhá-lo, sem demonstrar que agia por causa da recusa. Na verdade, de um modo geral os descendentes de Pisístratos não oprimiam o povo no exercício do poder; mantinham-no sem cometer injustiças, e realmente praticavam de longa data a virtude e cultivavam a inteligência de maneira excepcional para tiranos. Embora coletassem dos atenienses apenas um vigésimo de suas rendas, não somente embelezaram a sua cidade mas também sustentaram os ônus de guerras e realizaram os sacrifícios e seus ritos nos templos. Em termos gerais a cidade conservava as leis preexistentes, com a única exceção de que os tiranos tomavam as medidas cabíveis no sentido de que somente alguém de sua família exercesse o poder. Muitos deles ocuparam por isso a magistratura anual em Atenas, particularmente Pisístratos, filho do tirano Hípias, que tinha o nome de seu avô e, quando foi arconte, inaugurou o altar dos doze deuses na ágora e o de Apolo no Pítion; mais tarde o povo de Atenas, aumentando a extensão do altar na ágora, apagou a inscrição dedicatória, mas a do altar no Pítion ainda pode ser vista em letras já desgastadas, nos seguintes termos:

"Pisístratos filho de Hípias ergueu este testemunho de seu governo junto ao altar de Apolo Pítio".

55. Que foi Hípias quem, na qualidade de filho mais velho, sucedeu a Pisístratos no poder, posso afirmar com certeza, pois sei disto melhor do que ninguém por tradição oral[33], e qualquer um deve convencer-se disto pelo fato de aparentemente só ele entre os irmãos legítimos ter tido filhos, como não somente o altar demonstra, mas também a lápide rememorativa

[32] Por volta de 527 a.C.

[33] Marcelino, no § 18 de sua *Vida de Tucídides,* vê aqui uma prova do parentesco do historiador com a família dos Pisistrátidas.

dos malefícios dos tiranos na acrópole de Atenas, na qual não aparecem inscritos quaisquer filhos de Têssalos ou de Híparcos, mas constam cinco de Hípias, nascidos de Mirrine filha de Calias filho de Hiperoquidas; seria natural, com efeito, que o mais velho casasse primeiro. Na mesma lápide seu nome está inscrito em seguida ao de seu pai, o que também não seria menos natural, pois ele era o mais velho e havia sido tirano depois do pai. Tampouco Hípias, segundo me parece, teria obtido a tirania de imediato e com facilidade, se Híparcos estivesse no poder quando foi morto, e se tivesse tido de firmar-se nela no mesmo dia. Ao contrário, foi devido ao temor habitual que antes daquele acontecimento ele havia inspirado aos seus concidadãos, e à disciplina rígida que manteve entre os seus guardas pessoais, que ele saiu vitorioso com larga margem de segurança, e não se viu diante de obstáculos como teria acontecido a um irmão mais novo, já que naquela hipótese ele não estaria acostumado ao exercício continuado do poder. Híparcos, todavia, por haver sido a vítima, tendo-se tornado famoso por seu caso passional, ganhou em seguida a reputação de haver sido tirano.

56. Quando, então, Harmódios repeliu as suas tentativas, Híparcos o humilhou, como pretendia; após convidar uma irmã dele para ser portadora de cesto[34] em uma procissão, expulsou-a declarando que ela não havia sido sequer cogitada, pois não merecia. Vendo Harmódios indignado com aquilo, Aristógiton ficou ainda mais exasperado por causa dele e, a esta altura, os detalhes já haviam sido combinados por eles com as pessoas que deveriam participar da execução do plano; estavam, porém, esperando a festa das Grandes Panatenéias, pois somente naqueles dias não despertariam suspeitas, porquanto os cidadãos que acompanhavam a procissão portavam as suas armas. Eles iniciariam o ataque, mas os outros companheiros deveriam apoiá-los, encarregando-se dos componentes da guarda pessoal do tirano. Os conspiradores não eram muitos, para maior segurança, pois eles esperavam que, se tão poucos iniciassem aquele corajoso ataque, imediatamente outros que não estavam engajados nele, dispondo de armas, quereriam colaborar em sua própria libertação.

57. Chegado o dia do festival, Hípias e sua guarda estavam fora das muralhas no subúrbio chamado Cerâmico, estabelecendo a ordem em que os vários grupos participantes da procissão deveriam marchar; Harmódios

[34] O encargo de levar nas festas religiosas cestos contendo os apetrechos para as cerimônias era uma grande distinção; conseqüentemente, a rejeição da jovem importava em grave insulto à sua família.

e Aristógiton, já com seus punhais nas mãos, avançaram para executar o seu plano. Vendo, porém, um de seus cúmplices conversando familiarmente com Hípias, que se mostrava acessível a todos, ficaram com medo, pois pensaram que haviam sido denunciados e logo seriam detidos. Desejando primeiro vingar-se, se pudessem, daquele que os humilhara e os levara assim a correr todos os riscos, avançaram como estavam para dentro das portas da cidade e se lançaram contra Hípparcos no local chamado Leocórion. Caindo sobre ele com uma fúria cega, um, cheio de ódio por ciúmes, e o outro pela humilhação, golpearam-no e o mataram. Aristógiton livrou-se dos guardas por alguns momentos, correndo junto com a multidão, mas depois foi alcançado e tratado de maneira violenta, mas Harmôdios foi morto no próprio local[35].

58. Quando a notícia chegou a Hípias no Cerâmico ele se dirigiu imediatamente, não ao local do acontecimento, mas ao lugar onde se encontravam os hoplitas na procissão, antes que estes, distanciando-se, tomassem conhecimento dos fatos, e compondo a fisionomia de modo a não deixar transparecer qualquer sentimento a respeito da tragédia, apontou para certo ponto e lhes ordenou que fossem para lá sem suas armas; os hoplitas obedeceram, pensando que ele tinha algo a lhes dizer; Hípias então deu ordens aos mercenários para empunharem as armas dos hoplitas e imediatamente isolou aqueles que considerava culpados e todos os outros que estavam com punhais, pois era usual marchar nas procissões portando apenas o escudo e a lança.

59. Foi assim que uma afronta amorosa inspirou, em relação a Harmôdios e Aristógiton, a idéia inicial de uma conspiração, e que um receio súbito provocou aquela audácia irrefletida. Depois disto a tirania se tornou mais dura para os atenienses, e Hípias, desde então dominado pela apreensão, não somente mandou matar muitos cidadãos, mas também voltou os olhos para o exterior, querendo ver se em alguma parte poderia encontrar refúgio seguro em caso de revolta. Nesta situação ele deu sua filha Arquédice em casamento a Euantides filho de Hípoclos, tirano de Lâmpsacos (uma ateniense a um lampsaceno!), percebendo que aquela família exercia grande influência sobre o rei Dario. O túmulo de Arquédice é em Lâmpsacos e tem o seguinte epitáfio[36]:

[35] No capítulo 18 da *Constituição de Atenas* Aristóteles entra em maiores detalhes sobre a morte de Aristógiton.

[36] O epigrama constante da inscrição é atribuído por Aristóteles *(Retórica,* livro I, capítulo 9) ao poeta Simonides de Céos (fragmento 111 da coletânea *Poetae Lyrici Graeci* de Bergk).

"Aqui repousa Arquédice, filha do grande Hípias, o mais ilustre dos helenos em seu tempo; embora filha, esposa, irmã e até mãe de tiranos, um vão orgulho não lhe influu o coração".

Hípias, depois de haver sido tirano em Atenas por mais três anos, foi deposto[37] no quarto ano após o atentado pelos lacedemônios e os alcmeônidas[38] exilados; retirou-se mediante trégua para Sígeion, dali para Lâmpsacos, junto a Euantides, e de lá para a corte do rei Dario, de onde vinte anos depois, já velho, veio com os persas na expedição que foi derrotada em Maratona.

60. As reflexões que esses fatos inspiravam ao povo ateniense e a lembrança de tudo que a tradição lhe transmitira, tornavam-no intolerante naquela ocasião e suspicaz em relação aos acusados no caso dos mistérios; agora tudo parecia haver sido feito no contexto de uma conspiração destinada a impor-lhe uma oligarquia ou uma tirania. Por isto, quando em conseqüência da irritação popular diante dos acontecimentos, muitos homens notáveis já estavam presos e parecia que aquela situação já se prolongava demais, pois a selvageria se tornava cada dia maior com a prisão de ainda mais gente, afinal um dos presos[39], tido como principal culpado, foi persuadido por um de seus companheiros de prisão a fazer uma confissão, verdadeira ou não; de fato, há conjecturas nos dois sentidos, mas ninguém foi capaz, na época ou depois, de dizer com certeza quem praticara o ato. Seja como for, o outro prisioneiro convenceu aquele homem de que, mesmo que ele não fosse o autor, deveria, assegurando primeiro a própria impunidade[40], salvar-se e livrar a cidade daquele clima de suspeição generalizada; disse também o outro preso que ele teria maiores possibilidades de salvar a vida se confessasse, com a promessa de impunidade, do que se negasse a acusação e fosse a julgamento. Nestas circunstâncias ele prestou as informações sobre si mesmo e sobre os outros a respeito do caso das hermas; o povo ateniense, satisfeito por conhecer afinal a verdade (pelo menos pensava assim) depois da inquietação que lhe causava a perspectiva de não descobrir os autores da conspiração contra a democracia, libertou imediatamente o informante, e com ele todos os outros detidos não denunciados pelo mes-

---

[37] Em 510 a.C.

[38] Uma das mais antigas famílias de Atenas.

[39] Andocides, orador de prestígio na época, autor do discurso *Sobre os Mistérios,* que chegou até nós e contém detalhes sobre o caso

[40] As leis atenienses da época asseguravam o perdão em casos como este, em que se tornavam conhecidos todos os implicados num crime graças a uma confissão.

mo; quanto aos incriminados, instauraram-se processos dos quais resultou a execução de todos os que continuaram presos, enquanto eram sentenciados à morte, à revelia, todos os que haviam fugido, sendo oferecidas recompensas em dinheiro a qualquer pessoa que os matasse. Não havia em tudo isto a certeza de que os condenados tinham sido punidos justamente; de um modo geral, porém, a cidade foi claramente beneficiada naquela ocasião.

61. Quanto a Alcibíades, os atenienses encararam o assunto com seriedade, insuflados pelos inimigos que o haviam atacado antes de sua partida. Acreditando que afinal conheciam a verdade acerca das hermas, mostravam-se agora muito mais convencidos de que também a profanação dos mistérios, na qual estava implicado, havia sido praticada por ele com o mesmo intuito, ou seja, conspirar contra o povo. Por coincidência, na ocasião em que a cidade estava agitada por esses acontecimentos um pequeno corpo de tropas lacedemônias havia avançado até o istmo em combinação com os beócios; diante daquele fato, a maioria supôs que as tropas tinham vindo por instigação de Alcibíades e mediante acordo com ele, e não para defender interesses dos beócios, e que, se o povo não houvesse detido antecipadamente aqueles homens graças às informações obtidas, a cidade teria sido traída (durante certa noite, com efeito, a população permaneceu alerta, de armas na mão, no santuário de Teseus dentro das muralhas). Além disto, os amigos de Alcibíades em Argos estavam ao mesmo tempo sob suspeita de planejar um ataque ao povo, e conseqüentemente os reféns argivos deixados nas ilhas[41] foram entregues na ocasião pelos atenienses ao povo argivo para serem executados. Dessa forma, as suspeitas envolviam Alcibíades por todos os lados. Desejando, então, submetê-lo a julgamento e condená-lo à morte, os atenienses enviaram a *Salamínia* à Sicília para trazê-lo juntamente com os outros denunciados. As ordens eram no sentido de intimá-lo formalmente a vir, para apresentar a sua defesa, mas não mandaram prendê-lo; queriam ser cautelosos, tanto por causa de seus soldados na Sicília quanto diante do inimigo, pois não queriam provocar inquietação entre os soldados e desejavam principalmente continuar a contar com a colaboração dos mantineus e argivos, tendo em vista que estes haviam sido persuadidos por Alcibíades a juntar-se à expedição. Como Alcibíades tinha a sua própria nau, embarcou na mesma em companhia dos outros acusados e partiu da Sicília seguindo a *Salamínia,* como se fosse para Atenas. Quando, porém, chegaram a Túrios, deixaram de segui-la, abandonando a nau e desaparecendo, com receio de

[41] Veja-se o capítulo 84 do livro V.

voltar para submeter-se a julgamento diante da animosidade existente contra eles. Os tripulantes da *Salamínia* procuraram Alcibíades e seus companheiros durante algum tempo, mas não os encontraram e decidiram voltar a Atenas. Alcibíades, agora como exilado, fez a travessia de Túrios para o Peloponeso em uma nau mercante, e os atenienses o condenaram à morte juntamente com seus companheiros de fuga, num julgamento à revelia.

62. Posteriormente os comandantes que ficaram na Sicília, redistribuindo as tropas em duas divisões e ficando cada um com uma delas mediante sorteio, embarcaram com todas as suas forças para Selinunte e Egesta, com o objetivo de saber se os egesteus lhes dariam o dinheiro prometido; ao mesmo tempo iriam observar a situação dos selinúntios e conhecer melhor as divergências entre eles e os egesteus. Navegando, então, ao longo da costa, com a Sicília – ou seja, a parte dela defronte do golfo Tirrênio – à sua esquerda, chegaram a Himera, única cidade helênica naquela parte da ilha. Como, porém, não foram recebidos lá, continuaram a seguir a costa. De passagem tomaram Hícara, uma cidadezinha litorânea que, apesar de sicânia, era hostil aos egesteus; escravizaram-lhe os habitantes e entregaram-na aos egesteus, cuja cavalaria em parte se juntara a eles, mas eles mesmos marcharam com suas forças terrestres através do território dos sícelos até chegarem a Catana, enquanto as naus contornaram a Sicília de volta a Catana trazendo os cativos. Nícias, todavia, viajara de Hícara para Egesta na frente seguindo a costa e, após tratar dos outros assuntos e receber trinta talentos, voltou a juntar-se às tropas. Em seguida os atenienses venderam os cativos, recebendo cento e vinte[41a] talentos por eles. Continuando a viajar ao longo da costa, contataram seus aliados entre os sícelos, pedindo-lhes que lhes enviassem tropas; depois investiram com metade de suas próprias forças contra Hibla Geleátida, uma cidade hostil, mas não puderam tomá-la. E assim terminou o verão.

63. No inverno subseqüente os atenienses começaram a preparar-se com rapidez para atacar Siracusa, e os siracusanos também, de seu lado, para marchar contra eles. Depois de verem, contrariamente aos seus temores iniciais e seus prognósticos, que os atenienses não os haviam atacado imediatamente, a cada dia que passava a sua coragem aumentava; quando os atenienses navegaram ao longo da costa oposta da Sicília passando somente a certa distância de Siracusa e, indo até Hibla, fracassaram na tentativa de

[41a] Cerca de US$ 120.000.

tomá-la de assalto, a atitude desdenhosa dos siracusanos se acentuou e, como costuma acontecer no momento em que uma multidão se torna confiante, pediram aos seus comandantes para levá-los até Catana, já que os atenienses não vinham contra eles. Ao mesmo tempo, cavalerianos siracusanos iam em missões de reconhecimento até as proximidades do acampamento dos atenienses, e entre outros insultos lhes perguntavam se tinham vindo estabelecer-se ali com eles em terras alheias, em vez de restabelecerem os leontinos nas suas.

64. Os comandantes atenienses estavam a par de tudo aquilo, e pretendiam atrair as tropas siracusanas em massa para um local o mais distante possível de sua cidade; nesse ínterim navegariam protegidos pela escuridão da noite e ocupariam tranqüilamente um local convenientemente situado, cientes de que não seriam capazes de realizar tal operação com a mesma facilidade se desembarcassem de suas naus diante de um inimigo preparado para enfrentá-los, ou de que seriam descobertos se fossem por terra. Com efeito, pensavam que, por não disporem de cavalaria, suas tropas ligeiras e a massa de tropas auxiliares seriam consideravelmente molestadas pela numerosa cavalaria siracusana; de acordo com o plano imaginado, porém, poderiam tomar posição em terreno onde não seriam hostilizados em escala digna de menção pela cavalaria; além disto, alguns exilados siracusanos que se haviam juntado a eles deram-lhes informações a respeito de um local próximo ao Olimpieion, que eles de fato ocuparam posteriormente. Então, de conformidade com seus planos os comandantes conceberam o seguinte estratagema: enviaram aos siracusanos um homem leal aos atenienses, mas não menos amigo dos primeiros na opinião de seus comandantes (o homem era um cataneu e alegava ter sido mandado por habitantes de Catana, cujos nomes eles identificaram como os de pessoas que lhes eram fiéis na cidade); disse-lhes que os atenienses costumavam passar a noite na cidade, longe de suas armas, e que se os siracusanos marchassem contra o seu exército com todas as forças disponíveis ao amanhecer de um dia previamente combinado, os cataneus fechariam as portas com os atenienses no interior da cidade e incendiariam as naus, enquanto os siracusanos, avançando contra a paliçada, capturariam facilmente todo o exército, pois havia lá muitos cataneus prontos a ajudá-los na ação – justamente os homens que o haviam mandado.

65. Os comandantes siracusanos, que já estavam confiantes quanto à situação geral e pretendiam, mesmo sem a sua ajuda, marchar contra Catana,

acreditaram ingenuamente no homem e, acertando o dia em que estariam lá, mandaram-no de volta imediatamente; como os selinúntios e outros aliados já estavam presentes, ordenaram a todas as forças siracusanas que se aprontassem para um avanço em massa. Concluídos os preparativos, partiram no dia combinado em direção a Catana e acamparam junto ao rio Simetos, no território dos leontinos. Ao receber a notícia de sua aproximação, os atenienses reuniram todas as suas tropas e as dos sícelos e outros que se juntaram a eles e, voltando às suas naus e barcos de transporte, partiram protegidos pela escuridão da noite contra Siracusa. Desembarcaram de madrugada em um ponto em frente ao Olimpieion, onde resolveram acampar; os cavalerianos siracusanos, todavia, que foram os primeiros a chegar a Catana e lá descobriram que todo o exército havia partido, deram meia volta e levaram a informação à infantaria, e todos regressaram imediatamente, apressando-se em socorrer a sua cidade.

66. Nesse ínterim os atenienses, tranqüilos porque os siracusanos tinham um longo caminho a percorrer, instalaram seu exército numa posição conveniente, onde poderiam iniciar a batalha quando quisessem e os cavalerianos siracusanos os molestariam o mínimo possível, seja em combate, seja antes; com efeito, num dos lados, muros, árvores, casas e um pântano formavam uma barreira, e no outro havia um despenhadeiro. Cortaram também as árvores mais próximas e, descendo com elas até o mar, construíram uma paliçada ao longo das naus, e em Dáscon, onde o local era mais acessível ao inimigo, levantaram rapidamente um baluarte com pedras apanhadas nos campos e madeira, e destruíram a ponte sobre o rio Ânapos. Enquanto estavam fazendo tais preparativos, ninguém saiu da cidade para impedir as obras; os cavalerianos siracusanos foram os primeiros a chegar para combatê-los, e logo depois a infantaria veio juntar-se a eles maciçamente. De início avançaram até bem perto de onde estavam os atenienses, mas em seguida, como estes não avançassem para enfrentá-los, retiraram-se cruzando a estrada Elorina para acampar.

67. No dia seguinte os atenienses e seus aliados fizeram preparativos para a batalha e se dispuseram na ordem seguinte: na ala esquerda estavam os argivos e mantineus; os atenienses ocupavam o centro e os aliados o resto da linha de frente. Metade do exército ficou na frente, com oito fileiras de profundidade, e a outra metade perto das barracas, formando um retângulo também de oito fileiras de profundidade, com ordens para per-

manecer alerta e prestar ajuda onde quer que suas forças em combate se mostrassem fatigadas; os bagageiros foram deixados no meio dessa reserva. Os siracusanos, de seu lado, dispuseram todos os hoplitas em dezesseis fileiras de profundidade, ou seja, a totalidade das forças siracusanas e dos aliados presentes (eles haviam recebido alguns reforços, principalmente dos selinúntios, e além destes alguma cavalaria dos gelanos – cerca de duzentos ao todo – e também cerca de vinte cavalerianos e cinqüenta archeiros dos camarineus). Sua cavalaria, que se elevava a não menos de mil e duzentos homens, foi posicionada na ala direita, vindo em seguida os lanceiros. Quando os atenienses estavam prestes a iniciar o ataque, Nícias percorreu sucessivamente os vários contingentes e lhes dirigiu a seguinte exortação, primeiro cidade por cidade, e depois em conjunto:

68. "Que necessidade temos, soldados, de uma longa exortação, quando estamos todos aqui para lutar pela mesma causa? Nossos preparativos por si mesmos parecem mais apropriados para inspirar confiança do que belas palavras com tropas fracas. Onde estão os argivos e mantineus e atenienses e os melhores ilhéus, por que não haveríamos todos, em companhia de tão bravos e numerosos aliados, de ter a maior esperança na vitória, especialmente contra homens que nos enfrentam amontoados e não são selecionados como nós, e mais ainda, contra siceliotas, que nos desdenham, de fato, mas não poderão resistir diante de nós, pois sua capacidade é bem menor que o seu atrevimento? Também deve estar presente no espírito de cada um que nos encontramos longe de nossa própria terra e não estamos perto de qualquer terra amiga, salvo das que conquistardes com vossas espadas. Minha exortação é o contrário daquela que, tenho certeza, o inimigo está dirigindo às suas tropas; com efeito, ele deve estar dizendo que a luta será pela pátria, e eu vos digo que não estais na vossa, e que teremos de vencer ou, se assim não for, dificilmente sairemos daqui, pois seus numerosos cavalerianos nos pressionarão. Lembrai-vos, portanto, de vossa reputação, e atacai o inimigo resolutamente, convencidos de que a contingência presente e a dificuldade em superá-la são mais temíveis que o inimigo".

69. Após esta exortação Nícias avançou imediatamente com suas tropas. Os siracusanos não esperavam entrar em combate tão depressa, e alguns deles, aproveitando a proximidade da cidade, tinham ido até lá; estes, apesar de terem voltado correndo com a maior velocidade possível para a linha de frente, chegaram atrasados e se juntaram ao grosso das tropas de

qualquer maneira. Não lhes faltou bravura e audácia naquela batalha nem nas subseqüentes; ao contrário, até onde ia a sua experiência não eram inferiores ao inimigo em valor, mas por falta desta, apesar de seus esforços não puderam estar à altura de suas intenções. Seja como for, embora não esperassem que os atenienses fossem os primeiros a atacar e por isso tenham sido forçados a defender-se precipitadamente, empunharam imediatamente as armas e marcharam contra o inimigo. Inicialmente os atiradores de pedras, os fundeiros e os archeiros se empenharam em escaramuças, ora obrigando o adversário a recuar, ora recuando, como é normal entre tropas ligeiras. Em seguida os adivinhos realizaram os sacrifícios rituais e os corneteiros deram aos hoplitas o sinal de ataque, e os dois lados iniciaram a luta. Os siracusanos combatiam por sua pátria, cada homem por sua salvação presente e pela liberdade futura; os atenienses, de seu lado, lutavam para apoderar-se de uma terra estrangeira e para não expor a sua própria ao perigo de uma derrota; os argivos e os outros aliados independentes, para ajudar os atenienses a atingir os objetivos pelos quais vieram e, após obter a vitória, reverem a sua pátria; os demais aliados, súditos do império, cuidavam acima de tudo de sua salvação imediata, que somente poderiam assegurar vencendo, e também nutriam a esperança de que, ajudando os atenienses a submeter outros povos, pudessem tornar mais suaves as condições de sua própria sujeição.

70. Empenhando-se em combate corpo a corpo, os dois lados se mantiveram firmes durante longo tempo; sobreviveram trovoadas, relâmpagos e muita chuva, e isto contribuiu para amedrontar os que combatiam pela primeira vez e estavam pouco acostumados à guerra, enquanto aos mais experientes[42] a tempestade pareceu natural naquela época do ano, mas o fato de seus antagonistas não cederem causou-lhes um alarme muito maior. Quando, porém, os argivos obrigaram primeiro a ala esquerda dos siracusanos a recuar, e depois deles os atenienses repeliram os seus oponentes, então o resto das tropas siracusanas começou a ceder e foi obrigado a fugir. Os atenienses, todavia, não as perseguiram até muito longe, pois a cavalaria siracusana, numerosa e intacta, conseguia contê-los e, lançando-se sobre seus hoplitas, se os via avançar na perseguição, os obrigava a recuar; continuaram perseguindo as tropas fugitivas somente enquanto se consideravam seguros, e depois voltaram para erguer um troféu. Os siracusanos, por sua vez, reagrupando-se na estrada Elorina e recompondo-se da me-

[42] Os atenienses.

lhor maneira possível naquelas circunstâncias, apesar de sua derrota mandaram alguns de seus homens até o Olimpieion para ficarem de guarda, temendo que os atenienses pudessem remover qualquer dos objetos preciosos lá depositados; as tropas restantes se retiraram para a cidade.

71. Os atenienses não foram até o templo; recolheram seus mortos e, pondo-os numa pira, passaram a noite onde estavam. No dia seguinte entregaram aos siracusanos mediante trégua os seus mortos que, incluindo os dos aliados, se elevaram a cerca de duzentos e sessenta; em seguida, juntando os ossos de seus próprios mortos – cerca de cinqüenta deles e dos aliados – e levando os despojos do inimigo, os atenienses embarcaram de volta a Catana. Já começara o inverno e ainda lhes parecia impossível continuar a guerra de onde estavam enquanto não conseguissem que Atenas lhes mandasse mais cavalerianos, além dos que pudessem obter de seus aliados na Sicília, para não ficarem inteiramente à mercê da cavalaria inimiga. Tinham necessidade também de coletar dinheiro na própria ilha e de receber mais de Atenas; queriam, além disto, obter o apoio de algumas cidades e esperavam que elas estivessem mais dispostas a ouvi-los após a batalha; desejavam, enfim, obter víveres e tudo mas que lhes era necessário com vistas a um ataque contra Siracusa na primavera subseqüente.

72. Com este propósito eles navegaram para Naxos e Catana, onde passariam o inverno. Os siracusanos, por seu turno, enterraram os seus mortos e em seguida convocaram uma assembléia. Subiu então à tribuna Hermôcrates filho de Hêrmon[43], homem que de um modo geral não perdia para qualquer outro em inteligência, e que nesta guerra se havia mostrado competente por sua experiência e notável por sua bravura. Ele encorajou os siracusanos e protestou contra o abatimento resultante dos últimos eventos; seu ânimo, disse ele, não havia sido derrotado; a causa de seus males foi a falta de disciplina. Mas nem por isto a sua inferioridade havia sido tão grande quanto seria de esperar, principalmente porque tinham combatido contra as melhores tropas helênicas por sua experiência, simples amadores – poder-se-ia dizer – contra profissionais. Causou-lhes grandes males também o número excessivo de comandantes e a divisão do comando – tinham quinze comandantes; disto resultou a indisciplina incontrolável das tropas. Se ao menos uns poucos homens experientes fossem escolhidos para comandantes e durante o inverno eles preparassem devidamente os hoplitas, dando

[43] Vejam-se os capítulos 58 do livro IV e 32 deste livro.

armas aos que não dispunham de uma sequer, a fim de que o seu número fosse o maior possível, e se impusessem um treinamento geral, muito provavelmente, disse ele, levariam a melhor sobre o inimigo, se à coragem que eles já tinham fosse acrescentada a disciplina quando chegasse a hora da ação. Ambas essas qualidades iriam melhorando progressivamente: a disciplina seria apurada em meio aos perigos, e quanto à coragem, à proporção que confiassem mais em sua competência ficariam mais seguros de si mesmos. Os comandantes, então, deveriam ser escolhidos em número reduzido e investidos de plenos poderes, e os soldados deveriam comprometer-se mediante juramento a deixar-se comandar confiantes na experiência de seus chefes; assim, tudo que tivesse de ser mantido em segredo seria devidamente resguardado, e a preparação de um modo geral se faria em ordem e sem indecisões.

73. Os siracusanos, após ouvi-lo, aprovaram mediante votação tudo que ele aconselhou e escolheram três comandantes: o próprio Hermôcrates, Heráclides filho de Lisímacos, e Sícanos filho de Exécestos. Mandaram também embaixadores à Lacedemônia para pleitear que uma força aliada viesse juntar-se a eles e para persuadir os lacedemônios a prosseguir abertamente e com mais firmeza na guerra com os atenienses, com o objetivo de ajudá-los obrigando os atenienses a retirar-se da Sicília, ou então a não mandar reforços ao seu exército que estava lá.

74. Logo após o seu regresso[44] as forças atenienses em Catana embarcaram e saíram com destino a Messene, na esperança de que ela lhes fosse entregue à traição. As negociações, porém, não foram bem-sucedidas, pois Alcibíades, imediatamente após deixar o comando e partir em face da intimação vinda de Atenas, agora na condição de asilado dera informações a respeito da conspiração, da qual estava a par, aos amigos dos siracusanos e Messene; estes haviam executado os conspiradores sem perda de tempo; quando os atenienses chegaram já os encontraram sublevados e armados, e suficientemente fortes para impedir que a cidade os acolhesse. Naquelas circunstâncias os atenienses ficaram lá durante cerca de treze dias, fustigados pelo mau tempo e sem provisões e, não antevendo qualquer solução favorável, retiraram-se para Naxos, onde se instalaram para passar o inverno após erguerem barreiras e construírem paliçadas em volta de seu acampamento. Mandaram também uma trirreme a Atenas para pedir dinheirc e cavalaria, de forma a poderem dispor de ambos no início da primavera.

[44] Veja-se o início do capítulo 72 deste livro.

75. Durante aquele inverno os siracusanos também construíram uma muralha perto da cidade, ao longo de toda a faixa fronteira a Epípolas, abrangendo o santuário Temenites[45], com o intuito de, em caso de eventual revés, dificultar o cerco da cidade a curta distância; estabeleceram uma guarnição em Mégara e outra no Olimpieion; e construíram paliçadas reforçadas na costa, em todos os pontos onde houvesse possibilidade de desembarque. Além disto, sabendo que os atenienses estavam passando o inverno em Naxos, saíram com todas as suas forças contra Catana e devastaram parte de seu território; em seguida incendiaram as barracas e todo o acampamento dos atenienses e voltaram para Siracusa. Depois, tomando conhecimento de que os atenienses, de acordo com a aliança concluída com Camarina no tempo de Laques[46], haviam mandado emissários àquela cidade, na esperança de convencê-la a passar-se para o seu lado, os siracusanos também despacharam embaixadores seus para lá, pois suspeitavam de que os camarineus, não se tendo mostrado suficientemente cooperativos ao enviar o contingente com o qual colaboraram na primeira batalha, não quisessem ajudá-los no futuro, vendo que os atenienses haviam levado a melhor no combate e, ao contrário, fossem induzidos ajuntar-se aos mesmos em face de seu pacto anterior de amizade. Conseqüentemente, quando Hermôcrates e os demais embaixadores chegaram a Camarina vindos de Siracusa e por coincidência encontraram lá, mandados pelos atenienses, Êufemos e outros, os camarineus convocaram uma assembléia; Hermôcrates, querendo predispô-los contra os atenienses, disse o seguinte:

76. "Estamos aqui nesta missão, camarineus, não por temor de que a presença de forças atenienses vos deixe desalentados, mas por receio de que as palavras que irão pronunciar possam convencer-vos antes de nos ouvirdes também. Eles vieram à Sicília sob os pretextos que já vos deram a conhecer, mas todos podemos imaginar as suas intenções verdadeiras; em minha opinião eles não desejam que os leontinos voltem a povoar a sua cidade; o que desejam de fato é despovoar as nossas. Não é razoável supor que, enquanto devastam as cidades da Hélade, pretendam repovoar cidades daqui[47], e que se preocupem com os leontinos, alegando laços étnicos porque estes são calcídios, enquanto escravizam os calcídios na Eubéia, dos quais os nossos

[45] Onde havia o templo de Apolo Temenites e o subúrbio que tinha crescido em torno dele, passando a ser mais tarde a cidade de Neápolis.
[46] Em 427 a.C.; veja-se o capítulo 86 do livro III.
[47] As repetições "povoar", "despovoar", "repovoar" procuram reproduzir o mesmo jogo de palavras do original *(katoikísai, katoikízein, ápoikoi)*.

aqui são uma colônia. Na verdade, a mesma intenção que os motivou ao obterem as suas possessões lá, agora os move em sua tentativa aqui: depois de assumirem a hegemonia, por livre escolha de seus confederados iônios e de todos os colonos destes que eram membros da aliança feita naquela época a pretexto de punir os persas, eles acusaram alguns de se recusarem a juntar-se às suas tropas, outros de se guerrearem mutuamente, outros de quaisquer outros motivos capciosos que lhes ocorreram, e os reduziram à condição de súditos. Não foi portanto pela liberdade que eles enfrentaram os persas, nem os atenienses a obtiveram para os helenos, nem os helenos para si mesmos; na realidade, eles lutaram para escravizar todos os outros, e todos os helenos para mudar de senhor (não para um de inteligência menor, é verdade, mas inteiramente voltada para o mal).

77. "Embora seja fácil acusar os atenienses, não estamos aqui para enumerar todos os seus desmandos diante de quem já os conhece; viemos recriminar-vos porque, embora tenhamos o exemplo da maneira pela qual os helenos de lá foram escravizados por não se haverem unido para a defesa comum, e embora os mesmos sofismas sejam usados presentemente contra nós – reconduzir os seus irmãos de raça leontinos à sua cidade e socorrer os seus aliados egesteus! – relutamos em unir-nos para mostrar-lhes com a máxima energia que aqui não há iônios, nem helespontinos, nem ilhéus, sempre à procura de um novo senhor (persa ou seja quem for), e sempre desejosos de continuar escravizados; há dórios, homens livres oriundos do Peloponeso independente, agora habitantes da Sicília. Ou estamos esperando até que sejamos apanhados um de cada vez, cidade por cidade, quando sabemos que só dessa maneira podem conquistar-nos, e quando os vemos recorrer a esta política, esforçando-se por separar-nos uns dos outros graças aos seus discursos, por lançar alguns em guerras fratricidas na esperança de obter aliados, e por arruinar outros por quaisquer meios ao seu alcance, dizendo-lhes algumas palavras sedutoras? Pensamos, quando morrem primeiro compatriotas distantes, que o mesmo perigo não chegará até nós e que realmente as vítimas, se forem atingidas antes de nós, sofrerão o infortúnio sozinhas?

78. "Se algum de vós alimenta a idéia de que são os siracusanos, e não ele mesmo, que os atenienses consideram inimigos, e de que é absurdo correr perigo por nós, reflita em que não será principalmente por nós, mas por si mesmo e em nossa pátria que ele irá combater, e com maior segurança, também, se ele entrar na luta não quando já estivermos aniquilados e ele

isolado, mas tendo-nos como aliados; considere também que o objetivo dos atenienses não é punir a hostilidade dos siracusanos, e sim, usando-nos como pretexto, assegurar mais facilmente a vossa amizade. Além disto, se algum de vós nos inveja, ou mesmo nos teme – pois a grandeza se expõe a ambos os riscos – e por esta razão deseja que Siracusa seja humilhada para tornar-se mais moderada, embora sobreviva para a segurança dele, estará alimentando uma esperança que transcende a condição humana. Com efeito, não é possível ao mesmo homem determinar o rumo de seus próprios desejos e da sorte; se ele cometer um erro de julgamento, quando tiver de lamentar os próprios males talvez um dia queira novamente a volta do tempo em que invejava a nossa boa sorte. Isso, porém, será impossível, se ele nos abandonar e não concordar em correr os mesmos riscos, que não se relacionam com nomes, e sim com fatos; apoiando-nos, ele só nominalmente estaria preservando a nossa força, pois de fato estaria assegurando a sua própria salvação. Ser-vos-ia especialmente conveniente, camarineus, a vós, que tendes fronteiras comuns conosco, prever estas coisas em vez de vos conduzirdes displicentemente em vossa aliança como fazeis agora; deveríeis antes juntar-vos de bom grado a nós, da mesma forma que, se os atenienses tivessem ido primeiro contra Camarina, estaríeis agora chamando-nos e pedindo-nos para não cedermos em coisa alguma. Até hoje, porém, nem vós nem os outros vos apressastes a fazê-lo.

79. "Talvez por temor insistireis em que desejais ser justos tanto conosco quanto com o invasor, alegando uma aliança entre vós e os atenienses, mas não a fizeste contra vossos amigos, e sim para o caso de algum de vossos inimigos vos atacar; deveis ajuda aos atenienses somente na eventualidade deles serem molestados por outrem, e não quando eles mesmos estão molestando vossos vizinhos, como agora. Vêde que nem os régios, embora sejam calcídios, estão dispostos a ajudar a reinstalar os leontinos, também calcídios; seria absurdo que aqueles, desconfiando do valor real desta bela justificativa, demonstrassem uma prudência irracional, enquanto vós, sob um pretexto razoável apenas na aparência, desejais ajudar vossos inimigos naturais e, juntamente com vossos piores adversários, arruinar aqueles que, por um vínculo natural ainda mais estreito, são vossos irmãos de raça[48]. Mas isto não é justo! Justo é ajudar-nos e não temer as tropas atenienses, pois se nos mantivermos juntos elas não serão temíveis. Sê-lo-ão se, ao contrário – é isto que eles mais desejam – estivermos desunidos; afinal, nem mesmo quando

[48] Sendo dórios e sicilianos.

marcharam contra nós – somente nós – e nos venceram em combate, conseguiram fazer o que pretendiam, pois tiveram de retirar-se rapidamente.

80. "Se, então, conseguimos unir-nos, não haverá razões para perder a coragem; o que nos cumpre fazer é aliar-nos corajosamente, mais ainda porque é certa a ajuda dos peloponésios, que na guerra são inquestionavelmente superiores aos nossos inimigos. Ninguém poderia considerar eqüitativa em relação a nós, e ao mesmo tempo segura para vós, esta vossa prudente atitude de não ajudar qualquer dos dois lados, pretextando ser aliados de ambos; essa eqüidade não existe de fato, mas somente vos serve como justificativa. Se, por não haverdes agido como aliados, a vítima for derrotada e o conquistador triunfar, que outra coisa tereis feito com vossa abstenção senão impedir a salvação dos vencidos e favorecer a maldade dos vencedores? Ser-vos-ia mais honroso, certamente, juntando-vos aos prejudicados e ao mesmo tempo vossos irmãos de raça, resguardar imediatamente o interesse comum da Sicília e não deixar que vossos amigos atenienses cometam um erro. Em suma, então, nós, siracusanos, dizemos que não é difícil ensinar, seja a vós, seja aos demais, o que já sabeis não menos que nós; chamamo-vos, portanto, e ao mesmo tempo protestamos, se não conseguirmos persuadir-vos, porque enquanto sois manipulados por iônios, nossos inimigos inveterados, somos traídos por vós, dórios por dórios. Se os atenienses nos dominarem, terão vencido por causa de vossas decisões, mas serão honrados em seu próprio nome, e aqueles que lhes proporcionaram a vitória serão exatamente o prêmio dessa vitória; se, ao contrário, formos os vencedores, devereis também pagar-nos o preço de nos haver exposto a tantos riscos. Refleti, portanto, e escolhei agora mesmo entre a servidão imediata e sem perigos, ou a perspectiva de vitória conosco, escapando à vergonha de ter aqueles homens como senhores e também, no que nos diz respeito, livrando-vos de uma hostilidade dificilmente aplacável".

81. Assim falou Hermôcrates; depois dele, Êufemos, embaixador dos atenienses, disse o seguinte:

82. "Viemos aqui para a renovação de nossa aliança[49] anterior, mas como os siracusanos nos atacaram teremos de falar também sobre o nosso império, demonstrando-vos que o obtivemos legitimamente. O primeiro orador apresentou a melhor prova disto, dizendo que os iônios sempre fo-

[49] Veja-se o capítulo 65 deste livro.

ram inimigos dos dórios. Mas é preciso acrescentar o seguinte: sendo iônios, tivemos de pensar na maneira de minimizar o risco de sujeição aos peloponésios, que são dórios, e não somente mais numerosos que nós, mas também nossos vizinhos. Depois das guerras persas ficamos com uma frota que nos permitiu livrar-nos do domínio e da hegemonia dos lacedemônios, pois nada os autorizava a dar-nos ordens mais que nós a eles, exceto o fato de naquele tempo serem mais fortes. Passamos então a exercer a hegemonia sobre os povos antes sujeitos ao Rei, e continuamos assim até hoje, acreditando que desta maneira estaríamos menos ameaçados pelos peloponésios, pois dispúnhamos de um poderio que lhes impunha respeito. Para sermos precisos, não recorremos a injustiças no intuito de submeter os iônios e os ilhéus que, segundo dizem os siracusanos, escravizamos apesar de serem nossos irmãos de raça. Na realidade eles vieram contra nós, sua metrópole, juntamente com os persas, e não tiveram a coragem de revoltar-se contra estes e sacrificar seus lares, como fizemos ao abandonar nossa cidade, mas preferiram a escravidão para si mesmos e quiseram impô-la a nós.

83. "Exercemos o império, portanto, por sermos dignos dele – contribuímos com a maior frota e com uma bravura irrestrita para ajudar os helenos, enquanto estes nos prejudicavam tomando a atitude mais conveniente aos interesses dos persas – e ao mesmo tempo porque aspirávamos a um poder que nos permitisse resistir aos peloponésios. Não diremos em frases bonitas que merecemos exercer a hegemonia porque derrotamos sozinhos o Bárbaro ou porque enfrentamos mais perigos pela liberdade desses povos que pela de todos os helenos, inclusive a nossa, mas ninguém pode ser censurado por tomar precauções assecuratórias de sua própria sobrevivência. Agora, estando aqui por causa também de nossa segurança, vemos que os vossos interesses são os mesmos que os nossos. Provamo-vos isto com as calúnias destes homens e com as suspeitas que vos deixaram alarmados em relação a nós, pois sabemos que as pessoas suspicazes por temor excessivo podem deleitar-se no momento com discursos lisonjeiros, mas depois, na hora da ação, tratam de seus próprios interesses. Assim como dissemos que exercemos a hegemonia na Hélade por temor, dizemos que viemos até aqui pela mesma razão para, com a ajuda de nossos amigos, tomar medidas de segurança nesta terra, e não para vos impor a escravidão, mas para impedir que sejais vítimas dela.

84. "Ninguém pode objetar que nos interessamos por vós sem boas razões; se alguém pensar assim, considere que, se estais a salvo por não

serdes fracos e por terdes meios de oferecer resistência aos siracusanos, eles serão menos capazes de prejudicar-nos enviando reforços aos peloponésios. Ora: esta razão torna claro que temos o maior interesse em vós. Por este mesmo motivo é razoável que reinstalemos os leontinos em sua cidade, não na qualidade de súditos, como seus irmãos de raça na Eubéia, mas para que eles sejam tão poderosos quanto possível; assim, tendo fronteiras comuns com os siracusanos, poderão inquietá-los a partir de seu próprio território, ajudando-nos desta maneira. Lá na Hélade temos meios para enfrentar os inimigos, e quanto aos calcídios, a propósito dos quais o orador disse que somos incoerentes escravizando-os lá e pretendendo libertá-los aqui, nosso interesse é que lá eles não possuam armamentos e contribuam somente com dinheiro, mas aqui nos convém que tanto os leontinos quanto nossos demais amigos desfrutem da maior independência possível.

85. "Para um tirano ou uma cidade dona de um império, nada que seja de seu interesse é incoerente, e não se tem parentesco com quem não é confiável. Em cada caso se deve ser amigo ou inimigo de acordo com as circunstâncias, e aqui nosso interesse não é maltratar os amigos, mas tornar os inimigos impotentes pela força dos amigos. Não deveis desconfiar de nós, pois exercemos a hegemonia sobre nossos aliados na Hélade de acordo com a utilidade de cada um para nós: aos quianos e metimneus concedemos autonomia com a condição de nos fornecerem naus; de outros exigimos com mais rigor o pagamento de tributos em dinheiro, deixando a alguns inteira liberdade na aliança, embora sejam ilhéus e facilmente dominàveis, por ocuparem posições estratégicas ao longo da costa do Peloponeso. É natural, portanto, que as situações aqui sejam encaradas com vistas à nossa vantagem e, como dissemos, levando em consideração nossos receios quanto aos siracusanos. De fato, seu objetivo é exercer a hegemonia sobre vós, e desejam, depois de unir-vos a eles a pretexto de vossas suspeitas em relação a nós, dominar a Sicília à força devido ao isolamento em que ficareis se formos embora frustrados em nossa expectativa. Isto acontecerá com certeza se vos juntardes a eles, pois não poderemos enfrentar facilmente uma força tão grande, se coligada, nem lhes faltarão forças contra vós se já não estivermos presentes.

86. "Se alguém não aceitar este ponto de vista, os próprios fatos o convencerão; com efeito, já nos trouxestes aqui antes[50], lançando em nossa

[50] Em 427 a.C., quando Camarina apoiou os leontinos e outras cidades contra Siracusa; veja-se o capítulo 86 do livro III.

face, para aterrorizar-nos, exatamente a ameaça de que nós mesmos estaríamos em perigo se permitíssemos que caísseis sob o domínio dos siracusanos. Não é justo de vossa parte desacreditar o próprio argumento com o qual julgastes acertado persuadir-nos naquela oportunidade, nem levantar suspeitas porque estamos presentes com uma grande força, desproporcional à dos siracusanos; deveríeis suspeitar muito mais deles. Não seremos realmente capazes de manter-nos na Sicília sem vosso concurso, e ainda que resolvêssemos agir perfidamente e submetêssemos a Sicília, não conseguiríamos manter o domínio sobre ela por causa da longa distância a percorrer por mar e da dificuldade de guardar cidades tão grandes e tão bem armadas quanto as do continente; os siracusanos, ao contrário, próximos de vós e hostis, estão sempre tramando contra vós, e não com um mero exército acampado, mas com uma cidade maior que nossas forças presentes, e quando se lhes apresentar uma oportunidade de vir contra vós, vendo-vos sós, não a deixarão passar, como já demonstraram muitas vezes e particularmente em relação aos leontinos. Hoje eles ainda ousam pedir que os ajudeis a resistir a quem tenta impedir a repetição desse procedimento e até agora evitou que a Sicília caísse sob o seu domínio, como se não tivésseis discernimento. Quanto a nós, propomo-vos uma segurança muito mais real, solicitando-vos que não a rejeiteis, pois ela é recíproca e está ao nosso alcance; considerar também que, para eles, o caminho está sempre aberto para virem contra vós por causa de sua superioridade numérica, enquanto para nós a oportunidade de defender-vos com a ajuda de uma força tão importante não se apresentará muitas vezes. Se, porém, devido às vossas suspeitas, permitirdes que tal força se retire sem atingir o seu objetivo ou, pior ainda, derrotada, desejareis mais tarde rever ainda que seja uma pequena parte dela, quando sua presença já não vos poderá ajudar de forma alguma.

87. "Não vos deixeis iludir, camarineus e outros povos daqui, pelas calúnias destes homens. Dissemos toda a verdade a respeito das suspeitas levantadas contra nós, e agora, relembrando-vos sucintamente os nossos principais argumentos, esperamos poder persuadir-vos. Dizemos, então, que imperamos sobre as cidades da Hélade para não termos de obedecer a outra potência, e que estamos aqui como libertadores para evitar que outros vos prejudiquem. Somos obrigados a nos envolver em muitos casos porque temos de defender-nos contra muitos perigos, e viemos como aliados, agora como antes, daqueles que entre vós estão sendo maltratados, não sem convite, mas expressamente chamados a agir. Não vos comporteis como

juizes de nossa conduta, nem, pretendendo ser nossos mestres de moderação, tenteis – tarefa difícil agora – desviar-nos de nosso rumo; se há em nossa atividade incessante e em nossa maneira de agir algo que seja de vosso interesse, não hesiteis em tirar partido disto; não penseis que estas nossas peculiaridades sejam prejudiciais a todos igualmente, e sim que elas são até proveitosas à maioria dos helenos. Com efeito, todos, em toda parte, mesmo onde ainda não estamos presentes, quer se creiam ameaçados de sofrer injustiças, quer se entreguem a intrigas por causa de alguma possibilidade, constantemente presente em seus espíritos, de obterem nossa ajuda na hipótese de se submeterem a nós, ou, em caso contrário, de correrem o risco de não escaparem ilesos de seus erros se chegarmos lá, estão sempre na expectativa, estes tendendo a ser mais moderados ainda que a contragosto, e aqueles querendo ser preservados sem esforçar-se por merecê-lo. Não rejeiteis, então, esta segurança que agora vos é oferecida e a quaisquer outros que a peçam; dispondo dela, como outros já fizeram, uni as vossas forças às nossas e, em vez de estar constantemente em guarda contra os siracusanos, mudai de atitude e finalmente passai a agir contra eles da mesma forma que eles têm agido contra vós".

88. Assim falou Êufemos. Os camarineus, por seu turno, estavam sentindo o seguinte: viam os atenienses com simpatia, exceto no tocante às intenções, que lhes atribuíam, de quererem escravizar a Sicília, e divergiam dos siracusanos, como sempre acontece entre vizinhos; temiam ainda mais, por causa da proximidade, uma vitória destes últimos obtida sem a sua colaboração, e por isto lhes haviam mandado aqueles poucos cavalerianos para o primeiro confronto[51]; resolveram, então, continuar prestando-lhes no futuro uma ajuda de fato, em vez de oferecê-la aos atenienses, embora com a moderação possível naquelas circunstâncias; no presente, para não parecerem menos favoráveis aos atenienses, que se tinham mostrado mais fortes em combate, decidiram dar a resposta a ambos os lados nos mesmos termos. Tomada esta decisão, disseram que, por serem aliados de ambos os beligerantes, lhes parecia coerente com o seu juramento não aderir a qualquer dos dois. Diante disto os embaixadores de ambas as partes se retiraram.

Os siracusanos estavam aprontando-se para a guerra, e ao mesmo tempo os atenienses acampados em Naxos negociavam com os sícelos, num esforço para atrair entre eles tantos quanto pudessem. Poucos dos sícelos que

[51] Veja-se o capítulo 87 deste livro.

viviam na planície e eram súditos dos siracusanos se haviam revoltado, mas os do interior, cujos agrupamentos haviam sido sempre independentes, aderiram sem demora aos atenienses, com poucas exceções, trazendo cereais para as tropas, e em alguns casos dinheiro. Os atenienses marcharam contra alguns dos que não haviam aderido e os compeliram em parte a fazê-lo, mas foram impedidos de forçar outros pelos siracusanos, que mandaram destacamentos para protegê-los. Os atenienses transferiram o ancoradouro de sua frota de Naxos para Catana logo após, refizeram o acampamento incendiado pelos siracusanos e passaram o inverno lá. Mandaram também uma trirreme a Cartago em sinal de amizade, na esperança de poderem obter alguma ajuda; despacharam outra para a Tirrênia, onde algumas cidades se haviam oferecido para juntar-se a eles na guerra. Enviaram ainda mensageiros a várias tribos sícelas, e instaram Egesta, através de emissários, a mandar-lhes todos os cavalos que pudessem. Além disto, estavam obtendo todo o material necessário à construção de uma muralha de cerco (tijolos, ferro e tudo mais), no intuito de ir à guerra logo no início da primavera.

Ao mesmo tempo os embaixadores siracusanos mandados a Corinto e à Lacedemônia tentaram, durante sua viagem ao longo da costa, persuadir os italiotas[52] a não fecharem os olhos à conduta dos atenienses, cujos planos também os atingiam. Chegando a Corinto, fizeram um discurso pedindo auxílio com fundamento na afinidade étnica; os coríntios se apressaram ao máximo em ser os primeiros a votar a favor do auxílio, e também mandaram enviados seus juntamente com os siracusanos à Lacedemônia, para ajudá-los a convencer os lacedemônios não somente a prosseguir com mais energia na guerra contra os atenienses, mas também a mandar auxilio à Sicília sob qualquer forma. Na mesma ocasião estavam presentes na Lacedemônia, além dos enviados de Corinto, Alcibíades e seus companheiros de exílio. Logo após os acontecimentos já mencionados[53] ele havia tomado uma embarcação mercante em Túrios, indo primeiro a Cilene, na Élida; depois, a convite dos próprios lacedemônios, dirigiu-se a Esparta com um salvo-conduto (ele os temia por causa de suas intrigas no caso dos mantineus). Aconteceu então que os siracusanos, os coríntios e Alcibíades, fazendo o mesmo apelo, estavam conseguindo levar Esparta a uma decisão favorável aos siracusanos na assembléia dos lacedemônios. De fato, os éforos e outras autoridades já pretendiam mandar emissários a Siracusa para evitar que eles chegassem a algum acordo com os atenienses, mas ainda não se dispunham

[52] Colonos gregos estabelecidos na região da antiga Itália chamada Magna Grécia.
[53] Veja-se o capítulo 61 deste livro.

a enviar ajuda; Alcibíades subiu primeiro à tribuna, incitou os lacedemônios e os incentivou com as seguintes palavras:

89. "É necessário falar-vos primeiro a respeito de prevenções contra mim, para evitar que, por causa de algumas suspeitas, sejais levados a ouvir com disposição menos favorável o que tenho a dizer para o bem de todos. Como meus antepassados, em decorrência de certa queixa, tinham renunciado ao título de vosso próxeno, eu mesmo procurei recuperá-lo através de meus bons ofícios em vários assuntos, especialmente em relação ao vosso infortúnio em Pilos[54]. Embora eu continuasse a mostrar o mesmo empenho, vós, concluindo um tratado de paz com os atenienses, lhes destes forças para humilhar-me, por haverdes negociado com meus inimigos pessoais. Por isto merecestes a retaliação que sofrestes, quando me passei para o lado dos mantineus e dos argivos e vos contrariei em outros assuntos[55]. Se algum dos presentes se irritou comigo naquela hora de sofrimentos, peço-lhe que veja os fatos hoje à luz da verdade e chegue a uma conclusão diferente; ou se alguém fez um mau julgamento a meu respeito porque me mostrei mais favorável à causa da democracia, não veja nisto tampouco uma razão para considerar-se justamente ofendido. Na realidade, minha família sempre se opôs aos tiranos, e como tudo que se contrapõe ao poder despótico recebe o nome de democracia, em conseqüência de nossa oposição a liderança do povo ficou conosco. Depois, sendo nossa cidade uma democracia, era necessário em muito casos ajustarmo-nos às circunstâncias, mas mesmo na desordem reinante tentamos seguir uma linha moderada. Outros, porém, tanto no tempo de nossos antepassados como agora conduziram as massas por maus caminhos, e foram esses homens que me expulsaram. De qualquer forma fomos os líderes de todo o povo, e nos pareceu justo ajudar a preservar aquela forma de governo sob a qual a cidade pôde atingir sua maior grandeza e mais completa liberdade, ainda hoje existentes. As pessoas sensatas sabem o que vale a democracia, e eu melhor que qualquer outro, pois tenho as razões mais fortes para queixar-me dela; nada de novo, porém, pode ser dito sobre uma loucura admitida por todos, mas não nos pareceu aconselhável mudar a nossa constituição democrática quando vós, nossos inimigos, estáveis diante de nossas portas.

90. "Eis, então, o motivo das prevenções contra mim; quanto aos assuntos sobre os quais deveis deliberar e eu, se sei algo mais que os outros,

[54] Veja-se o capítulo 43 do livro V.
[55] Veja-se o capítulo 53 do livro V.

devo dar a minha opinião, prestai atenção agora. Fomos à Sicília em primeiro lugar para submeter os siceliotas, se pudéssemos, e depois deles também os italiotas; finalmente faríamos uma tentativa contra o império dos cartagineses e contra a sua cidade. Se atingíssemos o objetivo, no todo ou em sua maior parte, pretendíamos então atacar o Peloponeso, trazendo para cá a totalidade das forças helênicas que congregássemos lá, além de numerosos mercenários bárbaros (iberos e outros) recrutados entre os povos reconhecidamente mais belicosos entre todos os bárbaros da atualidade, e construindo muitas trirremes em adição às nossas, pois a Itália possui madeira em abundância. Estabelecendo um bloqueio com essas trirremes em torno do Peloponeso, e ao mesmo tempo atacando por terra com nossa infantaria, além de tomar de assalto algumas de suas cidades e cercar outras com muralhas, esperávamos levá-lo facilmente à rendição, estendendo assim o nosso império a toda a Hélade. O território adicional conquistado na Sicília nos daria dinheiro e víveres em quantidades suficientes para tornar esses projetos viáveis, sem que tivéssemos de recorrer às rendas internas.

91. "Acabastes de ouvir os objetivos da expedição em andamento, expostos por quem os conhece com a maior precisão; se puderem, os comandantes restantes levarão avante esses planos sem modificações. Deixai-me mostrar-vos agora que os povos de lá não poderão resistir sem a vossa ajuda. Os siceliotas têm incontestavelmente menos experiência militar que os atenienses, mas se estiverem reunidos em um bloco único poderão obter a vitória mesmo nas circunstâncias atuais. Sós, os siracusanos, já derrotados uma vez em combate com todas as suas forças e estando ao mesmo tempo bloqueados por mar, serão incapazes de deter o exército ateniense no momento, e se Siracusa for tomada toda a Sicília será dos atenienses, e logo depois a Itália também; assim, o perigo vindo de lá, sobre o qual acabo de prevenir-vos, não tardará muito a cair sobre vós. Não se pense, então, que esta deliberação é somente sobre a Sicília; trata-se também do Peloponeso, se não mandardes rapidamente para lá em vossas naus um exército cujos soldados, servindo como remadores durante a travessia, cheguem ao destino prontos para servir como hoplitas, e – o que considero ainda mais útil que o exército – um espartano para ser o comandante, a fim de que ele possa organizar os contingentes existentes e apressar a entrada em serviço daqueles das cidades ainda relutantes. Desta forma os amigos que já tendes lá ficarão encorajados, e os hesitantes não terão receios de juntar-se a vós. Devereis também dar andamento à guerra aqui de maneira mais ostensiva,

para que os siracusanos, convencidos de que estais realmente preocupados, possam oferecer mais resistência, e os atenienses se sintam menos propensos a mandar novos reforços às suas tropas. Deveis igualmente fortificar Decêleia, na Ática[56] – é isto que os atenienses mais temem desde o começo e consideram o único grande perigo ainda por experimentar nesta guerra. Com efeito, o modo mais seguro de atingir um inimigo é infligir-lhe o que se sabe que ele mais teme, agindo-se com base em informações confiáveis, pois é natural que cada homem conheça mais acuradamente os perigos que o ameaçam e por isso os tema. Quanto aos benefícios que colhereis com a fortificação daquela posição estratégica ameaçadora e dos transtornos que essa medida causará ao inimigo, omitirei muitos e resumirei apenas os principais. A maior parte das riquezas de seu território virá para as vossas mãos, seja por conquista, seja espontaneamente; os atenienses ficarão também privados das minas de prata do Láurion e de todas as vantagens oriundas de suas terras e de suas oficinas e, principalmente, dos tributos de seus aliados, que lhes chegarão com menos regularidade, pois estes, convencidos de que estareis conduzindo a guerra com mais vigor, descuidar-se-ão de seus encargos.

92. "A execução rápida e enérgica destes projetos, ainda que parcialmente, depende de vós, lacedemônios; quanto à sua exeqüibilidade – não creio que esteja errado em minha convicção –, tenho inteira confiança.

"Peço que ninguém pense com mais severidade a meu respeito porque eu, antes tão patriota, agora vou contra a minha cidade com todas as minhas forças, pactuando com seus arquiinimigos; nem julgo que o ressentimento do exilado possa tornar as minhas palavras suspeitas. Fugi da perversidade de meus perseguidores, mas não fugirei da oportunidade de vos prestar um bom serviço, se me ouvirdes; na verdade, os maiores inimigos não são aqueles que, como vós, atacam apenas os inimigos, mas sim os que forçam os amigos a tornar-se inimigos. Não sou patriota em relação à terra de onde saio ofendido, mas fui naquela onde gozei de meus direitos de cidadão em segurança. Penso que não estou indo contra uma pátria ainda minha, mas contra uma que já não o é e que estou tentando reconquistar. O verdadeiro patriota não é o homem que, tendo sido injustamente privado de sua pátria, se recusa a marchar contra ela, mas sim aquele que, em seu ardente amor por ela, tenta recuperá-la por todos os meios. Sendo assim, peço-vos, lacedemônios,

[56] Decêleia, situada estrategicamente na rota da Ática para a Beócia, foi ocupada em 413 a.C.; veja-se o capítulo 19 do livro VII .

que me useis sem apreensões para enfrentar quaisquer perigos ou dificuldades, cientes de que, segundo a frase repetida por todos, se como inimigo vos causei grandes males, posso, como amigo, ser-vos extremamente útil, pois conheço bem os assuntos atenienses e faço uma idéia razoável dos vossos. Peço-vos também que, convencidos de que estais deliberando sobre assuntos da mais alta importância, não recueis da decisão de enviar uma expedição à Sicília, e também à Ática, pois dessa forma, graças a um pequeno contingente na ilha, conseguireis preservar grandes interesses vossos lá e aniquilar o poderio dos atenienses para sempre; depois podereis viver em segurança e vereis toda a Hélade alinhar-se espontaneamente sob a vossa hegemonia, conquistada não pela força, mas pela benevolência".

93. Assim falou Alcibíades. Os lacedemônios, que antes já estavam predispostos a empreender uma expedição contra Atenas, mas ainda hesitavam e observavam, agora estavam muito mais encorajados, após receber do próprio Alcibíades aquelas explicações detalhadas, e acreditando que as tinham ouvido do homem mais seguramente informado a respeito. A partir daquele momento voltaram as suas atenções para a fortificação de Decêleia e, mais ainda, para o envio imediato de alguma ajuda à Sicília. Nomearam Gílipos filho de Cleandridas comandante das forças siracusanas, e o encarregaram de entender-se com os siracusanos e coríntios quanto ao meio melhor e mais rápido de fazer chegar a ajuda aos siracusanos naquelas circunstâncias. Gílipos instruiu os corintianos no sentido de mandarem imediatamente duas naus para Asine[57] e equiparem todas as outras que pretendiam enviar, de modo a poderem navegar no momento aprazado. Após esses arranjos os embaixadores deixaram Esparta.

Chegou nesse ínterim a Atenas a trirreme mandada da Sicília pelos comandantes para pedir dinheiro e cavalaria; os atenienses, postos a par da missão, votaram a favor do envio ao seu exército dos suprimentos e da cavalaria pedidos. Em seguida terminou o inverno, e com ele o décimo sétimo ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

94. No verão subseqüente, logo nos primeiros dias da primavera os atenienses na Sicília partiram de Catana e navegaram ao longo da costa em direção a Mégara, de onde os siracusanos tinham expulso os habitantes no tempo do tirano Gêlon, como eu disse antes[58], mantendo-se na posse do

[57] Provavelmente um porto na Messênia; veja-se o capítulo 13 do livro IV.
[58] Veja-se o capítulo 4 deste livro.

respectivo território. Os atenienses desembarcaram lá, devastaram os campos e em seguida atacaram um forte siracusano; não foram bem-sucedidos, todavia, e voltaram navegando novamente ao longo da costa com sua frota e suas forças terrestres até o rio Terias; rumando de lá para o interior, devastaram a planície e queimaram o trigo. Encontraram depois um contingente de siracusanos, mataram alguns soldados e após erguerem um troféu retiraram-se para as suas naus. Em seguida navegaram de volta a Catana e, refazendo lá o seu suprimento de víveres, avançaram com todo o seu exército para Centôripa[59], uma cidade dos sícelos; após obterem a sua rendição mediante acordo, retiraram- se de lá, queimando antes na mesma região o trigo dos inesseus e dos hibleus. Ao chegar a Catana encontraram duzentos e cinqüenta cavalerianos recém-vindos de Atenas, equipados mas sem os cavalos, que esperavam obter na Sicília, além de trinta archeiros montados e trezentos talentos de prata[60].

95. Durante a mesma primavera, os lacedemônios, fazendo uma expedição a Argos, chegaram até Cleonas, mas se retiraram após a ocorrência de um terremoto. Depois os argivos invadiram Tireatis, situada junto à sua fronteira, e tomaram dos lacedemônios muitos despojos, vendidos por não menos de vinte e cinco talentos. Não muito tempo depois, ainda no mesmo verão, o povo de Téspias quis derrubar o governo, mas não conseguiu, pois chegou socorro de Tebas; alguns insurretos foram presos, enquanto outros fugiram para refugiar-se em Atenas.

96. Ainda no mesmo verão os siracusanos, informados de que os atenienses haviam recebido sua cavalaria e estavam prontos para marchar contra eles, e pensando que, salvo se os atenienses se apoderassem de Epípolas (um lugar escarpado situado diretamente acima da cidade de Siracusa), mesmo que fossem derrotados em combate não seria fácil amuralhar a cidade, decidiram proteger as vias de acesso ao lugar, a fim de evitar que o inimigo subisse secretamente por alguma daquelas vias, pois acreditavam que a penetração somente seria possível por ali. Com efeito, em todos os outros pontos o terreno consiste numa elevação abrupta sobre a cidade, formando uma escarpa e sendo visível de toda a região (o lugar é chamado Epípolas pelos siracusanos por estar situado num planalto que surge abruptamente e é nitidamente separado do resto da região)[61]. As tropas siracusanas haviam

[59] A atual Centorbi, distante cerca de 43 km de Catana e próxima do Etna.
[60] O equivalente a cerca de US$ 300.000.
[61] Literalmente, Epípolas (derivado de *epipolazo*) significa "que está por cima".

saído em massa ao raiar do dia seguinte para o prado às margens do rio Ânapos (coincidira que Hermôcrates e seus colegas de comando tinham assumido o posto havia pouco tempo), onde os hoplitas seriam passados em revista. Selecionaram primeiro seiscentos homens entre os hoplitas e os puseram sob o comando de Diômilos, um exilado de Andros, para formarem a guarda de Epípolas e, se houvesse necessidade deles em qualquer outro lugar, estarem preparados para intervir rapidamente.

97. Durante a noite anterior ao dia em que os siracusanos passariam em revista aquelas tropas, os atenienses saíram de Catana com todas as suas forças e chegaram sem ser vistos ao lugar chamado Lêon, distante seis ou sete estádios[61a] de Epípolas, desembarcando ali as forças terrestres e ancorando as suas naus em Tapsos (uma península com um istmo estreito, avançando pelo mar e não muito distante de Siracusa, quer por terra, quer por mar). As forças navais atenienses, após construir uma paliçada através do istmo, permaneceram na expectativa em Tapsos; as forças terrestres, porém, avançaram aceleradamente para Epípolas e subiram até lá pelo Euríelos antes de que os siracusanos, tomando conhecimento do fato, pudessem chegar ao local vindos da revista que estava sendo realizada no prado. As tropas siracusanas vieram sem demora em defesa de Epípolas, cada soldado com a maior velocidade possível, não somente os seiscentos comandados por Diômilos, mas também os outros. Tinham, porém, de percorrer não menos de vinte e cinco estádios[62], após deixarem o prado, antes de alcançar o inimigo. Nestas condições os siracusanos se lançaram sobre os atenienses desordenadamente e, sendo derrotados em Epípolas, num combate em que Diômilos e cerca de trezentos homens foram mortos, retiraram-se para a cidade. Os atenienses ergueram depois um troféu e entregaram os mortos siracusanos mediante trégua, e no dia seguinte desceram contra a própria cidade; vendo, porém, que o inimigo não saía para combatê-los, retiraram-se e construíram um forte em Lábdalon, na extremidade das escarpas de Epípolas e em frente a Mégara, para servir de depósito para suas bagagens e seus bens quando avançassem para combater ou fossem trabalhar na construção da muralha.

98. Não muito tempo depois chegaram de Egesta trezentos cavalerianos, e cerca de cem mandados pelos sícelos, náxios e outros; os atenienses já dispunham de duzentos e cinqüenta, para os quais haviam recebido certo

[61a] Cerca de 1,1 a 1,3 km.
[62] Cerca de 40 km.

número de cavalos dos egesteus e cataneus e comprado outros; a esta altura, portanto, o efetivo de sua cavalaria chegava a seiscentos e cinqüenta. Os atenienses deixaram uma guarnição em Lábdalon e avançaram até Sice, onde tomaram posição e construíram rapidamente o forte circular; os siracusanos ficaram alarmados com a rapidez da obra e marcharam contra os atenienses, decididos a combatê-los ao invés de ficarem simplesmente observando. Quando já estavam na iminência de engajar-se em combate os comandantes siracusanos, vendo que suas tropas se apresentavam desorganizadas e não conseguiam pôr-se em linha com facilidade, retiraram-se para a cidade com elas, deixando apenas uma parte da cavalaria; esta ficou no local para impedir os atenienses de trazerem pedras e de avançar até lugares mais distantes. Então um corpo de hoplitas atenienses, correspondendo apenas a uma tribo, e toda a sua cavalaria, atacaram e puseram em fuga a cavalaria siracusana, e após matarem alguns homens ergueram um troféu comemorativo daquele combate eqüestre.

99. No dia seguinte alguns atenienses trabalharam nas obras de amuralhamento ao norte do forte circular, enquanto outros juntavam pedras e madeira e começavam a alinhá-las no rumo do lugar chamado Trôgilos (nesta direção a muralha de contorno do Grande Porto até o mar aberto seria mais curta). Os siracusanos, acatando a decisão de seus comandantes (especialmente de Hermôcrates), não estavam mais propensos a arriscar-se em combates regulares com todas as suas forças contra os atenienses. Pareceu-lhes melhor construir uma muralha cruzando a linha por onde deveria passar a muralha dos atenienses, que ficariam bloqueados; decidiram, ao mesmo tempo, que se os atenienses os atacassem durante essa obra, mandariam uma parte de suas tropas contra eles. Esperavam chegar na frente dos atenienses para obstruir as vias de acesso com paliçadas, e desta forma estes teriam de parar a sua obra para vir combatê-los com todas as suas tropas. Com esse objetivo, saíram da cidade e, a partir dela, iniciaram a construção da muralha de cruzamento abaixo do forte circular dos atenienses, cortando as oliveiras do santuário e elevando torres de madeira. As naus atenienses ainda não haviam feito a viagem de contorno para virem de Tapsos até o Grande Porto, e os siracusanos ainda dominavam o lado do mar; em conseqüência os atenienses tinham de trazer os seus suprimentos de Tapsos por terra.

100. Quando pareceu aos siracusanos que a construção de sua muralha de cruzamento já havia progredido suficientemente, com o uso de pedras e

paliçadas, sem que os atenienses os molestassem – temiam que o inimigo pudesse atacá-los com mais facilidade enquanto suas forças estivessem divididas, e ao mesmo tempo trabalhando em sua própria muralha – retiraram-se para a cidade deixando uma divisão de guarda no local. Na mesma ocasião os atenienses destruíram as canalizações subterrâneas que abasteciam a cidade de água potável; depois, vendo à distância que a maioria dos siracusanos descansava em suas tendas no meio do dia – alguns deles haviam até ido para as suas casas na cidade – e que os encarregados da proteção da paliçada estavam guardando-a negligentemente, destacaram trezentos de seus soldados escolhidos entre os hoplitas e um corpo selecionado entre as tropas ligeiras mas com armamento pesado, e os incumbiram de efetuar um ataque de surpresa, em marcha acelerada, contra a muralha de cruzamento; simultaneamente o resto das tropas avançou em duas divisões, uma com um dos comandantes contra a cidade, para impedir que tropas siracusanas viessem socorrer as que guardavam a muralha, e a outra com o outro comandante para o trecho da paliçada próximo ao postigo. Os trezentos atacaram e tomaram a paliçada, que os guardas abandonaram para ir refugiar-se no interior da defesa avançada em volta do Temenites[63]; seus atacantes os perseguiram até lá, mas depois de entrar foram forçados pelos siracusanos a retirar-se, perdendo alguns argivos e uns poucos atenienses que foram mortos. Então todo o exército se retirou, demoliu a muralha de cruzamento e removeu a paliçada levando os postes de madeira entremeados na mesma e erguendo um troféu.

101. Na manhã seguinte os atenienses, partindo do forte circular, começaram a fortificar a escarpa que domina o terreno pantanoso, do lado de Epípolas de onde se avista o Grande Porto (descendo por lá através da planície e do pântano, sua muralha de confinamento chegaria ao porto pelo caminho mais curto). Nesse entretempo os siracusanos saíram e começaram a construir outra paliçada, partindo da cidade, pelo meio do pântano; simultaneamente cavaram um fosso ao longo da paliçada, para impedir os atenienses de completarem a sua muralha até o mar. Estes, porém, logo que sua muralha até a escarpa ficou pronta atacaram a paliçada e o fosso dos siracusanos. Eles haviam dado instruções à frota para vir de Tapsos até o Grande Porto de Siracusa, e desceram de Epípolas para a planície ao raiar do dia. Lançando vigas e pranchas de madeira ao longo do pântano, em lugares onde o solo era mais argiloso e firme, e atravessando-o por cima delas,

[63] Veja-se o capítulo 75 deste livro.

tomaram de manhã cedo o fosso e quase toda a paliçada, e pouco mais tarde o resto desta. Travou-se também um combate, ganho pelos atenienses, após o qual os soldados da ala direita dos siracusanos fugiram para a cidade e os da ala esquerda se retiraram pelas margens do rio. Querendo impedir estes últimos de atravessarem o rio, os trezentos atenienses escolhidos avançaram correndo para a ponte; os siracusanos se alarmaram e, como sua cavalaria estava quase toda lá, anteciparam-se aos trezentos, puseram-nos em fuga e atacaram a ala direita dos atenienses. Diante da carga da cavalaria a primeira divisão dessa ala também entrou em pânico; Lâmacos, vendo o que ocorria, veio de seu posto na ala esquerda para ajudá-la, trazendo consigo alguns archeiros e os argivos, mas atravessando o fosso e ficando isolado com alguns dos homens que iam com ele, foi morto juntamente com cinco ou seis de seus acompanhantes. Os siracusanos os recolheram apressadamente e conseguiram levá-los para um lugar seguro do outro lado do rio, retirando-se quando o resto do exército ateniense começou a avançar.

102. Ao mesmo tempo os siracusanos que se haviam retirado antes para a cidade recuperaram a coragem, diante do que estava acontecendo à vista deles, e vieram enfrentar os atenienses, mandando também alguns soldados contra o forte circular em Epípolas, pois imaginavam que o encontrariam indefeso e poderiam capturá-lo. Efetivamente eles tomaram e demoliram cerca de dez pletros[64] de sua muralha de confinamento, mas Nícias impediu a tomada do forte (ele fora deixado na retaguarda por estar doente na ocasião), ordenando aos seus acompanhantes que pusessem fogo nos engenhos de guerra e na madeira que haviam sido derrubados em frente à muralha, pois percebera que por falta de homens os atenienses seriam incapazes de salvá-lo de outra maneira. E foi o que aconteceu, pois os siracusanos, não podendo chegar perto por causa do fogo, tiveram de retirar-se em seguida. Além disto, já começavam a chegar reforços dos atenienses na planície para defender o forte circular, e suas naus, de acordo com as instruções, já estavam vindo de Tapsos para o Grande Porto. Vendo o que acontecia, os homens que lutavam na parte elevada e o grosso das tropas siracusanas se retiraram apressadamente para a cidade, pensando que com as forças disponíveis não poderiam impedir a construção da muralha até o mar.

103. Logo após os atenienses ergueram um troféu e restituíram aos siracusanos os seus mortos mediante trégua, recebendo de volta o corpo de

[64] Cerca de 330 metros.

Lâmacos e de seus soldados mortos com ele. Com todas as suas forças presentes – tanto a frota quanto os efetivos terrestres – eles deram prosseguimento às obras de cerco a Siracusa por meio de uma muralha dupla começando nas escarpas de Epípolas e descendo até o mar. Estavam chegando provisões de todas as regiões da Itália para as tropas; também vieram juntar-se aos atenienses muitos sícelos antes indecisos, além de três naus de cinqüenta remos da Tirrênia. Tudo mais estava acontecendo de acordo com seus desejos. Com efeito, os siracusanos já não pensavam em ganhar a guerra, pois não haviam recebido qualquer ajuda, nem mesmo do Peloponeso; na realidade já estavam discutindo condições para a rendição, não somente entre si mesmos, mas até com o próprio Nícias, que após a morte de Lâmacos era o comandante único. Não se havia chegado a uma decisão, mas como é natural quando os homens estão perplexos e cercados mais de perto que antes, foram feitas muitas propostas a Nícias, e um número ainda maior estava sendo discutido no interior da cidade. De fato, premidos por seus males presentes os siracusanos já suspeitavam uns dos outros, e por ocasião dos eventos mais recentes os comandantes das tropas haviam sido destituídos, sob a alegação de que tais infortúnios haviam sido causados pela má sorte ou traição dos mesmos. Foram nomeados para substituí-los Heráclides, Eucles e Telias.

104. Naquela ocasião o lacedemônio Gílipos e as naus de Corinto[65] já estavam em Lêucade, em seu empenho de levar auxílio à Sicília com a máxima presteza. Em face das notícias que lhe chegavam, alarmantes e todas divulgadas com o intuito de dar a falsa impressão de que Siracusa já havia sido completamente amuralhada, Gílipos já não nutria qualquer esperança em relação à Sicília mas, desejando salvar a Itália, ele mesmo e o coríntio Piteus, com duas naus da Lacônia e duas de Corinto, atravessaram o golfo Iônio em direção a Taras com a maior velocidade possível; os coríntios, após tripularem duas naus leucádias e três ambraciotas em adição às suas dez, deveriam partir mais tarde. De Taras Gílipos foi primeiro em missão a Túrios, invocando o direito de cidadania concedido outrora a seu pai, mas não conseguiu convencê-la a aderir e continuou a viagem ao longo da costa da Itália. Colhido à altura da baía de Terina por ventos fortíssimos, que naquelas paragens sopram freqüentemente do norte, foi levado para o mar alto e somente depois de uma violenta tempestade pôde chegar novamente a Taras; lá, içando para a praia todas as suas naus avariadas pela tempestade,

[65] Veja-se o capítulo 93 deste livro.

tratou de repará-las. Nesse ínterim Nícias, embora tivesse tido conhecimento de que Gílipos estava a caminho, mostrou-se desdenhoso diante do pequeno número de suas naus, tal como os túrios haviam feito, e pensando que elas estivessem mais preparadas para a pirataria que para a guerra, não se dispôs a tomar qualquer atitude defensiva.

105. Aproximadamente na mesma época daquele verão os lacedemônios e seus aliados invadiram Argos e devastaram a maior parte de seu território. Os atenienses foram socorrer os argivos com trinta naus, numa ação que violava da maneira mais ostensiva seu tratado com os lacedemônios. Até então eles estavam limitando-se a cooperar com os argivos e mantineus em incursões predatórias a partir de Pilos e a efetuar desembarques ao longo da costa do Peloponeso, mas não na Lacônia; os argivos já os haviam instado várias vezes a apenas desembarcarem armados na Lacônia, devastarem ainda que fosse uma pequena parte de seu território e se retirarem, mas eles se tinham recusado sistematicamente. Desta vez, porém, desembarcaram em Epídauros Limera, em Prasias e outros lugares, sob o comando de Pitódoros, Lespodias e Demáratos, e devastaram parte de suas terras, dando assim aos lacedemônios, a partir daquela ocasião, uma razão mais plausível para se defenderam dos atenienses. Após a retirada destes de Argos com suas naus, os argivos invadiram a região de Flios, devastaram parte de suas terras e mataram alguns habitantes, voltando em seguida para as suas cidades.

LIVRO SÉTIMO

1. Gílipos e Piteus, após repararem suas naus, navegaram ao longo da costa desde Taras até a Lócrida Epizefíria, recebendo, então, informações mais precisas no sentido de que Siracusa ainda não estava completamente amuralhada e de que ainda seria possível chegar com tropas e entrar na cidade pelo caminho de Epípolas. Diante destas informações, conferenciaram sobre a escolha entre duas alternativas: arriscar-se a navegar até o porto, tendo a Sicília à direita ou, tendo-a à esquerda, dirigir-se primeiro a Himera e em seguida, após haver acrescentado às suas forças os habitantes daquela cidade e outros que pudessem persuadir, prosseguir por terra. Decidiram navegar até Himera, especialmente porque as quatro naus atenienses, que Nícias afinal[1] decidira enviar quando soube que eles estavam na Lócrida, ainda não haviam chegado a Région. Burlando a vigilância das naus de Nícias, conseguiram cruzar o estreito e chegaram a Himera após parar em Région e Messene. Enquanto estavam lá persuadiram os himereus a ajudá-los na guerra, não somente juntando-se à expedição, mas também fornecendo armas aos tripulantes de suas naus, que não dispunham delas (as naus haviam sido içadas até a praia em Himera); obtiveram deles também que pedissem aos selinúntios para irem ao seu encontro em certo lugar com todas as suas forças. Um pequeno contingente de tropas também lhes foi prometido pelos gelanos e por alguns sícelos, estes não estavam muito entusiasmados para juntar-se a eles, por causa da morte recente de Arcônidas, rei de algumas tribos sícelas daquela região e homem muito influente, que fora amigo dos atenienses, e também porque Gílipos parecia vir da Lacedemônia com ímpeto excessivo. Após esses arranjos Gílipos se dirigiu para Siracusa, levando com ele cerca de setecentos de seus marinheiros já armados, mil e cem hoplitas, soldados com armas leves e cavalerianos himereus, um contingente selinúntio de tropas ligeiras e de cavalaria, alguns gelanos e cerca de mil sícelos ao todo.

2. Nesse ínterim os coríntios saíram de Lêucade com o resto de suas naus e se apressaram em trazer ajuda, de tal forma que Gôngilos, um dos comandantes coríntios, embora houvesse partido por último com uma só nau, foi o primeiro a chegar a Siracusa, antecipando-se ligeiramente a Gílipos. Encontrando os siracusanos preparados para se reunirem numa assembléia a fim de discutirem o fim da guerra, ele evitou a realização da mesma e os

[1] Veja-se o capítulo 104 do livro VI.

animou, dizendo-lhes que deveriam chegar em seguida outras naus, e também Gílipos filho de Cleandridas, mandado pelos lacedemônios para assumir o comando. Os siracusanos readquiriram a coragem e saíram imediatamente com todas as suas forças ao encontro de Gílipos que, segundo informações por eles recebidas, já estaria nas proximidades. Ele, após capturar em seu caminho o forte sícelo de Ietas, chegou a Epípolas com suas tropas já em formação de combate; subindo até lá pelo Euríelos, tal como os atenienses haviam feito[2], juntou-se aos siracusanos e avançou para atacar a muralha dos atenienses. Aconteceu que ele veio no momento exato em que a muralha dupla[3] de sete ou oito estádios de extensão[4] tinha sido completada pelos atenienses até o Grande Porto, exceto em um curto trecho junto ao mar, onde ainda estavam trabalhando. Quanto ao resto do amuralhamento em volta da cidade, já tinham sido trazidas as pedras para a maior parte do trecho entre Trôgilos e o mar aberto, que fora deixado semi-acabado em algumas partes, e em outras já estava completo (os siracusanos haviam chegado a este extremo de perigo!).

3. Os atenienses de início ficaram perplexos com o súbito ataque de Gílipos e dos siracusanos, mas logo se alinharam para enfrentá-los. Gílipos, todavia, deteve-se perto deles com suas tropas de armas nas mãos, e mandou um arauto dizer-lhes que, se se dispusessem a deixar a Sicília dentro de cinco dias levando os seus pertences, ele estava pronto a fazer uma trégua; os atenienses, porém, trataram desdenhosamente o arauto e o mandaram de volta sem resposta. Em seguida os dois lados se prepararam para a batalha, mas Gílipos, vendo os siracusanos desorganizados e incapazes de alinhar-se com rapidez, recuou com suas tropas para um local próximo mais amplo. Nícias não lançou os atenienses contra ele e permaneceu na expectativa junto às muralhas. Vendo que Nícias não avançava, Gílipos retirou suas tropas do local onde estavam e levou-as para a elevação chamada Temenites, onde acampou. No dia seguinte veio de lá com o grosso de suas tropas e se colocou em frente à muralha dos atenienses, para impedi-los de mandar reforços a qualquer outro ponto; enviou em seguida um destacamento contra o forte de Lábdalon, capturou-o e eliminou todos os seus ocupantes (o local não era visível aos atenienses). Ainda no mesmo dia uma trirreme ateniense que estava patrulhando a entrada do Grande Porto foi capturada pelos siracusanos.

[2] Veja-se o capítulo 97 do livro VI.
[3] Veja-se o capítulo 103 do livro VI.
[4] Cerca de 1,3 a 1,5 km.

4. Logo após, os siracusanos e seus aliados iniciaram a construção de uma muralha simples subindo obliquadamente à dos atenienses a partir da cidade até Epípolas, com o objetivo de impedir os atenienses de amuralhá-los, salvo se pudessem obstar as obras. A esta altura os atenienses haviam concluído a sua muralha junto ao mar e tinham chegado até o terreno elevado; Gílipos, informado de que certo trecho da muralha ateniense era fraco, avançou com seu exército à noite para atacá-lo. Os atenienses, que haviam acampado fora das muralhas, perceberam o movimento e marcharam contra Gílipos; este, notando o avanço, recuou rapidamente com seus homens. Diante dessa tentativa os atenienses elevaram a altura da muralha naquele trecho e eles mesmos ficaram lá de guarda, enquanto seus aliados foram distribuídos ao longo da muralha, cada um num trecho que lhes fora designado.

Nícias resolveu fortificar também o lugar chamado Plemírion, uma elevação defronte da cidade, que se projeta pelo mar em frente ao Grande Porto e estreita a sua entrada. Pareceu-lhe que se Plemírion fosse fortificado a chegada de suprimentos seria facilitada, pois os atenienses poderiam vigiar mais de perto o porto dos siracusanos, e não seriam obrigados, como antes, a sair do interior da baía em que ficava o Grande Porto no caso de ocorrer alguma movimentação da frota siracusana. De um modo geral, a partir daqueles acontecimentos Nícias passou a dar atenção principalmente à guerra naval, vendo que as operações terrestres já não ofereciam as mesmas perspectivas favoráveis após a chegada de Gílipos. Conseqüentemente, saindo com as naus e um destacamento de suas tropas ele construiu três fortes, nos quais depositou a maior parte de seu equipamento e onde as grandes naus de transportes e de guerra passaram a ancorar. Foi justamente em decorrência disto que as condições das tripulações começaram a deteriorar-se, pois seu suprimento de água passou a ser escasso e distante; ao mesmo tempo, sempre que os marinheiros saíam para buscar lenha eram seriamente molestados pela cavalaria siracusana, que dominava aquela região. Com efeito, os siracusanos haviam deixado um terço de sua cavalaria numa aldeia vizinha ao Olimpieion, para evitar que as tropas estacionadas em Plemírion saíssem para fazer devastações. Ao mesmo tempo Nícias, informado de que as naus coríntias restantes estavam aproximando-se, mandou vinte naus para espreitá-las, com ordens de armar-lhes uma emboscada nas vizinhanças de Lócris, ou de Région, ou na travessia para a Sicília.

5. Gílipos continuou a construir a muralha através de Epípolas, usando as pedras deixadas lá anteriormente pelos atenienses para seu próprio traba-

lho; simultaneamente saía com freqüência em companhia dos siracusanos e seus aliados e os alinhava diante da muralha; os atenienses, por seu turno, punham-se em formação de combate prontos para enfrentá-los. Quando Gílipos achou que chegara o momento, iniciou o ataque; entrando em combate corpo a corpo os dois lados lutaram entre as muralhas, onde a cavalaria siracusana era totalmente inútil. Os siracusanos e seus aliados foram vencidos e retiraram os seus mortos mediante trégua, e os atenienses ergueram um troféu. Gílipos reuniu em seguida as suas tropas e lhes disse que o erro não havia sido delas, mas dele, pois alinhando-as para a batalha no exíguo espaço entre as muralhas, privara-as do auxílio da cavalaria e dos lanceiros. Levá-los-ia novamente ao combate, e os instou a terem presente em seu espírito que, em termos de homens e de equipamento, eles não eram inferiores ao inimigo; quanto à sua moral, seria inadmissível que eles, peloponésios e dórios enfrentando iônios, ilhéus e um amontoado de outras tropas, não os derrotassem e os expulsassem da Sicília.

6. Na primeira oportunidade Gílipos levou-os novamente a combater. Nícias e os atenienses pensaram que, mesmo que os siracusanos não se mostrassem dispostos a iniciar a batalha, eles não teriam necessariamente de continuar observando de braços cruzados, enquanto estava sendo construída a muralha que iria cortar a sua; com efeito, a muralha inimiga já tinha praticamente ultrapassado a extremidade da muralha ateniense, e se os siracusanos atingissem o seu objetivo, daí em diante o resultado seria o mesmo para os atenienses se vencessem todas as batalhas ou simplesmente parassem de combater. Naquelas circunstâncias eles resolveram avançar contra os siracusanos. Gílipos, levando os seus hoplitas para mais longe das muralhas do que anteriormente, entrou em combate com a cavalaria e os lanceiros posicionados junto ao flanco dos atenienses, no espaço aberto onde terminavam as obras de ambas as muralhas. Sua cavalaria atacou na batalha a ala esquerda dos atenienses, situada em frente a ele, e obrigou-a a recuar; em conseqüência desta manobra o resto do exército foi também vencido pelos siracusanos e forçado a retirar-se para o interior de suas muralhas. Na noite subseqüente os siracusanos, após atingirem com sua muralha a dos atenienses, conseguiram levá-la ainda mais à frente, de tal forma que daí em diante não mais correriam o risco de ser contidos pelos atenienses, ao mesmo tempo que lhes tiravam qualquer possibilidade de amuralhá-los, ainda que fossem vitoriosos.

7. Algum tempo depois as doze naus restantes dos coríntios, ambraciotas e leucádios[5], comandadas pelo coríntio Erasinides, entraram no porto burlando a vigilância dos atenienses, e seus tripulantes passaram a ajudar os siracusanos a construir o resto da muralha de cruzamento. Ao mesmo tempo Gílipos viajou para outras partes da Sicília a fim de obter reforços para seu exército e sua frota, e também para trazer para o seu lado as cidades que ainda não estavam colaborando decididamente na guerra ou estavam mesmo completamente alheias a ela. Outra delegação representando os siracusanos e coríntios foi mandada à Lacedemônia e a Corinto, com o intuito de obter o envio de mais tropas por mar usando todos os meios de transporte disponíveis – naus mercantes, barcos ou qualquer outra embarcação – pois os atenienses também haviam pedido mais tropas. Além disto, os siracusanos estavam tripulando uma frota e exercitando-se com vistas a tentar a sorte também no mar, pois em geral estavam muito confiantes.

8. Nícias, percebendo aquela movimentação e vendo aumentar a cada dia as forças do inimigo, mandou por seu turno mensagens a Atenas em várias oportunidades, com relatos detalhados dos acontecimentos, especialmente naquela ocasião, pois julgava crítica a situação de seus comandados e pensava que não havia esperanças de salvação, a não ser que Atenas os chamasse de volta ou lhe mandasse reforços nada pequenos com toda a urgência. Temendo, porém, que seus mensageiros não relatassem os fatos reais, por incapacidade de falar com precisão, por fraqueza de memória ou por desejo de ser agradável à multidão, escreveu uma carta, imaginando que assim os atenienses apreenderiam melhor seus pontos de vista, sem que erros eventuais dos mensageiros os obscurecessem, e poderiam deliberar com pleno conhecimento da situação real. Partiram, então, os mensageiros mandados por ele, levando a carta e os relatos verbais a transmitir, enquanto ele mesmo, com vistas às suas forças, cuidava mais naquelas circunstâncias de manter-se na defensiva que de expor-se voluntariamente a riscos.

9. No fim do mesmo verão Euetion, um comandante ateniense, efetuou juntamente com Perdicas uma expedição contra Anfípolis com forças consideráveis dos trácios, e embora não tenha conseguido capturar a cidade, contornou-a com suas trirremes em direção ao Strímon e bloqueou-a pelo lado do rio, servindo-se de Himereus como base. E assim terminou aquele verão.

[5] Vejam-se os capítulos 2 deste livro e 7 do livro IV.

10. No verão seguinte os emissários de Nícias, chegando a Atenas, transmitiram as mensagens que tinham sido encarregados de levar oralmente, respondendo a todas as perguntas que lhes fizeram, e entregaram a carta. O escriba da cidade subiu à tribuna em seguida e leu para os atenienses aquele documento, cujo teor era o seguinte:

11. "Já recebestes informações através de outras mensagens, atenienses, a propósito do que foi feito anteriormente; agora, porém, mais do que nunca é tempo de tomar decisões, tendo em vista os presentes esclarecimentos relativos às condições em que nos encontramos. Vitoriosos em muitos confrontos com os siracusanos, contra os quais fomos mandados, construímos as fortificações no interior das quais estamos; há pouco tempo chegou o lacedemônio Gílipos com um exército vindo do Peloponeso e de algumas cidades da Sicília. Na primeira batalha nós o derrotamos, mas no dia seguinte, pressionados por sua numerosa cavalaria e por seus lanceiros, retiramo-nos para o interior de nossas muralhas. Neste momento, então, interrompemos nossas obras de amuralhamento por causa da superioridade numérica do inimigo e estamos inativos. Não podemos usar o grosso de nosso exército porque a guarda das muralhas absorve parte de nossa infantaria pesada; ao mesmo tempo o inimigo construiu uma muralha simples interceptando a nossa, tirando-nos assim todas as possibilidades de amuralhá-lo, a não ser que ataquemos essa contramuralha com forças consideráveis e a conquistemos. Acontece, então, que nós, até há pouco sitiantes, agora estamos sitiados, ao menos por terra, pois não podemos afastar-nos em incursões pelo interior por causa da cavalaria siracusana.

12. "O inimigo mandou emissários ao Peloponeso pedindo outro exército, e Gílipos se dirigiu a várias cidades da Sicília para persuadir as ainda neutras a apoiá-lo na guerra, e para trazer de outras, se puder, mais reforços para seu exército e sua frota. Estou informado de que ele planeja atacar nossas muralhas por terra com seu exército e por mar com suas naus (que não pareça impossível a qualquer de vós a tentativa de ataque por mar!). Com efeito, como o próprio inimigo já sabe, embora nossa frota estivesse de início com suas naus perfeitamente estanques e com suas tripulações em ótimas condições, agora não está assim; as naus começam a fazer água, depois de tão longa permanência no mar, e as tripulações estão desorganizadas. Não é possível, realmente, içar as naus para terra a fim de secá-las, pois a frota inimiga, igual à nossa em número ou até superior, deixa-nos sempre

na expectativa de um ataque a qualquer momento. Ela se adestra abertamente e a iniciativa está com o inimigo, mais livre do que nós para secar as suas naus, pois não está engajado em um bloqueio.

13. "Nós, ao contrário, dificilmente poderíamos desfrutar dessa vantagem, ainda que tivéssemos grande superioridade em número de naus e não fôssemos compelidos, como agora, a usá-las todas para manter a vigilância. Se a relaxarmos por pouco que seja, não teremos os nossos suprimentos, que mesmo com ela chegam com dificuldade ao nosso acampamento, pois as naus têm de passar diante da cidade. Nossas tripulações já se encontram um pouco desorganizadas e continuam a deteriorar-se, pois os marinheiros, forçados a percorrer longas distâncias para trazerem madeira, forragem e água, são freqüentemente mortos pela cavalaria inimiga. Agora que nossas forças apenas se equilibram com as do inimigo, nossos escravos estão desertando; quanto aos mercenários, alguns que embarcaram em nossas naus constrangidos deixam-nos para voltar às suas cidades na primeira oportunidade; outros, que a princípio se sentiam atraídos pela perspectiva de altos soldos e pensavam que iriam ganhar dinheiro em vez de combater, hoje que contrariamente à sua expectativa, vêem do lado inimigo a frota e tudo mais oferecendo resistência, passam-se para lá como desertores confessos ou vão embora como podem (a Sicília é grande!). Outros, ainda, com o intuito de comerciar, persuadiram os trierarcas a receber a bordo escravos hicários para substituí-los, privando assim a nossa frota de seus homens competentes.

14. "Escrevo a pessoas conhecedoras, como sois, de que uma tripulação somente se mantém na melhor forma por pouco tempo, e de que somente poucos marinheiros podem pôr uma nau em movimento e manter a cadência dos remos. De todas estas dificuldades, porém, a causadora de maior desalento é que eu, como comandante, não posso conter esses abusos – vosso temperamento não é fácil de governar[6] – e não temos outras fontes onde possamos recrutar tripulantes para nossas naus, enquanto o inimigo dispõe de numerosas; ao contrário, os homens que trouxemos conosco têm de bastar para as nossas necessidades presentes e cobrir nossas perdas constantes, pois as únicas cidades nossas aliadas – Naxos e Catana – não podem ajudar-nos. Se o inimigo obtiver uma única vantagem a mais, ou seja, se as regiões da Itália de onde vêm nossos suprimentos de víveres, vendo as difi-

[6] Os tripulantes das naus e os soldados, da mesma forma que os destinatários da carta, eram atenienses.

culdades em que nos debatemos e percebendo que vós não nos mandais reforços, aderirem agora ao outro lado, ele terá ganho a guerra sem mais uma batalha sequer, pois o cerco nos levará à rendição.

"Ter-me-ia sido possível escrever-vos outras palavras mais agradáveis, mas certamente menos úteis que estas, pois é necessário que tenhais pleno conhecimento da situação que enfrentamos aqui antes de tomardes uma decisão; além disto, conhecendo o vosso caráter como conheço – preferis ouvir relatos que vos deleitem, mas depois quereis que apareçam culpados, quando os resultados não correspondem à vossa expectativa – julguei mais seguro pôr a verdade diante de vós.

15. "Peço-vos finalmente que acrediteis que nem vossos soldados nem seus comandantes merecem censuras até este momento, no tocante aos objetivos iniciais de nossa expedição; como, porém, a Sicília inteira está unida e o inimigo espera outro exército do Peloponeso, tomai imediatamente uma decisão, cientes de que nossas tropas daqui não bastam sequer para enfrentar o inimigo que temos hoje diante de nós, e de que deveis chamar de volta estas tropas ou reforçá-las com outro contingente não menos numeroso, tanto em termos de exército quanto de marinha, além de mandar-nos uma soma de dinheiro nada pequena; deveis providenciar também um comandante para substituir-me, pois não me é mais possível ficar aqui em conseqüência de uma nefrite. Pretendo ter direito à vossa compreensão, pois quando era forte vos prestei bons serviços em muitas missões de comando. Mas seja qual for a vossa decisão, implementai-a antes do início da primavera e sem delongas, pois o inimigo obterá novos recursos, alguns rapidamente na Sicília, outros no Peloponeso; estes últimos talvez demorem mais a chegar, mas se não fordes expeditos eles vos surpreenderão, como já aconteceu antes, antecipando-se a vós".

16. Estas foram as revelações da carta de Nícias. Depois de ouvi-las, os atenienses não quiseram dispensá-lo do comando, mas para que ele não tivesse de enfrentar as dificuldades só e doente, designaram dois homens que estavam com ele na Sicília (Mênandros e Eutídemos) para ajudá-lo até a chegada dos dois outros a serem escolhidos para atuar conjuntamente com ele. Votaram também a favor do envio de outra expedição com forças de mar e terra, cujos integrantes seriam recrutados entre os atenienses das listas de serviço militar e os aliados. Para colegas de comando de Nícias escolheram Demóstenes filho de Alcisteus, e Eurímedon, filho de Tucles. Eurímedon

foi mandado imediatamente para a Sicília com duas naus, aproximadamente na época do solstício de inverno, levando cento e vinte talentos de prata[7] e uma mensagem às tropas na Sicília assegurando que os reforços chegariam e que se estava cuidando delas em Atenas.

17. Demóstenes ainda ficou tomando as providências relacionadas com sua partida, que marcara para o início da primavera; ele requisitou tropas dos aliados e apressou as medidas referentes ao dinheiro, às naus e aos hoplitas que levaria. Os atenienses despacharam também vinte naus para rondar o Peloponeso, com o objetivo de impedir a viagem de quem quer que fosse de Corinto ou do Peloponeso para a Sicília. Esta medida foi tomada porque, quando os enviados siracusanos chegaram a Corinto e disseram que a situação na Sicília estava mais favorável, os coríntios se mostraram muito mais decididos do que antes, considerando que o envio da frota anterior havia sido oportuno; e não somente eles estavam preparados para mandar hoplitas à Sicília em naus mercantes, mas os lacedemônios também pretendiam enviar tropas do resto do Peloponeso de maneira idêntica. Os coríntios também cuidavam de tripular vinte e cinco naus, a fim de poderem tentar um ataque à flotilha de vigilância em Náupactos[8], e para evitar que os atenienses nesta última cidade, ocupados com a vigilância das trirremes que os ameaçariam, interferissem na movimentação das naus mercantes coríntias.

18. Os lacedemônios se preparavam na mesma época para a invasão da Ática, de acordo com a resolução anterior e diante da insistência dos siracusanos e coríntios, preocupados por terem recebido notícias de que os atenienses mandariam reforços para a Sicília (diziam que isto se tornaria impossível com a invasão). Outro motivo era a reiteração do pedido de Alcibíades para que os lacedemônios fortificassem Decêleia e não deixassem a guerra arrefecer, mas o fator mais importante era o grau de confiança que animava os lacedemônios, por acreditarem que os atenienses, envolvidos em uma dupla guerra – contra eles e contra os siceliotas – seriam mais facilmente derrotados, e por considerarem que os atenienses haviam sido os primeiros a romper o tratado desta vez. Na guerra precedente[9] eles se consideravam os transgressores, pois os tebanos haviam entrado em Platéia em tempo de trégua[10]

[7] Equivalente a cerca de US$ 120.000.
[8] Vejam-se os capítulos 69 e 80 do livro II.
[9] A primeira década da guerra do Peloponeso, também chamada guerra Arquidâmia.
[10] Veja-se o capítulo 2 do livro II.

e, embora estivesse estipulado no acordo anterior[11] que nenhuma das partes deveria recorrer às armas se a outra se dispusesse a submeter a pendência a arbitragem, eles se tinham esquivado de responder às convocações quando os atenienses os convidaram a comparecer aos debates. Julgavam-se por isto merecedores de seus infortúnios, lembrando-se do desastre de Pilos[12] e dos outros que lhes aconteceram. Agora, porém, os atenienses, partindo para Argos com trinta naus[13], devastaram parte de Epídauros e Prasias e outros lugares, além de efetuar simultaneamente incursões predatórias a partir de Pilos; ao mesmo tempo, sempre que havia divergências acerca de quaisquer pontos controvertidos no tratado e os lacedemônios propunham arbitragem, eles se recusavam a submeter-se a ela. Desta vez, portanto, os lacedemônios consideravam que a conduta contrária ao acordo, de que eles anteriormente haviam sido culpados, havia mudado de lado e agora era adotada pelos atenienses; estas considerações os deixaram ainda mais ardorosos em relação à guerra. Durante aquele inverno eles pediram aos seus aliados que lhes enviassem ferro e, de um modo geral, estavam preparando as ferramentas necessárias à fortificação de Decêleia. Estavam também imaginando meios de mandar reforços em naus mercantes ao seu exército na Sicília, e compeliam os demais peloponésios a fazê-lo. Assim terminou aquele inverno, e com ele o décimo oitavo ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

19. Nos primeiros dias da primavera subseqüente[14], que começara mais cedo, os lacedemônios e seus aliados invadiram a Ática, sob o comando de Ágis filho de Arquídamos, rei dos lacedemônios. De início eles devastaram as terras da planície, e depois começaram a fortificar Decêleia[15], dividindo a obra entre as várias cidades aliadas. Decêleia dista de Atenas cerca de cento e vinte estádios[16], e outro tanto, ou não muito mais, da Beócia. O forte estava sendo construído com o objetivo de dominar a planície e as partes mais férteis da região, facilitando a sua devastação, e era visível até de Atenas. Enquanto os peloponésios e seus aliados construíram aquele forte na Ática, os que haviam ficado em suas cidades despacharam simultaneamente para a Sicília, em naus mercantes, os hoplitas que os lacedemônios escolhe-

[11] A trégua de trinta anos; veja-se o capítulo 95 do livro I.
[12] Vejam-se os capítulos 26 a 41 do livro IV.
[13] Veja-se o capítulo 105 do livro VI.
[14] Março de 413 a.C.
[15] Situada ao norte de Atenas, na estrada que leva à Beócia, onde hoje existe um vilarejo chamado Tátoi (veja-se a nota 492).
[16] Aproximadamente 21 km.

ram entre os melhores hilotas e neodamodes[17] (cerca de seiscentos em conjunto), comandados pelo espartano Êcritos, juntamente com trezentos selecionados entre os beócios, sob o comando de Xênon e Nícon, ambos tebanos, e do téspio Hegêsandros. Partiram num primeiro contingente de Tênaros, na Lacônia, e rumaram para o alto-mar; em seguida eles, e não muito tempo depois os coríntios, mandaram quinhentos hoplitas, alguns da própria Corinto e outros arregimentados na Arcádia como mercenários, designando para comandá-los o coríntio Alêxarcos. Na mesma ocasião dos coríntios os siciônios também despacharam duzentos hoplitas, sob o comando do siciônio Sargeus. Nesse ínterim as vinte e cinco naus coríntias, que haviam sido tripuladas durante o inverno, ancoraram em frente às vinte naus atenienses estacionadas em Náupactos, até que seus hoplitas nas naus mercantes se distanciassem suficientemente em sua viagem a partir do Peloponeso (tudo havia sido feito basicamente com o propósito de levar os atenienses a darem mais atenção às trirremes que às naus mercantes).

20. Na mesma época, coincidindo com a fortificação de Decêleia e nos primeiros dias da primavera, os atenienses mandaram trinta naus rondar o Peloponeso sob o comando de Cáricles filho de Apolodoros, com ordens para, de passagem por Argos, receberem nas naus os hoplitas argivos, de acordo com a estipulação da aliança entre as duas cidades. Estavam também despachando Demóstenes para a viagem à Sicília, de conformidade com os planos, com cinqüenta naus atenienses e cinco quianas, a bordo das quais iam mil e duzentos hoplitas atenienses das listas de serviço militar e todos os ilhéus que puderam trazer de cada lugar para servir; dos aliados súditos do império coletaram tudo que eles tinham em qualquer parte que lhes pudesse ser útil na guerra. Demóstenes recebeu instruções para, no decurso da viagem, cooperar prioritariamente com Cáricles em suas operações na costa da Lacônia; ele partiu então para Egina e lá aguardou os participantes retardatários da expedição, e também que Cáricles houvesse recebido a bordo os hoplitas argivos.

21. Na Sicília, durante a mesma primavera e aproximadamente ao mesmo tempo, Gílipos regressou a Siracusa, trazendo de cada uma das cidades que havia conseguido persuadir todos os soldados que pôde recrutar. Reuniu logo após os siracusanos e disse-lhes que deveriam tripular tantas naus quantas pudessem e tentar a sorte em combates navais, pois esperava desta maneira

[17] Vejam-se o capítulo 34 do livro V e a nota 391.

poder realizar alguma operação à altura do risco, no sentido de levar a guerra adiante. Hermôcrates, mais do que qualquer outro, exortou-os a não receararem atacar os atenienses com suas naus, afirmando que a perícia dos mesmos como marinheiros não fora uma herança de seus pais nem um dom que sempre haviam possuído; ao contrário, originariamente eles eram mais voltados para a terra que os siracusanos, e somente se tornaram marinheiros diante da ameaça dos persas. Acrescentou que aqueles que enfrentassem com audácia homens audazes como os atenienses, seriam considerados por eles os adversários mais temíveis; na verdade, aquela qualidade, que permite aos atenienses intimidar seus vizinhos, aos quais muitas vezes não são superiores em força embora sempre os ataquem confiantemente, seria demonstrada igualmente pelos siracusanos diante de seus adversários. Manifestou também, a convicção de que os siracusanos, ousando enfrentar inopinadamente a frota ateniense, levariam vantagem sobre eles, pois isto os deixaria perplexos, contrabalançando de sobra os danos que os atenienses pudessem infligir com sua perícia à inexperiência dos siracusanos. Instou-os, assim, a realizarem a tentativa com sua frota e a não hesitarem diante da idéia. Persuadidos por Gílipos, Hermôcrates e talvez outros, os siracusanos passaram a mostrar-se ansiosos pela batalha naval e começaram a tripular as naus.

22. Pronta a frota, Gílipos saiu com todas as suas forças terrestres acobertado pela noite, pretendendo dirigir pessoalmente um assalto por terra aos fortes de Plemírion; simultaneamente, a um sinal preestabelecido, trinta e cinco trirremes siracusanas partiram do Grande Porto para o ataque, enquanto quarenta e cinco saíram para contornar o porto menor, onde estavam localizados os seus estaleiros, com o propósito de juntar-se às do interior do porto, de maneira a espalhar a confusão entre os atenienses, fustigados de ambos os lados. Os atenienses tripularam apressadamente sessenta naus para enfrentá-los, avançaram com vinte e cinco delas contra as trinta e cinco naus siracusanas reunidas no Grande Porto, e saíram com as restantes ao encontro da flotilha que estava vindo dos estaleiros. Os adversários entraram imediatamente em combate defronte da entrada do Grande Porto, e por longo tempo se mantiveram firmes, com um dos lados querendo forçar a entrada e o outro tentando impedi-la.

23. Nesse ínterim Gílipos, observando que os atenienses em Plemírion haviam descido para o mar e estavam seguindo atentamente a batalha parados na orla marítima, surpreendeu-os mediante um ataque súbito aos fortes

às primeiras horas do dia; de início ele capturou o maior, e em seguida os dois menores (as guarnições destes desistiram de resistir quando viram o maior ser tomado com tanta facilidade). Da guarnição do primeiro forte capturado, todos os que conseguiram escapar para os botes e para uma nau mercante foram salvos e levados para o acampamento, embora com grande dificuldade, pois os siracusanos naquele momento estavam vencendo o combate com suas naus no Grande Porto e uma trirreme das mais rápidas foi destacada para persegui-los. Mas na ocasião em que os outros dois fortes foram conquistados os siracusanos estavam sendo vencidos na batalha naval e os fugitivos daqueles fortes tiveram menos dificuldade em passar por eles para chegar ao mar. Com efeito, as naus siracusanas empenhadas em combate em frente à entrada do porto, depois de terem sido forçadas pelos atenienses a recuar, rumaram em desordem para o interior do mesmo, e abalroando-se umas às outras deram a vitória aos atenienses, que derrotaram não somente aquela flotilha, mas também as naus pelas quais haviam sido batidos inicialmente dentro do porto. Os atenienses afundaram onze naus siracusanas, matando a maioria dos homens, à exceção apenas dos tripulantes de três naus, que capturaram vivos; três naus deles foram destruídas. Após amontoar na orla marítima os destroços das naus siracusanas e erguer um troféu na ilhota em frente ao Plemírion, eles se retiraram para o seu acampamento.

24. Embora o resultado da batalha naval tivesse sido aquele, os siracusanos se mantiveram na posse dos fortes em Plemírion e ergueram troféus pela conquista destes. Demoliram um dos dois fortes tomados por último, mas reconstruíram os outros dois e os guarneceram. Muitos homens foram mortos ou aprisionados na captura dos fortes, e de um modo geral muitos bens foram tomados, pois os atenienses usavam os fortes como armazéns e havia neles muitos produtos pertencentes a negociantes que acompanhavam a expedição, e também víveres, além de muito material de propriedade dos trierarcas; foram tomadas lá, com efeito, as velas e outras partes de quarenta trirremes que haviam sido içadas para a praia. Mas o golpe mais sério sofrido pelas forças atenienses foi a tomada de Plemírion, pois a tarefa de trazer provisões pela entrada do porto já não poderia ser realizada com segurança (as naus siracusanas lá estacionadas em serviço de patrulhamento impediriam o acesso, e a partir daquela ocasião os comboios somente poderiam forçar a entrada combatendo); em resumo, aqueles eventos tinham levado a consternação e o desânimo às tropas.

25. Em seguida a estes acontecimentos os siracusanos prepararam doze naus sob o comando do siracusano Agátarcos; uma delas se dirigiu ao Peloponeso, levando a bordo alguns emissários para expor a situação na Sicília, dizer que estavam muito esperançosos e insistir na continuação da guerra na Hélade com mais vigor; as outras onze naus viajaram para a Itália, pois eles tinham recebido notícias de que botes carregados de suprimentos estavam aproximando-se (esses botes foram surpreendidos e a maior parte deles foi destruída); no território de Caulônia queimaram também certa quantidade de madeira, que lá estava para ser usada pelos atenienses na construção de naus. Em seguida as naus foram para Lócris e, enquanto estavam ancoradas lá, coincidiu que chegou ao porto uma das naus mercantes vindas do Peloponeso, trazendo hoplitas téspios. Passando-os para bordo de suas naus, os siracusanos voltaram para sua cidade viajando ao longo da costa. Os atenienses, que estavam à espreita em Mégara com doze naus, capturaram uma das naus siracusanas com sua tripulação, porém não puderam tomar as restantes, que escaparam para Siracusa.

Ocorreram escaramuças também no porto, em torno de estacas que os siracusanos haviam cravado no mar, em frente às suas antigas docas, para permitir que as naus ficassem ancoradas atrás delas sem que os atenienses pudessem atacá-las e danificá-las. Os atenienses trouxeram contra as estacas uma nau com uma carga pesando cerca de dez mil talentos[18], tendo no tombadilho torres de madeira e baluartes; então, usando botes, amarraram cordas às estacas e as puxaram com guinchos, quebrando-as, ou mergulharam e as retiraram para reaproveitá-las. Ao mesmo tempo os siracusanos, abrigados nas docas, lançavam dardos sobre os atenienses, mas estes contra-atacavam de sua nau e finalmente destruíram a maior parte das estacas. O perigo maior, todavia, era a parte invisível da linha de estacas, pois algumas delas haviam sido aprofundadas de maneira a não aparecerem acima da superfície das águas; conseqüentemente a aproximação era perigosa, pois não as vendo a tripulação de qualquer nau poderia levá-la a chocar-se contra elas como se fosse contra recifes. Mas mesmo estas foram removidas por mergulhadores que as serraram mediante pagamento; os siracusanos, porém, cravaram novas estacas no local pouco depois. Ambos os lados lançaram mão de muitos recursos deste gênero, como é normal quando forças inimigas de tal porte estão muito próximas uma da outra, e recorrem a emboscadas e estratagemas de todos os tipos.

[18] Cerca de 250 toneladas.

Os siracusanos também mandaram às cidades siceliotas emissários coríntios, ambraciotas e lacedemônios com a incumbência de relatar a captura de Plemírion e de explicar, com vistas à batalha naval, que haviam sido derrotados não tanto pela força do inimigo quanto por sua própria desorganização; em termos gerais, deveriam esclarecer que estavam esperançosos e pedir às cidades que os ajudassem contra o inimigo com naus e forças terrestres, diante do fato de os atenienses, por seu turno, estarem esperando outro exército, e também porque, se os siracusanos se antecipassem destruindo o exército presente antes da chegada do novo, a guerra estaria ganha. Essas eram as atividades desenvolvidas pelas forças da Sicília.

26. Nesse entretempo Demóstenes[19] partiu de Atenas para Egina logo que foram postas à sua disposição as forças que ele devia levar à Sicília, e viajando para o Peloponeso juntou-se a Cáricles e à frota ateniense de trinta naus. Recebendo a bordo, então, os hoplitas argivos, as naus se dirigiram à Lacônia, devastando primeiro uma parte de Epídauros Límera; depois, desembarcando na costa da Lacônia em frente a Citera, onde fica o santuário de Apolo, devastaram alguns territórios da região e fortificaram uma faixa de terra em forma de istmo, a fim de que os hilotas lacedemônios pudessem desertar para lá e salteadores estabelecessem no local uma base para suas atividades, como havia ocorrido em Pilos. Logo depois de participar da ocupação daquele local Demóstenes prosseguiu viagem para Córcira, com a finalidade de receber a bordo algumas tropas aliadas, e então completar o percurso até a Sicília o mais depressa possível. Cáricles, por seu turno, esperou o término das obras de fortificação do local e então, deixando uma guarnição lá, navegou de volta a Atenas com suas trinta naus, enquanto os argivos também regressavam.

27. Durante aquele mesmo verão chegaram a Atenas mil e trezentos peltastas trácios de espada curta, pertencentes à tribo dos dios, que deveriam ter viajado para a Sicília com Demóstenes; como, porém, eles tinham vindo muito tarde, os atenienses estavam inclinados a mandá-los de volta para a Trácia, de onde procediam, pois retê-los com a guerra que vinha de Decêleia lhes parecia muito oneroso (cada um deles recebia um dracma por dia). Deve ser dito a respeito de Decêleia que, desde a época em que ela foi inicialmente fortificada durante aquele verão por todo o exército dos peloponésios, e depois guardada regularmente por guarnições enviadas su-

[19] Retomando a narrativa interrompida no capítulo 20 acima.

cessivamente pelas várias cidades aliadas por períodos de tempo fixos, sua ocupação causou danos substanciais aos atenienses, e que pelos prejuízos materiais e pela perda de homens ela iria ser uma das causas principais da ruína dos atenienses. Com efeito, antes daquele verão as invasões inimigas, todas de curta duração, não impediam os atenienses de usar plenamente o seu solo durante o resto do ano; agora, porém, sob a ocupação contínua, com o inimigo às vezes invadindo as terras com tropas numerosas e outras vezes incursionando com as guarnições regulares, como tinha de ser, e pilhando-as seguidamente enquanto Ágis, o rei dos lacedemônios, conduzia pessoalmente a guerra de modo nada frouxo, os atenienses estavam passando por grandes dificuldades. De fato, ao mesmo tempo que se viam privados de toda aquela região, mais de vinte mil escravos já haviam desertado – em sua maior parte artesãos – e todos os seus rebanhos e animais de carga estavam perdidos; sua cavalaria tinha de realizar saídas diárias, efetuando incursões contra Decêleia ocupada e patrulhando toda a região, e os cavalos estavam ficando estropiados por causa do terreno rochoso e da movimentação incessante, que os expunha a freqüentes ferimentos.

28. Ao mesmo tempo, o transporte de provisões oriundas da Eubéia, que antes era feito rapidamente por terra a partir de Ôropos e passando por Decêleia, agora se tornara dispendioso, pois tinha de ser feito por mar contornando Súnion. Tudo que era necessário à cidade passou a ser importado, e Atenas deixou de ser uma cidade para tornar-se uma praça de guerra. Realmente, os atenienses eram obrigados a ficar de guarda nas ameias, durante o dia por turnos, mas à noite todos menos a cavalaria (uns diante do depósito de armas, outros no alto das muralhas), sofrendo agruras tanto no inverno quanto no verão; o que mais pesava sobre eles, todavia, era o fato de terem de enfrentar duas guerras simultâneas. Mas apesar de tudo ainda estavam imbuídos de uma obstinação na luta incrível para quem tivesse ouvido falar dela antes. Era realmente inacreditável que eles, apesar de bloqueados pelos peloponésios por meio de uma fortaleza em seu próprio território, nem por isto tenham pensado em abandonar a Sicília e que, ao contrário, tenham sitiado de maneira idêntica Siracusa, uma cidade não menor que Atenas, demonstrando cabalmente que o mundo helênico fizera um juízo errôneo quanto à sua força e audácia; efetivamente, alguns pensavam que os atenienses poderiam resistir durante um ano, outros durante dois anos, outros por mais tempo, mas nunca mais de três anos, se os peloponésios invadissem o seu território; eles, porém, já no décimo sétimo ano após a primei-

ra invasão da Ática, ousaram partir para a Sicília, quando já estavam desgastados pela guerra em todos os sentidos, e lá assumiram o ônus de outra guerra em nada menos séria que aquela em andamento contra os peloponésios! Por todas estas razões (naquela ocasião Decêleia lhes estava causando os mais sérios transtornos e os gastos adicionais de toda espécie eram enormes) eles se viram em situação premente quanto ao dinheiro; foi naquela época que impuseram a seus súditos o imposto de um vigésimo do valor de todos os produtos importados ou exportados por via marítima, em substituição ao tributo recebido anteriormente, imaginando que iriam obter daquela forma uma receita maior. Na realidade, suas despesas não eram mais aquelas de antes; haviam passado a ser muito maiores, na mesma proporção em que a guerra ficara maior, e sua receita estava desaparecendo.

29. Quanto aos trácios[20] que haviam chegado tarde demais para seguir com Demóstenes, os atenienses os mandaram de volta sem demora, por não poderem suportar os gastos com eles em face da carência de dinheiro que enfrentavam; incumbiram Diítrefes de conduzi-los, dando-lhe instruções para usá-los, durante a viagem ao longo da costa (eles teriam de atravessar o Êuripos), com o objetivo de causar todo o mal possível ao inimigo. Diítrefes desembarcou primeiro no território de Tânagra e fez uma rápida incursão; de lá, navegou depois do anoitecer para Cálcis, na Eubéia, atravessou o Êuripos e desembarcou os trácios em território beócio, levando-os contra Micálessos. Durante a noite ele acampou sem ser visto nas proximidades do santuário de Hermes, a cerca de dezoito estádios[21] de Micálessos; ao romper o dia avançou contra a cidade, que não era grande, e logo a conquistou, pois caiu sobre os habitantes desprevenidos, surpresos por alguém vir do litoral para atacá-los tão longe; além disto, sua muralha era fraca e em alguns pontos havia caído, enquanto em outros era baixa, e ao mesmo tempo as portas estavam abertas porque eles se sentiam seguros; os trácios então irromperam em Micálessos e passaram a saquear as casas e os templos, enquanto massacravam os habitantes, sem poupar velhos ou moços, matando todos os habitantes que encontravam, mesmo crianças e mulheres, e até animais de carga e quaisquer seres vivos à vista. A raça trácia, com efeito, da mesma forma que os bárbaros da pior espécie, é extremamente ávida de sangue quando crê que nada tem a temer. E foi assim naquela ocasião: na confusão generalizada ocorreram todas as formas de extermínio, especial-

[20] Veja-se o início do capítulo 27 deste livro.
[21] Aproximadamente 3 km.

mente o ataque a uma escola de meninos – a maior da cidade – cujos alunos acabavam de entrar, durante o qual todos foram mortos. Aquele massacre foi para toda a cidade uma calamidade pior que qualquer desastre anterior, e a mais imprevista e terrível de quantas eram lembradas pelos habitantes.

30. Ao receberem a notícia daquela tragédia os tebanos se apressaram em vir socorrer a cidade; alcançaram os trácios não muito longe, tomaram-lhes o produto do saque e, pondo-os em fuga, perseguiram-nos até o Êuripos, onde as naus que os conduziam estavam ancoradas. Muitos deles foram mortos pelos tebanos quando tentavam embarcar, pois não sabiam nadar e os tripulantes das naus, diante do que estava acontecendo em terra, resolveram levá-las para ancorar fora do alcance das flechas (antes, quando se retiravam, os trácios se defenderam com habilidade dos ataques da cavalaria tebana, avançando contra ela e depois recuando unidos, de conformidade com a maneira de combater peculiar ao seu país, e poucos deles haviam sido mortos). Alguns foram exterminados ainda na cidade, onde foram alcançados enquanto a saqueavam. Dos mil e trezentos trácios morreram ao todo duzentos e cinqüenta; dos tebanos e outros que vieram socorrer a cidade, pereceram cerca de vinte cavalerianos e hoplitas, entre eles Cirfondas, um dos beotarcas tebanos, e um número considerável de habitantes de Micálessos. Foram estes os acontecimentos de Micálessos, que, para o tamanho da cidade, sofreu um desastre não menos deplorável que qualquer outro desta guerra.

31. Na mesma época Demóstenes estava navegando para Córcira, depois de terminar a construção do forte na Lacônia[22]. Em Feia[23], na Élida, ele encontrou uma nau mercante na qual os hoplitas coríntios[24] deveriam embarcar para a Sicília, e a destruiu; a tripulação e os hoplitas conseguiram escapar, obtiveram outra nau e continuaram a viagem. Prosseguindo, Demóstenes chegou a Zácintos e à Cefalênia, onde recebeu a bordo alguns hoplitas e mandou pedir outros aos messênios de Náupactos; em seguida atravessou o estreito em direção ao lado oposto do litoral continental, na Acarnânia, para os portos de Alízeia e Anactório, dominados pelos atenienses. Enquanto realizava essas operações ele se encontrou com Eurímedon, que voltava da Sicília, para onde havia sido mandado no inverno anterior com di-

[22] Veja-se o capítulo 26 deste livro.
[23] O porto de Olímpia.
[24] Vejam-se os capítulos 17 e 19 deste livro.

nheiro para as tropas[25]; entre outros assuntos Eurímedon relatou que, já em viagem, ouvira falar na captura de Plemírion pelos siracusanos. Ao encontro dos dois veio Cônon, que exercia o comando em Náupactos e lhes comunicou que as vinte e cinco naus coríntias[26] ancoradas defronte daquela cidade não haviam modificado a sua atitude hostil e pretendiam realmente combater. Pediu-lhes, portanto, para lhe mandarem algumas de suas naus, alegando que as dezoito dele não estavam em condições de lutar contra as vinte e cinco do inimigo. Demóstenes e Eurímedon mandaram dez naus para Cônon – as melhores de sua frota – a fim de reforçar a flotilha em Náupactos. Em seguida os dois passaram a dedicar a sua atenção aos preparativos para recrutar tropas destinadas à expedição; Eurímedon viajou para Córcira, onde convocou hoplitas e deu instruções aos corcireus para tripularem quinze naus (decidindo retornar à Sicília, ele já estava exercendo juntamente com Demóstenes o comando para o qual também fora eleito), enquanto Demóstenes arregimentava fundeiros e lanceiros no território da Acarnânia.

32. Nesse ínterim os emissários que tinham partido de Siracusa após a captura de Plemírion para visitar outras cidades da Sicília[27], haviam conseguido bons resultados em sua missão, e reunindo um contingente de tropas estavam prestes a partir de volta à cidade; Nícias recebeu a tempo notícias a este respeito e mandou dizer aos sícelos[28] aliados dos atenienses, que dominavam o território através do qual as tropas teriam de transitar – tratava-se dos centôripes, alicieus e outros – que não deixassem o inimigo passar e se reunissem para impedir a entrada do contingente em seu território; acrescentou que as tropas não tentariam qualquer outra rota, pois os acragantinos lhes haviam recusado passagem através de sua terra. Quando os siceliotas já haviam iniciado a marcha, os sícelos, agindo de conformidade com o pedido dos atenienses, armaram uma emboscada e atacaram de surpresa os siceliotas desarmados, dizimando cerca de oitocentos deles e todos os emissários à exceção de um – o coríntio; este conduziu os sobreviventes (cerca de mil e quinhentos) a Siracusa.

33. Mais ou menos na mesma época os camarineus[29] também chegaram com reforços constituídos de quinhentos hoplitas, trezentos lanceiros e

[25] Veja-se o capítulo 16 deste livro.
[26] Vejam-se os capítulos 17 e 19 deste livro.
[27] Veja-se o capítulo 25 deste livro.
[28] *Sícelos* são os habitantes autóctones da Sicília; *siceliotas* são seus colonos helênicos.
[29] Veja-se o capítulo 88 do livro VI.

trezentos archeiros. Os gelanos[30] também mandaram uma flotilha de cinco naus, além de quatrocentos lanceiros e duzentos cavalerianos. Na realidade, quase toda a Sicília – à exceção dos acragantinos, ainda neutros, todos os povos que até então estavam observando o desenrolar dos acontecimentos – havia-se unido aos siracusanos e os estava apoiando na guerra contra os atenienses.

Após o desastre de que foram vítimas no território dos sícelos, os siracusanos desistiram de atacar os atenienses imediatamente. Demóstenes e Eurímedon, com o exército que haviam reunido em Córcira e no continente já pronto, cruzaram o mar Iônio com todas as suas forças para o promontório Iapígio. Partindo de lá, ancoraram nas Queradas, ilhas da Iapigia, e recrutaram alguns lanceiros iapígios (cento e cinqüenta ao todo) pertencentes à tribo Messápia. Após renovar antigos laços de amizade com Artas, que sendo soberano lá havia contribuído com os lanceiros, chegaram a Metapontos, na Itália[31]. Persuadiram os metapontinos a mandar com eles, nos termos de sua aliança, trezentos lanceiros e duas trirremes, e incorporando-os às suas forças navegaram ao longo da costa até Túrios. Chegando lá, tomaram conhecimento de que a facção oposta aos atenienses havia sido expulsa recentemente após uma revolução. Depois de reunir todas as suas forças naquele lugar, quiseram passá-las em revista diante da possibilidade de alguém haver ficado para trás; com este intuito, e também para tentar persuadir a cidade a juntar-se decididamente a eles na expedição, e mais ainda, concluir com eles uma aliança ofensiva e defensiva nas circunstâncias em que se achavam, prolongaram a estada em Túrios e passaram a tratar destes assuntos.

34. Quase ao mesmo tempo os peloponésios nas vinte e cinco naus estacionadas defronte da frota ateniense em Náupactos com o objetivo de assegurar a passagem das naus mercantes para a Sicília, prepararam-se para combater, e tripulando algumas naus adicionais – agora suas naus eram quase tantas quantas as dos atenienses – ancoraram em frente a Erineos da Acaia, em território rípico. O local onde ancoraram tinha a forma de crescente, e as forças terrestres, compostas de coríntios e de aliados dos arredores, vindos em seu apoio, tomaram posição nas pontas que se prolongavam para o mar, enquanto as naus ocupavam o espaço intermédio, bloqueando a

[30] Vejam-se os capítulos 67 do livro VI e 1 deste livro.
[31] Na época de Tucídides só era conhecido como *Itália* o sul da Itália atual, colonizado pelos gregos.

entrada; o comandante da frota era o coríntio Poliantes. Os atenienses saíram de Náupactos para enfrentá-los com trinta e cinco naus sob o comando de Dífilos[32]. De início os coríntios ficaram na expectativa, mas quando o momento lhes pareceu favorável foi dado o sinal e, avançando contra os atenienses, engajaram-se em combate. Durante muito tempo os dois lados resistiram um ao outro; três naus coríntias foram destruídas; nenhuma do lado ateniense foi totalmente afundada, mas sete ficaram fora de serviço, pois foram atingidas de frente e tiveram suas proas destruídas pelas naus coríntias, que tinham nas proas esporões mais reforçados justamente para isto. A luta se manteve indecisa e portanto cada lado reivindicou a vitória, embora os atenienses tivessem recolhido primeiro os destroços porque o vento os arrastou para o mar aberto; não tendo havido qualquer movimento ofensivo da parte dos coríntios, os adversários se separaram. Não houve perseguição nem foram feitos prisioneiros por qualquer dos lados, pois os peloponésios estavam combatendo bem próximos à costa e por isto se salvaram com facilidade, e nenhuma nau ateniense foi afundada. Quando, porém, os atenienses partiram de volta a Náupactos, os coríntios ergueram sem perda de tempo um troféu em sinal de vitória, porquanto o inimigo tivera mais naus desarvoradas do que eles, e não se consideraram derrotados porque o outro lado não podia julgar-se vencedor (os coríntios se sentiam vitoriosos por não terem sido vencidos decisivamente, e os atenienses podiam considerar-se derrotados porque sua vitória não fora decisiva). Seja como for, depois que os peloponésios navegaram de volta às suas bases e suas forças de terra se dispersaram, os atenienses também ergueram um troféu em sinal de vitória na Acaia, a uma distância de cerca de vinte estádios[33] de Erineos, onde os coríntios estiveram estacionados antes. E assim terminou o combate naval.

35. Logo que os túrios se deixaram convencer a juntar-se aos atenienses na guerra com setecentos hoplitas e trezentos lanceiros, Demóstenes e Eurímedon deram ordens às suas naus para viajarem ao longo da costa em direção ao território de Crotona, enquanto eles mesmos, depois de passar em revista todas as suas forças terrestres junto ao rio Síbaris, avançaram com elas através do território dos Túrios. Quando chegaram ao rio Hílias, os crotoniatas lhes mandaram dizer que não consentiriam na passagem de seu exército pelo território deles; diante disto eles se retiraram e acamparam

[32] Dífilos teria chegado com um reforço de quinze naus, antecipando-se a Cônon; veja-se o capítulo 31 deste livro.
[33] Aproximadamente 3,5 km.

perto do mar, na foz do Hílias, onde suas naus vieram ao seu encontro. No dia seguinte embarcaram com seu exército e prosseguiram na viagem ao longo da costa, tocando em várias cidades – deixaram de lado Lócris – até chegarem a Petra, no território de Région.

36. Ao mesmo tempo os siracusanos, tomando conhecimento de sua aproximação, quiseram fazer nova tentativa com sua frota, e também com as forças terrestres que vinham reunindo justamente com o propósito de desferir um golpe antes da chegada dos reforços. Em linhas gerais eles haviam preparado a frota da maneira que, após a experiência na batalha naval anterior, lhes parecia oferecer maiores vantagens; em particular encurtaram as proas das naus, tornando-as mais sólidas mediante o acréscimo de esporões e colocando em continuação a eles vigas de madeira que iam até os lados das naus, estendendo-se por uma distância de seis côvados[34] tanto por dentro quanto por fora das mesmas, ou seja, adotando o mesmo sistema dos coríntios quando reforçaram as proas de suas naus para a batalha contra a frota ateniense em Náupactos. De fato, os siracusanos pensavam que, em um confronto com as naus dos atenienses, que não haviam sido construídas como as suas para defender-se, mas tinham as proas afiladas para atacar (os atenienses não praticavam os ataques proa contra proa, preferindo investir perpendicularmente ao flanco da nau inimiga), as deles não levariam desvantagem; ao contrário, combatendo no Grande Porto, onde haveria muitas naus em pouco espaço, deveriam ficar em situação favorável; praticando o ataque proa a proa, eles destruiriam as proas das naus inimigas, atingindo-as, como iriam fazer, com esporões sólidos e firmes contra proas ocas e fracas. Os atenienses, por outro lado, não teriam possibilidade, num espaço exíguo, de fazer a volta para investir de frente contra os flancos das naus inimigas, tática em que eram peritos e da qual dependiam substancialmente; de sua parte, os siracusanos fariam o possível para não lhes dar oportunidade de usarem aquela tática, e o espaço exíguo os impediria de fazerem a volta. Insistiam em empregar principalmente o método de chocar-se com as naus adversárias proa a proa, que antes havia sido atribuído à ignorância de seus pilotos, pois levariam grande vantagem agindo assim; de fato, se fossem forçados a ceder os atenienses não poderiam recuar senão em direção à terra, e ainda assim, somente a curta distância e para uma curta faixa de terra – o espaço em frente ao seu próprio acampamento – já que os siracusanos dominariam o resto da faixa portuária. As naus inimigas, se forçadas a retirar-se em qualquer ponto, seriam empurra-

[34] Cerca de 2m60.

das em conjunto para um espaço exíguo e para o mesmo ponto, e assim se chocariam umas com as outras em desordem – exatamente o que mais prejudicou os atenienses em todas as batalhas navais, pois não lhes era possível retirar-se para qualquer parte do porto como os siracusanos. Estes previram, além disto, que os atenienses não seriam capazes de dar a volta em direção ao mar aberto, pois os siracusanos controlariam não somente a sua entrada no porto vindos de fora, mas também a sua saída do porto para o mar, principalmente porque Plemírion agora lhes seria hostil e a entrada do porto não era larga.

37. Tais foram as medidas consideradas adequadas pelos siracusanos, tendo em vista a sua destreza e força, bem como o fato de estarem muito mais confiantes em conseqüência da batalha anterior; e assim se prepararam para atacar os atenienses simultaneamente por terra e por mar. Pouco tempo antes da frota deixar o seu ancoradouro Gílipos saiu da cidade com suas forças terrestres e lançou-se com elas contra o trecho da muralha dos atenienses em frente à cidade; as tropas estacionadas no Olimpieion – todos os hoplitas que lá estavam, a cavalaria e as tropas ligeiras siracusanas – avançaram contra as muralhas vindas do outro lado, e imediatamente depois disto as naus siracusanas e aliadas saíram contra a frota ateniense. Os atenienses pensaram a princípio que o inimigo faria a tentativa somente com suas forças terrestres, e ficaram perplexos quando viram também as naus avançando sobre eles; alguns vieram tomar posição no topo da muralha para enfrentar de lá os atacantes; outros saíram para combater as forças que estavam avançando rapidamente do Olimpieion e dos arredores da cidade, constituídas de grande número de cavalerianos e lanceiros; e outros começaram a tripular as naus ou saíram correndo em direção à orla marítima para ajudar no que fosse possível. Quando as naus ficaram prontas os atenienses saíram com setenta delas (as naus dos siracusanos eram aproximadamente oitenta).

38. Depois de se limitarem a escaramuças durante a maior parte do dia, ora avançando, ora recuando, sem que qualquer dos dois lados conseguisse levar alguma vantagem digna de menção – salvo o afundamento de uma ou duas naus atenienses pelos siracusanos – as forças navais dos inimigos se separaram; ao mesmo tempo as forças terrestres siracusanas se retiraram das muralhas.

No dia seguinte os siracusanos permaneceram quietos, sem dar qualquer indicação do que iriam fazer depois. Nícias, por seu turno, tendo visto

que na batalha naval as forças se mostraram equilibradas, e na expectativa de que o inimigo voltasse a atacar, ordenou aos trierarcas que reparassem as naus danificadas e ancorou as naus mercantes em frente à linha de estacas cravadas pelos atenienses diante das naus para criar um porto fechado. As naus mercantes estavam dispostas a uma distância de cerca de dois pletros[35] umas das outras, para permitir que alguma nau em dificuldade encontrasse lá um refúgio seguro e depois pudesse voltar a navegar com segurança. Os atenienses consumiram o dia inteiro até o crepúsculo naqueles preparativos.

39. Às primeiras horas do outro dia os siracusanos avançaram contra os atenienses, também para um ataque conjunto por terra e por mar como antes. As duas frotas se enfrentaram de maneira idêntica, e novamente consumiram grande parte do dia em escaramuças, até que o coríntio Aríston filho de Pírricos, o melhor piloto da frota siracusana, persuadiu os comandantes das forças navais a mandarem instruções às autoridades da cidade no sentido de transferirem para a praia o mais depressa possível o mercado de gêneros alimentícios, forçando todos os vendedores a levarem para lá todos os comestíveis disponíveis e expô-los à venda, a fim de que os tripulantes desembarcassem e fizessem sua refeição perto das naus, e depois de um curto intervalo desfechassem um segundo ataque contra os atenienses quando estes menos esperassem.

40. Os comandantes siracusanos, aceitando o conselho, mandaram um mensageiro à cidade e o mercado foi preparado. Então os siracusanos, remando subitamente para trás, rumaram para a cidade, onde desembarcaram e fizeram imediatamente sua refeição no local. Os atenienses, pensando que o inimigo se havia retirado para a cidade por sentir-se inferiorizado, desembarcaram calmamente e passaram a cuidar de outras tarefas, e também de sua refeição, convencidos de que, ao menos por aquele dia, não haveria mais combates no mar. Mas repentinamente os siracusanos voltaram às suas naus e partiram contra os atenienses; estes, na maior confusão e em sua maioria sem víveres, reembarcaram em desordem e só a duras penas puderam levantar âncoras. Durante algum tempo os dois lados ainda se mantiveram a certa distância, observando-se; num dado momento, todavia, os atenienses acharam que seria contraproducente esperarem ainda mais, esgotando as suas energias naquela inação, e decidiram partir imediatamente para o ataque; avançaram, então, contra o inimigo, e com um brado de

[35] Aproximadamente 60m.

guerra começaram a batalha. Os siracusanos os enfrentaram usando as suas naus em ataques proa a proa, como haviam planejado, e graças aos esporões especialmente preparados de suas naus, destruíram grande parte das proas das naus inimigas, enquanto os soldados, alinhados no convés, atiravam suas lanças contra os atenienses, infligindo-lhes pesadas perdas; foram ainda maiores, porém, as perdas causadas pelos siracusanos que, em barcos leves, circulavam em torno das naus inimigas, lançando dardos através das aberturas correspondentes aos bancos dos remadores e, enquanto estavam ao lado das naus, atirando lanças também contra os soldados.

41. Afinal, prosseguindo no combate daquela maneira vigorosa, os siracusanos saíram vitoriosos, obrigando os atenienses a retirar-se, num esforço para escapar através da linha de suas naus mercantes[36] e chegar ao seu ancoradouro. As naus siracusanas os perseguiram impetuosamente até onde estavam as naus mercantes, mas lá os paus de carga com delfins de chumbo suspensos entre as naus os impediram de prosseguir[37]. Duas naus siracusanas, todavia, no ímpeto da vitória, aproximaram-se excessivamente dos paus de carga e foram destruídas (uma delas foi capturada com sua tripulação). Os siracusanos, depois de afundarem sete naus atenienses e danificarem muitas outras, aprisionaram a maior parte dos tripulantes das mesmas e mataram os restantes; em seguida retiraram-se e ergueram troféus comemorativos de ambas as batalhas navais. Agora alimentavam a firme convicção de que eram muito superiores aos atenienses no mar, e pensavam que poderiam sobrepujar igualmente as suas forças de terra; com essa disposição voltaram a preparar-se para atacar novamente o inimigo em ambos os elementos.

42. Naquelas circunstâncias chegaram Demóstenes e Eurímedon com reforços para os atenienses, constituídos de setenta e três naus, inclusive estrangeiras, e cerca de cinco mil hoplitas atenienses e aliados, e não poucos lanceiros, fundeiros e archeiros bárbaros e helênicos, juntamente com suprimentos adequados de equipamentos. Os siracusanos e seus aliados foram tomados naquele momento de grande estupefação, e se perguntavam se não haveria um fim para os perigos aos quais estavam expostos, pois viam que apesar da fortificação de Decêleia um exército igual ao anterior, ou quase, estava chegando para reforçá-lo, e que o poderio dos atenienses se mostra-

[36] Veja-se o capítulo 38 deste livro.
[37] A menção é à viga de madeira (lança) de um guindaste, com cordas suspendendo pesos de chumbo em forma de delfins, pronto a deixá-los cair sobre as naus inimigas que passassem ao alcance da viga.

va grande em todos os sentidos. O primeiro exército ateniense, por outro lado, reagindo naturalmente aos seus infortúnios passados, havia recuperado parcialmente a confiança. Demóstenes examinou a situação e achou que não deveria perder mais tempo, para não recair nas mesmas dificuldades de Nícias. Este, com efeito, inspirava medo quando chegou, mas como não atacou Siracusa imediatamente e consumiu o inverno em Catana, passou a ser desdenhado e Gílipos se antecipou a ele vindo do Peloponeso com um exército. Os siracusanos não teriam sequer mandado vir aquele exército se ele os houvesse atacado sem demora, pois teriam suposto que poderiam enfrentá-lo sem ajuda e não descobririam que eram mais fracos antes de haverem sido completamente amuralhados; se assim fosse, mesmo que houvessem pedido reforços estes não lhes teriam prestado os mesmos serviços. Demóstenes, portanto, considerando aqueles fatos e percebendo naquela ocasião que ele também seria mais temível para o inimigo no próprio dia de sua chegada, quis colher o mais depressa possível todos os benefícios da consternação reinante no exército siracusano. Conseqüentemente, vendo que era simples a muralha de cruzamento siracusana, graças à qual eles haviam impedido os atenienses de completar o seu amuralhamento, e que se alguém dominasse o acesso a Epípolas e, em decorrência disto, o próprio acampamento situado na elevação, a muralha poderia ser tomada facilmente (o inimigo não resistiria ao seu ataque). Demóstenes estava ansioso por fazer a tentativa. Pensou que este fosse o meio mais rápido de pôr fim à guerra, pois ou seria bem-sucedido e tomaria Siracusa, ou então levaria seu exército de volta a Atenas, e não desgastaria em vão os expedicionários atenienses e toda a cidade. Primeiro, então, os atenienses passaram a fazer incursões e devastar as terras dos siracusanos na região do rio Ânapos, e naquela ocasião, como na anterior, eles levaram vantagem com suas forças tanto em terra quanto no mar, pois nem neste nem naquela os siracusanos saíram para enfrentá-los, salvo com sua cavalaria e lanceiros do Olimpieion.

43. Antes de ir adiante pareceu melhor a Demóstenes tentar uma investida contra a muralha de cruzamento com engenhos de guerra, mas quando estes chegaram ao local foram queimados pelo inimigo, que se defendia do alto das muralhas; os assaltos efetuados por ele em muitos pontos com o resto de seu exército também foram sistematicamente repelidos; pareceu-lhe então preferível não perder mais tempo e assim, com a concordância de Nícias e de seus demais colegas de comando, empreendeu o ataque a Epípolas, de acordo com seus planos. Considerou impossível, todavia, aproximar-se das

escarpas à luz do dia e escalá-las sem ser visto; diante disto, pediu provisões para cinco dias, requisitou todos os canteiros e carpinteiros, assim como um suprimento de flechas além de todo o material necessário à construção de uma muralha, no caso de serem bem-sucedidos em sua tentativa; depois do primeiro sono saiu com todo o seu exército e avançou para Epípolas acompanhado de Eurímedon e Mênandros, deixando Nícias no interior das muralhas. Chegando perto de Epípolas pela rota de Euríelos, que não havia sido usada pelo exército anterior na primeira escalada, aproximou-se dos guardas sem ser percebido e, avançando para o forte siracusano naquele ponto, capturou-o e matou alguns soldados; a maioria deles, porém, fugiu apressadamente para os acampamentos (havia três em Epípolas: um dos siracusanos, outro dos demais siceliotas e outro dos aliados), aos quais levou a notícia do ataque, alertando também os seiscentos siracusanos de guarda num posto avançado naquela parte de Epípolas. Estes acorreram prontamente em socorro, mas Demóstenes e os atenienses os interceptaram e os puseram em fuga, apesar de sua denodada resistência. Aquele contingente ateniense continuou avançando velozmente, com o intuito de, aproveitando-se de seu impulso no momento, poder cumprir sem atrasos a missão para a qual tinha vindo; outro contingente conquistou nos primeiros momentos um trecho da muralha de cruzamento siracusana onde os guardas não o enfrentaram, e lhe demoliu as ameias. Os siracusanos e seus aliados, todavia, assim como Gílipos e suas tropas, vieram das obras de fortificação próximas para prestar socorro. A tentativa audaciosa dos atenienses durante a noite não era esperada; eles ainda estavam atordoados quando vieram enfrentá-los e a princípio foram forçados a recuar. Enquanto os atenienses continuaram avançando desordenadamente, considerando-se vitoriosos e querendo abrir caminho através das tropas inimigas ainda não engajadas em combate, para que estas não se pudessem reorganizar quando diminuíssem o ímpeto de seu avanço, os beócios foram os primeiros a não ceder diante deles; ao contrário, atacaram-nos, derrotaram-nos e os puseram em fuga.

44. A partir daquele momento a confusão e perplexidade entre os atenienses tornou-se tão grande que não foi fácil saber exatamente de cada lado como os acontecimentos se desenrolaram. Naturalmente as coisas são mais claras à luz do dia, mas mesmo assim as pessoas não percebem tudo que acontece, e cada um mal sabe o que ocorre em suas imediações; em uma batalha noturna, então – aquela foi a única nesta guerra disputada entre forças numerosas – como poderia alguém saber algo claramente? Embora

a lua estivesse brilhante, os combatentes apenas podiam ver-se uns aos outros, como é normal ao luar: tem-se a visão de uma pessoa, mas não se confia no reconhecimento sequer das mais íntimas. Havia, além disto, um grande número de hoplitas de ambos os lados indo e vindo num espaço exíguo. Do lado ateniense alguns já estavam sendo derrotados, enquanto outros, ainda no primeiro ímpeto, continuavam avançando incontidamente; quanto ao grosso dos exércitos, as tropas em sua maioria apenas haviam terminado a escalada, enquanto outras ainda estavam subindo, sem saber portanto, a que grupo juntar-se. As linhas de frente já estavam todas em confusão, devido à fuga recém-iniciada, e era difícil distinguir os dois lados devido à mistura de gritos. Os siracusanos e seus aliados, por estarem vencendo, animavam-se uns aos outros com gritos nada moderados – à noite é impossível a comunicação de outra maneira – e ao mesmo tempo se mantinham firmes diante dos atacantes; os atenienses tentavam encontrar seus companheiros e olhavam como inimigo quem quer que viesse em direção oposta, ainda que pudesse tratar-se de um grupo de soldados amigos pertencentes às tropas em fuga e, como estavam perguntando constantemente a senha – único meio de distinguir amigo de inimigo, não somente aumentavam a confusão em suas próprias linhas, pois todos perguntavam ao mesmo tempo, mas também a revelavam aos adversários. Os atenienses, porém, não tiveram oportunidade de aprender a senha inimiga, pois os siracusanos, que estavam vencendo e não se haviam dispersado, tinham menos dificuldades em reconhecer-se uns aos outros. Em conseqüência, se um destacamento ateniense, embora superior em número, encontrava um grupo de inimigos, estes escapavam por conhecerem a senha dos atenienses, ao passo que se eles, de seu lado, não respondiam com a senha, estavam irremediavelmente perdidos. Mas o que pôs os atenienses em desvantagem ainda maior e lhes causou mais perdas foi o canto do peã, pois o dos dois exércitos era muito parecido e isto causava a maior perplexidade: quando os argivos ou corcireus ou quaisquer aliados dórios dos atenienses o entoavam, os atenienses se amedrontavam tanto quanto se fosse o canto do inimigo. Finalmente aconteceu que em muitos setores do exército os atenienses, uma vez rompidas as linhas, chocando-se com seus próprios companheiros, amigos com amigos e concidadãos com concidadãos, deixaram-se dominar pelo pânico e já lutavam uns contra os outros, sendo difícil separá-los; e como estavam sendo perseguidos pelo inimigo, muitos caíram pelas escarpas e morreram. Os que tentavam escapar para a planície, conseguiram em sua maior parte chegar ao acampamento, apesar do caminho de descida de Epípolas ser estreito (espe-

cialmente os da primeira expedição, conhecedores da região); dos chegados por último, alguns perderam o rumo e ficaram vagando pelos campos, e foram mortos quando raiou o dia pela cavalaria siracusana que vasculhava a área.

45. No dia seguinte os siracusanos ergueram dois troféus em Epípolas, um do lado por onde os atenienses subiram e outro no local em que os beócios começaram a resistir. Os atenienses recuperaram os seus mortos mediante trégua; não foram poucos os que morreram, tanto atenienses quanto aliados; as armas tomadas, todavia, eram muito mais numerosas que os mortos, pois enquanto alguns dos que iniciaram a fuga se viram forçados a saltar pelas escarpas e pereceram, outros conseguiram fugir.

46. Depois disto, como costuma acontecer em seguida a uma vantagem inesperada, os siracusanos recuperaram inteiramente a confiança anterior, e mandaram Sícanos com quinze naus para Acragás, onde havia luta de facções, a fim de conquistar a cidade se fosse possível; Gílipos saiu novamente por terra para outras regiões da Sicília, com o objetivo de obter mais tropas, esperançoso até de poder tomar de assalto as muralhas atenienses após o resultado do confronto em Epípolas.

47. Ao mesmo tempo os comandantes atenienses estavam deliberando acerca da situação, tendo em vista a calamidade que os atingiu e a extrema depressão reinante entre as tropas. Viam que suas tentativas não estavam sendo bem-sucedidas e os soldados já achavam insuportável a estada lá. De fato, mostravam-se desalentados sob o peso das doenças de que sofriam pelo fato de a estação ser a mais insalubre, e também porque o lugar em que acampavam era pantanoso e malsão; em suma, a situação lhes parecia desesperadora. Demóstenes achava que não deveriam continuar lá e que, diante do fracasso do plano que o induzira a tentar o ataque a Epípolas, seu voto era no sentido de se retirarem sem perda de tempo, enquanto ainda fosse possível fazer a travessia marítima e ter alguma superioridade sobre o inimigo ao menos com as naus da expedição de reforço. Também do ponto de vista de Atenas, disse ele, seria mais oportuno fazer a guerra contra o inimigo que estava construindo uma fortaleza hostil em seu próprio território do que contra os siracusanos, agora que já não seria fácil vencê-los; além disto, não seria sensato continuarem o cerco e gastarem grandes somas de dinheiro em vão.

48. Esta foi a opinião de Demóstenes. Nícias, embora também considerasse má a situação, não quis revelar francamente essa fraqueza, para evitar que chegasse ao conhecimento do inimigo o voto aberto deles a favor da retirada; se isto acontecesse, tornar-se-ia muito menos provável que, quando quisessem realizá-la, pudessem partir despercebidos. Acrescentou que informações de que ninguém melhor do que ele tinha conhecimento davam-lhe esperanças de ver a situação do inimigo tornar-se pior que a deles, se os atenienses persistissem no cerco; com efeito, estavam desgastando o inimigo ao cortar-lhe as vias de recebimento de suprimentos principalmente agora que, com sua frota atual, eles eram muito mais que antes os senhores do mar. Finalmente, havia em Siracusa uma facção favorável à submissão a Atenas, e ela lhe estava mandando freqüentes mensagens secretas, nas quais o instava a não se retirar. Em face desses fatos, embora na realidade ele ainda vacilasse entre as duas alternativas e continuasse meditando em relação a elas, nas palavras proferidas em público naquela ocasião ele se recusou a levar o exército de volta. Sabia muito bem, segundo disse, que os atenienses não aprovariam a atitude dos comandantes se estes efetuassem a retirada sem uma decisão deles pelo voto. Mais ainda: a decisão naquele caso não seria tomada por homens cuja convicção se baseasse na visão dos fatos com os próprios olhos, que estivessem vendo tudo e não dessem ouvidos às críticas dos outros; ao contrário, os atenienses seriam persuadidos por quaisquer calúnias lançadas por qualquer orador bem falante. Quanto aos soldados presentes na Sicília, muitos, disse ele – a maioria, na verdade – alegavam aos gritos que estavam numa situação desesperadora, mas ao chegar a Atenas gritariam exatamente o contrário, ou seja, que seus comandantes haviam sido subornados para traí-los e retirar-se. Por isto, conhecendo o caráter dos atenienses, não desejava de forma alguma ser condenado por eles à morte sob uma acusação infamante e por uma sentença injusta; preferia continuar lutando e perecer nas mãos do inimigo, se assim tivesse de ser, arriscando-se a morrer à sua maneira. Quanto aos siracusanos, disse Nícias, apesar de tudo a situação deles era pior que a dos atenienses, pois em termos de dinheiro estavam pagando caro por uma força mercenária, e ao mesmo tempo suportavam as despesas dos postos de guarda; além disto, fazia um ano que mantinham uma grande frota; isto já lhes criava dificuldades e dentro de pouco tempo estariam completamente sem recursos; já haviam gasto dois mil talentos[38] e deviam muito mais, e se perdessem qualquer parcela de suas forças atuais por não serem capazes de pagar as suas

[38] Equivalentes a cerca de dois milhões de dólares.

despesas, sua causa estaria perdida, pois dependiam de forças mercenárias e não tinham, como os atenienses, homens que serviam para cumprir o seu dever. Concluiu dizendo que por tudo isto deveriam ficar e continuar o cerco, em vez de regressar derrotados por questões de dinheiro, em relação ao qual a situação deles era muito melhor que a do inimigo.

49. Nícias falou enfaticamente a este respeito por ter conhecimento preciso da situação em Siracusa, seja quanto à falta de dinheiro, seja quanto à existência de uma facção desejosa de que os atenienses se impusessem aos siracusanos, e para isto lhe mandavam repetidas mensagens instando-o a não se retirar; ao mesmo tempo, confiava que, ao menos em relação às naus, levaria vantagem como anteriormente. Demóstenes, porém, não concordava com qualquer decisão no sentido do prosseguimento do cerco; se não pudessem levar as tropas de volta sem o voto dos atenienses, e tivessem de continuar na Sicília, disse que de qualquer forma só poderiam fazê-lo se se transferissem para Tapsos ou Catana. Da nova base poderiam incursionar com seu exército por outras regiões e sustentar-se graças à pilhagem de riquezas do inimigo, desgastando-o ao mesmo tempo; se assim fosse, a frota não teria de combater num espaço exíguo, mais favorável ao inimigo, e sim no mar aberto, onde havia abundância de espaço e onde sua experiência os beneficiaria, sem ficarem confinados em uma base insuficiente e restritiva de seus avanços e recuos. Resumindo sua posição em poucas palavras ele acrescentou que não aprovaria de forma alguma a idéia de ficarem imobilizados naquele local, e aconselhou a transferência o mais depressa possível para outro, evitando-se qualquer delonga. Eurímedon concordou com ele quanto a estes pontos de vista, mas como Nícias continuava a discordar houve hesitação e procrastinações; ao mesmo tempo, aumentaram as suspeitas de que, para insistir com tanta energia, Nícias devia saber mais do que estava dizendo. Com isto os atenienses se atrasaram e continuaram no mesmo lugar.

50. Nesse ínterim Gílipos e Sícanos[39] tinham voltado a Siracusa. Sícanos fracassara em sua tentativa quanto a Acragás, pois quando ele ainda estava em Gela a facção acragantina favorável aos siracusanos havia sido deposta; Gílipos, todavia, trouxe com ele importantes reforços recrutados na própria Sicília, além dos hoplitas que haviam sido mandados do Peloponeso a bordo de uma nau mercante na primavera anterior[40] e tinham chegado a

[39] Veja-se o capítulo 46 deste livro.
[40] Veja-se o capítulo 19 deste livro.

Selinunte depois de passarem pela Líbia. Eles haviam sido presumivelmente desviados de seu roteiro, indo parar na Líbia, onde os cireneus lhes forneceram duas trirremes e pilotos para a viagem; enquanto navegavam ao longo da costa líbia eles juntaram suas forças às dos euesperitas[41], que estavam sendo sitiados pelos líbios, e derrotaram estes últimos; prosseguiram de lá ao longo da costa até Neápolis, entreposto cartaginês de onde a distância para a Sicília é mais curta (dois dias e uma noite), e dali atravessaram para a Sicília, chegando finalmente a Selinunte. Logo que os reforços chegaram os siracusanos iniciaram os preparativos para novo ataque aos atenienses em ambos os elementos, com naus e forças terrestres. Os comandantes atenienses, de seu lado, vendo que o inimigo havia sido reforçado por um novo exército, enquanto sua própria situação em nada melhorara, mas, ao contrário, tornava-se pior diariamente em todos os sentidos – principalmente por causa das doenças que atacavam os soldados – arrependeram-se de não haverem levantado o acampamento antes. Como agora nem mesmo Nícias se opunha tão obstinadamente quanto em ocasiões anteriores, mas apenas insistia em que o assunto não fosse submetido abertamente a voto, os comandantes deram com todo o segredo possível instruções a todos os oficiais para a partida por mar, diretamente do acampamento, e para que todos estivessem prontos no momento em que o sinal fosse dado. Mas depois de estar tudo pronto e quando se achavam na iminência de partir, ocorreu um eclipse da lua, que na ocasião estava cheia[42]. A maioria dos atenienses, preocupada com o fenômeno, instou os comandantes a esperarem. O próprio Nícias, que se dedicava com certo exagero à adivinhação e práticas similares, recusou-se terminantemente até a falar no assunto da retirada antes do decurso de três vezes nove dias, de acordo com as prescrições dos adivinhos. Esta foi a razão pela qual os atenienses, já tão atrasados, demoraram ainda mais a partir.

51. Os siracusanos, por seu turno, tomando conhecimento daqueles fatos, ficaram ainda mais animados do que antes, e decididos a não dar o mínimo descanso aos atenienses, vendo-os reconhecerem afinal que já não lhes eram superiores seja em frota, seja em forças terrestres, pois de outra maneira não teriam feito planos para a partida; ao mesmo tempo, como não desejavam vê-los instalados em qualquer outro lugar da Sicília, onde lhes seria muito mais difícil levar adiante a guerra contra eles, queriam forçá-

[41] Habitantes naquela época da cidade atualmente chamada Benghazi.
[42] No dia 27 de agosto de 413 a.C.

los a engajar-se em um combate naval o mais depressa possível no mesmo local onde estavam, em condições convenientes aos siracusanos. Com este objetivo tripulavam regularmente suas naus e se exercitaram durante o número de dias que lhes pareceu necessário ao maior adestramento. No momento favorável, começaram a atacar as muralhas dos atenienses, e quando um pequeno contingente de hoplitas e cavalerianos saiu contra eles por algumas portas, isolaram alguns hoplitas e, pondo-os em fuga, saíram em sua perseguição; como as entradas do acampamento eram estreitas, os atenienses perderam setenta cavalos e uns poucos hoplitas.

52. Em seguida as forças siracusanas se retiraram naquele dia, mas no dia seguinte eles saíram com suas naus, em número de setenta e seis, e avançaram simultaneamente com suas forças terrestres contra as muralhas. Os atenienses saíram com oitenta e seis naus para enfrentá-los e, estabelecendo contato com eles, iniciaram a batalha; Eurímedon, comandante da ala direita dos atenienses, quis envolver as naus inimigas, e para isto avançou com suas naus da formação em que estavam até muito perto da orla marítima; então os siracusanos e seus aliados, após haverem derrotado o centro da formação ateniense, isolaram Eurímedon numa reentrância da baía no interior do porto e o mataram depois de destruir as naus que o haviam seguido[43]; logo após saíram ao encalço de toda a frota ateniense, acossando-a em direção à orla marítima.

53. Gílipos, vendo a frota inimiga derrotada e obrigada a encalhar as naus na orla marítima em um trecho além de sua linha de estacas e de seu acampamento, pensou em exterminar os homens à medida que eles desembarcassem, e em tornar mais fácil para os siracusanos o içamento das naus para terra numa costa amiga; desceu então pelo cais com um destacamento, mas os tirrênios, que guardavam o cais para os atenienses, viram aquelas tropas avançando em desordem para atacar, correram contra elas e caíram sobre os soldados que vinham na frente, pondo-os em fuga e lançando-os no pântano chamado Lisimêleia. Após a chegada de forças mais numerosas dos siracusanos e de seus aliados, as tropas atenienses também marcharam contra elas, inquietas por suas naus, e se engajaram em batalha com o inimigo, derrotando-o e matando alguns hoplitas durante a perseguição; conseguiram salvar muitas naus e as reuniram ao longo de seu acampamento;

[43] Diódoro Sículo oferece maiores detalhes da morte de Eurímedon no capítulo 13 do livro XIII de sua *História*.

dezoito delas, porém, foram capturadas pelos siracusanos e seus aliados, e seus tripulantes foram todos mortos. Os siracusanos, com o intuito de incendiar as naus restantes, soltaram as amarras de uma velha nau mercante que haviam carregado de ramos e troncos resinosos aos quais tinham ateado fogo, com o vento soprando na direção dos atenienses; estes, alarmados por causa de suas naus, procuraram por seu turno improvisar meios de extinguir as chamas, e detendo a nau e apagando o fogo, escaparam ao perigo.

54. Depois disto os siracusanos ergueram um troféu pela batalha naval e pelo isolamento dos hoplitas junto à muralha (a ação durante a qual capturaram os cavalos)[44]; os atenienses também ergueram um troféu pelo combate no qual os tirrênios lançaram a infantaria siracusana no pântano, e ao mesmo tempo por sua própria vitória com o grosso de suas tropas.

55. A vitória siracusana foi decisiva no mar – antes eles estavam temerosos da nova frota trazida por Demóstenes – e o desânimo dos atenienses era total. Seu erro de avaliação havia sido grande, e maior ainda o arrependimento por terem realizado a expedição. Com efeito, de todas as cidades com as quais haviam entrado em guerra, somente aquelas apresentavam na época as mesmas características da sua, tendo uma constituição democrática como a deles e sendo poderosas em termos de naus, cavalaria e tamanho. Nestas condições, não tendo sido capazes de provocar uma mudança na forma de governo das mesmas (isto lhes teria permitido introduzir o fator de discórdia através do qual poderiam tê-las trazido para o lado ateniense) ou de dominá-las com uma força militar que fosse grandemente superior à sua, e tendo falhado na maior parte de suas tentativas, mesmo antes dos últimos acontecimentos eles já não sabiam o que fazer; agora, então, que haviam sofrido aquela derrota com sua frota – possibilidade em que jamais haviam pensado – estavam numa perplexidade ainda maior.

56. De seu lado, os siracusanos passaram a navegar sem qualquer receio em volta do porto e decidiram fechar-lhe o acesso, para impedir que os atenienses, se quisessem, pudessem pôr-se ao mar sem ser vistos. Com efeito, os siracusanos já não tinham qualquer preocupação com sua segurança; o que desejavam agora era impedir que os atenienses fossem salvos, pensando – e este era realmente o caso – que naquelas circunstâncias sua própria posição era muito mais forte, e que se pudessem derrotar definitivamente os

[44] Veja-se o capítulo 51 deste livro.

atenienses e seus aliados em terra e no mar, aos olhos dos helenos eles pareceriam ter ganho a mais gloriosa das lutas. Todos os outros helenos, pensavam eles, estariam imediatamente livres da sujeição e aliviados do medo, pois as forças que restariam aos atenienses não seriam suficientemente fortes para sustentar a guerra que depois seria continuada contra eles; e os siracusanos, sendo considerados os autores de tudo isto, tornar-se-iam o alvo da maior admiração de todos os contemporâneos e da posteridade. Realmente, a luta era digna de ser travada, tanto por estas considerações quanto porque eles se estavam mostrando superiores não somente aos atenienses, mas também aos seus numerosos aliados, e isto sem estar sós, mas associados a amigos que vieram ajudá-los; desta forma eles estavam ocupando o lugar de comando ao lado dos coríntios e dos lacedemônios, além de terem colocado a sua cidade na vanguarda diante do perigo e feito um avanço considerável em termos de poder marítimo. De fato, aquela foi a maior reunião de povos que jamais ocorreu em torno de uma cidade, se for excetuado o cômputo geral dos que se aliaram nesta guerra para apoiar a cidade dos atenienses ou a dos lacedemônios.

57. Efetivamente, os seguintes povos participaram da guerra de um lado ou do outro, vindos contra a Sicília ou a favor da Sicília, seja para conquistá-la, seja para salvá-la, enfrentando-se diante de Siracusa; escolheram um lado ou outro não tanto por considerações de justiça ou de afinidades étnicas, mas com vistas à sua própria vantagem ou por compulsão, segundo as circunstâncias em que se encontrava cada um. Os próprios atenienses, como iônios, vieram espontaneamente contra os siracusanos, que eram dórios, e a eles se juntaram como participantes na expedição os lêmnios, os ímbrios e os eginetas – os atuais ocupantes de Egina, assim como os hestieus (habitantes de Hestiéia, na Eubéia), todos colonos de Atenas e tendo a mesma língua e instituições dela. Dos demais participantes, alguns vieram na expedição como súditos, outros como aliados independentes e outros como mercenários. Os súditos e tributários eram os erétrios, os calcídios, os estírios e os tênios. Da Iônia vieram os milésios, os sâmios e os quianos (estes últimos participaram como aliados independentes, isentos do pagamento de tributos por contribuírem com naus[45]). Quase todos eram iônios e colonos de Atenas – salvo os carísticos, que eram dríopes[46] – e embora seguissem como súditos e sob compulsão eram de qualquer modo iônios indo contra dórios. Além

[45] Veja-se o capítulo 85 do livro VI.
[46] Povo autóctone que habitava as vizinhanças do monte Eta; veja-se Heródoto, VII, 43.

destes havia os seguintes eólios: os metimneus, que contribuíam com naus em vez de tributos, e os tenêdios e ênios como tributários. Estes, apesar de eólios, eram constrangidos a lutar contra eólios, ou seja, os beócios, fundadores de suas cidades, que estavam do lado dos siracusanos; os plateus, por sua vez, eram os únicos beócios propriamente ditos opondo-se a beócios, e com razão por causa do ódio que os movia. Havia também os ródios e os citérios, ambos dórios; os citérios, embora fossem colonos dos lacedemônios, empunharam armas ao lado dos atenienses contra os lacedemônios comandados por Gílipos, enquanto os ródios, de ascendência argiva, eram compelidos a ir à guerra não somente contra os siracusanos, que eram dórios, mas também contra os gelanos, seus próprios colonos, aliados aos siracusanos. Dos habitantes das ilhas situadas no litoral do Peloponeso, os cefalênios e os zacíntios foram com os atenienses na qualidade de aliados independentes; na realidade, porém, por causa de sua condição de ilhéus estavam de certo modo constrangidos, pois os atenienses eram os senhores dos mares. Os corcireus, que eram não somente dórios, mas indubitavelmente coríntios, iam contra os coríntios e siracusanos, apesar de serem colonos dos primeiros e etnicamente afins dos últimos, sob o pretexto capcioso de compulsão, mas na verdade muito mais por sua própria vontade, em conseqüência de seu ódio aos coríntios. Também os messênios, como agora são chamados ao atuais habitantes de Náupactos, assim como os messênios de Pilos (hoje possessão de Atenas), foram levados a participar da guerra. Em adição a estes havia alguns megáricos exilados que, por causa de seu infortúnio, estavam lutando contra os selinúntios, também megáricos. Quanto aos demais, sua participação na expedição, comparada com a dos outros, era realmente voluntária. Os argivos – dórios associando-se aos atenienses para irem contra dórios – foram tanto por sua aliança quanto por ódio aos lacedemônios, e com vistas a vantagens imediatas. Os mantineus e outros arcádios foram como mercenários, pois estavam acostumados a ir contra qualquer um que a qualquer tempo fosse apontado como inimigo, e desta vez eram levados, pelo desejo de ganhos, a considerar inimigos os arcádios que estavam com os coríntios. Os cretenses e os etólios também iam como mercenários; no caso dos cretenses acontecia que, embora eles tivessem ajudado os ródios a fundar Gela, não iam juntar-se aos seus colonos, mas contra eles e espontaneamente, atraídos pelo dinheiro. É verdade que alguns acarnânios também iam como mercenários, mas a maioria era movida pela amizade a Demóstenes e por simpatia pelos atenienses, de quem eram aliados e que desejavam ajudar. Todos estes pertenciam à região compreendida nos limites do golfo

Iônio. Os italiotas, os túrios e os metapontinos participaram da expedição compelidos pelas circunstâncias criadas por lutas entre facções locais. Dos siceliotas iam os náxios e os cataneus. Dos bárbaros havia os egesteus, que tinham levado os atenienses a empreender a expedição à Sicília, e a maior parte dos sícelos. De fora da Sicília havia alguns tirrênios, que tinham divergências com os siracusanos, e alguns mercenários iapígios. Estes eram os povos que participavam da guerra do lado dos atenienses.

58. Do outro lado, para ajudar os siracusanos havia os camarineus, seus vizinhos mais próximos, e os gelanos, vizinhos dos camarineus; depois, como os acragantinos eram neutros, havia os selinúntios, habitantes do território seguinte. Todos estes ocupavam a parte da Sicília em frente à Líbia, mas os himereus vieram da parte fronteira ao mar Tirrênio, onde são os únicos habitantes helênicos (somente eles vieram daquela região para ajudar os siracusanos). Estes eram os povos helênicos da Sicília, todos dórios e independentes, que lutavam do lado dos siracusanos. Dos bárbaros somente estavam com eles os sícelos que não haviam aderido aos atenienses. Dos helenos de fora da Sicília vieram os lacedemônios, que trouxeram um espartano para comandar os siracusanos, mas não tropas (à exceção dos neodamodes e hilotas), os coríntios (únicos a trazerem uma frota e forças terrestres), e os leucádios e ambraciotas, ambos induzidos por afinidades étnicas; da Arcádia vieram mercenários mandados pelos coríntios; havia também siciônios, servindo sob compulsão; de fora do Peloponeso vinham os beócios. Comparada com a de todos estes povos vindos de fora, a contribuição dos próprios siceliotas estava sendo muito mais importante em todos os sentidos, como era natural por serem muito populosas as suas cidades; delas vinham hoplitas em grande número, naus, cavalos e tropas auxiliares em massa. Finalmente, pode-se dizer que, em confronto com todos os outros, a contribuição mais importante foi dos siracusanos, seja pela grandeza de sua cidade, seja porque eles corriam mais perigo.

59. Estas eram as forças reunidas para apoiar os dois lados; naquela ocasião ambos tinham todos os contingentes à sua disposição e nenhum reforço lhes foi trazido posteriormente.

Os siracusanos e seus aliados pensavam naturalmente que, após a vitória obtida no mar, ganhariam gloriosamente a luta se conseguissem capturar todas as forças atenienses, tão numerosas, e se impedissem a sua fuga para qualquer parte, por mar ou por terra. Com este objetivo começaram imedi-

atamente a fechar a entrada do Grande Porto, cuja largura era de cerca de oito estádios[47], com trirremes alinhadas no sentido do comprimento e com outras embarcações grandes e pequenas, todas firmemente ancoradas; fizeram também outros preparativos, prevendo a hipótese de os atenienses ainda quererem aventurar-se a combater no mar, e nada havia de pequeno em todos os seus planos.

60. Os atenienses, observando o fechamento do porto e estando a par dos planos gerais do inimigo, julgaram conveniente reunir-se para novas deliberações. Os comandantes e oficiais se juntaram em seguida e passaram aos debates sobre as dificuldades com as quais se defrontavam de um modo geral, e especialmente sobre o fato de já não disporem de víveres sequer para suas necessidades imediatas – na expectativa de que iriam embarcar de volta já tinham expedido instruções a Catana no sentido de cessar o envio de provisões – e de não ser provável que os obtivessem no futuro, a não ser que mantivessem o domínio dos mares. Decidiram, então, abandonar as muralhas do alto e isolar por meio de outra muralha uma faixa de terra reduzida ao mínimo necessário e próxima às naus, o bastante para os armazéns e para os doentes; deixariam lá uma guarnição e sairiam em seguida com o resto de suas forças de terra para tripular todas as naus, não somente as que estivessem aptas a servir, mas também aquelas em mau estado; embarcariam todos os homens disponíveis e iriam lutar para abrir caminho em direção ao mar aberto; se conseguissem atingir o objetivo, seguiriam para Catana; em caso contrário incendiariam suas naus e, dispondo-se em linha de batalha, retirar-se-iam por terra, marchando por qualquer caminho que lhes permitisse atingir com a máxima rapidez algum território amigo, bárbaro ou helênico. As decisões tomadas começaram a ser executadas imediatamente: os soldados desceram das muralhas do alto sem serem vistos e tripularam todas as naus, nas quais embarcaram todos os homens que, estando em idade militar, pareciam aptos a servir. Dessa forma foram tripuladas cento e dez naus; estavam a bordo numerosos archeiros e lanceiros, tanto acarnânios quanto outros estrangeiros, e em linhas gerais tomaram todas as providências necessárias naquela situação premente, com vistas ao objetivo predeterminado. Quando a maior parte dos preparativos estava concluída, Nícias, vendo os soldados desanimados porque haviam sido derrotados no mar contrariamente à sua expectativa, mas apesar de tudo ansiosos por correr o risco da batalha o mais depressa possível diante da escas-

[47] Cerca de 1,5 km.

sez de víveres, reuniu-os antes de dar as ordens de combate e lhes dirigiu as seguintes palavras:

61. "Soldados atenienses e aliados: o confronto iminente nos interessa a todos igualmente, pois lutaremos por nossa própria sobrevivência individual e pela preservação da pátria de cada um não menos que nossos inimigos; se vencermos agora com nossa frota, cada um de vós terá possibilidade de rever a sua cidade, seja ela qual for. Não devemos perder a coragem, e muito menos sentir-nos como os recrutas mais inexperientes que, por haverem sido derrotados nos primeiros confrontos, passam a lutar o tempo todo sob uma expectativa ansiosa, inspirada por seu temor e causadora de seus reveses. Como, porém, estão presentes muitos atenienses experimentados em outras guerras, e vós, nossos aliados que sempre nos acompanham em nossas campanhas, deveis lembrar-vos todos de que na guerra há reviravoltas contrárias a todas as previsões; preparai-vos para a batalha na esperança de que a sorte possa estar conosco, e com a firme decisão de vingar a derrota anterior da maneira mais digna destas forças tão numerosas que vedes diante de vós e são vossas.

62. "Com vistas a qualquer recurso que nos possa ser útil diante da estreiteza do porto, para combater a multidão de naus que haverá nele e as forças que o inimigo pôs em seus tombadilhos – circunstâncias que nos prejudicaram anteriormente – tudo foi providenciado por nós agora, tanto quanto as circunstâncias permitem, depois de examinar o assunto com nossos pilotos. De fato, haverá a bordo muitos archeiros e lanceiros, e muita gente que não usaríamos se fôssemos combater no mar aberto, pois tantos homens prejudicariam a nossa eficiência por aumentar o peso das naus, ao passo que na batalha de infantaria em naus que seremos forçados a travar aqui dos tombadilhos de nossas embarcações eles nos serão de grande valia. Imaginamos todos os contra-estratagemas necessários e preparamos a estrutura de nossas naus para isto, especialmente para enfrentar a solidez dos esporões das naus inimigas – estratagema que nos causou enormes danos – e providenciamos ganchos de ferro que, lançados sobre a nau atacante, a impedirão de afastar-se em marcha a ré, se os marinheiros realizarem as tarefas que lhes atribuímos. Chegamos ao extremo de ter de travar uma batalha de infantaria em naus, e é obviamente de nosso interesse não dar marcha a ré e evitar que o inimigo o faça, principalmente por que toda a costa, salvo o pequeno trecho ocupado por nossas tropas, nos é hostil.

63. "Tendo tudo isto no pensamento, devereis lutar obstinadamente e com todas as vossas energias; não deixeis que vos empurrem para a terra, e quando uma de nossas naus colidir com outra deles não permitais que elas se separem antes de terdes lançado ao mar todos os hoplitas inimigos presentes no tombadilho. Isto eu peço tanto aos hoplitas quanto aos marinheiros, mais ainda porque esta missão incumbe principalmente a quem estiver no tombadilho; além disto, ainda levamos vantagem sobre o inimigo em muitos pontos com nossa infantaria. Quanto aos marinheiros, exorto-os e ao mesmo tempo até lhes imploro que não se mostrem excessivamente deprimidos por causa dos reveses recentes, pois as forças que agora temos nos tombadilhos são melhores e nossas tropas são mais numerosas; quanto àqueles entre vós que até agora foram considerados atenienses, embora na realidade não o sejam[48], pensai que vale bem a pena defender este sentimento nobilitante de que, por conhecerdes nossa língua e imitardes nossa maneira de viver, sois admirados em toda a Hélade, e em termos de vantagens desfrutais de nosso império não menos do que nós mesmos, pelo temor que inspirais aos nossos súditos e, mais ainda, pelo respeito garantido aos vossos direitos. Sede equânimes e não penseis em trair-nos agora, vós que sois os únicos a partilhar conosco o nosso império como homens livres. Desprezando igualmente os coríntios – estes coríntios tantas vezes vencidos por vós – e os siceliotas, dos quais nenhum, quando nossa marinha estava no apogeu, ousou sequer enfrentar-nos, repeli-os e mostrai-lhes que, mesmo neste estado de fraqueza e entre tantos infortúnios, vossa perícia é superior à força e à sorte de vossos adversários.

64. "Aos atenienses relembro uma vez mais que não deixastes em vossas bases outras naus como estas, nem hoplitas em idade militar, e que se o resultado não for a vossa vitória, vossos inimigos daqui navegarão imediatamente para lá, e os concidadãos que ficaram em nossa terra serão impotentes para repelir os inimigos de lá reforçados pelos que forem daqui. Vós que estais aqui sereis imediatamente subjugados pelos siracusanos – sabeis com que intenções viestes enfrentá-los – e os que estão lá sê-lo-ão pelos lacedemônios. Diante dessa perspectiva, já que sois forçados a engajar-vos nesta luta, que é uma só, por vós mesmos e pelos de lá, mostrai-vos mais firmes do que nunca, e compenetrai-vos, cada um e todos de que aqui a bordo das naus sois para os atenienses ao mesmo tempo exército e marinha e tudo que resta da cidade e do nome famoso de Atenas. Por ela, se qualquer

[48] A referência é aos estrangeiros residentes em Atenas - os metecos.

de vós for superior a outro em perícia e coragem jamais terá melhor oportunidade de exibi-las, ao mesmo tempo para sua própria sobrevivência e para a salvação de todos!"

65. Imediatamente após esta exortação Nícias ordenou aos seus homens que tripulassem as naus. Gílipos e os siracusanos, de seu lado, observando os preparativos que os atenienses estavam fazendo naquele momento, puderam perceber facilmente que eles iam engajar-se num combate naval; eles haviam também recebido informações sobre o estratagema dos ganchos de ferro, e ao mesmo tempo que preparavam suas naus de um modo geral, tomaram precauções específicas contra este, recobrindo as proas e uma extensão considerável da parte superior das naus com couros esticados, de tal maneira que, quando os ganchos fossem lançados, deslizassem e não se prendessem. Terminados os preparativos, os comandantes locais e Gílipos dirigiram as seguintes palavras aos seus homens:

66. "Parece-nos evidente que todos vós sabeis, siracusanos e aliados, que vossos feitos anteriores foram gloriosos e que a luta agora será por novas glórias, pois se assim não fosse não vos estaríeis dedicando a ela com tanto entusiasmo; mas se alguém não percebeu isto como devia, aduziremos provas. Os atenienses vieram contra esta terra em primeiro lugar para escravizar a Sicília; depois, se fossem bem-sucedidos, fariam o mesmo com o Peloponeso e com o resto da Hélade, pois já possuíam um império maior que o de qualquer povo helênico, seja no passado ou no presente; vós, porém, que fostes os primeiros a resistir à sua frota, com a qual haviam obtido a supremacia em toda parte, já os derrotastes nas batalhas navais anteriores e evidentemente os vencereis nesta. Com efeito, quando os homens são vencidos naquilo em que se consideram os melhores, o que sobrou de sua presunção se torna ainda menor do que aquela que teriam se jamais houvessem alimentado tais sentimentos, e como o fracasso humilha o seu orgulho, o desalento os leva a perder até a noção de sua força real. Provavelmente os atenienses agora estão nesta situação.

67. "Conosco, ao contrário, nosso ânimo inicial, que nos levou a arriscar tudo apesar de nossa inexperiência, agora está ainda mais firme, e como se acrescentou a ele a convicção de que somos mais fortes, pois derrotamos os mais fortes, a esperança de cada homem duplicou. Em geral a maior esperança inspira nos homens maior bravura em seus cometimentos. Quan-

to às suas réplicas aos nossos dispositivos de ataque, já que estes nos são familiares como parte de nosso modo de combater seremos capazes de adaptar-nos para enfrentar cada uma delas; eles, porém, quando virem tantos hoplitas nos tombadilhos de suas naus, contrariamente aos seus hábitos, e também muitos lanceiros – marinheiros de primeira viagem, digamos assim – acarnânios e outros, a bordo de suas naus, homens que não sabem sequer lançar um dardo sentados, como não irão pôr em perigo as suas naus e cair uns sobre os outros em desordem, por estarem saindo de seu modo usual de movimentar-se? Eles não tirarão proveito sequer do maior número de suas naus – caso algum de vós tenha medo de entrar num combate naval em desigualdade numérica; na realidade, naus em grande número num espaço exíguo demorarão mais a executar qualquer manobra que planejarem, mas serão facilmente danificadas graças aos estratagemas concebidos por nós. Se quereis saber toda a verdade, aprendei-a pelo que julgamos saber com exatidão: foi por causa da enormidade de seus infortúnios e compelidos por suas dificuldades presentes que, confiando mais na sorte que no seu preparo, tomaram a decisão desesperada de arriscar-se numa batalha de qualquer maneira, a fim de forçar a saída do porto e partirem, ou, se isto não lhes for possível, efetuarem a retirada por terra, pois sabem que sua situação não ficaria pior do que está agora.

68. "Diante de uma desorganização como a deles, portanto, e da boa sorte que pôs em nossas mãos nossos piores inimigos, lancemo-nos à luta furiosamente, dizendo a nós mesmos que agimos da maneira mais justa em face do adversário quando, com a intenção de punir um agressor, deixamos transbordar o rancor que nos domina; e mais ainda, a vingança contra nossos inimigos está afinal ao nosso alcance, e como diz um provérbio, ela é o mais doce dos prazeres. Que eles são vossos inimigos, e os piores, todos vós sabeis, pois vieram contra a nossa pátria para escravizá-la e, se fossem bem-sucedidos, infligiriam aos nossos homens o que há de mais doloroso, às nossas crianças e mulheres as piores indignidades, e a toda a cidade o mais humilhante dos nomes. Diante de tudo isto é natural que nenhum de vós se deixe abrandar, ou considere um ganho a retirada deles sem riscos para nós, pois se eles vencessem agiriam da mesma forma. Quando, como tudo indica, realizarmos os nossos desejos, castigaremos estes homens, que deixarão a Sicília inteira ainda mais livre do que antes – glorioso prêmio para esta luta! De todos os riscos, os mais raros são os que nos prejudicam menos em caso de fracasso e nos beneficiam mais em caso de sucesso".

69. Depois de haverem exortado os seus soldados com estas palavras, Gílipos e os comandantes siracusanos começaram a tripular as suas naus logo que viram os atenienses fazendo o mesmo. Nícias, porém, desalentado diante da situação, sentiu mais claramente a enormidade do perigo e sua proximidade, agora que as naus estavam prestes a levantar âncoras. Pensando, como costuma acontecer quando estão iminentes as grandes batalhas, que todas as providências tomadas de seu lado ainda estavam incompletas, e que as palavras ditas aos seus comandados ainda não tinham sido as mais adequadas à ocasião, chamou novamente os trierarcas um por um; dirigiu-se a eles mencionando os nomes de seus pais, os seus próprios nomes e os de suas tribos, e lhes disse que se alguém se julgasse merecedor de honrarias por algum feito brilhante, não deveria desmerecê-lo, e que se alguém tivesse antepassados ilustres, não deveria obscurecer a sua glória; relembrou-lhes a sua pátria, a mais livre de todas, e a independência ilimitada na vida diária que todos desfrutavam nela; acrescentou tudo mais que seria de esperar em um momento daquela gravidade, sem o temor de repetir-se ou de recorrer a lugares comuns – acerca de suas esposas e filhos e dos deuses ancestrais – usados quase nas mesmas palavras em todas as ocasiões semelhantes, julgando que seria útil repeti-los em altos brados naquele momento de apreensão. Quando achou que os havia exortado, não o bastante, mas tanto quanto a premência do tempo permitia, Nícias retirou-se e, conduzindo as tropas de infantaria até a beira-mar, alinhou-as de forma a cobrir a maior extensão possível, a fim de que pudessem ter a máxima utilidade e inspirassem coragem aos homens a bordo das naus. Demóstenes, Mênandros e Eutídemos – eles também haviam embarcado para assumir o comando – saíram do ancoradouro do acampamento ateniense e navegaram imediatamente em direção à barreira do porto[49], rumando para uma brecha que havia nela, com a intenção de forçar a saída.

70. Os siracusanos e seus aliados, que já haviam partido com mais ou menos o mesmo número anterior de naus, agora estavam à espreita na saída com parte delas, e com as restantes ficaram em volta do próprio porto, dispostos a atacar os atenienses por todos os lados simultaneamente; ao mesmo tempo a sua infantaria se posicionou de maneira a poder prestar ajuda onde quer que as naus atenienses chegassem à orla marítima. Estavam no comando da frota siracusana Sícanos e Agátarcos, cada um com uma ala da mesma, enquanto Piteus e os coríntios ocupavam o centro da formação.

[49] Veja-se o capítulo 59 deste livro.

Ao chegar perto da barreira a frota ateniense atacou as naus estacionadas nas proximidades e no primeiro ímpeto levou vantagem sobre elas, começando a tentar romper as correntes que mantinham juntas as embarcações que a formavam. Em seguida, quando os siracusanos e seus aliados se lançaram sobre os atenienses por todos os lados, a batalha já não se limitava apenas às vizinhanças da barreira, mas estava generalizando-se por todo o porto; o combate era mais acirrado que qualquer outro anterior. Com efeito, de ambos os lados os marinheiros demonstravam muita bravura no ataque sempre que recebiam ordens, e os pilotos se emulavam na perícia e no espírito de luta; os soldados embarcados se esforçavam, quando uma nau colidia com outra, para que a ação no tombadilho não ficasse aquém da perícia das manobras; cada um ansiava por ser o primeiro no posto para o qual havia sido designado. Como numerosas naus combatiam num espaço exíguo – nunca tantas naus lutaram em tão pouco espaço, pois havia dos dois lados pouco menos de duzentas – eram limitados os ataques com esporões, pois seria impossível dar marcha a ré ou romper a linha inimiga. As colisões casuais eram as mais freqüentes, pois as naus se abalroavam tentando fugir de outras ou atacá-las. Enquanto uma nau avançava para atacar, os homens no tombadilho da nau atacada atiravam contra a outra lanças, flechas e pedras sem parar; quando elas se abordavam, os soldados embarcados combatiam corpo a corpo, esforçando-se por passar de uma nau para a outra; em muitos lugares aconteceu que, por causa da falta de espaço, enquanto uma nau de um lado estava abordando uma do outro lado, outras deste a abordavam, de tal forma que duas naus, e às vezes até mais, inevitavelmente se agrupavam em torno de uma só; também acontecia que os pilotos ao mesmo tempo manobravam para defender as suas naus e para atacar outras, não em um ponto de cada vez, mas em muitos pontos e em todas as direções; o terrível estrépito resultante da colisão de tantas naus não somente causava pânico mas também impedia que fossem ouvidas as ordens dos oficiais (havia constantes exortações, aos gritos, de parte dos oficiais de ambos os lados, tanto para a realização de manobras quanto pela ânsia de vencer que os dominava); do lado ateniense eles gritavam aos seus homens para forçarem a saída do porto, e que naquele instante ou nunca deveriam demonstrar a sua bravura na luta para salvar-se e voltar à pátria; do lado dos siracusanos e de seus aliados eles gritavam que seria glorioso impedir a saída do inimigo e, obtendo a vitória, enaltecer a pátria de cada um. Além disto os comandantes de ambos os lados, se viam qualquer nau em qualquer parte da área da batalha recuar sem que fosse absolutamente

necessário, chamavam o trierarca pelo nome e perguntavam, os comandantes atenienses, se ele estava recuando por considerar agora a terra de seus piores inimigos mais sua que o mar conquistado pelos atenienses à custa de tantos sacrifícios, e os siracusanos, como, sabendo claramente que os atenienses estavam ansiosos por escapar de qualquer maneira, fugiam diante de homens em fuga.

71. Em terra, as tropas dos dois lados sofriam uma enorme ansiedade e tensão de espírito enquanto o combate naval estava equilibrado, os siracusanos excitados pela perspectiva de glória cada vez maior, e os invasores receosos de que a situação pudesse piorar ainda mais. Como para os atenienses tudo estava em jogo com aquelas naus, seu temor quanto ao futuro excedia qualquer outro jamais sentido por eles, e por ocuparem posições diferentes em terra tinham uma visão inevitavelmente diversa da batalha naval. De fato, o espetáculo que testemunhavam se desenrolava a curta distância e nem todos olhavam para o mesmo ponto ao mesmo tempo; se um grupo via os atenienses levando vantagem em alguma parte, animava-se e começava a pedir aos deuses para não os privarem de um retorno seguro; aqueles cujos olhos se fixavam num grupo que estava sendo derrotado, lamentavam-se e gritavam, e pela simples visão dos acontecimentos estavam com a moral mais abatida que os próprios combatentes. Outros, ainda, cujo olhar se detinha em algum ponto onde o resultado parecia indeciso, sofriam interminavelmente a mais penosa ansiedade por causa da demorada incerteza da luta; os próprios movimentos de seus corpos, naquela angústia extrema de se verem a cada instante prestes a salvar-se e prestes a perder-se, acompanhavam as flutuações de seus espíritos. No meio das tropas atenienses, enquanto o combate naval continuava indeciso, podia-se ouvir tudo ao mesmo tempo: soluços, aclamações, "estamos ganhando!", "estamos perdendo!" e tantos outros gritos de todos os tipos que um grande perigo provoca inevitavelmente num grande exército. Os homens a bordo das naus sofriam de maneira idêntica, até que finalmente os siracusanos e seus aliados, depois de um combate equilibrado durante longo tempo, puseram em fuga os atenienses e os impeliram triunfalmente para a terra em meio a gritos e exortações; então a frota se desarticulou; todas as naus que não haviam sido capturadas ao largo foram empurradas para a terra, umas para um lugar, outras para outros, e os homens pulavam das naus e corriam para o acampamento. A esta altura as emoções dos soldados das forças terrestres já não divergiam, mas num impulso unânime todos começaram a lastimar-se e a gemer, inca-

pazes de resistir à gravidade dos acontecimentos, e todos correram ao longo da praia, uns para as naus, a fim de ajudar seus companheiros, outros para o que restava de sua muralha, com o intuito de guardá-la; outros, ainda – e estes eram a maioria – estavam pensando somente em si mesmos e na melhor maneira de salvar-se. Naquele momento se generalizou uma consternação maior que qualquer outra jamais sentida. Aqueles homens estavam tendo um destino semelhante ao que infligiram aos lacedemônios em Pilos, pois quando a frota destes foi destruída lá, eles perderam todos os homens que estavam na ilha[50]; da mesma forma, toda a esperança de salvação estava perdida agora para os atenienses, a não ser que sobreviesse algo de extraordinário.

72. A batalha naval havia sido violenta, com pesadas perdas em naus e homens para ambos os lados. Os siracusanos e seus aliados, agora vitoriosos, recolheram os destroços de suas naus e seus mortos e depois navegaram para a cidade, onde ergueram um troféu. Os atenienses, porém, diante da enormidade dos males presentes não pensaram sequer nos mortos ou nos destroços, nem pediram trégua para recuperá-los, cogitando apenas de retirar-se naquela mesma noite, sem perda de tempo. Demóstenes, todavia, foi ao encontro de Nícias e lhe propôs que tripulassem mais uma vez o resto de sua frota e, se pudessem, forçassem a saída do porto ao raiar o dia, alegando que ainda dispunham de um número maior de naus em condições de navegar que o inimigo, pois os atenienses contavam apesar de tudo com sessenta naus, enquanto os seus adversários tinham menos de cinqüenta. Nícias concordou com aquela proposta e os comandantes quiseram tripular as naus imediatamente, mas os marinheiros se recusaram a embarcar, pois estavam profundamente desmoralizados com a derrota e sentiam que já não lhes era possível vencer. Sua opinião unânime naquele momento era no sentido de efetuarem a retirada por terra.

73. O siracusano Hermôcrates[50a], suspeitando das intenções dos atenienses e pensando que seria criada uma situação muito séria se um exército numeroso, retirando-se por terra, fosse parar em alguma parte da Sicília e se dispusesse a recomeçar a guerra contra Siracusa, foi ao encontro das autoridades locais e, expondo-lhes as razões que o levavam a formar aquela opinião, lhes disse que não deveriam permitir a retirada dos atenienses durante

[50] Veja-se o capítulo 14 do livro IV.
[50a] Hermôcrates já não era comandante; veja-se o capítulo 103 do livro VI.

a noite; ao contrário, os siracusanos e seus aliados deveriam marchar imediatamente com todas as suas forças e construir barricadas impedindo as estradas e, antecipando-se ao inimigo, guardar os desfiladeiros. As autoridades não estavam menos convencidas daquilo do que Hermôcrates e achavam que aquelas medidas deveriam ser tomadas; pensavam, porém, que os soldados mal haviam começado a gozar do repouso tão ansiosamente desejado após a batalha naval e, como além disto realizava-se uma festa religiosa – naquele dia os siracusanos estavam oferecendo um sacrifício a Héracles – acreditavam que não seria fácil induzi-los a atender à convocação; de fato, em seu júbilo pela vitória muitos estavam bebendo na festa. Convencê-los a empunhar armas e partir para nova campanha era a última coisa que se poderia esperar. As autoridades, então considerando aquelas circunstâncias, perceberam claramente que o plano era inexeqüível e não deram mais ouvidos a Hermôcrates; este, porém, receando que os atenienses pudessem partir calmamente durante aquela noite, e passassem pelos lugares mais difíceis antes que os siracusanos pudessem obstá-los, lançou mão do seguinte estratagema: deu instruções a alguns amigos para irem com uns poucos cavalerianos até o acampamento ateniense logo que começou a escurecer; estes se aproximaram até um ponto de onde poderiam ser ouvidos e chamaram certas pessoas por seus nomes, como se fossem amigos dos atenienses (alguns habitantes da cidade mandavam regularmente a Nícias informes relativos a tudo que se passavam em Siracusa[51]) pedindo-lhes que dissessem a Nícias para não sair com seu exército naquela noite, pois os siracusanos estavam guardando as estradas; deveriam retirar-se calmamente durante o dia, após haverem feito os preparativos cabíveis. Depois de falar, os homens partiram de volta, e as pessoas que os tinham ouvido comunicaram o fato aos comandantes atenienses.

74. Em face do aviso, no qual não viram qualquer embuste, os atenienses passaram a noite onde estavam; depois, já que não haviam partido imediatamente, pareceu-lhes melhor esperar também durante o dia seguinte, para dar tempo aos soldados de levar consigo os seus pertences mais necessários, tanto quanto lhes permitissem as circunstâncias; partiriam em seguida, transportando somente os suprimentos indispensáveis à sua subsistência e deixando tudo mais no acampamento. Os siracusanos e Gílipos, todavia, marcharam antes deles e bloquearam com a infantaria as estradas locais pelas quais os atenienses deveriam presumivelmente retirar-se, puseram guarni-

[51] Veja-se o capítulo 48 deste livro.

ções nos pontos de travessia dos cursos d'água e dos rios e tomaram posição em locais onde lhes parecia que poderiam interceptar em condições favoráveis o exército ateniense e detê-lo. Saíram ao mesmo tempo com suas naus e começaram a puxar as dos atenienses da orla marítima onde estavam para o mar; os próprios atenienses, na verdade, já haviam incendiado algumas de suas naus, como pretendiam fazer com toda a frota[52]; todas as outras, porém, foram rebocadas tranqüilamente pelos siracusanos, sem qualquer oposição, e levadas do ponto em que estavam encalhadas para a cidade.

75. Depois, quando pareceu a Nícias e Demóstenes que os preparativos cabíveis haviam sido feitos, o exército finalmente partiu, no terceiro dia após a batalha naval. Era terrível, não somente como um aspecto isolado dos acontecimentos, mas de um modo geral, que os atenienses estivessem partindo assim, após perderem todas as suas naus, num momento em que, em lugar de grandes esperanças, só havia perigo para si mesmos e para a sua cidade; o simples abandono de seu acampamento trazia aos olhos e ao espírito de cada um dolorosas impressões; os cadáveres ainda estavam insepultos, e quando alguém via algum amigo morto era dominado por um forte sentimento de comiseração e medo. Os feridos ou doentes deixados no local despertavam nos sobreviventes compaixão ainda maior que os mortos, e mais do que estes eram dignos de piedade; com efeito, com suas súplicas e lamentos eles provocavam o desespero entre os que partiam, implorando-lhes que os levassem consigo e chamando aos gritos cada companheiro ou parente que viam, agarrando-se aos seus camaradas de barraca em retirada e seguindo assim até onde podiam; quando se extinguia a resistência física de uns ou de outros, eram abandonados, não sem um último apelo aos deuses e muitas lamentações; todos os soldados, chorando desesperadamente, achavam difícil partir, mesmo para sair de uma terra hostil, apesar de já terem suportado tantos sofrimentos, e de temerem no seu íntimo ainda outros que teriam de enfrentar no futuro, grandes demais para lágrimas. Havia também um sentimento generalizado de humilhação e remorso, pois a impressão que davam não era outra senão a de uma cidade fugindo sorrateiramente depois de cercada, e uma cidade nada pequena (a massa que se deslocava pelas estradas se compunha de não menos de quarenta mil homens). Cada um deles ia embora levando o que lhe pudesse ser útil; até os hoplitas e cavalerianos, contrariamente aos seus hábitos, carregavam seu próprio alimento, alguns por falta de auxiliares, outros por não confiarem neles (de longa data

[52] Veja-se o capítulo 60 deste livro.

vinham ocorrendo deserções entre estes, mas nunca tão numerosas quanto naquela ocasião). Não levavam, porém, o bastante, pois já não havia víveres no acampamento. Além disto, tantas desgraças, mesmo que seus males fossem partilhados igualmente por todos – aquela partilha entre muitos lhes trazia um certo alívio – não lhes pareciam fáceis de enfrentar no momento, especialmente comparando o esplendor e a confiança arrogante iniciais com o fim humilhante a que haviam chegado. Aquela era, com efeito, a maior reviravolta jamais ocorrida com uma expedição helênica, pois ela, que viera para escravizar outros povos, voltava com o temor de ter os seus componentes reduzidos à escravidão, e em vez de preces e hinos, ao som dos quais havia partido na vinda, estava agora regressando sob imprecações inteiramente diferentes; finalmente, seus homens iam como soldados de infantaria em vez de marinheiros, e dependendo de hoplitas em vez de contar com uma frota. Mas apesar de tudo a magnitude do perigo que ainda pairava sobre eles era de tal ordem que todas aquelas novas provações ainda lhes pareciam suportáveis.

76. Nícias, vendo o desalento do exército e a crise profunda pela qual o mesmo passava, percorreu as fileiras e se esforçou por encorajar e confortar os soldados, tanto quanto as circunstâncias permitiam; demonstrando sua bravura, elevava ainda mais a voz ao se aproximar de cada contingente, com a intenção de ser útil fazendo-se ouvir o mais longe possível, para dizer-lhes o seguinte:

77. "Mesmo em vossas condições presentes, atenienses e aliados, ainda deveis ter esperanças – outros no passado foram salvos de dificuldades maiores do que estas – em vez de recriminar-vos por vossos reveses ou por vossas desgraças imerecidas. Eu mesmo, que hoje não levo vantagem sobre quaisquer de vós em matéria de vigor – podeis ver o que a doença fez de mim – e que não era considerado até há pouco tempo inferior a quem quer que fosse em boa sorte, tanto na vida privada quanto em minha carreira de comandante, agora estou envolvido no mesmo perigo que ameaça o mais humilde soldado entre vós. Durante toda a minha vida cumpri fielmente os meus deveres para com os deuses e pratiquei muitas ações justas e inatacáveis em minhas relações com os homens. Por isto, ainda tenho esperanças quanto ao futuro, e nossas calamidades não me amedrontam tanto quanto seria de esperar. Talvez esses reveses cessem, pois nossos inimigos já tiveram bastante sorte, e se atraímos o ressentimento de algum deus por causa de nossa

expedição, já fomos suficientemente castigados. Sabemos que outros já marcharam antes contra cidades alheias, cedendo a uma fraqueza humana, e sofreram o que podiam suportar. É razoável, portanto, que de nossa parte esperemos hoje da divindade uma sorte mais favorável, pois agora merecemos dos deuses mais piedade que ressentimento; portanto, pensando em vós mesmos e vendo os bons soldados que sois, e quão numerosos sois nessa marcha ordeira, não vos deixeis abater excessivamente; lembrai-vos de que, onde quer que estejais, constituireis imediatamente uma cidade, e de que em toda a Sicília não há outra cidade capaz de conter um ataque vosso ou de desalojar-vos de qualquer lugar onde vos instalardes. Quanto à marcha mesma, deveis zelar para que ela seja segura e disciplinada, e nenhum de vós deve ter outro pensamento além deste: o lugar, seja ele qual for, em que fordes forçados a lutar, se vencerdes será vossa pátria e fortaleza. Devemos apressar-nos em nossa jornada tanto de dia quanto de noite, pois nossos suprimentos são escassos; se atingirmos algum lugar amigo no território dos sícelos – ainda podemos confiar neles porque eles temem os siracusanos – só então podereis considerar-vos seguros. Foram mandadas instruções com antecedência aos sícelos para que venham ao nosso encontro com provisões. Ficai sabendo de toda a verdade, soldados: tendes de ser necessariamente bravos, pois não há lugar próximo que possais atingir a salvo se fordes displicentes; se escapardes agora aos vossos inimigos, podereis todos chegar aos lugares que certamente ansiais por ver uma vez mais, e os que são atenienses conseguirão reerguer mais uma vez o grande poder de sua cidade, por mais abatida que ela esteja. São os homens que fazem uma cidade, e não as muralhas ou as naus vazias de homens".

78. Nícias pronunciou estas palavras de exortação enquanto passava ao longo das fileiras, e se via algum setor do exército deslocado ou marchando em desalinho, recolocava-o em posição e o alinhava; Demóstenes fez o mesmo, dirigindo-se quase na mesma linguagem aos soldados sob o seu comando. O exército marchava disposto em formação quadrada; a divisão comandada por Nícias ia na frente, seguindo-se a de Demóstenes; os bagageiros e a maior parte das numerosas tropas auxiliares iam no centro do quadrado constituído pelas fileiras dos hoplitas. No momento em que as tropas atingiram o ponto de travessia do rio Ânapos, encontraram lá alguns siracusanos e aliados em formação de combate; conseguiram derrotá-los e, garantida a passagem, prosseguiram na marcha. A cavalaria siracusana, todavia, seguia-as de perto e as atacava continuamente, enquanto as tropas

ligeiras do inimigo as crivavam de dardos. Naquele dia os atenienses marcharam cerca de quarenta estádios[53] e acamparam em uma colina; no dia seguinte reiniciaram a marcha cedo, e depois de avançarem cerca de vinte estádios desceram para um terreno plano, onde acamparam, pois desejavam obter algo para comer nas casas esparsas existentes na região, que era pouco habitada, e conseguir uma reserva de água para levar na marcha, já que por muitos estádios para a frente, na direção em que iam, a mesma não era abundante. Nesse ínterim os siracusanos haviam ultrapassado os atenienses e estavam ocupados em construir uma muralha barrando-lhes o caminho; ela passava entre duas ravinas escarpadas, separadas por uma colina íngreme chamada Acráion Lepas. No dia seguinte os atenienses prosseguiram, e a cavalaria e os lanceiros siracusanos, em grande número, tentavam impedir a sua marcha por ambos os lados da formação, crivando-os de dardos e cavalgando em seus flancos. Durante muito tempo os atenienses sustentaram o combate, mas finalmente decidiram regressar ao acampamento do dia anterior. Eles já não tinham as mesmas facilidades de abastecimento, pois a cavalaria inimiga não permitia que os soldados se afastassem do grosso da tropa.

79. Na manhã seguinte reiniciaram a marcha cedo, e forçaram caminho no rumo da colina onde havia sido construída a muralha impedindo a passagem. Lá encontraram pouco adiante deles a infantaria inimiga em formação de combate por trás da muralha; ela se compunha de não poucas fileiras de escudos, considerando-se a estreiteza do local. Os atenienses atacaram, tentando tomar a muralha de assalto, mas quando passaram a ser o alvo dos dardos lançados por grande número de soldados inimigos instalados na colina, que era íngreme – a altura em que estavam lhes facilitava a pontaria - sentiram-se incapazes de abrir caminho e resolveram recuar e descansar. Logo após trovejou e choveu, como costuma ocorrer com freqüência no outono; isto agravou ainda mais o abatimento dos atenienses, pois pensaram que o mau tempo também iria contribuir para o seu aniquilamento. Enquanto eles repousavam, Gílipos e os siracusanos destacaram parte de seu exército para construir uma muralha cruzando a linha de marcha na retaguarda dos atenienses, em certo ponto da estrada por onde tinham vindo; estes mandaram um destacamento ao local e impediram o andamento da obra. Em seguida marcharam de volta à planície, onde acamparam. No dia seguinte voltaram a avançar, mas os siracusanos os cercaram e atacaram

[53] Aproximadamente 7,1 km.

por todos os lados, fazendo numerosos feridos; se os atenienses avançavam, eles retrocediam, mas se os primeiros recuavam eles voltavam, atacando sempre as fileiras da retaguarda ateniense, na esperança de poderem levar o pânico a todo o exército com aqueles embates parciais. Combatendo daquela maneira os atenienses resistiram durante muito tempo, e depois de terem avançado cinco ou seis estádios[54] descansaram na planície; os siracusanos por seu turno os deixaram e voltaram para o seu acampamento.

80. Durante a noite, achando as suas tropas em péssima situação, pois já lhes faltavam víveres e muitos soldados haviam sido feridos nos numerosos assaltos efetuados pelo inimigo, Nícias e Demóstenes decidiram fazer tantas fogueiras quantas pudessem e em seguida retirar-se com o exército; desta vez, porém, não iriam pela estrada escolhida anteriormente, mas na direção oposta àquela em que os siracusanos os espreitavam – isto é, em direção ao mar (a propósito, de um modo geral a estrada que seguiam não levaria as tropas a Catana[55], mas ao outro lado da Sicília, na direção de Camarina e Gela e das outras cidades helênicas e bárbaras naquela região). Fizeram, então, numerosas fogueiras e partiram durante a noite. Como acontece, porém, com todos os exércitos, principalmente com os maiores, o terror e o pânico ocorrem com mais freqüência à noite, quando as tropas marcham através de território hostil com o inimigo não muito longe; foi o que se verificou naquela ocasião, levando a confusão às tropas. O contingente de Nícias, por ir na frente, manteve-se unido e se distanciou consideravelmente, mas o de Demóstenes (metade, ou talvez mais, do total), atrasou-se de tal forma que se separou do outro contingente, e prosseguiu assim mesmo em certa desordem. Apesar de tudo as suas tropas atingiram o mar ao surgir a aurora e, seguindo a estrada chamada Elorina, continuaram marchando, com a intenção de, ao atingir o rio Cacíparis[56], segui-lo em direção ao interior, pois esperavam que os sícelos, aos quais haviam mandado mensageiros, viriam ao seu encontro naquela região. Chegando ao rio, porém, lá encontraram um destacamento siracusano ocupado na construção de uma muralha e uma paliçada para bloquear a passagem. De qualquer modo os atenienses forçaram o caminho, atravessaram aquele rio e avançaram em direção a outro – o Erineos[57], pois esta foi a rota aconselhada pelos seus guias.

[54] Cerca de 890m a 1.070m.
[55] Ou seja, ao litoral.
[56] O atual Cassibili.
[57] O atual Cavallata.

81. Quando o dia amanheceu e os siracusanos e seus aliados perceberam que os atenienses haviam ido embora, muitos deles acusaram Gílipos, dizendo que ele havia permitido propositalmente a retirada dos atenienses; saíram apressadamente em perseguição destes e, indo pela estrada que, como puderam perceber facilmente, fora seguida pelo inimigo, conseguiram alcançá-lo aproximadamente na hora do jantar. No momento em que estabeleceram contato com as tropas comandadas por Demóstenes, que estavam muito para trás e marchavam calmamente e sem ordem devido à confusão que as envolveu na noite anterior, lançaram-se sobre elas sem perda de tempo e a batalha começou; a cavalaria siracusana, favorecida pelo isolamento daquelas tropas em relação ao resto do exército, cercou-as e as confinou num mesmo ponto. O destacamento de Nícias estava a cerca de cinqüenta estádios[58] adiante, pois ele conduzira os seus homens com maior velocidade, convencido de que, naquelas circunstâncias, a salvação seria mais fácil se se retirassem o mais depressa possível, combatendo somente quando fosse inevitável, ao invés de se manterem firmes e se enganarem por iniciativa própria em combate. Mas o destino de Demóstenes era estar às voltas com dificuldades incessantes, e daquela vez ainda, tendo ficado muito para trás na retirada, seria o primeiro a sofrer a pressão do inimigo; à vista dos siracusanos que vinham em sua perseguição, passou a preocupar-se com o arranjo de suas tropas para o combate, em vez de imprimir maior velocidade à retirada, perdendo tempo até ser envolvido pelo inimigo; daí em diante ele e suas tropas se deixaram dominar por enorme confusão. Realmente, amontoadas num local cercado por uma muralha flanqueada de ambos os lados por estradas e com grande número de oliveiras em seu interior, suas tropas se tornaram o alvo de dardos vindos de todas as direções. Não foi sem razão que os siracusanos adotaram a tática de ataques daquele tipo, em vez de combaterem corpo a corpo; com efeito, arriscar suas vidas contra homens desesperados não lhes seria tão vantajoso quanto aos atenienses; julgavam acertadamente que seu sucesso já estava assegurado, e cada um procurava poupar-se, não querendo desperdiçar a vida antes de vê-lo concretizado; todos pensavam que, mesmo daquela maneira e continuando a usar aquela tática, eles dominariam o inimigo e o levariam a capitular.

82. Depois de haverem atacado os atenienses e seus aliados com dardos lançados de todos os lados durante todo o dia, e de os verem finalmente exaustos em conseqüência de ferimentos e de outras provações, Gílipos,

[58] Cerca de 9 km.

os siracusanos e seus aliados fizeram uma proclamação segundo a qual todos os ilhéus que desejassem poderiam passar-se para o seu lado com a garantia de liberdade (algumas cidades – não muitas – aderiram logo). Foi feito um acordo em seguida com todas as tropas restantes sob o comando de Demóstenes mediante o qual, se elas entregassem as armas, ninguém seria morto violentamente, ou em conseqüência de prisão, ou por privação do mínimo necessário à sobrevivência; assim se renderam seis mil soldados, que entregaram também todo o dinheiro em sua posse, lançando-o em escudos virados para cima e enchendo quatro deles; os siracusanos levaram imediatamente aqueles cativos para a cidade. Quanto a Nícias, ele e seus soldados chegaram ao rio Erineos naquele mesmo dia, e depois de atravessá-lo acamparam numa elevação.

83. No dia seguinte os siracusanos foram ao seu encontro e lhe disseram que as tropas comandadas por Demóstenes se haviam rendido, exortando-o a fazer o mesmo; Nícias desconfiou da veracidade da notícia e obteve autorização para mandar um cavaleriano, mediante trégua, para informar-se da situação no local. Este, ao voltar, confirmou que eles se haviam realmente rendido e Nícias, diante do fato consumado, comunicou a Gílipos e aos siracusanos através de um arauto que estava disposto a concordar, em nome dos atenienses, com o pagamento aos siracusanos de uma importância correspondente a todos os gastos deles nesta guerra, sob a condição de deixarem as suas tropas partir de volta; até que o dinheiro lhes fosse entregue ele ofereceria atenienses como reféns, à razão de um homem para cada talento. Gílipos e os siracusanos não aceitaram aquela condição e renovaram os ataques, cercando as tropas atenienses e crivando-as de dardos até o crepúsculo. Elas estavam numa situação desesperadora por falta de víveres e de tudo que lhes era necessário, mas apesar de tantas provações esperaram pela calma da noite, com o intuito de prosseguir em sua marcha. Vendo-os retomar as armas, os siracusanos perceberam a sua intenção e entoaram o peã. Os atenienses sentiram que seus movimentos haviam sido notados e soltaram novamente as armas, à exceção de cerca de trezentos homens, que forçaram a passagem através dos guardas e continuaram a caminhar durante a noite por onde puderam.

84. Às primeiras horas do dia Nícias saiu com suas tropas; os siracusanos e seus aliados continuaram a atacá-las da mesma maneira, lançando dardos contra elas e fustigando-as com suas lanças por todos os lados. Os atenienses

avançaram em direção ao rio Assínaros[59], em parte por pensarem, premidos como estavam pelos ataques por todos os lados de numerosos cavalerianos e de tropas diversas, que estariam em melhor situação se atravessassem o rio, e em parte por causa de seu cansaço e de sua necessidade de beber água. Chegando ao rio, correram para entrar nele, já sem qualquer preocupação com a ordem, cada um mais ansioso por ser o primeiro a atravessá-lo. Ao mesmo tempo a pressão do inimigo tornava a travessia mais difícil, pois, como os atenienses eram obrigados a mover-se em massa, caíam uns sobre os outros e se pisoteavam; alguns pereceram ali mesmo, traspassados por seus próprios dardos, enquanto outros, embaraçando-se nas correias de suas armas, eram levados pela correnteza. Os siracusanos permaneciam na outra margem do rio, mais íngreme, e lançavam dardos sem parar sobre os atenienses, muitos dos quais bebiam avidamente a água do rio, amontoados em confusão no leito abaulado do mesmo. Alguns peloponésios desciam para a beira do rio, junto à água, e degolavam os soldados, especialmente os que estavam dentro do rio. A água logo se tornou turva, mas mesmo assim era bebida, embora lodosa e tinta de sangue, e muitos deles lutavam para consegui-la.

85. Finalmente, quando os mortos[60] jaziam em grande número uns sobre os outros no leito do rio, e o exército havia sido praticamente dizimado, parte no rio e – se alguém conseguia cruzá-lo – parte nas mãos dos cavalerianos siracusanos, Nícias se entregou a Gílipos, confiando mais nele que nos siracusanos; pediu aos siracusanos para fazerem com ele o que quisessem, mas que parassem de matar os soldados restantes. Diante do pedido, Gílipos finalmente deu ordem aos seus soldados para que passassem a fazer prisioneiros, e todos os sobreviventes aos quais os siracusanos não haviam dado destino ignorado – e estes eram muitos – foram levados vivos, em massa, para Siracusa. Mandaram também seus soldados em perseguição aos trezentos homens que haviam aberto passagem através dos guardas na noite anterior e os capturaram. A parte do exército que pôde ser reunida para tornar-se propriedade da cidade não era grande, mas os capturados secretamente pelos soldados siracusanos eram numerosos, e toda a Sicília ficou cheia deles, principalmente porque não tinham sido aprisionados mediante rendição, como aconteceu com as tropas de Demóstenes. Além disto,

[59] O atual Falconara, também chamado Fiume di Noto.
[60] Tucídides não menciona as perdas naquele local, mas Diódoro Sículo (capítulo 19 do livro XIII) alude a 18.000 mortos e 7.000 prisioneiros.

um número nada pequeno de soldados foi morto, pois a matança no rio havia sido enorme – na realidade, em nada inferior a qualquer outra ocorrida nesta guerra da Sicília. Também nos outros combates freqüentes travados durante a marcha não poucos perderam a vida. Apesar de tudo muitos escaparam, alguns naquela ocasião, outros depois, tornando-se escravos e fugindo posteriormente (o refúgio para estes era Catana).

86. Então as forças dos siracusanos e de seus aliados se reuniram, trazendo com elas tantos cativos quantos puderam e muitos despojos, e regressaram à cidade. Todos os prisioneiros feitos, atenienses ou seus aliados, foram mandados para o fundo das pedreiras locais, consideradas o lugar mais seguro para guardá-los; Nícias e Demóstenes, todavia, foram executados, embora contra a vontade de Gílipos. Este, com efeito, pensou que praticaria mais uma ação gloriosa, após seus outros sucessos, se pudesse levar consigo os comandantes inimigos para a Lacedemônia. Aconteceu, porém, que um deles – Demóstenes – era visto pelos lacedemônios como seu pior inimigo, devido aos acontecimentos na ilha e em Pilos; o outro, também por causa de Pilos, merecia a sua maior consideração. Realmente, Nícias propugnou com veemência[61] pela libertação dos lacedemônios aprisionados na ilha, quando insistiu com os atenienses para fazerem a paz. Por estas razões os lacedemônios mostraram uma atitude amistosa para com ele, e este foi um dos principais motivos pelos quais Nícias se rendeu a Gílipos, no qual confiava. Dizem, porém, que alguns siracusanos estavam receosos, por terem mantido contatos com Nícias, de que no caso de ele ser submetido a torturas[62] pudessem surgir problemas para eles, com riscos para o seu sucesso presente; outros, principalmente entre os coríntios, temiam que, por ser muito rico, ele pudesse escapar mediante suborno, trazendo-lhes novas dificuldades; foram estas pessoas que persuadiram os siracusanos e seus aliados a matá-lo. Por estas razões, então, ou por razões muito parecidas com estas, os siracusanos mataram Nícias, o homem que entre todos os helenos de meu tempo menos merecia sofrer aquela desventura, pois todo o curso de sua vida foi inteiramente orientado pelos ditames da virtude.

87. Os prisioneiros nas pedreiras foram tratados inicialmente com muita dureza pelos siracusanos. Confinados como estavam em grande número num fosso estreito, e sendo o local descoberto, a princípio o sol e o calor

[61] Veja-se o capítulo 16 do livro V.
[62] E fizesse revelações sobre os contatos.

sufocante os castigavam; depois as noites outonais eram frias e as mudanças de temperatura causavam doenças. Como se isto não bastasse, por falta de espaço eles tinham de fazer tudo no mesmo lugar; pior ainda, os cadáveres eram amontoados quando os prisioneiros morriam em conseqüência dos ferimentos, das mudanças de temperatura ou causas semelhantes, ocasionando um mau cheiro insuportável. Ao mesmo tempo eles eram atormentados pela fome e pela sede, pois durante oito meses os siracusanos deram apenas oito cotilas de água e duas cotilas de alimento[63] por dia a cada um deles; em suma, de todos os males a que podiam estar sujeitos homens naquela situação, nenhum lhes faltou. Eles viveram setenta dias estritamente naquelas condições, até serem vendidos em sua totalidade, exceto os atenienses e os siceliotas e os italiotas que se haviam juntado à expedição. O número total de prisioneiros, embora seja difícil determinar com precisão, não era inferior a sete mil em hipótese alguma.

Este evento foi o maior de todos desta guerra e, segundo me parece, de todos os eventos helênicos de que há registro – o mais brilhante para os vencedores e o mais funesto para os vencidos. Estes, derrotados totalmente em todos os sentidos e tendo experimentado as maiores desgraças de um modo geral, sofreram tudo em matéria de desastre, como diz o provérbio; forças terrestres, naus, nada escapou à destruição, e poucos de muitos que eram voltaram a seus lares. Estes foram os acontecimentos na Sicília.

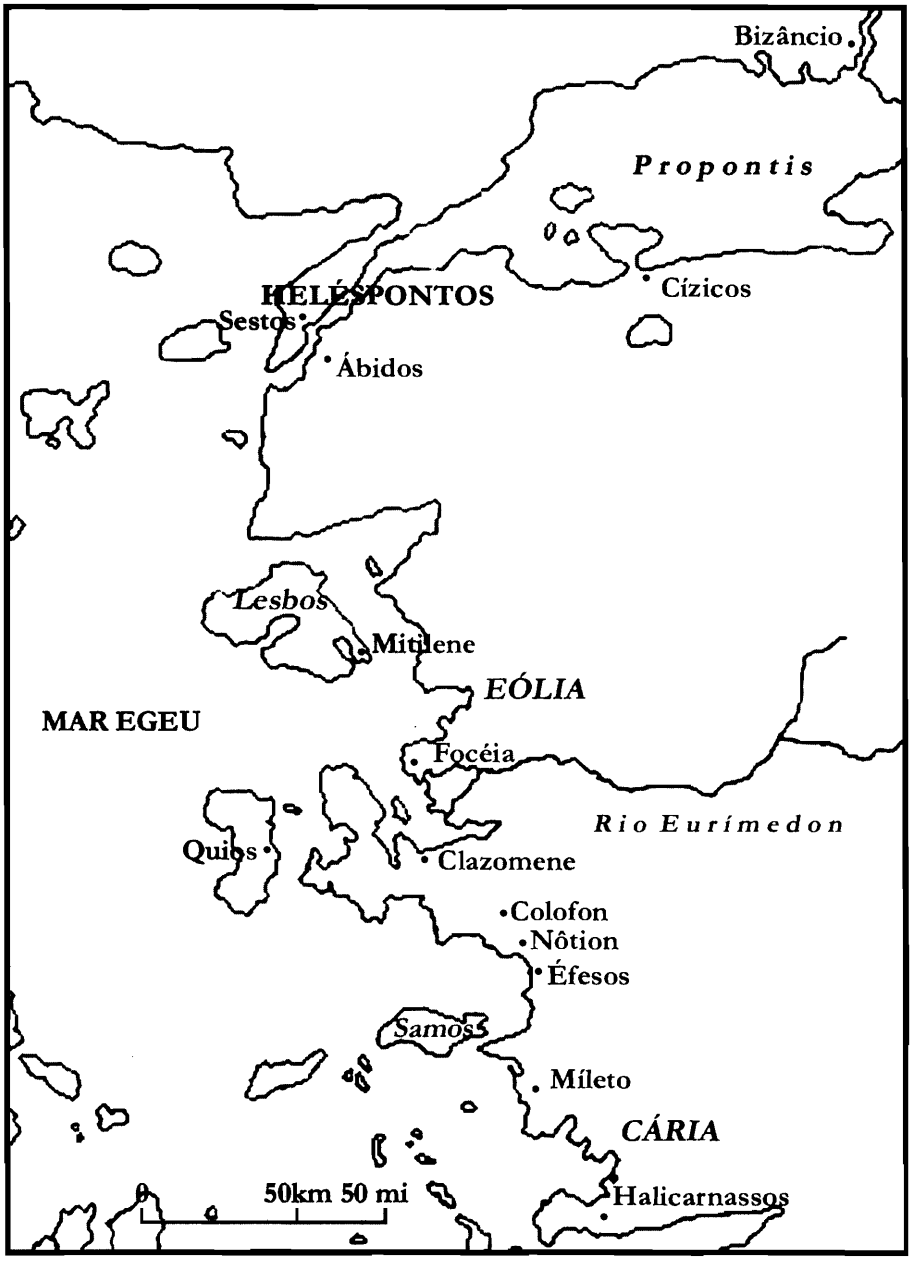
[63] Respectivamente cerca de dois litros d'água e 540 gramas de alimentos.

LIVRO OITAVO

1. Quando Atenas recebeu a notícia, durante muito tempo ficou incrédula, mesmo diante de soldados que, sobrevivendo aos próprios acontecimentos, fugiram e trouxeram informações autênticas; os atenienses não podiam crer na destruição total de suas forças. Afinal se convenceram do desastre e se mostraram indignados com os oradores que haviam defendido o envio da expedição, como se eles mesmos não tivessem votado a favor dela; encolerizaram-se também com os intérpretes de oráculos e todos aqueles que naquela ocasião os tinham levado com suas profecias a considerar viável a conquista da Sicília. Tudo ia mal para eles em toda parte, e diante do impacto daquele acontecimento deixaram-se dominar por um medo e uma consternação enormes. Com efeito, perdendo cada um e a cidade toda tantos hoplitas e cavalerianos e uma juventude inteira que não viam como substituir, ficaram aniquilados; além do desastre em si, não viam nas docas naus suficientes, nem dinheiro no tesouro, nem tripulações para as naus, e isto os deixava desesperados de salvação. Pensavam que seus inimigos na Sicília viriam com sua frota diretamente para o Pireu, principalmente após haverem obtido uma vitória como aquela, e que seus inimigos mais próximos, agora com as forças duplicadas e preparados sob todos os aspectos, iriam atacá-los imediatamente com todo o seu poderio por terra e por mar, com a ajuda de seus próprios aliados que se rebelariam e se juntariam a eles. Apesar de tudo parecia-lhes que, tanto quanto a situação permitisse, não deveriam entregar-se, e sim preparar uma frota, conseguindo dinheiro e madeira onde pudessem, além de tomar medidas de segurança junto aos seus aliados, sobretudo na Eubéia; finalmente, teriam de reduzir sensatamente as despesas da cidade a um nível suportável em face de sua situação econômica, e designar uma comissão de cidadãos mais idosos para preparar medidas a serem imediatamente adotadas em vista das circunstâncias. Em suma, fizeram o que o povo costuma fazer: premidos pelo pânico, estavam afinal dispostos a agir disciplinadamente. E tal como pensaram, assim fizeram, e o verão terminou.

2. No inverno subseqüente[1], diante do enorme desastre com os atenienses na Sicília todos os helenos passaram a mostrar-se excitados. Alguns, não aliados a qualquer das partes, pensaram que, mesmo não sendo chamados a

[1] Em 413 a.C.



ÁSIA MENOR OCIDENTAL

ajudar, já não deveriam permanecer alheios à guerra; cumpria-lhes marchar espontaneamente contra os atenienses, pois todos acreditavam que estes, se bem-sucedidos na Sicília, viriam contra eles; pensavam também que o resto da guerra seria mais curto e que a participação nela lhes traria glórias. Os aliados dos lacedemônios, por seu turno, estavam ainda mais animados, movidos pela ansiedade de se verem livres de suas grandes dificuldades. Os súditos de Atenas, principalmente, mostravam-se dispostos a rebelar-se contra ela, mesmo sem ponderar sobre suas forças, pois julgavam a situação sob a influência da excitação do momento, e não consideravam os atenienses de forma alguma capazes de se sustentarem sós sequer até o próximo verão. A cidade dos lacedemônios estava encorajada por todos aqueles fatores, especialmente porque seus aliados na Sicília muito provavelmente viriam juntar-se a eles com forças numerosas no início da primavera, pois a necessidade os havia compelido a constituir uma frota. Cheios de otimismo por todas as razões, resolveram dedicar-se decisivamente à guerra, calculando que quando ela terminasse com sua vitória, ficariam livres daí em diante dos perigos aos quais estariam expostos se os atenienses tivessem adicionado os recursos da Sicília aos seus; derrotando-os, exerceriam seguramente a hegemonia sobre toda a Hélade.

3. Conseqüentemente Ágis, seu rei, partiu em seguida de Decêleia, ainda naquele inverno, e arrecadou dinheiro entre os aliados para o sustento da frota; tomando a direção do golfo Málio, ele confiscou a maior parte dos rebanhos dos eteus, por causa de uma antiga inimizade[2], e obteve recursos em dinheiro com sua venda. Compeliu também os aqueus da Ftiótida e outros súditos dos tessálios naquela região a lhe darem reféns e dinheiro, apesar dos protestos e oposição dos tessálios; deixou em seguida os reféns em Corinto e tentou trazer os compatriotas dos reféns para a aliança dos espartanos. Ao mesmo tempo os lacedemônios determinaram a construção de cem naus pelas cidades da aliança, fixando a sua própria quota e a dos beócios em vinte e cinco para cada parte, a dos foceus e lócrios em quinze, a dos arcádios, pelênios e siciônios em dez, e a dos megáricos, trezênios, epidáurios e hermiônios em dez. Depois prosseguiram em seus preparativos na expectativa de recomeçar a guerra no início da primavera.

4. Durante o mesmo inverno os atenienses também estiveram preparando-se para construir naus, de acordo com sua decisão, e haviam obtido

[2] Vejam-se os capítulos 92 e seguintes do livro III.

madeira para isto; fortificaram Súnion, com o objetivo de assegurar proteção às suas naus de transporte de grãos quando estivessem contornando o promontório, e abandonaram a fortaleza[3] que haviam construído na Lacônia quando viajavam ao longo da costa do Peloponeso em direção à Sicília; de um modo geral, se parecia haver algum gasto injustificado em qualquer parte onde estivessem instalados eles se retiravam com o intuito de economizar, mas acima de tudo observavam os seus aliados, para impedir defecções.

5. Quando ambos os lados estavam tomando aquelas medidas e preparando-se ativamente para a continuação da guerra, como se ela estivesse apenas começando, os eubeus foram os primeiros, ainda naquele inverno, a enviar embaixadores a Ágis para negociar o seu desligamento da aliança ateniense. Acolhendo suas propostas, ele mandou da Lacedemônia para assumirem o comando da Eubéia Alcamenes filho de Stenelaídas, e Mêlantos, que iriam com trezentos neodamodes[4]. Enquanto Ágis providenciava a sua viagem, chegaram também os lésbios, igualmente dispostos a rebelar-se; considerando que os beócios os apoiavam, Ágis se deixou persuadir a retardar as providências relativas aos eubeus, e passou a tratar da rebelião dos lésbios, dando-lhes como governador militar Alcamenes, que deveria ter navegado para a Eubéia; ao mesmo tempo os beócios lhes prometeram dez naus e Ágis outras dez. Essas negociações haviam sido realizadas sem o conhecimento das autoridades lacedemônias competentes, pois enquanto estivesse aquartelado em Decêleia com suas forças Ágis tinha plenos poderes para mandar tropas aonde quisesse, bem como para convocar tropas e arrecadar dinheiro; de fato, naquela ocasião os aliados de certo modo lhe prestavam mais obediência que aos lacedemônios da cidade, pois como dispunha de suas próprias tropas e podia deslocar-se rapidamente para qualquer lugar, ele inspirava temor. Ao mesmo tempo que Ágis negociava com os lésbios, os quianos e eritreus, também dispostos a rebelar-se, dirigiram-se não a ele, mas à Lacedemônia. Vinha com eles um emissário de Tissafernes, comandante dos territórios costeiros do rei Darios[5] filho de Artaxerxes, pois Tissafernes estava tentando induzir os lacedemônios a intervir em seus territórios, prometendo pagar-lhes os gastos da expedição. Tissafernes tinha feito aquele pedido porque o Rei reclamara havia pouco tempo o pagamen-

[3] Veja-se o capítulo 26 do livro VII.
[4] Vejam-se o capítulo 19 do livro VII e a nota 48 do livro V.
[5] Darios II, que reinou de 423 a 404 a.C.

to de tributos atrasados de sua satrapia, que ele não conseguia receber das cidades helênicas por causa dos atenienses. Ele pensava, então, que se conseguisse enfraquecer ainda mais os atenienses, teria mais possibilidades de receber os tributos; pretendia ao mesmo tempo levar os lacedemônios a aliar-se ao Rei e, de acordo com as ordens deste, capturar ou matar Amorges, filho bastardo de Pissutnes[6], que se havia sublevado na Cária. Conseqüentemente, os quianos e Tissafernes estavam negociando juntos com o mesmo objetivo.

6. Mais ou menos na mesma época chegaram à Lacedemônia o megárico Calígitos filho de Laofon e o ciziceno Timágoras filho de Atenágoras, ambos exilados de suas próprias cidades e vivendo na corte de Farnábazos[7]. Vinham mandados por Farnábazos, com a incumbência de levar naus para o Helespontos, a fim de que ele também, com o mesmo objetivo ansiosamente perseguido por Tissafernes, tivesse meios de levar as cidades de sua satrapia, se possível, a rebelar-se contra os atenienses por causa dos tributos; Farnábazos deveria também esforçar-se pessoalmente por conseguir que os lacedemônios se aliassem ao Rei. Como as duas missões (a de Famábazos e a de Tissafernes) estavam negociando estes assuntos separadamente, havia muita rivalidade na Lacedemônia, pois muitos queriam que fosse dada prioridade à Iônia e a Quios, e outros tantos ao Helespontos, quanto ao envio de naus e tropas. Os lacedemônios estavam muito propensos a aceitar as propostas dos quianos e de Tissafernes, influenciados principalmente por Alcibíades, que era ligado por estreitos laços de hospitalidade decorrentes de tradições de família ao éforo Êndios (foi por este motivo que a família de Alcibíades adquiriu seu nome lacônio, pois o pai de Êndios se chamava Alcibíades). Mas apesar de sua propensão os lacedemônios mandaram antes o perieco Frínis a Quios, para verificar se os quianos dispunham realmente de todas as naus que alegavam, e se também sob outros aspectos a importância da cidade correspondia à sua fama. Quando ele voltou e disse que tinham ouvido a verdade, os lacedemônios se aliaram imediatamente aos quianos e aos eritreus, e votaram no sentido de lhes serem mandadas quarenta naus, pois segundo as informações dos quianos já havia não menos de sessenta lá. Para começar iriam mandar-lhes dez, sob o comando de Melâncridas, seu almirante; depois, por haver ocorrido um terremoto, em vez de Melâncridas mandaram Calcideus, e em vez de dez naus aprontaram

[6] Vejam-se os capítulos 115 do livro I e 31 do livro III.
[7] Sátrapa do território costeiro do Helespontos.

apenas cinco na Lacônia. E com aquele inverno terminou o décimo nono ano da guerra cuja história Tucídides escreveu.

7. No início do verão subseqüente, diante da insistência dos quianos para que lhes mandassem as naus (eles temiam que os atenienses tomassem conhecimento de suas negociações, apesar do segredo mantido em torno delas), os lacedemônios enviaram a Corinto três espartanos, com a missão de transportar as naus através do istmo sem perda de tempo, levando-as do golfo de Corinto até o mar do lado de Atenas, e deram ordens para que toda a frota zarpasse para Quios – as naus que Ágis mandara preparar para Lesbos e todas as outras, ou seja o total de trinta e nove naus para a aliança.

8. Calígitos e Timágoras, representando Farnábazos, não se juntaram à expedição a Quios, nem deram o dinheiro – vinte e cinco talentos[8] – que haviam trazido para o envio da expedição, pois pretendiam preparar outra mais tarde com seus próprios recursos. Ágis, por seu turno, vendo os lacedemônios ansiosos pela ida da expedição primeiro a Quios, não insistiu em um ponto de vista diferente. Por conseguinte, durante a reunião dos aliados em Corinto para deliberarem sobre o assunto foi decidido que iriam primeiro a Quios, sob o comando de Calcideus, encarregado de equipar as cinco naus na Lacônia; depois prosseguiriam para Lesbos, comandados por Alcamenes, que tinha a preferência de Ágis; finalmente, iriam ao Heléspontos, com Clêarcos filho de Ranfias, já nomeado para o comando naquela região. Decidiram, também, transportar através do istmo inicialmente apenas a metade das naus, e estas deveriam zarpar sem demora, para que a atenção dos atenienses não se concentrasse mais nas que estivessem partindo que naquelas a serem transportadas posteriormente através do istmo. Pretendiam fazer a viagem a Quios abertamente, tripudiando sobre a impotência dos atenienses, pois nenhuma frota importante deles havia aparecido até então. Tomada a decisão, transportaram imediatamente vinte e uma naus através do istmo.

9. Os coríntios, porém, apesar da impaciência dos outros pela viagem, não se dispunham a seguir com eles antes de haverem celebrado os jogos Ístmicos, cuja realização seria naquela época. Ágis decidira dar-lhes permissão para a demora, de modo a não violarem a trégua ístmica, e tratou da expedição como se fosse sua iniciativa pessoal. Por causa da recusa dos

[8] O equivalente a cerca de US$ 25.000.

coríntios e do atraso subseqüente os atenienses começaram a perceber melhor as intenções dos quianos; mandaram então Aristócrates, um de seus comandantes, acusá-los de conspiração e, como eles negassem, disseram-lhes para enviarem algumas naus com a frota ateniense como contribuição às forças aliadas, a título de garantia de sua boa fé; os quianos mandaram sete. A razão do envio daquelas naus era que a maior parte dos quianos não tinha conhecimento das negociações, e os oligarcas que estavam conspirando não se dispunham a enfrentar a hostilidade do povo sem terem antes um respaldo sólido; na realidade, já não contavam com a chegada dos peloponésios diante daquele atraso.

10. Nesse ínterim os jogos Ístmicos estavam sendo celebrados, e os atenienses, uma vez proclamada a trégua[9], mandaram representantes aos mesmos, e assim ficaram conhecendo mais claramente os planos dos quianos; após a sua volta tomaram providências para que nenhuma nau saísse de Cencreia sem o seu conhecimento. Depois do festival os peloponésios zarparam para Quios com vinte e uma naus sob o comando de Alcamenes; os atenienses navegaram imediatamente ao seu encontro com igual número de naus, tentando atrai-los para o alto-mar, mas quando observaram que os peloponésios não os haviam seguido até uma distância conveniente, preferindo voltar atrás, também se retiraram, pois tinham em suas fileiras as sete naus quianas e não as consideravam confiáveis. Logo após tripularam outras naus, elevando o seu número a trinta e sete, e perseguiram o inimigo enquanto este navegava ao longo da costa, até alcançá-lo em Píreon, em território coríntio, um porto deserto e o último em direção à fronteira da Epidáuria. Os peloponésios perderam uma nau em alto-mar, mas reagruparam as outras e ancoraram. Seguiu-se um ataque dos atenienses, ao mesmo tempo por mar com suas naus e por terra com tropas desembarcadas, que provocou grande tumulto e desordem; muitas naus peloponésias foram avariadas pelos atenienses na orla marítima e seu comandante Alcamenes foi morto. Os atenienses perderam igualmente alguns homens.

11. Quando as frotas se separaram, os atenienses destacaram uma parte de suas naus suficiente para vigiar o inimigo, ancoraram as restantes numa ilhota não muito distante, na qual fizeram o seu acampamento, e mandaram

[9] Durante a trégua observada por ocasião das principais competições atléticas entre os helenos-as Olimpíadas, as Ístmicas, as Neméias e as Píticas - eram suspensas as atividades bélicas, e os beligerantes podiam mandar competidores e delegados às mesmas.

mensageiros a Atenas para pedir reforços. O pedido foi feito porque os coríntios se haviam juntado aos peloponésios no dia seguinte à batalha, trazendo reforços à sua frota, e não muito tempo depois chegaram mais naus dos outros vizinhos do Peloponeso. Os peloponésios, sentindo a dificuldade de abrigar-se com as naus em um local deserto, ficaram desconcertados; chegaram a pensar em pôr fogo às suas, mas depois resolveram içá-las para a orla marítima e, instalando na região suas forças de terra, ficaram de guarda até que se lhes oferecesse uma oportunidade para escaparem. Recebendo notícias de suas dificuldades, Ágis mandou o espartano Têrmon para ajudá-los. A primeira notícia chegada aos lacedemônios dizia que as naus haviam partido do istmo – Alcamenes recebera ordens dos éforos para despachar um cavaleriano logo que isto acontecesse – e eles pretendiam mandar imediatamente suas cinco naus sob o comando de Calcideus, acompanhado por Alcibíades; posteriormente, quando estavam ansiosos por zarpar, chegaram as notícias de que suas naus tinham sido forçadas a abrigar-se em Píreon; desencorajados porque sua primeira tentativa de levar a guerra à Iônia havia fracassado, desistiram dos planos de mandar outras naus disponíveis em seus portos, e até pensaram em chamar de volta algumas que haviam zarpado anteriormente.

12. Alcibíades, tomando conhecimento daqueles fatos, insistiu novamente com Êndios e os outros éforos para não desistirem da expedição, dizendo-lhes que sua frota completaria a viagem antes dos quianos tomarem conhecimento do problema com as outras naus; ele mesmo, quando chegasse à Iônia, persuadiria facilmente as cidades a revoltar-se, falando-lhes da fraqueza dos atenienses e do entusiasmo dos lacedemônios, e elas lhe dariam mais crédito que a qualquer outro. A Êndios em particular ele disse que seria uma honra para o mesmo provocar com suas gestões a defecção da Iônia e fazer do Rei um aliado dos lacedemônios, instando-o a não deixar que isto viesse a ser uma conquista de Ágis, com o qual Êndios tinha divergências[10]. Conseguindo persuadir Êndios e os outros éforos, Alcibíades zarpou com cinco naus em companhia do lacedemônio Calcideus, viajando com a maior velocidade possível.

13. Mais ou menos na mesma época as dezesseis naus peloponésias que tinham servido com Gílipos na Sicília durante a guerra estavam voltan-

[10] Segundo Plutarco, *Alcibíades,* capítulo 23, havia suspeitas de um caso amoroso entre Êndios e a mulher de Ágis.

do. De passagem pela costa da Leucádia, elas foram interceptadas e seriamente avariadas pelas vinte e sete naus atenienses sob o comando de Hípocles filho de Mênipos, que estava à espreita de naus vindas da Sicília, mas todas à exceção de uma afinal escaparam aos atenienses e seguiram para Corinto.

14. Em sua viagem para Quios, Calcideus e Alcibíades capturavam todos os navegantes que encontravam, para evitar indiscrições a respeito de sua aproximação. Sua primeira escala no continente foi em Córicos[11], onde libertaram os cativos; após conferenciarem com alguns quianos que estavam colaborando com eles, dos quais receberam o pedido de chegar à cidade sem dar qualquer notícia, eles aportaram em Quios de surpresa. O povo em geral ficou perplexo e consternado, mas os oligarcas haviam tomado medidas para que o Conselho estivesse reunido; Calcideus e Alcibíades pronunciaram discursos comunicando que muitas outras naus estavam a caminho, mas não revelaram o bloqueio de sua frota em Píreon; então os quianos se rebelaram contra Atenas, e logo após, os eritreus fizeram o mesmo. Em seguida três naus foram destacadas da frota e levaram a rebelião a Clazomene. Os clazomênios atravessaram imediatamente para o continente e fortificaram Policne, para a eventualidade de terem de retirar-se da pequena ilha em que viviam. Pouco tempo depois estes povos recém-revoltados começaram a construir fortificações, preparando-se para a guerra.

15. As notícias da rebelião em Quios chegaram rapidamente a Atenas, e seus habitantes sentiram que o perigo que os ameaçava era grande e manifesto, e que os demais aliados não se disporiam a ficar tranqüilos após a reviravolta ocorrida na cidade mais importante da região. Diante daquele fato, os mil talentos[12] que se haviam comprometido a deixar intactos durante a guerra foram liberados imediatamente, e sob a influência de sua consternação os atenienses revogaram as penalidades estipuladas em lei contra qualquer orador que propusesse o uso daquele dinheiro, ou contra qualquer autoridade que submetesse o assunto a votação, aprovando a destinação daqueles fundos ao preparo de um número considerável de naus. Aprovaram, também, mediante votação, que das naus engajadas no bloqueio de Píreon as oito que, deixando o serviço de guarda haviam saído em perseguição de Calcideus e de sua frota, mas voltaram ao seu porto sem haver conseguido derrotá-los (comandava-as Strombiquides filho de Diótimos),

[11] No extremo sul da península Eritréia, a cerca de 65 km de Quios.
[12] Equivalentes a cerca de US$ 1.000.000; veja-se o capítulo 24 do livro II.

seriam enviadas imediatamente para Quios, e logo após doze outras sob o comando de Trásicles deixariam o bloqueio e também iriam para lá. Quanto às sete naus quianas que os ajudavam no bloqueio da frota em Píreon, retiraram-nas de lá, libertando os escravos em serviço a bordo das mesmas e acorrentando os homens livres. Em substituição às naus retiradas, tripularam rapidamente outras tantas e mandaram-nas para continuar o bloqueio dos peloponésios; pretendiam ainda tripular mais trinta. Seu empenho era realmente grande, e nada havia de banal em seus esforços para enviarem reforços contra Quios.

16. Ao mesmo tempo Strombiquides chegou a Samos com suas oito naus. De lá, após obter uma nau sâmia adicional, zarpou para Téos, onde pediu aos habitantes que permanecessem quietos. Naquela ocasião, porém, Calcideus veio de Quios para Téos com vinte e três naus contra ele, e simultaneamente as forças terrestres dos clazomênios e eritreus começaram a deslocar-se pela costa. Strombiquides notou a tempo os movimentos do inimigo e zarpou prontamente; quando chegou em alto-mar e viu o grande número de naus vindas de Quios retirou-se na mesma hora a plena velocidade em direção a Samos, enquanto o inimigo o perseguia. Os téios a princípio não receberam as forças de terra, mas diante da fuga dos atenienses eles as introduziram na cidade. Essas tropas aguardaram durante algum tempo, na expectativa de que Calcideus viria juntar-se a elas após a perseguição; como, porém, ele tardasse, começaram por sua própria conta a demolir a fortificação que os atenienses haviam construído na parte continental da cidade de Téos; foram ajudados naquela tarefa por algumas tropas bárbaras recém-chegadas sob o comando de Stages, lugar-tenente de Tissafernes.

17. Calcideus e Alcibíades, após perseguirem Strombiquides até Samos, armaram como hoplitas os marinheiros das naus peloponésias e os deixaram em Quios, substituindo em seguida os tripulantes por recrutas de Quios; tripularam ainda vinte naus adicionais e zarparam para Míletos com o intuito de levá-la a rebelar-se. De fato, Alcibíades, por ser amigo dos homens mais importantes de Míletos, desejava obter o apoio daquela cidade antes da chegada das naus peloponésias, cumprindo assim a promessa[13] de garantir para os quianos, para si mesmo, para Calcideus e para Êndios – o promotor da expedição – o mérito de haverem, conjuntamente com as forças de Quios e Calcideus, levado a rebelião ao maior número possível de cida-

[13] Veja-se o capítulo 12 deste livro.

des. Com este objetivo eles fizeram a maior parte da viagem despercebidos, anteciparam-se por pouco à vinda de Strombiquides e Trásicles (eles haviam acabado de chegar de Atenas com doze naus e tinham participado da perseguição) e levaram Míletos a rebelar-se. Os atenienses os seguiram de perto com dezenove naus e, como os milésios não os recebessem, foram ancorar em Lade, ilha fronteira a Míletos, de onde ficariam vigiando-a. Naquele momento, imediatamente após a rebelião de Míletos, foi concluída a primeira aliança entre os lacedemônios e o Rei, por intermédio de Tissafernes e Calcideus, nos seguintes termos:

18. "Os lacedemônios e seus aliados concluíram uma aliança com o Rei e Tissafernes nas seguintes condições:

"Quaisquer territórios e cidades dominadas agora pelo Rei e que seus pais e avós dominavam, pertencerão ao Rei. Todo o dinheiro e tudo mais que era tirado destas cidades pelos atenienses deixará de sê-lo por intervenção conjunta do Rei, dos lacedemônios e de seus aliados, para que os atenienses não mais recebam dinheiro ou qualquer valor das mesmas.

"A guerra contra os atenienses será conduzida em comum pelo Rei e pelos lacedemônios e seus aliados; não se terminará a guerra contra os atenienses sem o consentimento das duas partes, ou seja, o Rei e os lacedemônios e seus aliados.

"Se alguém se revoltar contra o Rei será considerado inimigo dos lacedemônios e de seus aliados, e se alguém se revoltar contra os lacedemônios e seus aliados será da mesma forma inimigo do Rei".

19. Esta foi a aliança concluída. Imediatamente depois de sua conclusão os quianos tripularam mais dez naus e zarparam para Âneia[14], desejosos de conhecer a situação em Míletos e ao mesmo tempo induzir outras cidades à defecção. Chegou, porém, uma mensagem de Calcideus ordenando-lhes que voltassem, pois Amorges logo chegaria por terra com um exército; diante disto eles navegaram para o templo de Zeus[15]. De lá puderam ver uma nova frota, composta de dezesseis naus e comandada por Diomédon, que vinha de Atenas em seguida à de Trásicles; à vista daquelas naus fugiram para Éfesos em uma das naus, enquanto as outras se dirigiram a Téos. Quatro naus vazias foram capturadas pelos atenienses, depois das tripulações haverem escapado por terra; as outras cinco se refugiaram no porto da cidade

[14] No continente, em frente a Quios.
[15] Entre Lêbedos e Colofon.

de Téos. Os atenienses navegaram então para Samos, e os quianos, zarpando com o resto de suas naus e agindo em conjunto com as forças de terra, induziram primeiro Lêbedos e em seguida Herás a rebelar-se. Em seguida todos voltaram às suas cidades, tanto as forças de terra quanto as naus.

20. Aproximadamente na mesma época as vinte naus peloponésias em Píreon, que haviam sido acossadas para a orla marítima na época antes mencionada[16] e estavam bloqueadas por igual número de naus atenienses, saíram de surpresa e, obtendo a vitória em combate, capturaram quatro naus atenienses; navegaram então de volta a Cencreia, onde prosseguiram nos preparativos para a viagem a Quios e à Iônia. Astíocos veio da Lacedemônia ao encontro das mesmas, agora investido no comando de toda a frota na qualidade de almirante.

Em seguida à retirada das forças terrestres de Téos, Tissafernes chegou lá em pessoa com um exército, demoliu o resto da fortificação local e depois se retirou. Após a sua partida Diomédon, que chegara um pouco tarde com dez naus atenienses, concluiu um acordo com os téios para que também o recebessem. Mais tarde navegou ao longo da costa para Herás, e após investir sem sucesso contra a cidade partiu de volta.

21. Ocorreu também naquela época em Samos o levante do povo contra a classe dominante, com a ajuda dos atenienses que ainda estavam lá com três naus. A facção popular matou cerca de duzentos dos principais expoentes das classes dominantes e, condenando ao exílio outros quatrocentos, distribuiu suas terras e casas entre o povo. Depois destes acontecimentos os atenienses concederam autonomia aos sâmios, por se considerarem agora mais seguros de sua fidelidade, e o povo passou a exercer o governo da cidade, sem conceder quaisquer direitos aos donos das terras; além disto não permitiram daí em diante que qualquer elemento do povo lhes desse filhas em casamento ou escolhesse suas mulheres nas famílias deles.

22. Ainda no curso do mesmo verão os quianos continuavam a agir; seus esforços para provocar a defecção de outras cidades não diminuíam, mesmo sem contar com os lacedemônios, pois queriam enfrentar o perigo com o maior número possível de aderentes. Com este propósito eles partiram em uma operação conjugada com treze naus contra Lesbos – o segundo objetivo previsto pelos lacedemônios antes de chegarem ao Heléspontos

[16] Veja-se o capítulo 10 deste livro.

partindo de lá – enquanto as forças de terra dos peloponésios presentes e de seus aliados locais avançavam pela costa em direção a Clazomene e Cime; estas forças eram comandadas pelo espartano Eualas e a frota pelo perieco[17] Diníades. A frota ancorou primeiro em Mêtimna e induziu-a a rebelar-se; quatro naus ficaram lá e as restantes prosseguiram para provocar a rebelião de Mitilene.

23. Nesse ínterim Astíocos, o almirante lacedemônio, zarpou com quatro naus de Cencreia, de acordo com seus planos, e chegou a Quios. No terceiro dia após a sua chegada as vinte e cinco naus atenienses partiram para Lesbos, sob o comando de Lêon e Diomédon (Lêon havia chegado depois de Diomédon trazendo de Atenas um reforço de dez naus). No mesmo dia, porém mais tarde, Astíocos zarpou e, levando além das suas uma nau quiana, seguiu para Lesbos, a fim de prestar a ajuda possível. Ele chegou a Pirra e partiu de lá no dia seguinte para Éresos, onde soube da tomada de Mitilene pelos atenienses na primeira tentativa. De fato, os atenienses, aparecendo de surpresa, entraram imediatamente no porto, dominaram as naus de Quios, desembarcaram em seguida e conquistaram a cidade após derrotar em combate os que resistiram. Astíocos tomou conhecimento do evento através dos erésios e de naus quianas chegadas de Mêtimna com Êubulos – as naus deixadas para trás na ocasião antes referida[18] e que agora se haviam encontrado com ele em sua fuga após a captura de Mitilene, em número de três, pois uma tinha sido capturada pelos atenienses – e desistiu da ida a Mitilene; em compensação induziu Éresos a rebelar-se e lhe forneceu armas; em seguida mandou os homens de suas naus por terra, pela costa, para Ântissa e Mêtimna, pondo Eteônicos no comando deles. Ele mesmo saiu navegando ao longo da costa com sua própria nau e mais três quianas, na esperança de que os metimneus se sentissem encorajados vendo a sua flotilha e levassem avante a sua rebelião. Como, porém, tudo em Samos estava indo contra a sua expectativa, ele recolheu os hoplitas a bordo e viajou de volta a Quios. Da mesma forma as tropas de infantaria aliadas, que deveriam ir ao Helespontos voltaram às suas respectivas cidades. Depois disto, seis naus de aliados do Peloponeso que estavam em Cencreia foram juntar-se a eles em Quios. Os atenienses, de seu lado, restabeleceram em Lesbos a situação anterior e, partindo de lá, capturaram Policne[19], a colônia clazomênia no continente que estava sendo fortificada, levando de volta para a cidade na ilha todos os habitantes, salvo

[17] Veja-se a nota 89 do livro I.
[18] Veja-se o capítulo 22 deste livro.
[19] Veja-se o capítulo 14 deste livro.

os mentores da rebelião, que se haviam retirado para Dafnos. Assim Clazomene voltou à aliança ateniense.

24. Durante o mesmo verão os atenienses estacionados em Lade com suas naus para vigiar Míletos desembarcaram em Pânormos, em território milésio, e mataram Calcideus, o comandante lacedemônio, que tinha chegado lá com uns poucos homens; dois dias depois eles voltaram em suas naus e ergueram um troféu, que os milésios destruíram pretextando que os atenienses não dominavam a região quando o ergueram. Leôn e Diomédon, por seu turno, começaram a atacar os quianos por mar com as naus atenienses de Lesbos, partindo simultaneamente das ilhas Enussas, situadas em frente a Quios, de Sidussa e de Ptelêon, fortalezas instaladas por eles em território eritreu, e também de Lesbos; levaram a bordo, como marinheiros, hoplitas das listas de serviço militar em recrutamento antecipado. Desembarcando em Cardamile, venceram em Bôliscos os quianos vindos para enfrentá-los e mataram muitos deles, além de devastarem as colônias da região; ganharam também outra batalha em Farias, e uma terceira em Leucônion. Depois destes sucessos os quianos não vieram mais enfrentá-los, mas os atenienses devastaram o seu território, com suas propriedades bem cuidadas, que não haviam sido danificadas desde a guerra com os persas até aquela ocasião. Na verdade, além dos lacedemônios só os quianos, de todos os povos que conheci, tinham sido ao mesmo tempo prósperos e prudentes, e à proporção que sua cidade crescia imprimiam cada vez mais ordem ao seu governo. Mesmo em relação a essa revolta – se alguém acha que eles não tomaram a atitude mais segura – só se aventuraram a fazê-la quando tiveram a certeza de que iriam expor-se ao perigo conjuntamente com muitos e bravos aliados, e quando perceberam que nem os próprios atenienses, após o desastre siciliano, poderiam negar que sua situação era fora de qualquer dúvida extremamente má. Se foram vítimas de um desses erros de avaliação freqüentes na vida dos homens, cometeram-no juntamente com muitas outras cidades que tinham a mesma opinião, pois presumiram que o poder dos atenienses desmoronaria dentro de pouco tempo. Agora, porém, que o mar lhes estava fechado e suas terras devastadas, alguns deles tentavam trazer a sua cidade de volta aos atenienses. Seus governantes perceberam aquela intenção, mas preferiram não agir diretamente e chamaram o almirante lacedemônio Astíocos, estacionado na época em Eritras com suas quatro naus, para pôr fim à conspiração, pois eles mesmos pensavam em meios mais moderados, como apoderar-se de reféns ou outros do mesmo gênero. Era esta a situação em Quios.

25. No fim do mesmo verão saíram de Atenas para Samos mil hoplitas atenienses e mil e quinhentos argivos - os atenienses haviam fornecido armas pesadas a quinhentos argivos das tropas ligeiras – juntamente com outros mil dos aliados. Estas tropas foram levadas em quarenta e oito naus, algumas das quais eram de transporte, todas comandadas por Frínicos, Onômacles e Cironides. De Samos eles atravessaram para Míletos e acamparam lá, mas o inimigo marchou contra eles – os próprios milésios, num total de oitocentos hoplitas, os peloponésios vindos com Calcideus e um corpo de mercenários arregimentados por Tissafernes, juntamente com o próprio Tissafernes, presente com sua cavalaria – e entrou em combate com os atenienses e seus aliados. Os argivos, na ala em que estavam, atacaram pronta e impetuosamente, antecipando-se às tropas restantes; avançaram em certa desordem, subestimando os seus oponentes por serem iônios e supondo que não resistiriam ao ataque, mas foram derrotados pelos milésios e pouco menos de trezentos deles foram mortos. Os atenienses, porém, depois de vencerem os peloponésios e obrigarem os bárbaros e a massa heterogênea de outras tropas a recuarem, pararam finalmente, como se já fossem vitoriosos, perto da própria cidade; eles ainda não tinham enfrentado os milésios, que depois de derrotarem os argivos se haviam retirado para o interior da cidade. Naquela batalha, portanto, os iônios venceram os dórios em ambos os lados, pois os atenienses tinham derrotado os peloponésios, seus oponentes, e os milésios haviam vencido os argivos. Os atenienses, após erguerem um troféu, fizeram preparativos para isolar com uma muralha aquela região, que tinha a forma de um istmo, considerando que, se pudessem trazer os milésios de volta para o seu lado, as outras cidades os seguiriam prontamente.

26. Nesse ínterim, quando já se aproximava o crepúsculo, chegaram-lhes notícias de que as cinqüenta e cinco naus dos peloponésios e da Sicília estavam quase chegando lá. Com efeito, os siceliotas, pressionados principalmente pelo siracusano Hermôcrates para participarem da destruição do que ainda restava das forças atenienses, tinham vindo com vinte naus siracusanas e duas selinúntias, além das outras dos peloponésios, que estes vinham equipando e afinal estavam prontas; ambas as flotilhas estavam sob o comando do lacedemônio Terímenes, com ordens para entregá-las ao almirante Astíocos. Terímenes ancorou primeiro em Leros, ilha fronteira a Míletos; de lá, após haver descoberto que os atenienses já estavam em Míletos, ele navegou para o golfo Iásico, desejoso de informar-se da situação em Míletos. Quando Alcibíades chegou a cavalo de Tiquíussa, um lugar no território milésio situado na

parte do golfo para a qual ele havia navegado e onde estava acampado com seus homens, Terímenes tomou conhecimento da batalha, pois Alcibíades estivera presente e lutara juntamente com os milésios e Tissafernes. Ele o aconselhou, então, se não quisesse arruinar a situação na Iônia e toda a sua causa, a ajudar Míletos com a maior presteza, e a não permitir que ela fosse isolada.

27. Diante disto eles se dispunham a partir às primeiras horas do dia para ajudá-los. Embora seus colegas quisessem esperar e travar uma batalha decisiva, o comandante ateniense Frínicos, ao receber informações precisas sobre a frota inimiga, declarou que não faria aquilo e, até onde fosse o seu poder, não permitiria que eles ou quaisquer outros o fizessem. Sendo possível esperar para combater mais tarde, depois de se prepararem calma e adequadamente e de estarem de posse de informações completas quanto ao número das naus inimigas a enfrentar e de saber quantas seriam as suas próprias, jamais iria arriscar-se impensadamente, disse ele, cedendo diante do receio de eventuais acusações de comportamento desonroso. Não seria desonroso para os atenienses, acrescentou, recuar oportunamente diante de uma frota; muito mais desonroso seria se em quaisquer circunstâncias fossem derrotados e tivessem de entregar-se. A cidade seria não somente atingida pela desonra, mas se exporia também a um perigo enorme, pois após os desastres recém-sofridos, dificilmente seria admissível que, mesmo perfeitamente preparada, ela tomasse a iniciativa de qualquer cometimento, salvo em caso de absoluta necessidade; com muito mais razão seria inadmissível ir ela mesma à procura de perigos sem ser inelutavelmente forçada a isto. Exortou-os, então, a recolherem os feridos, levando todas as suas forças e todo o material trazido (lá ficariam os despojos tomados ao inimigo, para que as naus ficassem mais leves), e a zarparem de volta a Samos, de onde sairiam com todas as naus reunidas para atacar quando fosse realmente oportuno. O que ele falou foi feito. Por isto, não só naquele momento mas dali em diante, e não apenas em relação àquela decisão, mas de um modo geral em quaisquer outras situações em que se viu envolvido, Frínicos demonstrou que não lhe faltava inteligência. Desta maneira os atenienses se retiraram de Míletos logo após o anoitecer, deixando sua vitória incompleta; os argivos, às pressas e furiosos com sua derrota, partiram de Samos para as suas respectivas cidades.

28. Ao surgir a aurora os peloponésios levantaram âncoras de Tiquíussa e entraram no porto; ficaram lá um dia e no dia seguinte, com sua frota

reforçada pelas naus quianas que haviam sido perseguidas até o porto sob o comando de Calcideus[20], resolveram ir buscar em Tiquíussa o material deixado lá. Quando ancoraram, Tissafernes, recém-chegado com suas forças terrestres, persuadiu-os a zarparem contra Íasos, então ocupada por seu inimigo Amorges. A frota realizou um ataque súbito contra Íasos e a conquistou, pois os habitantes pensaram que as naus só podiam ser atenienses; naquela ação os siracusanos foram muito elogiados. Amorges foi capturado vivo pelos peloponésios e entregue a Tissafernes para ser levado ao Rei, de acordo com suas ordens[21]; em seguida as tropas saquearam Íasos, apoderando-se de muitos objetos de valor, pois o lugar era opulento de longa data. Os mercenários a serviço de Amorges foram confinados em seu próprio acampamento, e sem sofrer qualquer violência foram incorporados às forças vitoriosas, pois em sua maior parte eram do Peloponeso. Entregaram o lugar a Tissafernes, juntamente com todos os prisioneiros, tanto escravos como homens livres, concordando em aceitar dele um estáter dárico[22] por cada um deles; depois se retiraram para Míletos. Pedáritos filho de Lêon, mandado pelos lacedemônios para ser governador de Quios, foi enviado por terra até Eritras comandando os mercenários de Amorges, e Fílipos foi nomeado governador de Míletos. E assim terminou aquele verão.

29. Durante o inverno subseqüente, após haver deixado uma guarnição em Íasos, Tissafernes foi para Míletos, onde distribuiu a todas as naus o pagamento de um mês, como prometera aos lacedemônios, à razão de um dracma ático[23] por dia e por homem; para o futuro, porém, e até que pudesse falar com o Rei, propôs o pagamento de somente três óbolos[24]; se o Rei quisesse, dar-lhes-ia um dracma inteiro. Diante do protesto do comandante siracusano Hermôcrates (Terímenes, que não era almirante e só estava com a frota para entregá-la a Astíocos, fora complacente quanto ao pagamento), chegou-se a um acordo no sentido de distribuir, além dos três óbolos por homem, a soma equivalente a mais cinco naus. Com efeito, Tissafernes estava dando trinta talentos[25] por mês por cinqüenta e cinco naus, e aos homens restantes, na medida em que este número de naus era excedido, o pagamento se efetuava na mesma proporção.

---

[20] Veja-se o capítulo 17 deste livro.
[21] Veja-se o capítulo 5 deste livro.
[22] Moeda persa equivalente a vinte dracmas áticos, ou seja aproximadamente US$ 3,40. O nome da moeda vinha de Darios o Grande.
[23] Equivalente a cerca de 17 centavos de dólar.
[24] Meio dracma.
[25] Equivalentes a cerca de US$ 30.000,

30. Ainda no mesmo inverno, depois de receberem em Samos um reforço de trinta e cinco naus vindas de Atenas sob o comando de Cárminos, Strombiquides e Euctêmon, e reunirem suas naus estacionadas em Quios e todas as outras, os atenienses resolveram bloquear Míletos com a frota e mandar uma flotilha e tropas de infantaria contra Quios, nomeando os comandantes mediante sorteio. Strombiquides, Onômacles e Euctêmon, com trinta naus e parte dos mil hoplitas que haviam ido a Míletos (estes embarcados em naus de transporte), zarparam contra Quios de conformidade com o sorteio, enquanto os outros, ficando em Samos com setenta e quatro naus, dominavam o mar e faziam incursões contra Míletos.

31. Astíocos, que na ocasião estava em Quios tentando obter reféns como precaução contra a conspiração antes mencionada[26], desistiu daquela tarefa diante da notícia de que as naus sob o comando de Terímenes haviam chegado e, portanto, que a situação da aliança peloponésia havia melhorado; zarpou então com dez naus peloponésias[27] e dez quianas, e após atacar Ptelêon sem sucesso continuou navegando ao longo da costa para Clazomene. Lá ele ordenou aos partidários dos atenienses que se retirassem para Dafnos e passassem para o seu lado (a mesma ordem havia sido dada por Tamos, lugar-tenente para a Iônia). Como os habitantes de Clazomene não obedecessem ele atacou a cidade, que não era amuralhada; não conseguindo capturá-la, aproveitou-se do vento para navegar de volta, indo ele mesmo para Focéia e Cime, enquanto as naus restantes ancoraram entre as ilhas fronteiras a Clazomene (Maratussa, Pele e Drimussa). Permaneceram lá durante oito dias por causa dos ventos contrários, e nesse ínterim, saquearam e consumiram grande parte dos produtos armazenados secretamente pelos clazomênios nas ilhas, levando o resto para bordo de suas naus; depois navegaram para Focéia e Cime a fim de juntar-se a Astíocos.

32. Enquanto Astíocos ainda estava em Focéia e Cime, chegaram lá emissários dos lésbios para tratar novamente de rebelar-se[28]. Astíocos se deixou persuadir, mas como os coríntios e os demais aliados não se animaram por causa de seu fracasso anterior, ele zarpou para Quios. Suas naus chegaram lá com atraso, pois foram dispersas por uma tempestade e vinham por rotas diferentes. Em seguida Pedáritos, que na ocasião menciona-

[26] Veja-se o capítulo 24 deste livro.
[27] Vejam-se os capítulos 23 e 24 deste livro.
[28] Veja-se o capítulo 22 deste livro.

da acima[29] estava vindo de Míletos pela costa com um destacamento de infantaria, chegou a Eritras e atravessou com suas tropas para Quios; Astíocos, por seu turno, já tinha à sua disposição os soldados vindos nas cinco naus, em número de quinhentos, deixados juntamente com suas armas por Calcideus[30]. Como alguns lésbios estavam renovando na ocasião seus propósitos de rebelar-se, Astíocos sugeriu a Pedáritos e aos quianos que saíssem com sua frota para Lesbos e consumassem a rebelião, pois assim, insistiu ele, os lésbios aumentariam o número de seus aliados ou, se fracassassem, desgastariam os atenienses. Eles, porém, não lhe deram ouvidos, e além disto Pedáritos se recusou a entregar-lhes as naus dos quianos.

33. Então Astíocos tomou as cinco naus coríntias, uma sexta de Mégara e mais uma de Hermione, além das que ele mesmo havia trazido da Lacônia[31] e partiu para Míletos a fim de assumir o posto de almirante, depois de fazer muitas ameaças aos quianos e jurar que não os socorreria se necessitassem dele. Parando em Córicos, no território de Eritras, Astíocos passou a noite lá. A frota ateniense de Samos, que estava a caminho de Quios com as tropas, também veio ancorar no mesmo lugar, do outro lado da cidade, mas como havia uma colina separando os dois pontos, uma frota não podia ver a outra. Durante a noite Astíocos recebeu uma carta de Pedáritos dizendo que alguns prisioneiros eritreus postos em liberdade haviam chegado a Eritras vindos de Samos com o propósito de entregá-la mediante traição; em face desta notícia Astíocos na mesma hora saiu para Eritras, escapando assim por pouco de defrontar-se com os atenienses. Pedáritos também zarpou e foi juntar-se a ele em Eritras. Os dois investigaram então as acusações contra os suspeitos de pretenderem trair a cidade, mas descobriram que toda a estória havia sido urdida somente para possibilitar a fuga daqueles homens de Samos e os dispensaram; em seguida partiram, Pedáritos para Quios e Astíocos para Míletos, de acordo com os planos de ambos.

34. Na mesma ocasião as tropas atenienses embarcadas nas naus partiram também de Córicos; quando estavam contornando Árginon encontraram três naus longas quianas e saíram imediatamente em sua perseguição; sobreveio, porém, uma tempestade violenta, e as naus quianas, apesar de grandes dificuldades, conseguiram escapar para o seu porto; das naus atenienses,

[29] No capítulo 28 deste livro.
[30] Veja-se o capítulo 23 deste livro,
[31] Para as quatro naus de Astíocos, veja-se o capítulo 23 deste livro.

todavia, três que se haviam empenhado mais afoitamente na perseguição ficaram avariadas e foram encalhar na praia da cidade de Quios, onde os homens a bordo foram aprisionados ou mortos; o resto da frota foi abrigar-se no porto chamado Fenício, situado no sopé do monte Mimas. De lá os atenienses saíram mais tarde para ir ancorar em Lesbos e começaram a preparar-se para construir suas fortificações[32].

35. Durante o mesmo inverno o lacedemônio Hipócrates zarpou do Peloponeso com dez naus túrias, sob o comando de Dorieus filho de Diágoras e de mais dois colegas, além de uma nau lacônia e outra siracusana, e foi ancorar em Cnidos, que finalmente se havia rebelado graças à ação de Tissafernes. Recebendo a notícia de sua vinda, as autoridades de Míletos deram ordens para que metade das naus recém-chegadas guardassem Cnidos e a outra metade ficasse vigilante nas proximidades de Triôpion, como o objetivo de capturar as naus mercantes provenientes do Egito que chegassem lá (Triôpion é a extremidade do promontório de Cnidos, consagrada a Apolo). Os atenienses, informados de suas intenções, zarparam de Samos e capturaram as seis naus que estavam de ronda na região de Triôpion; as tripulações das mesmas conseguiram escapar. Em seguida eles navegaram para Cnidos, e atacando a cidade, que não era protegida por muralhas, quase conseguiram capturá-la; no dia seguinte efetuaram outro assalto, mas como os habitantes haviam reforçado a defesa durante a noite e estavam sendo ajudados pelos homens que haviam conseguido escapar das naus em Triôpion, os atenienses não puderam causar-lhes danos comparáveis aos da véspera e resolveram retirar-se; depois devastaram o território dos cnídios e viajaram de volta a Samos.

36. Mais ou menos na mesma época Astíocos chegou a Míletos para assumir o comando da frota. Os peloponésios ainda tinham grandes quantidades de tudo que lhes era necessário no acampamento; com efeito, o soldo era pago regularmente, os soldados dispunham das riquezas resultantes do saque de Íasos e os milésios estavam dedicando-se bravamente à guerra. Apesar disto os peloponésios chegaram à conclusão de que o primeiro tratado com Tissafernes, concluído entre este e Calcideus[33], era deficiente e não atendia tão bem aos seus interesses quanto aos dele, e fizeram outro enquanto Terímenes estava lá. Seus termos eram os seguintes:

[32] Veja-se o capítulo 88 deste livro.
[33] Veja-se o capítulo 17 deste livro.

37. "Tratado entre os lacedemônios e seus aliados, de um lado, e o rei Darios, o filho do Rei e Tissafernes do outro. Haverá paz e amizade nas seguintes condições:

"Os lacedemônios e seus aliados não irão contra quaisquer territórios e cidades pertencentes ao rei Darios, ou que tenham pertencido ao seu pai ou aos seus antepassados, seja para guerreá-las, seja para causar-lhes qualquer dano; os lacedemônios e seus aliados também não exigirão tributos destas cidades. O rei Darios ou seus súditos não irão contra os lacedemônios ou seus aliados, seja para guerreá-los, seja para causar-lhes qualquer dano.

"Se os lacedemônios ou seus aliados tiverem qualquer pretensão junto ao Rei, ou o Rei junto aos lacedemônios ou seus aliados, tudo que uma parte obtiver da outra mediante persuasão será válido de pleno direito.

"A guerra contra Atenas e seus aliados será conduzida conjuntamente por ambas as partes; se uma delas quiser pôr fim à mesma, agirá de comum acordo com a outra parte.

"Quaisquer forças que estiverem no território do Rei e às ordens do Rei serão mantidas a expensas do Rei.

"Se qualquer das cidades participantes deste tratado com o Rei marchar contra o território do Rei, as demais se oporão a isto e ajudarão o Rei na medida de suas forças; se quaisquer habitantes dos territórios do Rei, ou de territórios sobre os quais o Rei tenha autoridade, marcharem contra o território dos lacedemônios ou de seus aliados, o Rei se oporá a isto e os ajudará na medida de suas forças".

38. Depois de concluir este tratado Terímenes investiu Astíocos no comando da frota, partiu logo após numa nau leve e nunca mais foi visto.

Os atenienses em Lesbos, que já haviam ido com o seu exército para Quios e dominavam a terra e o mar, iniciaram a fortificação de Delfínion, um local naturalmente protegido do lado da terra e bem dotado de portos, e não muito distante da cidade de Quios. Os quianos, como já tinham sido vencidos em muitos combates e, além disto, estavam longe de entender-se internamente, ficaram quietos; depois de os partidários de Tideus filho de Íon terem sido executados por Pedáritos sob a acusação de serem favoráveis aos atenienses e o resto da cidade haver sido submetido a um regime oligárquico, eles passaram a suspeitar uns dos outros, e por isto pensavam que, naquelas condições, nem eles, nem as tropas auxiliares sob o comando de Pedáritos, estariam em condições de combater. Apesar de tudo, mandaram emissários a Míletos para instar Astíocos a ajudá-los; este não lhes deu

ouvidos e Pedáritos enviou à Lacedemônia uma carta a respeito dele, acusando-o de omissão. Estas foram as condições em que os atenienses encontraram Quios. Suas naus de Samos fizeram numerosas incursões contra a frota peloponésia em Míletos, mas como ela não saiu para enfrentá-los eles se retiraram novamente para Samos e permaneceram na expectativa.

39. Durante o mesmo inverno as vinte e sete naus equipadas pelos lacedemônios para Farnábazos[34] graças às negociações de Calígitos de Mégara e Timágoras de Cízicos, zarparam do Peloponeso para a Iônia aproximadamente na época do solstício; com elas viajou o espartano Antístenes, que as comandava. Os lacedemônios mandaram também com ele onze espartanos como conselheiros para Astíocos; um deles era Licas filho de Arcesílaos. Sua missão ao chegar a Míletos consistiria em tomar em conjunto todas as medidas adequadas e, particularmente, se assim decidissem, enviar a Farnábazos no Helespontos aquela frota, seja tal como ia, seja reforçada ou até reduzida; para comandar a frota foi nomeado Clêarcos filho de Ranfias, que viajava com eles; também, se lhes parecesse melhor, poderiam destituir Astíocos de seu posto de almirante e substituí-lo por Antístenes, pois devido à carta de Pedáritos alimentavam suspeitas em relação a ele. As naus, zarpando de Malêa para o alto-mar, escalaram em Meios e, atacando dez naus atenienses, capturaram três delas, já sem as tripulações, e as incendiaram. Posteriormente, receando que as naus atenienses que haviam escapado de Meios pudessem levar ao conhecimento dos atenienses em Samos a sua aproximação (isto realmente aconteceu), navegaram em direção a Creta, tornando a viagem mais longa como medida de precaução, e chegaram a Caunos, na Ásia. De lá, sentindo-se então em segurança, mandaram uma mensagem às naus em Míletos pedindo escolta ao longo da costa.

40. Naquela ocasião os quianos e Pedáritos mandaram mensagens a Astíocos, apesar de sua hesitação, instando-o, já que estavam sendo sitiados, a ir ajudá-los com todas as suas naus, em vez de permanecer apenas como espectador enquanto a maior cidade aliada na Iônia era bloqueada por mar e suas terras eram devastadas em ações de banditismo. Além disto, os escravos dos quianos, que eram muitos – os mais numerosos de qualquer cidade isolada, à exceção daqueles dos lacedemônios – e ao mesmo tempo, devido ao seu número, eram punidos mais severamente a cada falta, agora que o exército ateniense, com a vantagem de uma posição fortificada, parecia fir-

[34] Veja-se o capítulo 8 deste livro.

memente instalado, haviam começado sem perda de tempo a desertar maciçamente, causando-lhes os maiores danos por causa de seu conhecimento da região. Por estas razões mandaram dizer-lhe que deveria vir ajudá-los imediatamente, pois ainda havia esperanças e a possibilidade de deter o inimigo, enquanto a fortificação de Delfínion estava em construção e uma muralha maior que deveria proteger o acampamento e a frota não ficara pronta. Astíocos, embora não fosse aquela a sua intenção após as ameaças conhecidas[35], ao ver que os aliados ansiavam por uma iniciativa sua já se dispunha a levar-lhes a ajuda desejada.

41. Ao mesmo tempo foram recebidas de Caunos informações no sentido de que as vinte e sete naus e os conselheiros lacedemônios haviam chegado; Astíocos, então, considerando tudo mais de importância secundária diante da missão de comboiar aquele reforço substancial para a frota, com o qual se tornariam inteiramente senhores do mar, bem como de garantir a chegada em segurança dos lacedemônios vindos para observar-lhe a conduta, adiou a expedição a Quios e zarpou para Caunos. Navegando ao longo da costa ele desembarcou em Cós Merópida e saqueou a cidade, que não era fortificada e, em conseqüência de um terremoto – o mais violento de todos de que se tem memória – estava em ruínas na ocasião; os habitantes haviam fugido para as montanhas e ele fez incursões pela região para apoderar-se de tudo, exceto da população livre, que deixou em paz. Navegando de Cós para Cnidos à noite, ele foi forçado pelos pedidos insistentes dos cnídios a não permitir que seus marinheiros desembarcassem; em vez disto navegou tal como estava, diretamente contra as vinte naus atenienses, com as quais Cárminos, um dos comandantes em Samos, estava à espreita das vinte e sete naus que se aproximavam vindas do Peloponeso – as naus a cujo encontro Astíocos estava navegando ao longo da costa. Com efeito, os atenienses haviam recebido em Samos notícias de Melos a propósito de sua aproximação, e as patrulhas avançadas de Cárminos as estavam espreitando nas vizinhanças de Sime, Calce e Rodes e na costa da Lícia, pois ele já estava a par de sua chegada a Caunos.

42. Astíocos navegou diretamente para Sime antes de sua ida ser anunciada, na esperança de poder encontrar as naus peloponésias em alguma parte em alto mar. A chuva e a névoa, todavia, levaram suas naus a perder o rumo na escuridão, pondo-as em desordem. Ao raiar o dia, enquanto sua

[35] Veja-se o capítulo 33 deste livro.

frota ainda estava esparsa e parte dela – a ala esquerda – já era visível aos atenienses enquanto o resto ainda vagava em volta da ilha, Cárminos e os atenienses zarparam apressadamente contra ele com pouco menos de vinte naus, pensando que aquelas eram as naus vindas de Caunos, cuja aproximação estavam espreitando. Avançando contra elas eles afundaram três naus e avariaram outras, e de um modo geral estavam levando vantagem na operação até que, para surpresa deles, o grupo maior de naus apareceu e eles se viram atacados por todos os lados; naquelas circunstâncias os atenienses puseram-se em fuga imediatamente, perdendo seis naus, mas escaparam com as restantes e foram refugiar-se na ilha de Teutlussa, de onde saíram depois para Halicarnassos. Em seguida os peloponésios ancoraram em Cnidos, onde se juntaram a eles as vinte e sete naus vindas de Caunos; de lá saíram com toda a frota, ergueram um troféu em Sime e depois voltaram a ancorar em Cnidos.

43. As notícias do combate naval levaram os atenienses a zarpar para Sime com todas as naus estacionadas em Samos; não atacaram, porém, a frota em Cnidos, nem os peloponésios os atacaram, mas recolheram a bordo o equipamento naval deixado em Sime e, após parar em Lórimos, no continente, navegaram de volta a Samos.

Todas as naus peloponésias estavam naquela ocasião em Cnidos para os reparos necessários. Tissafernes havia também chegado lá e os onze conselheiros lacedemônios passaram a conferenciar com ele a propósito de pontos que não consideravam satisfatórios para eles em assuntos já negociados, assim como a respeito da melhor e mais vantajosa forma, para ambas as partes, de conduzirem as hostilidades no futuro. Licas comentou detalhadamente o que havia sido feito, declarando que nenhum dos tratados (nem o de Calcideus, nem o de Terímenes) tinha sido bem elaborado; ele achava intolerável que o Rei ainda pretendesse exercer autoridade sobre territórios que ele e seus antepassados tinha dominado anteriormente – isto significaria que todas as ilhas voltariam a ser escravizadas, bem como a Tessália, a Lócrida e todos os territórios até a Beócia – e que em vez de trazerem liberdade aos helenos os lacedemônios os poriam sob o domínio persa; conseqüentemente ele insistiu para que fosse concluído um tratado novo e melhor, e afirmou que de maneira alguma os lacedemônios se considerariam comprometidos pelo atual, nem quereriam mais o apoio persa naquelas condições. Indignado com aquelas declarações e demonstrando a sua exasperação, Tissafernes abandonou a conferência sem que nada fosse resolvido.

44. Os lacedemônios, por sua vez, pretendiam zarpar para Rodes, pois estavam recebendo mensagens de seus habitantes mais influentes; esperavam trazer para a sua aliança uma ilha nada fraca em decorrência do grande número de marinheiros e de soldados de que dispunha, e ao mesmo tempo esperavam poder manter por si mesmos a sua frota, com os recursos da aliança existente, sem ter de pedir dinheiro a Tissafernes. Partiram imediatamente de Cnidos com noventa e quatro naus – estavam em pleno inverno – e escalaram primeiro em Câmiros, já em território ródio; chegando a Rodes, assustaram de tal forma os habitantes, alheios às negociações em andamento, que eles resolveram fugir, mormente porque a cidade não tinha muralhas. Em seguida os lacedemônios os convocaram, juntamente com os habitantes das duas outras cidades (Lindos e Iálisos), e os persuadiram a rebelar-se contra os atenienses; assim Rodes passou-se para o lado dos lacedemônios. Naquela ocasião os atenienses, informados de seus planos, saíram com a frota estacionada em Samos, desejando antecipar-se a eles, e apareceram ao largo; percebendo, porém, que haviam chegado um pouco tarde, viajaram de volta primeiro para Calce e de lá para Samos. Mais tarde eles passaram a hostilizar Rodes, realizando incursões a partir de Calce, Cós e Samos. Os peloponésios, por seu turno, arrecadaram dinheiro dos ródios no total de trinta e dois talentos[36], mas à exceção dessa iniciativa permaneceram inativos durante oitenta dias, içando as suas naus para terra.

45. Nesse entretempo, e mesmo antes da partida dos lacedemônios para Rodes, ocorreram os eventos relatados a seguir. Após a morte de Calcideus e a batalha de Míletos, Alcibíades, sentindo-se suspeito aos lacedemônios e sabendo que Astíocos havia recebido uma carta da Lacedemônia ordenando que o matassem – ele era inimigo pessoal de Ágis e de um modo geral era considerado indigno de confiança – ficou alarmado e retirou-se imediatamente para a sede da satrapia de Tissafernes, passando a prejudicar os peloponésios junto a ele tanto quanto podia. Agindo como seu conselheiro, provocou a redução do pagamento do soldo às tropas, de tal forma que em vez de um dracma ático[37] só eram dados três óbolos, e mesmo assim irregularmente; induziu também Tissafernes a dizer-lhes que os atenienses, com experiência muito mais longa em assuntos navais, davam a seus homens apenas três óbolos, não tanto por penúria, mas principalmente com o propósito de evitar que seus marinheiros se tornassem insolentes em conse-

[36] O equivalente a cerca de US$ 32.000.
[37] Veja-se o capítulo 29 deste livro.

qüência da abundância de dinheiro. Com efeito, alguns prejudicariam a saúde gastando-o em produtos que causam doenças, enquanto outros desertariam de suas naus, mesmo perdendo a parte do soldo que ainda lhes fosse devida. Ensinou-lhe também a maneira de usar o dinheiro para persuadir os trierarcas e comandantes a concordarem com aquela medida (somente os siracusanos se opuseram – ou melhor, apenas Hermôcrates entre eles, por causa da aliança como um todo). Quando as várias cidades vinham pedir dinheiro ele as mandava embora, tomando a iniciativa de responder em nome de Tissafernes que os quianos eram um povo desbriado, pois embora fossem os mais ricos dos helenos e devessem sua salvação à ajuda externa, apesar disto esperavam que os outros arriscassem suas vidas e seu dinheiro em defesa da liberdade deles. Quanto às outras cidades, que antes de revoltar-se pagavam tributo aos atenienses, dizia que elas estariam agindo mal se não se dispusessem agora a contribuir também com a mesma importância, ou ainda mais, para a sua própria proteção. Finalmente explicou que Tissafernes, agora que estava fazendo a guerra com seus recursos pessoais, tinha razões mais fortes para poupá-los; se a qualquer tempo chegassem recursos do Rei, ele daria aos homens o soldo total e prestaria às cidades a ajuda cabível.

46. Alcibíades ainda instou Tissafernes a não ter pressa em terminar a guerra, nem a contribuir para isto trazendo a frota fenícia que estava equipando, ou pagando a um número maior de helenos, pois assim estaria dando o domínio da terra e do mar ao mesmo povo; deveria deixar o domínio dividido entre os dois lados, de tal forma que o Rei pudesse levar um lado ou outro contra quem lhe estivesse criando problemas. Se o domínio da terra e do mar viesse a unificar-se, o Rei não teria com quem aliar-se para destruir a potência dominante, e cedo ou tarde seria compelido a ir sozinho, com grandes gastos e riscos, engajar-se em uma luta decisiva. A solução mais econômica para o Rei seria jogar os helenos uns contra os outros, com gastos menores e sem arriscar a sua própria segurança. Os aliados mais convenientes para partilhar a soberania, disse ele, seriam realmente os atenienses; eles tinham menos interesse no domínio terrestre, e seus princípios e práticas na condução da guerra eram mais compatíveis com os interesses do Rei. Unida aos persas, Atenas não somente manteria os mares submissos à sua autoridade, mas também ajudaria o Rei a submeter os helenos que viviam em seus domínios. Os lacedemônios, ao contrário, tinham vindo para libertá-los. Não seria razoável, acrescentou ele, supor que os lacedemônios estives-

sem libertando agora os helenos de homens que eram helenos como eles mesmos, e não os libertariam dos persas, que eram bárbaros, a não ser que estes um dia pudessem eliminá-los. Exortou-o, então, primeiro a desgastar ambos os lados, depois a reduzir tanto quanto possível a força do atenienses, e finalmente a tirar os peloponésios de seus territórios. Estas pareciam ser as idéias do próprio Tissafernes, tanto quanto se podia conjecturar por seus atos. Com efeito, ele depositou a sua confiança em Alcibíades, como se o considerasse um bom conselheiro naquelas circunstâncias, e não somente começou a pagar mal a subvenção para as despesas dos lacedemônios, como também lhes criou empecilhos para combaterem no mar; ao mesmo tempo passou a dizer-lhes que as naus fenícias viriam e que teriam então uma frota exageradamente grande; com esta atitude ele prejudicou a causa dos lacedemônios e diminuiu o poderio de sua frota, que chegou a ser muito forte; de um modo geral era evidente demais para passar despercebido o fato dele não estar cooperando com muito entusiasmo na guerra.

47. Alcibíades dera aqueles conselhos a Tissafernes e ao Rei enquanto estava sob a sua proteção, não somente por acreditar que fossem os melhores, mas também porque ao mesmo tempo estava trabalhando para assegurar o seu retorno à pátria, ciente de que, se a livrasse da ruína, algum dia poderia convencer os seus concidadãos a recebê-lo de volta. O meio que lhe oferecia mais possibilidades de persuadi-los era dar-lhes a impressão de estar intimamente relacionado com Tissafernes, e assim foi. De fato, os soldados atenienses em Samos perceberam a sua grande ascendência sobre Tissafernes, em parte porque Alcibíades mandava mensagens aos mais influentes entre eles, no sentido de fazerem menção ao seu nome junto aos homens de maior prestígio, dizendo-lhes que ele desejava voltar à pátria, mas sob um regime oligárquico, e não sob aquela miserável democracia que o banira, para viver lá entre os seus concidadãos, levando-lhes a amizade de Tissafernes; mais importante ainda foi o fato de, por sua própria iniciativa, os trierarcas atenienses e os homens de maior prestígio também desejarem abolir a democracia.

48. Aquele movimento se manifestou inicialmente no acampamento em Samos e depois alastrou-se pela cidade de Atenas; depois alguns homens saíram de Samos para conferenciar com Alcibíades; quando este lhes acenou com a amizade não só de Tissafernes, mas também do próprio Rei, se não houvesse um governo democrático em Atenas – somente nessas circunstân-

cias o Rei confiaria – os cidadãos de maior prestígio, capazes de arcar com os maiores ônus, passaram a alimentar grandes esperanças, em seu próprio interesse porque teriam o governo em suas mãos, e também porque agora achavam possível vencer o inimigo. Regressando a Samos, aqueles homens começaram a atrair para a conspiração as pessoas que lhes podiam ser mais úteis; ao mesmo tempo diziam à maioria, agora abertamente, que o Rei seria amigo dos atenienses e lhes forneceria dinheiro se Alcibíades fosse chamado de volta e se a democracia deixasse de existir. A maioria, embora a princípio se mostrasse até certo ponto contrária ao que se fazia, apesar de tudo permaneceu quieta, pois a esperança de um soldo pago pelo Rei parecia afinal mais fácil de materializar-se; os adeptos da oligarquia, após haverem transmitido aquelas informações à maioria, reexaminaram as propostas de Alcibíades entre eles e com a maior parte de seus correligionários políticos. A quase todos as propostas pareceram viáveis e sérias; Frínicos, todavia, que ainda era comandante, não as considerou satisfatórias de forma alguma, pois acreditava que Alcibíades – e esta era a realidade – não desejava a oligarquia mais que a democracia; seu único objetivo, de um modo ou de outro, era mudar a ordem estabelecida na cidade para assegurar o seu retorno a chamado de seus adeptos; a preocupação de todos, porém, deveria ser acima de tudo evitar uma guerra civil. Não interessava também ao Rei, disse Frínicos, agora que os peloponésios estavam em igualdade de condições com os atenienses e se tinham apossado de cidades de seu império que não eram das menores, unir-se aos atenienses, nos quais não confiava, envolvendo-se assim em dificuldades, quando lhe era possível contar com a amizade dos peloponésios, que jamais lhe haviam feito mal. Quanto às cidades aliadas, finalmente, às quais na verdade haviam prometido a oligarquia pela simples razão de que eles mesmos já não estariam sob uma democracia, disse estar certo de que aquela circunstância não aumentaria a possibilidade de retorno à aliança das cidades já rebeladas, nem a fidelidade das ainda aliadas; na realidade, elas não querem ser escravas, seja sob uma oligarquia, seja sob uma democracia; querem ser livres sob qualquer desses regimes; quanto aos chamados "homens de bem"[38], disse que os aliados pensavam que eles não lhes trariam menos dificuldades que o partido popular, pois tais homens eram os autores e os instigadores das medidas perniciosas que o povo aprovava e das quais eles mesmos eram geralmente os maiores beneficiários; se dependesse deles só haveria mortes arbitrárias e violentas, ao passo que o povo era uma instância segura para as cidades aliadas e um

[38] Os oligarcas, ou os aristocratas.

moderador para os oligarcas. As cidades sabiam disto por experiência própria, disse Frínicos, e ele estava convencido de que estes eram os seus sentimentos. Por todas estas razões, ao menos para ele, nem as propostas de Alcibíades nem as atuais gestões daqueles homens lhes pareciam satisfatórias.

49. Mas os conspiradores reunidos em assembléia mantiveram seus pontos de vista iniciais, e se prepararam para mandar Písandros e outros como emissários a Atenas, a fim de tratarem da volta de Alcibíades e da abolição da democracia na cidade, e de fazerem de Tissafernes um amigo dos atenienses.

50. Frínicos, vendo que haveria uma proposta para o retorno de Alcibíades e sabendo que os atenienses a aceitariam, e também temendo, diante da oposição demonstrada em sua fala, que se Alcibíades voltasse ele o perseguiria por considerá-lo um obstáculo às suas aspirações, recorreu ao seguinte expediente: enviou secretamente uma carta a Astíocos, o almirante lacedemônio que naquela ocasião estava nos arredores de Míletos, informando que Alcibíades resolvera arruinar a causa dos lacedemônios ao fazer de Tissafernes um amigo dos atenienses; fez também um relato detalhado de todo o caso, acrescentando que seria perdoável o fato dele estar querendo o mal de um inimigo, mesmo em prejuízo de sua cidade. Astíocos não pensou sequer em punir Alcibíades, mesmo porque agora ele estava fora de seu alcance; ao contrário, viajou até Magnésia ao encontro dele e de Tissafernes, e não somente lhes revelou o teor da carta que havia recebido de Samos, tornando-se assim um delator, mas também, segundo dizem, engajou-se a serviço de Tissafernes para seu proveito pessoal, tanto naquele quanto em outros assuntos; esta teria sido a razão pela qual, tratando da questão do soldo, que não estava sendo pago integralmente, ele demonstrou pouca firmeza. Alcibíades escreveu imediatamente uma carta às autoridades em Samos atacando Frínicos, relatando o que este havia feito e pedindo a sua condenação à morte. Frínicos ficou extremamente perturbado, pois passou a correr grande perigo em conseqüência daquela denúncia; escreveu, então, outra carta a Astíocos, censurando-o por não haver mantido em segredo a sua informação anterior, como deveria ter feito; acrescentou que agora estava pronto a dar aos lacedemônios a oportunidade de destruir todas as forças atenienses em Samos, e explicou detalhadamente como ele poderia atingir este objetivo, já que Samos não era protegida por muralhas; não se consideraria culpado, concluiu Frínicos, agora que a sua vida estava em perigo em decorrência

da conduta deles, por agir assim ou de qualquer outra maneira para não perecer nas mãos de seu pior inimigo. Astíocos levou também aquela mensagem ao conhecimento de Alcibíades.

51. Frínicos pressentiu que ele voltaria a delatá-lo e que não tardaria a chegar uma carta da Alcibíades; antecipou-se, então, informando ao exército que o inimigo, vendo que Samos não tinha muralhas e que nem todas as naus estavam ancoradas no interior do porto, pretendia atacar o acampamento; acrescentou que aquela informação era segura e que deveriam fortificar Samos o mais depressa possível, e permanecer em guarda quanto a tudo mais. Como ele ainda era o comandante e estas medidas dependiam dele, foram imediatamente executadas as obras de proteção à cidade e em conseqüência disto Samos foi fortificada mais depressa, embora de qualquer modo devesse sê-lo. Não muito tempo depois chegou a carta de Alcibíades, dizendo que o exército estava sendo traído por Frínicos e que o inimigo deveria atacá-los. Como, porém, Alcibíades não tinha a reputação de pessoa confiável e se pensava que, por conhecer de antemão os planos do inimigo, agia influenciado por inimizade pessoal ao atribuir a Frínicos cumplicidade nos mesmos, a acusação não o afetou; ao contrário, testemunhou a seu favor em relação à informação prestada por ele.

52. Alcibíades continuou a agir junto a Tissafernes com o intuito de persuadi-lo a tornar-se amigo dos atenienses. Este, embora os temesse por possuírem uma frota maior que a dos lacedemônios, queria seguir aquela sugestão, se isto fosse possível, mormente depois de tomar conhecimento da querela entre os peloponésios em Cnidos[39] a propósito do tratado de Terímenes – naquela ocasião os peloponésios já estavam em Rodes e portanto a divergência já ocorrera – durante a qual Licas confirmou a informação prestada por Alcibíades, segundo a qual a política dos lacedemônios era libertar todas as cidades, ao declarar que seria intolerável concordar com que o Rei fosse o senhor de todas as cidades que a qualquer tempo houvessem sido dominadas por ele ou seus antecessores na realeza. Nesse ínterim Alcibíades, tendo em vista a magnitude dos interesses em jogo, continuava cortejando Tissafernes incansavelmente.

53. Ao mesmo tempo os emissários mandados de Samos com Písandros chegaram a Atenas e falaram diante do povo resumindo numerosos argu-

[39] Veja-se o capítulo 43 deste livro.

mentos, insistindo particularmente em que, se chamassem Alcibíades de volta e não mantivessem a mesma forma de democracia, poderiam ter o Rei como aliado e vencer os peloponésios. Quanto à democracia, muitos falaram contra a proposta, e os inimigos de Alcibíades aproveitaram a oportunidade para protestar em altos brados, dizendo que seria intolerável recebê-lo de volta após a violação pelo mesmo das leis da cidade; os Eumôlpidas[40], e também os Cérices[41], testemunharam contra ele a propósito dos mistérios, cuja violação levou ao seu banimento, e clamaram contra o seu retorno. Em face daquelas manifestações Písandros subiu à tribuna, pois a repulsa e indignação eram grandes, e chamou os opositores um por um, perguntando-lhes se tinham esperanças de salvação da cidade, naquela ocasião em que os peloponésios já não possuíam menos naus que os atenienses para enfrentá-los no mar e dominavam mais cidades aliadas do que eles, e o Rei e Tissafernes forneciam dinheiro ao inimigo, enquanto os atenienses já não tinham onde obter recursos, a não ser que alguém persuadisse o Rei a passar para o seu lado. Quando, em resposta àquela pergunta, todos admitiram que não havia outra esperança, ele então lhes disse claramente: "Pois isto só será possível primeiro se adotarmos uma política mais sábia e entregarmos os cargos públicos a um número mais restrito de pessoas, a fim de que o Rei possa confiar em nós; depois, se em nossas deliberações dermos agora mais atenção à nossa salvação que à nossa forma de governo (mais tarde poderemos fazer mudanças se algo nos desgostar); e finalmente se chamarmos de volta Alcibíades, hoje o único homem capaz de realizar tudo isto".

54. Inicialmente o povo demonstrou desagrado ao ouvir a proposta relativa à oligarquia, mas cedeu quando Písandros demonstrou claramente que não havia outra alternativa de salvação. Decretou-se, então, que Písandros e mais dez homens partiriam e conduziriam as negociações com Tissafernes e Alcibíades da maneira que lhes parecesse a melhor. Na mesma ocasião, diante de uma acusação de Písandros contra Frínicos o povo o destituiu de seu posto, juntamente com seu colega Cironides, e mandou Diômedes e Lêon para substituí-los no comando da frota. Písandros acusou Frínicos de haver entregue Íasos e Amorges por traição, agindo assim por não ser favorável às negociações com Alcibíades. Písandros visitou em seguida todas as confrarias existentes na cidade, que fiscalizavam os tribunais e os funcionári-

[40] O colégio sacerdotal de onde saiam os hierofantes dos mistérios eleusínios e os intérpretes das leis pertinentes a assuntos religiosos.

[41] Ou *arautos*, outro grande colégio sacerdotal encarregado do sacrifício das vítimas nas cerimônias religiosas; eram geralmente mencionados em conjunto com os Eumôlpidas.

os, e as exortou a se unirem e agir conjuntamente para abolir a democracia. Tomou igualmente outras medidas exigidas pelas circunstâncias, de modo a não haverem maiores delongas, e partiu ao encontro de Tissafernes em companhia dos outros dez homens.

55. No mesmo inverno Lêon e Diomêdon, já no comando da frota ateniense, iniciaram uma operação contra Rodes; encontraram as naus peloponésias ainda em terra, efetuaram um desembarque e derrotaram os ródios que vieram enfrentá-los; retiraram-se em seguida para Calce, preferindo usá-la como base em vez de Cós para continuar a guerra, pois de lá seria mais fácil manter a vigilância sobre a frota peloponésia no caso da mesma sair em qualquer direção.

Nesse ínterim o lacônio Xenofantidas havia chegado a Rodes, vindo de Quios por ordem de Pedáritos, com a informação de que a fortificação ateniense[42] já estava pronta e acrescentando que, se eles não fossem ajudar os quianos com toda a sua frota a causa peloponésia em Quios estaria perdida. Eles pretendiam sair para ajudá-los, mas nesse entretempo o próprio Pedáritos, juntamente com os mercenários sob o seu comando e os quianos com todas as suas forças, atacou o trecho da fortificação ateniense que protegia as naus, capturando parte dela e apossando-se de algumas naus que haviam sido içadas para a orla marítima. Mas os atenienses que acorreram imediatamente em defesa do local puseram os quianos em fuga ao primeiro embate, derrotando também as forças mercenárias de Pedáritos, que foi morto juntamente com numerosos quianos. Foram também capturadas armas em grande quantidade.

56. Após este evento os quianos passaram a sofrer um cerco ainda mais rigoroso do que antes, por terra e por mar, e era grande a fome na cidade.

Ao mesmo tempo os emissários atenienses chefiados por Písandros chegaram até a sede da satrapia de Tissafernes e passaram a conferenciar com ele com vistas ao acordo. As relações entre Alcibíades e Tissafernes não eram muito firmes na ocasião, pois este receava os peloponésios, embora desejasse seguir a política preconizada por Alcibíades e desgastar ambos os lados. Alcibíades resolveu aconselhar Tissafernes a fazer as maiores exigências imagináveis aos atenienses, de maneira a impedir o acordo com eles. Parece-me que Tissafernes também queria a mesma coisa, no seu caso por temor, enquanto Alcibíades, sabendo que ele era contrário a um acordo em quaisquer condições, não queria que os atenienses pensassem que ele não

[42] Veja-se o capítulo 38 deste livro.

fora capaz de convencer Tissafernes, e sim que este se deixara persuadir e desejava um acordo, mas Atenas não lhe havia oferecido o bastante. De fato, Alcibíades fez exigências exorbitantes, falando em nome de Tissafernes e em sua presença, e embora durante muito tempo os atenienses concedessem tudo que ele pedia, a culpa pelo fracasso ainda assim lhes foi imputada; ele insistiu em que toda a Iônia fosse entregue ao Rei, depois quis as ilhas adjacentes, e assim por diante. Os atenienses não se opuseram a isto e afinal, numa terceira reunião, temendo que sua absoluta falta de influência ficasse nitidamente visível, Alcibíades exigiu que fosse permitido ao Rei construir naus e navegar ao longo da costa ateniense sempre que desejasse e com todas as naus que quisesse. A esta altura os atenienses resolveram não fazer novas concessões; convencidos de que haviam chegado a um impasse e de que tinham sido enganados por Alcibíades, saíram exasperados da conferência e voltaram a Samos.

57. Logo após, ainda naquele inverno, Tissafernes dirigiu-se a Caunos, querendo trazer os peloponésios de volta a Míletos e concluir com eles outro acordo, nas condições possíveis; aceitou voltar a custear-lhes as despesas de manutenção, desejando evitar definitivamente que eles se tornassem seus inimigos, pois receava que, se tivesse dificuldades para o sustento de sua grande frota, eles se vissem forçados a combater com os atenienses e fossem derrotados, ou que suas naus ficassem vazias por deserção das tripulações, dando ensejo aos atenienses de conseguirem o que desejavam, mas sem a sua ajuda; temia além disto, e principalmente, que eles saqueassem os territórios continentais, premidos pela necessidade de obter suprimentos. Avaliando e prevendo todas aquelas possibilidades, portanto, e como precaução contra a sua ocorrência numa atitude coerente com sua política de pôr os helenos em pé de igualdade entre si, Tissafernes chamou os peloponésios, ofereceu-lhes suprimentos e concluiu com os mesmos um terceiro tratado, nas seguintes condições:

58. "No décimo terceiro ano do reinado de Darios, sendo Alexipidas éforo na Lacedemônia, foi concluído um acordo na planície do Mêandros entre os lacedemônios e seus aliados, de um lado, e Tissafernes, Hierâmenes e os filhos de Farnaces do outro, com vista aos interesses do Rei e dos lacedemônios e seus aliados.

"Os territórios do Rei situados na Ásia continuarão sendo do Rei, e a respeito de seus territórios o Rei decidirá como melhor lhe aprouver.

"Os lacedemônios e seus aliados não entrarão nos territórios do Rei para causar-lhes qualquer dano, nem o Rei nos dos lacedemônios ou de seus aliados para causar-lhes qualquer dano. Se qualquer lacedemônio ou qualquer de seus aliados quiser entrar nos territórios do Rei com intenções hostis, os lacedemônios e seus aliados se oporão a isto; se qualquer súdito do Rei quiser entrar nos territórios dos lacedemônios ou de seus aliados com intenções hostis, o Rei se oporá a isto.

"As despesas com as naus atualmente em serviço serão pagas por Tissafernes, de acordo com as condições combinadas, até que cheguem as naus do Rei; após a vinda das naus do Rei os lacedemônios e seus aliados manterão as suas naus a suas expensas, se desejarem. Se, porém, quiserem que Tissafernes cubra as respectivas despesas de manutenção, este o fará, mas após o término da guerra os lacedemônios e seus aliados reembolsarão Tissafernes de todo o dinheiro que tiverem recebido dele.

"Quando vierem as naus do Rei, as naus dos lacedemônios e de seus aliados e as do Rei darão prosseguimento à guerra em comum, da maneira que parecer melhor a Tissafernes e aos lacedemônios e seus aliados. Se as partes quiserem pôr termo à guerra com os atenienses, negociarão em igualdade de condições."

59. Este foi o tratado concluído. Logo após Tissafernes iniciou os preparativos para a vinda das naus fenícias, como havia sido previsto, e para o cumprimento de suas outras promessas (pelo menos quis tornar evidente que de qualquer modo estava em preparativos).

60. Quase no fim do mesmo inverno os beócios ocuparam por traição Ôropos, onde os atenienses mantinham uma guarnição. Contaram para isto com a cumplicidade de alguns homens de Eretria e da própria Ôropos, que estavam conspirando para levar a Eubéia a rebelar-se; como o lugar fica em frente a Eretria, seria impossível, enquanto os atenienses o dominassem, evitar que ele fosse grandemente prejudicial aos interesses de Eretria e da Eubéia em geral. De posse agora de Ôropos, os eretrianos se dirigiram a Rodes e convidaram os peloponésios a virem para a Eubéia, mas estes estavam mais interessados em ajudar Quios, cuja situação era má; para levar essa ajuda zarparam de Rodes com todas as suas naus. Chegando às vizinhanças de Trôpion, viram em alto-mar a frota ateniense, que estava vindo de Calce[43]. Como nenhuma das duas frotas avançou para atacar a outra, os atenienses

[43] Veja-se o capítulo 55 deste livro.

puderam chegar a Samos e os peloponésios a Míletos, depois destes concluírem que já não lhes seria possível socorrer Quios sem engajar-se em combate. Assim terminou aquele inverno, e com ele o vigésimo ano desta guerra cuja história Tucídides escreveu.

61. Pouco antes do verão subseqüente, no início da primavera, o espartano Dercílidas foi mandado por terra para o Heléspontos com um exército não muito numeroso, para provocar a defecção de Ábidos, uma colônia milésia. Os quianos, já que Astíocos ainda estava incerto quanto à maneira de socorrê-los, viram-se de tal forma premidos pelo bloqueio que foram compelidos a arriscar-se em um combate naval. Enquanto Astíocos ainda estava em Rodes, eles haviam trazido de Míletos para comandá-los, após a morte de Pedáritos, um espartano chamado Lêon, vindo com Antístenes como seu lugar-tenente; com eles vieram também doze naus, casualmente de guarda em Míletos, das quais cinco eram túrias, quatro siracusanas, uma anéia, uma milésia e uma do próprio Lêon. Logo após os quianos saíram em massa e se apoderaram de uma posição bem protegida; ao mesmo tempo suas naus, em número de trinta e seis, partiram para enfrentar as trinta e duas dos atenienses, e começaram a combater. A luta foi acirrada e os quianos e seus aliados não levaram desvantagem na ação, mas como já era tarde, navegaram de volta à cidade.

62. Em seguida, quando Dercílidas havia completado a sua marcha por terra a partir de Míletos, Ábidos, no Heléspontos, aderiu a ele e a Farnábazos; dois dias depois Lâmpsacos fez o mesmo. Strombiquides, posto a par daqueles eventos, veio de Quios a toda velocidade para intervir com vinte e quatro naus atenienses, das quais algumas eram de transporte e traziam hoplitas; ele derrotou em combate os lampsacenos que vieram enfrentá-lo e ocupou no primeiro assalto a cidade de Lâmpsacos, que não tinha muralhas, apoderou-se de bens e escravos mas mandou os homens livres de volta aos seus lares, e depois viajou contra Ábidos. Vendo que os habitantes não se entregavam e que não seria capaz de tomar a cidade de assalto, Strombiquides navegou de volta à costa em frente a Ábidos, e transformou Sestos, cidade do Quersonesos outrora ocupada pelos persas, numa fortaleza e posto avançado para observar todo o Heléspontos.

63. Nesse ínterim, enquanto os quianos firmavam o seu domínio no mar, Astíocos e os peloponésios em Míletos, informados do resultado do

combate naval e da retirada de Strombiquides e de sua frota, sentiram-se também encorajados. Astíocos navegou ao longo da costa para Quios com duas naus, juntou às suas as naus que estavam lá, e com todas as naus então reunidas avançou contra Samos; os atenienses, todavia, não saíram para enfrentá-lo, por causa da desconfiança reinante entre as duas facções locais[44], e Astíocos navegou de volta a Míletos.

Na mesma época, ou pouco antes, foi abolida a democracia em Atenas. Quando os emissários chefiados por Písandros chegaram a Samos após conferenciarem com Tissafernes, firmaram ainda mais a sua posição junto ao exército, e instigaram os homens mais influentes entre os sâmios a tentar estabelecer uma oligarquia juntamente com eles, apesar da agitação reinante na cidade por causa da hostilidade em relação à mudança de governo. Ao mesmo tempo os atenienses em Samos, depois de se reunirem para conferenciar, resolveram deixar Alcibíades de lado, diante de sua recusa – diziam que ele não seria o homem adequado em uma oligarquia – e cuidaram eles mesmos de levar os planos adiante, pois já estavam correndo os riscos da tentativa; persistiriam simultaneamente na guerra e se esforçariam por fornecer pessoalmente os meios necessários recorrendo aos seus próprios bens, seja em dinheiro, seja com tudo mais que fosse necessário, decididos a partir daquele momento a não fazer sacrifícios pelos outros, e sim em seu próprio benefício[45].

64. Encorajando-se então uns aos outros, enviaram imediatamente Písandros e metade dos emissários de volta a Atenas, a fim de fazer lá o que tivesse de ser feito, recomendando-lhes também que estabelecessem oligarquias em todas as cidades submissas nas quais pudessem parar; os componentes da outra metade foram mandados em subgrupos aos demais territórios submissos. Diítrefes, que estava nas vizinhanças de Quios, mas havia sido eleito para assumir o comando na costa da Trácia, foi enviado ao seu posto, e ao chegar a Tasos aboliu a democracia lá. Cerca de dois meses depois de sua partida, todavia, os tásios fortificaram a sua cidade, achando que já não necessitavam de uma oligarquia ligada a Atenas e esperando a cada dia a liberdade que os lacedemônios lhes trariam. Com efeito, alguns exilados tásios, expulsos pelos atenienses, estavam naquela ocasião com os peloponésios, e estes, em combinação com seus amigos na cidade, trabalha-

[44] Por causa das gestões de Alcibíades a favor da oligarquia.
[45] Veja-se o capítulo 48 deste livro.

vam energicamente para trazer-lhes naus e consumar a rebelião em Tasos. Na realidade, aconteceu exatamente o que eles mais desejavam: a cidade havia sido posta em ordem e a democracia que se oporia a eles tinha sido abolida. Em Tasos, então, o resultado fora o oposto ao desejado pelos atenienses que estabeleceram a oligarquia, e segundo me parece aconteceu o mesmo em muitas outras cidades submissas; estas, dispondo agora de um regime sóbrio e de imunidade para materializar os seus planos, passaram a querer a liberdade pura e simples, sem dar maior importância ao simulacro de ordem jurídica trazido pelos atenienses.

65. Písandros e seus companheiros seguiram então ao longo da costa abolindo a democracia nas cidades por onde passavam, como havia sido decidido, e chegaram a Atenas trazendo com eles de alguns lugares hoplitas para apoiá-los. Lá eles verificaram que a maior parte da tarefa já havia sido realizada por seus correligionários; alguns jovens tinham executado secretamente um certo Ândrocles, o líder popular mais em evidência e um dos mais atuantes defensores do exílio de Alcibíades[46]; dois motivos contribuíram para a execução: a influência de Ândrocles sobre o povo e o desejo deles de ser agradáveis a Alcibíades, que segundo pensavam iria ser chamado de volta, trazendo-lhes a amizade de Tissafernes; também se livraram secretamente, de maneira idêntica, de outras pessoas que lhes pareciam inconvenientes. Além disto, já havia sido apresentada abertamente uma moção no sentido de que somente receberiam salários da cidade aqueles que estivessem servindo na guerra, e que não mais de cinco mil cidadãos participariam do governo; estes deveriam ser os mais qualificados para servir, por suas posses e qualidades pessoais.

66. Tais medidas se destinavam apenas a iludir as massas, pois os mesmos homens que estavam tentando mudar a forma de governo iriam dominar a cidade. Mas o povo e o Conselho, constituído mediante sorteio, apesar de tudo estavam de acordo, e nada era decidido sem a aprovação dos conspiradores; mais ainda: não somente os oradores eram todos partidários deles, mas tudo que ia ser dito lhes era previamente submetido. Nenhum dos outros cidadãos se manifestava contra eles, por medo e por ter ficado evidente que o seu número era grande; se alguém se opunha, era imediatamente executado da maneira mais expedita; não havia qualquer investigação para descobrir os culpados, nem havia qualquer ação judicial contra os suspeitos;

[46] Veja-se o capítulo 89 do livro VI.

ao contrário, o povo permanecia quieto e estava de tal maneira perplexo, que mesmo quem se mantinha em silêncio se considerava feliz se não sofria alguma violência. Julgando o número dos conspiradores muito maior do que realmente era, as massas estavam com o ânimo abatido, e devido ao tamanho da cidade e ao fato de muitos habitantes não se conhecerem uns aos outros, não podiam descobrir a verdade. Pelas mesmas razões era impossível a alguma pessoa ofendida desabafar as mágoas e conseguir vingar-se, pois o eventual confidente seria um estranho ou, se conhecido, não mereceria confiança. Todos os membros do partido popular se aproximavam uns dos outros com suspeitas, pois uns ou outros poderiam estar implicados nos acontecimentos; na realidade, havia muitos entre estes cuja adesão à oligarquia nunca se poderia esperar; eram precisamente estes que causavam a maior desconfiança entre as massas e maiores serviços prestavam aos oligarcas, garantindo-lhes a segurança, pois levavam o povo a desconfiar de si mesmo.

67. Naquela conjuntura chegaram Písandros e seus colegas e imediatamente se dedicaram a fazer o que faltava. Primeiro reuniram uma assembléia popular e nela resolveram que seriam escolhidos dez redatores com plenos poderes para elaborar projetos de leis; estes homens, depois de redigi-los, apresentá-los-iam à assembléia em um dia convencionado como uma proposta capaz de assegurar à cidade o melhor regime. No dia marcado reuniu-se a assembléia em Colonos[47] (um santuário de Posêidon fora da cidade, a cerca de dez estádios[48] de distância), e os redatores propuseram pura e simplesmente que qualquer ateniense teria o direito de apresentar sem receios de punição qualquer moção que desejasse; se alguém tomasse a iniciativa de inculpar o proponente por apresentar uma moção contra a lei[49], ou tentasse prejudicá-lo de qualquer modo, estaria sujeito a severas penas. Depois foram propostas acintosamente a extinção dos poderes de todos os magistrados em exercício, a abolição dos salários para os cargos públicos e a escolha de cinco homens para presidente; estes escolheriam cem homens, e cada um dos cem escolheria três outros em adição a si mesmo; estes qua-

[47] As assembléias se realizavam normalmente na Pnix, dentro de Atenas; veja-se o capítulo 97 deste livro.
[48] Aproximadamente 1,8 km.
[49] A *graphé paranomon* (literalmente: ação por ir contra a lei), considerada a maior salvaguarda da constituição ateniense, destinada a anular qualquer decreto ou lei contrários a outro dispositivo legal existente, e também a punir o proponente. Este, se o tribunal decidisse contra ele, seria condenado à morte ou a uma elevada multa.

trocentos se reuniriam no recinto do Conselho e governariam com plenos poderes da maneira que lhes parecesse a melhor, e convocariam os Cinco Mil[50] quando lhes parecesse conveniente.

68. O autor daquelas propostas foi Písandros, que em tudo era abertamente o adversário mais intransigente da democracia, mas quem imaginou o esquema que levou àquele resultado e entre todos os cidadãos dedicou mais tempo ao assunto foi Antífon, homem que entre os atenienses contemporâneos não perdia para qualquer outro em valor, e demonstrava uma superioridade incontestável na concepção e expressão de suas idéias; embora não comparecesse à assembléia nem participasse voluntariamente de qualquer debate público, Antífon era suspeito às massas por causa de sua reputação em matéria de eloqüência; na verdade, ninguém era mais capaz do que ele de ajudar nos debates dos tribunais ou na assembléia quem quer que lhe pedisse o patrocínio. Mesmo em causa própria, quando mais tarde os Quatrocentos foram depostos pelo povo e estavam sendo tratados rudemente (ele era acusado de haver ajudado a instaurar aquele regime), Antífon apresentou indubitavelmente a melhor defesa jamais pronunciada por alguém até o meu tempo, num processo em que a sua própria vida estava em jogo[51]. Frínicos também se distinguiu entre todos por seu entusiasmo ímpar em prol da oligarquia, por temer Alcibíades e por estar certo de que o mesmo tinha pleno conhecimento de suas gestões junto a Astíocos em Samos[52]; ele pensava que não havia a menor possibilidade de Alcibíades ser chamado de volta por um governo oligárquico, e em face do perigo, depois de engajar-se no movimento Frínicos demonstrou ser um homem com o qual se podia realmente contar. Terámenes filho de Hágnon aparecia igualmente na primeira linha dos destruidores da democracia; era um homem que nada tinha de medíocre por sua eloqüência e discernimento. Conduzida como foi por muitos homens capazes, não faltaram boas razões para o sucesso da conspiração, apesar da magnitude do cometimento; era difícil, efetivamente, após o decurso de quase cem anos[53] desde a derrubada dos tiranos, privar de sua liberdade o povo ateniense, nunca antes submisso e durante metade daquele período acostumado a submeter os outros.

---

[50] Vejam-se os últimos parágrafos dos capítulos 65 e 92 deste livro.
[51] Antifon de Ramnunte foi o primeiro (cronologicamente) dos dez oradores da plêiade ática e o primeiro logógrafo (escritor de discursos a serem pronunciados pelas partes como se fossem feitos por elas). Chegaram até nós quinze orações atribuídas a ele.
[52] Vejam-se os capítulos 50 e 51 deste livro.
[53] De 510 a 411 a.C.

69. Em seguida à dissolução da assembléia, sem qualquer oposição e após a sanção daquelas medidas, os cabeças da oligarquia introduziram os Quatrocentos no recinto do Conselho da maneira seguinte: todos os atenienses estavam sempre armados, como precaução contra a presença do inimigo em Decêleia, seja nas muralhas, seja de prontidão; naquele dia os conspiradores deixaram os cidadãos alheios aos seus planos ir embora como de costume, mas os seus correligionários foram instruídos no sentido de permanecer quietos onde estavam, não nas proximidades das armas, mas a alguma distância delas e prontos a empunhá-las e impedir qualquer interferência se alguém tentasse opor-se ao curso dos acontecimentos. Estavam lá alguns ândrios e tênios, trezentos carístios e os colonos que os atenienses haviam instalado em Egina[54], vindos com suas próprias armas e cientes das ordens já transmitidas. Tomadas estas disposições, chegaram os Quatrocentos ao Conselho, cada um trazendo um punhal escondido, acompanhados de cento e vinte jovens preparados para agir em obediência às ordens deles, de acordo com as necessidades, em intervenções de emergência; dirigindo-se aos conselheiros presentes no recinto, disseram-lhes que lhes pagariam pelo período restante de seu mandato, e à proporção que os mesmos iam saindo o pagamento lhes foi efetuado.

70. Diante da retirada pacífica dos conselheiros naquelas circunstâncias, sem demonstrar qualquer oposição (os demais cidadãos também nada fizeram, permanecendo quietos), os Quatrocentos ocuparam o recinto do Conselho e passaram a escolher os prítanes entre si mesmos, observando em relação aos deuses os ritos usuais de preces e sacrifícios ao assumirem os cargos. A partir daquele momento, porém, eles mudaram totalmente a maneira democrática de governar – com a exceção de que não chamaram os exilados, por causa de Alcibíades – e de um modo geral governaram a cidade usando a violência. Alguns homens – não muitos – foram mortos, pois os conjurados julgaram conveniente removê-los de seu caminho; outros foram presos e outros foram afastados da cidade. Os oligarcas enviaram também mensageiros a Ágis, rei dos lacedemônios, que estava em Decêleia, para dizer-lhe que desejavam fazer a paz e presumiam que o acordo com eles seria mais fácil, pois já não teriam de negociar com o povo, que não era digno de confiança.

71. Ágis, porém, pensando que o povo não abdicaria daquela forma e tão depressa à sua liberdade de tantos anos, e que se visse um grande exér-

[54] Veja-se o capítulo 27 do livro II.

cito lacedemônio não se manteria impassível, e também por não estar ele mesmo seguro, no momento, de que não ocorreriam novas perturbações em Atenas, deu uma resposta nada conciliatória aos emissários dos Quatrocentos. Logo após pediu a Esparta que lhe enviasse do Peloponeso tropas adicionais numerosas, e não muito tempo depois ele mesmo saiu com a guarnição de Decêleia, reforçada pelas tropas recém-chegadas, e avançou até bem perto das muralhas de Atenas, esperando que os atenienses, naquela situação confusa, se renderiam em condições mais satisfatórias, ou então, em conseqüência da agitação presumivelmente reinante dentro e fora da cidade, ele conseguiria na primeira investida capturar as Longas Muralhas devido ao abandono daquele setor. Mas quando Ágis se aproximou os atenienses, sem aparentar a menor movimentação no interior, saíram com sua cavalaria e uma parte de seus hoplitas, tropas ligeiras e archeiros, matando alguns homens das tropas lacedemônias que haviam avançado até mais perto e apoderando-se de numerosas armas e dos mortos. Ágis finalmente reconheceu o seu erro e recuou com seu exército. Ele e suas tropas continuaram em Decêleia, mas os reforços recém-chegados foram mandados de volta após ficarem alguns dias na Ática. Os Quatrocentos, apesar da experiência anterior, continuaram mandando emissários a Ágis; este passou a acolhê-los melhor, e eles então enviaram emissários também à Lacedemônia, a conselho do próprio Ágis, para negociarem um acordo, pois havia realmente a intenção de fazer a paz.

72. Os Quatrocentos mandaram também dez homens a Samos para tranqüilizar as tropas estacionadas lá, e explicar que a oligarquia havia sido instaurada não para prejudicar a cidade ou os cidadãos, mas para a salvação geral; deveriam explicar igualmente que o poder estava nas mãos de cinco mil pessoas, e não de apenas quatrocentas, e que os atenienses, incorporados aos exércitos e em atividade além de suas fronteiras, jamais haviam podido reunir-se em assembléia com a presença de cinco mil cidadãos para deliberar sobre qualquer assunto, por mais importante que fosse; assim, após haver-lhes dado estas e outras instruções quanto às explicações que seria conveniente transmitir, despacharam os emissários imediatamente após a sua própria posse nos respectivos cargos, com receio de que – e isto realmente aconteceu – a massa de soldados não se mostrasse disposta a submeter-se à forma oligárquica de governo e o mal, alastrando-se a partir de Samos, viesse a provocar a queda dos novos governantes.

73. Com efeito, já havia começado em Samos a reação contra o movimento oligárquico, e os eventos seguintes ocorreram aproximadamente na mesma ocasião em que os Quatrocentos estavam estabelecendo o seu governo. Os sâmios do partido popular que se haviam revoltado anteriormente[55] contra os aristocratas, mudaram novamente de opinião, persuadidos conjuntamente por Písandros à sua chegada[56] e pelos conspiradores atenienses em Samos; os conspiradores – aproximadamente trezentos – pretendiam atacar os outros soldados, por pertencerem ao partido democrático. Hipérbolos[57], um dos atenienses, homem depravado que havia sido atingido pelo ostracismo, foi executado numa ação conjunta por Cárminos[58] (um dos comandantes) e um grupo dos atenienses em Samos, não por temor de seu poder ou de seu prestígio, mas por sua vilania e pelo fato de ele ser uma vergonha para a cidade; deram aos atenienses, assim, uma prova de sua boa fé. Em ações semelhantes eles também cooperaram com os atenienses e se mostravam sempre dispostos a atacar os membros do partido popular. Mas o povo, percebendo as suas intenções, revelou-as a Lêon e Diomêdon, dois dos comandantes – eles se haviam submetido à oligarquia a contragosto, pois exerciam os seus cargos por escolha do partido popular – e também a Trasíbulos e Trásilos, o primeiro dos quais era trierarca e o segundo hoplita, e a outros tidos como os principais adversários dos conspiradores; os democratas pediram-lhes que não ficassem assistindo indiferentemente à sua destruição e ao afastamento de Samos dos atenienses, pois somente Samos lhes havia permitido manter o império de pé até aquela altura dos acontecimentos. Ouvindo-os, aqueles homens se dirigiram a cada soldado e instaram um por um a não permitir a consumação daquela tentativa, especialmente aos tripulantes da *Páralos*[59] por serem atenienses e todos homens livres, sempre opostos à oligarquia, desde antes de sua instituição; daí em diante Lêon e Diomêdon, sempre que viajavam a outros lugares, deixavam em Samos algumas naus de guarda. Conseqüentemente, quando os trezentos conspiradores atacaram os sâmios, todos os tripulantes das naus intervieram, especialmente os da *Páralos,* de tal forma que os sâmios em maioria levaram a melhor. Foram executados cerca de trinta dos trezentos – os principais responsáveis pela conspiração – e punidos três com o exílio; foi con-

[55] Veja-se o capítulo 21 deste livro.
[56] Veja-se o capítulo 63 deste livro.
[57] Sobre Hipérbolos, veja-se Plutarco: *Nícias,* XI, *Aristides,* VII e *Alcibíades,* XIII.
[58] Vejam-se os capítulos 30, 41 e 42 deste livro.
[59] Veja-se a nota 16 do livro III..

cedida anistia aos restantes e todos continuaram a gozar do direito de cidadania sob um regime democrático.

74. A nau *Páralos,* levando a bordo o ateniense Queréias filho de Arquêstratos, que trabalhara fervorosamente para esta reviravolta, foi mandada para Atenas a toda velocidade pelos sâmios e pelos soldados atenienses, com a notícia daqueles acontecimentos, pois ainda não sabiam que os Quatrocentos já haviam assumido o poder. Imediatamente após a sua chegada ao porto alguns tripulantes da *Páralos* – dois ou três – foram presos pelos Quatrocentos, que se apoderaram da nau e transferiram os demais para uma embarcação de transporte, mandando-os em missão de vigilância para as vizinhanças da Eubéia. Queréias, diante daqueles fatos, conseguiu regressar apressadamente a Samos sem ser notado pelos atenienses, levando aos soldados um relato da situação em Atenas, no qual exagerou tudo para pior; disse que estavam espancando todos os habitantes a pretexto de puni-los, e que não era permitido dizer uma palavra sequer contra os detentores do poder; que as mulheres e as crianças dos cidadãos estavam sendo ultrajadas, e que a oligarquia pretendia confinar os parentes de todos os integrantes do exército em Samos que não fossem de sua opinião, com o intuito de executar aquelas se estes não se submetessem à sua autoridade; e acrescentou muitas outras invencionices.

75. Diante daquele relato a primeira reação dos soldados foi no sentido de se lançarem contra os principais mentores da oligarquia e contra os seus demais adeptos, ansiosos por castigá-los; os moderados, porém, conseguiram contê-los e os aconselharam a não pôr a sua causa a perder, pois as naus inimigas estavam próximas e em atitude hostil, levando-os assim a desistir. Em seguida Trasíbulos filho de Licos, e Trásilos, os principais chefes da revolta, estando agora ostensivamente favoráveis ao retorno do governo de Samos à democracia, obtiveram dos soldados por meio dos juramentos mais solenes – principalmente dos pertencentes à facção oligárquica – o compromisso de manterem a democracia e prosseguirem energicamente na guerra contra os peloponésios; quanto aos Quatrocentos, seriam seus inimigos e não lhes enviariam emissários. O mesmo juramento foi obtido também dos sâmios em idade militar, e em todos os seus atos e em tudo que poderia resultar dos riscos a que se expunham os soldados passaram a agir em comum com os sâmios, convencidos de que, para estes e para si mesmos, somente aquela atitude daria esperanças de salvação, pois estariam

perdidos se os Quatrocentos ou se o inimigo estacionado em Míletos vencessem.

76. Era realmente renhida a controvérsia reinante naquela ocasião em Samos, com uma facção tentando compelir a cidade a manter a democracia e a outra tentando impor uma oligarquia ao exército. Os soldados resolveram realizar, então, sem perda de tempo, uma assembléia na qual depuseram seus comandantes anteriores e os trierarcas suspeitos e escolheram outros para substituí-los, entre os quais estavam Trasíbulos e Trásilos. Tomaram ainda a palavra para fazer várias recomendações, exortando-se mutuamente, salientando mais que tudo que não deviam necessariamente desanimar porque Atenas havia rompido com eles; naquele caso, com efeito, era uma minoria que se destacava deles, que eram a maioria, detentora sob todos os aspectos de maiores recursos, e como dominavam toda a frota poderiam compelir as outras cidades submissas aos atenienses a pagar-lhes as contribuições, como se se tratasse da própria Atenas. Samos, a sua cidade, nada tinha de fraca; ao contrário, pouco faltou, quando ela havia ido à guerra contra Atenas[60], para arrebatar-lhe o império sobre o mar; quanto ao inimigo, defender-se-iam dele contando com os mesmos recursos de antes. Mais ainda: por possuírem a frota, tinham mais condições de obter suprimentos que o povo de Atenas. Na realidade, era a presença deles em Samos, como um posto avançado de patrulha, que havia permitido aos atenienses em sua própria cidade a manutenção do acesso marítimo ao Pireu; agora, acrescentaram eles, se os outros se recusassem a lhes devolver a constituição anterior, os atenienses em Atenas ficariam em situação de tal forma difícil que os atenienses em Samos teriam maiores possibilidades de os expulsarem do mar, em vez de ser expulsos por eles. Era pequena, e realmente de nenhum valor, a ajuda que Atenas lhes podia dar para vencerem o inimigo, e eles nada estariam perdendo por se afastarem de quem nada mais podia oferecer-lhes – os soldados agora se bastavam a si mesmos – e já não podia sequer mandar-lhes instruções úteis, ou seja, fazer precisamente o que leva as cidades a comandar exércitos. Mesmo a este respeito os outros tinham errado ao derrogar as leis de seus antepassados, enquanto eles ali estavam tentando preservá-las e se esforçariam por obrigar os oligarcas a voltar a elas. Assim os soldados atenienses em Samos, capazes de fazer ponderações úteis, não foram inferiores aos de Atenas. Outra circunstância que lhes ocorria era que, se pudessem assegurar a Alcibíades a imunidade e o retorno, ele lhes

[60] Em 440 a.C.; veja-se o capítulo 95 do livro I.

proporcionaria de bom grado a aliança com o Rei. Finalmente – e o mais importante – se tudo falhasse, enquanto possuíssem uma frota numerosa como aquela haveria muitos lugares onde poderiam refugiar-se e encontrar cidades e territórios que os acolhessem.

77. Após deliberarem daquela maneira, reunidos em assembléia pública, e se encorajarem mutuamente, deram prosseguimento aos seus preparativos para a guerra com entusiasmo não menor que o de antes. Os emissários mandados a Samos pelos Quatrocentos tomaram conhecimento daqueles eventos quando já estavam em Delos, e lá permaneceram na expectativa.

78. Ao mesmo tempo os soldados peloponésios da frota em Míletos murmuravam entre eles que sua causa estava sendo posta a perder por Astíocos e Tissafernes; pelo primeiro porque não se dispusera a combater antes, enquanto estavam ainda mais fortes e a frota ateniense era menor, e não se dispunha agora, quando se dizia que o inimigo estava dividido em facções e suas naus ainda não se haviam reunido; ao contrário, continuavam esperando as naus fenícias que Tissafernes prometia enviar-lhes – apenas palavras e nada de fatos – e assim corriam o risco de se desgastarem pela demora; por Tissafernes, não somente porque ele não havia entregue as naus, mas também por estar prejudicando a frota existente, deixando de pagar-lhes as despesas de sustento regular e integralmente. Portanto, diziam eles, não deveriam esperar mais e travar sem delongas uma batalha naval decisiva. Os siracusanos eram os mais enfáticos quanto a esta idéia.

79. Astíocos e os aliados tomaram conhecimento daqueles rumores, e após debater o assunto resolveram travar a batalha decisiva. Conseqüentemente, logo que souberam do recrudescimento da agitação em Samos zarparam com toda a sua frota (cento e vinte naus), e mandando os milésios seguir por terra em direção a Micale, navegaram eles mesmos para esta última cidade. Os atenienses, com as oitenta e duas naus baseadas em Samos e que naquela ocasião estavam ancoradas em Glauce, no promontório de Micale (onde Samos fica a menor distância do continente, na direção do promontório), regressaram a Samos quando viram os peloponésios avançando com suas naus contra eles, pois não se consideravam suficientemente fortes, quanto ao número de naus, para arriscá-las todas em uma batalha. Além disto, notícias recebidas anteriormente de Míletos lhes revelaram a decisão do inimigo de combater, e ainda estavam esperando a chegada de

Strombiquides com as naus de Quios que tinham ido até Ábidos[61] (um mensageiro havia sido despachado ao seu encontro). Os atenienses se retiraram para Samos, então, mas os peloponésios prosseguiram para Micale e acamparam lá, juntamente com os milésios e as tropas dos povos vizinhos, que compunham suas forças terrestres; no dia seguinte, quando estavam prestes a avançar para Samos, receberam a informação de que Strombiquides havia chegado do Heléspontos com suas naus; diante deste fato eles partiram de volta para Míletos. Os atenienses, de seu lado, ao receberem este reforço avançaram em direção a Míletos com cento e oito naus, desejando também chegar a uma decisão num combate entre as duas frotas; vendo, porém, que ninguém vinha contra eles, retornaram a Samos.

80. Durante o mesmo verão, logo após aquela movimentação, os peloponésios, que com todas as suas naus reunidas não se tinham julgado em condições de sair ao encontro do inimigo, estavam perplexos sem saber onde iriam conseguir dinheiro para manter tantas naus, já que Tissafernes não lhes pagava como devia; mandaram então Clêarcos filho de Ranfias com quarenta naus ao encontro de Farnábazos, de acordo com as ordens inicialmente recebidas por Clêarcos ao deixar o Peloponeso[62]. Com efeito, Farnábazos os chamara e se declarara disposto a pagar o sustento das naus, e ao mesmo tempo Bizâncio mandara comunicar-lhes sua disposição de rebelar-se. Assim aquelas quarenta naus zarparam em direção ao alto-mar, com o objetivo de burlar a vigilância dos atenienses durante a viagem; surpreendidas, porém, por uma tempestade, foram em sua maior parte refugiar-se em Delos, sob o comando de Clêarcos, e depois navegaram de volta a Míletos (Clêarcos foi posteriormente por terra para o Heléspontos e lá assumiu o comando); as dez naus restantes chegaram apesar de tudo ao Heléspontos com seu comandante Hêlixos de Mégara e consumaram a rebelião em Bizâncio. Logo que souberam daquele evento os atenienses em Samos mandaram naus para o Heléspontos, como reforço e para vigilância, e uma breve batalha naval ocorreu em frente a Bizâncio, com a participação de oito naus de cada lado.

81. Após a reviravolta na situação em Samos, Trasíbulos passou a insistir mais que os outros atenienses proeminentes naquela cidade na idéia de que deveriam chamar Alcibíades de volta; finalmente, numa reunião da as-

[61] Veja-se o capítulo 62 deste livro.
[62] Vejam-se os capítulos 8 e 39 deste livro.

sembléia, ele convenceu a maioria dos soldados a agir naquele sentido. Aprovada a resolução chamando Alcibíades e dando-lhe imunidades, Trasíbulos cruzou para o continente até a sede da satrapia de Tissafernes e trouxe Alcibíades de volta a Samos, imaginando que a única salvação seria afastar Tissafernes dos peloponésios e fazê-lo passar para o seu lado. Realizou-se, então, outra assembléia, na qual Alcibíades se queixou, entre muitas lamúrias, de seu infortúnio pessoal na condição de exilado; falou também longamente de assuntos políticos, inspirando nos participantes da assembléia esperanças nada modestas a respeito do futuro de sua causa, e exagerando demasiadamente sua influência junto a Tissafernes. Seus objetivos eram inquietar os homens fortes da oligarquia e provocar a desagregação dos grupos de conspiradores em Atenas; queria também aumentar o seu prestígio pessoal em Samos, levando os soldados a confiarem mais nele; junto ao inimigo, enfim, queria levantar contra Tissafernes as maiores suspeitas possíveis, fazendo desmoronar as esperanças presentes dos peloponésios; Alcibíades fez então uma promessa que era o máximo em matéria de jactância: Tissafernes havia jurado, disse ele, que enquanto lhe restasse algum bem, não deixaria os atenienses carentes de recursos, ainda que tivesse de vender o seu próprio leito, desde que pudesse confiar neles; disse ainda que Tissafernes traria as naus fenícias, que já estariam em Áspendos, entregando-as aos atenienses; acrescentou que Tissafernes somente confiaria nos atenienses se o próprio Alcibíades, de volta são e salvo, servisse de garantia da fidelidade dos atenienses junto a ele.

82. Ouvindo estas e muitas outras promessas, os soldados elegeram imediatamente Alcibíades seu comandante, para agir em conjunto com os comandantes em exercício, e lhe confiaram todos os seus interesses; sua própria salvação e o castigo dos Quatrocentos se tornaram subitamente para eles o objeto de uma esperança que cada um deles não trocaria por coisa alguma; naquele momento sentiam até um certo desprezo por seus inimigos presentes, reanimados com as palavras recém-ouvidas, e se mostraram ansiosos por zarpar e atacar o Pireu. Alcibíades, porém, opôs-se totalmente a que deixassem para trás seus inimigos mais próximos e navegassem contra o Pireu, apesar da insistência de muitos neste sentido; sua primeira preocupação, disse ele, já que havia sido eleito comandante, seria a continuação da guerra, e para isto iria navegar até onde estava Tissafernes. Logo após a assembléia ele viajou, com o intuito de dar a impressão de um entrosamento absoluto com Tissafernes; ao mesmo tempo Alcibíades dese-

java aumentar substancialmente o seu prestígio junto a este, mostrando-lhe que, eleito comandante, agora estava em condições de lhe fazer bem ou mal. Acontecia, portanto, que Alcibíades estava apenas usando Tissafernes para intimidar os atenienses, e os atenienses para intimidar Tissafernes.

83. Os peloponésios em Míletos, que já desconfiavam de Tissafernes, passaram a suspeitar ainda mais dele ao receber a notícia do retorno de Alcibíades. Realmente acontecera que, depois deles se recusarem a sair imediatamente contra os atenienses e combatê-los quando avançaram contra Míletos, Tissafernes se tornara muito mais displicente no pagamento dos soldos, motivando assim a exacerbação do rancor que já sentiam contra ele por causa de Alcibíades. Reunindo-se em grupo os soldados repetiam os argumentos anteriores[63] – não somente a tropa, mas também certas pessoas importantes; comparando cálculos uns com os outros, diziam que jamais haviam recebido o soldo completo, e além disto o recebiam irregularmente; se não travassem um combate naval decisivo, ou não fossem para algum lugar onde pudessem obter o necessário à subsistência, as tripulações abandonariam as naus, e o responsável por tudo isto seria Astíocos, que se prestava aos caprichos de Tissafernes visando ao seu proveito pessoal.

84. Enquanto repetiam aqueles argumentos ocorreu o seguinte incidente envolvendo Astíocos. Os marinheiros de Siracusa e de Túrios, que em sua maioria eram homens livres, pressionavam-no mais insistentemente reclamando o seu soldo; Astíocos lhes deu uma resposta de certo modo arrogante e os ameaçou, chegando a levantar o seu bastão[64] contra Dorieus, que apoiava os seus marinheiros. Vendo a atitude de Astíocos, as tropas reunidas em massa reagiram à maneira dos marinheiros, lançando-se enraivecidos contra Astíocos para agredi-lo, mas ele notou a tempo o seu avanço e pôde refugiar-se junto a um altar; conseqüentemente a agressão não se consumou e as tropas se dispersaram. Também ocorreu que os milésios capturaram o forte construído por Tissafernes em Míletos, atacando-o de surpresa, e expulsaram a guarnição do mesmo. A operação foi aprovada pelos aliados em geral, especialmente pelos siracusanos. Licas[65], todavia, não ficou satisfeito com o fato, e disse que os milésios, como os outros habitantes dos domínios do Rei, deveriam obedecer como escravos a Tissafernes, até certo

[63] Veja-se o capítulo 78 deste livro.
[64] Os comandantes espartanos usavam um bastão como símbolo de sua autoridade.
[65] Veja-se o capítulo 52 deste livro.

ponto, e cortejá-lo até que a guerra terminasse satisfatoriamente para eles. Os milésios ficaram irritados com ele por causa daquelas e de outras afirmações idênticas, e quando Licas logo depois adoeceu e morreu, não permitiram que ele fosse enterrado onde os lacedemônios presentes queriam.

85. Enquanto as relações entre os soldados, de um lado, e Astíocos e Tissafernes do outro, atingiam aquele ponto de exacerbação, Míndaros chegou da Lacedemônia para substituir Astíocos na qualidade de almirante e assumiu o comando. Astíocos regressou pouco tempo depois, e Tissafernes mandou com ele, como seu emissário, um de seus auxiliares (um cário bilíngüe chamado Gaulites) para formular uma acusação contra os milésios pela tomada de seu forte, e ao mesmo tempo para fazer a sua defesa, pois sabia que os milésios estavam a caminho de Esparta com o objetivo principal de denunciá-lo, e que ia com eles Hermôcrates, cuja intenção era mostrar que Tissafernes, juntamente com Alcibíades, estava pondo a perder a causa dos peloponésios e adotando uma política bifronte. Havia uma inimizade de longa data entre Tissafernes e Hermôcrates por causa do pagamento de soldos[66], e recentemente, após o banimento de Hermôcrates de Siracusa e a chegada de outro grupo de comandantes a Míletos para chefiarem a frota siracusana[67] – eles eram Pôtamis, Míscon e Dêmarcos – Tissafernes passara a hostilizar Hermôcrates, agora um exilado, com violência ainda maior, acusando-o entre outras coisas de lhe ter pedido dinheiro em certa ocasião, e de se haver tornado seu inimigo por não o ter obtido. Astíocos, então, partiu para a Lacedemônia juntamente com os milésios e Hermôcrates; Alcibíades, por sua vez, já havia deixado a sede da satrapia de Tissafernes de volta a Samos.

86. Os emissários dos Quatrocentos, mandados na época mencionada anteriormente[68] para apaziguar os soldados em Samos e dar-lhes explicações, chegaram finalmente de Delos quando Alcibíades já estava em Samos, e tentaram falar durante uma reunião da assembléia. Os soldados a princípio não quiseram ouvi-los, e ameaçaram de morte, aos gritos, os destruidores da democracia; a muito custo se acalmaram, afinal, e os ouviram. Os emissários declararam que a revolução havia sido feita não para arruinar a cidade, mas para salvá-la, e nunca para que Atenas fosse entregue ao inimigo

[66] Veja-se o capítulo 75 deste livro.
[67] Veja-se Xenofonte, *Helênica*, Livro I, capítulo 1.
[68] Veja-se o capítulo 27 deste livro.

(isto poderia ter sido feito por ocasião da recente invasão lacedemônia, quando os oligarcas já estavam no poder); afirmaram também que todos os Cinco Mil participariam sucessivamente do governo; disseram ainda que os parentes dos soldados não estavam sendo ofendidos, como Queréias relatara caluniosamente, nem sendo maltratados, mas continuavam em seus lares, cada um de posse dos seus bens. Embora tenham dito tudo isto e ainda mais, não conseguiram persuadir os soldados, que continuavam irados e apresentaram seguidamente várias sugestões, particularmente a de embarcarem prontamente para atacar o Pireu. Parece-me que naquele momento, e pela primeira vez, Alcibíades prestou à sua cidade um serviço que ninguém teria prestado tão bem quanto ele, pois quando os atenienses em Samos estavam ansiosos por partir para atacar o seu próprio povo – se eles tivessem partido a Iônia e o Helespontos com certeza cairiam rapidamente em poder do inimigo – foi ele quem impediu que isto acontecesse. Naquele momento crucial nenhum outro homem teria sido capaz de conter a multidão, mas ele a levou a desistir da idéia da viagem e, reprovando aqueles que hostilizavam os emissários movidos por rancores pessoais, conseguiu apaziguá-los. Foi ele mesmo quem, mandando de volta os emissários, lhes respondeu que não se opunha aos Cinco Mil no poder, mas exortava os atenienses a afastar os Quatrocentos e a restabelecer o Conselho em sua forma anterior – a dos Quinhentos; se com as medidas restritivas adotadas as autoridades haviam conseguido economizar para melhorar o sustento das tropas[69], ele as felicitava sem restrições. Quanto ao resto, exortou-os a resistir, não recuando de forma alguma diante do inimigo, pois entre eles, desde que a cidade fosse salva, haveria grandes esperanças de reconciliação, mas se uma facção ou a outra fosse aniquilada – não importa se a de Samos ou a de Atenas – já não haveria sequer partes para se reconciliarem.

Chegaram também a Samos emissários dos argivos, oferecendo-se para ajudar a causa da democracia em Atenas; Alcibíades os mandou de volta, agradecendo-lhes e dizendo-lhes que fossem quando ele os convidasse. Os argivos tinham vindo com a tripulação da *Páralos* que, como se sabe[70], havia sido mandada numa nau de transporte com instruções para patrulhar a costa da Eubéia e para levar à Lacedemônia os três emissários atenienses dos Quatrocentos (Lespodias, Arístofon e Melésias). Quando, porém, a nau viajava nas proximidades de Argos, a tripulação se apoderou dos emissários e os entregou aos argivos, alegando que eles estavam entre os principais

[69] As medidas restritivas de gastos são mencionadas nos capítulos 65 e 67 deste livro.
[70] Veja-se o capítulo 74 deste livro.

responsáveis pela abolição da democracia. Os tripulantes, todavia, não voltaram a Atenas depois disto, mas vieram de Argos para Samos, trazendo consigo os emissários argivos em sua trirreme.

87. Durante o mesmo verão, num momento em que, principalmente por causa do retorno de Alcibíades, os peloponésios estavam agastados com Tissafernes, por sentirem que o mesmo agora estava abertamente a favor dos atenienses, este, desejando aparentemente dissipar o seu ressentimento, preparou-se para ir a Áspendos buscar as naus fenícias e convidou Licas para acompanhá-lo; quanto ao seu exército, ele nomeou Tamos para substituí-lo, a fim de assegurar o pagamento dos soldos durante a sua ausência. Há, porém, outras versões a respeito do episódio, e não é fácil saber com exatidão o verdadeiro motivo de sua ida a Áspendos, e por que, tendo ido, ele não voltou com as naus. É certo que as cento e quarenta e sete naus fenícias chegaram a Áspendos, mas a razão pela qual elas não continuaram a viagem é objeto de versões desencontradas. Uns dizem que a intenção de Tissafernes era conseguir com sua ausência o que ele realmente planejava – exaurir os recursos dos peloponésios pela demora (de fato, o pagamento dos soldos não melhorou; ao contrário, tornou-se ainda pior do que antes quando passou a ser feito por Tamos, a quem este encargo foi atribuído); outros dizem que ele queria trazer as naus fenícias até Áspendos para cobrar um tributo sobre as mesmas (de qualquer modo ele não pretendia utilizá-las); outros, finalmente, dizem que era porque ele estava sendo acusado na Lacedemônia e queria que chegasse até lá a notícia de que ele não estava agindo deslealmente mas, como era evidente a qualquer pessoa, ele tinha ido buscar as naus e elas estavam realmente prontas para navegar. A mim, todavia, me parece perfeitamente claro que seu intuito, não trazendo afinal a frota, era esgotar os recursos dos helenos e manter a situação indefinida, imobilizando-os enquanto viajava até Áspendos e demorava lá, e ao mesmo tempo igualando-os, de tal forma que nenhum dos lados se tornasse mais forte mediante aquele reforço; se ele houvesse querido, teria certamente posto fim à guerra adotando uma posição inequívoca, pois trazendo sua frota ele muito provavelmente teria dado a vitória aos lacedemônios que, de fato, já poderiam enfrentar os atenienses, mesmo sem o reforço, com uma frota equivalente e em nada inferior à deles. Mas o que revelou mais nitidamente os seus desígnios foi a desculpa dada por ele para não trazer as naus, pois disse que o seu número não correspondia às ordens do Rei. Ora: ele certamente haveria conquistado maior gratidão, naquelas circunstâncias, poupan-

do uma soma considerável do dinheiro do Rei e obtendo o mesmo resultado com menor dispêndio. Em suma, quaisquer que tenham sido as suas intenções, Tissafernes foi a Áspendos e lá encontrou os fenícios, e de acordo com suas instruções os peloponésios mandaram o lacedemônio Fílipos com duas trirremes para voltar com as naus.

88. Quando Alcibíades soube que Tissafernes estava indo para Áspendos, zarpou também para lá com treze naus, prometendo às tropas em Samos um benefício seguro e grande, pois traria a frota fenícia para os atenienses, ou então impediria de qualquer modo a entrega da mesma aos peloponésios. Provavelmente ele conhecia de longa data as intenções de Tissafernes – que ele não pretendia trazer as naus – e desejava comprometê-lo ao máximo junto aos peloponésios, evidenciando a estima de Tissafernes por ele e pelos atenienses; isto obrigá-lo-ia a pender mais para o lado ateniense. Alcibíades zarpou então para o leste, rumando diretamente para Fáselis e Caunos.

89. Chegando a Atenas de volta de Samos, os emissários dos Quatrocentos relataram as declarações de Alcibíades – a exortação aos atenienses para se manterem firmes e não fazerem concessões ao inimigo, e sua grande esperança de reconciliá-los com o exército e de vencer os peloponésios; muitos membros da oligarquia, que já estavam inquietos e se considerariam felizes se pudessem livrar-se com segurança daquela situação, mostraram-se ainda mais animados. Começaram a formar grupos e a criticar a situação, tendo à frente alguns dos cabeças da própria oligarquia e ocupantes de cargos no governo, como Terámenes filho de Hágnon, Aristócrates filho de Celias, e outros. Estes, após haver desempenhado um papel destacado nos acontecimentos que levaram à mudança de regime, estavam agora alarmados, temendo seriamente o exército de Samos e Alcibíades e receosos de que os homens enviados à Lacedemônia pela oligarquia agissem de maneira nociva à cidade sem consultar a maioria dos cidadãos; seu desejo, segundo diziam, não era levar a oligarquia a abusos; ao contrário, queriam dar aos Cinco Mil uma existência efetiva, e não apenas nominal, e constituir o governo em bases de maior igualdade de participação. Suas palavras, porém, eram meramente para fins políticos; na realidade a maior parte deles obedecia às suas ambições pessoais e tendia a seguir o caminho mais seguro para arruinar uma oligarquia oriunda de uma democracia, pois em vez de se considerarem todos iguais, cada um deles se julgava indiscutivelmente, e de longe, o primeiro entre todos; em contraste, na democracia há eleições e cada

um aceita mais facilmente os resultados, pois não tem a sensação de haver sido rebaixado por pessoas iguais a ele mesmo[71]. O que evidentemente mais os encorajou foi a posição forte de Alcibíades em Samos e a impressão de que o regime oligárquico não se sustentaria por muito tempo. Cada um deles, portanto, passou a lutar para tornar-se o primeiro na preferência da facção popular.

90. Mas aqueles entre os Quatrocentos que mais se opunham a esta tendência – líderes como Frínicos, ex-comandante em Samos e adversário de Alcibíades[72], Arístarcos, conspícuo e tradicional inimigo da democracia, Písandros[73], Antífon[74] e outros homens muito influentes – antes mesmo daquela ocasião, ou seja, logo que assumiram o poder e que o exército em Samos se revoltou contra eles e a favor de um retorno à democracia, vinham mandando emissários à Lacedemônia[75] e esforçando-se obstinadamente por chegar a um entendimento com os lacedemônios, ao mesmo tempo que fortificavam um lugar chamado Eetioneia; quando seus delegados voltaram de Samos, então, redobraram a atividade, ao tomar conhecimento da reviravolta não somente das massas, mas também de seus partidários, que antes consideravam confiáveis. Nestas circunstâncias, despacharam imediatamente Antífon, Frínicos e mais dez emissários para a Lacedemônia, pois estavam alarmados com a situação tanto em Atenas quanto em Samos; sua missão era negociar uma reconciliação com os lacedemônios mediante quaisquer condições que tivessem um mínimo de aceitabilidade. Ao mesmo tempo as obras de fortificação de Eetioneia prosseguiam num ritmo ainda mais acelerado. De acordo com declarações de Terámenes e de seu grupo, o objetivo daquela fortificação não era impedir a frota estacionada em Samos de entrar no Pireu no caso de uma tentativa para forçar a passagem; era, na realidade, abrir mais facilmente o porto ao inimigo por mar e por terra quando os oligarcas quisessem. De fato, Eetioneia, um enrocamento que se prolonga até fora do Pireu e ao longo do qual se navega para entrar no porto, fora ligado por uma muralha nova à muralha já existente em direção à terra, de tal modo que uns poucos homens estacionados nele poderiam

[71] Ou seja, as preterições qualitativas parecem ferir mais que as quantitativas, pois no caso do povo, é uma coletividade impessoal que elege, ao passo que na oligarquia é uma pessoa, ou umas poucas pessoas bem definidas que escolhem.
[72] Vejam-se os capítulos 48 e 50 deste livro.
[73] Vejam-se os capítulos 49 e 53 deste livro.
[74] Veja-se o capítulo 68 deste livro.
[75] Vejam-se os capítulos 71 e 86 deste livro.

dominar a entrada, pois tanto a muralha existente em direção à terra quanto a que estava sendo construída em frente ao mar se encontravam na segunda das duas torres, localizada exatamente na entrada do porto, que é estreita. Foi também fechada com um paredão uma colunata – a maior e mais próxima ao porto e imediatamente adjacente à muralha em direção à terra – de maneira a formar um entreposto, que passaram a administrar diretamente, obrigando todos os negociantes a depositar nele os cereais já descarregados e a descarregar, vindos por mar; as quantidades vendidas seriam retiradas de lá à proporção que fossem negociadas.

91. Terámenes vinha-se queixando abertamente daquelas medidas, e após a volta dos emissários mandados à Lacedemônia sem qualquer resultado no sentido de um acordo com a participação de todo o povo, ele passou a dizer que existia o risco de aquela fortificação vir a ser a perdição da cidade. Realmente, naquela mesma ocasião aconteceu que, a convite dos eubeus, quarenta e duas naus do Peloponeso, entre as quais havia algumas italiotas de Taras e de Locros e um certo número da Sicília, já estavam ancoradas em Las, na Lacônia, e se preparavam para partir em direção à Eubéia, sob o comando do espartano Hegesandridas filho de Hegésandros; Terámenes declarou que elas já estavam a caminho, não da Eubéia, mas de Eetioneia, ao encontro dos homens que a estavam fortificando, acrescentando que, a não ser que fossem tomadas precauções, a causa da democracia estaria perdida antes dos democratas perceberem claramente os fatos. Havia realmente uma idéia neste sentido entre as pessoas acusadas por Terámenes, e suas palavras não eram de forma alguma uma simples calúnia. Aquelas pessoas aspiravam acima de tudo a uma oligarquia, cujo poder se estendesse até os aliados; se isto não fosse possível, queriam pelo menos manter-se independentes, conservando suas naus e fortificações; se até isto lhes fosse interdito, desejavam ao menos impedir a restauração do regime democrático, do qual seriam as primeiras vítimas; para isto iriam até o extremo de chamar o inimigo e, entregando-lhe as muralhas e as naus, fazer um acordo sob quaisquer condições quanto ao destino da cidade, desde que obtivessem imunidade pessoal.

92. Com este objetivo eles estavam construindo apressadamente aquela fortificação, dotada de postigos, entradas e vias de acesso para facilitar a introdução do inimigo na cidade, e se esforçavam por terminá-la a tempo. Até então os comentários estiveram confinados a grupos restritos e eram

feitos com ares de segredo; após seu regresso da missão à Lacedemônia, todavia, Frínicos foi golpeado à traição por um patrulheiro[76] em plena ágora, não muito longe do recinto do Conselho, de onde saía, e morreu instantaneamente. O assassino fugiu, enquanto seu cúmplice – um argivo – foi preso e submetido a torturas pelos Quatrocentos, mas não revelou o nome de qualquer de seus mandantes, limitando-se a dizer que tinha conhecimento de reuniões de muita gente na casa do comandante dos patrulheiros e em diversas outras. Como o acontecimento não teve maiores conseqüências, a partir daquela ocasião Terámenes passou a demonstrar maior audácia, resolvendo agir; o mesmo aconteceu com Aristócrates e todas as pessoas que tinham idéias idênticas, pertencentes ou não aos Quatrocentos. Ao mesmo tempo as naus peloponésias haviam feito a volta vindas de Las e, estabelecendo sua base em Epídauros, saíram numa incursão contra Egina; esta operação levou Terámenes a dizer que não era verossímil, se o destino das naus fosse a Eubéia, que elas tivessem prolongado a viagem até Egina, indo ameaçar Epídauros, a não ser que viessem convidadas, para os fins que ele mesmo vinha denunciando seguidamente; não era mais possível, portanto, continuarem inativos. Finalmente, após muitos outros pronunciamentos e insinuações subversivas, diante daquela situação eles resolveram agir. Os hoplitas do Pireu, que trabalhavam na fortificação de Eetioneia – um deles era Aristócrates, oficial no comando de um contingente de sua própria tribo – prenderam Alêxicles, um comandante partidário dos oligarcas e muito ligado a estes, e o levaram até uma casa onde ele ficou detido. Entre os autores da prisão estava Hêrmon, patrulheiro e comandante de um destacamento estacionado em Muniquia, e o mais importante era que os hoplitas estavam a favor deles. Quando a ação foi comunicada aos Quatrocentos, na ocasião reunidos no recinto do Conselho, todos eles, menos os contrários aos rumos atuais do regime, mostraram-se imediatamente dispostos a empunhar armas e começaram a ameaçar Terámenes e seus adeptos. Este, justificando-se, disse que estava pronto a partir e ajudar a libertar Alêxicles, e saiu para o Pireu acompanhado por um dos comandantes, favorável a ele; Arístarcos e alguns jovens da classe média também foram para colaborar. Seguiu-se uma confusão generalizada e alarmante, pois o povo na cidade pensava que o Pireu já havia sido ocupado e o prisioneiro tinha sido executado, enquanto o povo no Pireu pensava que os homens da cidade estavam vindo contra eles.

[76] Os jovens atenienses, antes de serem incorporados às tropas regulares, deviam prestar serviço durante dois anos em fortes nas fronteiras da Ática, sob a designação de *perípoloi,* que traduzimos por patrulheiros.

Devido, porém, aos esforços de homens mais idosos no sentido de conter as pessoas da cidade que estavam correndo em todas as direções para empunhar as suas armas, bem como de Tucídides de Fársalos, próxeno naquela cidade, presente em Atenas naquele momento, que se interpunha incansavelmente no caminho de todos, exortando-os a não arruinarem a cidade quando o inimigo estava tão próximo à espera de uma oportunidade, a calma foi restabelecida, embora com dificuldade, evitando-se que os habitantes se atacassem uns aos outros. Terámenes chegou ao Pireu (ele era um dos comandantes), e se dirigiu aos hoplitas gritando com uma cólera apenas aparente, mas Arístarcos e os que se opunham à facção popular estavam realmente exasperados. Os hoplitas em sua quase totalidade, entretanto, queriam agir e não mudaram de idéia; perguntaram a Terámenes se ele pensava que a fortificação estava sendo construída para o bem da cidade, ou se não seria melhor demoli-la; ele respondeu que se lhes parecesse bom demoli-la, também lhe pareceria. Ouvindo isto os hoplitas e muitos dos habitantes do Pireu subiram ao topo da fortificação e começaram a demoli-la. A exortação dirigida às massas era: "Quem quiser que os Cinco Mil governem em vez dos Quatrocentos, comece a agir", pois apesar de tudo os adeptos da democracia ainda ocultavam as suas intenções sob o nome dos Cinco Mil, em vez de dizer francamente "Quem quiser que o povo governe"; com efeito, receavam que os Cinco Mil realmente existissem e que alguém, dirigindo-se a qualquer pessoa, pudesse ver-se numa situação difícil por estar falando com um deles. Esta era a verdadeira razão pela qual os Quatrocentos não queriam transformar os Cinco Mil numa realidade, nem revelar que eles não existiam, pois de um lado pensavam que dar participação a tanta gente no governo levaria pura e simplesmente à democracia, e de outro lado que a incerteza inspiraria temores recíprocos.

93. No dia seguinte os Quatrocentos, embora muito perturbados, reuniram-se apesar de tudo no recinto do Conselho. Os hoplitas do Pireu, todavia, depois de libertarem Alêxicles, que haviam detido, completaram a demolição da fortificação, foram para o teatro de Diônisos em Muniquia e, pondo as armas no chão, reuniram-se em assembléia; puseram-se em marcha para a cidade, logo após deliberarem e votarem uma moção neste sentido, parando daquela vez no Anácion[77]. Certas pessoas, entretanto, foram encontrá-los lá, mandadas pelos Quatrocentos como seus delegados, e se dirigiram separadamente a cada um deles, argumentando e instando todos

[77] Santuário dos Dióscuros, que eram também chamados *ânaktes;* veja-se Pausânias, I, 18.

os moderados que viam a ficar quietos e ajudá-los a conter os restantes; disseram que divulgariam os nomes dos Cinco Mil, e que entre estes seriam escolhidos em rodízio os Quatrocentos, da forma julgada mais conveniente pelos Cinco Mil; até que estas medidas fossem efetivadas, acrescentaram eles, os hoplitas nada deveriam fazer que pudesse levar a cidade à ruína ou lançá-la nos braços do inimigo. Finalmente, após exortações de muitos a muitos, todo o corpo de hoplitas estava mais calmo que antes, passando a demonstrar preocupação acerca da sobrevivência da própria cidade como um todo. Chegaram a um acordo no sentido de realizar, num dia predeterminado, uma assembléia no santuário de Diônisos visando à reconciliação.

94. No dia da assembléia no santuário de Diônisos e quando a mesma estava quase reunida, chegou a informação de que Hegesandridas havia partido de Mégara com suas quarenta e duas naus e já estava navegando ao longo da costa de Salamina; todos os hoplitas, sem exceção, acreditaram que aquela era precisamente a ação prevista por Terámenes e seus adeptos havia muito tempo, e que as naus vinham ocupar a fortificação; sentiram então que a demolição da mesma iria ser-lhes útil. Talvez Hegesandridas estivesse realmente agindo de acordo com algum entendimento prévio quando resolveu ficar rondando com suas naus defronte de Epídauros e pelos arredores, mas é possível que, demorando-se por lá, ele estivesse observando o antagonismo reinante entre as facções de Atenas, na esperança de poder chegar no momento oportuno. Seja como for, quando aqueles movimentos foram relatados aos atenienses eles correram em massa até o Pireu, dando menos importância à sua discórdia interna que ao inimigo, que não estava longe, e na realidade chegara praticamente a seu porto. Alguns embarcaram nas naus já preparadas, outros começaram a preparar outras, enquanto outros foram guarnecer as muralhas e a entrada do porto.

95. As naus peloponésias, após navegarem ao longo da costa e dobrarem o cabo Súnion, vieram ancorar entre Tôricos e Prasias, mas em seguida prosseguiram para Ôropos. Os atenienses se puseram imediatamente em ação; premidos pela emergência, recorreram a tripulações inexperientes, pois vendo a cidade ameaçada pela sedição eles estavam ansiosos por se unirem com a menor demora possível em defesa de sua principal possessão (desde que estavam isolados da Ática[78] a Eubéia significava tudo para eles), e enviaram o comandante Timocares com algumas naus para Eretria. Chegando

[78] Por causa da ocupação de Decêleia; vejam-se os capítulos 27 e 28 do livro VII.

lá e reunindo-se às que já estavam na Eubéia, seu número se elevava a trinta e seis. Os atenienses foram compelidos a entrar em combate imediatamente, pois Hegesandridas logo após a primeira refeição saiu com suas naus de Ôropos, distante da cidade de Eretria somente cerca de sessenta estádios[79] por mar. Quando ele iniciou a aproximação os atenienses por seu turno começaram a embarcar em suas naus, supondo que os tripulantes se encontrassem nas vizinhanças das mesmas. Eles, porém, estavam tentando obter gêneros para a sua primeira refeição nas casas situadas na parte oposta da cidade, e não no mercado, pois os eretrianos haviam tomado a precaução de não deixar quaisquer produtos à venda; esta providência foi adotada para que, enquanto os atenienses estivessem tripulando lentamente as suas naus, o inimigo pudesse surpreendê-los com seu ataque, forçando-os a sair para o mar de qualquer maneira. Além disto, havia sido instalado um dispositivo em Eretria para transmitir no momento oportuno à frota peloponésia em Ôropos o sinal de partida. Foi naquelas condições desvantajosas de preparo que os atenienses partiram e travaram combate em frente ao porto de Eretria. Durante algum tempo eles se mantiveram firmes, apesar de tudo, mas finalmente tiveram de bater em retirada e foram perseguidos até a costa. Alguns deles se refugiaram na cidade de Eretria, julgando-a amiga, mas foram vítimas de um destino extremamente cruel, sendo massacrados por seus habitantes; aqueles, porém, que escaparam para o forte em território eretriano ocupado pelos atenienses, conseguiram salvar-se, o mesmo acontecendo com todas as naus que puderam chegar a Cálcis. Os peloponésios capturaram vinte e duas naus atenienses e mataram ou aprisionaram seus tripulantes, erguendo em seguida um troféu. Não muito tempo depois conseguiram levar toda a Eubéia a rebelar-se, à exceção de Oreos, ocupada pelos próprios atenienses, e tomaram outras medidas adequadas às circunstâncias.

96. A notícia dos acontecimentos na Eubéia envolveu os atenienses num pânico sem precedentes. Realmente, nem o desastre na Sicília, apesar de lhes ter parecido enorme na época, nem qualquer outro acontecimento os alarmou tanto. Depois da rebeldia de seu exército em Samos, quando já não dispunham de naus nem de homens para tripulá-las, em meio à agitação que lavrava em Atenas e ameaçava lançar a qualquer momento os cidadãos uns contra os outros, agora que viera somar-se a tudo aquilo um desastre de tal magnitude, no qual a cidade havia perdido a sua frota e – o pior de tudo

[79] Aproximadamente 10,5 km.

– a Eubéia, da qual lhes advinham mais benefícios que da própria Ática, não tinham eles todas as razões para estar desesperados? O que mais os alarmava, todavia, e os afetava mais de perto, era a possibilidade de o inimigo vitorioso atrever-se a vir diretamente contra eles para atacar o Pireu, agora sem naus para defendê-lo; na verdade, já se considerava aquela operação praticamente em andamento. De fato, se os peloponésios houvessem sido mais ousados, teriam podido facilmente realizar aquela proeza; bloqueando-os com suas naus, poderiam tornar ainda mais grave o antagonismo entre as facções na cidade, ou, instalando-se lá para sitiá-la, teriam forçado a frota na Iônia, embora hostil à oligarquia, a vir socorrer os próprios parentes de seus soldados e marinheiros e a cidade em geral; conseqüentemente, o Helésponto seria deles, e a Iônia, e as ilhas, e tudo mais até a Eubéia – em outras palavras, todo o império ateniense. Mas não foi somente naquela ocasião que os lacedemônios se mostraram o adversário ideal para mover a guerra contra Atenas da maneira mais conveniente a esta; em muitas outras oportunidades ocorreu o mesmo. Com efeito, dada a enorme diferença de índole entre os dois povos – de um lado, a vivacidade e o espírito de iniciativa; do outro, a lentidão e a vacilação – os lacedemônios deram aos atenienses grandes oportunidades como inimigos, principalmente por ser Atenas um império marítimo. Os siracusanos comprovaram a veracidade desta constatação, pois foi por serem muito parecidos com os atenienses quanto à índole[80] que eles levaram a melhor na guerra.

97. De qualquer modo, após a notícia da derrota os atenienses, apesar de suas dificuldades, mandaram tripular doze naus e convocaram reuniões da assembléia – uma imediatamente (a primeira a realizar-se após os acontecimentos mais recentes), no local tradicional de suas assembléias, chamado Pnix; nessa reunião foram depostos os Quatrocentos, foi decidida a entrega do governo aos Cinco Mil (todos que tivessem as armas de hoplitas estariam incluídos neste número) e resolveu-se que ninguém receberia salários pelo exercício de qualquer cargo público, sob pena de maldição para os transgressores. A assembléia voltou a realizar reuniões freqüentes, nas quais foi aprovada a nomeação de supervisores das leis e foram votadas outras medidas de caráter político. Nos primeiros tempos desse período os atenienses parecem ter sido melhor governados do que em qualquer outra época, pelo menos no meu tempo; com efeito, houve um equilíbrio razoável entre a aristocracia e o povo, e isto foi um fato preponderante na recuperação da

[80] Veja-se o capítulo 55 do livro VII.

cidade, então em péssima situação. Foi aprovado também o retorno de Alcibíades e de outros banidos como ele; os atenienses mandaram em seguida emissários até onde ele estava e ao exército em Samos, exortando-os a se dedicarem também aos interesses da cidade.

98. Durante aquela revolta os partidários de Písandros e Alêxicles e todos os principais próceres da oligarquia deixaram apressadamente a cidade e foram para Decêleia; a única exceção foi Arístarcos, que era comandante naquela ocasião e saiu precipitadamente com alguns archeiros – os mais bárbaros que havia – marchando para Enoe (fortaleza ateniense na fronteira com a Beócia), que os coríntios estavam sitiando por sua própria iniciativa com a ajuda dos beócios por eles convocados; tal operação era a represália por um revés sofrido pelos coríntios em confronto com a guarnição de Enoe quando regressavam de Decêleia, no decurso do qual perderam alguns homens. Arístarcos, então, depois de comunicar os seus planos aos sitiantes, enganou a guarnição, dizendo aos homens da mesma que seus partidários na cidade haviam chegado a um acordo com os lacedemônios e que, entre outras coisas, fora decidida a entrega do local aos beócios pela guarnição, pois o acordo impunha aquela condição. A guarnição acreditou nele, por se tratar de um comandante e por desconhecer totalmente a situação em conseqüência do cerco, e evacuou a fortaleza mediante trégua. Assim Enoe caiu e foi ocupada pelos beócios, enquanto em Atenas o regime oligárquico e a revolta chegavam ao fim.

99. Voltando aos peloponésios em Míletos, mais ou menos na mesma época daquele verão acontecia que nenhum dos funcionários designados por Tissafernes por ocasião de sua partida para Áspendos pagava[80a] o soldo combinado; tampouco haviam chegado as naus fenícias e o próprio Tissafernes; Fílipos, que havia sido mandado com ele, e outra pessoa – o espartano Hipócrates, que se encontrava em Fáselis – tinham mandado dizer ao almirante Míndaros que as naus nunca chegariam, e que os peloponésios estavam sendo enganados por Tissafernes em tudo; além disto, Farnábazos estava convidando-os a irem juntar-se a ele, pois logo que obtivesse a cobertura da frota peloponésia queria fazer exatamente o que Tissafernes deveria ter feito, ou seja, provocar a revolta das cidades restantes em sua província contra os atenienses, na esperança de tirar proveito disto. Naquelas circunstâncias, então, Míndaros zarpou de Míletos em perfeita ordem, ape-

[80a] Veja-se o capítulo 87 deste livro, onde esta incumbência é atribuída a Tamos.

sar das instruções terem sido dadas repentinamente para que a movimentação se fizesse sem o conhecimento dos atenienses em Samos, e navegou para o Helespontos com setenta e três naus (anteriormente, naquele mesmo verão, dezesseis naus haviam ido para lá e realizado incursões contra parte do Quersonesos). Míndaros, porém, foi surpreendido por uma tempestade e suas naus tiveram de abrigar-se em Ícaros; permaneceram lá durante cinco ou seis dias em conseqüência do mau tempo, e depois partiram para Quios.

100. Trásilos, ao saber que Míndaros havia partido de Míletos, também zarpou sem demora de Samos com cinqüenta e cinco naus, apressando-se com o fito de evitar que o inimigo entrasse no Helespontos antes dele. Informado de que Míndaros estava em Quios, e pensando que poderia retê-lo naquela cidade, instalou observadores em Lesbos e na parte fronteira do continente, com o objetivo de, se as naus inimigas saíssem em qualquer direção, tomar conhecimento do fato; Trásilos navegou ao longo da costa até Mêtimna e deu ordens para o preparo de farinha de cevada e outras provisões, com a intenção de poder usar Lesbos como base para ataques a Quios se a espera se prolongasse. Ao mesmo tempo, em face da revolta de Éresos (cidade da ilha de Lesbos), Trásilos queria navegar contra ela e, se possível, reconquistá-la. Efetivamente, alguns exilados metimneus – pessoas de influência não pequena – tinham levado de Cime cerca de cinqüenta hoplitas pertencentes à sua facção política, aos quais se juntaram mercenários contratados no continente (cerca de trezentos ao todo), comandados pelo tebano Anáxarcos em decorrência de afinidades étnicas[81], e atacaram primeiro Mêtimna; vendo-se frustrados naquela tentativa diante da chegada oportuna da guarnição ateniense de Mitilene, e tendo sido repelidos em batalha travada fora das muralhas, atravessaram as montanhas e levaram a revolta a Éresos. Trásilos, então, estava agora navegando para lá com todas as suas naus, com o objetivo de atacar a cidade. Trasíbulos também já havia chegado lá, vindo de Samos com cinco naus, após receber a notícia da presença dos exilados, mas como já era tarde demais para prestar ajuda, pôde apenas ancorar suas naus em frente à cidade. A frota ateniense recebeu ainda o reforço de algumas naus – talvez duas – que estavam voltando do Helespontos, e de outras cinco naus metimnéias, de tal forma que estavam presentes ao todo sessenta e cinco naus; era com as tropas embarcadas nelas que os atenienses se preparavam para tomar Éresos de assalto, valendo-se de engenhos de guerra e de todos os recursos possíveis.

[81] Veja-se o capítulo 5 deste livro; Tebas era a principal cidade da Beócia.

101. Na mesma época Míndaros e as naus peloponésias em Quios, depois de uma demora de dois dias para embarcar as provisões e após receberem três quartos quianos[82] para cada homem, zarparam no terceiro dia sem maior perda de tempo; evitando o alto-mar, para não se encontrarem com a frota ateniense em frente a Éresos, mas mantendo Lesbos a sua direita, dirigiram-se para o continente. Entraram primeiro no porto de Cartêreia, no território da Focéia, onde almoçaram, e em seguida, viajando ao longo da costa ciméia, jantaram em Arginusas, no litoral do continente defronte de Mitilene. De lá, prosseguiram em plena noite ao longo da costa até chegar a Hármatos, situada no continente, em frente a Mêtimna; lá fizeram apressadamente a primeira refeição e continuaram viajando ao longo da costa, passando por Lêcton, Lárissa, Hamáxiton e outras localidades da região, chegando finalmente a Rôiteion antes da meia noite. Algumas naus, aliás, foram ancorar em Sígeion e outros pontos naquele território.

102. Quando os sinaleiros alertaram os atenienses estacionados em Sestos com dezoito naus, e estes observaram o súbito aparecimento de numerosas fogueiras no litoral inimigo, perceberam que os peloponésios estavam chegando. Naquela mesma noite, navegando com a maior velocidade possível e mantendo-se próximos da costa do Quersonesos, seguiram em direção a Eleonte, para atingir o mar aberto antes de encontrar o inimigo. Despistaram as dezesseis naus em Ábidos[83], embora estas houvessem sido avisadas por uma embarcação amiga que navegava no local para alertá-los se os atenienses tentassem sair; ao romper a aurora, perceberam as naus comandadas por Míndaros, que passaram imediatamente a persegui-los; quase todas as naus se salvaram indo em direção a Imbros e Lemnos, mas as quatro naus mais atrasadas foram alcançadas em Eleonte; uma delas, que havia encalhado junto ao santuário de Protesílaos, foi capturada com todos os tripulantes, e duas sem a tripulação; a quarta, abandonada pelos tripulantes, foi incendiada pelo inimigo perto de Imbros.

103. Pouco depois Míndaros reuniu todas as suas naus, inclusive as que haviam estado em Ábidos e agora se tinham unido à frota, formando um total de oitenta e seis, e durante todo aquele dia bloqueou Eleonte; como esta não cedia, ele viajou de volta a Ábidos.

Os atenienses em Éresos, por seu turno, enganados por seus observadores e não podendo imaginar que o inimigo conseguisse passar por eles sem

[82] Moeda local equivalente a cerca de 8 centavos de dólar.
[83] Veja-se o capítulo 99 deste livro.

ser visto, estavam atacando as muralhas despreocupadamente, mas quando souberam da verdade abandonaram Éresos na mesma hora e partiram a toda pressa para defender o Heléspontos. Primeiro capturaram duas naus peloponésias que cruzaram com eles por terem avançado para o alto-mar em sua perseguição, num excesso de ousadia. Um dia depois chegaram a Eleonte e ancoraram; em seguida levaram para lá as naus que se haviam refugiado em Imbros e passaram os cinco dias seguintes preparando-se para a batalha.

104. No sexto dia travou-se a batalha da seguinte maneira: os atenienses, alinhados em coluna única, iam navegando nas proximidades da costa em direção a Sestos, mas os peloponésios em Ábidos, observando-lhes os movimentos, saíram ao seu encontro. No momento em que ambos os lados perceberam que a batalha estava iminente, os atenienses, com setenta e seis naus, alinharam-nas paralelamente à costa do Quersonesos, de Ídacos até Arriana, enquanto os peloponésios, com oitenta e seis naus, dispuseram-nas entre Ábidos e Dárdanos. A ala direita dos peloponésios era ocupada pelos siracusanos, a outra pelo próprio Míndaros, que tinha ali as suas naus mais rápidas; do lado ateniense, Trásilos estava na ala esquerda e Trasíbulos na direita, com os outros comandantes intercalados ao longo da coluna. Os peloponésios estavam ansiosos por desfechar o primeiro golpe, pretendendo flanquear a ala direita dos atenienses com sua ala esquerda para depois cortar-lhes a saída para o alto-mar, se possível, pressionando ao mesmo tempo o seu centro em direção à terra, não muito distante. Os atenienses perceberam a intenção dos peloponésios, e no ponto onde seus oponentes queriam barrar-lhes a passagem alinharam-se para impedir esse movimento; estavam obtendo sucesso na manobra e sua ala esquerda já havia ultrapassado a ponta chamada Cinossema. Naquelas condições, porém, o seu centro se reduziu a naus fracas e distanciadas umas das outras; além disto, seu número era menor, e a costa em Cinossema tem uma dobra acentuada, em ângulo reto, de tal maneira que não se podia ver o que ocorria depois da dobra.

105. Os peloponésios, então, avançando em direção ao centro da formação, obrigaram as naus atenienses a encalhar e desembarcaram em seguida para observar o desenrolar de sua vitória, pois estavam levando acentuada vantagem. Não seria possível a Trasíbulos levar socorro ao centro da formação ateniense por sua ala direita, em conseqüência da multidão de naus que o pressionava fortemente; Trásilos tampouco poderia ajudar pela esquerda, pois aquele setor estava fora do alcance de sua vista por causa de

Cinossema, e ao mesmo tempo os siracusanos e outros que o acossavam o retinham, não lhe sendo inferiores em número. Mas os peloponésios, perseguindo implacavelmente os atenienses na excitação da vitória, absorvidos na caça a cada nau adversária, começaram a desorganizar-se em um setor de sua própria formação; os atenienses comandados por Trasíbulos, percebendo aquela circunstância, cessaram de estender o flanco e, executando rapidamente uma virada brusca, começaram a atacar as naus que os perseguiam e as puseram em fuga; depois, interceptando as naus dispersas no setor até então vitorioso da linha peloponésia, danificaram-nas e levaram muitas delas a fugir de qualquer maneira, sem oferecer resistência. Os siracusanos, que vinham cedendo em seu setor diante de Trásilos e sua ala, apressaram-se em fugir ainda mais velozmente ao ver o que ocorria com o resto da frota.

106. Após esta derrota os peloponésios em sua maior parte se refugiaram primeiro no rio Mídios, e depois em Ábidos. Os atenienses capturaram apenas umas poucas naus – o Helespontos, sendo estreito, oferecia ao adversário refúgios a curta distância – mas a vitória obtida nesta batalha foi na verdade extremamente oportuna. Até então eles temiam a frota peloponésia, não somente em conseqüência da sucessão de pequenas derrotas recentes, mas também por causa do desastre na Sicília; a partir daquele momento, porém, estavam livres tanto de seu sentimento de inferioridade quanto da idéia de que o inimigo ainda era temível como potência marítima. De qualquer modo, capturaram da frota inimiga oito naus quianas, cinco coríntias, duas ambraciotas, duas beócias e uma de cada dos leucádios, lacedemônios, siracusanos e pelênios, perdendo quinze das suas. Em seguida ergueram um troféu na ponta onde fica Cinossema, recolheram os destroços, devolveram ao inimigo os seus mortos mediante trégua e mandaram uma trirreme a Atenas levando a notícia da vitória. Quando a nau chegou e os atenienses ouviram o relato do sucesso inesperado, após os reveses recentes na Eubéia e em meio às suas desavenças internas, ficaram muito mais confiantes e voltaram a crer que ainda poderiam dominar a situação se resolvessem agir energicamente.

107. No quarto dia após a batalha, depois de haverem reparado apressadamente as suas naus, os atenienses saíram de Sestos contra Cízicos, que se havia revoltado; percebendo as oito naus de Bizâncio[84] ancoradas em frente a Harpágion e Príapos, navegaram contra elas, derrotaram as forças de terra

[84] Veja-se o capítulo 80 deste livro.

que as apoiavam num breve combate e capturaram as naus. Prosseguindo depois para Cízicos, que não era protegida por muralhas, trouxeram-na de volta à aliança ateniense e lhe impuseram uma contribuição em dinheiro. Nesse ínterim os peloponésios, por seu rumo, deixaram Ábidos e navegaram para Eleonte, onde recuperaram todas as suas naus capturadas que ainda estavam em boas condições (os eleontinos haviam incendiado as demais), e mandaram Hipócrates e Êpicles para a Eubéia com a missão de retirar as naus que estavam lá.

108. Mais ou menos na mesma época Alcibíades navegou de volta a Samos com as treze naus[85] de Caunos e Fáselis, declarando que havia impedido a vinda das naus fenícias para se juntarem aos peloponésios, e que havia tornado Tissafernes ainda mais amigo dos atenienses. Tripulou, então, mais nove naus além das que já tinha e exigiu muito dinheiro dos halicarnasseus, além de fortificar Cós. Depois disto, e após nomear um governador para Cós, ele regressou a esta cidade quando o outono já se aproximava.

Tissafernes, ao saber em Áspendos que a frota peloponésia havia partido de Míletos para o Heléspontos, levantou acampamento e partiu para a Iônia. Enquanto os peloponésios estavam no Heléspontos, os antândrios, que eram eólios, haviam trazido por terra alguns hoplitas de Ábidos, passando pelo monte Ida, e os introduziram em sua cidade, pois estavam sendo tratados injustamente pelo persa Arsaces, lugar-tenente, de Tissafernes. Este já havia maltratado os délios estabelecidos em Atramíteion[86], na época em que foram removidos de Delos pelos atenienses em decorrência da purificação da ilha[87]; pretextando ameaças de um inimigo misterioso, ele convocara os melhores entre os délios para prestarem serviço militar, levando-os após chamá-los de amigos e aliados, e aproveitando a ocasião em que eles almoçavam, cercou-os com suas tropas e os abateu a golpes de lança. Os antândrios, portanto, temendo que depois daquela atitude Tissafernes pudesse também cometer algum crime contra eles, e porque, além disto, o mesmo lhes estava impondo encargos insuportáveis, expulsaram sua guarnição da acrópole.

109. Tissafernes, percebendo que aquilo era obra dos peloponésios, além do que já lhe haviam feito em Míletos e Cnidos[88] – suas guarnições

[85] Veja-se o capítulo 88 deste livro.
[86] Veja-se o capítulo 5 deste livro.
[87] Veja-se o capítulo 104 do livro III.
[88] Vejam-se os capítulos 35 e 84 deste livro.

também haviam sido expulsas daquelas cidades – e pensando que, em conseqüência das acusações caluniosas anteriores, sua reputação junto a eles se havia deteriorado extraordinariamente, temia que ainda viessem a fazer-lhe algum mal; ele também sofria com a idéia de que Farnábazos viesse a aceitar a colaboração dos lacedemônios, e em menos tempo e com menores gastos que ele pudesse ter mais sucesso em suas ações contra os atenienses. Por todas estas razões ele decidiu ir até o Heléspontos ao encontro dos peloponésios, com a intenção de queixar-se do que havia acontecido em Ântandros, e também para defender-se da maneira mais convincente possível das acusações caluniosas lançadas contra ele a propósito das naus fenícias e de outros assuntos. Então, indo primeiro a Éfesos ele ofereceu um sacrifício a Ártemis[89]. No fim do inverno subseqüente a este verão terá acabado o vigésimo primeiro ano[90].

[89] Havia em Éfesos um dos santuários mais famosos da Ásia Menor, dedicado a Ártemis.
[90] 411/410 a.C. Este último parágrafo é considerado espúrio. Possivelmente foi acrescentado para indicar o ponto em que Tucídides interrompeu a sua História. A continuação da guerra do Peloponeso é objeto dos livros I e II das *Helênicas* de Xenofonte (veja-se a nota 5 da Apresentação).

ÍNDICE

Os algarismos romanos indicam os livros e os arábicos os capítulos.

A

ÁBDERA, cidade da Trácia, II, 97; um abderita, II, 29.

ÁBIDOS, cidade do Heléspontos, VIII, 61, 62, 79,102, 103; batalha naval travada em suas proximidades, VIII, 104.

ACAIA, território do Peloponeso; aliada de Atenas, I, 111 (aqueus); restituída aos peloponésios, I, 115; reivindicada pelos atenien-ses, IV, 21; os aqueus, seus habitantes, exce-to os de Pelene, neutros no início da guerra, depois aderem todos aos lacedemônios, II, 9; a situação na Acaia é normalizada pe-los lacedemônios, V, 82; Aqueus da Ftiótida, povo da Tessália, IV, 78, VIII, 3; Aqueus, nome dos gregos em Tróia, I, 3; IV, 120; VI, 2.

ACAMÂNTIDA, tribo de Atenas, IV, 118.

ÁCANTOS, cidade da Trácia, IV, 84, 114; V, 18; acântios, IV, 88,124; discurso que lhes dirige Brasidas, IV, 85. Ácantos, lacedemô-nio, V, 19, 24.

ACARNÂNIA, origem de seu nome, II, 102; costumes dos acarnânios, I, 5; II, 81; sua confederação, III, 105; sua aliança com Atenas, II, 7, 9, 78; VII, 57; os lacedemônios enviam Cnemos para submetê-los, II, 80; campanha de Fórmion na Acarnânia, II, 102; os acarnânios recebem Argos Anfiló-quia, II, 68; guerreiam os ambraciotas, III, 105; atacam Lêucade, III, 94; fornecem tropas ligeiras aos atenienses na Sicília, VII, 31, 60, 67. Acarnanos, filho de Alcmêon, II, 102.

ACARNÁS, distrito da Ática, II, 19, 20, 21, 23.

ACESINES, rio da Sicília, IV, 25.

ACRAION LEPAS, colina da Sicília, VII, 78.

ACRAS, cidade da Sicília, VI, 5.

ACRAGÁS, cidade da Sicília (atual Agri-gento), e rio; VI, 4; VII, 32, 33, 46, 50, 58.

ACRÓPOLE DE ATENAS, ocupada por Cílon, I, 126; em épocas remotas chamada simplesmente Cidade, II, 15; há nela um templo e um altar de Atena, I, 126; V, 23; há também uma coluna com alusões à injustiça dos tiranos, VI, 55; colunatas da acrópole, II, 13; lápides comemorativas dos tratados com os lacedemônios e argi-vos, V, 18, 23, 47.

ACROTOOS, cidade nas proximidades do monte Atos, IV, 109.

ACTE, península da Trácia, IV, 109.

ÁCTION, promontório da Acarnânia, I, 29, 30.

ADÍMANTOS, coríntio, I, 60.

ÁDMETOS, rei dos molossos, I, 136.

ÁFITIS, cidade no território de Palene, I, 64.

AFRODÍSIA, cidade da Lacônia, IV, 56.

AFRODITE, seu templo em Êrix, VI, 46.

AGAMÊMNON, rei de Argos e comandante dos gregos na guerra de Tróia, I, 9.

AGÁTARCOS, siracusano, VII, 25, 70.

AGATARQUIDAS, coríntio, II, 83.

AGESANDRIDAS, espartano, VIII, 91.

AGÊSANDROS, espartano, I, 139; VIII, 91.

AGESIPIDAS, espartano, V, 56,

ÁGIS, rei dos lacedemônios, III, 89; invade a Ática, IV, 2, 6; jura o tratado com Atenas, V, 24; marcha contra Argos, V, 54; retira-se, V, 60; derrota os argivos em Mantinéia, V, 72; empreende uma segunda expedição contra Argos, V, 83; fortifica Decêleia, VII, 19; devasta a Ática, VII, 27; sua autoridade em Decêleia, VIII, 3, 5; negocia com os oligarcas atenienses, VIII, 70; aproxima-se de Atenas, VIII, 71.

AGREUS, povo que habitava o norte da Acarnânia, II, 102; III, 106, 113; seu rei Salíntios, III, 111, 114; aliam-se aos atenienses, IV, 77, 101; seu território era chamado Agraia, III, 111.

AGRIÂNIOS, povo da Peônia, II, 96.

ALCAMENES, lacedemônio, VIII, 5, 8, 11; derrotado e morto em Píreon, VIII, 10.

ALCEUS, arconte em Atenas, V, 19.

ALCIBÍADES, ateniense; sua família, V, 43; seu caráter, VI, 15, 29; sua vitória nos jogos Olímpicos, VI, 16; próxeno dos lacede-mônios, VI, 89; engana os emissários dos lacedemônios, V, 45; empreende uma expedição ao Peloponeso, V, 52; exorta os argivos a irem à guerra contra a Lacede-mônia, V, 61, 76; detém os argivos suspeitos, V, 84; eleito comandante para a expedição à Sicília, VI, 8, 15; seu discurso em resposta a Nícias, VI, 16; acusado de profanação, VI, 28, 29; sua opinião no conselho de guerra, VI, 48; chamado de volta da Sicília para Atenas, VI, 53; foge a caminho e é condenado à morte à revelia, VI, 61; refugiado em Esparta, aconselha os lacedemônios a fortificar Decêleia, VI, 88; convence-os a enviar uma frota à Iônia, VIII, 6, 12; vai para a Iônia com Calcideus, VIII, 17; desentende-se com os peloponé-sios e vai encontrar-se com Tissafernes, VIII, 45; oferece aos atenienses a amizade deste sátrapa; chamado de volta do exílio e nomeado comandante das forças ateni-enses em Samos, VIII, 81, 82; os atenienses votam também a favor de seu retorno a Atenas, VIII, 97; vai a Áspendos com Tissafernes, VIII, 106; o nome de Alcibíades era de origem lacedemônia (era o do pai do éforo Êndios), VIII, 6.

ALCIDAS, comandante lacedemônio, enviado a Lesbos, III, 16, 26; recusa-se a atacar Mitilene, III, 31; executa seus prisioneiros, III, 32; sua fuga, III, 33; os lacede-mônios designam Brasidas para seu conselheiro, III, 69; é enviado a Córcira, III, 76; sua timidez, III, 79; enviado para a fundação de Heracléia Traquínia, III, 92.

ALCÍNOOS, herói de Córcira, III, 70.

ALCÍFRON, argivo, V, 59.

ALCÍSTENES, ateniense, III, 91; IV, 66; VII, 16.

ALCMÊON, filho de Anfiaraus, II, 102.

ALCMEÔNIDAS, antiga família de Atenas, VI, 59.

ALEXANDRE, rei da Macedônia, pai de Perdicas, I, 57, 137; II, 29; originário de Argos, II, 99.

ALÊXARCOS, coríntio, VII, 19.

ALÊXICLES, um dos Quatrocentos, VIII, 92, 93, 98.

ALIADOS de Atenas e da Lacedemônia na guerra do Peloponeso, II, 9; de Atenas e de Siracusa na guerra da Sicília, VII, 57.
ALICIEUS, tribo dos sícelos, VII, 32.

ALÍZIA, cidade da Acarnânia, VII, 31.

ALMOPIA, território da Macedônia, II, 99; seus

habitantes, álmopes, idem.

ÁLOPE, cidade dos lócrios opúntios, II, 26.

ALTAR, das Eumênides em Atenas, I, 126; de Zeus em Olímpia, V, 50; de Apolo Ar-quegeta em Naxos, VI, 3; de Apolo Pítio em Atenas, VI, 54; altar servindo de refúgio, IV, 98; VIII, 84.

AMBRÁCIA, colônia de Corinto, II, 80; aliada dos lacedemônios, II, 9, 80; III, 69; VIII, 106; seus habitantes (ambraciotas) ajudam os coríntios em sua guerra contra Córcira, I, 26, 27, 46, 48; muito belicosos, III, 108; origem de sua inimizade contra Argos Anfilóquia, II, 68; sua guerra contra esta cidade, II, 80; empreendem uma expedição mal sucedida contra os acarnânios, III, 105; aliados de Siracusa, VI, 104; VII, 7, 25, 58; golfo de Ambrácia, I, 29, 55.

AMÉIAS, plateu, III, 22.

AMICLAS, cidade da Lacônia, V, 18.

AMINÍADES, ateniense, II, 67.

AMÍNIAS, lacedemônio, IV, 132.

AMÍNOCLES, construtor coríntio de naus, I, 13.

AMINTAS, rei da Macedônia, II, 95, 100.

AMIRTEUS, egípcio, I, 110.

AMORGES, revoltado contra o rei da Pér-sia, VIII, 5, 19; capturado e entregue ao rei, VII, 21.

AMPÉLIDAS, lacedemônio, V, 22.
ANÁCION, templo dos Dióscuros em Atenas, VIII, 93.

ANACTÓRION, colônia de Corinto, à entrada do golfo de Ambrácia, I, 55; aliada dos lacedemônios, II, 9, 80, 81; inimiga dos acarnânios, III, 114; capturada por eles e pelos atenienses, IV, 49; não é entregue aos coríntios, V, 30; VII, 31.

ÂNAPOS, rio da Acarnânia, II, 82; da Sicília, VI, 66, 96; VII, 42, 78.

ANÁXANDROS, tebano, VIII, 100.

ANAXILAS, tirano de Région, VI, 4.

ANDOCIDES, comandante ateniense, I, 51.

ÂNDROCLES, ateniense, VIII, 65.

ANDRÓCRATES, seu monumento perto de Platéia, III, 24.

ANDRÔMENES, lacedemônio, V, 42.

ANDROS, uma das ilhas Cíclades, II, 55; aliada dos atenienses, IV, 42; VII, 57; VIII, 69.

ANDRÓSTENES, arcádio, vencedor em Olímpia, V, 49.

ÂNEIA, cidade no continente defronte de Samos, III, 32; refúgio de exilados, IV, 75; VIII, 19; seus habitantes (aneitanos) matam Lísicles, III, 19; uma nau de Anéia, VIII, 61.

ANÉRISTOS, lacedemônio, II, 67.

ANFIARAUS, pai de Anfílocos, II, 68; de Alcmêon, II, 102.

ÂNFIAS, epidáurio, IV, 119.

ANFÍDOROS, megárico, IV, 119.

ANFÍLOCOS, filho de Anfiaraus, II, 68.

ANFILÓQUIA, situada ao norte da Acar-nânia, e anexada a esta, II, 68; invadida pe-los ambraciotas, III, 102; anfilóquios bárbaros, II, 68; III, 112.

ANFÍPOLIS, cidade do litoral da Trácia, colônia de Atenas, I, 100; IV, 102, 103; sua situação,

V, 7, 11; capturada por Brasidas, IV, 102; Clêon navega com destino a ela com uma frota ateniense, V, 3; batalha travada ao pé de suas muralhas, V, 6; apesar do tratado com os lacedemônios esta cidade não é devolvida aos atenienses, V, 18, 21, 35, 46; estes preparam uma expedição contra ela, V, 83; o comandante ate-niense Euetíon a bloqueia, VII, 9.

ÂNFISSA, cidade dos lócrios ozólios, III, 101.

ÂNTANDROS, cidade da Eólida, VIII, 108; capturada pelos exilados de Lesbos, IV, 52; retomada pelos atenienses, IV, 75; expulsa a guarnição persa, VIII, 108, 109.

ÂNTEMOS, território da Macedônia, II, 99.

ÂNTENA, cidade da Cinúria, V, 41.

ANTESTÉRION, mês ático, II, 15.

ÂNTICLES, ateniense, I, 117.

ANTÍFEMOS, fundador de Gela, VI, 4.

ANTÍFON, orador ateniense favorável à oligarquia, VIII, 68, 90.

ANTÍGENES, ateniense, II, 23.

ANTIMÊNIDAS, lacedemônio, V, 42.

ANTÍMNESTOS, ateniense, III, 105.

ANTÍOCOS, rei dos oréstios, II, 80.

ÂNTIPOS, lacedemônio, V, 19.

ÂNTISSA, cidade da ilha de Lesbos, III, 18, 28; VIII, 23.

ANTÍSTENES, espartano, VIII, 39, 61.

ANTITÂNIOS, povo do Épiros, II, 80.

APÍDANOS, rio da Tessália, IV, 78.

APODOTOS, povo etólio, III, 94.

APOLO, seus templos: em Áction, I, 29; perto de Náupactos, II, 91; em Lêucade, III, 94; em Délion, IV, 90; na costa da Lacônia, VII, 26; em Cnidos, VIII, 35; em Delfos (de Apolo Pítio), IV, 118; V, 18; em Atenas, II, 15; VI, 54; na Argólida (de Apolo Piteus), V, 53; perto de Naxos, na Sicília (de Apolo Arquegeta), VI, 3; festa de Apolo Maloeis em Lesbos, III, 3; a ilha de Rêneia, consagrada a Apolo Délio, I, 13; hino a Apolo, III, 104.

APOLÓDOROS, ateniense, VII, 20.

APOLÔNIA, colônia coríntia na Ilíria, I, 26.

AQUELOOS, rio da Acarnânia, II, 102; III, 106.

AQUERONTE, rio da Tesprótida, I, 46.

AQUILES, I, 3.

ARCÁDIA, território do Peloponeso, sempre teve os mesmos habitantes, I, 2; aliada dos lacedemônios, V, 57, 60, 64, 67; submetida em parte pelos mantineus, V, 29; em guerra com Lêpreon, V, 31; reféns ar-cádios confinados em Orcômenos, V, 61; mercenários arcádios, III, 34; VII, 19, 57, 58.

ARCESÍLAOS, lacedemônio, VIII, 39.

ARCHEIROS, a cavalo, em Atenas, II, 13; V, 84; VI, 94; getas, II, 96.

ARCÔNIDAS, rei dos sícelos, VII, 1.

ARCONTES, seu número e seu poder, I, 126; antigamente havia arcontes em todas as cidades da Ática, II, 15; arcontato de Temístocles, I, 93; de Pitódoros, II, 2; de Alceus, V, 19, 25; de Pisístratos, VI, 54.

ARCTUROS, época em que esta constelação se torna visível, II, 78.

ÁRGILOS, cidade da Trácia, colônia de Andros, IV, 103; V, 6, 18; um argílio, servidor de Pausânias, I, 132.

ÁRGINON, na Iônia, VIII, 34.

ARGINUSAS, ilhas vizinhas de Lesbos, VIII, 101.

ARGOS, cidade do Peloponeso, inimiga da Lacedemônia, I, 102; governada democraticamente, V, 44; seus magistrados, V, 47, 59; sua antiga hegemonia, V, 69; Temísto-cles exilado refugia-se em Argos, I, 135; templo de Hera em Argos, II, 2; IV, 133; os argivos, seus habitantes, formam uma liga contra a Lacedemônia, V, 27, 28; aliam-se com Atenas, V, 47; confrontam-se com os lacedemônios e seus aliados, V, 58; são der-rotados em Mantinéia pelos lacedemônios. V, 70; fazem com estes últimos um tratado de aliança e paz, V, 76; o governo demo-crático de Argos é destituído pelos lacede-mônios, V, 81; os argivos o restabelecem, aliam-se com os atenienses e constroem suas longas muralhas, V, 82; recomeçam a guerra com a Lacedemônia, V, 83; VI, 7, 105; apoiam os atenienses na Sicília, VI, 29; VII, 44, 57; derrotados pelos milésios, VIII, 25; Argos Anfilóquia, II, 68; III, 102, 105.

ARIÂNTIDAS, ateniense, IV, 91.

ARÍFRON, ateniense, IV, 66.

ARISTÁGORAS, milésio, IV, 102.

ARISTARCOS, ateniense, VIII, 90, 92; entrega Enoe aos beócios, VIII, 98.

ARISTEUS, coríntio, filho de Pélicos, I, 29; filho de Adímantos, I, 60,61,63; II, 67; lacedemônio, IV, 132.

ARISTIDES, filho de Lisímacos, I , 91, 96; V, 18; filho de Árquipos, IV, 50, 75.

ARÍSTOCLES, lacedemônio, V, 16, 71, 72.

ARISTOCLIDES, ateniense, II, 70,

ARISTÓCRATES, ateniense, V, 19, 24; VIII, 9, 89.

ARISTÓGITON, I, 20; VI, 54.

ARÍSTON, piloto siracusano, VII, 39.

ARNAS, cidade de Calcídice, IV, 103.

ARNE, cidade da Tessália, I, 12.

ÁRNISSA, cidade da Macedônia, IV, 128.

ARQUÉDICE, filha do tirano Hípias, seu epitáfio, VI, 59.

ARQUÊLAOS, rei da Macedônia, II, 100.

ARQUÊSTRATOS, filho de Licômedes, I, 57; pai de Queréias, VIII, 74.

ARQUÉTIMOS, corintiano, I, 29.

ÁRQUIAS, camarineu, IV, 25; Heráclida, fundador de Siracusa, VI, 3.

ARQUÍDAMOS, rei dos lacedemônios, I, 79; seu discurso na Lacedemônia, I, 80; comanda a primeira invasão da Ática, II, 10; hóspede de Péricles, II, 13; lentidão de suas operações, II, 18-20; sua segunda invasão, II, 47; terceira, III, 1; início do cerco de Platéia, II, 71; seu filho e sucessor Ágis, III, 89; IV, 2; V, 54.

ARRÁBEOS, rei dos Lincéstios, IV, 79 e 83; sua guerra contra Perdicas, IV, 124.

ARRIANA, cidade do Quersonesos, VIII, 104.

ARSACES, lugar-tenente de Tissafernes, VIII, 108.

ARTÁBAZOS, sátrapa, I, 129, 132; VIII, 5.

ARTAFERNES, persa, IV, 50; VIII, 5.

ARTAS, rei da Iapígia, VII, 33.

ARTAXERXES, rei da Pérsia, sua vinda, I, 137; sua morte, IV, 50; citado, I, 104, 109; VIII, 5.

ÁRTEMIS, de Éfeso (templo), III, 104; VIII, 109.

ARTEMÍSION, mês lacedemônio, V, 19; promontório da Eubéia, III, 54.

ÁRTINOS, magistrados de Argos, V, 47.

ÁSIA, II, 97; Ásia Menor, I, 16.

ASINE, cidade da Messênia, IV, 13, 54; VI, 93.

ASÓPIOS, ateniense, pai de Fórmion, I, 64; filho de Fórmion, III, 7.

ASOPÔLAOS, plateu, III, 52.

ÁSOPOS, rio da Beócia, II, 5.

ÁSPENDOS, cidade da Panfília, VIII, 81, 87, 88, 99, 108.

ASSÍNAROS, rio da Sicília, VII, 84.

ASSÍRIOS, caracteres, IV, 50.

ÁSTACOS, cidade da Acarnânia, II, 30, 102.

ASTÍMACOS, plateu, III, 52.

ASTÍOCOS, almirante lacedemônio, VIII, 20; enviado a Quios, 23; suas operações na Iônia, 24; recusa-se a socorrer Quios, 38; os lacedemônios lhe mandam conselheiros, 39; continua a guerra naval, 40; rebeldia de suas tropas, 78, 83, 84; seu regresso a Esparta, 85.

ATALANTE, ilha vizinha da Lócrida Opúntia, II, 32; III, 89; V, 18.

ATENA, sua estátua em Atenas, II, 13; seu templo em Atenas, V, 23; em Esparta, I, 128, 134; em Lécitos, IV, 116; perto de Anfípolis, V, 10; chamada simplesmente a deusa, I, 126. Atena do templo de bronze, I, 128.

ATENÁGORAS, siracusano, VI, 35, 41; VIII, 6.

ATENAS, antigo refúgio de exilados, I, 2; centro do governo sob Teseu, II, 15; embe-lezada pelos pisistrátidas, VI, 54; recons-truída após a retirada dos persas, I, 89; for-tificada por Temístocles, I, 90; suas longas muralhas, I, 93, 107; sua extensão, II, 13; recebe habitantes do campo, II, 14; origem do império dos atenienses, I, 96, 99; VI, 82; tributos pagos por seus aliados, I, 96; II, 13; V, 18; índole dos atenienses, I, 70, 102; II, 40; VI, 87; VII, 14, 48; seu gosto pe-la vida campestre, II, 14; seu amor pelas lides judiciais, I, 77; os primeiros gregos que depuseram as armas por um gênero de vida mais civilizado, I, 6; sua constituição, II, 37; VI, 89; sua habilidade na tática de cercos, I, 102; seus progressos na arte naval, I, 93, 121, 143; II, 88, 89; IV, 14; VII, 34.

ATENEUS, lacedemônio, IV, 119, 122.

ATOS, situação desta montanha e cidades que lhe ficam próximas, IV, 109; V, 3, 35, 82.

ATRAMÍTION, cidade da Eólida, V, 1; VIII, 108.

ATREUS, filho de Pélops, I, 9.

ÁULON, cidade da Calcídice, IV, 103.

ÁUTOCLES, ateniense, IV, 53, 119.

ÁXIOS, rio da Macedônia, II, 90.

B

BÁRBARO, designação coletiva dos persas, personificados em seu rei, I, 14, 18, 69, 73, 75, 90, 96, 97, 118, 132, 144; III, 56, 62; VI, 83.

BÁRBAROS, Homero não opõe esta designação à de helenos, I, 3; estavam sempre armados e muitos de seus costumes eram similares aos dos antigos helenos, I, 6; sua tática, IV, 126; bilíngües, IV, 109.

BATALHÕES, dos lacedemônios, IV, 8; V, 67, 68; dos coríntios, IV, 43; dos argivos, V, 72.

BATOS, comandante coríntio, IV, 43.

BEÓCIA, antigamente chamada Cadmeis, I, 12; sua fertilidade, I, 2; sua população, I, 12; III, 61; seus limites, III, 95; IV, 76, 99; seus quatro Conselhos, V, 38; sua cavalaria, II, 9; IV, 72; beócios etnicamente afins dos lésbios, III, 2; VIII, 5, 10; suas naus na guerra de Tróia, I, 10; aliados dos lacede-mônios, II, 9; de Siracusa, VII, 58.

BEOTARCAS, altos magistrados da confederação beócia, II, 2; V, 37; seu número, IV, 91; de Tebas, II, 2; VII, 30.

BÈROIA, cidade da Macedônia, I, 61.

BISÁLTIA, região da Macedônia, II, 99; IV, 109.

BITÍNIOS DA TRÁCIA, IV. 77.

BIZÂNCIO, tomada dos persas pelos gregos, I, 94, 128; rebela-se contra os ate-nienses, I, 115; retorna aos atenienses, I, 117; adere aos peloponésios, VIII, 107.

BÔION, uma das cidades de origem dos dórios, I, 107.

BOLBE, lago da Migdônia, I, 58; IV, 103.

BÔLISCOS, povoado de Quios, VIII, 24.

BÔMIOS, povoado da Etólia, III, 96.

BORÍADES, eurítano, III, 100.

BOTIA, região da Macedônia, II, 99, 100; botieus, I, 57; II, 79.

BOTICE, parte da Calcídice, I, 65; II, 101.

BRASIDAS, espartano, socorre Metone, II, 25; escolhido para conselheiro de Cnemos, II, 85; de Alcidas, III, 69, 76, 79; tenta conquistar o Pireu de surpresa, II, 93; sua bravura em Pilos, IV, 11, 12; socorre Mégara, IV, 70; leva um exército à Trácia através da Tessália, IV, 78; seu elogio, II, 25; IV, 108; V, 7; sua expedição a Lincos, IV, 83; apodera-se de Ácantos, IV, 84; de muitas outras cidades do litoral da Trácia, principalmente de Anfípolis, IV, 102, 120; coroado como libertador da Hélade, IV, 121; empreende uma segunda expedição a Lincos, IV, 124; aproxima-se de Potidéia, IV, 135; suas manobras diante de Anfípolis, V, 6; sua vitória e morte, V, 10; homenagens prestadas à sua memória, V, 11.
BRAURO, mulher de Pítacos, IV, 107.

BRICÍNIA, forte dos leontinos, V, 4.

BRÍLESSOS, montanha da Ática, II, 23.

BRÔMEROS, pai de Arrábeos, IV, 83.

BRÔMISCOS, cidade da Calcídice, IV, 103.

BUCÔLION, cidade da Arcádia, IV, 134.

BUDÓRON, forte em Salamina, II, 94; III, 51.

BUFRAS, localidade nos arredores de Pilos, IV, 118.

C

CACÍPARIS, rio da Sicília, VII, 80.

CADMEIS, antigo nome da Beócia, I, 12.

CADUCEU, insígnia dos arautos, I, 53.

CAIADAS, precipício na Lacedemônia, I, 134.

CAÍCINOS, rio na Itália, III, 103.

CALCE, ilha vizinha da Cária, VIII, 41, 44, 55, 60.

CALCEDÔNIA, cidade do Pontos, IV, 75.

CALCIDEUS, comandante lacedemônio, VIII, 6, 8, 11, 12, 17; seu tratado com Tissa-fernes, VIII, 18, 36, 43; sua morte, VIII, 24.

CALCÍDICE, região da Trácia, I, 65; II, 70, 101; VI, 79, 103.

CALCÍDIOS, habitantes de Calcídice, rebelam-se contra os atenienses, I, 57, 58; combatem em Potidéia, I, 62; seu território é devastado, I, 65; vencem os atenien-ses, II, 79; Sitalces devasta seu território, II, 101; chamam Brasidas para ajudá-los; IV, 79, 81; aliam-se a Argos, V, 31; renovam sua aliança com a Lacedemônia, V, 80; concluem com os atenienses uma trégua de dez dias, VI, 7, 10; seus cavalerianos; II, 79; V, 10; seus peltastas, IV, 123; V, 6, 10; seus embaixadores acompanham Perdicas, IV, 83.

CÁLCIS, cidade da Eubéia VI, 4; VII, 29; VIII, 95; sua antiga guerra com a Eretria, I, 15; subjugada pelos atenienses, VI, 76; VII, 57; suas colônias na Sicília, III, 86; VI, 3, 4, 5; seus habitantes etnicamente afins dos iônios, IV, 61; seu dialeto, VI, 5; cidade da Etólia, colônia de Corinto, I, 108; II, 83.

CALES, rio da Bitínia, IV, 75.

CALEUS, povo da Lócrida, III, 101.

CALÍADES, ateniense, I, 61.

CALIAS, pai de Calícrates, I, 29; de Calíades, I, 61, 63; de Hipônicos, III, 91; filho de Hiperoquidas, VI, 55.

CALÍCRATES, coríntio, I, 29.

CALÍGITOS, megárico, VIII, 6, 8, 39.

CALÍMACOS, pai de Fanômacos, II, 70; de Lêarcos, II, 67.

CÁLIOS, povo etólio, III, 96.

CÁLIDON, cidade da Etólia, III, 102.

CAMARINA, cidade da Sicília; sua fundação, VI, 5; neutra entre Atenas e Siracusa, VI, 75; os dois lados tentam atraí-la, VI, 76; alia-se a Siracusa, VII, 33, 58.

CAMBISES, rei dos persas, I, 13.

CÂMIROS, lugar na ilha de Rodes, VIII, 44.

CANAL DO REI, IV, 109.

CANASTRÊON, na Calcídice, IV, 110.

CAÔNIOS, povo bárbaro do norte de Épi-ros, II, 68, 80, 81; derrotados em Stratos, II, 81.

CÁPATON, lócrio, III, 103.

CÁRADROS, local perto de Argos, V, 60.

CARCINOS, ateniense, II, 23.

CARDAMILA, povoado em Quios, VIII, 24.

CARÉADES, ateniense, III, 86, 90.

CÁRIA, satrapia na Ásia Menor, I, 116; VIII, 5; a Cária marítima aliada dos atenienses, II, 9; piratas cários, II, 69; os cários, antigos habitantes das ilhas, I, 4, 8; vizinhos dos dórios, II, 9; um cário bilíngüe, VIII, 85.

CARIAS, lugar na Lacônia, V, 55.

CARIBDIS, estreito na Sicília, IV, 24.

CÁRICLES, ateniense, VII, 20, 26.

CÁRISTOS, cidade da Eubéia, I, 98; IV, 42; VII, 57; VIII, 69.

CÁRMINOS, ateniense, VIII, 30, 41, 42, 73.

CÁRNEIOS, mês lacedemônio, V, 54; festas cárneias, V, 75, 78.

CARTAGO, CARTAGINESES, I, 13; VI, 2, 15, 34, 90.

CARTÊREIA, Porto da Iônia, VIII, 101.

CASMENAS, cidade da Sicília, VI, 5.

CATANA, cidade da Sicília, sua fundação, VI, 3; sua situação, III, 116; seu poderio, VII, 14; os cataneus etnicamente afins dos leontinos, VI, 20; aliados aos atenienses, VI, 64, 98; VII, 57.

CÁULON, cidade da Itália. VII, 25.

CAUNOS, cidade da Cária, I, 116; VIII, 39, 41, 42, 57, 88, 108.

CÉCALOS, megárico, IV, 119.

CECRIFALÉIA, ilhota perto de Egina, I, 105.

CÉCROPS, antigo rei de Atenas, II, 15.

CELIAS, ateniense, VIII, 89.

CEFALÊNIA, ilha do mar Iônio, I, 27; II, 80; suas cidades, II, 30; aliada de Atenas, II, 9, 30; III, 94; VIII, 31, 57; atacada pelos coríntios, II, 33.

CENCRÉIA, porto de Corinto, IV, 42, 44; VIII, 10, 20, 23.

CENÊON, promontório da Eubéia, II, 93.

CENTÔRIPA, cidade da Sicília, VI, 94; centôripes, VII, 32.

CÉOS, uma das ilhas Cíclades, VII, 57; céios, seus habitantes, idem.

CERÂMICO, subúrbio de Atenas, VI, 57; alusão, II, 34.

CERCINE, montanha da Trácia, II, 98,

CERDÍLION, cidade da Trácia, V, 6, 10.

CÉRICES, ou Arautos, colégio sacerdotal, VIII, 53.

CESTRINA, território do Épiros, I, 46.

CHIPRE, ilha, I, 94, 104, 128.

CÍCLADES, ilhas, I, 4, 9; colonizadas pelos atenienses, I, 12, aliadas de Atenas, II, 9.

CÍCLOPES, VI, 2.

CIDÔNIA, cidade de Creta, II, 65.

CILENE, porto dos eleus, I, 30; II, 84, 86; III, 69, 70; VI, 88.

CILÊON, promontório do Peloponeso, V, 53.

CILÍCIOS, I, 112, vencidos pelos atenien-ses.

CÍLON, sua conspiração, I, 120, 121.

CIME, cidade da Eólida, III, 31; VIII, 22, 31, 100; seu território, VIII, 101; cidade da Itália, VI, 4; ilha da Iônia, VIII, 41, 42, 43.

CÍMON, comandante ateniense, captura Êion, I, 98; derrota os persas perto do Eurí-medon, I, 100; socorre os lacedemônios, I, 102, 108; sua morte, I, 112.

CINES, acarnânio, II, 102.

CINOSSEMA, promontório do Quersone-sos, VIII, 104, 105.

CINÚRIA, território situado entre a Argólida e a Lacônia, IV, 56; causa de guerra entre os dois povos, V, 41.

CIONE, cidade de Palene; revolta-se contra os atenienses, IV, 120; sitiada por eles, IV, 130,

131; V, 18; capturada, V, 32.

CIPSELA, na Arcádia, V, 23.

CIRENE, cidade da Líbia, I, 110; VII, 50 (cireneus).

CIRFONDAS, tebano, VII, 30.

CIRITAS, V, 67.
CIRONIDES, comandante ateniense, VIII, 25, 54.

CIROS, rei dos persas: o antigo, I, 13, 16; o jovem, II, 65. Ilha do mar Egeu, I, 98.

CIRROS, cidade da Macedônia, II, 100.

CÍTALOS, lacedemônio, I, 131.

CITAS, II, 96; seu poderio, II, 97.

CITERA, ilha, IV, 53; pertencente à Lacônia, VII, 26; suas cidades, IV, 54; os atenienses a ocupam, IV, 54; vigiam-na, IV, 118; fazem de lá incursões à Lacedemônia, V, 14; restituem-na aos lacedemônios, V, 18; os citereus servem sob os atenienses na Sicília, VII, 57.

CITÉRON, montanha da Beócia, II, 75.

CITÍNION, uma das cidades de origem dos dórios, I, 107; III, 95, 102.

CÍTION, cidade da ilha de Chipre, I, 112.

CÍZICOS, cidade da Propontis, VIII, 107; Timágoras de Cízicos, VIII, 6, 39.

CLAROS, uma das ilhas Cíclades, III, 33.

CLAZOMENE, cidade da Iônia, revolta-se contra os atenienses, VIII, 14; subjugada por eles, VIII, 23; saqueada por Astíocos, VIII, 31.

CLEANDRIDAS, lacedemônio, VI, 93, 104; VII, 2.

CLÊARCOS, lacedemônio, VIII, 8, 39, 80.

CLEARIDAS, lacedemônio, IV, 132; V, 6, 8, 10, 11, 21, 34; governador de Anfípolis.

CLEÊNETOS, ateniense, III, 36.

CLEIPIDES, ateniense, III, 3.

CLEÓBULOS, éforo na Lacedemônia, V, 36, 37, 38.

CLEÔMBROTOS, espartano, pai de Pau-sânias, I, 94; II, 71; de Nicômedes, I, 107.

CLEÔMEDES, lacedemônio, V, 84.

CLEÔMENES, rei dos lacedemônios, I, 126; tutor de Pausânias, III, 26.

CLÊON, orador ateniense, III, 36; IV, 21; seu caráter, IV, 21, 22, 27; V, 7, 16; seu discurso contra os mitilênios, III, 37; opõe-se aos lacedemônios, IV, 21; adversário de Nícias, IV, 27; sua expedição a Pilos, IV, 28; faz massacrar os cioneus, IV, 122; sua expedição à Trácia contra Brasidas, V, 2; sua morte na batalha de Anfípolis, V, 10.

CLEONAS, cidade da Argólida, VI, 95; cidade em Acte, IV, 109

CLEONEUS, V, 67, 72, 74.

CLEÔNIMOS, lacedemônio, IV, 132.

CLEÔPOMPOS, ateniense, II, 26, 58.

CLÍNIAS, ateniense, II, 26, 58.

CNEMOS, almirante lacedemônio, II, 66, 80, 81, 82, 84, 85, 93.

CNIDIS, lacedemônio, V, 51.

CNIDOS, cidade da Dórida; sua defecção, VIII, 35, 41, 52, 100; o promontório Triô-pion em

seu território, VIII, 35; a ilha de Lipara, colônia dos Cnídios, III, 88.

COLOFON, cidade da Iônia, III, 34; porto dos colofônios perto de Torone, V, 2.

COLONA, na Trôada, I, 131.
COLÔNIAS, usos antigos para a sua fundação, I, 24, 27; III, 92; seus laços com as metrópoles, I, 25, 34, 38; III, 34; V, 11; VI, 4, 5.

COLONOS, distrito da Ática, VIII, 67.

COMBUSTÃO ESPONTÂNEA, II, 77.

CONFRARIAS em Atenas, VIII, 54, 81.

CÔNON, comandante ateniense, VII, 31.

CONSELHO DOS QUINHENTOS em Atenas, escolhido mediante sorteio, VIII, 66; sua instalação, 70; dissolvido pelos oli-garcas, 89; restabelecido, 97. Os Quatro Conselhos da Beócia, V, 38. Conselhos de Argos e Mantinéia, V, 47; de Córcira, III, 70; de Quios, VIII, 14.

COPAÍS, lago na Beócia, referência, IV, 93.

CÓRCIRA, colônia de Corinto, I, 25; VII, 57; sua situação, I, 36, 44; sua marinha, I, 25, 33, 36; Temístocles procura-a para asilar-se, I, 136; guerra entre Córcira e Corinto por Epídamnos, I, 24; sua aliança com Atenas, I, 44; II, 9; VII, 57; suas dissensões, III, 69; IV, 46; peã dos corcireus, VII, 44.

CÔREBOS, plateu, III, 22.

CÔRICOS, lugar na Iônia, VIII, 14, 33, 34.

CORIFÁSION, nome dado a Pilos pelos lacedemônios, IV, 3, 118; V, 18.

CORINTO, cidade do Peloponeso, sua situação, sua atividade comercial, I, 13; II, 92, 93, 94; III, 85, 100; IV, 70, 74; VIII, 3, 7, 8; os coríntios recebem Epídamnos, I, 25; derrotados no mar pelos corcireus, I, 29; vencedores em um segundo combate, I, 48; instigadores da guerra do Peloponeso, I, 67, 119; aliados da Lacedemônia, II, 9; desentendem-se com ela, V, 27; ajudam Siracusa, VI, 93; VII, 58; repelem um desembarque dos atenienses em seu território, IV, 42; tomam a iniciativa de um comba-te naval com os atenienses, VII, 34; dracma coríntio, I, 27; naus coríntias, II, 9; VI, 104;

COROA oferecida a Brasidas, IV, 21.

CORONÉIA. cidade da Beócia. I, 113: III, 62, 67; IV, 92, 93.

CORONTA, cidade da Acarnânia, II, 102.

COROS nos festivais de Atenas, VI, 16.

CÓRREGO BELO *(= Kallirhoe),* fonte em Atenas, II, 15.

CÓS MERÓPIDA, VIII, 41.

COTILA, medida ática de volume, IV, 6; VII, 87.

COTIRTA, povoado da Lacônia, IV, 56.

COURAÇAS dos lacedemônios, IV, 34.

CRÂNIOS, povo da Cefalênia, III, 30, 33; V, 35, 56.

CRANÔNIOS, povo da Tessália, II, 22.

CRATÊMENES, fundador de Zancle, VI, 4.

CRATÉSICLES, espartano, IV, 11.

CRENAS, povoado da Anfilóquia, III, 105, 106.

CRESOS, rei da Lídia, I, 16.

CRESTÔNIA, território da Macedônia, II, 90, 100; IV, 109.

CRETA, ilha, II, 9, 85, 92; III, 69; VIII, 39; cretenses fundam Gela, VI, 4; VII, 57; ar-cheiros cretenses, VI, 25, 43; mercenários, VII, 57; mar de Creta, IV, 53; V, 110.
CRISA, golfo de, I, 107; II, 69, 83; sua entrada, II, 86.

CRÍSIPOS, filho de Pélops, I, 9.

CRÍSIS, sacerdotisa de Hera em Argos, II, 2; IV, 133. Coríntio, II, 33.

CROCÍLION, na Etólia, III, 96.

CRÔMION, messênio, III, 98. Povoado coríntio, IV, 42, 44, 45.

CROPIAS, na Ática, II, 19.

CROTONA, cidade na Itália, VII, 35.

CRUSIS, território da Trácia, II, 79.

D

DAFNOS, cidade da Iônia, VIII, 23, 31.

DAÍMACOS, plateu, III, 20.

DÁITOS, lacedemônio, V, 19, 24.

DAMÁGETOS, lacedemônio, V, 19, 24.

DAMÁGON, lacedemônio, III, 92.

DAMÔTIMOS, siciônio, IV, 119.

DÂNAOS, nome genérico dos gregos em Homero, I, 3.

DÁRDANOS, cidade do Heléspontos, VIII, 104.

DÁRICO (estáter), moeda de ouro, VIII, 104.

DARIOS, filho de Histaspes, rei dos persas; submete as ilhas gregas, I, 10; combate os atenienses em Maratona, VI, 59; Aristágo-ras foge dele, IV, 102. Filho de Artaxerxes, VIII, 5; tratado com os lacedemônios, VIII, 18, 37, 58; seus filhos, VIII, 37.

DASCÍLION, sátrapa, I, 129.

DÁSCON, fundador de Camarina ,VI, 5. Nome de uma baía perto de Siracusa, VI, 66.

DÁULIA, cidade da Fócida, II, 29; dá seu nome ao rouxinol, idem.

DECÊLEIA, na Ática; situação, VII, 19; fortificada pelos peloponésios, VI, 91, 93; VII, 18-20; perdas conseqüentes para os atenienses, VII, 27, 28; estando nela, Ágis manda como um soberano, VIII, 3, 5; guerra de Decêleia, VII, 27; VIII, 69.

DELFÍNION, povoado em Quios, VIII, 38, 40.

DELFINS, engenhos de guerra naval, VII, 41.

DELFOS, seu templo acessível a todos os helenos, IV, 118; V, 18; causa de guerra (a "guerra sagrada"), I, 112; despojos de guerra mandados para lá, I, 132; IV, 134; os lacedemônios pensam em obter um empréstimo lá, I, 121; sua sacerdotisa subornada por Plistoânax, V, 16; seu oráculo, I, 25, 28, 103, 118, 126, 134; II, 17, 54, 102; III, 96; IV, 118; V, 16, 32.

DÉLION, templo de Apolo, na Beócia, IV, 76, 89; fortificada pelos atenienses, IV, 90; tomada pelos beócios, IV, 100; batalha de Délion, IV, 93; suas conseqüências, V, 15.

DELOS, uma das ilhas Cíclades, sua purificação, I, 8; III, 104; V, 1; tesouro dos aliados, I, 96; sofre um terremoto, II, 8; os peloponésios desembarcam lá, III, 29; VIII, 80; suas festas, III, 104; os délios expulsos, V, 1; VIII, 108; trazidos de volta, V, 32.

DEMÁRATOS, ateniense, VI, 105.

DÊMARCOS, siracusano, VIII, 85.

DEMÉIA, ateniense, V, 116.

DEMIURGOS, magistrados de Mantinéia e de Élis, V, 47.

DEMÔDOCOS, ateniense, IV, 75.

DEMÓSTENES, comandante ateniense; conduz uma frota contornando o Pelopo-neso, III, 91; sua desastrosa expedição à Etólia, III, 94; eleito comandante pelos acarnânios, derrota os ambraciotas, III, 107; retorna a Atenas, III, 114; sua expedição a Pilos (Sfactéria), IV, 2; a Niséia, IV, 66; à Beócia, IV, 76; à Sicília, VII, 16; ataca Epí-polas, VII, 43; opina pelo fim do bloqueio de Siracusa, VII, 47; comanda a retaguarda durante a retirada, VII, 80; capitula, VII, 82; é morto, VII, 86.

DEMÔTELES, lócrio, IV, 25.

DERCÍLIDAS, comandante lacedemônio, VIII, 61.

DERDAS, macedônio, I, 57, 59.

DERSEUS, povo da Trácia, II, 101.

DEUCALÍON, I, 3.

DEUSAS VENERÁVEIS, ou Eumênides, I, 126.

DIÁCRITOS, lacedemônio, II, 12.

DIÁGORAS, túrio, VIII, 35.

DIÁLOGO entre os mélios e os atenienses, V, 85 e seguintes.

DÍDIMOS, uma das ilhas de Éolos, III, 83.

DIÊMPOROS, tebano, II, 2.

DÍFILOS, ateniense, VII, 34.

DIÍTREFES, comandante ateniense, III, 75; IV, 53, 119; leva de volta os trácios mercenários, VII, 29; enviado à Trácia, VIII, 64.

DIME, cidade da Acaia, II, 84.

DINÍADES, lacedemônio, VIII, 22.

DÍNIAS, ateniense, III, 3.

DIÔDOTOS, ateniense, III, 41; seu discurso a favor dos mitilênios, III, 42.

DIOMÊDON, comandante ateniense, VIII, 10, 20; dirige as operações na costa da Iônia, VIII, 23, 24, 54, 55; partidário da democracia, VIII, 97.

DIÔMILOS, ândrio, VI, 96, 97.

DÍON, cidade da Macedônia, IV, 78; do monte Atos, IV, 109.

DIONÍSIAS, festas de Diônisos; urbanas, V, 20, 23; antigas, II, 15.

DIÔNISOS, templo de Diônisos Limneu (literalmente "dos pântanos"), II, 15; seu teatro em Atenas, VIII, 93, 94; em Muni-quia, VIII, 93; em Córcira, III, 81; suas festas (ver DIONÍSIAS).

DIOS, povo trácio, II, 96; V, 35, 82; VII, 27.

DIÓSCUROS, seu templo em Córcira, III, 75; perto de Torone, IV, 110.

DIÔTIMOS, ateniense, I, 45; VIII, 15.

DISCURSOS: dos enviados corcireus em Atenas, I, 32 a 36; dos enviados coríntios em Atenas, I, 37 a 43; dos enviados coríntios em Esparta, I, 68 a 72; dos atenienses em Esparta, I, 73 a 78; do rei Arquídamos à as-sembléia espartana, I, 80 a 85; do éforo Stenelaídas à assembléia espartana, I, 86; dos enviados coríntios na segunda assembléia espartana, I, 120

a 124; de Péricles à assembléia ateniense, I, 140 a 144; oração fúnebre de Péricles, II, 35 a 46; segundo discurso de Péricles à assembléia ateniense, II, 60 a 64; dos enviados mitilênios aos pe-loponésios em Olímpia, III, 9 a 14; de Clêon à assembléia ateniense sobre os mitilênios, III, 37 a 40; de Diôdotos à assembléia ateniense sobre os mitilênios, III, 42 a 48; dos plateus aos juízes espartanos, III, 53 a 59; dos tebanos aos juízes espartanos, III, 61 a 67; dos enviados lacedemônios na assembléia ateniense, IV, 17 a 20; de Hermôcra-tes aos siceliotas em Gela, IV, 59 a 64; de Brasidas aos acântios, IV, 85 a 87; de Nícias à assembléia ateniense sobre a expedição à Sicília, VI, 9 a 14; de Alcibíades à assembléia ateniense sobre o mesmo assunto, VI, 16 a 18; segundo discurso de Nícias à assembléia ateniense sobre o mesmo assunto, VI, 20 a 23; de Hermôcrates à assembléia siracusana, VI, 33 e 34; de Atená-goras à assembléia siracusana, VI, 36 a 40; de um comandante siracusano à assembléia siracusana, VI, 41; de Hermôcrates em Camarina, VI, 76 a 80; do ateniense Êufemos em Camarina, VI, 82 a 86; de Alcibíades em Esparta, VI, 89 a 92.

DÔBEROS, cidade da Peônia, II, 98-100.

DÔLOPES, povo da Tessália, I, 98; II, 102; V, 51.

DÓRCIS, lacedemônio, I, 95.

DORIEUS, atleta ródio, III, 8; comandante dos túrios, VIII, 35 e 84.

DÓRIOS, conquistadores do Peloponeso, I, 12; povoam a Lacedemônia, I, 18; V, 16; inimigos constantes dos iônios, IV, 61; IV, 80, 82; VII, 57; dialeto dório, III, 112; VI, 5; cidades dórias da Sicília, III, 86; IV, 64; suas cidades de origem, I, 107; III, 92; Dórida da Ásia Menor, II, 9.

DOROS, tessálio, IV, 78.

DRÁBESCOS, lugar na Edônia, I, 99; IV, 102.

DRACMA, moeda: ático, VIII, 29; coríntio, I, 27; egineta, V, 47.

DRÍMUSSA, ilhota perto de Clazomene, VIII, 31.

DRIOCÉFALE, lugar junto ao monte Citéron, III, 24.

DRÍOPES, povo autóctone que habitava as vizinhanças do monte Eta, VII, 57.

DROOS, povo trácio, II, 101.

E

EANTEUS, povo lócrio, III, 101.

EÂNTIDAS, tirano de Lâmpsacos, VI, 59.

ECLIPSES, do sol, I, 23; II, 28; IV, 52; da lua, VII, 50.

ÊCRITOS, espartano, VII, 19.

EDÔNIOS, povo da Trácia, I, 100; II, 99; IV, 102, 107 a 109; V, 6.

EETIONÉIA, parte do Pireu, VIII, 90 a 92.

ÉFESOS, cidade da Iônia, III, 32, 33; IV, 50; VIII, 19; seu templo e suas festas de Ártemis, III, 104; VIII, 109.

ÉFIRA, cidade da Tesprótida, I, 46.

ÉFOROS, magistrados da Lacedemônia, I, 131, 133, 134; seu poder, I, 87, 131; V, 36; VIII, 6, 12; epônimos: Enésias, II, 2; Plistolas, V, 19.

EGALÊON, montanha da Ática, II, 19.

EGESTA, cidade da Sicília, VI, 2, 6; chama os atenienses, VI, 6, 8; artifício para enganar os atenienses, VI, 44; egesteus bárbaros, VI, 11.

EGEU (mar), I, 98; IV, 109.

EGINA, sua frota, I, 14; sua guerra contra Atenas, I, 105; sua submissão, I, 108; os eginetas socorrem a Lacedemônia na revolta dos hilotas, IV, 56; instigam os peloponésios à guerra contra Atenas, I, 67; expulsos de sua ilha pelos atenienses, que a colonizam, II, 27; estabelecem-se em Tiréia, II, 27; IV, 56; são massacrados lá pelos atenienses, IV, 57; colonos de Egina ajudam os atenienses na Sicília, VII, 57; apóiam o estabelecimento da oligarquia em Atenas, VIII, 69; saqueados pela frota lacedemônia, VIII, 92.

EGÍTION, cidade da Etólia, III, 97.

EGITO, revolta-se contra o rei da Pérsia, I, 104; os atenienses socorrem os revoltosos, I, 109; volta a ser dominado pelos persas, I, 110; nova frota ateniense, I, 112; trigo trazido do Egito, VIII, 35; egípcios acompanhantes de Pausânias, I, 130.

ÊION, cidade da Trácia, I, 98; IV, 50, 102, 104, 106, 107; V, 6.

ELAFEBÔLION, mês ático, IV, 118; V, 19.

ELEÁTIS, região da Tesprótida, I, 46.

ELEONTE, cidade do Quersonesos, VIII, 102, 103, 107.

ELEUSÍNION, templo em Atenas, II, 17.

ÊLEUSIS, cidade da Ática, I, 114; II, 9, 20, 21; IV, 68; os eleusínios em guerra com Erecteus, II, 15.

ÉLIDA, território do Peloponeso, II, 25, 66; V, 34; VI, 88; eleus, seus habitantes, I, 30; II, 25, 66; V, 34, 47. Élis, cidade na Élida, V, 47.

ELIMIOTAS, povo da Macedônia, II, 90.

ÊLIMOS, povo da Sicília, VI, 2.

ELÔMENOS, lugar no território de Lêuca-de, III, 94.

ELORINA, estrada na região de Siracusa, VI, 66, 70; VII, 80.

ÊMBATOS, lugar do território de Eritras, III, 29.

EMISSÁRIOS SAGRADOS (= *thêoroi*), V, 16; VI, 3.

ÊNDIOS, éforo em Esparta, VIII, 6, 12; enviado a Atenas, V, 44.

ENÊON, cidade dos lócrios ozólios, III, 91, 98, 102.

ENGENHOS DE GUERRA, especialmente arietes, II, 18, 58, 76, 77; III, 51; IV, 13; V, 7; VI, 102; VII, 43; VIII, 100; engenho incendiário empregado em Délion, IV, 100.

ENÍADAS, cidade da Acarnânia, I, 111; II, 82, 102; III, 7, 94, 114; IV, 77.

ENIÁLIOS, um dos epítetos de Ares; seu templo, IV, 67.

ÊNIOS, povo da Tessália, V, 51.

ENIPEUS, rio da Tessália, IV, 78.

ENOE, cidade da Ática, II, 18, 19; VIII, 98.

ENOFITA, lugar no território de Tânagra, na Beócia, I, 108; IV, 95.

ENOS, cidade da Trácia, IV, 24; tributária de Atenas, VII , 57.

ÊNTIMOS, fundador de Gela, VI, 4.

ENUSSAS, ilhas vizinhas de Quios, VIII, 24.

EOLADAS, beócio, IV, 91.

EÓLIDA, parte da Etólia, III, 102.

EÓLIOS, antigos habitantes de Corinto, IV, 42; cidades eólias, IV, 52; eólios da Ásia e da Trácia, súditos dos atenienses, VII, 57.

ÉOLOS, ilhas de, III, 98.

ÊON, cidade da Calcídice, IV, 7.

EÓRDIA, região da Macedônia, II, 99.

EPICIDAS, lacedemônio, V, 12.

ÊPICLES, ateniense, I, 45; II, 23; pelopo-nésio, VIII, 107.

EPICUROS, ateniense, III, 18.

EPÍDAMNOS, cidade da Ilíria, I, 24; III, 70.

EPÍDAUROS, cidade independente a leste da Argólida, II, 56; IV, 45; seu território confinava com o de Corinto, VIII, 10; em guerra com Argos, V, 53; templo de Hera em Epídauros, fortificado pelos atenienses, V, 75.

EPÍPOLAS, elevação em Siracusa, VI, 75, 101, 102, 103; sua descrição, VI, 96; atacada pelos atenienses, VII, 43.

EPITADAS, lacedemônio, IV, 8, 31, 38.

EPITÉLIDAS, lacedemônio, IV, 132.

EQUECRÁTIDAS, tessálio, I, 111

EQUETIMIDAS, lacedemônio, IV, 119.

EQUÍNADES, ilhas na foz do Aqueloos, II, 102.

ERASINIDES, coríntio, VII, 7.

ERASÍSTRATOS, ateniense, V, 4.

ERATÓCLIDES, coríntio, I, 24.

ERECTEUS, rei de Atenas, II, 15.

ÉRESOS, cidade da ilha de Lesbos, III, 18, 35; VIII, 23, 100, 101, 103.

ERETRIA, cidade da Eubéia, sua situação, VIII, 60; sua antiga guerra contra Cálcis, I, 15; metrópole de Mende, IV, 123; tributária de Atenas, VII, 57; sua defecção, VIII, 95.

ERINÊON, uma das cidades de origem dos dórios, I, 107; cidade da Acaia, VII, 34.

ERINEOS, rio da Sicília, VII, 80.

ERITRAS, cidade da Iônia, III, 33; VIII, 5, 6, 14, 24, 28, 32, 33; seu território, III, 29. Cidade da Beócia, III, 24.

ÊRIX, montanha da Sicília, VI, 2; seu templo de Afrodite, VI, 46.

ERIXIDAÍDAS, lacedemônio, IV, 119.

ESIME, cidade da Trácia, IV, 107.

ESPARTA, IV, 3, 15, 81; V, 14; espartanos, I, 132; III, 100; IV, 8, 38; VI, 91; VIII, 19, 39.

ESTÁTER, moeda de ouro, III, 70; dárico, VIII, 28; foceu, IV, 52.

ESTÍRIOS, habitantes da Stíria, VII, 57.

ETEÔNICOS, lacedemônio, VIII, 23.

ETEUS, habitantes do monte Eta, III, 92; VIII, 3.

ETIÓPIA, II, 48.

ETNA, vulcão da Sicília, III, 116.

ETÓLIA, descrição, III, 94; expedição desastrosa dos atenienses à Etólia, III, 97.

ETRUSCOS (tirrênios), IV, 24, 109.

EUALAS, espartano, VIII, 22.

ÊUARCOS, tirano de Ástacos, II, 30, 33; fundador de Catana, VI, 3.

EUBÉIA, sua situação, II, 55; III, 93; IV, 76; conquistada pelos atenienses, I, 23; subleva-se e é subjugada por Péricles, I, 114; sujeita aos atenienses, IV, 92; VI, 76, 84; guardada por eles, II, 26, 32; III, 17; VIII, 1, 74; celeiro de Atenas, VII, 28; VIII, 96; eubeus ajudam os atenienses na Sicília, VII, 57; defecção da Eubéia, VIII, 5, 95.

ÊUBULOS, lacedemônio, VIII, 23.

EUCLES, comandante ateniense, IV, 104; siracusano, VI, 103.

EUCLIDES, fundador de Himera, VI, 5.

ÊUCRATES, ateniense, III, 51.

EUCTÊMON, ateniense, VIII, 30.

ÊUENOS, rio da Etólia, II, 83.

EUESPERITAS, povo da Líbia, VII, 50.

EUETÍON, comandante ateniense, VII, 9.

ÊUMACOS, argivo, III, 33.

EUMÔLPIDAS, colégio sacerdotal de Atenas, VIII, 51. Plateu, III, 20.

ÊUMOLPOS, rei de Êleusis, II, 15.

EURÍALOS, parte mais alta de Epípolas, em Siracusa, VI, 97; VII, 2, 43.

EURÍBATOS, coríntio, I, 47.

EURÍLOCOS, espartano, III, 100; submete os lócrios, III, 101-102; socorre os ambra-ciotas, III, 106; sua morte, III, 109.

EURÍMACOS, tebano, II, 2, 5.

EURÍMEDON, comandante ateniense, enviado a Córcira, III, 80; à Beócia, III, 91; à Sicília, III, 115; IV, 2; intervém em Córcira, IV, 46; colega de Nícias, VII, 16, 31, 33, 42; opina pelo fim do cerco, VII, 49; é morto, VII, 52.

EURÍPIDES, comandante ateniense, II, 70, 79.

ÊURIPOS, canal da Eubéia, VII, 29, 30.

EURISTEUS, rei de Micenas, I, 9.

EURÍTANOS, povo etólio, III, 94.

EURÍTIMOS, coríntio, I, 29.

ÊUROPOS, cidade da Macedônia, II, 100.

ÊUSTROFOS, lacedemônio, V, 40.

ÊUTICLES, coríntio, I, 46; III, 114.

EUTIDEMOS, comandante ateniense, V, 19, 24; VII, 16, 69.

ÊUXINOS (Pontos, o atual mar Negro), II, 96, 97 (ver PONTOS).

EXÉCESTOS, siracusano, VI, 73.

EXORTAÇÕES DE CHEFES MILITARES, de Arquídamos aos oficiais peloponésios antes da invasão da Ática, II, 11; dos comandantes peloponésios às tripulações de suas naus antes da batalha naval no golfo de Corinto, II, 87; de Fórmion aos homens da frota ateniense antes da mesma batalha, II, 89; de Demóstenes às tropas ateni-enses em Pilos, IV, 10; de Pagondas às tropas beócias antes da batalha de Délion, IV, 92; de Hipócrates às tropas atenienses antes da mesma batalha, IV, 95; de Brasidas às suas tropas na campanha contra Arrá-beos, IV, 126; de Brasidas às suas tropas antes da batalha de Anfípolis, V, 9; de Nícias às suas tropas antes da batalha de Siracusa, VI, 68; de Nícias às forças

atenienses antes da última batalha naval na Sicília, VII, 61 a 64; de Gílipos às tropas siracusanas antes da mesma batalha, VII, 66 a 68; de Nícias às suas tropas antes da retirada de Siracu-sa, VII, 77.

F

FÁCION, cidade da Tessália, IV, 78.

FAEINIS, sacerdotisa de Hera em Argos, IV, 133.

FAGRES, estreito na Trácia, II, 99.

FALÉRON, antigo porto de Atenas, I, 107; II, 13.

FÁLIOS, fundador de Epídamnos, I, 24.

FANAS, lugar em Quios, VIII, 24.

FANÔMACOS, ateniense, II, 70.

FANÓTIS, cidade da Fócida, IV, 76, 89.

FÁRAX, lacedemônio, IV, 38.

FARNÁBAZOS, sátrapa persa, II, 67; chama os peloponésios para o Helespontos, VIII, 6, 8, 39, 62, 80, 99, 109; seus filhos, VIII, 58.

FARNACES, persa, I, 129; II, 67; V, 1; VIII, 6, 58.

FAROS, ilha no Egito, I, 104.

FÁRSALOS, cidade na Tessália, I, 111; IV, 78; farsálios, II, 22.

FASELIS, cidade da Lícia, II, 69; VIII, 88, 99, 108.

FEÁCIOS, antigos habitantes de Córcira, I, 25.

FÊAX, comandante ateniense, V, 4.

FEIA, cidade da Élida, II, 25; VII, 31.

FENÍCIA, II, 69; fenícios, povoaram as ilhas gregas e exerceram antigamente a pirataria, I, 8; ajudaram Darios a subjugar as ilhas gregas, I, 16; colonizaram a Sicília, VI, 2; vencidos no mar pelos atenienses, I, 100, 112; hostilizam os atenienses no Egito, I, 110; socorrem Samos, I, 116; uma frota fenícia chamada à Iônia, VIII, 46, 59, 78, 81, 87, 99, 108, 109.

FENÍCIO, porto da Iônia, VIII, 34.

FEREUS, povo da Tessália, II, 22.

FILÊMON, ateniense, II, 67.

FILIDAS, beócio, II, 2.

FILIPE, irmão de Perdicas, I, 57, 59; II, 95, 100.

FÍLIPOS, lacedemônio, VIII, 28, 87, 90.

FILOCARIDAS, lacedemônio, IV, 119; V, 19, 21, 24, 44.

FILÓCRATES, comandante ateniense, V, 116.

FILOCTETES, suas naus, I, 10.

FIRCOS, forte na Trifília, V, 49

FISCA, lugar da Macedônia, II, 99.

FÍTIA, lugar na Acarnânia, III, 106.

FLAUTAS, seu uso no exército lacedemô-nio, V, 70.

FLIOS, cidade do Peloponeso, IV, 133; V, 57, 58; seus habitantes, os fliásios, I, 27; IV, 70; V, 58-59; seu território, Fliásia, V, 83, 115; VI, 105.

FLORESTAS, da Etólia, III, 98; de Sfactéria, IV, 30.

FOCÉIA, cidade da Iônia, VIII, 31; foceus, fundadores de Massália, I, 113; subúrbio de Leontinos, V, 4.

FÓCIDA, território vizinho à Beócia, III, 95; subjugada pelos atenienses, I, 108; seus habitantes, os foceus, aliados da Lacedemô-nia, II, 9; em guerra com as cidades de ori-gem dos dórios, I, 107; com os lócrios, V, 32; senhores do templo de Delfos, I, 112; al-guns dórios se estabelecem na Sicília, VI, 2.

FÓRMION, comandante ateniense em Samos, I, 117; em Potidéia, I, 64, 65; ataca os calcídios, II, 29; regressa de Potidéia, II, 58; socorre os acarnânios, II, 68; em Náu-pactos, II, 69; enfrenta a frota peloponésia em dois combates, II, 83, 85, 88; empreende uma expedição à Acarnânia, II, 102; os acarnânios, mais tarde, pedem um de seus parentes para comandá-los, III, 7.

FORTALEZA BRANCA, parte de Mênfis, I, 104.

FÓTIOS, chefe dos caônios, II, 80.

FRÍGIOS, localidade na Ática, II, 22.

FRÍNICOS, comandante ateniense, VIII, 25; opõe-se a Alcibíades, VIII, 48; deposto, VIII, 54; apóia a oligarquia, VIII, 68, 90; assassinado, VIII, 92.

FTIÓTIDA, parte da Tessália, I, 3; IV, 78; aqueus da Ftiótida, VIII, 3.

FUNDEIROS, IV, 100; VI, 22, 25; ródios, VI, 43; diferentes dos lançadores de pedras, VI, 69; VII, 31, 42.

G

GÁLEPSOS, cidade da Calcídice, IV, 107; V, 6.

GAULITES, cário, VIII, 85.

GELA, cidade da Sicília; sua fundação, VI, 4; VII, 50; colônia de Rodes, VII, 57, 68; aliada de Siracusa, VII, 33, 57, 58.

GÉLON, tirano de Siracusa, VI, 4.

GERÂNIA, montanha da Megárida, I, 105, 107, 108; IV, 70.

GERÁSTIOS, mês lacedemônio, IV, 19.

GÉRESTOS, porto da Eubéia, III, 3.

GETAS, povo vizinho dos citas, II, 96.

GÍGONOS, cidade da Macedônia, I, 61.

GÍLIPOS, lacedemônio, enviado para comandar os siracusanos, VI, 93; sua viagem marítima, VI, 104; sua chegada a Siracusa, VII, 1; captura o forte de Lábdalon, VII, 3; derrotado pelos atenienses num primeiro confronto, ele vai à desforra, VII, 5-6; reúne tropas na Sicília, VII, 7, 12, 21; captura os fortes de Plemírion, VII, 22; consegue novos reforços, VII, 46, 50; combate os atenienses na orla marítima, VII, 53; exorta os siracusanos, VII, 65; aprisiona Nícias, VII, 85; traz suas naus de volta da Sicília, VIII, 12.

GINOPEDIAS, festa da Lacedemônia, V, 82.

GIRTÔNIOS, povo da Tessália, II, 22.

GLAUCE, localidade no território de Míletos, VIII, 79.

GLÁUCON, ateniense, I, 51.

GÔAXIS, edônio, IV, 107.

GOLFO, de Ambrácia, I, 55; III, 107; de Crisa, I, 107; II, 92; de Íasos, VIII, 26; Iônio, 1, 24; VI, 13; VII, 57; Malíaco, III, 96; IV, 100; VIII, 3; Piério, II, 99; de Terine, VI, 104; Tirrênio, VI, 62.

GÔNGILOS, eretriano, I, 128; comandante coríntio, VII, 2.

GÓRTINA, cidade da ilha de Creta, II, 85.

GORTÍNIA, cidade da Macedônia, II, 100.

GRAICE, localidade perto de Ôropos, II, 23.

H

HABRÔNICOS, ateniense, I, 91.

HÁGNON, comandante ateniense, envia-do a Samos, I, 117; a Potidéia, II, 58; para juntar-se a Sitalces, II, 95; jura o tratado com os lacedemônios, V, 19, 24; funda Anfí-polis, IV, 102; seus monumentos destruí-dos, V, 11; pai de Terâmenes, VIII, 68, 89.

HÁLEX, rio da Itália, III, 99.

HALIÁRTIOS, povo da Beócia, IV, 93.

HALICARNASSOS, cidade da Dórida, VIII, 42, 108.

HALIEIS, território litorâneo ao sul da Argólida, I, 105; II, 56; IV, 55.

HÁLIS, rio da Ásia Menor, I, 16.

HAMÁXITON, cidade da Eólida, VIII, 101.

HÁRMATOS, cidade da Eólida, VIII, 101.

HARMÔDIOS, tiranicida juntamente com Aristógiton, I, 20; VI, 54.

HARPÁGION, cidade da Prôpontis, VIII, 107.

HEBROS, rio da Trácia, II, 96.

HÊFESTOS, suas forjas em Hierá, III, 88.

HEGÉSANDROS, lacedemônio, IV, 132; téspio, VII. 19.

HEGESIPIDAS, lacedemônio, V, 52.

HÉLADE, nome que antigamente não se estendia a toda a Grécia, I, 3.

HELÂNICOS, historiador, I, 97.

HÉLEN, filho de Deucálion, epônimo dos helenos, I, 3.

HELENA, I, 9.

HELENOS, os povos inicialmente incluídos nesta denominação, I, 3.

HELÉSPONTOS, I, 89, 128; II, 9, 96; VIII, 6, 8, 22, 23, 39, 80, 86, 96, 99,100,103, 106, 108, 109.

HÉLIXOS, megárico, VIII, 80.

HELORINA, estrada ao sul de Siracusa, VI, 66, 70; VII, 80.

HELOS, cidade da Lacônia, IV, 54.

HEMOS, montanha da Trácia, II, 96.

HERA, seu templo em Córcira, I, 24; III, 79, 81; em Platéia, III, 68; em Argos, IV, 128; em Epídauros, V, 75.

HERACLÉIA, pôntica, IV, 75; Traquínia, III, 92-93; IV, 78; V, 12, 51-52.

HÉRACLES, V, 16; seu templo perto de Mantinéia, V, 64, 68; sua festa em Siracusa, VII, 73.

HERÁCLIDAS, matam Euristeus, I, 9; ocupam o Peloponeso, I, 12; o heráclida Fálios, I, 24; o heráclida Árquias, VI, 3.

HERÁCLIDES, siracusano, V, 73, 103.

HERÁS, cidade da Iônia, VIII, 19, 20.

HEREUS, povo da Argólida, V, 67.

HERMEONDAS, tebano, III, 5.

HERMES, seus bustos (hermas), VI, 27; investigações sobre sua mutilação, VI, 53; Templo de Hermes perto de Micálessos, VII, 29.

HERMIONE, cidade no sul da Arcádia, I, 27, 128; II, 56; VIII, 3, 33.

HERMÔCRATES, siracusano, filho de Hêrmon, IV, 58; seu caráter, VI, 72; exorta os siceliotas à paz e à concórdia, IV, 59; anuncia a aproximação dos atenienses, VI, 33; eleito comandante, VI, 73; enviado a Camarina, VI, 76; exorta os siracusanos a equiparem uma frota, VII, 22; seu estratagema para retardar a partida dos atenienses, VII, 73; conduz uma frota siracusana à Iônia, VIII, 26; opõe-se a Tissafernes, VIII, 29, 45, 85; exilado, VIII, 85.

HÊRMON, siracusano, IV, 58; VI, 32; ateniense, VIII, 92.
HESÍODO, sua morte, III, 96.

HESTIÉIA, cidade da Eubéia, escravizada pelos atenienses, I, 114; repovoada por colonos de Atenas, VII, 57.

HESTIÔDOROS, ateniense, II, 70.

HIBLA GELEÁTIDA, cidade da Sicília, VI, 62, 94.

HÍBLON, rei dos sícelos, VI, 4.

HÍCARA, cidade dos sicânios, VI, 62; escra-vos resultantes do saque desta cidade, VII, 13.

HIERÁ, uma das ilhas de Éolos, III, 88.

HIERÁMENES, persa, VIII, 58.

HIEREUS, habitantes do território de Mália, III, 92.

HIEROFON, ateniense, III, 105.

HILAICO, porto em Córcira, III, 72, 81.

HÍLIAS, rio da Itália, VII, 35.

HILOTAS, seu número, VIII, 40; receios que inspiravam aos lacedemônios, IV, 80; incitados à revolta por Pausânias, I, 132; re-tiram-se para o monte Itome, I, 104; III, 54; IV, 56; sitiados durante dez anos e expulsos do Peloponeso, I, 102; instalados pelos atenienses em Náupactos, I, 103; serviam ao exército lacedemônio, IV, 6; V, 57, 64; VII, 19; a liberdade prometida aos que introduzissem víveres em Sfactéria, IV, 26; libertos os que serviram sob o comando de Brasidas, V, 34; muitos desertam de Pilos, IV, 41; os atenienses os retiram de lá, V, 35.

HIMERA, cidade da Sicília, VI, 5, 62; VII, 1, 58; seu território, III, 115.

HIMERÊON, localidade perto de Anfípo-lis, VII, 9.

HIPAGRETAS, lacedemônio, IV, 38.

HÍPARCOS, filho de Pisístratos, I, 20; VI, 54.

HIPÉRBOLOS, ateniense, VIII, 73.

HÍPIAS, pai de Pisístratos, VI, 54; filho mais novo de Pisístratos, I, 20; VI, 54; como ele exerceu a tirania, VI, 59. Arcádio, III, 34.

HÍPOCLES, ateniense, VIII, 13.

HÍPOCLOS, tirano de Lâmpsacos, VI, 59.

HIPÓCRATES, comandante ateniense, captura Niséia, IV, 66; trama um golpe contra a Beócia, IV, 76; fortifica Délion, IV, 90; exorta seus soldados, IV, 95; é morto, IV, 101. Tirano de Gela, VI, 5. Lacedemônio, VIII, 35, 99, 107.

HIPOLOQUIDAS, tessálio, IV, 78.

HIPÔNICOS, ateniense, III, 91.

HIPONOÍDAS, lacedemônio, V, 71, 72.

HÍSIAS, cidade da Beócia, III, 24; da Argólida, V, 83.

HISTASPES, persa, I, 115.

HOMERO, bem posterior à guerra de Tróia, I, 3; exagera os fatos, I, 9, 10; Atenas dispensa seus louvores, II, 41; citação de seu hino a Apolo, III, 104.

HOPLITAS, soldados pesadamente armados; seu número em Atenas, II, 13; seu soldo, III, 17.

I

IÁLISOS, cidade de Rodes, VIII, 44.

IAPÍGIA, promontório na Itália, VI, 30,44; VII, 33; mercenários iapígios, VII, 33, 57.

ÍASOS, cidade da Cária, VIII, 28-30, 54; golfo de Íasos, VIII, 26.

IBÉRIA, VI, 2; mercenários iberos, VI, 90.

ÍCAROS, ilha, III, 29, 33; VIII, 99.

ÍCTIS, promontório na Élida, II, 25.

IDA, montanha na Frígia, IV, 52; VIII, 108.

ÍDACOS, localidade no Quersonesos, VIII, 104.

IDOMENE, cidade da Macedônia, II, 100.

IETAS, forte no território dos sícelos, VII, 2.

IEUS, povo etólio, III, 101.

ÍLION, I, 12; VI, 2.

ILÍRIOS, habitantes da Ilíria, atacam Epí-damnos, I, 26; recrutados como mercenários por Perdicas, IV, 124, 125; taulântios, povo ilírio, I, 24.

IMBROS, ilha do mar Egeu, VIII, 102, 108; ímbrios, aliados de Atenas, III, 5; IV, 28; V, 8; VII, 57.

ÍNAROS, rei dos líbios, I, 104, 110.

ÍNESSA, cidade dos sícelos, III, 103; VI, 94.

IÔLCIOS, ateniense, VI, 19, 24.

ÍON, quiano, VIII, 38.

IÔNIOS, etnicamente afins dos calcídios, IV, 61; os iônios da Ásia, originários de Atenas, I, 2, 12, 95; II, 15; III, 86; IV, 61; VI; 82, vestiam-se como os atenienses, I, 6; celebravam as mesmas festas dos atenienses, II, 15; suas assembléias em Delos, III, 104; sua marinha no tempo de Ciros, I, 13; subjugados por este rei, I, 16; revoltam-se e se põem sob a proteção dos atenienses, I, 89, 95; VI, 76; a Iônia não tem lugares fortificados, III, 33; os lacedemônios levam à rebelião grande parte de seus territórios, VIII, 6, 11, 39; golfo Iônio = mar Adriático, I, 24; II, 97; VI, 30, 34, 104; VIII, 33.

IPNEUS, povo lócrio, III, 101.

ÍSARCOS, coríntio, I, 29.

ISARQUIDAS, coríntio, I, 29.

ISCÁGORAS, lacedemônio, IV, 132; V, 10, 21, 24.

ISÓCRATES, coríntio, II, 83.

ISÔLOCOS, ateniense, III, 115.

ÍSTER, rio da Cítia, II, 96, 97.

ISTMIÔNICOS, ateniense, V, 19, 24.

ISTMO, genericamente significa o istmo de Corinto (I, 13; II, 10, 13; III, 89; V, 75; VIII, 7,

11); de Palene, I, 56, 62, 64; de Lêucade, III, 81; IV, 8; jogos ístmicos (celebrados na região de istmo de Corinto), VIII, 9, 10.

ISTONE, montanha de Córcira, III, 85; IV, 46.

ITÁLIA, origem do nome, VI, 2; colonizada pelos peloponésios, I, 12; aliada dos lacede-mônios, II, 7; abundante em madeiras para construção naval, VI, 90; VII, 25; fornece víveres aos atenienses, VI, 103; VII, 14; he-lenos da Itália (italiotas), VI, 90; VII, 87, 91.

ÍTALOS, rei dos sícelos, VI, 2.

ITAMENES, persa, III, 34.

ÍTIS, personagem mítico, II, 29.

ITOME, montanha da Messênia, I, 101, 102: altar de Zeus, I, 103.

ITÔNIOS, povo da Itália, V, 5.

L

LÁBDALON, forte situado na parte mais elevada de Epípolas, VI, 97; VII, 3.

LACEDEMÔNIA, seu aspecto, I, 9; colonizada pelos dórios, I, 18; V, 16; sua distância de Pilos, IV, 3; multidão de seus escravos, VIII, 40; afetada por um terremoto, I, 101; IV, 56; os lacedemônios ocupam dois terços do Peloponeso, I, 10; jamais tiveram tiranos, e expulsaram os de outras cidades, I, 18; não exigem tributos de seus alia-dos, I, 19; seu caráter, I, 69, 70, 84, 118; VIII, 96; simplicidade de seus trajes, I, 6; organização de seu exército, V, 68; seus comandantes empunhavam bastões como símbolo de sua autoridade, VIII, 84.

LACEDEMÔNIOS, ateniense, filho de Címon, I, 45.

LÁCON, plateu, III, 52.

LADE, ilha nas vizinhanças de Míletos, VIII, 17, 24.

LAGO, Copaís, VI, 93; Bolbe, I, 58; IV, 103; do Strímon, V, 7.

LÂMACOS, comandante ateniense, perde sua frota no Pontos, IV, 75; jura o tratado com os lacedemônios, V, 19, 24; enviado à Sicília, VI, 8; sua opinião no conselho de guerra, VI, 49; sua morte, VI, 101, 103.

LÂMIS, fundador de Trôtilos, VI, 4.

LAMPON, ateniense, V, 19, 24.

LÂMPSACOS, cidade da Prôpontis, grande produtora de vinho, I, 138; sua revolta contra Atenas, VIII, 62; Eantidas, seu tirano, VI, 59.

LAODICEION, localidade na Arcádia, IV, 134.

LAOFON, megárico, VIII, 6.

LAQUES, comandante ateniense, enviado à Sicília, III, 86, 90, 103, 115, 118; V, 19, 24, 43; a Argos, V, 61; sua morte, V, 74.

LÁRISSA, cidade da Tessália, II, 22; IV, 78; da Frígia, VIII, 101.

LAS, cidade da Lacônia, VIII, 91, 92.

LÁURION, na Ática, suas minas, II, 55; VI, 91.

LÊAGROS, ateniense, I, 51.

LÊARCOS, ateniense, II, 67.

LÊBEDOS, cidade da Iônia, VIII, 19.

LÊCITOS, cidade da Calcídice, IV, 113, 115-116.

LECTON, cidade da Eólida, VIII, 101.

LEEUS, povo da Trácia, II, 96, 97.

LEMNOS, ilha do mar Egeu, subjugada pelos atenienses, I, 115; colonizada por eles, VII, 57; aliada de Atenas, II, 47; IV, 28, 109; VIII, 102.

LEOCÓRION, monumento em Atenas, I, 20; VI, 57.

LEÓCRATES, ateniense, I, 105.

LEÔGORAS, ateniense, I, 51.

LÊON, lacedemônio, III, 92; V, 44; VIII, 28, 61; ateniense, V, 19, 24.

LEÔNIDAS, espartano, I, 132.

LEONTÍADES, tebano, II, 2.

LEONTINOS, fundação de sua cidade, VI, 3; sua origem calcídica, VI, 4, 20, 76, 79; sua afinidade étnica com os atenienses, VI, 50, 76; sua guerra com Siracusa, III, 86; suas dissensões, V, 4; sua cidade destruída pelos siracusanos, VI, 6; os atenienses querem restaurá-la, VI, 8, 19, 47, 48, 50.

LEOTIQUIDAS, rei dos lacedemônios, I, 89.

LÊPREON, cidade da Trifília, V, 31, 34, 50, 62.

LEROS, ilha próxima a Míletos, VIII, 26, 27.

LESBOS, aliada autônoma de Atenas, I, 19; III, 10; sua defecção, III, 2; sua submissão, III, 27; sua punição, III, 50; sua segunda defecção, VIII, 5, 22.

LESPODIAS, ateniense, VI, 105; VIII, 86.

LESTRIGÔNIOS, povo pouco conhecido, VI, 2.

LÊUCADE, colônia de Corinto, I, 30; sua situação, II, 30; III, 94; aliada dos pelopo-nésios, II, 84; III, 7, 80; VI, 104; VII, 2; fornece-lhes naus, I, 27,46; II, 9; III, 69; VII, 7, 58; VIII, 106; repele um desembarque dos atenienses, III, 7; devastada por eles, III, 94; istmo de Lêucade, III, 81; IV, 8.

LEUCIMNE, promontório em Córcira, I, 30, 47; III, 79.

LEUCÔNION, localidade em Quios, VIII, 24.

LEUCTRA, localidade na Lacônia, V, 54.

LIBAÇÕES, antes da partida dos atenienses para a Sicília, VI, 32.

LÍBIA, I, 110; atingida pela peste, II, 48; freqüentada por naus mercantes, IV, 53; mencionada, VI, 2; VII, 50, 58; líbios vizinhos do Egito, I, 104; vencidos pelos peloponésios, VII, 50.

LICAS, lacedemônio, vergastado em Olímpia, V, 50; enviado a Argos, V, 22, 76; nomeado conselheiro de Astíocos, VIII, 39; desaprova o tratado feito com Tissafernes, VIII, 43, 52; sua morte, VIII, 84.

LÍCEON, montanha da Arcádia, V, 16, 54.

LÍCIA, território da Ásia Menor, II, 69; VIII, 41.

LICOFRON, lacedemônio, II, 85; coríntio, IV, 43.

LICÔMEDES, ateniense; pai de Arquêstra-tos, I, 57; de Cleômedes, V, 84.

LICOS, ateniense, VIII, 75.

LÍGURES, povo da Ibéria, VI, 2.

LIMNÉIA, povoado da Acarnânia, II, 80; III, 106.

LINCOS, território dos lincéstios-macedô-nios, IV, 83, 124, 129, 132; lincéstios, II, 90; IV, 83, 124.

LÍNDIOS, cidadela de Gela, VI, 4.

LINDOS, cidade da ilha de Rodes, VIII, 44.

LÍPARA, uma das ilhas de Éolos, III, 88.

LÍSICLES, ateniense, I, 91; III, 19.

LISÍMACOS, pai de Aristides, I, 91; de Ariântidas, IV, 91; de Heráclides, VI, 73.

LISIMÉLEIA, pântano perto de Siracusa, VII, 53.

LISÍSTRATOS, olíntio, IV, 100.

LÓCRIOS: OZÓLIOS, I, 5; os atenienses lhes tomam Náupactos, I, 103; aliados dos atenienses, III, 95; servem entre as tropas ligeiras, III, 97; Eurílocos atravessa o seu território, III, 102. OPÚNTIOS, I, 108; II, 32; III, 83; EPIZEFÍRIOS, VII, 1. Sem especificação, I, 113; II, 9, 26; IV, 1, 24, 96; V, 5, 32, 64; VI, 44; VII, 4, 25; VIII, 43, 91.

LOGÓGRAFOS, historiadores mais antigos, I, 21.

LÔRIMOS, localidade no litoral da Cária, VIII, 43.

M

MACÁON, coríntio, II, 83.

MACÁRIOS, espartano, III, 100.

MACEDÔNIA, sua descrição, II, 99; seus reis, originários de Argos, II, 99; V, 80; sua população bárbara, IV, 124, 126; cavalerianos macedônios, I, 62; II, 100; exilados macedônios, VI, 7; expedição de Sitalces à Macedônia, II, 95.

MAGNÉSIA, cidade da Lídia, I, 138; VIII, 50.

MAGNÉSIOS, povo da Tessália, II, 101.

MALÉIA, promontório da Lacônia, IV, 54; VIII, 30; de Lesbos, III, 4; festa de Apolo Maloeis (= de Maléia), III, 3.

MÁLIOS, povo da Tessália, III, 92; V, 51; golfo Maliaco, III, 96; IV, 100; VIII, 3.

MANTINÉIA, cidade da Arcádia, V, 55; entra na liga de Argos, V, 29; em guerra com a Lacedemônia, V, 33; batalha travada em seu território, V, 66; faz a paz com os lacedemônios, V, 81; manda mercenários aos atenienses, VII, 57.

MARATONA, I, 18, 73; II, 34; VI, 59.

MARATUSSA, ilha vizinha a Clazomene, VIII, 31.

MARÉIA, cidade do Egito, I, 104.

MASSÁLIA (a atual Marselha), fundada pelos foceus, I, 13.

MÊANDROS, planície do, III, 19; VIII, 58.

MECIBERNA, cidade da Calcídice, V, 18, 39.

MEDÊON, localidade na Acarnânia, III, 106.

MÉDIOS, povo da Trácia, II, 98.

MEDMEUS, vizinhos dos lócrios da Itália, V, 5.

MEGABATES, persa, I, 129.

MEGÁBAZOS, persa, I, 109.

MEGÁBIZOS, persa, I, 109.

MÉGACLES, siciônio, IV, 119.

MÉGARA, aliada de Atenas, I, 103, 105; sua defecção, 1, 114; decreto dos atenienses contra Mégara, I, 67, 139, 144; seu território devastado anualmente, II, 31; naus de guerra em seu porto, II, 53; bloqueio de sua costa, III, 51;

trama para entregá-la aos atenienses, IV, 66; suas longas muralhas, I, 103; tomadas pelos atenienses, IV, 67; retomadas e demolidas, IV, 109; sua revolução oligárquica, IV, 74; exilados me-gáricos ajudam os atenienses na Sicília, VI, 43; Mégara Hibléia, cidade da Sicília, VI, 4, 49, 94; localidade vizinha de Siracusa, VI, 49, 75, 97.

MEGÁRIDA, território no qual estava situada Mégara, I, 105, 108; II, 31; IV, 70, 76 (mencionada como Mégara ou território megárico).

MELANCRIDAS, lacedemônio, VIII, 6.

MELÂNOPOS, ateniense, III, 86.

MÊLANTOS, lacedemônio, VIII, 5.

MELÊSANDROS, ateniense, II, 69.

MELÉSIAS, ateniense, VIII, 86.

MELÉSIPOS, lacedemônio, I, 139; II, 12.

MELÍTEIA, cidade da Ftiótida, IV, 78.

MELOS, uma das ilhas Cíclades, II, 9; colônia dos lacedemônios, V, 84; atacada pelos atenienses, III, 91, 94; sitiada e tomada, V, 84, 115; conferência (diálogo) de Melos, V, 85 e seguintes.

MENÁLIA, cidade da Arcádia, V, 67; seu território, V, 64; seus habitantes, V, 77.

MÊNANDROS, comandante ateniense, VII, 16, 43, 69.

MENAS, lacedemônio, V, 19, 21, 24.

MENDE, cidade da Calcídice, IV, 121, 123-124.

MENDÉSIA, uma das bocas do Nilo, I, 110.

MENÊCOLOS, fundador de Camarina, VI, 5.

MENÉCRATES, megárico, IV, 119.

MENÉDEOS, espartano, III, 100, 109.

MÊNFIS, cidade do Egito, I, 104, 109.

MÊNIPOS, ateniense, VIII, 13.

MÊNON, farsálio, II, 22.

MERGULHADORES, IV, 26; VII, 25.

MESSÁPIOS, povo lócrio, III, 101; da Itália, VII, 33.

MESSENE, cidade da Sicília (a atual Mes-sina); sua fundação, VI, 4; sua situação, III, 88; IV, 24, 25; VI, 48; submete-se aos ate-nienses, III, 90; desliga-se deles, IV, 1; sua guerra com Naxos, IV, 25; os atenienses tentam em vão apoderar-se dela, VI, 74.

MESSÊNIA, território do Peloponeso, IV, 3, 41; messênios insurgem-se em Itome, I, 101, 102; são expulsos do Peloponeso e se estabelecem em Náupactos, I, 103; cooperam com os atenienses, II, 9, 25, 90, 102; III, 75, 81, 95, 97, 107; falam o dialeto dório, III, 112; IV, 3; ajudam Demóstenes em Pilos, IV, 9, 32, 36; infiltram-se na Lacônia, IV, 41; retirados de Pilos, V, 35; repostos lá pelos atenienses, V, 56; acompanham os atenienses à Sicília, VI, 31; VII, 57.

METÁGENES, lacedemônio, V, 19, 24.

METAPONTOS, cidade da Itália, VII, 35, 57.

METECOS, estrangeiros residentes em Atenas, II, 13, 31; IV, 90; VII, 63.

METÍDRION, localidade da Arcádia, V, 58.

MÉTIMNA, cidade da ilha de Lesbos; inimiga de Mitilene, III, 2, 18; aliada autônoma dos atenienses, VI, 85; VII, 57; sua de-fecção, VIII, 22; naus de Métimna, VIII, 100.

METONE, cidade na Lacônia, II, 25; em Trezena, IV, 45; V, 18; na Macedônia, IV, 129; VI, 7.

METRÓPOLIS, cidade da Acarnânia, III, 107.

MICALE, promontório na Iônia, I, 89; VIII, 79.

MICÁLESSOS, cidade na Beócia, VII, 29, 30.

MICENAS, cidade na Argólida, I, 9, 10.

MICÍADES, corcireu, 1, 47.

MÍCONOS, uma das ilhas Cíclades, III, 29.

MÍDIOS, rio no Heléspontos, VIII, 106.

MIGDÔNIA, região da Macedônia, I, 58; II, 99, 100.

MILAS, cidade na Sicília, III, 90.

MILÉTIDAS, exilados siracusanos, VI, 5.

MÍLETOS, cidade na Iônia; em guerra com Samos, I, 115; revolta-se contra Atenas, VIII, 17; repele os atenienses, VIII, 25; serve de base à frota peloponésia, VIII, 26, 27, 50, 78, 85; os milésios destroem o forte de Tissafernes em seu território, VIII, 84, 109.

MIMAS, montanha da Lídia, VIII, 34.

MÍNDAROS, almirante lacedemônio, VIII, 85; conduz sua frota ao Heléspontos, VIII, 99; perde uma batalha naval, VIII, 104.

MÍNIOS de Orcômenos, IV, 76.

MINOA, ilha vizinha a Mégara, III, 5 1; IV, 67, 118.

MIÔNIOS, povo lócrio, III, 101.

MIOS, cidade da Cária, I, 138; III, 19.

MIRCINOS, cidade edônia, IV, 107; V, 6, 10.

MIRRINE, mulher do tirano Hípias, VI, 55.

MÍRTILOS, ateniense, V, 19, 24.

MÍSCON, siracusano, VIII, 85.

MISTÉRIOS, sua profanação, VI, 28, 53, 60.

MITILENE, cidade da ilha de Lesbos; seus dois portos, III, 6; situada defronte de Argi-nusas, VIII, 101; sua defecção, III, 2; sitiada e tomada pelos atenienses, III, 27; decreto contra os mitilênios, III, 36, 49, 50; revolta-se novamente, VIII, 5, 22; retomada pelos atenienses, VIII, 23.

MOLICREION, cidade da Etólia, II, 84; III, 102; Ríon Molícrico, II, 86.

MÔLOBROS, lacedemônio, IV, 8.

MOLOSSOS, povo do Épiros, I, 36; II, 80.

MORGANTINA, cidade da Sicília, IV, 65.

MOTIA, cidade da Sicília, VI, 2.

MUNIQUIA, região da Ática e porto que servia a Atenas, II, 13; VIII, 92-93.

N

NAU INCENDIÁRIA, VII, 53.

NÁUCLIDES, plateu, II, 2.

NÁUCRATES, siciônio, IV, 119.

NÁUPACTOS, cidade dos lócrios ozólios; tomada pelos atenienses, I, 103; II, 69, 80, 84, 90, 102; III, 7, 78, 94, 96, 98, 100; IV, 77; local de uma base naval ateniense, III, 69, 75, 114; IV, 13; VII, 17, 19, 31, 34; seu território, III, 102; messênios de Náupactos, II, 90; VII, 31, 57.

NAXOS, uma das ilhas Cíclades, I, 98, 137; cidade da Sicília, sua fundação, VI, 3; sua guerra com Messene, IV, 25, 26; aliada dos atenienses, VI, 20, 72, 98; VII, 20, 57.

NEÁPOLIS, cidade da Líbia. VII, 50.

NEMÉIA, III, 96; V, 58 a 60; Zeus Nemeu, III, 96.

NEODAMODES, libertos lacedemônios, V, 34, 67; VII, 19, 58, 85.

NÉRICOS, localidade de Lêucade, III, 7.

NESTOS, rio da Trácia, II, 96.

NICÂNOR, chefe dos caônios, II, 80.

NÍCASOS, megárico, IV, 119.

NICÉRATOS, ateniense, III, 51, 91; IV, 53, 119.

NICÍADES, ateniense, IV, 118.

NÍCIAS, ateniense, pai de Hágnon, II, 58; IV, 102; comandante ateniense, filho de Nicératos, III, 91; sua expedição a Minoa, III, 51; a Tânagra e à Lócrida, III, 91; a Corinto, IV, 42; a Citera, IV, 53; à Calcídice, IV, 129; mediador da paz, V, 10, 43, 46; um dos comandantes da expedição à Sicília, VI, 8; desaconselha a guerra, VI, 9, 20; seu plano de campanha, VI, 47; fica como o único comandante diante de Siracusa, VI, 103; seu informe aos atenienses, VII, 8, 11; sua lentidão desagrada, VII, 42, 49; opõe-se ao fim do cerco a Siracusa, VII, 48; rende-se a Gílipos, VII, 85; é condenado à morte, VII, 85. Cretense de Górtina, II, 85.

NICÔLAOS, lacedemônio, II, 67.

NICÔMACOS, foceu, IV, 89.

NICÔMEDES, espartano, I, 107.

NÍCON, tebano, VII, 19.

NICONIDAS, larisseu, IV, 78.

NICÔSTRATOS, comandante ateniense, IV, 119; socorre o povo de Córcira, III, 75; captura Citera, IV, 53; captura Mende, IV, 129-130; leva ajuda aos argivos; sua morte, V, 61.

NILO, rio do Egito, I, 104; boca mendésia, I, 110.

NINFIÓDOROS, abderita, II, 29.

NISÉIA, porto de Mégara, reunido à cidade por longas muralhas, I, 103; em poder dos atenienses, I, 103, 114; entregue aos seus antigos senhores, I, 115; volta a cair em poder dos atenienses, II, 31; IV, 69, 118; não é devolvida, V, 17.

NISOS, portas do santuário em Mégara, IV, 118.

NÔTION, cidade da Iônia, III, 34.

NOVE BOCAS (= *Enneákrunos*), fonte em Atenas, II, 15.

NOVE CAMINHOS (= Ênnea Hôdoi), antigo nome de Anfípolis, I, 100; IV, 102.

O

ÓBOLO (moeda), V, 47; VIII, 29.

ÔCITOS, coríntio, IV, 119.

ODISSEUS, atravessou o estreito de Cáribdis, IV, 24.

ODOMANTOS, povo da Trácia, II, 101; V, 6.

ODRÍSIOS, seu império, II, 29, 96, 97; expedição de seu rei Sitalces contra a Macedô-nia e a Calcídice, II, 95; vencido pelos tribá-lios, IV, 101.

OFIONEUS, povo etólio, III, 94.

OLÍMPIA, na Élida, III, 8; V, 47; seu templo de Zeus, III, 14; V, 31, 50; seu tesouro, I, 121, 143; jogos Olímpicos, V, 47, 49; comunicação de sua abertura, V, 49; Cílon, vencedor, I, 126; Dorieus, III, 8; Andróstenes, V, 49; Licas, V, 50; Alcibíades, VI, 16; antigamente os atletas usavam cintos, I, 6; olimpíada, III, 8.

ÔLIMPOS, montanha ao norte da Tessália, IV, 78.

ÔLINTOS, cidade da Calcídice; fortificada, I, 59; inimiga de Atenas, I, 62; II, 79; IV, 123; declarada livre pelo tratado entre Atenas e a Lacedemônia, V, 18; olíntios, V, 3, 39.

ONÁSIMOS, siciônio, IV, 19.

ÔNEION, montanha no território de Corinto, IV, 44.

ONETORIDAS, tebano, II, 2.

ONÔMACLES, comandante ateniense, VIII, 25, 30.

ÓPICOS, povo da Itália, VI, 2, 4.

OPÚNTIA (Lócrida), cidade da Lócrida oriental, II, 32.

ORÁCULO DE DELFOS, I, 25, 28, 103, 118, 123, 126, 134; II, 17, 54,102; III, 96; IV, 118; V, 16, 32; oráculos cantados no começo da guerra, II, 8, 21.

ORCÔMENOS, cidade da Beócia, I, 113; III, 87; antigamente chamada Mínia, IV, 76; orcomênios, IV, 76, 93; cidade da Arcádia, V, 61, 62, 63; reféns orcomênios, V, 77.

ÔREDOS, rei dos parauianos, II, 80.

ÔREOS, cidade da Eubéia, VIII, 95.

ORESTES, tessálio, I, 111.

ORÊSTION, na Arcádia, V, 64.

ORÉSTIS, IV, 134.

ORNEÁS, cidade da Arcádia, VI, 7; ornea-tas, V, 67, 72, 74.

ORÔBIOS, cidade da Eubéia, III, 89.

ÔROPOS, cidade às margens do Êuripos; sujeita a Atenas, II, 23; III, 91; IV, 91,96; capturada pelos beócios, VIII, 60.

ÓSCIOS, rio da Trácia, II, 96.

OSTRACISMO, I, 135; VIII, 73.

P

PALENE, península da Calcídice, I, 56, 64, 116, 120, 123, 129; seu istmo, IV, 120.

PÁLEROS, cidade da Acarnânia, II, 30.

PALÉS, cidade da Cefalênia; seus habitantes, I, 27; II, 30.

PÂMILOS, fundador de Selinunte, VI, 4.

PÂNACTON, forte da Ática, tomado pelos beócios, V, 3; reclamado pelos atenien-ses, V, 18, 35, 36; demolido, V, 39, 40, 42, 46.

PANATENÉIAS, festas em Atenas, I, 20; V, 97; VI, 56.

PÂNDION, rei de Atenas, II, 29.

PÂNEROS, tessálio, IV, 78.

PANEUS, povo da Trácia, II, 101.

PANFÍLIA, território da Ásia Menor, I, 100.

PANGEUS, montanha da Trácia, II, 99.

PÂNORMOS, cidade da Acaia, II, 86, 92; cida-

de da Sicília, VI, 2; região do território de Míletos, VIII, 24.

PANTACIAS, rio da Sicília, VI, 4.

PAQUES, comandante ateniense, enviado contra Mitilene, III, 18; captura-a, III, 28; persegue Alcidas, III, 33; submete toda a ilha de Lesbos, III, 35; esteve na iminência de executar todos os mitilênios, III, 36, 40.

PARÁLIOS, parte dos mílios, III, 92.

PÁRALOS, parte da Ática, II, 55, 56; uma das naus oficiais de Atenas, III, 33, 77; VIII, 73-74, 86.

PARAUIANOS, povo do Épiros, II, 80.

PÁRNASSOS, montanha da Fócida, III, 95.

PARNES, montanha da Ática, II, 23; IV, 96.

PAROS, uma das ilhas Cíclades, IV, 104.

PARRÁSIOS da Arcádia, V, 33.

PASITELIDAS, lacedemônio, IV, 132; V, 3.

PATMOS, ilha, III, 83.

PATRAS, cidade da Acaia, II, 83-84; V, 52.

PÁTROCLES, lacedemônio, IV, 5, 7.

PATRULHEIROS (= *perípoloi*), jovens atenienses no período preparatório do serviço militar, IV, 67; VIII, 92.

PAUSÂNIAS, lacedemônio, filho de Cleômbrotos, derrota os persas em Platéia, I, 94; tutor de seu sobrinho Plístarcos, I, 132; suas promessas aos plateus, III, 54, 58, 68; subjuga Chipre e Bizâncio, I, 94; sua conduta arrogante, I, 95; sua traição, seu chamado à Lacedemônia e sua morte, I, 128; filho de Plistoânax, rei da Lacedemô-nia, III, 26; V, 16.

PEÃ (= *paián*), hino de guerra, I, 50; II, 91; IV, 43; VI, 32; VII, 44, 83

PEDÁRITOS, almirante lacedemônio, VIII, 28, 32, 33, 38, 40; sua morte, 55.

PEDREIRAS de Siracusa, onde ficaram os prisioneiros atenienses, VII, 86, 87.

PEGÁS, cidade da Megárida, ocupada pelos atenienses, I, 103, 107, 111; entregue aos peloponésios, I, 115; reclamada pelos atenienses, IV, 21; serve de refúgio aos megáricos exilados, IV, 66, 74.

PELÁSGICON, local em Atenas, II, 17.

PELÁSGICOS, I, 3; pelásgicos-etruscos (tirrênios), IV, 109.

PELA, cidade da Macedônia, II, 99, 100.

PELE, ilha vizinha a Clazomene, VIII, 31.

PELENE, cidade da Acaia; pelênios, II, 9; V, 58; VIII, 3, 106.

PÊLICOS, coríntio, I, 29.

PELOPONESO, nome, divisão, habitantes, colônias, I, 9, 10, 12; adjacente a Egina, II, 27; os atenienses procuram firmar posição nos territórios em torno do Pelopo-neso, II, 7; VI, 85; possui uma juventude numerosa, II, 8; incólume à peste, II, 54; desfruta de liberdade, VII, 77; fornece soldados mercenários, IV, 52, 76; VIII, 28.

PÉLOPS, epônimo do Peloponeso, e peló-pidas, I, 9.

PELÓRIS, localidade no território de Messene, IV, 25.

PELTASTAS, soldados com armamento leve; seu equipamento entre os atenienses não era regular, IV, 94; um peltasta mircí-nio mata Clêon, V, 10.

PEÔNIOS, povo da Trácia, II, 96, 98.

PEPÁRETOS, ilha do mar Egeu, III, 89.

PERDICAS, rei da Macedônia, desentende-se com os atenienses, I, 57; leva os calcí-dios a concentrar-se em Ôlintos, I, 58; reconcilia-se com os atenienses, II, 29; sua guerra contra Sitalces, II, 95; contra Arrá-beos, IV, 79; faz uma segunda expedição a Lincos, IV, 124; sua guerra contra os ateni-enses, V, 83; VI, 7.

PÉRICLES, comandante dos atenienses, em Sicione e na Acarnânia, I, 111; conquista a Eubéia, I, 114; submete Samos, I, 116; sua autoridade sobre o povo de Atenas, I, 127; suas qualidades, I, 139; pronuncia um discurso antes da guerra, I, 140; seus conselhos e planos, II, 13; irritação dos ateni-enses contra ele, II, 21; pronuncia a oração fúnebre dos cidadãos mortos no primeiro ano da guerra, II, 35; os atenienses lhe imputam seus sofrimentos e lhe impõem uma multa, II, 59; ele responde com dignidade a essas acusações, II, 60; seu elogio e sua morte, II, 65.

PERICLIDAS, lacedemônio, IV, 119.

PERIECOS da Lacônia, I, 101; 11, 25; IV, 8, 53; VIII, 6, 22.

PERIERES, fundador de Zancle, VI, 4.

PERRÉBIA, região da Tessália, IV, 78; perrébios, seus habitantes, idem.

PERSAS (inclusive referências a medos, que aparecem no índice incluídos neste verbete): suas guerras contra os gregos, I, 18; III, 57, 58; VI, 4; sua retirada, I, 89; antigos se-nhores de Bizâncio, I, 128; de Sestos, VIII, 62; seu rei, I, 69, 74; III, 54; VI, 17, 77, 82; suas guerras, I, 41, 69, 142; II, 16, 21; VI, 82; seus trajes, I, 130; mesa servida à sua maneira, idem; generosidade de seus reis, II, 97; os territórios do rei dos persas assolados pela peste, II, 48; língua persa, I, 138; IV, 50.

PERSEUS, rei da dinastia grega anterior à de Pélops, I, 9.

PESTE DE ATENAS, II, 47 a 58; III, 87.

PETRA, cidade do território de Région, VI, 35.

PIDNA, Cidade da Macedônia, I, 61, 137.

PIÉRIA, parte da Macedônia, II, 90, 100; golfo Piério, II, 99.

PIÉRION, localidade na Tessália, V, 3.

PILOS, localidade na Messênia, ocupada pelos atenienses, IV, 3; seu porto, IV, 13; combates em torno de Pilos, IV, 8; menção ao desastre de Pilos, V, 14; VI, 89; VII, 71; por ocasião do tratado de paz, os ateni-enses se recusam a entregar Pilos, V, 35, 39, 45; retiram de lá os messênios, V, 35; levam-nos de volta, V, 56; de lá estes pilham a Lacônia, V, 115; VI, 105; VII, 18, 26; messênios ditos "de Pilos" auxiliam os atenienses na Sicília, VII, 57.

PINDOS, montanha da Tessália, II, 102.

PIRÁSIOS, povo da Tessália, II, 22.

PIRATARIA, normal na Hélade na antigüidade, I, 5; piratas, III, 51; IV, 67.

PÍREON, porto de Corinto, VIII, 10, 11, 14, 15, 20.

PIREU, porto de Atenas, sua construção por Temístocles, I, 93; muralha que chega até lá, I, 107; sua área, II, 13; não tinha fontes, II, 48; tentativa dos peloponésios contra esse porto, II, 93; fechado por correntes e mais protegido, II, 94; receios dos atenienses a seu respeito, VIII, 1, 96; os Quatrocentos constroem lá um forte, VIII, 90; o forte é demolido, VIII, 92; teatro do Pireu, VIII, 93; alerta dos atenienses, VIII, 94; menção à futura tomada do Pireu pelos peloponésios, V, 26.

PIRRA, cidade da ilha de Lesbos, III, 18, 25, 35; VIII, 23.

PÍRRICOS, coríntio, VII, 39.

PÍSANDROS, ateniense, VIII, 49; persuade os atenienses a abolir a democracia, VIII, 53, 54; entende-se com Tissafernes, VIII, 56; regressa a Atenas, VIII, 64; estabelece o governo oligárquico, VIII, 65, 68; exorta os sâmios a fazer o mesmo, VIII, 73; é um dos principais entre os Quatrocentos, VIII, 90; foge para Decêleia, VIII, 98.

PISÍSTRATOS, tirano de Atenas, pai de Hípias, de Híparcos e de Téssalos, I, 20; VI, 54; purifica Delos, III, 104; sua morte, VI, 54. Filho de Hípias, VI, 54, Pisistrátidas, VI, 53; sua moderação, VI, 54; expulsos pelos lacedemônios, VI, 53, 59.

PISSUTNES, persa, I, 115; III, 31; pai de Amorges, VIII, 5, 28.

PÍSTILOS, fundador de Acragás, VI, 4.

PÍTACOS, rei dos edônios, IV, 107.

PITANA, unidade supostamente existente no exército lacedemônio, I, 20.

PITÂNGELOS, tebano, II, 2.

PÍTEN, coríntio, VI, 104; VII, 1, 70.

PITES, abderita, II, 29.

PÍTIAS, corcireu, III, 70.

PÍTICOS, jogos, V, 1, 16; oráculo Pítico, I, 103; Apolo Pítio, II, 15; VI, 54; sacerdotisa do templo, V, 16; coluna a ser colocada no templo de Apolo Pítio em Delfos, V, 18.

PITÓDOROS, arconte epônimo em Atenas, II, 2; jura o tratado, V, 19, 24; comandante ateniense na Sicília, III, 115; IV, 2, 65; VI, 105.

PLATÉIA, cidade da Beócia, aliada dos atenienses, II, 2; III, 52; invadida pelos tebanos, II, 2; sitiada pelos peloponésios, II, 71; evasão de plateus, II, 20; destruição de Platéia, III, 68; plateus estabelecidos em Sicione, V, 32; auxiliam os atenienses na Sicília, VII, 57.

PLEMÍRION, promontório em Siracusa, VII, 4; os fortes construídos no local por Nícias são tomados por Gílipos, VII, 22.

PLÊURON, cidade da Etólia, III, 102.

PLÍSTARCOS, filho de Leônidas, I, 132.

PLISTOÂNAX, rei da Lacedemônia, sua expedição à Fócida, I, 107; sua invasão da Ática e sua retirada, I, 114; suspeito de traição, II, 21; exilado por isto, ele suborna a sacerdotisa pítia e obtém que o chamem de volta, V, 16; trabalha pela paz, V, 17, 24; empreende uma expedição à Arcádia, V, 33; inicia nova campanha após a batalha de Mantinéia, V, 75.

PLISTOLAS, éforo na Lacedemônia, V, 19, 24, 25.

PNIX, local das assembléias populares em Atenas, VIII, 97.

POLEMARCAS, oficiais superiores do exército lacedemônio, VI, 66; magistrados de Mantinéia, V, 47.

POLIANTES, coríntio, VII, 34.

POLICNE, localidade perto de Clazomene, VIII, 11, 23; em Creta, II, 85,

POLÍCRATES, tirano de Samos, sua marinha, I, 13; consagra a ilha de Rêneia a Apolo, I, 13; III, 104.

POLIDAMIDAS, lacedemônio, IV, 123,129.

POLÍMEDES, larisseu, II, 22.

PÔLIS, cidade dos hieus, III, 101.

PONTE: sobre o Strímon, III, 103; em Minoa, IV, 118; sobre o Ânapos, VI, 66.

PONTOS, III, 2; IV, 75 (ver ÊUXINOS).

PÓRTICO, de templo, IV, 90; no Pireu, III, 90.

POSÊIDON, seu templo em Tênaros, I, 128, 133; perto de Niséia, IV, 118; perto de Mende, IV, 129; em Colonos, VIII, 67; nau consagrada a Posêidon como troféu de um combate naval, II, 84.

PÔTAMIS, siracusano, VIII, 85.

POTIDÂNIA, localidade na Etólia, III, 96.

POTIDÉIA, cidade da Calcídice, aliada de Atenas, I, 56; sua defecção, I, 59; sitiada pelos atenienses, I, 64; despesas desse cerco, II, 13; III, 17; tomada pelos atenienses, III, 70; atacada por Brasidas, IV, 135.

PRASIAS, cidade da Lacônia, II, 56; VI, 105; VII, 18; distrito da Ática, VIII, 95.

PRÍAPOS, cidade do Heléspontos, VIII, 107.

PRIENE, cidade da Iônia, I, 115.

PRÍTANES, parte do Conselho em Atenas; exerciam a presidência, IV, 118; V, 47; VI, 14; VIII, 70.

PRITANEU, edifício público, II, 15; III, 89.

PROAS de naus, reforçadas, VII, 34, 36.

PROCLES, comandante ateniense, III, 91, 98; outro ateniense, V, 19, 24.

PROCNE, mulher de Tereus, II, 29.

PRÔNIOS, parte dos habitantes da Cefa-lênia, II, 30.

PROPILEUS da acrópole de Atenas, II, 13.

PROSÓPITIS, ilha do Egito, I, 109.

PROSQUION, localidade da Etólia, III, 102.

PROTE, ilhota perto de Pilos, IV, 13.

PROTÉIAS, comandante ateniense, I, 45; II, 23.

PROTESÍLAOS, seu santuário, VIII, 102.

PRÓXENOS, estrangeiros privilegiados por serviços prestados, II, 29, 85; III, 2, 52, 70; IV, 78; V, 59, 76; VIII, 14; voluntário, III, 70; proxenia, função dos próxenos, V, 43; VI, 89. Lócrio, III, 103.

PSAMÉTICOS, pai de Ínaros, líbio, I, 104.

PTÊLEON, localidade incerta, V, 18; forte no território de Eritras, VIII, 24, 31.

PTEÔDOROS, tebano, IV, 76.
PTIQUIA, ilhota perto de Córcira, IV, 46.

Q

QUATROCENTOS, governo oligárquico estabelecido durante algum tempo em Atenas, VIII, 63, 67; sua tirania, VIII, 70; propõem a paz aos lacedemônios, VIII, 71; enviam delegados às tropas em Samos, VIII, 72, 86; fortificam Eetionéia, no Pireu, VIII, 90, 92; são depostos, VIII, 97.

QUÊNICE, medida de capacidade, IV, 16; VII, 87.

QUERADAS, ilhas da Iapígia, VII, 33.

QUERÉIAS, ateniense, VIII, 74.

QUERONÉIA, cidade da Beócia, I, 113; IV, 76, 89.
QUERSONESOS, na Trácia, I, 11; VIII, 99, 102, 104; em Corinto, IV, 42.

QUIMÉRION, na Tesprótida, I, 30, 46.

QUÍONIS, lacedemônio, V, 19, 24.

QUIOS, ilha da Iônia, aliada autônoma de Atenas, VI, 85; sua riqueza, VIII, 45; sua moderação, VIII, 24; grande número de seus escravos, VIII, 40; sua defecção, VIII, 14; bloqueada pelos atenienses, VIII, 24; citada como morada de Homero, III, 104.

R

RANFIAS, lacedemônio, I, 139; V, 12, 13; pai de Clêarcos, VIII, 8, 39, 80.

RÉGION, cidade da Itália; sua origem calcídica, III, 86; VI, 44; sua situação, IV, 24; seu território, IV, 1, 24; VI I, 35; sua guerra com os lócrios, IV, 1, 24; neutra na guerra da Sicília, VI, 44, 79.

RÊNEIA, ilha vizinha de Delos, I, 13; III, 104.

RÍON, promontório da Acaia, II, 84, 92; V, 52; Molícrico, II, 84, 86.

RIPAS, cidade da Acaia, VII, 34 (território rípico).

RITES, localidade na Ática, perto de Êleusis, II, 19.

RODES, ilha de; de origem dória, aliada de Atenas, VII, 57; sua defecção, VIII, 44; fundeiros ródios, VI, 43.

RÔITEION, cidade do Heléspontos, IV, 52; VIII, 101.

S

SABÍLINTOS, chefe dos molossos, II, 80.

SÁCON, fundador de Himera, VI, 5.

SÁDOCOS, filho de Sitalces, II, 29; naturalizado ateniense, II, 67; entrega aos atenien-ses os embaixadores peloponésios, idem.

SAGRADA (guerra), I, 112.

SALAMINA, ilha pertencente à Ática, VIII, 94; devastada pelos peloponésios, II, 93; protegida pelos atenienses, III, 17; serve de base para as operações de bloqueio de Mégara, III, 51; batalha de Salamina, I, 73, 137.

SALAMÍNIA, uma das duas naus oficiais de Atenas, III, 33, 77; VI, 53, 61.

SÁLETOS, lacedemônio, enviado a Mitilene, III, 25, 27; capturado pelos atenienses e executado, III, 35, 36.

SALÍNTIOS, rei dos agreus, III, 111, 114; IV, 77.
SAMEUS, povo da Cefalênia, II, 30.

SAMOS, ilha da Iônia, sua situação, VIII, 79; seu poderio, VIII, 73, 76; sua guerra com Míletos, I, 115; sua defecção reprimida por Péricles, I, 116, 117; sua revolução democrática, VIII, 21, 73; base da frota ateniense durante a guerra da Iônia, VIII, 16, 19, 39, 44, 50, 60, 63, 80, 108.

SÂNDIOS, colina na Cária, III, 19.

SANE, cidade na Trácia, IV, 109.

SARDES, cidade na Lídia, I, 115.

SARGEUS, siciônio, VII, 19.

SCÂNDEIA, porto na ilha de Citera, IV, 54.

SCOLOS, cidade da Calcídice, V, 18.

SCOMBROS, montanha da Trácia, II, 96.

SELINUNTE, cidade da Sicília; sua fundação, IV, 4; VII, 57; aliada de Siracusa, VII, 58; sua guerra com Egesta, VI, 6, 47, 62; naus selinúntias, VIII, 26.

SEPULTURAS, dos cários e dos fenícios, I, 8; os traidores não podem ser sepultados na Ática, I, 138; sepulturas irregulares durante a peste de Atenas, II, 52; sepulturas públicas em Atenas, II, 34; sepultura heróica de Brasidas, V, 11.

SERMÍLIOS, sua cidade na Calcídice, I, 65; V, 18.

SESTOS, cidade do Quersonesos, I, 89; VIII, 62, 102, 104, 107.

SEUTES, rei dos odrísios, II, 97, 101; IV, 101.

SFACTÉRIA, ilha situada defronte de Pilos, IV, 8; os lacedemônios sitiados lá são freqüentemente chamados "os prisioneiros da ilha", IV, 108; V, 15, 24, 34, 35, 43, 75.

SÍBARIS, rio da Itália, VII, 35.

SIBOTA, ilha e porto da Tesprótida, I, 47, 50, 52, 54; III, 76.

SICA, subúrbio de Siracusa, VI, 98.

SICÂNIA, antigo nome da Sicília, VI, 2.

SÍCANOS, rio da Ibéria, VI, 2; comandante siracusano, VI, 73; VII, 46, 50, 70.

SICÍLIA, sua extensão, VI, 1; sua população helênica e bárbara, VI, 2, 3, 4, 5; sua distância da África, VII, 50; colonizada pelos peloponésios, I, 12; seus tiranos, I, 14, 17; os atenienses mandam à Sicília uma primeira expedição, III, 60, 61; pacificação de todos os habitantes da Sicília, IV, 65; segunda expedição dos atenienses, VI, 1, 8, 30; helenos da Sicília (siceliotas), III, 90, 115; V, 58; VI, 103; VII, 32, 57; VIII, 26; bárbaros da Sicília (sícelos), III, 88; IV, 25; V, 4; VI, 2, 3, 4; sua conduta na primeira expedição dos atenienses, III, 103, 115; IV, 25; na segunda, parte desses povos se alia aos atenienses, VI, 62, 65, 88, 94; VII, 1, 2, 32.

SICIONE, cidade do Peloponeso, I, 108, 111, 114; II, 80; V, 52; VII, 19; VIII, 3; aliada dos lacedemônios, II, 9; VII, 58.

SIDUSSA, localidade na Iônia, VIII, 24.

SIFAS, cidade da Beócia, IV, 76, 89.

SIGÊON, cidade do Helespontos, VIII, 104.

SÍMETOS, rio da Sicília, VI, 65.

SIMONIDES, comandante ateniense, IV, 7.

SIMOS, fundador de Himera, VI, 5.

SINAIS de combate, I, 49, 63; VII, 34; sinais de fogo, II, 94; III, 22, 80; IV, 42; VIII, 102.

SINETE do rei dos persas, falsificado, I, 132.

SÍNGIOS, povo da Trácia, II, 98.

SINTOS, povo da Trácia, II, 98.

SIRACUSA, cidade da Sicília; sua fundação, VI, 3; tão grande quanto Atenas, VII, 28; confinada pela elevação de Epípolas, VI, 96; seu aqueduto, VI, 100; seus portos, VI, 50, 101, 102; VII, 2, 22, 23, 25, 36, 52; fechamento do Grande Porto, VII, 56, 59, 60, 69, 70.

SITALCES, rei dos odrísios, II, 29; sua expedição contra a Macedônia e a Calcídice, II, 95; sua morte, IV, 101.

SÓCRATES, comandante ateniense, II, 23.

SÓFOCLES, comandante ateniense, III, 115; IV, 2, 3, 46, 65.

SOLIGÉIA, colina e povoado no território de Corinto, IV, 42.

SÔLION, cidade do território de Corinto, II, 30; III, 95; V, 30.

SOLOEIS, cidade da Sicília, VI, 2.

SPARÁDOCOS, pai de Seutes, II, 101.

SPÁRTOLOS, cidade da Calcídice, II, 79; V, 18.

STAGES, lugar-tenente de Tissafernes, VIII, 16.

STÁGIRA, cidade da Macedônia, IV, 88; V, 6, 18.

STENELAÍDAS, éforo em Esparta, I, 85; VIII, 5.
STESÁGORAS, sâmio, I, 16.

STRATÔDEMOS, lacedemônio, II, 67.

STRATONICE, irmã de Perdicas, II, 101.

STRATOS, cidade da Acarnânia, II, 80, 81, 82, 102; III, 106.

STRÍFON, lacedemônio, IV, 38.

STRÍMON, rio na Trácia, I, 100; II, 96, 99, 101; IV, 102, 108; V, 7; VII, 9.

STRÔFACOS, próxeno dos calcídios, IV, 78.

STROIBOS, ateniense, I, 105.

STRÔMBICOS, ateniense, I, 45.

STROMBIQUIDES, comandante atenien-se, VIII, 15, 16, 30, 62, 79.

STRONGILE, uma das ilhas de Éolos, III, 88.

SÚNION, promontório da Ática, VII, 28; VIII, 95; fortificado pelos atenienses, VIII, 4.

T

TALENTO, de prata, I, 96, 138; II, 13, 24, 70, 97; III, 19, 70; IV, 57; V, 31;VI, 8, 31, 46, 62, 94, 95; VII, 16, 48, 83; VIII, 8, 15, 29, 44; peso, II, 13; IV, 118.

SOLDO, dos hoplitas e cavalerianos, V, 47; dos hoplitas no cerco de Potidéia, III, 17; dos marinheiros, VI, 8, 31; VIII, 29, 45; dos mercenários trácios, VII, 27; soldo pago por Tissafernes às naus peloponésias, VIII, 29, 45.

TAMOS, governador da Iônia, VIII, 31, 87.

TÂNAGRA, cidade da Beócia, I, 108; III, 91; IV, 76, 91, 93, 97; VII, 29.

TÂNTALOS, lacedemônio, IV, 75.

TAPSOS, península vizinha a Siracusa, VI, 97, 99, 101, 102; VII, 49; cidade na Sicília, VI, 4.

TARAS (atual Táranto), cidade da Itália, VI, 34, 44, 104; VII, 1; VIII, 91.

TARIPAS, rei dos molossos, II, 80.

TASOS, ilha do mar Egeu, suas minas, I, 100; colônia de Paros, IV, 104, 107; sua defecção, VIII, 64.

TAULÂNTIOS, povo ilírio, I, 24.

TAUROS, lacedemônio, IV, 19.

TEBAS, cidade da Beócia, quartel-general dos bárbaros na guerra contra os persas, I, 90; sua distância de Platéia, II, 5, 22, 24; seu território, III, 58; seus dois beotarcas, IV, 91; VII, 19; os tebanos emprestam dinheiro aos coríntios, I, 27; fornecem cavalaria ao exército peloponésio, II, 9; surpreendem Platéia, II, 2; combatem os atenienses em Délion, IV, 93; socorrem os oligarcas téspios, VI, 5; perseguem os trácios que haviam saqueado Micálessos, VII, 30.

TEÊNETOS, plateu, III, 20.

TEGÉIA, cidade da Arcádia, aliada dos lacedemônios, V, 32, 62, 64, 74-76, 82; em guerra com Mantinéia, IV, 134; V, 57; os tegeatas ocupam a ala direita do exército peloponésio, V, 67; seu território, V, 65.

TELIAS, siracusano, VI, 103.

TÉLIS, lacedemônio, V, 19, 24; pai de Brasidas, II, 25; III, 69; IV, 70.

TEMÊNIDAS, antepassados dos reis da Macedônia, II, 99.

TEMENITES, subúrbio de Siracusa, VI, 75, 99, 100; VII, 3.

TEMÍSTOCLES, arconte em Atenas, I, 93; comandante, I, 74; reergue as muralhas da cidade, I, 90; leva os atenienses a dedicar-se à marinha, I, 93; seu exílio, I, 135; retira-se para a Pérsia, I, 137; seu elogio e sua morte, I, 138.

TEMPLOS, comuns a todos os helenos, III, 57; V, 18; área de Atenas onde estão situados os mais antigos, II, 15; profanação de templos, I, 126; II, 52; IV, 97; os templos dos territórios conquistados pertencem aos conquistadores, IV, 98; deve-se respeitar os templos, mesmo em território inimigo, IV, 97; despojos expostos nos templos, III, 57; V, 16; para os diversos templos, ver as divindades às quais eles eram consagrados.

TÊNAROS, promontório da Lacônia, I, 128, 133; VII, 19.

TÊNEDOS, ilha adjacente à Trôada, II, 28, 35; seus habitantes, aliados de Atenas, III, 2; VII, 57.

TENOS, uma das ilhas Cíclades, VII, 57; VIII, 69.

TEÓDOROS, ateniense, III, 91.

TEÓLITOS, acarnânio, II, 102.

TEOROS, magistrados em Mantinéia, V, 47.

TÉOS, cidade da Iônia, III, 32; VIII, 16, 19, 20.

TERA, uma das ilhas Cíclades, II, 9.

TERÁMENES, ateniense, um dos Quatrocentos, VIII, 68, 89; seu desentendimento com eles, VIII, 90; trata com Tissafernes, VIII, 36, 43, 52; seu regresso, VIII, 38.

TERES, pai de Sitalces, II, 29, 67, 95.

TEREUS, marido de Procne, II, 29.

TERIAS, rio da Sicília, VI, 50, 94.

TERINA, baía, VI, 104.

TERME, cidade da Macedônia, I, 61; II, 29.

TÊRMON, espartano, VIII, 11.

TERMÓPILAS, II, 101; III, 92; IV, 36.

TERRA, seu templo em Atenas, II, 15.

TERREMOTOS, em Esparta, I, 101; II, 27, 128; III, 54; em Delos, II, 8; em diversos lugares da Grécia, I, 22; III, 87; IV, 52, 56; VIII, 41; causa de inundações, III, 89; um deles faz dispersar a assembléia, V, 45, 50; detêm uma expedição dos lacedemônios, VI, 95; VIII, 6.

TÉSPIOS, habitantes de Téspias; seu território, IV, 76; presentes no exército beócio em Délion, IV, 93; os mais sacrificados, IV, 96; os tebanos destroem as muralhas de Téspias, IV, 133; os téspios se rebelam, VI, 95; ajudam os siracusanos, VII, 25.

TESPRÓTIDA, parte do Épiros, I, 46, 50; seus habitantes sem rei, II, 80.

TESSÁLIA, sua fertilidade, I, 2; sua conquista,

I, 12; seu governo oligárquico, IV, 78; seu antigo pacto com Atenas, I, 102, 107; II, 22; expedição dos atenienses para trazer de volta o rei Orestes, I, 111; Brasidas atravessa a Tessália, IV, 78; os tessálios entram em guerra com Heracléia, III, 93; V, 51; VIII, 3.

TÉSSALOS, filho de Pisístratos, I, 20; IV, 55.

TETAS, os cidadãos mais pobres de Atenas, VI, 43.

TEUTÍAPLOS, eleu, III, 29, 30.

TEUTLUSSA, ilha em frente à Cária, VIII, 42.

TÍAMIS, rio do Épiros, I, 46.

TÍAMOS, montanha da Acarnânia, III, 106.

TIDEUS, quiano, VIII, 38.

TILATIANOS, povo da Trácia, II, 96.

TIMÁGORAS, tegeu, II, 67; ciziceno, VIII, 6, 39.

TIMÂNOR, coríntio, I, 29.

TIMANTES, coríntio, I, 29.

TIMÓCARES, comandante ateniense, VIII, 95.

TIMÓCRATES, lacedemônio, II, 85; mata-se para não ser aprisionado, II, 92; ateni-ense, III, 105; V, 19, 24; coríntio, II, 33.

TINDÁREOS, I, 9.

TÍQUION, povoado da Etólia, III, 96.

TIQUÍUSSA, localidade no território de Míletos, VIII, 26, 28.

TIRÊA, cidade da Cinúria, II, 27; IV, 56.

TIREÁTIS, localidade na fronteira de Argos e da Lacedemônia, VI, 95.

TISÁMENOS, traquínio, III, 92.

TÍSANDROS, apodota, III, 100.
TÍSIAS, ateniense, V, 84.

TISÍMACOS, ateniense, V, 84.

TISSAFERNES, sátrapa da Ásia Marítima, VIII, 5, 16; chama os peloponésios, VIII, 5; faz um tratado com eles, 17, 36, 57; vencido pelos atenienses defronte de Míletos, 25; persuade os peloponésios a entregar-lhe Amorges, 27, 29; desentende-se com eles, 43; sua política ambígua, 45; irritação dos soldados peloponésios contra ele, 78; sua viagem a Áspendos, 87, 88, 99.

TISSOS, cidade perto do monte Atos, IV, 109.

TLEPÔLEMOS, comandante ateniense, I, 117.

TOLMEUS, ateniense, pai de Tolmides, I, 108, 113; pai de Áutocles, IV, 53, 119.

TOLMIDES, comandante ateniense, I, 108, 113; III, 20.

TOLOFÔNIOS, povo lócrio, III, 101.

TÔLOFOS, ofioneu, III, 100.

TOMEUS, localidade na Lacedemônia, IV, 118.

TÓRICOS, região da Ática, VIII, 95.

TORÍLAOS, tessálio, IV, 78.

TORONE, cidade de Calcídice, tomada por Brasidas, IV, 110; retomada pelos atenienses, V, 2, 3.

TRÁCIA, I, 100; II, 96; IV, 101; trácios independentes armados de espadas, II, 29; em parte autônomos, em parte súditos de Sitalces, II, 96, 101; trácios-bitínios, V, 75; os trácios exigem

presentes, II, 97; são bárbaros e sanguinários, VII, 29; mercenários trácios, IV, 129; V, 6; VII, 27; os trácios habitavam antigamente a Fócida, II, 29; derrotam os atenienses, I, 100; IV, 102; sua expedição contra a Macedônia e a Calcídice, II, 100; saqueiam Micálessos cruelmente, VII, 29; sua maneira de combater em retirada, VII, 30; cidades gregas do litoral da Trácia, I, 56, 68; II, 9; V, 12; porta chamada Trácia em Anfípolis, V, 10.

TRAQUÍNIA, ver HERACLÉIA.

TRASÍBULOS, comandante ateniense, partidário da democracia, VIII, 73, 75, 76; traz de volta Alcibíades, 81; apresenta-se no Helésponto, 100; comanda a ala direita no combate naval, 104; é vencedor, 105.

TRÁSICLES, ateniense, VI, 19, 24; VIII, 15, 17, 19.

TRÁSILOS, ateniense, partidário da democracia, VIII, 73, 75; eleito comandante por seus soldados, 76; apresenta-se no Helés-pontos, 100; comanda a ala esquerda no combate naval, 104; é vencedor, 105; argivo, V, 59, 60.

TRASIMELIDAS, espartano, IV, 11.

TRERES, povo da Trácia, II, 96.

TREZENA, cidade de Peloponeso, I, 115; IV, 21, 45, 118; seu território, II, 56; IV, 45.

TRIA, planície vizinha a Êleusis, na Ática, I, 114; II, 19 a 21.

TRÍBALOS, povo da Trácia, II, 96; IV, 101.

TRIERARCAS, mantenedores das trirre-mes atenienses e seus comandantes, II, 24; VI, 31; suas obrigações, VII, 70; eleitos como os comandantes das tropas, VIII, 76.

TRINÁCRIA, antigo nome da Sicília, VI, 2.

TRIÔPION, promontório da Cária, VIII, 36.

TRIPÉ, de Delfos, 1, 132; III, 57.

TRIPÔDISCOS, cidade na Megárida, IV, 70.

TRIRREMES, naus com três fileiras de remos; as primeiras foram construídas em Corinto, I, 13; rápidas ou para o transporte de soldados, VI, 43; reparadas a expen-sas dos trierarcas, VII, 38; os tripulantes das naus atenienses recebiam três óbolos de soldo, VIII, 45.

TRITEUS, povo lócrio, III, 101.

TRÔADA, Colona na..., I, 131.

TROFÉU, erguido pelas duas partes, I, 105; II, 62; IV, 134; o escudo de Brasidas posto em um troféu, IV, 12; restos de nau inimiga servindo de troféu para uma vitória naval, II, 84, 92; o troféu de Anfípolis ainda existia quando Tucídides escreveu a sua *História,* V, 10; troféu derribado porque aqueles que o haviam erguido não ficaram senhores do campo de batalha, VIII, 24.

TRÔGILOS, localidade vizinha a Siracusa, VI, 99; VII, 2.

TRÓIA, sua guerra, I, 8, 9, 11, 12; troianos estabelecidos na Sicília, VI, 2; regresso dos gregos, I, 12; II, 68; os fundadores de Cione voltavam de Tróia, IV, 120; a migração dos beócios é posterior em sessenta anos à guerra de Tróia, I, 12.

TRÔNION, cidade dos lócrios, II, 26.

TRÔTILOS, localidade na Sicília, VI, 4.

TUCÍDIDES, autor, desta *História,* filho de Oloros, IV, 104; atingido pela peste, II, 48; possuidor de minas de ouro, IV, 105; comanda uma frota ateniense, idem; chega muito tarde para socorrer Anfípolis, IV, 106; protege Êion, contra Brasidas, IV, 107; passa vinte anos no exílio, V, 26; seus motivos para escrever a *História,* I, 1,

19; outro ateniense do mesmo nome, I, 117; farsálio, VIII, 92.

TUCLES, ateniense, pai de Eurímedon, III, 80, 91; fundador de Naxos, VI, 3.

TÚRIA, na Lacônia, I, 101.

TÚRIOS, cidade da Itália, VI, 61, 88, 104; VII, 33, 35, 57; seu território, VII, 35; naus túrias auxiliam os lacedemônios na Iônia, VIII, 35, 61; motim de seus marinheiros, VIII, 84.

X

XÂNTIPOS, pai de Péricles, I, 111, 127; II, 13, 31.

XENARES, éforo em Esparta, V, 36, 37, 38, 46; outro lacedemônio, V, 51.

XENÔCLIDES, coríntio, I, 46; III, 114.

XENÓFANES, ateniense, VI, 8.

XENOFANTIDAS, lacedemônio, VIII, 55.

XENOFON, general ateniense, II, 70, 79.

XÊNON, tebano, V, 7.

XENÔTIMOS, ateniense, II, 23.

XERXES, rei dos persas, I, 14, 114, 118, 129; III, 56; sua carta a Pausânias, I, 129; Artaxerxes, seu filho, é seu sucessor, I, 137; IV, 50.

XINOIKIA, festa em Atenas, II, 15.

Z

ZÁCINTOS, ilha do mar Iônio, II, 7, 80; IV, 8, 13; VII, 31; zacíntios, I, 47; II, 9; III, 94, 95; VII, 57.

ZANCLE, antigo nome de Messene, VI, IV; funda Himera, VI, 57.

ZÂNCLON, nome da foice entre os sícelos, origem do nome de Zancle, VI, 4.

ZEUS, de Itome, I, 103; Meilíquio, I, 126; Libertador, II, 71; Nemeu, III, 96; Olímpico, III, 4; V, 31, 50; Olimpiêion (templo de Zeus Olímpico) em Atenas, II, 45; de Siracusa, VI, 64, 65, 66, 70, 75; VII, 4, 37.

ZEUXÍDAMOS, lacedemônio, pai de Arquídamos, II, 19, 47; III, 1.

ZEUXIDAS, lacedemônio, V, 19, 24.

ZÓPIROS, persa, I, 109.